

Ex-libris

NEM CA' NEM LA'



Estante M-6:

N.º 2722

le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





Caminhano - 1ª ed 47 e 193

Exc-libris

NEM CA' NEM LA



Estante.....

N.º.....

ALMANACH FAMILIAR  
(PARA)  
Portugale e Brazil.  
1.º ANNO



Typographia de Antonio Bernardino da Silva.





# ALMANACH FAMILIAR

PARA

## PORTUGAL E BRAZIL

publicado

POR

GUALDINO VALLADARES

E

AUGUSTO VALLADARES

---

1868

1.º ANNO.



BRAGA

TYP. DE A. B. DA SILVA

Rua nova n.º 53.

1868.



## **AGRADECIMENTO.**

A todas as Exm.<sup>as</sup> Snr.<sup>as</sup> e cavalheiros, que se dignaram enriquecer com o seu nome as paginas do «Almanach Familiar» agradece a empreza tam honrosa distincção: esperando continuar a ser auxiliada por tam illustres collaboradores.



## **ADVERTENCIA.**

Não tendo sido possível conseguir as gravuras d'este almanach a tempo de poder o calendario, já impresso, para 1868, servir para este mesmo anno, resolveu a empreza em vez de o inutilisar, dal-o juntamente com o calendario de 1869.



### **EXPEDIENTE.**

A fim de regularisar os trabalhos d'impressão do «Almanach Familiar» para o anno de 1870, que deverá ser publicado em Julho ou Agosto de 1869, devem os escriptos offerecidos á empreza ser-lhe enviados até ao fim do proximo Dezembro.



**Senhoras cujos nomes aformo-  
seam as paginas d'este livro :**

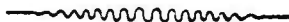
As Exm.<sup>as</sup> Senhoras :

D. Amelia Janny.  
D. Anna Augusta Placido.  
D. Anna Morcira de Sá.  
D. Antonia Pusich.  
D. M. J. A. P.  
D. Ephygenia do Carvalho Souza Telles.  
D. Guiomar de Noronha Torrezão.  
D. Justina Augusta Ramos e Mello.  
D. Maria José Canuto.  
D. Maria José Furtado de Mendonça.  
D. Maria do Patrocinio de Souza.  
D. Maria Peregrina de Sousa.  
D. M. S.

**Escriptores cujos nomes hon-  
ram as paginas d'este livro :**

Abbade de Castro.  
Alexandre Herculano.  
Alfredo Campos.  
Alfredo Carvalhaes.  
Alvaro do Carvalho.  
Alvaro Navarro.  
A. A. da Fonseca Pinto.  
Antonio Feliciano de Castilho.  
A. F. Moutinho.  
A. M. do Amaral Ribeiro.  
Antonio Maria da Fonseca.  
Antonio Maria Pinheiro Torres e Almcida.  
Antonio Pereira da Cunha.  
Antonio Pereira da Silva.  
Antonio de Serpa.  
A. Osorio de Vasconcellos.  
A. Philippe Simões.  
A. Vicira Lopes.

**Balthazar Wernck.**  
**Bernardino José de Senna Freitas.**  
**Bulhão Pato.**  
**Camillo Castello Branco.**  
**Candido de Figueiredo.**  
**C. H. d'Andrade.**  
**Correa Junior.**  
**Costa Goodolphim.**  
**Delfim Maria d'Almeida.**  
**Fernando Castiço.**  
**Francisco Augusto Martins de Carvalho.**  
**Faustino Xavier de Novacs.**  
**Innocencio Francisco da Silva.**  
**Francisco Martins.**  
**João d'Andrade Corvo.**  
**João de Deus.**  
**João de Lemos.**  
**Joaquim Alves Matheus.**  
**José Borges Pacheco Pereira.**  
**José Joaquim da S.<sup>a</sup> Pereira Caldas.**  
**José Maria Latino Coelho.**  
**J. M. de Souza Monteiro.**  
**José da Silva Mendes Leal.**  
**J. F. L. J. M. R. A. G. Mendanha.**  
**Julio de Castilho.**  
**Luiz Augusto Palmeirim.**  
**Luiz Augusto Rebello da Silva.**  
**Luiz Quirino Chaves.**  
**Manuel Joaquim Sardenha.**  
**Manuel Rodrigues da Silva e Abreu.**













# ALMANACH FAMILIAR.

PRIMEIRA PARTE.

## CHRONOLOGIA E CALENDARIO.

### EPOCHAS HISTORICAS

EM CORRESPONDENCIA COM O ANNO DE 1868.

### EPOCHAS GERAES.

Periodo Juliano, (ideado por José Escaligero).....	6581.
Creação do Mundo, (4004 annos antes da era vulgar)....	5872.
Diluvio Universal, (2348 annos antes da era vulgar).....	4216.
Vocação d'Abrahão, (tronco dos israelitas, 2296 annos antes da era vulgar).....	4164.
Lei Escripta, (registação de Moysés no monte Sinai, 4645 annos antes da era vulgar).....	3513.
Guerra de Troia, (sustentada pelos gregos contra os troianos, 1270 annos antes da era vulgar).....	3138.
Florescimento de Homero, (1000 annos antes da era vulgar)..	2868.
Templo de Salomão, (apogeu da grandeza dos judeus, 991 annos antes da era vulgar).....	2859.
Primeira Olympiada, (era, em uso na Grecia até o anno 312)..	2642.
Fundação de Roma, (cômputo de Marco Varrão, usado em Roma até Decio).....	2621.
Destruição de Carthago, (principio da prosperidade de Roma, 202 annos antes da era vulgar).....	2070.

Seculo d'Augusto, (côplendor da litteratura latina).....	1854.
Domínio dos Barbaros, (destruição do imperio romano, em 476).....	1392.
Florescimento de Mohamet, (origem do Corão em 622).....	1246.
Seculo de Carlos Magno (fundação das primeiras eschololas, na idade media).....	1068.
Primeira Cruzada da Terra Sancta, (levantada na Europa por Pedro Eremita, em 1095).....	773.
Tomada de Constantinopla pelos Turcos, (principio da historia moderna e do renascimento das letras, em 1453).....	445.
Descoberta da Imprensa, (em 1460 por Guttenberg).....	408.
Descoberta da America, (em 1492 por Christovão Colombo)..	376.
Descoberta da India, (em 1497 por Vasco da Gama).....	371.
Descoberta do Brazil, (em 1500 por Pedro Alvares Cabral)..	368.
Descoberta da China, (em 1517 por Fernão d'Andrada).....	351.
Florescimento de Luthero, (em 1517).....	351.
Correcção Gregoriana do Calendario, (em 1582).....	286.
Revolução Franceza, (em 1792).....	76.
Inauguração do Racionalismo Allemão, [em 1804].....	64.

### EPOCHAS PORTUGUEZAS.

Fundação da Monarchia Portugueza, [em 1139].....	729.
Fundação da Universidade em Lisboa, [em 1288].....	580.
Assassinio de D. Ignez de Castro em Coimbra, [em 1355]...	513.
Aclamação d'El-Rei D. João 1.º, [em 1385] .....	483.
Seculo d'El-Rei D. Manuel, [esplendor de Portugal].....	373.
Estabelecimento da Universidade em Coimbra, [em 1537]...	331.
Perda d'El-Rei D. Sebastião em Africa, [em 1578].....	290.
Restauração de Portugal contra o dominio da Hispanha, [em 1640].....	228.
Terremoto de Lisboa, [em 1755].....	413.
Expulsão dos Jesuitas de Portugal, [em 1759].....	409.
Reforma da Universidade de Coimbra, [em 1772].....	96.
Exposição Agricola Bracarense, [a primeira d'esta ordem na Europa, inaugurada em 1792 por D. Fr. Cactano Brandão, e renovada em 1863].....	76.
Revolução Liberal no Porto, [em 1820].....	48.
Promulgação da Carta Constitucional da Monarchia, [em 1826].....	42.
Ascenção de D. Miguel de Bragança ao throno, [em 1828]...	40.
Desembarque da Expedição Liberal nas praias do Mindello, [em 1832].....	36.
Regeneração de Portugal contra o regimen absoluto, [em 1834].....	31.

Promulgação do Acto Adicional, [em 1852].....	16.
Acclamação d'El-Rei D. Luiz 1.º, [em 1861].....	7.
Exposição Internacional Portuense, [em 1865].....	3.

### EPOCHAS BRAZILEIRAS.

Elevação da cidade do Rio de Janeiro a Capital do Imperio, [em 1765].....	103.
Fixação da residencia da Familia Real de Bragança no Brazil, [em 1810].....	58.
Independencia do Brasil, [em 1822].....	46.
Juramento da Constituição Politica do Imperio, [em 1826]..	42.
Fallecimento de S. M. I. D. Pedro 4.º, [em 1836].....	32.
Promulgação do Acto Adicional, [em 1836].....	32.
Coroação de S. M. I. D. Pedro 2.º [em 1843].....	25.

### COMPUTO ECCLESIASTICO.

Aureo Numero, [cyclo de 19 annos, em que o anno lunar se ajusta com o anno solar].....	7.
Cyclo solar, [cyclo de 28 annos, em que os dias da semana recahem nos mesmos dias do mez].....	1.
Indicção Romana, [cyclo de 15 annos, usado nos diplomas pontificios].....	11.
Epacta, [excesso de dias do anno lunar ao começar o anno solar] .....	VI.
Letra Dominical, [lettra da indicação dos Domingos] ....	ED.
Lettra do Martyrologio, [lettra collocada no calendario ao lado do nome dos sanctos, para indicar a idade da lua]..	F.

### TEMPORAS.

Março .....	4, 6 e 7.	Septembro ..	46, 18 e 19.
Junho .....	3, 5 e 6.	Dezembro. ....	46, 18 e 19.

### FESTAS MOVEIS.

Septuagesima ..	9 de Fevereiro.	Espirito Sancto..	31 de Maio.
Cinza .....	26 de Fevereiro.	Trindade .....	7 de Junho.
Paschoa .....	12 de Abril.	Corpo de Deus...	11 de Junho.
Ladainhas...	18, 19, e 20 de Maio.	Coração de Jesus..	19 de Junho
Ascenção .....	21 de Maio.	Adventó .....	29 de Novem

**BENÇÃOS.**

São prohibidas desde Quarta-feira de Cinza até ao 1.º Domingo depois de Paschoa; e desde o 1.º Domingo do Advento até ao dia de Reis.

**ESTAÇÕES DO ANNO.****NO HEMISPHERIO DO NORTE.**

Primavera.....	20 de Março.	Outomno ...	22 de Setembro.
Estio.....	21 de Junho.	Inverno....	21 de Dezembro.

**NO HEMISPHERIO DO SUL.**

Primavera....	22 de Setembro.	Outomno....	20 de Março.
Estio.....	21 de Dezembro.	Inverno....	21 de Junho.

**ECLIPSES DO SOL.****VISIVEL EM PORTUGAL, EM 23 DE FEVEREIRO.**

Principio do eclipse .....	2 h. 33 m. da tarde.
Fim do eclipse .....	4 h. 8 m. da tarde.
Grandeza do eclipse em digitos, [duodécimas partes do disco do sol] .....	1, 9.

Este eclipse começará no horisonte ao nascer do sol, no dia 22, e acabará no horisonte ao pôr do sol, no dia 23. Será central no horisonte ao nascer do sol, no dia 22, e ao pôr do sol, no dia 23.

**INVISIVEL EM PORTUGAL, EM 17 D'AGOSTO.**

Este eclipse começará no horisonte ao nascer do sol, e acabará no horisonte ao pôr do sol. Será central no horisonte ao nascer e ao pôr do sol.

**PASSAGEM DE MERCÚRIO DIANTE DO DISCO DO SOL.****VISIVEL EM PARTE EM PORTUGAL, EM 4 DE NOVEMBRO.**

Principio .....	4 h. 52 m. da manhã.
Fim .....	8 h. 30 m. da manhã.

## DIAS DE GRANDE GALA.

### EM PORTUGAL.

Dia d'Anno-novo . . . . .	1 de Janeiro.
Outorga da Carta Constitucional . . . . .	29 de Abril.
Juramento da Carta Constitucional, e annos de S. M. I. a Duqueza de Bragança	31 de Julho.
Annos do Principe Real . . . . .	28 de Setembro.
Annos de S. M. a Rainha D. Maria Pia.	16 de Outubro.
Annos de S. M. El-Rei D. Fernando.	29 de Outubro.
Annos de S. M. El-Rei D. Luiz 1.º . . . . .	31 de Outubro.
Nossa Senhora da Conceição.	8 de Dezembro.

### NO BRAZIL.

Dia d'Anno-novo . . . . .	1 de Janeiro.
Dia em que S. M. I. declarou ficar no Brazil.	9 de Janeiro.
Annos de S. M. a Imperatriz	14 de Março.
Juramento da Constituição.	25 de Março.
Elevação de S. M. o Imperador ao throno.	7 de Abril.
Declaração da maioridade de S. M. I.	23 de Julho.
Annos da Princeza Imperial D. Isabel	29 de Julho.
Casamento de SS. MM. II.	4 de Setembro.
Independencia do Imperio	7 de Setembro.
Dia de Santa Thereza	15 de Outubro.
Annos de S. M. o Imperador	19 de Outubro.
Dia de S. Pedro d'Alcantara . . . . .	2 de Dezembro.

## DIAS DE PEQUENA GALA.

### EM PORTUGAL.

Annos de S. A. a Infanta D. Antonia.	17 de Fevereiro.
Domingo de Paschoa . . . . .	12 de Abril.
Sobrenome de S. M. El-Rei D. Luiz Philippe.	1 de Maio.
Nome de S. M. El-Rei D. Fernando . . . . .	30 de Maio.
Corpo de Deus,	11 de Junho.
Coração de Jesus . . . . .	19 de Julho.
Annos de S. A. a Infanta D. Isabel Maria.	4 de Julho.
Nome de S. M. I. a Duqueza de Bragança	10 de Julho.
Annos de S. A. a Infanta D. Maria Anna	21 de Julho.
Nome de S. M. a Rainha,	8 de Setembro.

Anniversario do consorcio de S. M. El-Rei . . .	6 de Outubro.
Annos de S. A. o Infante D. Augusto, e nome do Principe Real. . .	4 de Novembro
Acclamação de D. João IV.	1 de Dezembro
Dia de Natal.	25 de Dezembro
Ultimo dia do anno	31 de Dezembro

### NO BRAZIL.

Dia de Reis . . . . .	6 de Janeiro.
Nossa Senhora das Candéas. . . . .	2 de Fevereiro.
Annos da Princeza a Condeça d'Aquila.	11 de Março.
Annos de S. A. I. o Conde de Eu.	28 de Abril.
Annos da Princeza D. Leopoldina.	13 de Julho.
Sagração de S. M. o Imperador.	18 de Julho.
Annos de S. A. o Conde d'Aquila.	19 de Julho.
Annos de S. M. a Imperatriz Viuva .	31 de Julho.
Annos de S. A. a Princeza de Joinville.	2 de Agosto.
Annos de S. A. o Duque de Saxe,	9 de Agosto.
Festa da Ordem Imperial do Cruzeiro. . . .	1 de Dezembro.







ALLEGORIA DE JANEIRO



# JANEIRO.

## ORIGEM DO NOME.

A ethymologia de *Janeiro* vem de *Jano*, deus que os romanos figuravam com duas caras. Symbolisava com uma o anno que findava, e com outra o anno que principiava.

O primeiro dia d'este mez tinha o nome de *calendas*, e era especialmente consagrado a *Jano*.

N'este dia presentavam-se os romanos uns aos outros, offerecendo tâmaras, figos, e mel, com o nome de *janualia*.

Tinham para si que os trabalhos começados n'este dia lhes asseguravam um exito favoravel; e embevecidos n'estas idéas de bom augurio, guardavam-se de deixar escapar qualquer palavra, que lhes não podesse ser propicia.

Julga-se que provem dos romanos o uso das boas-festas nas entradas do anno; começando-se no tempo de Romulo, na occasião em que reinava em Roma conjunctamente com Tacio, rei dos Sabinos.



# JANEIRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Quar.	✠ Circumcisão do Senhor.	1
2	Quin.	S. Isidoro B. M.	2
3	Sex.	S. Antero B. M. — Sf.ª Genoveva.	3
4	Sab.	S. Gregorio B. — S. Tito.	4
5	Dom.	S. Simeão Estilita. — Santa Apollinaria.	5
6	Seg.	✠ Dia de Reis.	6
7	Ter.	S. Theodoro, Monge.	7
8	Quar.	S. Lourenço Justiniano, Patriarca de Veneza.	8
9	Quin.	S. Julião M.	9
10	Sex.	S. Paulo, 1.º Eremita. — S. Gonçalo de Am.	10
11	Sab.	S. Hygino P. M. — S. Honorato.	11
12	Dom.	Nossa Senhora de Jesus.	12
13	Seg.	S. Hilario B. e Dr. da Igreja.	13
14	Ter.	S. Felix M.	14
15	Quar.	S. Amaro Ab.	15
16	Quin.	S. Marcello — Os Ss. Martyres de Marrocos.	16
17	Sex.	S. Antão Ab.	17
18	Sab.	A Cadeira de S. Pedro em Roma.	18
19	Dom.	O SS. Nome de Jesus. — N. S.ª da Providencia.	19
20	Seg.	S. Sebastião M.	20
21	Ter.	Stª Ignez V. M.	21
22	Quar.	✠ S. Vicente M., Padroeiro de Lisboa.	22
23	Quin.	Os desposições de N.ª S.ª com S. José.	23
24	Sex.	N.ª Senhora da Paz. — S. Thimotheo B. M.	24
25	Sab.	A Conversão de S. Paulo Ap.	25
26	Dom.	S. Polycarpo B. M. — St.ª Paula V.	26
27	Seg.	S. Jeão Chrysostomp.	27
28	Ter.	S. Cyrillo B.	28
29	Quar.	S. Francisco de Salles — S. Pedro Thomaz.	29
30	Quin.	St.ª Martinha V. M. St. Jacintha de Mariscotti.	30
31	Sex.	S. Pedro Nolasco. — S. Cyro M.	31

PORTUGAL.	PHIAZES DA LUA.	BRAZIL.
3 ☾ Q. c. ás 3 h. 29 m. da m.	3 ☽ Q. c. á 1 h. 14 m. da m.	
9 ☽ L. ch. ás 10 h. 19 m. da n.	9 ☾ L. ch. ás 8 h. 4 m. da n.	
16 ☾ Q. m. ás 4 h. 30 m. da t.	16 ☽ Q. m. ás 2 h. 15 m. da t.	
24 ☽ L. n. ás 6 h. 45 m. da t.	24 ☾ L. n. ás 4 h. 30 m. da t.	

# JANEIRO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA.				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.°		LISBOA.		RIO DE JAN.°		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
	m.	t.	m.	t.	m.	t.	m.	t.	
1	7 28	4 40	5 13	2 25	11 24	11 50	9 9	9 35	1
2	7 28	4 41	5 13	2 26	11 58	6 28	9 43	10 8	2
3	7 28	4 41	5 13	2 26	0 34	0 56	10 19	10 41	3
4	7 28	4 42	5 13	2 27	1 14	2 4	10 59	11 49	4
5	7 28	4 43	5 13	2 28	1 58	3 14	11 43	0 49	5
6	7 28	4 44	5 13	2 29	2 48	4 24	0 30	2 9	6
7	7 28	4 45	5 13	2 30	3 44	5 31	1 29	3 16	7
8	7 28	4 46	5 13	2 31	4 47	6 33	2 32	4 18	8
9	7 28	4 47	5 13	2 32	5 t 53	7 m 28	3 38	5 13	9
10	7 27	4 48	5 12	2 33	7 0	8 17	4 45	6 2	10
11	7 27	4 49	5 12	2 34	8 6	8 59	5 51	6 44	11
12	7 27	4 50	5 12	2 35	9 9	9 37	6 t 54	7 m 22	12
13	7 27	4 51	5 12	2 36	10 11	10 11	7 56	7 56	13
14	7 26	4 52	5 11	2 37	11 11	10 42	8 56	8 27	14
15	7 26	4 53	5 11	2 38	11 41	11 13	9 31	8 56	15
16	7 25	4 55	5 10	2 40	0 10	11 43	9 55	9 28	16
17	7 25	4 56	5 10	2 41	1 6	0 15	10 51	10 0	17
18	7 24	4 57	5 9	2 42	2 1	0 48	11 45	10 33	18
19	7 24	4 58	5 9	2 43	2 56	1 24	0 41	11 9	19
20	7 23	4 59	5 8	2 44	3 49	2 5	1 34	11 50	20
21	7 23	5 0	5 8	2 45	4 40	2 50	2 25	0 33	21
22	7 22	5 2	5 7	2 47	5 30	3 40	3 15	1 25	22
23	7 21	5 3	5 6	2 48	6 m 18	4 34	4 3	2 49	23
24	7 21	5 4	5 6	2 49	7 2	5 31	4 m 47	3 16	24
25	7 20	5 5	5 5	2 50	7 42	6 l 32	5 27	4 17	25
26	7 19	5 6	5 4	2 51	8 19	7 34	6 15	5 t 19	26
27	7 18	5 7	5 3	2 52	8 54	8 38	6 39	6 23	27
28	7 18	5 9	5 3	2 54	9 28	9 43	7 13	7 28	28
29	7 17	5 10	5 2	2 55	10 2	10 49	7 47	8 34	29
30	7 16	5 11	5 1	2 56	10 37	11 56	8 22	9 41	30
31	7 15	5 13	5 0	2 58	11 14	0 29	8 59	10 13	31

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa.....	12°,22 C.	Rio de Janeiro....	27°,22 C.
Paris.....	2°, 5 C.	Londres.....	2°,24 C.
Madrid.....	5°,60 C.	S. Petersburgo....	9°,40 C.

# JANEIRO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### ← Portugal →

Em Janeiro, sóbe ao outeiro,  
e as vires verdejar, põe-te a chorar,  
se vires terrear, põe-te a cantar.)

Começa neste mez a desenvolver-se o movimento da seiva. As camelias apresentam-se na maior força da florescencia. Nos ultimos dias, principiam a florir as amendoeiras e pecegueiros.

**Jardins.** É o periodo mais conveniente para plantação d'arvores e arbustos, principalmente dos importados de paizes mais frios.

Podem fazer-se algumas sementeiras de flores de verão, em estufas. Plantam-se rozeiras, buxo, murta, e alfazema. Semeiam-se ervilhas de cheiro, mangericões, val-verdes e goivos.

**Hortas e Campos.** Cava-se a terra, para as sementeiras e plantações da primavera. Semeia-se couve portugueza, alface, clicorea, repólho, couve-flôr, nabos, rabanos, rabanetes, broculos, ervilhas, salsa, coêntros, e segurelha; cobrindo os alfôbres por causa das geadas. Semeiam-se tambem morangos, batatas, cebollinho, favas, alhos, mostarda, e grão de bico. Semeia-se trigo, cevada, centeio, aveia, e linho. Plantam-se cannas, e chicorea, sementeiras anteriormente.

**Pomares, Vinhas, Oliveas e Florestas.** Semeiam-se em viveiro as larangéiras, limociros, e fructas de caroço, abrigando-as das geadas.

Limpam-se os pomares; fazem-se enxertos de amendoeiras, e plantam-se estacas d'arvores, que abrolham cedo: e tambem pecegueiros, ameixoeiras etc. Continuam-se as podas, e mógulham-se vides. Plantam-se oliveiras, castanheiros, carvalhos, e sobreiros. Podem tambem plantar-se todas as especies d'arvores, excepto as resinosas, nos terrenos seccos e aridos; mas nos humidos e frios, é melhor fazel-o mais tarde. Cortam-se madeiras, e vimes.



ALLEGORIA DE FEVEIREIRO





# FEVEREIRO.

## ORIGEM DO NOME.

A ethymologia d'esta palavra, na opinião d'uns, provém do culto particular, que, durante este mez, se prestava a Jano, e que os romanos denominavam *februalia*; na opinião d'outros, é tirada dos sacrificios em honra dos mortos, egualmente chamados *februalia*, e que se celebravam tambem durante este mez.

Os antigos representavam o mez de Fevereiro na figura d'uma mulher, vestida só com uma tunica, apertada por um cinto.

Para indicar a natureza chuvosa d'este mez, collocavam-lhe nas mãos um pato, ave aquatica, e ao lado uma urna d'onde corria agua em abundancia. Aos pés punham-lhe d'um lado uma garça real, e do outro um peixe.

Em Roma, onde o inverno é menor que em nossos climas, o mez de Fevereiro, é realmente o mez das chuvas.



## FEVEREIRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Sab.	S. Ignacio B. M.—St. <sup>a</sup> Brigida V.	32
2	Dom.	Purificação de N. Senhora.	33
3	Seg.	S. Braz B. M.—O B. Odorico F.	34
4	Ter.	St. <sup>o</sup> André Corsino B. S. José de Leonissa.	35
5	Quar.	St. <sup>a</sup> Agueda V. M.—S. Pedro Baptista.	36
6	Quin.	As Chagas de Christo. St. <sup>a</sup> Dorothea V. M.	37
7	Sex.	S. Romualdo Ab.—S. Ricardo, Rei d'Ingl.	38
8	Sab.	S. João da Matta F. da O. da SS. Trindade.	39
9	Dom.	Septuagesima.—St. <sup>a</sup> Apollonia V. M.	40
10	Seg.	S. <sup>a</sup> Escolastica V.	41
11	Ter.	S. Lazaro B.—Os fundadores dos Servitas.	42
12	Quar.	St. <sup>a</sup> Eulalia V. M.	43
13	Quin.	S. Gregorio II P.—St. <sup>a</sup> Catharina de Ricci.	44
14	Sex.	S. Valentim M.—O B. João Baptista.	45
15	Sab.	Trasladação de Sancto Antonio.	46
16	Dom.	Sexagesima. — S. Porphirio M.	47
17	Seg.	S. Faustino M.	48
18	Ter.	S. Theotónio I. <sup>o</sup> P. de St. <sup>a</sup> Cruz de Coimbra.	49
19	Quar.	S. Conrado F.—O B. Alvaro de Cordova.	50
20	Quin.	St. <sup>o</sup> Eleutherio B.	51
21	Sex.	S. Maximiano B.— St. <sup>a</sup> Angela de Mericia.	52
22	Sab.	A Cadeira de S. Pedro em Antiochia.	53
23	Dom.	Quinquagesima. — S. Pedro Damião B.	54
24	Seg.	S. Pretextato B.	55
25	Ter.	S. Mathias Ap.	56
26	Quar.	Ciuza. — S. Cesario.	57
27	Quin.	S. Torquato, Arceb. de Braga.	58
28	Sex.	S. Leandro, Arceb. de Sevilla.	59
29	Sab.	S. Romão, Ab.	60

PORTUGAL.	<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRAZIL.
1 ☽ Q. c. ás 5 h. 42 m. da t.	1 ☽ Q. c. ás 3 h. 27 m. da t.	
8 ☽ L. ch. ás 9 h. 2 m. da m.	8 ☽ L. ch. ás 6 h. 47 m. da m.	
15 ☽ Q. m. ás 8 h. 43 m. da m.	15 ☽ Q. m. ás 6 h. 28 m. da m.	
23 ☽ L. n. á 1 h. 47 m. da t.	23 ☽ L. n. ás 11 h. 32 m. da m.	

# FEVEREIRO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.*		LISBOA.		RIO DE JAN.*		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
1	7 44	5 44	4 59	2 59	11 55	1 3	9 40	10 48	32
2	7 43	5 45	4 58	2 58	0 41	2 40	10 26	11 55	33
3	7 42	5 47	4 57	2 57	1 33	3 46	11 18	1 1	34
4	7 41	5 48	4 56	2 56	2 30	4 48	0 45	2 3	35
5	7 40	5 49	4 55	2 55	3 32	5 45	1 17	3 0	36
6	7 9	5 20	4 54	2 54	4 37	6 6	2 12	3 51	37
7	7 8	5 21	4 53	2 53	5 44	6 51	3 29	4 36	38
8	7 7	5 22	4 52	2 52	6 t 50	7 31	4 35	5 16	39
9	7 7	5 24	4 51	2 50	7 54	8 7	5 39	5 52	40
10	7 4	5 25	4 49	2 49	8 55	8 40	6 m 45	6 25	41
11	7 3	5 26	4 48	2 48	9 54	9 41	7 39	6 t 56	42
12	7 2	5 27	4 47	2 47	10 52	9 42	8 37	7 27	43
13	7 0	5 28	4 45	2 46	11 49	10 14	9 34	7 59	44
14	6 59	5 29	4 44	2 45	0 17	10 47	10 2	8 32	45
15	6 58	5 31	4 43	2 43	0 45	11 22	10 30	9 7	46
16	6 57	5 32	4 42	2 42	1 40	0 0	11 25	9 45	47
17	6 56	5 33	4 41	2 41	2 32	0 43	0 17	10 28	48
18	6 55	5 34	4 40	2 40	3 22	1 31	1 7	11 16	49
19	6 53	5 36	4 39	2 38	4 40	2 23	1 55	0 8	50
20	6 52	5 37	4 38	2 37	4 55	3 19	2 40	1 4	51
21	6 50	5 38	4 36	2 36	5 37	4 48	3 22	2 3	52
22	6 48	5 39	4 34	2 35	6 m 16	5 t 21	4 1	3 6	53
23	6 47	5 40	4 33	2 34	6 53	6 26	4 t 38	4 11	54
24	6 46	5 41	4 32	2 33	7 28	7 32	5 13	5 m 17	55
25	6 44	5 43	4 30	2 31	8 3	8 39	5 48	6 24	56
26	6 43	5 44	4 29	2 30	8 38	9 47	6 23	7 32	57
27	6 42	5 45	4 28	2 29	9 15	10 54	7 0	8 39	58
28	6 40	5 46	4 26	2 28	9 55	11 16	7 40	9 0	59
29	6 39	5 47	4 25	2 28	10 16	11 32	8 24	9 23	60

TEMPERATURA MEDIA.	
Lisboa.....	12° 78 C.
Paris.....	4° 75 C.
Madrid.....	6° 70 C.
Rio de Janeiro.....	26° 83 C.
Londres.....	3° 80 C.
S. Petersburgo.....	7° 50 C.

# FEVEREIRO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### — Portugal —

« Quando não chove em Fevereiro,  
nem ha bom prado, nem bom centeio. »

A temperatura neste mez é d'ordinario muito irregular. A vegetação n'alguns pontos é já vigorosa.

**Jardins.** Limpam-se, e aparam-se os arbustos, enxertam-se rozeiras, fazem-se viveiros d'estacas, plantam-se goivos, transplantam-se e alporcam-se craveiros, mettem-se na terra raízes e cebolas de flores, semeiam-se verbenas, sensitivas, goivos e dhalias, balsaminas, cruz-de-malta, campânulas, perpetuas, cravos, cravinas, mangericões, amores perfeitos, melindres, saudades, aráras, valverdes, esporas, boas-noutes, anemonas, nevada, e vergamota.

**Hortas e Campos.** Continuam-se os amanhos da terra para as plantações da primavera.

Semeiam-se rabanos, rabanetes, cenoura, chicorea, alface, azedas, acelgas, espinafres, coêntros, ervilhas, beringelas, pimpinella, salsa, segurelha, tomates, pepinos, abobara, repolho, cebolinho, cebollas, mostarda, alhos, favas, grão de bico, melões. Colhem-se as couves murcianas, que foram semeadas em Outubro. Planta-se alface e chicorea; semeada em Janeiro. Planta-se tambem couve portugueza e couve-flôr, broculos. Semeia-se trigo, cevada e aveia. Lavra-se a terra para prado d'avevem, e grada-se a luzerna antiga, se começar a rebentar. Tanto neste mez, como no anterior deve haver cautella em desaguar bem os prados; mas se succeder gejar a agua em algum sitio, combate-se o gêlo por meio d'uma rega.

**Pomares, Vinhas, e Florestas.** Podam-se os damasqueiros, pecegueiros, cerejeiras e mais arvores de caroço. Enxertam-se as arvores de fructa. Plantam-se fructeiras de pevide. Continua a póda das vinhas; fazem-se enxertos e mergulhías das mesmas. — Continua a limpeza das arvores, e corte de madeiras. — Plantam-se loureiros, cyprestes, alamos, freixos, e choupos,





## MARÇO.

### ORIGEM DO NOME.

O nome d'este mez, não obstante tirar a sua origem de Marte, deus da guerra, estava comtudo, entre os romanos, debaixo da protecção de Minerva.

Eram as mais notaveis as calendas d'este mez, por que era n'este dia do anno, que tinham logar muitas ceremonias e se accendia novo fogo no altar de Vesta.

Personificava-se este mez na figura d'um homem vestido com pelle de lobo, porque este animal era consagrado a Marte.

O bode, a andorinha, e o vaso de leite, symbolos, que acompanhavam esta figura, significavam a renovação da natureza.



# MARÇO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Dom.	1. <sup>a</sup> da quaresma.—St. <sup>o</sup> Adriano M.	61
2	Seg.	S. Simplicio P.	62
3	Ter.	S. Hemeterio M.—S. Martinho Sold. M.	63
4	Quar.	[Temporas] S. Casimiro.—S. Lucio P. M.	64
5	Quin.	S. Theophilo B.—S. João José F.	65
6	Sex.	[Temporas] S. Ollegario B.—St. <sup>a</sup> Coleta V.	66
7	Sab.	[Temporas] S. Thomaz d' Aquino Dr. da Eg.	67
8	Dom.	2. <sup>o</sup> da quaresma.—S. João de Deus.	68
9	Seg.	St. <sup>a</sup> Francisca Romana. St. <sup>a</sup> Catharina de Bol.	69
10	Ter.	S. Militão e seus 39 companheiros MM.	70
11	Quar.	S. Candido M.	71
12	Quin.	S. Gregorio P. e Dr. da Igreja,	72
13	Sex.	A B. Sancha V. Infanta de Portugal.	73
14	Sab.	Trasladação de S. Boaventura.	74
15	Dom.	3. <sup>o</sup> da quaresma.—S. Zacharias P.	75
16	Seg.	S. Cyriaco M.	76
17	Ter.	S. Patricio.—St. <sup>a</sup> Gertrudes.	77
18	Quar.	S. Gabriel Archanjo.—S. Narciso Arc. de B.	78
19	Quin.	S. José, Esposo de Nossa Senhora.	79
20	Sex.	S. Martinho Dumicense, Arc. de Braga.	80
21	Sab.	S. Bento, Ab.	81
22	Dom.	4. <sup>o</sup> da quaresma.—St. <sup>o</sup> Emygdio B. M.	82
23	Seg.	S. Felix e seus comp. MM.	83
24	Ter.	Instituição do SS. Sacramento.	84
25	Quar.	✠ Anunciação de N. Senhora.	85
26	Quin.	S. Ludgero B.—S. Braulio B.	86
27	Sex.	S. Roberto B.—St. <sup>a</sup> Augusta M.	87
28	Sab.	S. Alexandre M.	88
29	Dom.	A Paixão.—S. Victorino e seus comp. MM.	89
30	Seg.	S. João Climaco.	90
31	Ter.	St. <sup>a</sup> Balbina M.—S. Benjamin, diacono.	91

PORTUGAL.		<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRAZIL.	
2	☾ Q. c. ás 4 h. 15 m. da m.		2	☽ Q. c. ás 2 h. 0 m. da m.
8	☽ L. ch. ás 7 h. 48 m. da t.		8	☽ L. ch. ás 5 h. 33 m. da t.
16	☽ Q. r. ás 2 h. 55 m. da m.		16	☾ Q. m. ás 12 h. 40 m. da m.
24	☽ L. n. ás 6 h. 25 m. da m.		24	☽ L. n. ás 4 h. 10 m. da m.
31	☾ Q. c. ás 11 h. 52 m. da m.		31	☽ Q. c. ás 9 h. 37 m. da m.



# MARÇO.

DIAS DO MEZ.	SOL.				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
1	6 38	5 47	5 46	6 43	10 39	0 2	8 24	9 47	61
2	6 37	5 48	5 47	6 43	11 28	1 8	9 13	10 53	62
3	6 36	5 49	5 47	6 42	0 t 23	2 11	10 8	11 56	63
4	6 34	5 50	5 48	6 42	1 23	3 18	11 8	0 t 53	64
5	6 33	5 51	5 49	6 41	2 25	3 59	0 m 11	1 44	65
6	6 31	5 52	5 49	6 40	3 29	4 45	2 14	2 40	66
7	6 29	5 54	5 50	6 40	4 33	5 26	2 18	3 41	67
8	6 28	5 55	5 51	6 9	5 37	6 3	3 22	3 48	68
9	6 26	5 56	5 52	6 8	6 40	6 38	3 3	4 23	69
10	6 24	5 57	5 53	6 7	7 41	7 40	4 25	4 23	70
11	6 23	5 58	5 53	6 7	8 40	7 41	5 26	5 26	71
12	6 21	5 59	5 54	6 6	9 38	8 42	6 23	5 57	72
13	6 19	6 0	5 54	6 5	10 35	9 45	7 20	6 30	73
14	6 18	6 1	5 55	6 4	11 30	10 49	8 15	7 4	74
15	6 16	6 2	5 56	6 4	0 m 56	11 57	9 41	7 42	75
16	6 14	6 3	5 56	6 3	0 m 23	10 38	10 8	8 23	76
17	6 13	6 4	5 57	6 2	1 14	11 23	10 59	9 8	77
18	6 11	6 5	5 58	6 2	2 3	0 t 12	11 48	9 55	78
19	6 9	6 6	5 59	6 1	3 48	1 5	0 t 33	10 50	79
20	6 7	6 7	6 0	6 0	4 30	2 3	1 15	11 48	80
21	6 6	6 8	6 1	5 59	5 40	3 4	1 55	0 m 49	81
22	6 4	6 9	6 1	5 59	6 48	4 7	2 33	1 52	82
23	6 3	6 10	6 2	5 58	7 5	5 13	3 9	2 58	83
24	6 1	6 11	6 3	5 58	8 59	6 21	3 44	4 6	84
25	6 0	6 12	6 4	5 57	9 35	7 31	4 20	5 16	85
26	5 58	6 13	6 4	5 57	10 12	8 41	4 57	6 26	86
27	5 57	6 14	6 5	5 56	11 52	9 51	5 47	7 36	87
28	5 55	6 15	6 6	5 55	0 m 35	10 59	6 20	8 44	88
29	5 54	6 16	6 7	5 55	1 22	11 31	7 7	9 16	89
30	5 52	6 17	6 8	5 54	2 10	0 m 4	7 59	9 49	90
31	5 50	6 18	6 9	5 54	3 11	1 1	8 57	10 46	91

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa.....	13º, 5 C.	Rio de Janeiro.....	25º, 28 C.
Paris.....	6º, 48 C.	Londres.....	5º, 56 C.
Madrid.....	8º, 90 C.	S. Petersburgo.....	3º, 90 C.

# MARÇO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### — Portugal —

Quem póda em Março  
vendima no regaço.

A vinte deste mez principia a Primavera.

**Jardins.** Semeiam-se balsaminas, melindres, margaridas, goivos e cravos — Planta-se alfazema, verbena, liláz, jasmineiros, ortencias, novelleiros, violêtas e margaridas.

**Hortas e Campos.** Principia-se a armar em canteiros a terra, para as culturas d'irrigação — Sacham-se as hortas, e semeia-se fajão, ervilhas, acelgas, aipo, tomates, broculos, alfaces, cenouras, coentros, couve, repolho, couve murciana, lombarda, betterraba, malagueta, pimpinella, abobora, beringellas, chicorea, salsa e segurelha — Findam as sementeiras de nabos, rabanos, e rabanetes — Planta-se a couve semeada em Novembro, e a alface e chicorea, semeadas em Fevereiro — Começam-se a semear melões, melancias e pepinos — Semeiam-se tambem favas, batatas trigo tremez, cevada, centeio, avêa, arroz, milho, painço, linho, canhamo, alpiste — Semeia-se igualmente trevo, luzerna, samfeno, azevem — Dá-se uma gradagem aos prados naturaes.

**Pomares e Florestas.** Fazem-se enxertos, em romeiras, pecegueiros, e pereiras. — Plantam-se estacas de figueira, laranjeira, e arbustos, que temem o frio. — Trasfegam-se os vinhos. — Conclue-se a limpeza das arvores.



ALLEGORIA DE ABRIL



# ABRIL.

## ORIGEM DO NOME.

O nome d'este mez deriva-se da palavra latina *aperire*, abrir, porque é n'este tempo que a terra abre o seio, e se adorna de flores.

É o mez que marca o principio da primavera. Os romanos consagravam-no a Venus : e era representado por um homem, dançando ao som d'um instrumento.

Abril era o segundo mez do anno de Romulo, começado em Março : tinha 30 dias. Numa reduziu-o a 29, e Cesar fel-o outra vez de 30.

Os gregos collocavam-no sob a protecção d'Apollo.

A palavra abril encontra-se nos antigos poetas significando a propria primavera.



## ABRIL:

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO
1	Quar.	S. Macario.—As chagas de St. <sup>a</sup> Catharina.	92
2	Quin.	S. Francisco de Paula. St. <sup>a</sup> Maria Egyptiaca.	93
3	Sex.	As 7 dôres de N. Senhora.—S. Pancrácio B.	94
4	Sab.	S. Isidoro, Arceb. de Sevilha.	95
5	Dom.	Ramos.—S. Vicente Ferrer.	96
6	Seg.	S. Marcellino M.	97
7	Ter.	St. <sup>o</sup> Epifanio B. M.	98
8	Quar.	Trevas.—S. Amancio B.	99
9	Quin.	Endoenças. ✕ [desde o m. d. até ao m. d. seg.]	100
10	Sex.	Paixão. → S. Ezequiel Proph.	101
11	Sab.	Alleluia.—S. Leão I Papa.	102
12	Dom.	Paschoa.—S. Victor M. port.	103
13	Seg.	St. <sup>o</sup> Hermenegildo M. [1. <sup>a</sup> oitava.]	104
14	Ter.	S. Fiburcio M.—S. Valeriano M. [2. <sup>a</sup> oitava]	105
15	Quar.	Ss. Basilissa e Anastacia MM. S. Eutichio M.	106
16	Quin.	St. <sup>a</sup> Engracia M. portug.	107
17	Sex.	St. <sup>o</sup> Aniceto P. M.	108
18	Sab.	S. Gualdino B. Cardeal.	109
19	Dom.	Paschoela.—S. Hermogenes M.	110
20	Seg.	St. <sup>a</sup> Ignez de Montepoliciano.	111
21	Ter.	St. <sup>o</sup> Anselmo, Arceb. de Cantuaria.	112
22	Quar.	Os Ss. Sotero e Caio MM.	113
23	Quin.	S. Jorge, M. Defens. do Reino de Portugal.	114
24	Sex.	S. Fidelis de Sigmaringa.	115
25	Sab.	S. Marcos Evang.	116
26	Dom.	S. Pedro de Rates, 1. <sup>o</sup> Bispo de Braga.	117
27	Seg.	S. Tertulliano P.—S. Turibio Arc. de Lima.	118
28	Ter.	S. Prudencio B.—S. Vital M.	119
29	Quar.	S. Pedro M. D.	120
30	Quin.	St. <sup>a</sup> Catharina de Sena.—S. Peregrino.	121

PORTUGAL.	<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRAZIL.
7 ☉ L. ch. ás 6 h. 43 m. da m.	7 ☉ L. ch. ás 4 h. 28 m. da m.	
14 ☾ Q. m. ás 10 h. 10 m. da n.	14 ☾ Q. m. ás 7 h. 55 m. da n.	
22 ☀ L. n. ás 7 h. 46 m. da t.	22 ☀ L. n. ás 5 h. 31 m. da t.	
29 ☽ Q. c. ás 5 h. 44 m. da t.	29 ☽ Q. c. ás 3 h. 29 m. da t.	

# ABRIL.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA.		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
1	5 48	6 20	6 8	5 53	0 17	1 53	10 2	11 38	92
2	5 46	6 21	6 9	5 53	1 21	2 43	11 6	Om28	93
3	5 45	6 22	6 9	5 52	2 24	3 25	0 t 9	1 10	94
4	5 43	6 23	6 10	5 51	3 26	4 3	1 11	1 48	95
5	5 42	6 24	6 10	5 51	4 28	4 37	2 13	2 22	96
6	5 40	6 25	6 11	5 50	5 29	5 9	3 14	2 54	97
7	5 39	6 26	6 11	5 49	6 28	5 40	4 13	3 25	98
8	5 37	6 27	6 12	5 49	7 27	6 12	5 12	3 57	99
9	5 36	6 28	6 12	5 48	8 25	6 44	6 10	4 29	100
10	5 34	6 29	6 13	5 47	9 21	7 17	7 0	5 2	101
11	5 33	6 30	6 13	5 47	10 15	7 53	8 6	5 38	102
12	5 30	6 31	6 14	5 46	11 7	8 33	8 52	6 18	103
13	5 29	6 32	6 14	5 46	11 56	9 16	9 41	7 1	104
14	5 27	6 33	6 15	5 45	Om 19	10 3	10 4	7 48	105
15	5 26	6 34	6 15	5 44	0 42	10 54	10 27	8 39	106
16	5 25	6 35	6 16	5 44	1 26	11 49	11 11	9 34	107
17	5 23	6 36	6 16	5 43	2 6	0 t 48	11 51	10 33	108
18	5 22	6 37	6 17	5 42	2 43	1 49	Om28	11 34	109
19	5 20	6 38	6 18	5 42	3 19	2 53	1 4	0 t 38	110
20	5 19	6 39	6 19	5 41	3 54	3 59	1 39	1 44	111
21	5 17	6 40	6 19	5 41	4 29	5 8	2 14	2 53	112
22	5 16	6 41	6 20	5 40	5 6	6 19	2 55	4 4	113
23	5 14	6 42	6 20	5 39	5 45	7 31	3 30	5 16	114
24	5 13	6 43	6 21	5 39	6 27	8 43	4 12	6 28	115
25	5 12	6 44	6 22	5 38	7 45	9 52	5 0	7 37	116
26	5 10	6 45	6 22	5 37	8 9	10 56	5 54	8 41	117
27	5 9	6 46	6 23	5 36	9 7	11 52	6 52	9 37	118
28	5 8	6 47	6 23	5 36	10 9	Om17	7 54	10 2	119
29	5 6	6 48	6 24	5 35	11 13	0 42	8 58	10 27	120
30	5 5	6 49	6 25	5 34	0 t 17	1 27	10 2	11 12	121

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa.....	13º,89 C.	Rio de Janeiro.....	25º,00 C.
Paris.....	9º,83 C.	Londres.....	8º,32 C.
Madrid.....	12º,80 C.	S. Petersburgo.....	2º,80 C.

## ABRIL.

### JARDINAGEM E AGRICULTURA.

#### — Portugal —

Abril frio e molhado  
enche o celciro e farta o gado.

Neste mez começam a esmaltar-se de flores os jardins e os campos.

**Jardins.** Semeam-se cravos, e saudades. Mettem-se na terra cebollas de flores—Plantam-se dhalias, balsamina, margaridas, mangericões, valverdes, perpetuas e ortencias.

**Hortas e Campos.** Sacham-se e regam-se as hortas—Semeam-se malaguetas, coentros, aboboras, pepinos, couves, alfaces, azedas, pimpinella e salsa. — Planta-se a chicoreia, semeada no mez anterior, e as mais plantas, que estiverem no caso de o ser, especialmente alface, repolho e cebolla—Colhem-se os espinafres, semeados em FEVEREIRO.— Semeam-se melões, e melancias. — Semeiam-se batatas, feijão, milho e trigo tremêz.—Semeiam-se tambem os prados artificiaes d'irrigação.

**Pomares, Oliveas, Florestas.** Atam-se e esladroam-se os pomares. Enxertam-se, de escudo, pecegueiros, damasqueiros e figueiras, e, de garfo, castanheiros, macieiras, e pereiras. — Enxertam-se as oliveiras, de borbulha ou de garfo, em zambugeiro. Plantam-se freixos, salgueiros e arvoredos semelhantes, á borda dos ribeiros. Dá-se uma cava em roda das amoreiras.





ALLEGORIA DE MAIO



# MAIO.

## ORIGEM DO NOME.

Na opinião d'alguns ethymologistas este mez era chamado *maius* em honra dos senadores, que se chamavam *maiores*.

Na opinião d'outros, vem Maio do nome da deusa *Maia*, filha de Atlas e mãe de Mercurio.

Outros em fim, querem que esta palavra tire a origem de *Maia* ou *Maiesta*, nome da mulher de Vulcano, porque, no dia das calendas d'este mez, o sacerdote d'este deus offerecia sacrificios áquella deusa.

O mez de Maio era particularmente consagrado a Apollo, representação symbolica do sol, que manifesta o poder fecundante de seus raios, cobrindo a terra de flores.

Era personificado na figura d'um homem de meia idade, com um largo vestido de grandes mangas, com uma cesta de flores na cabeça, e aos pés um pavão com a cauda aberta.

Os christãos teem consagrado o mez de Maio á Virgem Maria, e todos rendem homenagem a este mez, que á nossa vista apresenta as bellas mais admiraveis da criação.

Os poetas tem-no decantado muitas vezes.

E o symbolo da primavera, e tem sido considerado sempre como synonymo de belleza.

Costuma dizer-se a proposito de tudo que é agradável á vista : *Bello como um dia de Maio*.

# MAIO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS ANNO.
1	Sex.	S. Filippe e S. Thiago App.	122
2	Sab.	St.º Athanasio B. e Dr. da Igreja.	123
3	Dom.	Invenção da St.ª Cruz.—Mat. de N. Senhora.	124
4	Seg.	St.ª Monica V. Mãe de St.º Agostinho.	125
5	Ter.	Conversão de St.º Agostinho—S. Pio P.	126
6	Quar.	S. João Damasceno.	127
7	Quin.	St.º Estanislau B. M.—St.º Augusto M.	128
8	Sex.	Apparição de S. Miguel Archanjo.	129
9	Sab.	S. Gregorio Nazianzeno B. e Dr. da Igreja.	130
10	Dom.	St.º Antonio Arc. de Florença.	131
11	Seg.	St.º Anastacio M.	132
12	Ter.	St.ª Joanna. Princeza de Portugal.	133
13	Quar.	N. Senhora dos Martyres. S. Pedro Regal. F.	134
14	Quin.	S. Gil.	135
15	Sex.	St.º Indaleto e seus Comp. MM. St.º Isidoro.	136
16	Sab.	S. João Nepomuceno M.—S. Ubaldo B.	137
17	Dom.	S. Paschoal Baylão.	138
18	Seg.	S. Venancio M. [Ladainhas.]	139
19	Ter.	S. Pedro Celestino P. St.º Ivo. [Ladainhas]	140
20	Quar.	S. Bernardino de Sena. (Ladainhas)]	141
21	Quin.	✠ Ascenção do Senhor. S. Mandos M.	142
22	Sex.	St.ª Rita de Cassia.	143
23	Sab.	S. Basilio, Arc. de Braga. S. Desiderio B. M.	144
24	Dom.	St.ª Afra M. Trasladação de S. Domingos.	145
25	Seg.	S. Gregorio VII P. St.ª M.ª Mag. de Pazzi.	146
26	Ter.	S. Filippe Nery. fund. da Congr. do Orat.	147
27	Quar.	S. João P. M. O Veneravel Beda.	148
28	Quin.	S. Germano.	149
29	Sex.	S. Maximo B.—St.ª Theodosia V.	150
30	Sab.	S. Fernando Rei de Castella.	151
31	Dom.	Espirito Sancto. — St.ª Petronilla.	152

PORTUGAL.	<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRASIL.
6 ☉ L. ch. ás 6 h. 3 m. da t.	6 ☉ L. ch. ás 3 h. 48 m. da t	
14 ☽ Q. r. ás 4 h. 42 m. da t.	14 ☽ Q. m. ás 2 h. 27 m. da t.	
22 ☉ L. n. ás 6 h. 2 m. da m.	22 ☉ L. n. ás 3 h. 47 m. da m.	
28 ☽ Q. c. ás 11 h. 8 m. da t.	28 ☽ Q. c. ás 8 h. 53 m. da t.	

# MAIO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.								
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA.		RIO DE JAN.º										
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.									
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.									
	m.	t.	m.	t.	t.	m.	m	t									
1	5	4	6	50	6	26	5	34	1	20	2	3	11	5	11	48	122
2	5	2	6	51	6	26	5	33	2	22	2	40	0	7	0m	25	123
3	5	1	6	52	6	27	5	33	3	22	3	12	1	7	0	57	124
4	5	0	6	53	6	28	5	33	4	21	3	43	2	6	1	28	125
5	4	59	6	54	6	28	5	32	5	19	4	13	3	4	1	58	126
6	4	58	6	55	6	29	5	32	6	17	4	44	4	2	2	29	127
7	4	57	6	56	6	29	5	31	7	14	5	47	4	59	3	2	128
8	4	56	6	57	6	30	5	31	8	9	5	52	5	54	3	37	129
9	4	55	6	58	6	30	5	30	9	2	6	30	6	47	4	45	130
10	4	54	6	59	6	31	5	29	9	52	7	12	7	37	4	57	131
11	4	53	7	0	6	31	5	29	10	39	7	58	8	24	5	43	132
12	4	52	7	1	6	32	5	28	11	23	8	47	9	8	6	32	133
13	4	51	7	2	6	32	5	28	11	41	9	40	9	26	7	25	134
14	4	50	7	3	6	33	5	27	Om	4	10	36	9	49	8	21	135
15	4	49	7	4	6	33	5	27	0	42	11	35	10	27	9	20	136
16	4	48	7	5	6	34	5	26	1	17	0	36	11	2	10	21	137
17	4	47	7	6	6	34	5	26	1	51	1	39	11	36	11	24	138
18	4	46	7	7	6	35	5	25	2	25	2	45	Om	10	0	20	139
19	4	45	7	7	6	35	5	25	3	0	3	54	0	45	1	39	140
20	4	44	7	8	6	35	5	25	3	37	5	6	1	22	2	51	141
21	4	43	7	9	6	36	5	24	4	47	6	18	2	2	4	3	142
22	4	43	7	10	6	36	5	24	5	2	7	30	2	47	5	15	143
23	4	42	7	10	6	36	5	23	5	53	8	39	3	38	6	24	144
24	4	41	7	11	6	37	5	23	6	51	9	42	4	36	7	27	145
25	4	41	7	12	6	37	5	23	7	54	10	38	5	39	8	23	146
26	4	40	7	13	6	37	5	22	9	0	11	26	6	45	9	11	147
27	4	39	7	14	6	38	5	22	10	6	11	46	7	51	9	31	148
28	4	39	7	15	6	38	5	22	11	11	Om	7	8	56	9	52	149
29	4	38	7	15	6	39	5	21	0	15	0	44	10	0	10	29	150
30	4	38	7	16	6	39	5	21	1	16	1	17	11	1	11	2	151
31	4	38	7	17	6	39	5	21	2	15	1	48	0	0	11	33	152

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa..... 19º,44 C.	Rio de Janeiro..... 21º,67 C.
Paris..... 14º,55 C.	Londres..... 12º,00 C.
Madrid..... 17º,23 C.	S. Petersburgo..... 9º,10 C.

## MAIO.

### JARDINAGEM E AGRICULTURA.

#### — Portugal —

Maio pardo e ventoso  
faz o anno formoso.

**Jardins.** Semeiam-se cravos, martyrios, e flores do Outomno. Plantam-se valverdes e perpetuas.

**Hortas e Campos.** Devem regar-se com regularidade. Atam-se os tomateiros, feijoeiros e plantas trepadeiras. — Capam-se as plantas de pevide, semeadas em Fevereiro, dando-lhe ao mesmo tempo uma sachá. Semeiam-se coêntros, pimpinella, rabanos, rabanetes, heldoegas e alcaxofras — Planta-se segurelha, repólho, e cebolinho. Semeiam-se pepinos, melões, melancias, aboboras e cabaças. Monda-se e escardeia-se o trigo e mais cereaes. Semeia-se igualmente linho, canhamo, milho, feijões, e cevada da Primavera: tudo em terras de regadio. Principia-se a cortar o feno.

**Pomares e vinhas.** Limpam-se as arvores dos ramos seccos. Plantam-se limoeiros e laranjeiras. Encheram-se de escudo as figueiras, de borbulha as laranjeiras, e de garfo os castanheiros. No minguate dá-se ás vinhas a segunda cava.



ALLEGORIA DE JUNHO





# JUNHO.

## ORIGEM DO NOME.

Para explicar a etymologia d'esta palavra, suppõe-se que este mez foi consagrado a *Juno* ou a *Hebe*, deusa da juventude, ou a *Junio Bruto*, fundador da liberdade romana.

Ausonio, poeta latino, personifica este mez do seguinte modo :

« Um homem despido aponta para um relógio solar, indicando que começa a declinar o sol. Tem n'uma das mãos um facho accêso, para significar o calor da estação, que amadurece os fructos da terra ; e junto a si uma fouchinha, que dá ideia de que n'este mez se começam as ceifas. Tem tambem aos pés um cesto cheio dos mais bellos fructos, que a primavera produz. »



## JUNHO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Seg.	S. Firmo M.—S. Fortunato. [1.ª oitava]	153
2	Ter.	S. Marcellino M. [2.ª oitava]	154
3	Quar.	St.º Ovidio, Bispo de Braga. [Temporas]	155
4	Quin.	S. Francisco Caracciolo, —S. Quirino B. M.	156
5	Sex.	S. Marciano M. — S. Bonifacio B. [Temp.]	157
6	Sab.	S. Norberto B. — S. Paulina V. M. [Temp.]	158
7	Dom.	SS. Trindade—S. Roberto Ab.	159
8	Seg.	S. Salustiano. —S. Severino.	160
9	Ter.	Ss. Primo e Feliciano.	161
10	Quar.	St.ª Margarida, Rainha de Escocia.	162
11	Quin.	✠ Corpo de Deus.—S. Barnabé, Ap.	163
12	Sex.	S. João de S. Facundo.	164
13	Sab.	[✠no patriarchado] St.º Antonio de Lisboa.	165
14	Dom.	S. Basilio Magno B. e Dr. da Igreja.	166
15	Seg.	S. Vito M.	167
16	Ter.	S. João Francisco Regis—St.º Aureliano B.	168
17	Quar.	S. Manuel e seus irm. MM.—A B. Thereza.	169
18	Quin.	Os Ss. Marcos e Marcelliano irm. MM.	170
19	Sex.	✠ SS. Coração de Jesus.	171
20	Sab.	S. Silverio P. M.—S. Macario B.	172
21	Dom.	S. Luiz Gonzaga.	173
22	Seg.	S. Paulino B.	174
23	Ter.	S. João Sac. —Stª Edeltrudes, R. de Bret.	175
24	Quar.	✠ Nascimento de S. João Baptista.	176
25	Quin.	S. Guilherme Ab.—St.ª Febronia M.	177
26	Sex.	S. João e S. Paulo irm. MM.—S. Pelagio M.	178
27	Sab.	S. Ladislau, Rei da Hungria.	179
28	Dom.	A Pur.ª de N. Senrª. — N. Senhora M dos h.	180
29	Seg.	✠ S. Pedro e S. Paulo, App.	181
30	Ter.	Commemoração de S. Paulo. Ap.	182

PORTUGAL.	<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRAZIL.
5 ☉ L. ch. ás 6 h. 21 m. da m.	5 ☉ L. ch. ás 4 h. 6 m. da m.	
13 ☾ Q. m. ás 9 h. 40 m. da m.	13 ☾ Q. m. ás 7 h. 25 m. da m.	
20 ☀ L. n. ás 2 h. 11 m. da t.	20 ☀ L. n. ás 11 h. 56 m. da m.	
27 ☽ Q. c. ás 5 h. 17 m. da m.	27 ☽ Q. c. ás 3 h. 2 m. da m.	

# JUNHO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
1	4 37	7 18	6 40	5 21	3 13	2 18	0 58	0 3	153
2	4 37	7 19	6 40	5 21	4 11	2 48	1 56	0 33	154
3	4 36	7 19	6 40	5 21	5 8	3 49	2 53	1 4	155
4	4 36	7 20	6 40	5 21	6 3	3 53	3 48	1 38	156
5	4 36	7 20	6 40	5 20	6 57	4 30	4 42	2 45	157
6	4 35	7 21	6 41	5 20	7 49	5 10	5 34	2 55	158
7	4 35	7 22	6 41	5 20	8 38	5 54	6 23	3 39	159
8	4 35	7 22	6 41	5 20	9 24	6 43	7 -9	4 28	160
9	4 35	7 23	6 41	5 20	10 5	7 35	7 50	5 20	161
10	4 35	7 23	6 41	5 19	10 43	8 29	8 28	6 44	162
11	4 35	7 24	6 42	5 19	11 18	9 26	9 3	7 14	163
12	4 34	7 24	6 42	5 19	11 52	10 25	9 37	8 10	164
13	4 34	7 25	6 42	5 19	0 m 8	11 27	9 53	9 12	165
14	4 34	7 25	6 42	5 19	0 25	0 t 30	10 40	10 15	166
15	4 34	7 26	6 42	5 18	0 58	1 35	10 43	11 20	167
16	4 34	7 26	6 42	5 18	1 32	2 43	11 1	0 t 28	168
17	4 34	7 26	6 42	5 18	2 9	3 53	11 54	1 38	169
18	4 35	7 27	6 42	5 18	2 50	5 5	0 m 35	2 50	170
19	4 35	7 27	6 42	5 18	3 38	6 16	1 23	4 1	171
20	4 35	7 27	6 42	5 18	4 33	7 23	2 18	5 8	172
21	4 35	7 27	6 42	5 18	5 34	8 24	3 19	6 9	173
22	4 35	7 28	6 43	5 18	6 40	9 17	4 25	7 2	174
23	4 36	7 28	6 42	5 18	7 48	10 3	5 33	7 48	175
24	4 36	7 28	6 42	5 18	8 56	10 43	6 41	8 28	176
25	4 36	7 28	6 42	5 18	10 2	11 18	7 47	9 3	177
26	4 37	7 28	6 42	5 18	11 6	11 50	8 51	9 35	178
27	4 37	7 28	6 42	5 18	0 t 7	0 m 5	9 52	9 50	179
28	4 38	7 28	6 42	5 18	1 6	0 21	10 51	10 6	180
29	4 38	7 28	6 42	5 18	2 4	0 51	11 49	10 36	181
30	4 39	7 28	6 42	5 18	3 1	1 22	0 t 46	11 7	182

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa..... 21º,11 C.	Rio de Janeiro..... 20º,56 C.
Paris..... 16º,97 C.	Londres..... 15º,27 C.
Madrid..... 22º,20 C.	S. Petersburgo..... 15º,54 C.

## JUNHO.

### JARDINAGEM E AGRICULTURA.

#### — Portugal —

Agua de S. João  
tira vinho e não dá pão.

A 21 d'este mez principia o verão.

**Jardins.** Semeiam-se saudades, mimosas, malmequeres, e alfinetes de toucar. Alporcam-se craveiros, e mergulham-se jasmineiros. Tiram-se da terra as cebolas das tulipas.

**Hortas e Campos.** Semeiam-se espinafres, bel-droegas, couve algarvia, repólho, feijão, broculos, couve-flór, e outras hortaliças; e nabos em terra humida. Planta-se a couve semeada em Março. Sacham-se e capam-se as plantas de pevide, semeadas em Abril. Recolhem-se cebollas do sequeiro, e colhem-se as sementes das hortaliças. No crescente semeiam-se melões. Preparam-se as eiras. Principiam-se a ceifas dos trigos, cevadas e centeios. Dá-se a primeira lavragem ás terras devolutas. Sacham-se os milhos, e colhem-se favas, grão de bico, e alhos para guardar. Arranca-se o linho amadurecido. Continua-se a ceifa dos prados artificiaes.

**Pomares e vinhas.** Fazem-se enxertos de escudo em pecegueiros e faranjeiras. Principia a colheita das fructas, como alperces, damascos, cerejas, ginjas, e algumas qualidades de péra. Desfolham-se as vinhas para descobrir os cachos.



ALLEGORIA DE JULHO



# JULHO.

## ORIGEM DO NOME.

Depois da morte de Julio Cezar, reformador do calendario romano, decretou o consul Marco Antonio, que para honrar o illustre senador, nascido a 12 d'este mez, se lhe dêsse o nome de *Julius*, d'onde vem o nome de Julho.

Ausonio apresenta este mez sob a figura d'um homem nú, crestado pelo sol, e de cabellos ruivos, entrelaçados d'espigas; no braço um cabaz cheio d'amoras.

Entre as festas antigas, que tinham logar no decurso d'este mez, eram as principaes os jogos de Neptuno, Apollo, e Minerva, e os do Circo.

Entre os Gregos, os jogos Olympicos, começados em Junho, continuavam nos bellos dias d'este mez.



# JULHO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS ANNO.
1	Quar.	S. Theodosio Ab.	183
2	Quin.	Visitação de N. Senhora — St. <sup>a</sup> Marcia M.	184
3	Sex.	S. Jacintho M. — S. Heleodoro B.	185
4	Sab.	St. <sup>a</sup> Isabel Rainha de Portugal.	186
5	Dom.	Festa do Preciosis. sangue de. N. S. J. Chr.	187
6	Seg.	St. <sup>a</sup> Domingas V. M.	188
7	Ter.	St. <sup>a</sup> Pulcheria. — S. Claudio e seus o. MM.	189
8	Quar.	S. Procopio M.	190
9	Quin.	S. Cyrilló B. M.	191
10	Sex.	St. <sup>a</sup> Amelia, V.	192
11	Sab.	S. Pio M. — Trasladação de S. Bento.	193
12	Dom.	S. João Gualberto.	194
13	Seg.	St. <sup>o</sup> Anacleto P. M.	195
14	Ter.	S. Boaventura B. Card. F.	196
15	Quar.	S. Camillo de Lellis — S. Henrique Imper.	197
16	Quin.	N. Snr. <sup>a</sup> do Carmo. — Triun. da St. <sup>a</sup> Cruz.	198
17	Sex.	St. <sup>o</sup> Aleixo.	199
18	Sab.	St. <sup>a</sup> Marinha M. — S. Frederico B. M.	200
19	Dom.	O Anjo Cust. do Reino. — St. <sup>as</sup> Justa e Rufina.	201
20	Seg.	S. Jerouímio. — S. Emiliano. — S. Elias Proph.	202
21	Ter.	St. <sup>a</sup> Praxedes.	203
22	Quar.	St. <sup>a</sup> Maria Magdalena.	204
23	Quin.	S. Appolinario, B. M. — S. Liborio B.	205
24	Sex.	St. <sup>a</sup> Christina M. — S. Francisco Solano.	206
25	Sab.	S. Thiago Ap. — S. Christovão M.	207
26	Dom.	Sant' Anna.	208
27	Seg.	S. Pantaleão, Medico M.	209
28	Ter.	St. <sup>o</sup> Innocencio P.	210
29	Quar.	St. <sup>a</sup> Martha	211
30	Quin.	S. Rufino M. — As St. <sup>as</sup> Maxima e Donatilla.	212
31	Sex.	St. <sup>o</sup> Ignacio de Loyola.	213

<b>PORTUGAL.</b>		<b>PHAZES DA LUA.</b>		<b>BRAZIL.</b>	
4 ☉	L. ch. ás 8 h. 6 m. da t.	4 ☉	L. ch. ás 5 h. 5 m. da t.	4 ☉	L. ch. ás 5 h. 5 m. da t.
12 ☾	Q. r. ás 12 h. 7 m. da t.	12 ☾	Q. m. ás 9 h. 52 m. da m.	12 ☾	Q. m. ás 9 h. 52 m. da m.
19 ☀	L. n. ás 9 h. 23 m. da t.	19 ☀	L. n. ás 7 h. 8 m. da t.	19 ☀	L. n. ás 7 h. 8 m. da t.
26 ☽	Q. c. ás 4 h. 48 m. da t.	26 ☽	Q. c. ás 11 h. 3 m. da t.	26 ☽	Q. c. ás 11 h. 3 m. da t.



# JULHO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA.		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
1	4 39	7 25	6 42	5 18	3 57	1 55	1 42	11 40	183
2	4 39	7 25	6 42	5 18	4 52	2 31	2 37	Om 16	184
3	4 40	7 24	6 42	5 18	5 45	3 10	3 40	0 55	185
4	4 41	7 24	6 41	5 19	6 35	3 52	4 20	1 37	186
5	4 41	7 23	6 41	5 19	7 22	4 38	5 7	2 23	187
6	4 42	7 23	6 41	5 19	8 5	5 30	5 50	3 45	188
7	4 42	7 22	6 41	5 19	8 45	6 24	6 30	4 9	189
8	4 43	7 22	6 40	5 19	9 21	7 20	7 6	5 5	190
9	4 43	7 21	6 40	5 20	9 55	8 19	7 40	6 4	191
10	4 44	7 21	6 40	5 20	10 28	9 19	8 13	7 4	192
11	4 44	7 20	6 40	5 20	11 0	10 21	8 45	8 6	193
12	4 45	7 20	6 39	5 20	11 33	11 24	9 18	9 9	194
13	4 46	7 19	6 39	5 21	11 50	Om 29	9 35	10 14	195
14	4 46	7 18	6 39	5 21	Om 7	1 36	9 50	11 21	196
15	4 47	7 18	6 39	5 21	0 45	2 44	10 35	Om 29	197
16	4 48	7 17	6 38	5 22	1 28	3 53	11 13	1 38	198
17	4 49	7 16	6 38	5 22	2 18	5 4	Om 3	2 46	199
18	4 50	7 16	6 38	5 22	3 4	6 5	0 49	3 50	200
19	4 51	7 15	6 37	5 23	4 17	7 2	2 2	4 47	201
20	4 51	7 14	6 37	5 23	5 25	7 52	3 10	5 37	202
21	4 52	7 14	6 37	5 23	6 34	8 36	4 19	6 21	203
22	4 53	7 13	6 36	5 24	7 42	9 15	5 27	7 0	204
23	4 54	7 12	6 36	5 24	8 49	9 50	6 34	7 35	205
24	4 55	7 11	6 35	5 25	9 53	10 22	7 38	8 7	206
25	4 56	7 10	6 35	5 25	10 55	10 53	8 40	8 38	207
26	4 56	7 10	6 34	5 26	11 55	11 24	9 40	9 9	208
27	4 57	7 9	6 34	5 26	Om 53	11 56	10 38	9 41	209
28	4 58	7 8	6 33	5 27	1 50	Om 13	11 35	9 58	210
29	4 59	7 7	6 33	5 27	2 45	0 31	Om 30	10 16	211
30	5 0	7 6	6 32	5 28	3 38	1 8	1 23	10 43	212
31	5 1	7 5	6 32	5 28	4 29	1 49	2 14	11 34	213

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa..... 22º,78 C.	Rio de Janeiro..... 20º,28 C.
Paris..... 18º,61 C.	Londres..... 16º,70 C.
Madrid..... 25º,59 C.	S. Petersburgo..... 17º,75 C.

# JULHO.

## (JARDINAGEM E AGRICULTURA

### — Portugal —

Quem em julho lavra e fia,  
abundancia d'ouro cria.

Este mez é importantissimo para a cultura dos cereaes de verão.

**Jardins.** Recolhem-se as sementes de flôres, do alecrim do norte, amores perfeitos, ervilhas de cheiro etc. Alporcam-se cravos.

**Hortas e Campos.** Fazem-se regas com assiduidade. Continuam-se a colher as sementes. Semeiam-se espinafres, mostarda, chicorea, nabiças, couves, repólho, tremoços, e nabos. Recolhem-se alhos e cebollas. Continuam as ceifas dos cercaes, e os trabalhos da debulha.

**Pomares e Arvoredos.** Continua a colheita das fructas. Enxertam-se de borbulha as laranjeiras. Enxertam-se tambem as amoreiras.

Devem procurar-se logares sombrios para a pastagem dos gados



ALLEGORIA DE AGOSTO



# AGOSTO.

## ORIGEM DO NOME.

O numero dos dias d'este mez tem váriado muito. quando era o sexto chamava-se *Sextilis* : tinha então 30 dias.

Quando Numa reformou o calendario, accrescentando-lhe Janeiro e Fevereiro, deu-lhe só 29 dias : mais tarde, Julio Cezar fê-lo de 31. Não soffreu de então para cá alteração alguma.

No anno 730 da fundação de Roma, publicou-se um *senatus-consulto*, que deu ao mez *sextilis* o nome *d'Augustus*, porque a elevação d'Augusto ao consulado, as suas tres victorias, a conquista do Egypto, e o fim da guérria civil tiveram logar n'este mez.

Por estes motivos, era o mez *sextilis* olhado como o mais glorioso do principado d'Augusto ; e foi para honrar a sua memoria, que o senado decretou a substituição *d'Augustus* a *sextilis*.

N'este mez costumavam os romanos sacrificar um cão : uso que parece referir-se á tomada do Capitolio. Era um anathema contra o silencio dos cães, pela sua falta de vigilancia n'esse dia.



## AGOSTO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Sab.	S. Pedro ad vincula. — Os MM. de Chelas.	214
2	Dom.	N. Senhora dos Anjos.—St.º Estevão P. M.	215
3	Seg.	Invenção de Sancto Estevão, Proto-Martyr.	216
4	Ter.	S. Domingos.—S. Tertuliano M.	217
5	Quar.	N. Senhora das Neves.	218
6	Quin.	Transfiguração de Christo.—Sant'Iago Eremita	219
7	Sex.	S. Cactano.—St.º Alberto.	220
8	Sab.	S. Cyriaco e seus comp. MM.	221
9	Dom.	S. Romão M.	222
10	Seg.	S. Lourenço M.—St.ª Filomena M.	223
11	Ter.	Os Ss. Tiburcio e Suzana MM.	224
12	Quar.	St.ª Clara.	225
13	Quin.	Os Ss. Hippolyto e Cassiano MM.	226
14	Sex.	St.º Eusebio.—St.ª Athanasia V.	227
15	Sab.	✠ Assumpção de N. Senhora.	228
16	Dom.	S. Roque.—S. Jacintho D.	229
17	Seg.	S. Mamede M.	230
18	Ter.	S. Joaquin.	231
19	Quar.	S. Luiz B.	232
20	Quin.	S. Bernardo, Dr. da Igreja.	233
21	Sex.	St.ª Joanna Francisca V.—St.º Anastacio M.	234
22	Sab.	S. Timotheo M.	235
23	Dom.	S. Filippe Benicio.—S. Liberato e seus c. MM.	236
24	Seg.	S. Bartholomeu M.—St.ª Aurea M.	237
25	Ter.	S. Luiz Rei de França.	238
26	Quar.	S. Zeferino P. M.	239
27	Quin.	S. José de Calazans.—S. Rufo B. M.	240
28	Sex.	St.º Agostinho B. e Dr. da Igreja.	241
29	Sab.	Degolação de S. João Bap.—St.ª Sabina M.	242
30	Dom.	O Sag. Coração de Maria.—St.ª Rosa de Lima.	243
31	Seg.	S. Raymundo Nonnato.	244

<b>PORTUGAL.</b>	<b>PHAZES DA LUA.</b>	<b>BRAZIL.</b>
3 ☉ L. ch. ás 11 h. 18 m. da m.	3 ☉ L. ch. ás 9 h. 3 m. da m.	
11 ☾ Q. r. ás 11 h. 55 m. da m.	11 ☾ Q. m. ás 9 h. 40 m. da m.	
18 ☉ L. n. ás 4 h. 38 m. da m.	18 ☉ L. n. ás 2 h. 23 m. da m.	
24 ☽ Q. c. ás 12 h. 13 m. da n.	24 ☽ Q. c. ás 9 h. 58 m. da n.	

# AGOSTO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA.		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
	m.	t.	m.	t.	t.	m.	t.	m.	
1	5 2	7 10	6 31	5 29	5 18	2 35	3 31	0 20	214
2	5 3	7 9	6 31	5 29	6 3	3 24	3 48	1 9	215
3	5 4	7 8	6 30	5 30	6 44	4 17	4 26	2 2	216
4	5 5	7 7	6 30	5 30	7 22	5 14	5 7	2 59	217
5	5 6	7 5	6 29	5 31	7 57	6 43	5 42	3 58	218
6	5 7	7 4	6 29	5 31	8 31	7 43	6 16	4 58	219
7	5 8	7 3	6 29	5 31	9 4	8 14	6 49	5 59	220
8	5 9	7 2	6 28	5 32	9 36	9 17	7 21	7 2	221
9	5 10	7 1	6 28	5 32	10 9	10 21	7 54	8 6	222
10	5 11	7 0	6 27	5 33	10 m 45	11 26	8 30	9 11	223
11	5 12	6 59	6 27	5 33	11 25	0 t 33	9 10	10 18	224
12	5 13	6 58	6 26	5 34	11 52	1 40	9 37	11 25	225
13	5 14	6 56	6 26	5 35	0 10	2 46	9 55	0 t 31	226
14	5 15	6 54	6 25	5 35	1 2	3 50	10 47	1 35	227
15	5 16	6 53	6 24	5 36	2 0	4 49	11 45	2 34	228
16	5 17	6 52	6 24	5 36	3 4	5 41	0 m 49	3 26	229
17	5 17	6 50	6 24	5 37	4 11	6 27	1 56	4 12	230
18	5 18	6 49	6 23	5 37	5 20	7 8	3 5	4 53	231
19	5 19	6 47	6 23	5 38	6 28	7 45	4 13	5 30	232
20	5 20	6 46	6 22	5 38	7 35	8 19	5 20	6 4	233
21	5 21	6 45	6 22	5 39	8 39	8 51	6 24	6 36	234
22	5 22	6 43	6 21	5 39	9 41	9 23	7 26	7 8	235
23	5 23	6 42	6 21	5 40	10 41	9 56	8 26	7 41	236
24	5 24	6 40	6 20	5 40	11 39	10 30	9 24	8 15	238
25	5 25	6 39	6 19	5 41	0 t 36	11 6	10 21	8 51	239
26	5 26	6 37	6 19	5 42	1 30	11 46	11 15	9 31	230
27	5 27	6 36	6 18	5 43	2 22	0 m 7	0 t 7	9 52	240
28	5 28	6 34	6 17	5 43	3 12	0 29	0 57	10 14	241
29	5 29	6 33	6 16	5 44	3 58	1 17	1 43	11 2	242
30	5 30	6 32	6 15	5 45	4 41	2 9	2 26	11 54	243
31	5 31	6 30	6 15	5 45	5 21	3 4	3 6	0 m 49	244

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa..... 22º,78 C.	Rio de Janeiro..... 20º,28 C.
Paris..... 18º,44 C.	Londres..... 16º,66 C.
Madrid..... 26º,10 C.	S. Petersburgo..... 16º,19 C.

# AGOSTO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### — Portugal —

Agua d'Agosto  
açafraão, mel e mosto.

**Jardins.** Semeiam-se cravos, goivos, e borboletas. Mergulham-se craveiros.

**Hortas e Campos.** Estancam-se, cavam-se, e preparam-se as terras, para as plantações das primeiras chuvas. Semeiam-se rabanos, cenouras, chicorea, alface, azedas, salsa, coentros, repólho, couve flôr, broculos, lombarda e couve do algarve; e, depois de chover, nabijas, nabos, e favas. Rega-se com desvello. Plantam-se cenouras, alfaces e cebollas para semente. Concluem-se as debulhas. Colhe-se o linho, recolhem-se os cereaes. Estercam-se as terras. Se chover, semeiam-se nabos, tremoços, e cevada para verde. Lava-se a terra para os prados d'azevem.

**Pomares, vinhas, e arvoredos.** Regam-se as laranjeiras, e todas as arvores sequiosas. Continua-se a colheita das fructas, e a das folhas das vinhas. Abrem-se covas, para os castanheiros e mais arvores, que teem de ser plantadas no fim do anno. Principiam-se a recolher as folhas cahidas, e a fazer estrumeiras.





ALLEGORIA DE SEPTEMBRO



# SETEMBRO.

## ORIGEM DO NOME.

O nome latino *September* mostra claramente, que a principio era este mez o septimo.

Não obstante passar a ser o nono, tem conservado o nome primitivo.

Houve varias tentativas para lhe mudar a denominação, quizeram dar-lhe o nome de *Tiberius* em honra de Tiberio, *Germanicus* em honra de Domitiano, *Antonius*, em honra d'Antonio, *Herculeus* em honra de Commodo, e *Tacitus* em honra do imperador Tacito. Nenhuma d'estas denominações foi adoptada.

Os Egypcios chamavam a este mez Paophi, e os Gregos Boedromion. Os romanos consagravam-no a Vulcano.

Tinha para elles importantes recordações historicas. Foi no dia 7 que Tito tomou a cidade de Jerusalem, e uniu a Palestina ao imperio; Romulo, fundador de Roma, nasceu no dia 20, e Virgilio morreu a 22; Augusto nasceu a 23, e Pompeu a 30.

Emfim o dia 13, dia dos idos de Setembro, era o anniversario da consagração do Capitolio; e, n'este dia, cravava o pretor um prego, no lado direito do templo de Jupiter, situado no Capitolio.

Este prego, cravado sempre na mesma epocha, servia-lhes para a contagem dos annos, que tinham decorrido desde a fundação da cidade eterna.



## SEPTEMBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Ter.	St.º Egidio Ab.	245
2	Quar.	St.º Estevão, Rei da Hungria.—S. Brocardo.	246
3	Quin.	St.ª Euphemia M.	247
4	Sex.	St.ª Rosa de Viterbo.	248
5	Sab.	St.º Antonio.—Traslad. dos mart. de Lisbon.	249
6	Dom.	St.ª Libania.	250
7	Seg.	S. João M.—St.º Anastasio M.	251
8	Tof.	Natividade de N. Senhora.	252
9	Quar.	S. Sergio P.	253
10	Quin.	S. Nicolau Tolentino.	254
11	Sex.	St.ª Theodora.	255
12	Sab.	St.ª Aua V. M.	256
13	Dom.	O SS. Nome de Maria.	257
14	Seg.	Exaltação da Sancta Cruz.	258
15	Ter.	S. Domingos em Soriano.—S. Nicomedes M.	259
16	Quar.	Trasladação de S. Vicente. [Temporas]	260
17	Quin.	S. Pedro de Arbues M.—St.ª Comba M.	261
18	Sex.	S. José de Cupertino. [Temporas]	262
19	Sab.	S. Januario B. M.—St.ª Constança M. [Temp.]	263
20	Dom.	Festa das Dores de N. Senhora.	264
21	Seg.	S. Matheus Ap. e Evang.	265
22	Ter.	S. Mauricio M.	266
23	Quar.	S. Lino P. M.	267
24	Quin.	N. Senhora das Mercês.—S. Geraldo.	268
25	Sex.	S. Firmino B. M.—S. Herculano M.	269
26	Sab.	Os Ss. Cypriano e Justina MM.	270
27	Dom.	Os Ss. Cosme e Damião MM.—St.º Elizario.	271
28	Seg.	S. Wenceslau, Duque de Bohemia.	272
29	Ter.	S. Miguel Archanjo.	273
30	Quar.	S. Jeronymo, Dr. da Igreja.	274

PORTUGAL.	<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRAZIL.
2 ☉ L. ch. ás 3 h. 24 m. da m.	2 ☉ L. ch. á 1 h. 9 m. da m.	
9 ☾ Q. m. ás 9 h. 30 m. da n.	9 ☾ Q. m. ás 7 h. 15 m. da n.	
16 ☉ L. n. ás 0 h. 46 m. da m.	15 ☉ L. n. ás 10 h. 31 m. da n.	
23 ☽ Q. c. ás 2 h. 48 m. da t.	23 ☽ Q. c. ás 0 h. 33 m. da t.	

# SEPTEMBRO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA.		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
	m.	t.	m.	t.	t.	m.	t.	m.	
1	5 32	6 28	6 14	5 46	5 57	4 2	3 42	1 47	245
2	5 33	6 27	6 14	5 46	6 32	5 3	4 17	2 48	246
3	5 34	6 25	6 13	5 47	7 5	6 5	4 50	3 50	247
4	5 35	6 24	6 12	5 47	7 38	7 8	5 23	4 53	248
5	5 36	6 22	6 12	5 48	8 12	8 13	5 57	5 58	249
6	5 36	6 20	6 11	5 48	8 47	9 19	6 32	7 4	250
7	5 37	6 19	6 11	5 49	9 25	10 26	7 10	8 11	251
8	5 38	6 17	6 10	5 50	10 8	11 33	7 53	9 18	252
9	5 39	6 16	6 9	5 51	10 57	0 t 38	8 42	10 23	253
10	5 40	6 14	6 8	5 52	11 52	1 41	9 37	11 26	254
11	5 41	6 12	6 8	5 52	0 m 22	2 40	10 7	0 t 25	255
12	5 42	6 11	6 8	5 53	0 52	3 34	10 37	1 19	256
13	5 43	6 9	6 7	5 53	1 56	4 22	11 44	2 7	257
14	5 44	6 8	6 7	5 54	3 3	5 3	0 m 48	2 48	258
15	5 45	6 6	6 6	5 54	4 10	5 40	1 55	3 25	259
16	5 46	6 4	6 5	5 55	5 17	6 15	3 2	4 0	260
17	5 47	6 3	6 5	5 55	6 22	6 49	4 7	4 34	261
18	5 48	6 1	6 5	5 55	7 25	7 21	5 10	5 6	262
19	5 49	5 59	6 4	5 56	8 27	7 53	6 12	5 38	263
20	5 50	5 57	6 3	5 56	9 27	8 26	7 12	6 11	264
21	5 51	5 55	6 2	5 56	10 25	9 2	8 10	6 47	265
22	5 52	5 54	6 1	5 58	11 20	9 41	9 5	7 26	266
23	5 53	5 52	6 0	5 59	0 t 13	10 23	9 58	8 8	267
24	5 54	5 51	6 59	6 0	1 4	11 8	10 49	8 53	268
25	5 55	5 49	5 58	6 2	1 51	11 58	11 36	9 43	269
26	5 56	5 47	5 58	6 2	2 35	0 m 25	0 t 21	10 10	270
27	5 57	5 46	5 57	6 3	3 16	0 52	1 1	10 37	271
28	5 58	5 44	5 57	6 3	3 54	1 49	1 39	11 34	272
29	5 59	5 42	5 56	6 4	4 29	2 48	2 14	0 m 33	273
30	6 0	5 40	5 56	6 4	5 3	3 50	2 48	1 35	274

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa..... 21º,67 C.	Rio de Janeiro..... 21º,67 C.
Paris..... 15º,76 C.	Londres..... 13º,92 C.
Madrid..... 20º,00 C.	S. Petersburgo..... 10º,60 C.

# SEPTEMBRO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### — Portugal —

Dia de S. Matheus  
vindimam os sisudos,  
semeiam os sandeus.

A 23 principia o Outomno.

**Jardins.** Semeiam-se cravos, górvos e borboletas. Mergulham-se craveiros. Mettem-se na terra raizes de rainuculos, anemonas, jacinthos, junquinhos, tulipas e lyrios.

**Hortas e campos.** Semeiam-se rabanos, rabanetes e espinafres. Plantam-se, quanto mais cedo melhor, broculos, couves e alfaces. Desfolham-se as beterrabas, e dá-se a folha ás vaccas. Semeiam-se nabos, favas, mostarda de Pekim, e tremoços. Principia-se a colheita do feijão, tremoços e milho. Semeia-se tambem centeio, avea, cevada, linho, canhamo e trigo. Dá-se o terceiro córte aos prados, que o permitem. Lavra-se a terra para prados de fêno.

**Pomares, vinhas, e arvoredos.** Colhem-se fructas, e com especialidade, as nozes. Podam-se as romeirias, e enxertam-se as arvores d'espinho. Vendima-se; seccam-se passas. Semeia-se o penísco para crear pinhaes.



ALLEGORIA DE OUBRO





## OUTUBRO.

### ORIGEM DO NOME.

Este mez é assim chamado, por ser o oitavo do calendario de Romulo ; e posto haver passado a decimo, no de Numa, e ter, desde então, occupado sempre este logar, tem contudo conservado o mesmo nome. Os imperadores e o senado romano muitas vezes lho quizeram mudar.

Era mez consagrado a Marte.

Sete memoraveis batalhas tiveram logar no seu decurso. Foi a primeira a de Salamina, que libertou a Grecia, e salvou a civilisação ; a segunda e a terceira foram as de Issos e Arbelles, que asseguraram a Alexandre a conquista da Asia ; a quarta foi a de Philippos, onde morreram os ultimos romanos, e com elles a republica de Roma ; a quinta foi a dada por Constantino nas margens do Tibre, e quasi ás portas de Roma. Esta victoria fêl-o unico senhor do imperio, e ninguem ignora a influencia que ella teve a favor da propagação do christianismo. A sexta foi a batalha de Lepanto, que livrou a Europa do poder dos Turcos ; a setima, emfim, foi a batalha de Iena, alcançada pelo imperador Napoleão, contra o rei da Prussia e o duque de Brunswick.



## OUTUBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Quin.	Os Ss. Verissimo, Maximo e Julia, irm. MM.	275
2	Sex.	Os Anjos da Guarda.	276
3	Sab.	S. Candido M.—S. Maximiano B.	277
4	Dom.	O SS. Rosario de N. Sr. <sup>a</sup> —S. Francisco de A.	278
5	Seg.	S. Placido e seus comp. MM.	279
6	Ter.	S. Bruno.	280
7	Quar.	S. Marcos P.	281
8	Quin.	St. <sup>a</sup> Brigida, Princeza da Nericia.	282
9	Sex.	S. Dionysio B. de Paris.	283
10	Sab.	S. Francisco de Borja, Padroeiro do Reino.	284
11	Dom.	N. Senhora dos Remedios.—S. Firmino B.	285
12	Seg.	S. Cypriano B. M.	286
13	Ter.	St. <sup>o</sup> Eduardo Rei de Inglaterra.—S. Daniel.	287
14	Quar.	S. Calisto P. M.—S. Guadencio B. M.	288
15	Quin.	St. <sup>a</sup> Thereza de Jesus V.	289
16	Sex.	S. Martiniano M.—S. Gallo Ah.	290
17	Sab.	St. <sup>a</sup> Hedwiges, duqueza de Polonia.	291
18	Dom.	S. Lucas Evangelista.	292
19	Seg.	S. Pedro de Alcantara.	293
20	Ter.	St. <sup>a</sup> Iria M. Portug.—S. João Cancio.	294
21	Quar.	St. <sup>a</sup> Ursula e suas comp. MM.	295
22	Quin.	Ded. da Basilica de Mafra.—St. <sup>a</sup> M. <sup>a</sup> Salomé.	296
23	Sex.	S. João Capistrano.	297
24	Sab.	S. Raphael Archanjo.—S. Fortunato M.	298
25	Dom.	Ss. Crispim e Chrispiniano, irm. MM. sap.	299
26	Seg.	St. <sup>o</sup> Evaristo B. M.	300
27	Ter.	St. <sup>o</sup> Elesbão, Imperador da Ethiopia.	301
28	Quar.	S. Simão e S. Judas Thaddeo, App.	302
29	Quin.	S. Feliciano.—Trasladação de St. <sup>a</sup> Isabel.	303
30	Sex.	S. Serapião B.	304
31	Sab.	S. Quintino.	305

PORTUGAL.	<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRAZIL.
1 ☉ L. ch. ás 7 h. 25 m. da t.	1 ☉ L. ch. ás 5 h. 10 m. da t.	1 ☉ L. ch. ás 5 h. 10 m. da t.
9 ☾ Q. r. ás 5 h. 46 m. da m.	9 ☾ Q. m. ás 3 h. 31 m. da m.	9 ☾ Q. m. ás 3 h. 31 m. da m.
15 ☉ L. n. ás 10 h. 28 m. da t.	15 ☉ L. n. ás 8 h. 13 m. da t.	15 ☉ L. n. ás 8 h. 13 m. da t.
23 ☾ Q. c. ás 9 h. 9 m. da m.	23 ☾ Q. c. ás 6 h. 54 m. da m.	23 ☾ Q. c. ás 6 h. 54 m. da m.
30 ☉ L. ch. ás 10 h. 32 m. da m.	30 ☉ L. ch. ás 8 h. 17 m. da m.	30 ☉ L. ch. ás 8 h. 17 m. da m.

# OUTUBRO.

DIAS DO MEZ.	SOL								LUA								DIAS DO ANNO.
	LISBOA.				RIO DE JAN.º				LISBOA.				RIO DE JAN.º				
	N.		O.		N.		O.		N.		O.		N.		O.		
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.		
	m.	t.	m.	t.	t.	m.	t.	m.	t.	m.	t.	m.	t.	m.	t.		
1	6 1	5 38	5 54	6 5	5 36	4 54	3 21	2 39	275								
2	6 2	5 38	5 54	6 6	6 10	5 59	3 55	3 44	276								
3	6 3	5 36	5 53	6 6	6 46	7 6	4 31	4 51	277								
4	6 4	5 34	5 53	6 7	7 24	8 14	5 9	5 59	278								
5	6 5	5 32	5 52	6 8	8 6	9 23	5 51	7 8	279								
6	6 6	5 31	5 52	6 9	8 54	40 31	6 39	8 16	280								
7	6 7	5 30	5 51	6 9	9 47	11 36	7 32	9 21	281								
8	6 8	5 28	5 50	6 10	10 45	0 37	8 7	10 22	282								
9	6 9	5 26	5 49	6 11	11 48	1 32	9 2	11 17	283								
10	6 10	5 25	5 48	6 12	0m20	2 20	10 5	0t 5	284								
11	6 11	5 23	5 48	6 12	0 53	3 1	10 38	0 46	285								
12	6 12	5 21	5 47	6 13	1 58	3 38	11 43	1 23	286								
13	6 13	5 19	5 46	6 13	3 3	4 13	0m48	1 58	287								
14	6 14	5 18	5 46	6 14	4 7	4 46	1 52	2 31	288								
15	6 15	5 16	5 45	6 15	5 10	5 19	2 55	3 4	289								
16	6 16	5 14	5 45	6 15	6 12	5 51	3 57	3 36	290								
17	6 17	5 13	5 44	6 16	7 13	6 24	4 58	4 9	291								
18	6 18	5 11	5 43	6 16	8 13	6 59	5 58	4 44	292								
19	6 19	5 10	5 43	6 17	9 10	7 36	6 55	5 21	293								
20	6 20	5 9	5 42	6 18	10 5	8 17	7 50	6 2	294								
21	6 21	5 8	5 42	6 18	10 57	9 1	8 42	6 46	295								
22	6 22	5 6	5 41	6 19	11 46	9 49	9 31	7 34	296								
23	6 24	5 5	5 40	6 20	0t31	10 41	10 16	8 26	297								
24	6 25	5 3	5 40	6 20	1 12	11 35	10 57	9 20	298								
25	6 26	5 2	5 39	6 21	1 50	0m 3	11 35	9 48	299								
26	6 27	5 0	5 38	6 22	2 26	0 32	0t11	10 17	300								
27	6 28	4 59	5 37	6 22	3 0	1 32	0 45	11 17	301								
28	6 29	4 58	5 36	6 23	3 33	2 34	1 18	0m19	302								
29	6 31	4 57	5 36	6 24	4 6	3 39	1 51	1 24	303								
30	6 32	4 55	5 35	6 25	4 40	4 46	2 25	2 31	304								
31	6 33	4 54	5 35	6 26	5 18	5 55	3 3	3 40	305								

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa..... 15°,56 C.	Rio de Janeiro..... 22°,22 C.
Paris..... 11°,35 C.	Londres..... 10°,25 C.
Madrid..... 13°,55 C.	S. Petersburgo..... 5°,24 C.

# OUTUBRO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### — Portugal —

Madruga e verás,  
trabalha e terás.

**Jardins.** Plantam-se rainuculos, rozeiras, tulipas, anemonas, junquillos, flôres de lys, jacinthos, narcizos, cebollas, e raizcs bulbosas. Alporcam-se e transplantam-se craveiros. Aparam-se as murtas e os buxos.

**Hortas e campos.** Semeiam-se cenouras, chicorea, coentro, ervilhas, couve, murciana, coentros, fruncho e hortelan, chicorea, alface, ervilhas, rabanos, rabanetes, broculos, nabos, cebolas e tremçoos. Plantam-se as chicoreas e alfices, semeadas no mez anterior; e toda a qualidade d'hortalices. Continua-se a colheita do milho e feijões. Continuam também as sementeiras do centeio, e cevada para verde; e principiam as do trigo, arrôz d'inverno, e linho.

**Pomares, vinhas, olivacs, florestas.** Abrem-se covas para arvorés, que tenham de ser plantadas em Janeiro e Fevereiro. Conclue-se a colheita das nozes, e principia-se a dos marmelos, maçãs, peras, e outras fructas. Plantam-se cerejeiras, ginjeiras, macieiras etc. Enxertam-se laranjeiras. Acabam-se as vindimas. Plantam-se bacêlos, e mergulham-se vides. Apanha-se a azeitona, ripando-a dos ramos. Plantam-se oliveiras. Apanha-se a folha, que cahe das arvores; e formam-se estrumeiras.

Principia-se a colheita da castanha. Plantam-se alamos, salgueiros, e castanheiros, em terras seccas.



ALLEGORIA DE NOVEMBRO



# NOVEMBRO.

## ORIGEM DO NOME.

Na origem do imperio romano, depois de Romulo haver fundado a cidade, que devia ser um dia a senhora do mundo, denominou-se este mez *November* como o nono que era.

Os romanos consagravam-no a Diana.

No dia 5 começavam os jogos em honra de Neptuno; no dia 15 tinham logar os jogos publicos no Circo, e duravam tres dias. No dia 21 celebravam-se as *liberalias* em honra de Bacho.

Era durante esta festa a que se dava tambem o nome de *bachanaes*, que as creanças deixavam a *toga pretexta*, para revestir a *toga libera*. Em fim, no dia 27 celebrava-se um sacrificio mortuario aos manes dos gaulezes e gregos, que tinham sido enterrados vivos, e exhumados do Forum.



# NOVEMBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Dom.	✠ Festa de todos os Sanctos.	306
2	Seg.	Commemor. dos defunctos.—S. Victorino M.	307
3	Ter.	S. Malaquias B. primaz da Irlanda.	308
4	Quar.	S. Carlos Borromeu.	309
5	Quin.	S. Zacharias e St. <sup>a</sup> Isabel, pacs de S. João B.	310
6	Sex.	S. Severo B. M.	311
7	Sab.	S. Florencio B.	312
8	Dom.	O Patrocinio de N. Senhora.—S. Severiano	313
9	Seg.	S. Theodoro M.	314
10	Ter.	St. <sup>o</sup> André Avellino.	315
11	Quar.	S. Martinho B.	316
12	Quin.	S. Martinho P. M.—S. Diogo.	317
13	Sex.	St. <sup>o</sup> Eugenio B. de Toledo.	318
14	Sab.	Trasl. de S. Paulo 1. <sup>o</sup> Er. Os Ss. da O. do C.	319
15	Dom.	St. <sup>a</sup> Gertrudes Magna.	320
16	Seg.	S. Gonçalo de Lagos.	321
17	Ter.	S. Gregorio Thaumaturgo. B.	322
18	Quar.	S. Romão M.—Ded. de bas. de S. Ped e S. P.	323
19	Quin.	St. <sup>a</sup> Isabel Rainha da Hungria.	324
20	Sex.	S. Felix de Valois, fundador dos Trinos.	325
21	Sab.	Apresentação de N. Senhora.	326
22	Dom.	St. <sup>a</sup> Cecilia M.	327
23	Seg.	S. Clemente P. M.—St. <sup>a</sup> Felicidade M.	328
24	Ter.	S. João da Cruz—St. <sup>o</sup> Estanislaú Kostka.	329
25	Quar.	St. <sup>a</sup> Catharina M.	330
26	Quin.	S. Pedro Alexandrino.	331
27	Sex.	St. <sup>a</sup> Margarida de Saboia.	332
28	Sab.	S. Gregorio III Papa.	333
29	Dom.	1. <sup>o</sup> do advento.—S. Saturnino M.	334
30	Seg.	St. <sup>o</sup> André Ap.	335

PORTUGAL.	<b>PHAZES DA LUA.</b>	BRAZIL.
7 ☾ Q. m. á 1 h.	13 m. da t.	7 ☾ Q. m. ás 10 h. 58 m. da m.
14 ☉ L. n. ás 10 h.	22 m. da m.	14 ☉ L. n. ás 8 h. 7 m. da m.
22 ☽ Q. c. ás 6 h.	13 m. da m.	22 ☽ Q. c. ás 3 h. 58 m. da m.
29 ☾ L. ch. ás 12 h.	27 m. da t.	29 ☾ L. ch. ás 10 h. 12 m. da m.



# NOVEMBRO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANNO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA.		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
	m.	t.	m.	t.	t.	m.	t.	m.	
1	6 34	4 53	5 35	6 26	6 07	5 5	3 45	4 50	306
2	6 33	4 52	5 35	6 26	6 45	8 16	4 30	6 1	307
3	6 36	4 51	5 34	6 26	7 38	9 25	5 23	7 10	308
4	6 37	4 50	5 34	6 27	8 37	10 30	6 22	8 15	309
5	6 39	4 48	5 33	6 27	9 40	11 28	7 25	9 13	310
6	6 40	4 47	5 33	6 27	10 45	0 t 19	8 30	10 4	311
7	6 41	4 46	5 32	6 28	11 51	1 4	9 36	10 49	312
8	6 42	4 45	5 32	6 28	0 m 32	1 43	10 8	11 28	313
9	6 43	4 44	5 31	6 29	0 56	2 18	10 41	0 t 3	314
10	6 45	4 43	5 31	6 29	2 0	2 50	0 m 45	0 35	315
11	6 46	4 42	5 30	6 30	3 3	3 21	1 48	1 6	316
12	6 47	4 41	5 30	6 30	4 4	3 52	2 49	1 37	317
13	6 48	4 40	5 29	6 31	5 4	4 24	3 49	2 9	318
14	6 49	4 39	5 28	6 31	6 3	4 57	4 48	2 42	319
15	6 51	4 39	5 28	6 32	7 1	5 33	5 46	3 18	320
16	6 52	4 38	5 27	6 33	7 57	6 13	5 42	3 57	321
17	6 53	4 37	5 27	6 33	8 51	6 56	6 36	4 41	322
18	6 54	4 36	5 26	6 34	9 42	7 42	7 27	5 27	323
19	6 55	4 35	5 26	6 34	10 28	8 32	8 13	6 17	324
20	6 57	4 35	5 25	6 34	11 10	9 25	8 55	7 10	325
21	6 58	4 34	5 25	6 35	11 49	10 21	9 33	8 0	326
22	6 59	4 34	5 24	6 35	0 t 25	11 19	10 10	9 4	327
23	7 0	4 33	5 24	6 35	0 58	11 49	10 43	9 33	328
24	7 1	4 33	5 24	6 36	1 30	0 m 18	11 15	10 3	329
25	7 2	4 32	5 23	6 36	2 2	1 19	11 47	11 4	330
26	7 3	4 32	5 23	6 37	2 35	2 23	0 t 20	0 m 8	331
27	7 4	4 31	5 23	6 37	3 10	3 30	0 55	1 15	332
28	7 5	4 31	5 22	6 38	3 49	4 40	1 34	2 25	333
29	7 6	4 30	5 22	6 38	4 33	5 52	2 18	3 17	334
30	7 7	4 30	5 21	6 39	5 22	7 4	3 7	4 49	335

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa..... 12º,22 C.	Rio de Janeiro..... 25º,56 C.
Paris..... 6º,78 C.	Londres..... 6º,23 C.
Madrid..... 8º,45 C.	S. Petersburgo..... 1º,36 C.

# NOVEMBRO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### — Portugal —

Quem lavra no S. Martinho  
faz pasmar o seu visinho.

**Jardins.** Neste mez já são poucas as flôres, e quem quizer tel-as precisa recorrer ás estufas. Mettem-se na terra cebollas e raizés de rainuculos, borboletas, pionias e angelicas. Plantam-se estacas de rozeiras, murta, alecrim, alfazema.

**Hortas e campos.** Semeiam-se ervilhas, couve, repólho, broculos, salsa, coêntros, e erva doce, feijões carrapatos e outras qualidades trepadeiras; conclue-se a sementeira dos rabanos, rabanetes e nabos. Colhem-se os espinafres, semeados em Setembro. Plantam-se couves, e a chicorea semeada no mez anterior. Abrem-se regos, nas terras alagadiças, para as desaguar. Continua a sementeira dos cereaes. Limam-se os prados.

**Pomares, vinhas, mattas.** Plantam-se arvores de fructa, e, não havendo geadas, podem começar-se as podas. Principia-se a apanha da laranja d'exportação, nas provincia do sul. Desfolham-se as vinhas. Principia-se o córte da madeira e lenhas. Continua-se a apanha das folhas seccas, e roçam-se os mattos.



ALLEGORIA DE DESEMBRO



# DEZEMBRO.

## ORIGEM DO NOME.

Chama-se assim este mez, por ser o decimo do anno de Romulo.

O imperador Commodo quiz dar-lhe o nome d'*Amazona* em honra d'uma dama romana, de quem trazia o retrato n'um anel, vestida d'amazona. Não vingou a idéa; e mais tarde tornou a dar-se-lhe o nome de Dezembro, posto que fosse o duodecimo mez do anno.

Era consagrado a Vesta.

Em Dezembro, celebravam os romanos muitas festas importantes; as *Faunaes* no dia 5, que se faziam nos campos, em honra dos *Faunos*; as *Brumaes*, no dia 14, em honra de *Bacho*; as *Saturnaes*, em honra de *Saturno*, que foram estabelecidas em Roma no anno 257 da sua fundação. Estas festas duravam primitivamente só um dia; e Augusto mandou que se celebrassem por espaço de 3, começando no dia 17; Caligúla ajuntou mais uma festa, que denominou *Juvenalis* ou festa da juventude, em honra da deusa *Juventa*, a quem offereciam as primicias da barba, que queimavam n'um fogo para isso destinado.

Instituidas em memoria da igualdade, que reinava na terra, nos dias de *Saturno*, eram festas que se celebravam com grande regosijo.

Em quanto ellas duravam, estavam fechados os tribunaes: havia ferias nas escolas, não era permittido fazerem-se guerras, nem executar os criminosos: e dava-se inteira liberdade aos escravos.

As *Saturnaes*, celebradas a principio com ordem e dignidade, degeneraram em breve, praticando-se n'ellas os mais espantosos excessos.



# DEZEMBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Ter.	St. <sup>o</sup> Eloy B.	336
2	Quar.	St. <sup>a</sup> Bibiana M.—St. <sup>o</sup> Aurelio M.	337
3	Quin.	S. Francisco Xavier.	338
4	Sex.	St. <sup>a</sup> Barbara M.	339
5	Sab.	S. Geraldo, Arc. de Braga.—S. Salbas Ab.	340
6	Dom.	2. <sup>o</sup> do advento.—S. Nicolau.	341
7	Seg.	St. <sup>o</sup> Ambrosio B. e Dr. da Egreja.	342
8	Ter.	✠ N. Senhora da Conceição, Padr. do Reino.	343
9	Quar.	St. <sup>a</sup> Leocadia M.	344
10	Quin.	S. Melehiades P. M.	345
11	Sex.	S. Damaso P portug.—S. Franco.	346
12	Sab.	S. Justino M.	347
13	Dom.	3. <sup>o</sup> do advento.—St. <sup>a</sup> Luzia M.	348
14	Seg.	St. <sup>o</sup> Agnello Ab.	349
15	Ter.	St. <sup>o</sup> Eusebio B. M.	350
16	Quar.	As Virgens de Africa MM. (Temporas.)	351
17	Quin.	S. Lazaro B.	352
18	Sex.	N. Senhora do Ó—St. <sup>o</sup> Espiridião. (Temp.)	353
19	Sab.	St. <sup>a</sup> Fausta. (Temporas.)	354
20	Dom.	4. <sup>o</sup> do advento.—S. Domingos de Silos Ab.	355
21	Seg.	S. Thomé Ap.	356
22	Ter.	St. <sup>o</sup> Honorato M.	357
23	Quar.	S. Servulo:—St. <sup>a</sup> Victoria M.	358
24	Quin.	S. Gregorio M.	359
25	Sex.	✠ Nascimento de N. Senhor Jesus Christo.	360
26	Sab.	St. <sup>o</sup> Estevão Proto-martyr. (1. <sup>a</sup> oitava)	361
27	Dom.	S. João Ap. e Evang. (2. <sup>a</sup> oitava)	362
28	Seg.	Os Ss. Innocentes MM. (3. <sup>a</sup> oitava)	363
29	Ter.	S. Thomaz M. Arceb. de Cantuaria.	364
30	Quar.	S. Sabiao B. M.	365
31	Quin.	S. Silvestre P.	366

PORTUGAL.

## PHAZES DA LUA.

BRAZIL.

<p>6 ☉ Q. m. ás 8 h. 53 m. da n.</p> <p>13 ☽ L. n. ás 12 h. 59 m. da m.</p> <p>21 ☽ Q. c. ás 3 h. 54 m. da m.</p> <p>29 ☽ L. ch. á 1 h. 14 m. da t.</p>	<p>6 ☉ Q. m. ás 6 h. 38 m. da n.</p> <p>13 ☽ L. n. ás 10 h. 44 m. da m.</p> <p>21 ☽ Q. c. á 4 h. 39 m. da m.</p> <p>29 ☽ L. ch. ás 10 h. 59 m. da m.</p>
---	--

# DEZEMBRO.

DIAS DO MEZ.	SOL				LUA				DIAS DO ANO.
	LISBOA.		RIO DE JAN.º		LISBOA.		RIO DE JAN.º		
	N.	O.	N.	O.	N.	O.	N.	O.	
	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	h. m.	
	m.	t.	m.	t.	t.	m.	t.	m.	
1	7 9	4 30	5 21	6 39	6 20	8 13	4 5	5 58	336
2	7 10	4 30	5 21	6 39	7 24	9 17	5 9	7 2	337
3	7 11	4 30	5 21	6 39	8 31	10 13	6 16	7 58	338
4	7 12	4 30	5 20	6 40	9 39	11 2	7 24	8 47	339
5	7 13	4 29	5 20	6 40	10 47	11 44	8 32	9 29	340
6	7 14	4 29	5 20	6 40	11 53	0 t 21	9 38	10 6	341
7	7 15	4 29	5 20	6 40	0 m 24	0 54	10 9	10 39	342
8	7 16	4 29	5 20	6 41	0 56	1 25	10 41	11 10	343
9	7 16	4 29	5 19	6 41	1 57	1 56	11 42	11 41	344
10	7 17	4 29	5 19	6 41	2 57	2 27	0 m 42	0 t 12	345
11	7 18	4 29	5 19	6 41	3 56	2 59	1 41	0 44	346
12	7 19	4 30	5 19	6 41	4 54	3 33	2 39	1 18	347
13	7 20	4 30	5 19	6 41	5 50	4 11	3 35	1 56	348
14	7 20	4 30	5 18	6 41	6 45	4 52	4 30	2 37	349
15	7 21	4 30	5 18	6 42	7 37	5 37	5 22	3 22	350
16	7 22	4 30	5 18	6 42	8 25	6 26	6 10	4 11	351
17	7 22	4 31	5 18	6 42	9 9	7 18	6 44	5 3	352
18	7 23	4 31	5 18	6 42	9 49	8 13	7 34	5 58	353
19	7 23	4 31	5 18	6 42	10 26	9 10	8 41	6 55	354
20	7 24	4 32	5 18	6 42	11 0	10 7	8 55	7 52	355
21	7 25	4 32	5 18	6 42	11 32	11 6	9 17	8 1	356
22	7 25	4 32	5 18	6 42	0 t 3	11 36	9 48	9 51	357
23	7 26	4 33	5 18	6 42	0 34	0 m 7	10 19	9 22	358
24	7 26	4 33	5 18	6 42	1 6	1 10	10 41	10 55	359
25	7 26	4 34	5 18	6 42	1 44	2 16	11 26	0 m 1	360
26	7 27	4 34	5 18	6 42	2 21	3 25	0 t 6	1 10	361
27	7 27	4 35	5 18	6 42	3 7	4 35	0 42	2 20	362
28	7 27	4 36	5 18	6 42	4 0	5 46	1 55	3 31	363
29	7 28	4 37	5 18	6 42	5 1	6 55	2 46	4 40	364
30	7 28	4 38	5 18	6 42	6 8	7 57	3 43	5 42	365
31	7 28	4 39	5 18	6 42	7 18	8 51	5 3	6 36	366

## TEMPERATURA MEDIA.

Lisboa.....	10º,86 C.	Rio de Janeiro.....	25º,83 C.
Paris.....	3º,56 C.	Londres.....	6º,29 C.
Madrid.....	8º,85 C.	S. Petersburgo.....	5º,25 C.

# DEZEMBRO.

## JARDINAGEM E AGRICULTURA.

### — Portugal —

Em Dezembro descansar,  
p'ra em Janeiro trabalhar.

A 21 deste mez começa o inverno.

Estamos na verdadeira estação das chuvas, do frio e das geadas. A vegetação parece estacionaria.

**Jardins.** Semeiam-se goivos, valverdes, saudades, boas noutes e mangericões. Plantam-se jasmins, rozeiras, alfazema, craveiros, vergamota, murta e alecrim.

**Hortas e campos.** Semeiam-se chalotas, chicoreia, acelga, alfaces, salsa, couve, ervilhas trepadeiras, rabanos e rabanetes, cebollas e nabos. Acabam-se as plantações do outomno. É muito necessario uma sacha e convem mondar repetidas vezes. Plantam-se couves e as chireas, semeadas no mez anterior. Preparam-se as vallaç d'esgoto. Continuam-se a semear ervilhas, favas, batatas, trigo, cevada e centeio.

**Pomares, vinhas, arvoredos.** Abrigam-se das geadas os viveiros das laranjeiras. Passadas as geadas, fazem-se plantações de todas as qualidades d'arvores, enxertam-se pereiras. Continuam as podas; abaixam-se e plantam-se vides. Semeiam-se, em viveiros, castanheiros, e carvalhos. Cortam-se lenhas e madeiras. Continua a apanha das folhas velhas.



## EQUAÇÃO DO TEMPO.

O movimento do sol não é regular, como o movimento dos relógios. O sol accelera-se umas vezes, outras retarda-se, e outras parece estacionario.

Para facilidade do cômputo do tempo, crearam os astrônomos um sol regular, dando o nome de *tempo medio* aos seus movimentos. A differença entre o movimento verdadeiro e o movimento ideal, dá-se o nome de *equação do tempo*. Se ao meio dia, marcado n'uma boa meridiana, não corresponder o meio dia d'um relógio, dá-nos a equação do tempo os minutos e segundos, em que devemos adiantar ou atrazar o mesmo relógio, para corresponder o *tempo medio* ao *tempo verdadeiro*.

Na tabella da equação do tempo a palavra *antes* mostra que o sol se accelera n'esse dia e a equação do tempo indica minutos e segundos *antes* do meio dia verdadeiro.

A palavra *depois* mostra que o sol se retarda n'esse dia, e a equação do tempo indica os minutos e segundos *depois* do meio dia verdadeiro.

## TABELLA DA EQUAÇÃO DO TEMPO.

DIAS DO MEZ.	Janeiro.		Fevereiro.		Março.							
	LISBOA.	RIO DE J.	LISBOA	RIO DE J.	LISBOA.	RIÓ DE J.						
	m.	s.	m.	s.	m.	s.						
5	5	42	5	50	14	18	14	20	11	44	11	40
10	7	50	7	57	14	32	14	31	10	30	10	26
15	9	Depois 44	9	Depois 49	14	Depois 26	14	Depois 23	9	Depois 18	9	Depois 2
20	11	Depois 21	11	Depois 24	14	Depois 1	13	Depois 58	7	Depois 40	7	Depois 34
25	12	Depois 39	12	Depois 42	13	Depois 20	13	Depois 16	6	Depois 8	6	Depois 2
30	13	36	13	39			12	44	4	35	4	30
<b>Abril.</b>												
5	2	Depois 46	2	Dep. 49	3	29	3	28	1	Antes 55	1	Antes 49
10	1	Depois 21	1	Dep. 17	3	49	3	48	0	Antes 59	0	Antes 53
15	0	2	0	2	3	Antes 55	3	Antes 53	0	Antes 1	0	Antes 8
20	1	7	1	Antes 11	3	Antes 46	3	Antes 44	1	Depois 6	1	Depois 13
25	2	Antes 7	2	Antes 9	3	Antes 25	3	Antes 20	2	Depois 10	2	Depois 18
30	2	Antes 55	2	Antes 55	2	51	2	45	3	Depois 11	3	Depois 20
<b>Maio.</b>												
<b>Junho.</b>												
<b>Julho.</b>												
5	4	8	4	15	5	42	5	43	1	23	1	29
10	4	56	5	2	5	6	5	5	3	3	3	11
15	5	Depois 34	5	Depois 38	4	Depois 16	4	Depois 13	4	Antes 48	4	Antes 56
20	5	Depois 58	6	Depois 2	3	Depois 12	3	Depois 8	6	Antes 33	6	Antes 41
25	6	9	6	13	1	Depois 56	1	52	8	Antes 18	8	Antes 25
30	6	6	6	8	0	30	0	26	9	57	10	4
<b>Agosto.</b>												
<b>Septembro.</b>												
<b>Outubro.</b>												
5	11	30	11	37	16	14	16	16	9	10	4	5
10	12	54	13	1	15	54	15	55	6	Antes 59	6	Antes 53
15	14	6	14	Antes 12	15	Antes 13	15	Antes 12	4	Antes 37	4	Antes 31
20	15	Antes 4	15	Antes 9	14	Antes 11	14	Antes 8	2	Antes 10	2	Antes 2
25	15	Antes 47	15	50	12	Antes 49	12	45	0	De. 19	0	De. 28
30	16	11	16	13	11	8	11	3	2	De. 47	2	De. 55
<b>Novembro.</b>												
<b>Dezembro.</b>												

# TABELLA DAS MARES

IDADE DA LUA.	LISBOA.								RIO DE JANEIRO.															
	1. <sup>a</sup>		1. <sup>a</sup>		2. <sup>a</sup>		2. <sup>a</sup>		1. <sup>a</sup>		1. <sup>a</sup>		2. <sup>a</sup>		2. <sup>a</sup>									
	Preamar		Baixamar		Preamar		Baixamar		Preamar		Baixamar		Preamar		Baixamar									
	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m								
1	3	t	18	9	t	30	3	m	42	9	m	54	2	m	57	9	m	9	3	t	21	9	t	33
2	4		6	10		48	4		30	10		42	3		45	9		57	4		9	10		21
3	4		51	11		6	5		18	11		30	4		33	10		45	4		57	11		9
4	5		42	11		54	6		6	0	t	18	5		21	11		33	5		45	11		57
5	6		30	0	m	42	6		54	1		6	6		9	0	t	21	6		33	0	m	45
6	7		18	1		30	7		42	1		54	6		57	1		9	7		21	1		33
7	8		6	2		18	8		30	2		42	7		45	1		57	8		9	2		21
8	8		54	3		6	9		18	3		30	8		33	2		45	8		57	3		9
9	9		42	3		54	10		6	4		18	9		21	3		33	9		45	3		57
10	10		30	4		42	10		54	5		6	10		9	4		21	10		33	4		45
11	11		18	5		30	11		42	5		54	10		57	5		9	11		21	5		33
12	0	m	6	6		18	0	t	30	6		42	11		45	6		57	0	m	9	6		21
13	0		54	7		6	1		48	7		30	0	t	39	6		45	0		57	7		9
14	1		42	7		54	2		6	8		18	1		21	7		33	1		45	7		57
15	2		30	8		42	2		54	9		6	2		9	8		21	2		33	8		45
16	3		18	9		30	3		42	9		54	2		57	9		9	3		21	9		33
17	4		6	10		18	4		30	10		42	3		45	9		57	4		9	10		21
18	4		54	11		6	5		18	11		30	4		33	10		45	4		57	11		9
19	5		42	11		54	6		6	0	m	18	5		21	11		33	5		45	11		57
20	6		30	0	t	42	6		54	1		6	6		9	0	m	21	6		33	0	t	45
21	7		18	1		30	7		42	1		54	6		57	1		9	7		21	1		33
22	8		6	2		18	8		30	2		42	7		45	1		57	8		9	2		21
23	8		54	3		6	9		18	3		30	8		33	2		45	8		57	3		9
24	9		42	3		54	10		6	4		18	9		21	3		33	9		45	3		57
25	10		30	4		42	10		54	5		6	10		9	4		21	10		33	4		45
26	11		18	5		30	11		42	5		54	10		57	5		9	11		21	5		33
27	0	t	6	6		18	0	m	30	6		42	11		45	5		57	0	t	9	6		21
28	0		54	7		6	1		48	7		30	9	m	33	6		45	0		57	7		9
29	1		42	7		54	2		6	8		18	1		21	7		33	1		45	7		57
30	2		30	8		42	2		54	9		6	2		9	8		21	2		33	8		45

d'um augmento de excitabilidade. Assim os 5 estames da parnassia curvam-se sobre o centro da flôr, para se applicarem sobre o pistilo.

A luz é tambem causa de varios movimentos, que se manifestam nas flôres. Tal é o que se vê no girasol, cuja tendencia para a luz ainda não é das mais pronunciadas.

Existem flôres que se abrem e feixam em certas horas do dia: o que deu lugar á formação do relógio de Flora ideado por Lineu.

Outras flôres ha tambem, que pela influencia da luz se abrem de noite e fecham de dia, e vice-versa: taes são as *boas-noites* e os *bons-dias*.

Tal é a influencia deste agente physico sobre as plantas, que muitos dos seus ramos se afastam e desviam da direcção natural a fim de se dirigirem para os lugares mais illuminados.

Monte-mór-o-Velho. = J. M. R. A. G. MENDANHA.



## NA PRAIA:

Na espadua negra de crestada penha  
 Fremente a vaga se desfaz em espuma;  
 Em furna algosa o vendaval braveja,  
 Abre-se o abysmo, que estuando fuma!

Phantasma livido a extensão dos mares  
 Se envolve em frio, pardacento vêu,  
 Sudario immenso de gigante enorme,  
 Que tem por campa a amplidão do céu.

É sem limite a cerração medonha;  
 Da noite o dedo impõe silencio ao ar,  
 Só dos trementes pavorosos labios  
 Sua voz desprende o truculento mar.

Na nudez funda dos desertos d'alma  
 O lucto obumbra os pensamentos meus,  
 Legiões sombrias, que esvoaçam timidas  
 Quaes maripozas, ao clarão de Deus.

E eu só, pendido sobre o eterno enigma,  
 As trevas densas com horror palpei!...  
 Par'ceu-me o mundo recuar ao cahos,  
 E alem do mundo a minha voz soltei.

«Sublime lynce, ó Fé que lês no incognito,  
 «Que vês na sombra, que a razão circumda,  
 «Abre-me o livro da sapiencia augusta,  
 «De Deus, escripto pela mão fecunda.

«Abre-me o livro, d'onde foge a duvida,  
 «Fonte de balsamo á pungente dôr;  
 «Abre-me o livro, que uma só palavra  
 «Enche e perfuma repetindo — amor».

E eu quasi immerso em desalento extremo  
 Aos pés do Eterno a minha dôr vazei...  
 Correu minh'alma a Deus, qual rio aos mares  
 E em Deus somente a paz, e luz achei.

Vianna — Novembro de 1867. — B. WERNÉCK.

---

## COLONIAS PORTUGUEZAS.

As colonias, ou antes os municipios, que ainda possuimos no ultra-mar, podem classificar-se assim:

Na Europa, o archipelago dos Açores.

Na Africa occidental, as ilhas de Porto Sancto, Madeira, e Desertas: as ilhas, ou archipelago de Cabo Verde, e a Senegambia portugueza, ou Guiné de Cabo Verde: as ilhas de S. Thomé e do Principe, e a fortaleza de S. João Baptista de Ajuda, na Costa de Mina: Ambriz, Angola, Benguela, Cabinda, Molembo, e Zaire, posto que se nos dispute o direito á posse d'estes tres ultimos pontos.

Não trataremos do minuto nem do segundo: contentar-nos-hemos com estudar o dia, e a sua divisão em horas.

Notaremos antes d'isso, que ha duas especies de tempo, o verdadeiro e o medio: o primeiro, indicado pelos movimentos reaes do sol; o segundo, pelas deslocações regulares d'um sol ficticio, que descreve um circulo, que tem por centro a terra.

A duração da revolução do sol ficticio é exactamente igual á do sol verdadeiro; e como o seu movimento é uniforme, as numerosas desigualdades, que os dias, determinados pelo sol verdadeiro, apresentam, desaparecem completamente, e os dias solares são iguaes entre si.

### **Dia.**

O dia é o intervallo, que separa duas passagens consecutivas do sol pelo mesmo meridiano, que é o plano vertical, em relação ao horisonte d'um lugar, que passa pelos pólos do mundo.

Como a passagem do sol pelo meridiano, é um phenomeno que pôde facilmente observar-se, nada mais natural do que tomar esta passagem para a origem do dia.

Nem sempre comtudo assim aconteceu.

Os antigos escolheram um phenomeno mais sensivel, cujos effeitos eram visiveis para todos: foi umas vezes o nascer do sol, outras o seu occaso. Mas como a influencia da atmosphera alterava o instante do nascimento ou do occaso do astro, resultavam erros multiplos, que não deviam permittir aos moderuos seguir este methodo de contar os dias, methodo que torna quasi impossivel o uso dos relógios para a divisão d'estes periodos.

Os gregos chamavam *nyctemero* (noite e dia) ao dia completo de 24 horas.

Em todos os tempos o *nyctemero* tem sido dividido em 24 horas, porem o ponto de partida para esta divisão tem variado nos differentes povos.

Os chaldeos, os persas e os assyrios faziam começar o seu *nyctemero* ao nascer do sol.

Para os judeus começava ao pôr do sol: e esta divisão foi adoptada pelas gregos e chinezes.

Ha poucos annos, ainda os italianos faziam começar o *nyctemero* ao pôr do sol, e o dividiam em 24 horas iguaes, contadas sem interrupção de 0 a 24.

Os astrónomos modernos adoptaram este systema.

O dia divide-se em civil, astronómico e religioso.

A maior parte dos povos civilisados começam o dia civil á meia noite, e dividem-no em dois periodos iguaes de 12 horas cada um.

O dia astronómico começa 12 horas depois do dia civil.

O dia religioso, dos officios e jejuns da egreja, está em harmonia com o dia civil.

### **A semana.**

As phases da lua, que se reproduzem proxiamente todos os sete dias, foram provavelmente as que deram a primeira idéa de grupo de dias, conhecido com o nome de semana: do mesmo modo que a duração da revolução da lua deu origem ao mez.

Vemos, com effeito, que a semana só é adoptada na antiguidade pelos povos, que tinham conhecimentos astronomicos bastante desenvolvidos, como os chinezes, os egypcios, os chaldeus, e os arabes; ao passo que os povos, onde o estudo dos astros estava menos cultivado; como os romanos, os gregos, e os cartaginezes, não tinham noção nenhuma d'este periodo.

Dois povos somente fazem excepção a esta regra. Os judeus tinham a semana, apesar dos seus poucos conhecimentos astronomicos; e parece que este uso proviêra da tradição dos 7 dias, empregados pelo Creador na formação do mundo. Os persas, que parece não terem despresado o estudo da astronomia, não usavam da semana, ignorando-se o motivo.

Seja o que for, a semana foi desconhecida por todos os povos da Europa, até ao 3.º seculo da era christã, epocha, em que penetrou na Grecia, e foi immediatamente adoptada por toda a christandade.

Qual é o primeiro dia da semana?

É difficil responder a esta pergunta:

Para os judeus era o último dia o *Sabbath*, e corresponde ao nosso sabbado.

Não ha uma razão séria para fazer começar a semana n'este ou n'aquelle dia. É costume geralmente, entre os povos christãos, considerar o domingo como o primeiro dia da semana.

As denominações dos dias foram deduzidas dos sete principaes planetas conhecidos dos antigos: só os romanos e nós portuguezes lhes damos os nomes de fériias. As outras nações dão á segunda feira o nome de dia da lua, á terça o de dia de Marte, a quarta o de Mercurio, á quinta o de Jupiter, á sexta o de Venus, e ao sabbado o de Saturno.

A designação de fériias proveio de serem dias de trabalho; ainda é usual o dizer-se — pagar as fériias, por pagar os dias do trabalho. Hoje dá-se em geral o nome de fériias ao tempo de descanso.

### ● mez.

Depois do sol, é a lua o astro que mais nos interessa. A rapidez de suas revoluções, as apparencias diversas que apresenta, e lhe constituem as *phases*, a grandeza do seu diametro apparente, que excede ás vezes o do sol, a claridade que espalha sobre a terra, na ausencia do astro do dia, tudo prende a attenção do observador menos curioso. É por isso que vemos, em todas as epochas, servir a lua para a determinação do tempo.

Assim como as quatro phases principaes do nosso satellite foram a origem provavel da semana: assim a duração da sua revolução é a origem do mez.

A duração d'este periodo é de *vinte e nove dias e meio* proxivamente.

Os primeiros annos não eram mais que lunações; e o uso de dividir o tempo em periodos de 29 ou 30 dias, foi sempre universalmente adoptado. Os mohametasos contam ainda por luas; e as tribus semi-selvagens dos dous mundos não conhecem outras divisões do tempo.

Encontra-se na ethymologia da palavra mez uma pro-



va evidente, de que a lua tem um papel importante na creação do mesmo mez.

Em grego, *méné* significa lua, e *mén*, mez. Em inglez, *moon*, significa lua, e *mout*, mez. Em allemão, *monat* mez, não pôde derivar senão de *der mond*, a lua.

Vê-se pois que o mez deriva das revoluções da lua, e que este periodo é anterior ao anno.

A duração do mez lunar não está em relação directa com a do anno. Não ha n'um anno um numero exacto de lunações.

Os egypcios tinham mezes eguaes, cuja duração era de 30 dias.

Os gregos tinham 12 mezes, cuja duração era alternadamente de 29 e 30 dias.

Os mezes de Romulo, em numero de 10, tinham 30 ou 31 dias. D'estes mezes, eram quatro designados por nomes de divindades; os outros pelo numero d'ordem. Eram: *Martius*, de *Marte*, deus da guerra, com 31 dias—*Aprilis*, de *aperire*, abrir, ou de *aphrodita*, um dos nomes de Venus, com 30 dias—*Maius*, de *Maisa*, mãe de Mercurio, com 31 dias—*Junius*, de *Juno*, com 30 dias—*Quintilis*, 5.º mez, com 31 dias—*Sextilis*, 6.º mez, com 30 dias—*September*, 7.º mez, com 30 dias—*October*, 8.º mez, com 31 dias—*November*, 9.º mez, com 30 dias—*December*, 10.º mez, com 30 dias.

A estes mezes accrescentou Numa outros dous: *Januarius*, de *Janus*, e *Februarius*, de *Februs*, Deus dos mortos, ou de *februalia*, sacrificio expiatorio. Estes dous mezes, collocados primitivamente no fim do anno, são actualmente os primeiros: o que tira toda a significação ordinal aos nomes dos ultimos.

À medida que a civilisação se tem estendido pelos povos, tem as relações sociaes tomado um grande desenvolvimento; e d'ahi veio a necessidade de fixar d'um modo invariavel a duração do mez.

Actualmente, é de 30 ou 31 o numero de dias de cada mez. Por excepção tem o mez de Fevereiro 28 nos annos ordinarios, e 29 nos bissextos.

## ● anno.

Anno é o tempo que a terra gasta em fazer uma rotação em volta do sol.

A palavra *anno* vem do latim *annus*, cuja significação primitiva era sem duvida a de *circulo*; ao menos a julgar pelo seu derivado *annulus*, que quer dizer *pequeno circulo*.

Os antigos representaram sempre o anno, ou por um circulo, ou por um symbolo, cuja forma se aproximava da circular. Foi por isso que os egypcios adoptaram para representar o anno uma serpente mordendo a cauda, symbolisando d'este modo o indefinido do tempo.

Os persas adoptaram o anel, que tinha a mesma significação, que entre os egypcios a serpente.

Desde a mais remota antiguidade, sempre a ideia d'um movimento circular e periodico acompanhou a ideia d'anno: e esta unidade de tempo tem sido constantemente determinada por um movimento, que, depois de findar, se reproduz do mesmo modo a nó mesmo tempo. Este movimento é o movimento apparente do sol, contado até ao mesmo ponto do céu.

O anno não pôde ser portanto senão a representação exacta d'um movimento circular.

Nos povos em que o anno lunar prevaleceu ao solar, não houve datas fixas para o principio do anno. Com effeito, sendo os annos lunares sempre mais pequenos que os solares, o dia inicial não podia ter uma posição fixa em relação ás estações, nem ser designado por uma data fixa d'um calendario solar. E por essa razão que o primeiro dia do anno Musulmano, o 1.º *moharen*, percorre successivamente as diversas datas do nosso calendario.

Quando Julio Cesar reformou o anno de Numa, escolheu o mez de *Janeiro* para comêço do anno.

As nações modernas tem tido nas diversas epochas da sua historia diferentes datas para esta origem.

As nações christãs tem o primeiro de Janeiro como primeiro dia do anno.

## CYCLOS CHRONOLOGICOS.

### Cyclo Lunar.

As phases da lua succedem-se nos mesmos dias do mez, de 19 em 19 annos ; e esta circumstancia aproveita-se no calculo das phases lunares.

Descoberto na Grecia por Meton, de tal modo maravilhoso este periodo os athenienses, que fizeram inscrever em *letras d'ouro*, na cidade d'Athenas, o numero da ordem do anno no cyclo : e d'ahi vem a denominação de *aureo numero*, com que esse numero é designado.

Este periodo não é d'uma exactidão absoluta. Os phenomenos luni-solares voltam nas mesmas datas, mas a hora da appareição varia d'um periodo a outro.

Segundo as computações dos chronólogos, começou este cyclo 1 anno antes da era christan. Ter-se-hia portanto o aureo numero d'um anno, ajunctando-se-lhe 1, e dividindo-se a somma por 19. O resto será o aureo numero procurado.

Se o resto fór zero, será o anno que se considera, o ultimo do cyclo: se fór 1, será o 1.º

Em 1868 será o calculo  $\frac{1868+1}{19}$ : o que dá 98 de quociente e 7 de resto. Assim, é 7 o aureo numero d'este anno: o que indica ser 1868 o 7.º anno depois do 98.º cyclo, desde a era christan.

### Cyclo Solar.

O cyclo solar é um periodo de 28 annos, em que os dias da semana voltam a cair nos mesmos dias do mez. Não tem referencia alguma aos movimentos celestes; e usa-se especialmente na determinação das *letras dominicaes*, empregadas no calendario em marcar os dias da semana.

Seria um cyclo desnecessario, se os annos constassem d'um numero exacto de dias. Neste caso cahiriam re-

gularmente os dias da semana nos mesmos dias do mez, no decurso successivo dos annos.

A intercalação dos annos bissextos, de 4 em 4 annos, deve o cyclo solar a sua origem.

Segundo os chronólogos, começou este cyclo 9 annos antes da era vulgar.

Assim, obtem-se o anno do cyclo solar, ajunctando-se 9 ao anno, e dividindo-se a somma por 28. O resto da divisão designa o anno do cyclo.

Se o resto fôr zero, será o anno o ultimo do cyclo; e fôr 1, será o 1.º

Em 1868 será o calculo  $\frac{1868+9}{28}$ : o que dá de resto 1,

e do quociente 67.

Assim, é 1868 o 1.º anno depois do cyclo 67.º, desde a era christan.

### Cyclo da Indicção.

Dá-se o nome de *indicção* a um periodo de 15 annos, que não tem por base nenhum phenomeno celeste.

No tempo de Constantino, que passa por creador d'este cyclo, era a palavra *indicção* empregada muitas vezes pelos magistrados: e d'ahi passou provavelmente para o calendario.

Este periodo começou 3 annos antes da era christan, segundo os cálculos dos chronólogos.

Antigamente, nem sempre começava a *indicção* na mesma data do anno. Para evitar erros provenientes d'esta complicação, escolheu o Papa Gregorio VIII o 1.º de Janeiro de 313, para origem do cyclo. E para indicar esta differença, entre a *indicção* usual e a de Gregorio VIII, usa-se da expressão *indicção romana*.

Obtem-se a ordem d'um anno no cyclo da *indicção*, ajunctando-se 3 ao anno, e dividindo-se a somma por 15. O resto é a *indicção* proeurada.

Se o resto fôr zero, será o anno o ultimo do cyclo; se fôr 1, será o 1.º

Em 1868 será o calculo  $\frac{1868+3}{15}$ : o que dá de res

to 11. E' por tanto 11 a indicção de 1868, desde a era christan.

O quociente 124 indica o numero dos cyclos desde então até agora.

### Epacta.

A epacta do anno é a idade da lua no 1.º de Janeiro: e provém da differença de 11 dias entre o anno lunar e o anno solar, começando ambos no mesmo momento da lua nova.

Sendo zero a epacta do 1.º anno, a do 2.º será 11; a do 3.º, 22; a do 4.º, 33, ou antes 3, tirando-se 30 dias, que constituem uma lunação completa: e assim analogamente nos demais annos.

D'este modo poder-se-ha formar um *quadro d'epactas*, que mostre a epacta de cada um dos annos do cyclo de 19 annos, suppondo-se que no 1.º anno do cyclo tenha tido logar a lua nova no 1.º de Janeiro.

Aureo numero	Epacta	Aureo numero	Epacta	Aureo numero	Epacta
1	—	8	XVII	15	IV
2	XI	9	XXVIII	16	XV
3	XXII	10	IX	17	XXVI
4	III	11	XX	18	VII
5	XIV	12	I	19	XVIII
6	XXV	13	XII		
7	VI	14	XXIII		

Quando se passa d'um cyclo para outro, ajuntam-se 12 a cada um dos annos, em vez de 11, a fim de corrigir os erros, produzidos pela falta de exacção absoluta do cyclo.

Obtem-se a epacta d'um anno, diminuindo-se 1 ao aureo numero, multiplicando-se o resto por 11, e dividindo-se o producto por 30. O resto da divisão será a epacta procurada.

Em 1868 será o calculo  $\frac{(7 - 1) \cdot 11}{30}$ : o que dá de res

to 6. E' por isso 6 a epacta de 1868, como se vê egualmente do *quadro das epactas*.

### Lettra Dominical.

Dá-se o nome de lettras dominicaes, ás 7 primeiras lettras maiusculas do alphabeto.

Costumam escrever-se na ordem natural, no calendario ecclesiástico, desde 1 de Janeiro até 31 de Dezembro, sempre invariavelmente e revezadamente. A lettra correspondente aos *domingos* de qualquer anno, dá-se o nome de *lettra dominical* d'esse anno.

Designando a lettra *A* o dia 1 de Janeiro, designará a lettra *B* o dia 2, a lettra *C* o dia 3, e assim analogamente. A lettra *A* designará egualmente o dia 31 de Dezembro; por isso que o ultimo dia do anno é sempre o mesmo dia do principio.

Designando assim a lettra *A* o 1.º dia do 1.º anno do cyclo solar, designará então a lettra *B* o 1.º dia do 2.º anno do mesmo cyclo, a lettra *C* o 1.º dia do 3.º anno, e assim seguidamente.

Como, porém, de 4 em 4 annos ha um anno bissexto, com 366 dias em logar de 365, saltar-se-ha n'este bissexto 1 dia de 4 em 4 annos, e uma lettra dominical egualmente.

E' por isso, que nos annos bissextos ha duas lettras dominicaes: uma, até 23 de FEVEREIRO; e outra, desde então até o fim do anno.

E' facil de reconhecer esta ordem de successão, formando-se um *quadro periodico das lettras dominicaes*.

Annos do cyclo solar.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	...
Lettras Dominicaes.	A	B	C	DE	F	G	A	BC	D	...

Para se obter de prompto a lettra dominical d'um anno, determina-se o *cyclo solar* correspondente, ajuntando-se 9 a esse anno, e dividindo-se a somma por 28: e o resto será o anno do cyclo.

Defronte do numero que o designar, achar-se-ha immediatamente, no *quadro das letras dominicaes*, a *letra dominical* respectiva.

1	E	D	5	G	F	9	B	A	13	D	C	17	F	E	21	A	G	25	C	B
2	C	6	E	10	G	14	B	18	D	22	F	26	A	30	C	4	B	8	F	E
3	B	7	D	11	F	15	A	19	C	23	E	27	G	31	A	5	D	9	F	E
4	A	8	C	12	E	16	G	20	B	24	D	28	F	32	A	6	E	10	C	B

Em 1868 é 1 o cyclo solar ; e são por isso E D as letras dominicaes d'este anno.

### Letra do Martyrologio.

As letras do Martyrologio, dispostas ordenadamente no Calendario ao lado dos nomes dos Sanctos, designam em cada dia do anno a idade da lua, conhecida usualmente com o nome d'epacta.

São 30 ao todo, 19 minusculas e 11 maiusculas, dispostas na ordem seguinte :

a	b	c	d	e	f	g	h	i	k	l	m	n	p	q	r	s	t	u			
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX			
A	B	C	D	E	F	F	G	H	M	N	P	XX	XXI	XXII	XXIII	XXIV	XXV	XXVI	XXVII	XXVIII	XXIX

A letra *a* designa a epacta I; a letra *b*, a epacta II; e assim analogamente. A epacta XXX não costuma designar-se numericamente.

Não são necessarias as 30 letras das 30 epactas: bastam sómente 19, correspondentes aos 19 aureos numeros do cyclo lunar.

Dispoem-se na ordem seguinte as letras do Martyrologio, correspondentes aos aureos numeros e epactas do Calendario Gregoriano, desde 1582 até 1699 :

Aur. Numer.	6	7	8	9	10	11	12	13			
Epact.	XXVI	VII	XVIII	XXIX	X	XXI	II	XIII			
Letr. do Mart.	G	g	t	N	k	B	b	n			
14	15	16	17	18	19	1	2	3	4	5	
	XXIV	V	XVI	XXVII	VIII	XIX	I	XII	XXIII	IV	XV
	E	c	r	H	h	u	a	m	D	d	q

As letras do Martyrologio, correspondentes aos aureos numeros, e epactas do Calendario Gregoriano, desde 1700 até 1899, da-se a disposição seguinte :

Aur. Numer.	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	1
Epact.	IX	XX	I	XII	XXIII	IV	XV	XXVI	VII	XVIII	*
Lct. do Mart.	i	A	a	m	D	d	q	G	g	t	P
A. R.	2	3	4	5	6	7	8	9			
C. p.	XI	XXII	III	XIV	XXV	VI	XVII	XXVIII			
L. D.	l	C	c	p	F	f	s	M			

Assim, conhecido o aureo numero, ou a epacta de qualquer anno; ver-se-ha logo, na tabella, a letra do Martyrologio que lhe corresponde.

Em 1868, com 7 d'aureo numero e VI d'epacta, é *f* a letra do Martyrologio.

Por abuso *usual*, costuma designar-se esta letra com *F*, como no caso dos annos de 6 d'aureo numero e XXV d'epacta.

## LETRAS PRINCIPAES.

### Era das Olympiadas.

Os antigos gregos adoptaram um periodo de 4 annos, a que davam o nome de Olympiada, com o intuito de simplificar os cálculos chronologicos.

Tinham para si, que, servindo-se do numero d'ordem do anno, simplificariam a contagem das datas, sem necessidade de empregar numeros grandes, e difficeis de gravar na memoria.

Substituiam, ao methodo natural de numeração, um processo menos commodo e menos vantajoso, pelo uso de duas datas simultaneas em lugar d'uma só.

Diziam: 1.º anno da 1.º Olympiada, ao passo que nós dizemos apenas anno 776 antes da era vulgar, (anno correspondente ao anno da creação do mundo 3228).

As Olympiadas devem a origem aos jogos Olympi-



cos, celebrados de 4 em 4 annos : e datam desde o anno 776 antes de Christo, (A. C.), em que o joven Corebo sahira vencedor nestes jogos.

Esta denominação de jogos Olympicos veio-lhe d'Olympia, cidade da Elida no Peloponeso, hoje Moréa, junto ao rio Alpheu e ao monte Olympo: e deve-se a sua instituição a Iphito, um dos heroes da guerra de Troia.

Começaram a usar-se as Olympiadas, como era chronologica, 108 annos depois da instituição dos jogos ; e cahiram em desuso nos annos de 312 antes da era vulgar.

O 1.º anno da era vulgar cahiu no 1.º anno da Olympida 193.

Antes da era das Olympiadas, a mais famosa da antiguidade, computavam os gregos os annos pelos *archontes*, «os seus primeiros magistrados».

### Era de Roma.

A era da fundação de Roma data do 3.º anno da 6.ª Olympiada da Grecia : anno correspondente ao anno 753 antes da era vulgar, e ao anno 3251 da creação de mundo.

Começa em 21 d'Abril.

Nem todos os chronologos concordam exactamente com este cómputo.

Verrio Flacco, auctor dos *Fastos Capitolinos* no tempo d'Augusto, assignou-lhe por data o 4.º anno da 6.ª Olympiada. Julio Frontino, que florescia no imperio de Nerva e Trajano, pronunciou-se pelo 1.º anno da 7.ª Olympiada.

Usa-se com o nome d'era Catoniana, do nome de Marco Porcio Catão, da era que rebaixa 1 anno á nossa ; e com o nome d'era Pictoriana, do nome de Quinto Fabio Pictor, da que rebaixa 4 annos.

Entre estas opiniões, prevaleceu o computo que seguimos, estabelecido por Marco Terencio Varrão : o que fez dar a esta epocha de 753 o nome d'epocha Varroniana.

É a era adoptada pelos principaes chronologistas.

Usaram d'ella os romanos, desde Julio Cesar até o fim do reinado de Decio, 250 annos antes da era vulgar.

### Era Juliana.

Data a era Juliana desde a reforma de Julio Cesar no calendario romano, adoptado no governo de Romulo na fundação de Roma, e reformado immediatamente no governo de Numa Pompilio.

Deram origem a estas reformas, as discordancias do computo civil com os phenomenos solares. Não houve, com tudo, n'estes accórdos successivos, a exacção que era mister haver.

O quadro comparativo, d'estes cómputos romanos, dá a vêr de prompto as analogias e differenças d'uns com outros.

MEZES ROMANAS.	CALENDARIO DE CESAR		CALENDARIO DE NUMA		CALENDARIO DE ROMULO	
	Ordem	Dias	Ordem	Dias	Ordem	Dias
Januarius.	1. <sup>o</sup>	31	1. <sup>o</sup>	29		
Februarius.	2. <sup>o</sup>	28	2. <sup>o</sup>	28		
Martius.	3. <sup>o</sup>	31	3. <sup>o</sup>	31	1. <sup>o</sup>	31
Aprilis.	4. <sup>o</sup>	30	4. <sup>o</sup>	29	2. <sup>o</sup>	30
Maius.	5. <sup>o</sup>	31	5. <sup>o</sup>	31	3. <sup>o</sup>	31
Junius.	6. <sup>o</sup>	30	6. <sup>o</sup>	29	4. <sup>o</sup>	30
Julius.	7. <sup>o</sup>	31	7. <sup>o</sup>	31	5. <sup>o</sup>	31
Augustus.	8. <sup>o</sup>	31	8. <sup>o</sup>	29	6. <sup>o</sup>	30
Sptember.	9. <sup>o</sup>	30	9. <sup>o</sup>	29	7. <sup>o</sup>	30
October.	10. <sup>o</sup>	31	10. <sup>o</sup>	31	8. <sup>o</sup>	31
November.	11. <sup>o</sup>	30	11. <sup>o</sup>	29	9. <sup>o</sup>	30
December.	12. <sup>o</sup>	31	12. <sup>o</sup>	29	10. <sup>o</sup>	30
Totacs.	12. <sup>m</sup>	365 d.	12. <sup>m</sup>	355 d.	10. <sup>m</sup>	394 d.

Consiste o ponto essencial da reforma Juliana, na contagem successiva d'um anno de 366 dias, depois de cada 3 annos seguidos de 365.

Intercalava Cesar este dia d'acrescimento, entre 24 e 25 de Fevereiro, ficando a ordem dos annos divisivel por 4.

E como este dia 24 era o 6.º antes do 1.º de Março; e o dia intercalado era o 2.º dia 6.º antes do mesmo 1.º de Março; d'ahi veio o nome de bissexto, (duas vezes sexto), a este anno intercalar do calendario.

Esta intercalação, da reforma de Julio Cesar, passou para o calendario christão, com a suppressão de 3 bissextos seculares em cada periodo de 100 annos, na reforma do Pontifice Gregorio XIII em 1582: reforma em que foram supprimidos 10 dias n'esse anno civil, depois do dia 4 d'Outubro, (contando-se o dia immediato como 15 do mez), para o preciso accôrdo do cômputo civil com os phenomenos solares.

Teve logar a reforma Juliana no anno 708 de Roma, anno 46 antes da era vulgar: e por isso começa esta era no anno immediato 45, correspondente a 709.

Intercalaram-se então, no anno da reforma, 67 dias distribuidos em 2 mezes, entre Novembro e Dezembro; além do mez *Mercedonio* de 23 dias, assim denominada de *Mercedona*, (deusa das transacções e dos pagamentos), intercalado no mesmo anno entre 23 e 24 de Fevereiro, como era usual no calendario de Numa, de cada 2 em 2 annos: embora augmentassem, a pretexto d'accôrdo do cômputo, ou diminuíssem os pontifices, os dias do *Mercedonio*.

A este anno de reforma Juliana, constante então de 445 dias distribuidos em 15 mezes, deu-se por este motivo o nome de *anno de confusão*.

### **Era de Nabonassar.**

A era de Nabonassar deve o nome a um monarcha de Babilonia, fomentador dos estudos astronomicos, então em grande progresso na Chaldea.

Data esta era do dia 26 de Fevereiro do anno 747 antes da era vulgar, anno 7 de Roma, anno 2.º da olympiada 8.ª, e anno 3237 do mundo.

Usa d'esta era Censorino, e Ptolomeu no *Canon Mathematico*.

### **Era dos Seleucidas.**

Data esta era, conhecida igualmente com os nomes de era grega antiga, e era syro-macedonica, desde o reinado de Seleuco Nicanor na Syria, 12 annos depois da morte de Alexandre Magno, e 311 annos e 4 mezes antes da era vulgar, conforme a opinião geral. É tambem conhecida com os nomes d'era bicorne, e era dos contractos.

Começou no dia 1 de Setembro, no 1.º anno da olympiada 117, anno 442 de Roma, anno 312 antes da era vulgar, e anno 3672 do mundo.

Esteve em uso por muitos annos na Syria : e os judeus serviram-se d'ella com frequencia até ao seculo 16.º. Ainda hoje a usam alguns arabes, e os Nestorianos e Jacobitas.

Usa-se d'esta era nos livros dos Macabeus na Escripura Sagrada ; e começam-se os annos na primavera, no Livro I ; e no outomno, no Livro II.

### **Era de Constantinopla.**

A era de Constantinopla, conhecida ainda com os nomes de era grega moderna, e era russa antiga, data desde o anno 5509 antes da era vulgar, anno correspondente n'este cómputo ao anno 1 do mundo.

Usaram d'esta era os imperadores do Oriente nos diplomas ; e os russos, até ao imperador Pedro Grande em 1700. Usa-se ainda na egreja grega.

O anno civil começa em 1 de Setembro ; e o anno ecclesiastico, no fim de Março, sem dia exactamente fixo.

### **Era dos Antiochenos.**

A era dos antiochenos, usada em memoria da victoria de Julio Cesar, nos campos de Pharsalia, em 9 d'Agosto do anno 48 antes da era vulgar, começava no Outono.

É frequente na chronica de Eusebio, na chronica de Alexandria, na chronica de João Malala, e na chronica ecclesiastica d'Evagrio. É egualmente conhecida com o nome d'era cesárea d'Anthiochia.

Data do 1.º anno da olympiada 183, anno 706 de Roma, anno 48 antes da era vulgar, e anno do mundo 3936.

### **Era Hispanhola.**

Data esta era, conhecida usualmente com o nome de era de Cesar, desde o anno 38 antes de Christo, (A. C.), anno consecutivo á conquista das Hispanhas por Octavio Cesar Augusto.

Começa em 1 de Janeiro.

Foi muito usada na península, na França, e na Africa.

Deixou d'usar-se na Hispanha desde 1393.

Nas egrejas dependentes de Barcelona, aboliu-se n'um concilio em 1180. No Aragão, aboliu-a Pedro 4.º em 1350. Em Castella, aboliu-a D. João I em 1382.

Em Portugal, só esteve em uso geral até 1422, no reinado d'el-rei D. João I.

Não differe da era vulgar, senão em ter começado 38 annos antes: o que dá a conversão immediata d'uma era em outra.

### **Era dos Martyres.**

A era dos martyres, usada pelos escriptores christãos até a introdução da era vulgar no seculo 6.º, ainda está em uso entre os abyssinios.

Data da aclamação de Diocleciano como imperador romano, no dia 29 d'Agosto do anno 284: e chama-se era dos martyres, pela perseguição que os christãos soffreram no reinado d'este imperador.

E' tambem conhecida com o nome de era de Diocleciano.

Reduzem-se os annos d'esta era a annos da era christã, accrescentando-se-lhes 283 annos e 240 dias.

## Era Mohametana.

A era mohametana, conhecida usualmente com o nome de *hegira*, data desde a fuga de Mohamet para Medina.

Teve isto lugar na noite de 15 de Julho do anno 622; e por isso começa esta era no dia immediato 16.

Convertem-se os annos vulgares em annos da *hegira*, diminuindo-os de 621, (annos decorridos antes da fuga); multiplicando o resto por 34; e dividindo o producto por 33.

Estes 33 a 34 annos, no cómputo mohametano, correspondem sensivelmente a 32 annos dos nossos.

Convertem-se, ao contrario, os annos da *hegira* em annos vulgares, multiplicando-os por 33; dividindo o producto por 34; e ajuntando ao quociente 621.

Obtem-se assim os principios communs dos annos das duas eras.

## Era Judaica.

Até o seculo XV, usavam os judeus da era dos Seleucidas nas datas. Desde então por diante, adoptaram um cómputo proprio, com o nome d'era judaica.

Data esta era da creação do mundo; supposto entre elles 3760 annos, com 3 mezes, antes da era vulgar.

Convertem-se os annos *judaicos* em annos vulgares, diminuindo-os de 3761; e convertem-se os annos *vulgares* em annos judaicos, ajuntando-se-lhes os mesmos 3761.

Obtem-se assim os principios communs dos annos das duas eras.

## Era Christiana.

Segundo o cómputo hebraico da Biblia, nasceu Christo no anno 4:004 da creação do mundo; e segundo o cómputo grego dos *Septenta*, nasceu no anno 5872.

Ambas estas chronologias tem defensores e argumentos de plausibilidade. No entanto, é mais seguido dos chronologistas o cómputo hebraico.

Corresponde o anno do nascimento, n'este cómputo, do meio do 4.º anno da Olympiada 194, e ao anno 753 da fundação de Roma.

Não são só estes dous cálculos, os que dividem os chronologos em relação ao anno do nascimento de Christo, e ao anno da criação do mundo.

Ha mais d'um cento d'opiniões a este respeito.

A opinião generalizada na actualidade, tem o anno 747 de Roma, *como verdadeiro anno do nascimento de Christo*. O que dá uma differença de 7 annos em todas as datas, em relação a este nascimento: *para menos*, antes d'elle, e *para mais*, depois d'elle.

Entre os chronologos mais acurados, passa *como anno verdadeiro do nascimento de Christo*, o anno de Roma 746, sendo consules Caio Asinio Gallo e Caio Marcio Censorino, anno corrente desde as Palilias, (*Festas dos Pastores*), em 21 d'Abril. E é correspondente ao anno 37 d'Augusto, corrente desde a morte de Cesar, em 15 de Março; ao anno Juliano 38; ao anno 768 das Olympiadas, corrente desde o solsticio do verão; e ao anno 3992 da criação do mundo.

A estas datas é que na realidade corresponde o anno 4714 do periodo Juliano, havido sempre entre os chronologos, *como verdadeiro anno do nascimento de Christo*. O que dá, em todas as datas, em relação a este nascimento, não uma differença de 7 annos, mas de 6, contados sempre *para menos* nas anteriores, e *para mais* nas posteriores.

O anno do nascimento de Christo póde considerar-se em relação aos successos anteriores, e em relação aos successos posteriores.

Em ordem aos successos anteriores, está o anno de Christo connexo com o anno da criação do mundo; com as Olympiadas gregas, com a fundação de Roma, e com a era hispanhola; e bem assim com as eras do Nabonassar, dos Seleucidas, e dos Antiochenos.

Em ordem aos successos posteriores, está connexo o anno de Christo com a era vulgar, com a era dos martyres, e com a era mohametana da hegira; e bem assim com as perseguições do Christianismo, com a paz de Constantino, com a divisão do imperio romano em oriental e occidental, com a tomada da Roma pelos godos, com a invasão dos barbaros na Europa e na Africa, com a entrada dos mouros nas hispanhas, e com o novo imperio de Carlos Magno.

## PERIODOS HISTORICOS.

### Lustro.

O periodo de 4 annos, a que os gregos davam o nome de *Olympiada*, era chamado *lustrum* entre os romanos.

Foi creado com o mesmo fim que as olympiadas, e participa dos mesmos inconvenientes.

Não teve sempre o lustrum a mesma duração. Sendo, a principio, de 4 annos; prevaleceu depois o uso de se lhe darem 5: e é n'este sentido que se deve tomar a palavra *lustrum*, na epocha da decadencia do imperio romano.

Ainda actualmente se diz *un lustrum*, para se designar um periodo de 5 annos.

Designava esta palavra, na origem, uma festa expiatoria, instituida por Servio Tullio, e celebrada em epochas regulares. E d'ahi veio por extensão a significação, que geralmente se lhe dá.

### Seculo.

A palavra *seculo* não teve sempre a mesma significação.

Os antigos tinham duas especies de seculos: o *natural* e o *civil*.

E' provavel, que o seculo natural fosse em principio a duração média da vida. Mais tarde, não foi senão, como o seculo civil, um periodo de convenção.

Na origem, foi o seculo natural muito grande: attribue-se-lhe uma duração de 112 até 116 annos. Depois diminuiu rapidamente até aos tempos de Plinio, em que se lhe dava apenas de 25 a 30 annos.

Emquanto ao *seculo civil*, de valor puramente convencional, variou-se-lhe muito a duração; e é difficil determinar-se-lhe um valor exacto. Horacio, por exemplo, dá ao seculo 110 annos.

Actualmente dá-se ao seculo um valor fixo e determinado: é um espaço de 100 annos.

Tem o seculo d'hoje maior utilidade nos usos chronologicos, do que os seculos dos antigos.



Serve para fixar acontecimentos de todas as epochas historicas. Remedeia os inconvenientes que os gregos quizeram evitar, creando as Olympiadas; e tem sobre este periodo a vantagem de ser maior, e não exigir calculo da parte do leitor para a determinação exacta da epocha em que os acontecimentos tiveram logar.

### **Periodo Juliano.**

O *periodo Juliano*, cyclo assim chamado em honra de Julio Escaligero, consta de 7980 annos. Este numero não é arbitrario: é produzido pelo producto dos n.º 19, 28, e 15, duração dos 3 cyclos geraes: *lunar*, *solar*, e da *indicção*.

José Escaligero, filho de Julio Escaligero, quiz dar-lhe por origem o anno do comêço simultaneo dos 3 cyclos, de que o periodo se compõe. E remontando de cyclo em cyclo, achou ser o anno 4713, antes da era vulgar, o anno d'estes cyclos simultaneos.

O cyclo d'Escaligero presta grandes serviços á chronologia, permittindo verificar immediatamente a que data corresponde um anno dado, pela sua correlação com cada um dos 3 cyclos.

Póde servir tambem, pela sua grande extensão, para determinar exactamente as epochas dos acontecimentos, que precederem ou seguirem a era christan.

Para obter-se o anno do periodo Juliano, correspondente a um anno qualquer, ajunta-se-lhe 4713: e a somma é o anno procurado.

O anno de 1868 é o anno 6581 do periodo Juliano: 1868 e 4713 fazem com effeito 6581.

O anno do periodo Juliano, correspondente a qualquer anno, dá immediatamente, pelos restos das divisões por 19, 28, e 15, os annos dos cyclos *lunar*, *solar*, e *de indicção*.

Em relação a 1868, dá o anno 6581 do periodo Juliano, pelas divisões por 19, 28, e 15, os restos 7, 1, e 11. E estes numeros exprimem effectivamente os annos dos cyclos *lunar*, *solar*, e *de indicção* n'este anno.

## CALENDARIOS ESPECIAES.

### Calendario Russo.

Entre os russos, não se usa do calendario christão reformado em 1582, no pontificado do Papa Gregorio XIII, segundo o plano de Lilio, medico e astrónomo veronez.

Usa-se ainda do calendario *romano*, reformado no governo de Julio Cesar, como pontifice maximo, no anno 46 antes da era vulgar, segundo as insinuações do astrónomo *Sostigenes* da eschola d'Alexandria.

Dá-se a este cómputo *Juliano* o nome usual de *estylo velho*, em anthese ao nome usual de *estylo novo*, com que se costuma designar o cómputo *Gregoriano*.

Alem da Russia, com os christãos do rito grego, nenhuma das nações da Europa usa do cómputo *Juliano*.

Entre as datas russianas e as datas europeas, ha neste seculo uma differença de 12 dias, que os russos nos levam d'atrazo : e haverá sempre, ainda mais um dia a maior, por cada seculo que fôr decorrendo.

Assim, o dia 10 de Julho entre os russos, é entre nós o dia 22 do mesmo mez : e o dia 25 d'Agosto, entre elles, é entre nós o dia 6 de Setembro.

Em tudo o mais, dá-se plena concordancia entre o calendario russo, e o calendario christão.

Na designação das datas russianas, costuma-se designar cada um dos *estylos* ; e escrevem-se em fórma de fracção, com o *estylo velho* em numerador, e o *estylo novo* em denominador.

Assim, as datas  $\frac{10}{22}$  Julho,  $\frac{25}{6}$  Agosto, são a expressão usual das nossas datas d'exemplo.

### Calendario Judaico.

O anno Judaico não começa em 1 de Janeiro, como o anno christão, com principio commum ao calendario sagrado e ao calendario civil.

No cómputo israelita, usa-se de duas especies d'annos: o *civil* e o *sagrado*.

Amboz estes annos constam de 12 mezes *lunares*, cada um d'elles de 29 e 30 dias, como no calendario dos mohametanos.

Dão-lhe os judeus os nomes de *Schebath* (30 dias), *Adar* (29 dias), *Nisan* (30 dias), *Iiar* (29 dias), *Sivan* (30 dias), *Tamuz* (29 dias), *Ab* (30 dias), *Elul* (29 dias), *Tischri* (30 dias), *Schesvan* (29 dias), *Kaslev* (30 dias), e *Thebet* (29 dias), na mesma ordem do nosso calendario. O mez de *Schebath* corresponde a Janeiro, começando n'este anno no dia 25; e o mez de *Thebet* a Dezembro, começando no dia 15.

Ao mez de *Schesvan* dá-se com frequencia o nome de *Marschesvan*; e consta alternadamente de 29 e 30 dias, na ordem successiva dos annos, assim como o mez de *Kaslev*.

O dia dos israelitas não começa á meia-noite, como o nosso: começa ás 6 horas da tarde.

De 7 dias successivos, a começar em domingo, forma-se a semana entre elles, como entre nós: mas o *sabbado* é para os judeus o dia do descanso, e não o domingo. Dão áquelle dia o nome de *Sabbat*.

A sexta-feira é para elles o dia de *parascève*, (preparação para o sabbado).

Dá-se o nome de *Kebia* á semana da Paschua, festividade começada ao anoitecer do dia *quatorzeno* do mez de *Nisan*, e guardada por espaço de 8 dias.

O *anno sagrado*, coordenado em relação ao cómputo religioso, começa na primavera na *neomenia*, (dia do novo-lunio), de que o *quatorzeno*, ou cahe no dia do *equinocio vernal*, ou logo depois d'esse dia. Começa no mez de *Nisan*, que vem a cahir entre nós em Março e Abril; e vem a ser o 7.º do *anno civil*, consagrado aos cómputos sociais.

O mez de *Tischri*, 7.º do anno sagrado, é o 1.º mez do *anno civil*, começado entre os hebreus no outomno; e vem a cahir entre nós em Setembro e Outubro.

Os annos civis são de duas especies: *communis* e *intercalares*.

Os *annos communis* são de tres especies: annos *ordi-*

*narios*, de 354 dias; annos *defectivos*, de 353 dias; e annos *abundantes*, de 355 dias.

A fim de haver concordancia entre o cómputo do anno, e o giro do sol, intercalam os judeus no calendario um 13.º mez, 7 vezes em cada periodo de 19 annos: o que constitue o *cyclo judaico*.

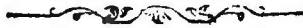
Intercala-se este mez *embolismico*, de 29 dias, nos annos 3.º, 6.º, 8.º, 11.º, 14.º, 17.º, e 19.º de cada cyclo; e dá-se-lhe o 5.º logar na ordem dos mezes do anno, com o nome de *Veadar*.

Estes annos intercalares são de tres especies, como os annos communs: são de 384 dias, e de 383 e 385.

O cyclo judaico de 19 annos começou a ser adoptado por Hillel, no anno 360 da era vulgar. Data desde então o calendario usual dos Judeus.

Nos primeiros tempos era por extremo irregular a divisão do anno israelita. No tempo do captiveiro de Babilonia, começou a dar-se-lhe melhor disposição, com a adopção dos mezes dos chaldeus, e dos seus cyclos d'intercção. Data no entanto, do tempo d'Esdras, e sobretudo da epocha dos Machabeus, a computação mais regular do calendario judaico.

Antes d'este captiveiro não davam os hebreus aos mezes nomes especiaes: costumavam designal-os sómente por n.º *ordinaes*, desde 1 até 12. Davam apenas, no *cómputo sagrado*, os nomes de *Abib*, *Sif*, *Schala*, *Ethanim*, e *Bul* aos mezes 1.º, 2.º, 6.º, 7.º, e 8.º: (*Nican*, *Iar*, *Elul*, *Tischri*, e *Schesvan*).



## CALENDARIO MOHAMETANO.

O anno mohametano não começa em 1 de Janeiro, como o anno christão. Começa no mez de *Moharrem*, que nos ultimos annos tem cahido entre nós em Abril e Maio. O mez de Janeiro tem cahido n'estes mesmos annos, entre os mohametanos, nos mezes de *Ramadân* e *Schewwâl*.

O anno mohametano é exclusivamente lunar, com mezes alternados de 29 e 30 dias, á similhaça do cómputo judaico; e cada um dos mezes começa sempre na *neoménia*, (dia do novilunio).

Dão aos mezes os nomes de *Schewwâl* (29 d.), *Dstâ'l-kadeh* (30 d.), *Dstâ'l-hedje* (29 d.), *Moharrem* (30 d.), *Sâfar* (29 d.), *Rebt el awwel* (30 d.), *Rebt el accher* (29 d.), *Djemâdi el awwel* (30 d.), *Djemâdi el accher* (29 d.), *Redjeb* (30 d.), *Schabân* (29 d.), e *Ramadân* (30 d.), na ordem do nosso calendario.

O anno commum consta de 354 dias; e, sendo o ultimo dos mezes de 30, de 355.

Os dias mohametanos não começam como os nossos: começam á tarde, e acabam na manhã seguinte.

De 7 dias successivos, a começar em domingo, forma-se a semana entre elles, como entre nós: mas a *sexta-feira* é que é para os mohametanos o dia de feriado, como para nós o domingo.

Dão a este dia de feriado o nome de *yum el dju'mada*, e mais usualmente só o nome de *djuma*.

Os dias 13, 14, e 15 de cada mez são considerados pelos musslemeanos como dias felizes.

O dia do anno novo retrograda 10 a 11 dias por anno, em cada anno do nosso calendario, em virtude da mobilidade dos mezes.

A fim d'haver concordância entre o cómputo do anno, e o giro do sol, intercalam os mohametanos no calendario 11 dias, em cada periodo de 30 annos: o que constitue o *periodo mohametano*.

Dão para isso 30 dias, em logar de 29, ao ultimo mez do anno, (*Dstâ'l-hedje*), nos annos 2.º, 5.º, 7.º, 10.º, 13.º, 15.º, 18.º, 21.º, 24.º, 26.º, e 29.º de cada cyclo.

A estes annos intercalares, de 355 dias, dá-se o nome de *kebises*.

Apesar da simplicidade d'esta correcção, o geral dos musselmanos não usa d'ella nos annos intercalares. Serve-se apenas da observação da lua.

E como isto pôde dar lugar a erros locaos, conforme a maior ou menor promptidão da mesma observação; d'ahi vem o apparecer com frequencia, entre os paizes mohametanos, 1 ou 2 dias de differença nas datas.

O anno de 1868 correspondê á ultima parte do anno 1284 do calendario mohametano, e á primeira parte do anno 1285, a contar desde o dia immediato á fuga de Mohamet para Medina, accoetecida na noite de 13 de Julho de 622, anno 5335 do periodo Juliano.

Desde esse dia, 16 de Julho, data a *era mohametana*, conhecida usualmente com o nome de *hegira*, significativo de fuga.

O anno mohamctano 1285 começa em 24 d'Abril de 1868: o anno 1284 começou em 5 de Maio de 1867.

O *Ramadán* do anno 1285, mez d'abstinencia entrê os mohamctanos, como entre nós na quaresma, começa em 16 de Dezembro de 1868. O *Ramadán* do anno 1284 começou em 27 de Dezembro de 1867.

No *Ramadán* apenas é permittido comer-se de noite: de dia, guarda-se o jejum mais austero.

As maiores festividades dos musselmanos são as do *Beiram*.

O *Beiram do Scheiwál*, (grande festa, festa do sacrificio, festa das victimas), é a Paschua mohametana: e dão-lhe geralmente os nomes de *Aid el Kebir*, *Aid el Korban*, e *Aid el Adhha*. É a festividade do *Beiram* menor. O *Beiram do Dsil'hedje*, (celebração do fim do jejum, festa do regosijo, festa da oração nas mesquitas), é o *Beiram* maior. Dão-lhe geralmente os nomes de *Aid el Saghir* e *Aid el Fohu*.

---

## CALENDARIO TURCO.

Entre os turcos, ha duas especies de mezes, como entre nós : *mezes solares* e *mezes lunares*.

Os mezes *lunares* são moveis ; e durante cada periodo de 32 annos, vem a corresponder successivamente a cada um dos nossos mezes.

Os nomes dos mezes *solares* assimilham-se um pouco aos nomes dos mezes judaicos.

Dão-lhe os turcos os nomes de *Kânûnt s'âni*, *Schubât*, *Mârt*, *Nisân*, *Aiyâr*, *H'azîrân*, *Temâz*, *Ab*, *Etlûl*, *Teschrîni ewwel*, *Teschrîni s'ânî*, o *Kânûnt ewwel*, na mesma ordem do nosso calendario. O mez de *Kânûnt s'âni* corresponde a Janeiro ; e o mez de *Kânûnt ewwel*, a Dezembro.

Os nomes dos mezes *lunares* assimilham-se geralmente aos nomes dos mezes mohametas.

Dão-lhe os turcos os nomes de *Schewwâl*, *Zhî'lk'adeh*, *Zhî'lidjeh*, *Moharrem*, *S'êfer*, *Rebî'u-l ewwel*, *Rebî'u-l âkhir*, *Djumâz'i-l ewwel*, *Djumâz'i-l âkhir*, *Redjeh*, *Scha'bân*, e *Ramazân*, na mesma ordem do calendario mohametano n'este anno.

O mez de *Schewwâl* vem a começar em 26 de Janeiro ; e o mez de *Ramazân*, em 16 de Dezembro.



**Correspondencia entre o Calendario Judaico e o Calendario Christão.**

ANNOS, MEZES, E DIAS JUDAICOS :	FESTIVIDADES JUDAICAS PRINCIPAES :	ANNOS, MEZES, E DIAS CHRISTAOS :
(5628)		(1868)
Schebath ..... 1		Janeiro ..... 25
Adar ..... 11		Fevereiro ..... 24
..... 14		Março ..... 5
..... 15		..... 8
Nisan ..... 4	Jejum d'Esther.	..... 9
..... 15	Purim : [Festa d'Esther].	..... 24
..... 16	Schuschan Purim : [2.ª festividade].	Abril ..... 7
..... 21	Principio da Paschua : [Passah].	..... 8
..... 22	Segunda festividade.	..... 13
..... 1	Septima festividade.	..... 14
Yiar ..... 18	Fim da Paschua.	..... 23
Sivan ..... 6	Festa da Eschola.	..... 10
..... 7	Pentecostes : [Festa das Semanas].	..... 22
Tarauz ..... 1	Segunda festividade.	..... 27
Ab ..... 4	Jejum do Tamuz : [Tomada do Templo].	Junho ..... 21
..... 9	Jejum do Ab : [Destruição do Templo].	..... 7
Elul ..... 1		..... 20
		..... 28
		Agosto ..... 19



(5629)	
Tischri .....	1
" .....	2
" .....	4
" .....	10
" .....	15
" .....	16
" .....	21
" .....	22
" .....	23
" .....	1
Schesvan .....	1
Kaslev .....	25
Thebeth .....	1
" .....	10
Schebath .....	1

Dia d'Anno-novo: [Festa das Trombetas].  
 Segunda festividade.  
 Jejum do Tischri, 1.º : [Morte de Godaliah].  
 Jejum do Tischri, 2.º : [Dia d'Expição].  
 Festa dos Tabernaculos.  
 Segunda festividade  
 Festa das Palmas.  
 Fim da festa dos Tabernaculos.  
 Festa da Lei : [Dia d'Alegria].  
  
 Festa da Purificação do Templo.  
 Jejum do Thebeth : (Cérco de Jerusalem).

Septembro .....	17
" .....	18
" .....	20
" .....	26
Outubro .....	1
" .....	2
" .....	7
" .....	8
" .....	9
" .....	17
Novembro .....	15
Dezembro .....	9
" .....	16
" .....	21
" .....	(1869)
Janeiro .....	13

## Correspondencia entre o Calendario Mohametano e o Calendario Christão.

ANNOS, MEZES, E DIAS MOHAMETANOS.	FESTIVIDADES MOHAMETANAS PRINCIPAES.	ANNOS, MEZES, E DIAS CHRISTÃO.
[1284]		[1838]
Schewwál ..... 1	Principio do Beiram menor : [Paschua].	Janeiro ..... 26
" ..... 3	Fim do Beiram menor.	" ..... 28
" ..... 7	Dia da morte de Hamsa.	Fevereiro ..... 1
" ..... 16	Dia dos Sacrificados na Batalha de Ohud.	" ..... 40
Dau'l-kadeh ..... 1	Quaresma de Moysés.	" ..... 24
" ..... 4	Dia dos Septe Dormentes.	" ..... 27
" ..... 5	Dia do Principio da kaaba.	" ..... 28
" ..... 7	Dia da Passagem de Moysés no Nilo.	Março ..... 1
" ..... 1		" ..... 25
" ..... 8	Dia de Manifestação.	" ..... 1
" ..... 10	Festa do Beiram maior : [Festa do Regosijo].	Abril ..... 3
" ..... 18	Festa do Receptaculo.	" ..... 11
" ..... 23	Festa da Paz.	" ..... 15
" ..... 25	Dia da entrega do Baculo d'Ali.	" ..... 18
[1285]		
Moharrem ..... 1	Dia do Anno-novo.	" ..... 24
" ..... 10	Aschura' (Jejum rigorosissimo: assassinio de Hussein).	" ..... 5
" ..... 16	Dia da Declaração de Jerusalem como Kibla.	" ..... 9
Sáfar ..... 1		" ..... 24
" ..... 29	Festa das Trombetas.	" ..... 21
Robi el awwel ..... 1		" ..... 22
" ..... 8	Dia da Declaração de Medina como Residencia.	" ..... 29

.....	11	Dia Sancto.	.....	2	Julho
.....	12	Dia do Nascimento de Mohamet.	.....	3	"
.....	23	Dia da Morte de Mohamet	.....	14	"
Rebi el accher	.....		.....	22	Agosto
Djemâd-el awwal	.....		.....	20	"
.....	8	Dia do Nascimento d'Ali.	.....	27	Septembro
.....	15	Dia da Morte d'Ali.	.....	3	"
.....	20	Dia da Tomada de Constantinopla.	.....	8	"
Djemâd-el accher	.....	Dia da Visão do Anjo Gabriel.	.....	19	"
.....	1	Dia do Nascimento de Abu-Beker.	.....	27	"
.....	9	Dia do Nascimento de Fatima.	.....	40	Outubro
.....	22	Dia da Construcção da Archa.	.....	18	"
Rédjeb	.....	Dia dos Mystérios.	.....	21	"
.....	4	Dia da Declaração de Mohamet como Propheta	.....	14	Novembro
.....	28	Dia da Ascensão de Mohamet aos ceos.	.....	15	"
.....	29		.....	17	"
Schabán	.....	Dia anniversario de Hussein.	.....	19	"
.....	3	Dia de Barah Alkâder: [Descenso ceeste do Koran inteiro].	.....	4	Dezembro
.....	15	Dia da Proclamação de Meca como Kaaba.	.....	2	"
.....	16	Principio do Ramadán: [Mez d'Abstinencia].	.....	16	"
Ramadán	.....	Dia do Descenso do Livro d'Abraham.	.....	18	"
.....	3	Dia da Missão do Koran.	.....	19	"
.....	4	Dia do Descenso da Thora.	.....	22	"
.....	7		[1869]		
.....	18	Dia da Missão do Evangelho.	Janeiro	.....	2
.....	27	Dia d' Omnipotencia : Lailat el Kadu: (Principio do Descenso ceeste do Koran).	"	.....	11
.....	29	Dia dos Sacrificados no Assedio de Vienna : [11 de Setembro de 1683].	"	.....	13

## ADVERTENCIA.

As temperaturas médias de Lisboa, Rio de Janeiro, Paris, e Londres, são superiores ao zero do thermómetro, indicador da temperatura da congelação da agua.

As temperaturas médias de S. Petersburgo, são inferiores ao mesmo zero thermometrico, nos mezes de Dezembro, Janeiro e Fevereiro..

No *quadro climatologico* de Mahlmann, extrahido da *climatologia comparada* de Humboldt, e inserto na versão franceza do *Curso de Meteorologia* de Kaemtz, professor de physica na universidade de Halle, na Allemanha, achar-se-hão as *temperaturas médias* das principaes povoações do globo, avaliadas com escrupulosa averiguação em cada quadra do anno.



# ALMANACH FAMILIAR.

## CHRONOLOGIA E CALENDARIO.

PARA

**1869.**

### EPOCHAS HISTORICAS

EM CORRESPONDENCIA COM O ANNO DE 1869.

### EPOCHAS GERAES.

Periodo Juliano, (ideado por José Escaligero)	6582.
Creação do Mundo, (4004 annos antes da era vulgar)	5873.
Diluvio Universal, (2348 annos antes da era vulgar)	4217.
Vocação d'Abraão, (tronco dos israelitas, 2296 annos antes da era vulgar)	4465.
Lei escripta, (législação de Moysés no monte Sinai, 1645 annos antes da era vulgar)	3514.
Guerra de Troia, (sustentada pelos gregos contra os troianos, 1270 annos antes da era vulgar)	3139.
Florescimento de Homero, (1000 annos antes da era vulgar)	2869.
Templo de Salomão, (apogeu da grandeza dos judeus, 991 annos antes da era vulgar)	2860.
Primeira Olympiada, [era, em uso na Grecia até o anno 312]	2643.
Fundação de Roma, (computo de Marco Varrão, usado em Roma até Decio)	2622.
Destruição de Carthago, [principio da prosperidade de Roma, 202 annos antes da era vulgar]	2071

Seculo d'Augusto, (esplendor da litteratura latina)	1835.
Dominio dos Barbaros, (destruição do imperio romano, em 476)	1393.
Florescimento de Mohamet, (origem do Corão em 622)	1247.
Seculo de Carlos Magno (fundação das primeiras escolas, na idade média)	1060.
Primeira Cruzada da Terra Sancta, (levantada na Europa por Pedro Eremita, em 1095)	774.
Tomada de Constantinopla pelos Turcos, (principio da historia moderna e do renascimento das letras, em 1453)	416.
Descoberta da Imprensa, (em 1460 por Guttenberg)	409.
Descoberta da America, (em 1492 por Christovão Colombo)	377.
Descoberta da India, (em 1497 por Vasco da Gama)	372.
Descoberta do Brazil, (em 1500 por Pedro Alvares Cabral)	369.
Descoberta da China, (em 1517 por Fernão d'Andrada)	252.
Florescimento de Luthero, (em 1517)	352.
Correcção Gregoriana do Calendario, (em 1582)	287.
Revolução Franceza, (em 1792)	77.
Inauguração do Racionalismo Allemão, (em 1804)	65.

#### EPOCHAS PORTUGUEZAS.

Fundação da Monarchia Portugueza, [em 1139]	730.
Fundação da Universidade em Lisboa, [em 1288]	584.
Assassinato de D. Inez de Castro em Coimbra, [em 1355]	514.
Acclamação d'El-Rei D. João 1º, [em 1385]	484.
Seculo d'El-Rei D. Manuel, [esplendor de Portugal]	374.
Estabelecimento da Universidade em Coimbra, [em 1537]	332.
Perda d'El-Rei D. Sebastião em Africa, [em 1578]	291.
Restauração de Portugal contra o dominio da Hispanha, [em 1640]	229.
Terremoto de Lisboa, [em 1755]	114.
Expulsão dos Jesuitas de Portugal, [em 1759]	110.
Reforma da Universidade de Coimbra, [em 1772]	97.
Exposição agricola Bracarense, [a primeira d'esta ordem na Europa, inaugurada em 1792 por D. Fr. Caetano Brandão, e renovada em 1863]	77.
Revolução Liberal no Porto, [em 1820]	49.
Promulgação da Carta Constitucional da Monarchia em 1826]	43.
Ascensão de D. Miguel de Bragança ao throno, [em 1828]	41.
Desembarque da Expedição Liberal nas praias do Mindello, [em 1832]	37.
Regeneração de Portugal contra o regimen absoluto, [em 1834]	35.

Promulgação do Acto Adicional, [em 1852]	17.
Acclamação d'El-Rei D. Luiz 1.º, [em 1861]	8.
Exposição Internacional Portuense, [em 1865] . . . .	4.
Fallecimento de D. Miguel de Bragança, [em 1865]	4.

### EPOCHAS BRAZILEIRAS.

Elevação da cidade do Rio de Janeiro a Capital do Imperio, [em 1765] .	104.
Fixação da residencia da Família Real de Bragança no Brazil, [em 1810] . . . . .	59.
Independencia do Brazil, [em 1822] . . . . .	47.
Juramento da Constituição Política do Imperio, [em 1826]	43.
Fallecimento de S. M. I. D. Leopoldina, mãe de S. M. I. D. Pedro II..	42.
Fallecimento de S. M. I. D. Pedro 4.º, [em 1836] .	33.
Promulgação do Acto Adicional, [em 1843]	33.
Coroação da S. M. I. D. Pedro 2.º [em 1843]. . . . .	26.
Casamento de S. M. I. D. Pedro II, com S. M. I. D. Thereza.	24.
Inauguração da Estatua Equestre de S. M. I. D. Pedro I. na Praça da Constituição .	6.

### COMPUTO ECCLESIASTICO.

Aureo Numero, [cyclo de 19 annos, em que o anno lunar se ajusta com o anno solar]	8.
Cyclo solar, [cyclo de 28 annos, em que os dias da semana recahem nos mesmos dias do mez]	2.
Indicção Romana, [cyclo de 15 annos, usado nos diplomas pontificios] . . . . .	12.
Epacta [excesso de dias do anno lunar ao começar o anno solar]	XVII.
Letra Dominical, [lettra da indicação dos Domingos]	C.
Lettra do Martyrologio, [lettra collocada no calendario ao lado do nome dos sanctos, para indicar a edade da lua]	S.

### TEMPORAS,

Fevereiro. . . . .	17, 19 e 20.		Septembro. . .	15, 17 e 18.
Maió. . . . .	19, 21 e 22.		Dezembro . . .	15 17 e 18.

## FESTAS MOVEIS.

Septuagesima .	24 de Janeiro.	Espirito Santo . .	16 de Maio.
Cinza . . . .	10 de Fevereiro.	Trindade . . . .	23 de Maio.
Paschua . . .	28 de Março.	Corpo de Deus . .	27 de Maio.
Ladainhas . .	3, 4 e 5 de Maio.	Coração de Jesus.	4 de Junho
Ascensão . . .	6 de Maio.	Advento . . . . .	28 de Novem.

## BENÇÃOS.

São prohibidas desde Quarta-Feira de Cinza até ao 1.º Domingo depois da Paschoa; e desde o 1.º Domingo do Advento até ao dia de Reis.

## ESTAÇÕES DO ANNO.

### NO HEMISPHERIO DO NORTE.

Primavera . . .	20 de Março.	Outomno . . . . .	22 de Setembro.
Estio . . . . .	21 de Junho.	Hynverno . . . . .	21 de Dezembro.

### NO HEMISPHERIO DO SUL.

Primavera . . .	22 de Setembro.	Outono . . . . .	20 de Março.
Estio . . . . .	21 de Dezembro.	Hynverno . . . . .	21 de Janeiro.

## ECLIPSES

### 27 de Janeiro.

Eclipse da lua visivel ; principia ás 11 horas e 55 minutos da noite.

### 11 de Fevereiro.

Eclipse do sol, invisivel.

### 24 de Julho.

Eclipse da lua, invisivel.

### 7 de Agosto.

Eclipse do sol, invisivel.



## DIAS DE GRANDE GALA.

## EM PORTUGAL.

Dia d'Anno-bom . . . . .	1 de Janeiro.
Outorga da Carta Constitucional	29 de Abril.
Juramento da Carta Constitucional, e annos de S. M. I. a Duqueza de Bragança	31 de Julho.
Annos do Principe Real . . . . .	28 de Setembro.
Annos de S. M. a Rainha D. Maria Pia.	16 de Outubro.
Annos de S. M. El-Rei D. Fernando.	29 de Outubro.
Annos de S. M. El-Rei D. Luiz 1.º	31 de Outubro.
Nossa Senhora da Conceição . . .	8 de Dezembro.

## NO BRAZIL.

Dia d'Anno-bom . . . . .	1 de Janeiro.
Dia em que S. M. I. declarou ficar no Brazil	9 de Janeiro.
Annos de S. M. a Imperatriz	14 de Março.
Juramento da Constituição	25 de Março.
Elevação de S. M. o Imperador ao throno.	7 de Abril.
Declaração da maioridade de S. M. I.	23 de Julho.
Annos da Princesa Imperial D. Isabel	29 de Julho.
Casamento de SS. MM. II . . . . .	4 de Setembro.
Independencia do Imperio . . . . .	7 de Setembro.
Dia de Sancta Thereza . . . . .	15 de Outubro.
Annos de S. M. o Imperador	19 de Outubro.
Dia de S. Pedro d'Alcantara. . . . .	2 de Dezembro.

## DIAS DE PEQUENA GALA.

## EM PORTUGAL.

Annos de S. A. a Infanta D. Antonia.	17 de Fevereiro.
Domingo de Paschoa. . . . .	12 de Abril.
Sobrenome de S. M. El-Rei D. Luiz Philippe.	1 de Maio.
Nome de S. M. El-Rei D. Fernando	30 de Maio.
Corpo de Deus . . . . .	11 de Junho
Coração de Jesus . . . . .	19 de Junho.
Annos de S. A. a Infanta D. Isabel Maria.	4 de Julho.
Nome de S. M. I. a Duqueza de Bragança.	10 de Julho.
Annos de S. A. a Infanta D. Maria Anna	21 de Julho.
Nome de S. M. a Rainha.	8 de Setembro.

Anniversario do consorcio de S. M. El-rei.	6 de Outubro.
Annos de S. A. o Infante D. Augusto, e nome do Principe Real . . . . .	4 de Novembro.
Acclamação de D. João IV . . . . .	1 de Dezembro.
Dia de Natal	25 de Dezembro.
Ultimo dia do anno	31 de Dezembro.

## NO BRAZIL.

Dia de Reis . . . . .	6 de Janeiro.
Nossa Senhora das Candéas . . . . .	2 de Fevereiro.
Annos da Princeza a Condeça d'Aquila.	11 de Março.
Annos de S. A. I. o Conde de Eu.	28 de Abril.
Annos da Princeza D. Leopoldina.	13 de Julho.
Sagração de S. M. o Imperador.	18 de Julho.
Annos de S. A. o conde d'Aquila	19 de ulho.
Annos de S. M. a Imperatriz Viuva .	31 de Julho.
Annos de S. A. a Princeza de Joinville	2 de Agosto.
Annos de S. A. a Duqueza de Saxe .	9 de Agosto.
Festa da Ordem Imperial do Cruzeiro.	1 de Dezembro



# JANEIRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Sex.	✠ Circumcisão do Senhor.	1
2	Sab.	S. Isodoro B. M.	2
3	Dom.	S. Antero B. M.—St. <sup>a</sup> Genoveva.	3
4	Seg.	S. Gregorio B. —S. Tito.	4
5	Ter.	S. Simão Estilita.—Sancta Apolinaria.	5
6	Quar.	✠ Dia de Reis.	6
7	Quin.	S. Theodoro, Monge.	7
8	Sex.	S. Lourenço Justiniano, Patriarca de Veneza.	8
9	Sab.	S. Juliano M.	9
10	Dom.	S. Paulo 1. <sup>o</sup> Eremita.—S. Gonçalo de Am.	10
11	Seg.	S. Hygino P. M.—S. Honorato.	11
12	Ter.	Nossa Senhora de Jesus.	12
13	Quar.	St. <sup>o</sup> Hilario B. e Dr. da Igreja.	13
14	Quin.	S. Feliz M.	14
15	Sex.	St. <sup>o</sup> Amaro Ab.	15
16	Sab.	S. Marcello Os Ss. Martyres de Marrocos.	16
17	Dom.	St. <sup>o</sup> Antão Ab.	17
18	Seg.	A Cadeira de S. Pedro em Roma.	18
19	Ter.	O SS. Nome de Jesus.—N. S. <sup>a</sup> da Providencia.	19
20	Quar.	S. Sebastião M.	20
21	Quin.	St. <sup>a</sup> Ignez V. M. (jejum em Lisboa).	21
22	Sex.	✠ S. Vicente M., Padroeiro de Lisboa.	22
23	Sab.	Os desposorios de N. <sup>a</sup> S. <sup>a</sup> com S. José.	23
24	Dom.	Septuagesima. N. <sup>a</sup> Senhora da Paz.	24
25	Seg.	A Conversão de S. Paulo Ap.	25
26	Ter.	S. Polycarpo B. M.—St. <sup>a</sup> Paula V.	26
27	Quar.	S. João Chrysostomo.	27
28	Quin.	S. Cyrillo B.	28
29	Sex.	S. Francisco de Salles—S. Pedro Thomaz.	29
30	Sab.	St. <sup>a</sup> Martinha V. M. St. <sup>a</sup> Jacintha de Mariscotti.	30
31	Dom.	Sexagesima.	31

PORTUGAL.	PHAZES DA LUA.	BRAZIL.
5 ☾ Q. m. ás 5 h. 48 m. a m.		5 ☾ Q. m. ás 3 h. 33 m. da m.
12 ☉ L. n. ás 6 h. 49 m. da t.		12 ☉ L. n. ás 4 h. 4 m. da t.
20 ☽ Q. c. ás 11 h. 52 m. da t.		20 ☽ Q. c. ás 9 h. 37 m. da t.
28 ☾ L. ch. ás 12 h. 56 m. da m.		28 ☾ L. ch. ás 10 h. 41 m. da t.

## FEVEREIRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Seg.	S. Ignacio B. M.—St. <sup>a</sup> Brigida V. [jejum].	32
2	Ter.	Purificação de N. Senhora.	33
3	Quar.	S. Braz B. M.—O B. Odorico F.	34
4	Quin.	St. <sup>o</sup> André Corsino B. —S. José de Leonissa.	35
5	Sex.	St. <sup>a</sup> Agueda V. M.—S. Pedro Baptista.	36
6	Sab.	As Chagas de Christo. St. <sup>a</sup> Dorothea V. M.	37
7	Dom.	Quinquagesima. S. Romualdo Ab.	38
8	Seg.	S. João da Matta F. da O. da SS. Trindade.	39
9	Ter.	St. <sup>a</sup> Apolonia V. M.	40
10	Quar.	Cinza.	41
11	Quin.	S. Lazaro B.—Os fundadores dos Servitas.	42
12	Sex.	St. <sup>a</sup> Eulália V. M.	43
13	Sab.	S. Gregório H. P.— St. <sup>a</sup> Catharina de Ricci.	44
14	Dom.	[1. <sup>o</sup> da quaresma].—O B. João Baptista.	45
15	Seg.	Trasladação de Sancto Antonio.	46
16	Ter.	S. Porphírio M.	47
17	Quar.	Temporas.— S. Faustino M.	48
18	Quin.	S. Theotonio A. P. de St. <sup>a</sup> Cruz de Coimbra.	49
19	Sex.	Temporas.—S. Conrado F.	50
20	Sab.	Temporas.—St. <sup>o</sup> Eleutherio B.	51
21	Dom.	[2. <sup>o</sup> da quaresma].— S. Maximiano B.	52
22	Seg.	A Cadeira de S. Pedro em Antiochia.	53
23	Ter.	S. Pedro Damião B.	54
24	Quar.	S. Matheus.	55
25	Quin.	S. Cezario.	56
26	Sex.	S. Cezario.	57
27	Sab.	S. Torquato, Arceb. de Braga.	58
28	Dom.	(3. <sup>o</sup> da quaresma). S. Leandro, Ar. de Sevilla.	59

PORTUGAL.

**PHAZES DA LUA.**

BRAZIL.

<p>3 ☾ Q. m. ás 4 h. 22 m. da t.</p> <p>11 ☽ L. n. ás 1 h. 20 m. da t.</p> <p>19 ☽ Q. c. ás 4 h. 32 m. da t.</p> <p>26 ☽ L. ch. ás 11 h. 31 m. da m.</p>	<p>3 ☾ Q. m. ás 2 h. 7 m. da t.</p> <p>11 ☽ L. n. ás 11 h. 5 m. da m.</p> <p>19 ☽ Q. c. ás 2 h. 17 m. da t.</p> <p>26 ☽ L. ch. ás 9 h. 16 m. da m.</p>
--	--

# MARÇO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Seg.	St.º Adriano, M.—S. Rosendo.	60
2	Ter.	S. Simplicio P.	61
3	Quar.	St.º Hemeterio M.—S. Martinho Sold. M.	62
4	Quin.	S. Casimiro.—S. Lucio P. M.	63
5	Sex.	S. Pheopulo B.—S. João José F.	64
6	Sab.	St.º Ollegario B.—St.ª Coleta V.	65
7	Dom.	4.º da quaresma.—S. Thomaz Dr. da Eg.	66
8	Seg.	S. João de Deus.	67
9	Ter.	St.ª Francisca Romana. St.ª Catharina de Bo.	68
10	Quar.	S. Militão e seus 39 companheiros MM.	69
11	Quin.	S. Candido M.	70
12	Sex.	S. Gregorio P. e Dr. da Egreja.	71
13	Sab.	A. B. Sancha V., Infanta de Portugal.	72
14	Dom.	A Paixão.—Trasladação de S. Boaventura.	73
15	Seg.	S. Zacharias P.	74
16	Ter.	S. Cyriaco M.	75
17	Quar.	S. Patricio.—St.ª Gertrudes.	76
18	Quin.	S. Gabriel Archanjo.—S. Narciso Arc. de B.	77
19	Sex.	As Sete Dores de N. Senhora.—S. José.	78
20	Sab.	S. Martinho Dumieuse, Arc. de Braga.	79
21	Dom.	S. Bento, Ab.	80
22	Seg.	Trevas.—St.º Emygidio B. M.	81
23	Ter.	S. Felix e seus comp. MM.	82
24	Quar.	Trevas.	83
25	Quin.	✠ Endoenças Anunciação de N. Senhora.	84
26	Sex.	Paixão.—S. Braulio B.	85
27	Sab.	Alleluia.—St.ª Augusta M.	86
28	Dom.	Paschua.	87
29	Seg.	S. Victorino e seus comp. MM.	88
30	Ter.	S. João Climaco.	89
31	Quar.	St.ª Balbina M.—S. Benjamin, diacono.	90

PORTUGAL.		PHAZES DA LUA.		BRAZIL.	
5	☾ Q. m. ás 5 h. 9 m. da m.	5	☾ Q. m. ás 2 h. 54 m. da m.	5	☾ Q. m. ás 2 h. 54 m. da m.
13	☉ L. n. ás 8 h. 19 m. da m.	13	☉ L. n. ás 6 h. 4 m. da m.	13	☉ L. n. ás 6 h. 4 m. da m.
21	☽ Q. c. ás 5 h. 20 m. da m.	21	☽ Q. c. ás 3 h. 5 m. da m.	21	☽ Q. c. ás 3 h. 5 m. da m.
27	☾ L. ch. ás 8 h. 59 m. da t.	27	☾ L. ch. ás 6 h. 44 m. da t.	27	☾ L. ch. ás 6 h. 44 m. da t.

## ABRIL.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	Ephemerides Religiosas.	DIAS DO ANNO.
1	Quin.	S. Macario.—As chagas de St. <sup>a</sup> Catharina.	91
2	Sex.	S. Francisco de Paula. St. <sup>a</sup> Maria Egypciaca.	92
3	Sab.	S. Pancrácio B.	93
4	Dom.	Paschoela, St. <sup>o</sup> Isidoro, Arceb. de Sevilha.	94
5	Seg.	S. Vicente Ferrer.	95
6	Ter.	S. Marcellino M.	96
7	Quar.	St. <sup>o</sup> Epifanio B. M.	97
8	Quin.	St. <sup>o</sup> Amancio B. [Jub. do SS. Sacramento.]	98
9	Sex.	St. <sup>a</sup> Maria Cleopha.	99
10	Sab.	St. <sup>o</sup> Ezequiel Proph.	100
11	Dom.	S. Leão I. Papa.	101
12	Seg.	S. Victor M. portuguez.	102
13	Ter.	St. <sup>o</sup> Hermenegildo M.	103
14	Quar.	S. Tiburcio M.—S. Valeriano M.	104
15	Quin.	Ss. Basilissa e Anastacia MM. S. Eutichio M.	105
16	Sex.	St. <sup>a</sup> Engracia M. portug.	106
17	Sab.	St. <sup>o</sup> Aniceto P. M.	107
18	Dom.	S. Gualdino B. Cardcal.	108
19	Seg.	S. Hermogenes M.	109
20	Ter.	St. <sup>a</sup> Ignez de Montepoliciano.	110
21	Quar.	St. <sup>o</sup> Anselmo, Arceb. de Cantuaria.	111
22	Quin.	Os Ss. Sctero e Caio MM.	112
23	Sex.	S. Jorge, M. Defens. do Reino de Portugal.	113
24	Sab.	S. Fidelis de Sigmaringa.	114
25	Dom.	S. Marcos Evang.	115
26	Seg.	S. Pedro de Rates, 1. <sup>o</sup> Bispo de Braga.	116
27	Ter.	S. Tertulliano B.—S. Turibio Arc. de Lima.	117
28	Quar.	S. Prudencio B.—S. Vital M.	118
29	Quin.	S. Pedro M. D.	119
30	Sex.	St. <sup>a</sup> Catharina de Sena.—S. Peregrino.	120

PORTUGAL.	PHAZES DA LUA.	BRAZIL.
3 ☾ Q. m. ás	8 h. 14 m. da t.	3 ☾ Q. m. ás 5 h. 59 m. dat.
12 ☉ L. n. ás	1 h. 13 m. da m.	12 ☉ L. n. ás 10 h. 58 m. dat.
19 ☽ Q. c. ás	2 h. 32 m. da t.	19 ☽ Q. c. ás 0 h. 17 m. dat.
26 ☾ L. ch. ás	5 h. 47 m. da m.	26 ☾ L. ch. ás 3 h. 32 m. dam.

# MAIO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO
1	Sab.	S. Filippe e S. Thiago App.	121
2	Dom.	St.º Athanasio B. e Dr. da Igreja.	122
3	Seg.	Inv. da St.ª Cruz.—Mat. de N. S.ª Ladainhas.	123
4	Ter.	St.ª Monica V. Mãe de St.º Ag. Ladainhas.	124
5	Quar.	Conversão de St.º Agostinho.—(jejum). Lad	125
6	Quin.	✠ Asceção do Senhor.	126
7	Sex.	St.º Estanislau B. M.—St.º Augusto M.	127
8	Sab.	Apparição de S. Miguel Archanjo.	128
9	Dom.	S. Gregorio Nazianzeno B. e Dr. da Igreja.	129
10	Seg.	St.º Antonio Arc. de Florença.	130
11	Ter.	St.º Anastacio M.	131
12	Quar.	St.ª Joanna, Princeza de Portugal.	132
13	Quin.	N. Senhora dos Martyres. S. Pedro Regal F.	133
14	Sex.	S. Gil.	134
15	Sab.	St.º Indaleto e seus Comp. MM. [jejum].	135
16	Dom.	Espirito Sancto.	136
17	Seg.	S. Paschoal Baylão.	137
18	Ter.	S. Venancio M.	138
19	Quar.	(Temporas) S. Pedro Celestino P., St.º Ivo.	139
20	Quin.	S. Bernardino de Sena.	140
21	Sex.	[Temporas] S. Mauços M.	141
22	Sab.	St.ª Rita de Cassia.	142
23	Dom.	[Temporas] S. Basilio Arc. de Braga.	143
24	Seg.	St.ª Afra M. Trasladação de S. Domingos.	144
25	Ter.	S. Gregorio VII. P St.ª M.ª Mag. de Pazzi.	145
26	Quar.	S. Filippe Nery. fund. da Congr. do Orat.	146
27	Quin.	✠ Corpo do Deus.	147
28	Sex.	S. Germano.	148
29	Sab.	S. Maximo B.—St.ª Theodosia V.	149
30	Dom.	S. Fernando Rei de Castella.	150
31	Seg.	St.ª Petronilla.	151

PORTUGAL.	PHAZES DA LUA.	BRAZIL.
3 ☾ Q. m. ás 1 h. 7 m. a t.		3 ☾ Q. m. ás 10 h. 52 m. da m.
11 ☽ L. n. ás 3 h. 33 m. da t.		11 ☽ L. n. ás 1 h. 18 m. da t.
18 ☽ Q. c. ás 8 h. 55 m. da t.		18 ☽ Q. c. ás 6 h. 40 m. da t.
25 ☽ L. ch. ás 2 h. 49 m. da t.		25 ☽ L. ch. ás 0 h. 34 m. da t.

# JUNHO.

DIAS DO MEZ	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas,</b>	DIAS DO ANNO.
1	Ter.	S. Firmo M.—S. Fortunato. (1. <sup>a</sup> oitava).	152
2	Quar.	S. Marcellino M. (2. <sup>a</sup> oitava)	153
3	Quin.	St. <sup>o</sup> Ovidio, Bispo de Braga (jejum).	154
4	Sex.	✠ SS. Coração de Jesus.	155
5	Sab.	S. Marciano M.—S. Bonifacio B.	156
6	Dom.	S. Norberto B.—St. <sup>a</sup> Paulina V. M.	157
7	Seg.	S. Roberto Ab.	158
8	Ter.	S. Salustiano.—S. Severino.	159
9	Quar.	Ss. Primo e Feliciano.	160
10	Quin.	St. <sup>a</sup> Margarida, Rainha de Escocia.	161
11	Sex.	S. Barnabé, Ap.	162
12	Sab.	S. João de S. Facundo.	163
13	Dom.	[✠ no patriarchado] St. <sup>o</sup> Antonio de Lisboa.	164
14	Seg.	S. Basilio Magno Arc. e Dr. da Igreja.	165
15	Ter.	S. Vito M.	166
16	Quar.	S. João Francisco Regis—St. <sup>o</sup> Aureliano B.	167
17	Quin.	S. Manuel e seus irm. MM.—A B. Thereza.	168
18	Sex.	Os Ss. Marcos e Marcelliano irm. MM.	169
19	Sab.	St. <sup>a</sup> Juliana de Falconieri. V.	170
20	Dom.	S. Silverio P. M.—S. Macario B.	171
21	Seg.	S. Luiz Gonzaga.	172
22	Ter.	S. Paulino B.	173
23	Quar.	S. João Sac.—St. <sup>a</sup> Edeltrudes. [jejum].	174
24	Quin.	✠ Nascimento de S. João Baptista.	175
25	Sex.	S. Guilherme Ab.—St. <sup>a</sup> Febronia M.	176
26	Sab.	S. João e S. Paulo irm. MM.—S. Pelagio M	177
27	Dom.	S. Ladislau, Rei da Hungria.	178
28	Seg.	A Pur. <sup>a</sup> de N. Senr. <sup>a</sup> . — [jejum].	179
29	Ter.	✠ S. Pedro e S. Paulo, App.	180
30	Quar.	Commemoração de S. Paulo. Ap.	181

PORTUGAL.

## PHAZES DA LUA.

BRAZIL.

<p>2 ☾ Q. m. ás 6 h. 47 m da m.</p> <p>10 ☽ L. n. ás 3 h. 18 m. da m.</p> <p>17 ☽ Q. c. ás 1 h. 41 m. da m.</p> <p>24 ☽ L. ch. ás 1 h. 5 m. da m.</p>	<p>2 ☾ Q. m. ás 4 h. 32 m. da m.</p> <p>10 ☽ L. n. ás 1 h. 3 m. da m.</p> <p>17 ☽ Q. c. ás 11 h. 26 m. da t.</p> <p>24 ☽ L. ch. ás 10 h. 50 m da. t.</p>
---	--



## JULHO.

DIAS DO MEZ	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Quin.	S. Theodosio Ab.	
2	Sex.	Visitação de Nossa Senhora—St. <sup>a</sup> Marcia M.	182
3	Sab.	S. Jacintho M. —S. Heleodoro B.	183
4	Dom.	St. <sup>a</sup> Isabel Rainha de Portugal.	184
5	Seg.	Festa do Preciosis. sangue de N. S. J. Chr.	185
6	Ter.	St. <sup>a</sup> Domingas V. M.	186
7	Quar.	St. <sup>a</sup> Pulcheria.—s. Claudio e seus c. MM.	187
8	Quin.	S. Procopio M.	188
9	Sex.	S. Cyrillo B. M.	189
10	Sab.	St. <sup>a</sup> Amelia, V	190
11	Dom.	S. Pio M.—Trasladação de S. Bento.	191
12	Seg.	S. João Gualberto.	192
13	Ter.	S. Anacleto P. M.	193
14	Quar.	S. Boaventura B. Card. F.	194
15	Quin.	S. Camillo de Lellis—S. Henrique Imper.	195
16	Sex.	N. Senhora do Carmo.—Triun. da St. <sup>a</sup> Cruz.	196
17	Sab.	St. <sup>o</sup> Aleixo.	197
18	Dom.	St. <sup>a</sup> Marinha M.—s. Frederico B. M	198
19	Seg.	O Anjo Cust. do Reino St. <sup>as</sup> Justa e Rufina.	199
20	Ter.	S. Jeronimo.—S. Emiliano.—S. Elias Proph.	200
21	Quar.	St. <sup>a</sup> Praxedes.	201
22	Quin.	St. <sup>a</sup> Maria Magdalena.	202
23	Sex.	St. <sup>o</sup> Apolinario, B. M.—S. Liborio B.	203
24	Sab.	St. <sup>a</sup> Christina M.—S. Fransisco Solano.	204
25	Dom.	S. Thiago Ap.—S. Christovão M.	205
26	Seg.	Sanct' Anna.	206
27	Ter.	S. Pantaleão, Medico, M.	207
28	Quar.	St. <sup>o</sup> Innocencio P.	208
29	Quin.	St. <sup>a</sup> Martha.	209
30	Sex.	S. Rufino M —As St. <sup>as</sup> Maxima e Donatilla.	210
31	Sab.	St. <sup>o</sup> Ignacio de Loyola.	211
			212
<b>PHAZES DA LUA.</b>			
PORTUGAL.		BRAZIL.	
2 ☾	Q. m. ás 12 h. 43 m. da m.	2 ☾	Q. m. ás 9 h. 58 m. da t.
9 ☽	L. n. as 1 h. 4 m. da t.	9 ☽	L. n. ás 10 h. 49 m. da m.
18 ☽	Q. c. ás 6 h. 44 m. da m.	18 ☽	Q. c. ás 3 h. 59 m. da t.
23 ☽	L. ch. ás 1 h. 21 m. da t.	23 ☽	L. ch. ás 11 h. 6 m. da m.
31 ☽	Q. m. ás 4 h. 32 m. da t.	31 ☽	Q. m. ás 2 h. 47 m. da t.

## AGOSTO.

DIAS DO MEZ	DIA DA SEMANA.	Ephemerides Religiosas.	DIAS DO ANNO.
1	Dom	S. Pedro ad vincula.—Os MM. de Chelas.	213
2	Seg.	N. Senhora dos Anjos.—St.º Estevão P. M.	214
3	Ter.	Invenção de Sancto Estevão, Proto-Martyr.	215
4	Quar.	S. Domingos —S. Tertuliana M.	216
5	Quin.	N. Senhora das Neves.	217
6	Sex.	Transfiguração de Christo—Sant'Iago Erem.	218
7	Sab.	S. Caetano.—St.º Alberto.	219
8	Dom.	S. Cyriaco e seus comp. MM.	220
9	Seg.	S. Romão M.	221
10	Ter.	S. Lourenço M.—St.ª Filomena M.	222
11	Quar.	Os Ss. Tiburcio e Suzana MM.	223
12	Quin.	St.ª Clara.	224
13	Sex.	Os Ss. Hippolyto e Cassiano MM.	225
14	Sab.	St.º Eusebio—St.ª Athanasia V. [jejum].	326
15	Dom.	✠ Assumpção de N. Senhora.	227
16	Seg.	S. Roque.—S. Jacintho D.	228
17	Ter.	S. Mamede M.	229
18	Quar.	S. Joaquim.	230
19	Quin.	S. Luiz. B.	231
20	Sex.	S. Bernardo, Dr. da Igreja.	232
21	Sab.	St.ª Joana Francisca V—St.º Anastacio M.	233
22	Dom.	S. Timotheo M.	234
23	Seg.	S. Philippe Benicio.—S. Liberato e seus c.MM.	235
24	Ter.	S. Bartholomeu M.—S.ª Aurca M.	236
25	Quar.	S. Luiz, Rei de França.	237
26	Quin.	S. Zeferino P. M.	238
27	Sex.	S. José de Calazans.—S. Rufo B. M.	239
28	Sab.	St.º Agostinho B. e Dr. da Igreja.	240
29	Dom.	Sagrado Coração de Maria.	241
30	Seg.	St.ª Rosa de Lima.	242
31	Ter.	S. Raymundo Nonnato.	243

PORTUGAL.	PHAZES DA LUA.	BRAZIL.
7 ☉ L. n. ás 9 h. 34 m. da t.	7 ☉ L. n. ás 7 h. 49 m. da t.	
14 ☽ Q. c. ás 12 h. 7 m. da t.	14 ☽ Q. c. ás 9 h. 53 m. da m.	
22 ☽ L. ch. ás 3 h. 50 m. da t.	22 ☽ L. ch. ás 4 h. 35 m. da t.	
30 ☾ Q. m. ás 7 h. 24 m. do m.	30 ☾ Q. m. ás 5 h. 9 m. da m.	

## SEPTEMBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Quar.	St.º Egydio Ab. (Principiam as ferias geraes)	244
2	Quin.	St.º Estevão, Rei da Hungria.—S. Brocardo.	245
3	Sex.	St.ª Euphemia M.	246
4	Sab.	St.ª Rosa de Viterbo.	247
5	Dom.	St.º Antonio.—Traslad. dos mart. de Lisb.	248
6	Seg.	St.ª Libania.	249
7	Ter.	S. João M.—St.º Anastacio M.	250
8	Quar.	Natividade de N. Senhora.	251
9	Quin.	S. Sergio P.	252
10	Sex.	S. Nicolau Tolentino.	252
11	Sab.	St.ª Theodora.	254
12	Dom.	St.ª Auta V. M.	255
13	Seg.	O SS. Nome de Maria.	256
14	Ter.	Exaltação da Sancta Cruz.	257
15	Quar.	[Temporas; jejum]—S. Domingos em Soriano	258
16	Quin.	Trasladação de S. Vicente.	259
17	Sex.	[Temporas; jejum]—S. Pedro de Arbues M.	260
18	Sab.	[Temporas; jejum]—S. José de Cupertino.	261
19	Dom.	Festa das Dores de N. Senhora.	262
20	Seg.	St.ª Candida V. M.	263
21	Ter.	S. Matheus Ap. e Evang.	264
22	Quar.	S. Mauricio M.	265
23	Quin.	S. Lino P. M.	266
24	Sex.	N. Senhora das Mercês.	267
25	Sab.	S. Firmino B. M.—S. Herculano M.	268
26	Dom.	Os Ss. Cypriano e Justina MM.	269
27	Seg.	S. João Marcos.	270
28	Ter.	S. Wenceslau, Duque de Bohemia.	271
29	Quar.	S. Miguel Archanjo.	272
30	Quin.	S. Jeronymo, Dr. da Egreja.	273

PORTUGAL.	PHAZES DA LUA.	BRAZIL.
6 ☉ L. n. ás 5 h. 32 m. da m.	4	6 ☉ L. n. as 3 h. 17 m. da m.
12 ☽ Q. c. ás 8 h. 49 m. da t.		12 ☽ Q. c. as 6 h. 34 m. da t.
20 ☽ L. ch. ás 8 h. 7 m. da t.		20 ☽ I. cn. as 5 h. 52 m. da t.
28 ☾ Q. m. ás 8 h. 36 m. da t.		28 ☾ Q. m. as 6 h. 24 m. da t.

# OUTUBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Sex.	Os Ss. Verissimo, Maximo e Juli, irm. MM.	274
2	Sab.	Os Anjos da Guarda.	275
3	Dom.	Festa do Rosario de N. Senhora.	276
4	Seg.	S. Francisco de Assis.	277
5	Ter.	S. Placido e seus comp. MM.	278
6	Quar.	S. Bruno.	279
7	Quin.	S. Marcós P.	280
8	Sex.	St. <sup>a</sup> Brigida, Princeza da Nericia.	281
9	Sab.	S. Dionysio B. de Paris.	282
10	Dom.	S. Francisco de Borja, Padroeiro do Reino.	283
11	Seg.	N. Senhora dos Remedios.—S. Firmo B.	284
12	Ter.	S. Cypriano B. M.	285
13	Quar.	St. <sup>o</sup> Eduardo Rei da Inglaterra.—S. Daniel.	286
14	Quin.	S. Calisto P. M.—S. Guadencio B. M.	287
15	Sex.	St. <sup>a</sup> Thereza de Jesus V.	288
16	Sab.	S. Martiniano M.—S. Gallo Ab.	289
17	Dom.	St. <sup>a</sup> Hedwiges, duqueza de Polonia.	290
18	Seg.	S. Lucas Evangelista.	291
19	Ter.	S. Pedro de Alcantara.	292
20	Quar.	St. <sup>a</sup> Iria M. Portug.—S. João Cancio.	293
21	Quin.	St. <sup>a</sup> Ursula e suas comp. MM.	294
22	Sex.	Ded. da Basilica de Mafra.—St. <sup>a</sup> M. <sup>a</sup> Salomé.	295
23	Sab.	S. João Capistrano,	296
24	Dom.	S. Raphael Archanjo.—S. Fortunato M.	297
25	Seg.	Ss. Crispim e Chrispiniano, irm. MM. sap.	298
26	Ter.	St. <sup>o</sup> Estevão B. M.	299
27	Quar.	St. <sup>o</sup> Elesbão, Imperador da Ethiopia.	300
28	Quin.	S. Simão e S. Judas Thaddeo, App.	301
29	Sex.	S. Feliciano.—Trastadação de St. <sup>a</sup> Isabel.	302
30	Sab.	S. Serapião B. [jejum].	303
31	Dom.	S. Quintiano.	304

PORTUGAL.

## PHAZES DA LUA.

BRAZIL.

5 ☉ L. n. as 1 h. 45 m. da t.	5 ☉ L. n. as 11 h. 30 m. da m.
12 ☽ Q. c. as 9 h. 28 m. da m.	12 ☽ Q. c. as 7 h. 13 m. da m.
20 ☽ L. ch. as 1 h. 23 m. da t.	20 ☽ L. ch. as 11 h. 8 m. da m.
28 ☾ Q. m. as 9 h. 0 m. da m.	28 ☾ Q. m. as 6 h. 45 m. da m.

## NOVEMBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Seg.	✠ Festa de todos os Sanctos.	305
2	Ter.	Commemor. dos defunctos.—S. Victorino M.	306
3	Quar.	S. Malaquias B. primaz da Irlanda.	307
4	Quin.	S. Carlos Borromeu.	308
5	Sex.	S. Zacharias e St. <sup>a</sup> Isabel, paes de S. João B.	309
6	Sab.	S. Severo B. M.	310
7	Dom.	S. Florencio B.	311
8	Seg.	S. Severiano.	312
9	Ter.	S. Theodorio M.	313
10	Quar.	St. <sup>o</sup> André Avelino.	314
11	Quin.	S. Martinho B.	315
12	Sex.	S. Martinho P. M. — S. Diogo.	316
13	Sab.	St. <sup>o</sup> Eugenio B. de Toledo.	317
14	Dom.	O Patrocinio de N. Senhora.	318
15	Seg.	St. <sup>a</sup> Gertrudes Magna.	319
16	Ter.	S. Gonçalo de Lagos.	320
17	Quar.	S. Gregorio Thaumaturgo, B.	321
18	Quin.	S. Romão M. [Ded. da bas. de S. Ped.e S. P.]	322
19	Sex.	St. <sup>a</sup> Isabel Rainha da Hungria.	323
20	Sab.	S. Felix de Valois, fundador dos Trinos.	324
21	Dom.	Apresentação de N. Senhora.	325
22	Seg.	St. <sup>a</sup> Cecilia M.	326
23	Ter.	S. Clemente P. M.— St. <sup>a</sup> Felicidade M.	327
24	Quar.	S. João da Cruz—St. <sup>o</sup> Estanislau Kostka.	328
25	Quin.	St. <sup>a</sup> Catharina M.	329
26	Sex.	S. Pedro Alexandrino.	330
27	Sab.	St. <sup>a</sup> Margarida de Saboia.	331
28	Dom.	[1. <sup>o</sup> do advento]—S. Gregorio III P.	332
29	Seg.	S. Saturino M.	333
30	Ter.	St. <sup>o</sup> André Ap.	334

PORTUGAL.	PHAZES DA LUA.	BRAZIL.
3 ☉ L. n. ás 11 h. 1 m. da t.	3 ☉ L. n. ás 8 h. 46 m. dat.	
11 ☽ Q. c. ás 2 h. 22 m. da m.	11 ☽ Q. c. ás 12 h. 7 m. dam.	
19 ☽ L. ch. ás 6 h. 44 m. da m.	19 ☽ L. ch. ás 4 h. 29 m. dam.	
26 ☾ Q. m. ás 5 h. 49 m. da t.	26 ☾ Q. m. ás 3 h. 25 m. dat.	

## DEZEMBRO.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA SEMANA.	<b>Ephemerides Religiosas.</b>	DIAS DO ANNO.
1	Quar.	St.º Eloy B.	335
2	Quin.	St.ª Bibiana M. —St.º Aurelio M.	336
3	Sex.	S. Francisco Xavier, [jejum].	337
4	Sab.	St.ª Barbara M., [jejum].	338
5	Dom.	[2.º do advento.]—S. Geraldo, Arc. de Braga.	339
6	Seg.	S. Nicolau.	340
7	Ter.	St.º Ambrosio B. e Dr. da Igreja.	341
8	Quar.	✠ N. Senhora da Conceição, Padr. do Reino.	342
9	Quin.	St.ª Leocadia M.	343
10	Sex.	S. Melchiades P. M.	344
11	Sab.	S. Damaso P. Portug.—S. Franco, [jejum.]	345
12	Dom.	[3.º do advento.]—S. Justino M.	346
13	Seg.	St.ª Luzia M.	347
14	Ter.	St.º Agnello Ab.	348
15	Quar.	St.º Eusebio B. M., [jejum].	349
16	Quin.	As Virgens de Africa MM.	350
17	Sex.	S. Lazaro B., [jejum].	351
18	Sab.	N. Senhora do Ó—St.º Espiridião.	352
19	Dom.	[4.º do advento.]—St.ª Fausta.	353
20	Seg.	S. Domingos de Silos Ab.	354
21	Ter.	S. Thomé Ap.	355
22	Quar.	St.º Honorato M.	356
23	Quin.	S. Servulo. St.ª Victoria M.	357
24	Sex.	S. Gregorio M., [jejum].	358
25	Sab.	✠ Nascimento de N. Senhor Jesus Christo.	359
26	Dom.	St.º Estevão Proto Martyr. (1.ª oitava).	360
27	Seg.	S. João Ap. e Evang. [2.ª oitava].	361
28	Ter.	Os Ss. Innocentes MM. [3.ª oitava].	362
29	Quar.	S. Thomaz. M. Arceb. de Cantuaria.	363
30	Quin.	S. Sabino B. M.	364
31	Sex.	S. Silvestre P.	365

PORTUGAL.		PHAZES DA LUA.	BRAZIL.		
3	☉	L. n. ás 10 h. 7 m. da m.	3	☉	L. n. ás 7 h. 52 m. da m.
10	☽	Q. c. ás 10 h. 38 m. da t.	10	☽	Q. c. ás 8 h. 23 m. da t.
18	☽	L. ch. ás 11 h. 16 m. da t.	18	☽	L. ch. ás 9 h. 1 m. da t.
26	☾	Q. m. ás 1 h. 59 m. da m.	26	☾	Q. m. ás 11 h. 44 m. da m.

**NASCIMENTOS E OCCASOS DO SOL EM 1869.**

DIAS DO MEZ	LISBOA.				RIO DE JAN.º				LISBOA.				RIO DE JAN.º			
	N.		O.		N.		O.		N.		O.		N.		O.	
	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.
<b>Janeiro.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	7	26	4	42	5	11	2	27	7	11	5	17	4	56	3	2
9	7	25	4	50	5	10	2	35	7	2	5	27	4	47	3	12
17	7	22	4	59	5	7	2	44	6	52	5	36	4	38	3	21
25	7	17	5	8	5	2	2	53	6	41	5	46	4	26	3	31
<b>Março.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	6	36	5	50	4	21	3	35	5	46	6	22	3	31	4	7
9	6	24	5	58	4	9	3	43	5	34	6	30	3	19	4	15
17	6	10	6	6	3	55	3	51	5	22	6	38	3	7	4	23
25	5	57	6	15	3	24	4	0	5	10	6	46	2	55	4	31
<b>Maior.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	5	1	6	52	3	1	4	37	4	34	7	20	2	19	5	6
9	4	52	7	0	2	37	4	45	4	32	7	26	2	17	5	11
17	4	44	7	8	2	29	4	53	4	31	7	29	2	16	5	14
25	4	38	7	15	2	23	5	0	4	33	7	31	2	18	5	16
<b>Junho.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	4	36	7	31	2	21	5	16	4	59	7	13	2	44	4	38
9	4	40	7	30	2	25	5	15	5	7	7	4	2	42	4	49
17	4	46	7	26	2	31	5	11	5	14	6	54	4	59	4	29
25	5	53	7	20	2	38	5	5	5	22	6	42	3	7	4	27
<b>Agosto.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	5	29	6	31	3	14	4	16	5	57	5	42	3	42	3	27
9	5	36	6	18	3	21	4	3	6	5	5	29	3	50	3	14
17	5	41	6	5	3	29	3	50	6	11	5	16	3	59	3	1
25	5	52	5	52	3	37	3	37	6	23	5	5	4	8	3	50
<b>Setembro.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	6	31	4	56	4	16	2	41	7	5	4	33	4	50	2	18
9	6	40	4	48	1	25	2	33	7	13	4	32	4	58	2	17
17	6	49	4	40	4	34	2	25	7	19	4	34	5	4	2	19
25	6	59	4	36	4	44	2	21	7	22	4	37	5	8	2	22
<b>Outubro.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	6	31	4	56	4	16	2	41	7	5	4	33	4	50	2	18
9	6	40	4	48	1	25	2	33	7	13	4	32	4	58	2	17
17	6	49	4	40	4	34	2	25	7	19	4	34	5	4	2	19
25	6	59	4	36	4	44	2	21	7	22	4	37	5	8	2	22
<b>Novembro.</b>																
	m.		t.		m.		t.		m.		t.		m.		t.	
1	6	31	4	56	4	16	2	41	7	5	4	33	4	50	2	18
9	6	40	4	48	1	25	2	33	7	13	4	32	4	58	2	17
17	6	49	4	40	4	34	2	25	7	19	4	34	5	4	2	19
25	6	59	4	36	4	44	2	21	7	22	4	37	5	8	2	22

**NASCIMENTOS E OCCASOS DA LUA em 1869.**

DIAS DO MEZ.	LISBOA.				RIO DE JAN. °				LISBOA.				RIO DE JAN. °			
	N.		O.		N.		O.		N.		O.		N.		O.	
	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.	h.	m.
<b>Janeiro.</b>																
1	8 t.	31	9m.	36	6 t.	16	7m.	21	10t.	39	9m.	57	8t.	24	7m.	42
9	3m.	47	2 t.	10	1m.	32	1m.	45	5m.	7	3t.	6	2m.	52	0t.	51
17	9	37	8	57	7	22	6 t.	42	9t.	44	10	57	7	29	8	42
25	2 t.	44	4m.	29	0 t.	26	2m.	14	4	50	5t.	57	2t.	35	m.	342
<b>Fevereiro.</b>																
<b>Março.</b>																
1	9 t.	26	8m.	26	7 t.	11	6m.	41	14t.	11	8m.	39	3t.	56	6m.	24
9	3m.	47	1 t.	51	1m.	32	11m.	36	4m.	41	3t.	29	4m.	56	1t.	14
17	8	19	9	53	6	4	7 t.	40	9	14	0	0	6	59	9	45
25	3 t.	44	4m.	53	1 t.	26	2m.	38	5t.	54	4m.	52	3t.	39	2m.	37
<b>Abril.</b>																
<b>Maião.</b>																
1	11t.	37	8	42	9 t.	22	6m.	27	0t.	0	10m.	5	9t.	45	7m.	50
9	3m.	43	4 t.	20	1m.	28	2 t.	5	4m.	3	6t.	31	1m.	48	4t.	16
17	0	42	0	0	7	57	9	45	0t.	33	0m.	27	10t.	18	10t.	12
25	16t.	48	4m.	33	4 t.	33	2m.	18	8t.	15	5m.	19	6t.	0	3m.	4
<b>Junho.</b>																
<b>Julho.</b>																
1	11 t.	43	10m.	50	9 t.	28	8m.	35	14 t.	50	0 t.	44	9t.	35	10m.	29
9	4m.	30	7 t.	26	2m.	15	5t.	11	6m.	50	8 t.	22	4m.	35	6 t.	7
17	1 t.	34	0m.	4	11m.	19	9t.	49	3 t.	18	0m.	20	1t.	3	10m.	5
25	8 t.	14	5m.	51	5 t.	59	3m.	36	8	18	7	35	6	3	5m.	20
<b>Agosto.</b>																
<b>Septembro.</b>																
1	0t.	0	2 t.	51	9t.	45	0t.	36	0m.	52	3 t.	25	10t.	47	1 t.	10
9	9m.	7	8	34	6m.	52	6	19	10	2	8	19	7	47	6	4
17	4t.	14	1m.	38	1t.	59	11t.	23	3t.	54	2m.	18	1t.	39	0m.	3
25	8	28	9	33	6	43	7	18	8	42	10	38	6	27	8	23
<b>Outubro.</b>																
<b>Novembro.</b>																
1	2m.	18	3 t.	53	1m.	3	1t.	38	4m.	26	3t.	32	2m.	11	1 t.	17
9	11	27	9	18	9	12	7	3	11	22	9	53	9	7	7	38
17	3t.	52	4m.	3	1 t.	37	1m.	49	3t.	45	5m.	0	1t.	20	2m.	45
25	10	51	0 t.	8	8	36	9t.	53	0m.	0	11m.	9	9t.	45	9m.	44
<b>Dezembro.</b>																

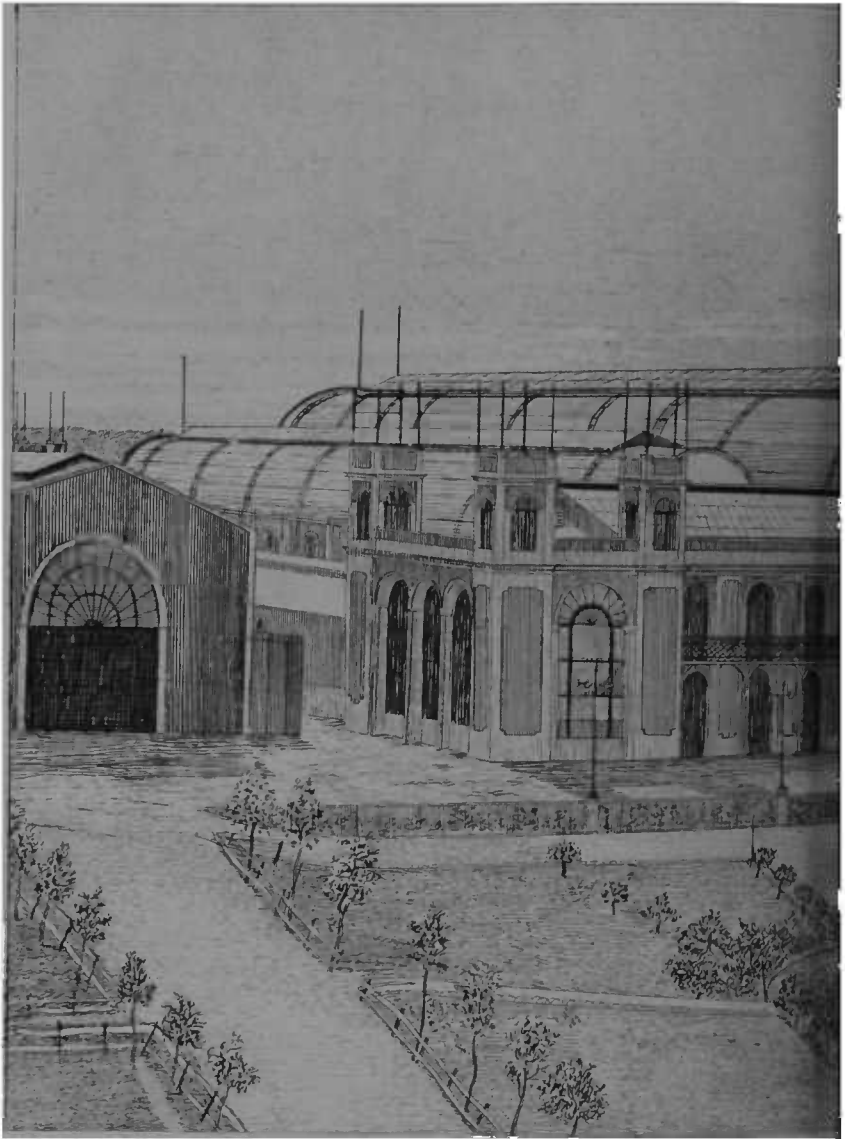


# **PARTE SEGUNDA.**

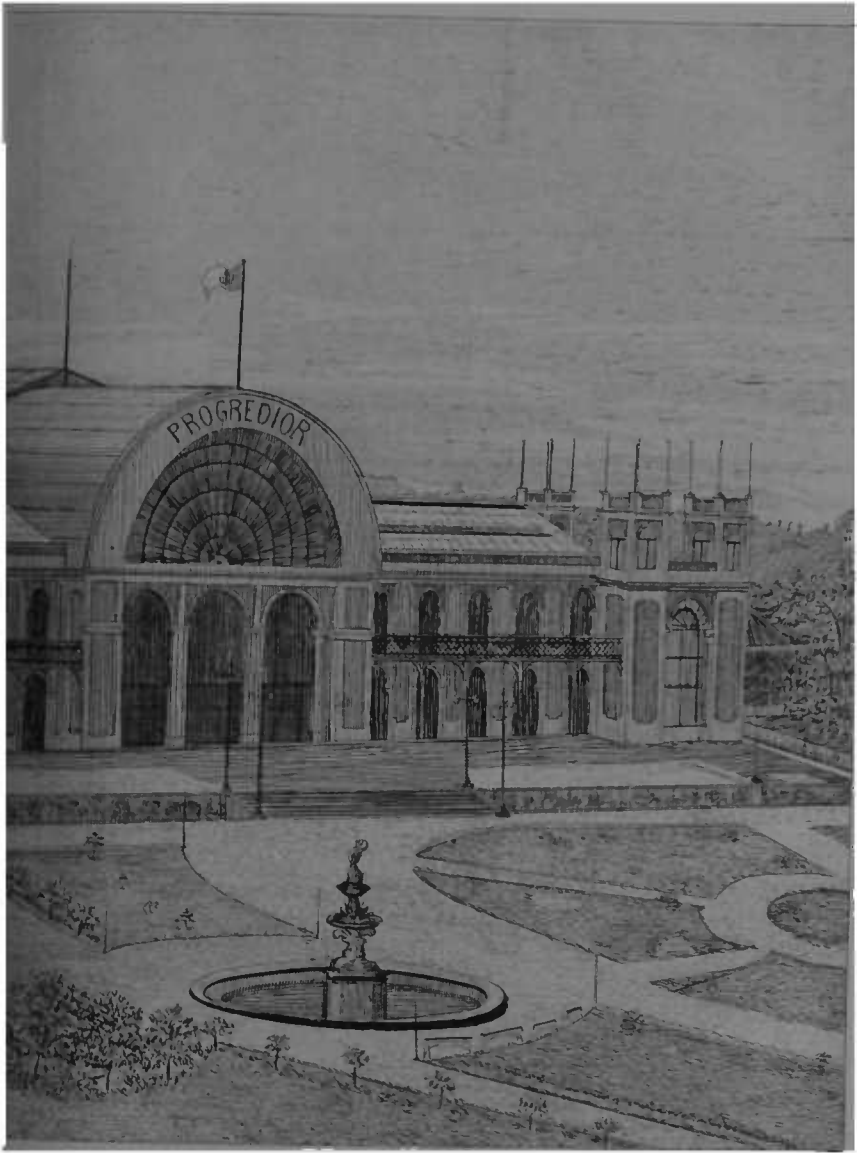
Eis que do seu regaço os bons auctores  
Vos enborca a impressão. Lêde e relêde ;  
Que os moldes engraçados da facundia,  
Aceada e nobre e rica, n'elles jazem.

PHILINTO ELYSEO — ARTE POÉTICA, § XX.





*Palacio de cristal*



*Wortmann & Co.*



# ALMANACH FAMILIAR.

## SEGUNDA PARTE.

### ARTIGOS E VARIEDADES,



#### PORTUGAL.

Situado na parte mais occidental da Europa, Portugal tem por limites septentrionaes a Galliza, por limites meridionaes e occidentaes o mar oceano, e por limites orientaes as provincias hispanholas de Leão, Extremadura, e Andaluzia.

Aproxima-se d'um quadrilongo na configuração, contendo 91:013 quilómetros quadrados, com a população de 4:350:246 habitantes; contendo-se 3:986:558 habitantes na parte continental, e 363:658 habitantes na parte insular.

Tem o maior comprimento entre Melgaço ao norte, e o Cabo de Sancta Maria ao sul; e a maior largura, entre Campo maior a leste, e o Cabo da Roca a oeste.

A denominação de Portugal provém da palavra *Cale*, dada a uma povoação da esquerda do Douro juncto á fóz, e da palavra *Portus*, dada egualmente a uma povoação da direita do mesmo rio, ambas fronteiras uma á outra. Desde o seculo 5.<sup>o</sup> começa a apparecer generalizada a denominação de *Portucale*, como significativa do nosso paiz.

Da antiga *Cale* resta hoje a memoria em *Gaia*, assim como de *Portus* no *Porto*, com pequenas alterações.

A palavra *Cale*, d'origem gaelica, e significativa de enseada e bahia, indica a procedencia celtica; do mesmo modo que a palavra *Dur* com a pronuncia *dour*, significa-





# ALMANACH FAMILIAR.

## SEGUNDA PARTE.

### ARTIGOS E VARIEDADES.



#### PORTUGAL.

Situado na parte mais occidental da Europa, Portugal tem por limites septentrionaes a Galliza, por limites meridionaes e occidentaes o mar oceano, e por limites orientaes as provincias hispanholas de Leão, Extremadura, e Andaluzia.

Aproxima-se d'um quadrilongo na configuração, contendo 91:013 kilômetros quadrados, com a população de 4:350:216 habitantes; contendo-se 3:986:558 habitantes na parte continental, e 363:658 habitantes na parte insular.

Tem o maior comprimento entre Melgaço ao norte, e o Cabo de Sancta Maria ao sul; e a maior largura, entre Campo maior a leste, e o Cabo da Roca a oeste.

A denominação de Portugal provém da palavra *Cale*, dada a uma povoação da esquerda do Douro juncto á fóz, e da palavra *Portus*, dada egualmente a uma povoação da direita do mesmo rio, ambas fronteiras uma á outra. Desde o seculo 5.<sup>o</sup> começa a apparecer generalisada a denominação de *Portucale*, como significativa do nosso paiz.

Da antiga *Cale* resta hoje a memoria em *Gaia*, assim como de *Portus* no *Porto*, com pequenas alterações.

A palavra *Cale*, d'origem gaélica, e significativa de encuda e bahia, indica a procedencia celtica; do mesmo modo que a palavra *Dur* com a pronuncia *dour*, significa-

tiva de agua e corrente, dada ao rio Douro, é de procedencia bretan.

Dos aborigenes, estanceados a principio em Portugal, escassa é a luz que nos ministra a historia, durante os primeiros 10 seculos antes da era christan.

Divididos em tribus ou nações independentes, viviam estes indigenas aggrupados em povoações, assentadas d'ordinario ao pé das margens dos grandes rios, e digladiando-se com frequencia uns aos outros.

Pelo os annos de 1000, estavam estabelecidos na peninsula os phenicios, povos oriundos da Asia, e dados á navegacão e ao commercio com o maior disvelo.

Descendem de Canaan, filho de Cham, e neto de Noé; e estanceavam a principio nas planicies da Chaldea.

Quando os carthaginezes, da mesma origem phenicia e estanceados no norte da Africa, vieram ás nossas regiões, estava a peninsula extremamente povoada, especialmente nas proximidades litteraes.

Aos phenicios e carthaginezes, assim como aos gregos que vieram á peninsula, devem os nossos indigenas os principaes progressos de civilisação.

D'uns e outros d'estes povos, restam ainda pelo paiz não poucos vestigios das povoações que fundaram.

Entre as tribus principaes do nosso paiz, eram as mais memoraveis as dos abobricenses, amaienses, ancondeus, arevâcos, astúres, belitanos, berões, bibalos, hrácaros, callaicos, callenses, celerinos, celtas, cerenecos, colarnos, corétes, grayos, herminios, labricâncs, lancinscs, limicos, lubénos, luzitanos, narbassos, nemetâtes, ostidanienses, pêsures, sárrios, seurbos, tamacânos, transcudanos, turdetanos, túrdulos, turólos, tyrios, vaceus, e vetões.

Governavam-se estas tribus, ou nações indigenas, por leis peculiares a cada uma d'ellas.

Os turdetanos, que estanceavam ao sul do paiz, eram os indigenas mais civilizados e poderosos.

Os callaicos, que estanceavam nos territorios de Braga, eram dos mais indomaveis; a ponto de Decio Junio Bruto adoptar o sobrenome de callaico; pelos haver vencido, nas honras do triumpho em Roma.

Depois d'incarnçadas guerras, subjugaram os romanos os indigenas da peninsula, expulsando d'ella as car-

thaginezes, como estes haviam expulsado também os phenícios.

Tiveram-na sujeita ao poder de Roma desde o meado do seculo 2.º, antes da era christã, até aos principios do seculo 5.º depois de Christo.

Expulsos os carthaginezes da península, dividiram-na os romanos em 2 provincias, *Citerior* e *Ulterior*, limitadas entre si pelo rio Ebro, e assim denominadas em relação á situação de Roma. Teve lugar esta divisão no anno 537 da fundação de Roma.

Octaviano Cesar Augusto dividiu-a depois em 3 provincias, *Tarraconense* na *Citerior*, e *Bética* e *Luzitania* na *Ulterior*. Deixou então ao senado a *Bética*, erigida na Andaluzia; e limitou entre o Douro e o Guadiana a *Luzitania*, provincia dilatada anteriormente até ao mar septemtrional da Gallisa e Asturias: assim como aggregou á *Tarraconense* os territorios d'entre o Douro até ao mesmo mar. Teve lugar esta divisão no anno 727 da fundação de Roma, no 7.º anno do consulado do mesmo Octaviano, então imperador absoluto de Roma.

Pelos annos de 331 da era christã, foi a península dividida em 5 provincias, separando-se da *Tarraconense* a *Callaica* e a *Carthaginense*; e a esta divisão se accomodou depois a divisão ecclesiastica.

Em tempo de Valentiniano Junior, eram 6 as provincias da península, *Tarraconense*, *Callaica*, *Carthaginense*, *Bética*, *Luzitana*, e *Tingitana*. A *Bética* e a *Luzitana* eram consulares: as demais eram pretoriaes.

Dava-se também o nome de provincia *Transfretana* á *Tingitana*, como se dava o nome de provincias presidiaes ás pretoriaes.

Nos principios do seculo 5.º foram os romanos expulsos da península pelos barbaros do norte — alãos, wandalos, suevos, e godos.

Os suevos tiveram a côrte em Braga por longo tempo.

Pelos annos de 711 foram os barbaros subjugados pelos sarracenos; retirando-se então ás montanhas das Asturias D. Pelaio, parente do ultimo rei godo D. Rodrigo, que a tradição dá como fallecido nas visinhanças de Vizeu.

As reliquias da monarchia goda, reunidas a D.

Pelaio, augmentaram com o andar dos tempos, a ponto de retomarem successivamente aos mouros as terras que elles haviam conquistado: dando assim origem aos reinos de Leão e Castella, e depois ao reino de Portugal.

Começou a nossa independencia nos tempos de D. Affonso 6.<sup>o</sup> de Leão e Castella, com o casamento de sua filha D. Thereza com o conde D. Henrique de Borgonha, que viera á Hespanha a fim de guerrear contra os mouros.

Dêu-lhe D. Affonso 6.<sup>o</sup> por dote o paiz situado ao sul de Galliza, com as mais terras que podesse conquistar aos mouros até ao rio Guadiana.

Não assumiu o conde D. Henrique o titulo de rei: assumiu-o somente seu filho D. Affonso Henriques, nascido em Guimarães, onde fôra baptizado na egreja de S. Miguel do Castello pelo arcebispo S. Geraldo, primeiro prelado de Braga com esta qualificação.

Dividido Portugal a principio em 6 provincias, variou depois esta divisão geographica, baseada nos limites naturaes dos rios e montanhas.

Eram estas 6 provincias—Entre-Douro e Minho, Traz-os-Montes, Beira, Extremadura, Alentejo e Algarve.

A divisão geographica em 8 provincias, ordenada em 1846, consta das provincias do Minho, Traz-os-Montes, Douro, Beira-Alta, Beira-Baixa, Extremadura, Alentejo, e Algarve.

A provincia do Douro organisou-se com parte de Entre-Douro e Minho, de Traz-os-Montes, e da Beira.

A estas 8 provincias continentaes, accrescem 2 provincias insulares, Madeira e Açores; sendo a ultima d'ellas subdividida em Oriental, Central, e Occidental.

Accrescem ainda tambem 6 provincias ultramarinas, Cabo-Verde com a Costa de Guiné, Angola, S. Thomé e Príncipe, Moçambique, India, e Macau com Solôr e Timór.

As provincias insulares formam 4 districtos administrativos, (Funchal, Ponta-Dealgada, Angra, e Horta) formando 17 as provincias continentaes: 2 no Minho (Braga, e Vianna), 2 em Traz-os-Montes (Villa Real, e Bragança), 3 no Douro (Porto, Aveiro, e Coimbra), 1 na Beira-Alta (Vizeu), 2 na Beira-Baixa (Guarda, e Castello-Branco), 3 na

Extremadura (Lisboa, Santarém, e Leiria), 3 no Alentejo (Portalegre, Beja, e Évora), e 1 no Algarve (Faro).

Ecclesiasticamente, divide-se o reino em 1 patriarchado (Lisboa), 2 arcebispados (Braga e Évora), e 16 bispados, (Algarve, Angra, Aveiro, Beja, Bragança, Castello-Branco, Coimbra, Elvas, Funchal, Guarda, Lamego, Leiria, Pinhel, Portalegre, Porto, e Vizeu); além das dioceses do ultramar, de que é primaz o arcebispado de Goa.

Judicialmente, divide-se em 3 relações judiciais (Lisboa, Porto, Ponta-Delgada, Loanda, e Goa).

Militarmente, divide-se em 10 divisões militares, (Lisboa, Vizen, Porto, Braga, Chaves, Castello-Branco, Extremoz Tavira, Funchal, e Ponta-Delgada), individualizadas ordinalmente desde a 1.<sup>a</sup> até à 10.<sup>a</sup>

O solo do Paiz é geralmente montuoso.

Não ha em Portugal região alguma, sem maiores ou menores accidentações. Nas costas maritimas, e no Alentejo, é onde ha algumas planicies; e no interior, apenas ha planuras em Chaves, Villariça, Vizeu, Campo de Coimbra, Gollegan, e margem esquerda do Tejo.

As principaes montanhas do Minho são — Suajo, Geréz, e Sancta Luzia.

Em Traz-os-Montes — Montesinhos, Marão, Alteras de Barrázo, e Nogueira.

Na Beira-alta — Caramulo, e Bussaco.

Na Beira-liaixa — Estrella, Lonzan, e Melrica.

Na Extremadura — Monte-junto, Minde, Cintra, e Arrabida.

No Alentejo — Ossa, Portalegre, e Marvão.

No Algarve — Monchique, Monte-gordo, e Monte-figo.

A serra de Suajo é a montanha mais alta do paiz; com quanto nos escriptos geographicos, quér nacionaes, quér estrangeiros, figure a serra da Estrella como a montanha de maior altitude.

Eis a eschala d'estas elevações em relação ao nível do mar, avaliadas em metros:

Serra de Suajo.	2115.
Serra da Estrella.	2350.
Serra de Montesinhos .	2285.
Serra do Geréz. . . . .	1567.
Serra do Marão . . . . .	1436.
Serra de Monchique . . . . .	1250.

Serra das Alturas	1233.
Serra de Nogueira .	1142.
Serra de Monte-junto .	711.
Serra da Louzan.	704.
Serra de Melrica.	688.
Serra de St. <sup>a</sup> Luzia.	685.
Serra de Monte-gordo.	685.
Serra de Minde	658.
Serra de Cintra	628.
Serra d'Ossa .	621.
Serra de Portalegre	612.
Serra de Monte-figo	612.
Serra do Caramulo.	555.
Serra do Bussaco	539.
Serra de Marvão.	500.

Dos rios principaes de Portugal, correm no Minho: o Douro, ó Minho, o Lima, o Cávado, o Ave, o Neiva, o Leça, o Ancora, e o Vizella.

Em Traz-os-Montes: o Tâmega, o Tua, o Sabôr, o Corgó, e o Pinhão.

Nas Beiras: o Mondego, o Vouga, o Côa, o Távora, o Paiva, e o Dão.

Na Extremadura: o Tejo, o Sado, o Zêzere, o Canha, o Sourc, e o Liz.

No Alentejo: o Guadiana, o Ervedal, e o Devôr.

No Algarve: o Val-Formoso, o Sequa, o Portimão, e o Odemira.

Entre as povoações principaes, contam-se no Minho as cidades de Braga, Guimarães, e Vianna do Castello; e as villas de Arcos de Val-de-Vez, Barcellos, Caminha, Espozende, Fafe, Lixa, Melgaco, Monção, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Povoia de Lanhoso, Valença, Villa-nova da Cerveira, e Villa-nova de Famalicão.

Em Traz-os-Montes, as cidades de Bragança e Miranda do Douro; e as villas de Alfandega da Fé, Chaves, Favaios, Freixo d'Espada-Cincta, Mezão-Frio, Mirandella, Mogadouro, Moncorvo, Montalegre, Murça, Pêzo da Regua, Ribeira de Pena, Villa Pouca d'Aguiar, e Villa-Flôr.

Na provincia do Douro, as cidades de Aveiro, Coimbra, Penafiel, e Porto; e as villas de Agueda, Amaranthe, Arganil, Arouca, Cantanhêde, Condeixa-a-Nova, Feira,

Figueira da Fóz, Ilhavo, Lousan, Mcallhada, Monte-mor-o-Velho, Oliveira d'Azeneis, Ovar, Povoá do Varzim, Soure, Tentugal, Sancto Thyrsó, Vallongo, Villa do Conde, Villa-nova de Gaia, e Vouga.

Na Beira-Alta, as cidades de Lamego, e Vizeu; e as villas de Castro-Daire, Sancta Comba-Dão, Mangualde, Moimenta da Beira, S. Pedró do Sul, Tóndella, e Vouzella.

Na Beira-Baixa, as cidades de Castello Branco, Guarda, e Pinhel; e as villas de Almeida, Alpedrinha, Celorico da Beira, Certan, Covilhan, Fundão, Gouvea, Idanha-a-Nova, S. João da Pesqueira, Manteigas, Marialva, Monsancto, Penamacór, Sarzedas, Trancózo, e Villa-nova de Foscóa.

Na Extremadura as cidades de Leiria, Lisboa, e Thomar; e as villas de Abrantés, Alcacer do Sal, Alcobaça, Alemquer, Almada, Almeirim, Batalha, Benavente, Galdes da Rainha, Cascaes, Cintra, Constança, Ericeira, Mafra, Obidos, Oeiras, Palmella, Peniche, Pombal, Porto de Moz, Salvaterra, Santarem, Setubal, Sines, Torres-novas, Torres-vedras, Villa-franca de Xira, e Villa-nova d'Ouren.

No Alemtejo, as cidades de Beja, Elvas, Evora, e Portalegre; e as villas de Alegrete, Alér-do-Chão, Arraiolos, Aviz, Campo-maior, Castello de Vide, Castro-verde, Crato, Extremóz, Marvão, Mértola, Monsarás, Monte-mór-o-Novo, Moura, Odemira, Serpa, Vianna do Alemtejo, e Villa Viçosa.

No Algarve, as cidades de Faro, Lagos, Silves, e Tavira; e as villas de Albufeira, Alcoutim, Aljesur, Castro-Marim, Loulé, Monchique, Olhão, Villa-nova de Portimão, e Villa Real de Sancto Antonio.

Lisboa é a capital do reino.

O clima do paiz é saluberrimo em geral: poucas são as localidades em excepção.

As produções são abundantes em todos os generos de primeira necessidade.

A fórma de governo é a monarchica representativa; e o rei tem o tractamento de magestade fidelissima.

A religião é a catholica, apostolica, romana.

Nas provincias ultra-marinas ha subditos que não são catholicos: e são permittidas aos estrangeiros as suas religiões especiaes, sem fórmas exteriores de templos, e sem irreverencia para com a religião do paiz.

## OS LUSIADAS

## I

Não te enganaste, ai, não! Bem o sentias  
 Rugindo, ao longe, o iberico leão,  
 Enquanto que os que, em pé, nas penedias  
 Do Tejo, como attonitos, estão,  
 Acenam, entre o pranto e a esp'rança, á frota,  
 Que, a cruz por timbre, e Alcacer por derrota,  
 Abre as azas ao vento e á perdição.

## II

E quando, enfim, da já deserta praia,  
 A tenue luz do occaso, que desmaia,  
 Viste sumir-se a derradeira nau  
 Na penumbra phantastica dos mares;  
 Quando, depois de só contigo achares  
 Cicatrizes, a espada, a lyra... e um Jan,  
 Curvaste a fronte, ó cysne de Macau,  
 Ó doce Orpheu dos indicos palmares,  
 Tu deste larga, assim, aos teus pesares:

« Onde ides? que buscaes co'a prôa ao sul?  
 Que prisma vão de gloria vos fascina,  
 É vos encobre, perfido, a ruina  
 Co'os loiros de Malaca e de Chaul? 1

« Cuidaes achar em Fez uma epopeia,  
 Um novo Achem e um outro Camorim...  
 E en vejo, em meu presagio, um triste fim:  
 De Agar o vil poder, que vos rodeia;  
 Que de montões de mortos junca a arcia,  
 Que torna em sangue a agua ao Mucasin!

*1 É sabido que o que mais contribuiu, para mover a  
 el-rei D. Sabastião á sua fatal jornada de Africa foi a  
 fama do que os nossos portuguezes faziam, então, na Asia,  
 sendo alli viso-rei D. Luiz de Atahyde.*



«Ai, de nós, se tal é, e acaba o sonho!  
Que sorte a minha e a tua, ó Portugal!  
Vamos ter por futuro, já supponho,  
Tu, luto e escravidão, eu... o hospital!

«Mas que importa? Se a minha extrema trova  
Juntar-se deve ao teu ultimo ai;  
Se a vida, a um tempo, a ambos se nos vao,  
E morte egual uos abre a mesma cova...  
Fica-te o germen do resgate ahi.  
Por elle, em pó farás do opprobrio a algema,  
Por elle, has de, outra vez, pôr o diadema,  
E resurgir! É o livro, que escrevi  
Co'o sangue d'alma.. É o meu e o teu poema,

«Ao lê-lo, novos brios te virão.  
Unindo-o a ti, qual eu hojei nas aguas,  
Emergirás de um mar de infamia e maguas,  
Verás porto, e no porto a salvação.»

### III

E assim foi. Foi bem certa a prophecia!  
Enquanto o intruso rei nos excrucia,  
Ousa o pé sobre as ulceras nos pôr,  
E, em proveito do orgulho de Castella,  
Pouco a pouco, o poder nos dismantela  
Desde a Africa e a China ao Equador...

Entre cinzas, que amargo pranto ensopa,  
No meio do destroço, que ahi se vê,  
Da fazenda, das leis, das naus, da tropa,  
O povo, da oppressão posto á mercê,  
No roxo pulso os ferros só supporta,  
Só lhe entra alento n'alma semi-morta,  
Se, a occultas, os «Lusiadas» relê!

Aprende alli o odio a estar sujeito.  
Presta, vendo o que foi, culto ao DIREITO;  
E termo sente aos tratos, que lhe dão;  
Como, scismando em esp'ranças e resgates,  
Na margem n'ra e aspera do Euphrates,  
Decora os psalmos a exule Syão.

## IV

E foi de lá que a inspiração nos veiu,  
 Quando, de um sol d'inverno aos arreboes,  
 Nos brotou um volcão dentro do seio,  
 E se mudaram, findo o longo aneio,  
 Em reino um carc're, e escravos em heroes.

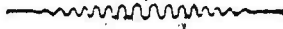
## V

Devemos-lh'o. E bastou só uma hora!  
 E é essa a nossa égide, ainda agora,  
 Contra ti fatua Europa, que suppões  
 Que, pois nos deste em pabulo a facções,  
 E, hoje, triste discordia nos divide,  
 A quem sonha, em Lisboa, com Madrid  
 Soprar pódes, a salvo, as ambições.

Não, não. Verás. O reino erguer-se ha-de,  
 Solto já do marasmo, que o invade,  
 E esquecido de estereis dissensões,  
 Nos labios tendo um grito — a liberdade!  
 Tendo na mão um livro — o de Camões!

28 de setembro de 1867.

A. PEREIRA DA CUNHA.





*Lusitana*



## MONUMENTO DE CAMÕES

— 9 DE OUTUBRO DE 1867 —

Ditosa patria que tal filho teve!

LUZIADAS.

No anno de 1867, aos 9 de Outubro, na capital da Monarchia Portugueza, os dois soberanos, D. Luiz e D. Fernando, desvendaram por suas mãos, e patentearam ao publico a estatua de CAMÕES, soberano dos poetas peninsulares.

Foi um dia de festa nacional, em que, sem discrepancia d'um voto, todos tomaram parte com egual enthusiasmo. Nem só Lisboa se extasiou: de todos os pontos do reino se ouviram os sons festivos dos regosijos populares. A imprensa inteira curvou-se respeitosa ante o vulto do maximo ornamento lusitano; e muitos poetas cantaram o maior poeta,

Aquelle, cuja lyra sonora  
Será mais afamada que ditosa.

Ha nomes e acções, de que ou se ha de dizer tanto que se encham livros, ou epilogar-lhes a grandeza em traços curtos, mas enérgicos. Qualquer dos meios é egual para elles. Os livros, por muito que fallem, nem sempre dizem bastante: um nome vale neste caso volumes, pela magestade que lhe anda associada.

E é o que nos acontece.'

Estreito é o espaço, e estreitissima a penna, para escrevermos de CAMÕES, mas o nome compensa tudo, e é elle só a nossa melhor desculpa.

Quando se abre para uma nação o periodo aureo da sua grandeza, eleva-se conjunctamente o genio de seus filhos. Dilata-se-lhes o coração com a prosperidade da patria, e incita-os o enthusiasmo que os faz heroes. Assim succedeu na Roma dos Camillos e Duilios, na França dos Turennas e Barts, e no Portugal dos Gamas e Albuquerque.

Para a empresa mais arrojada da historia moderna, como foi a descoberta da carreira da India, e a fundação do nosso imperio na Asia, era mister de certo uma série gloriosa de homens extraordinarios; que não foi ella pacifica como a do Novo Mundo, que tambem então teve logar. Foi cortada de perigos e difficuldades; e medidas as forças, a cada passo, com innumeros exercitos e formidaveis armadas. Debalde buscaríamos nos semideoses do paganismo, ou nas paginas romanas, paralelo condigno para as gentilezas e galhardias d'aquellas eras!

Espirito varonil e genio peregrino são dotes necessarios para ser grande. Pode o corpo ser pequeno, disforme o gesto, escassas as proporções; que uma alma de fina tempera resgatará todos os defeitos. Não citaremos, por impertinentes, os exemplos de Grecia e Roma, que, pequenas no territorio, pelo valor de seus filhos se fizeram grandes, pelo lume do seu engenho eternas. Olhem-nos tambem, e vejâmos esta fitta de terra que chamamos nossa. Cravejamol-a com as pedrarias do Oriente, esmaltâmol-a sobretudo pelo espirito e pelo esforço.

N'uma mão sempre a espada, n'outra a penna, braço ás armas feito, mente ás muzas dada, nos portuguezes do occidente tão poucos quanto fortes, arando os campos marítimos, escrevemós nosso nome a par dos povos mais illustres, com altos feitos que os eclipsam a todos.

Egualou CAMÕES a nossa fama; immortalisando no seu poema esta pequena terra luzitana, berço de tantos cidadãos illustres, e seu proprio berço sobretudo; que esta só gloria lhe bastava. O seu livro, que é a nossa Odyssea, a biblia da nossa religião politica, foi o melhor monumento levantado á memoria de tantas acções singulares. Competia-nos tambem honrar authenticamente com outro monumento, que fosse de nós todos, a memoria do varão que nos tinha engrandecido e que está á porta dos seculos que se vão succedendo, com o seu livro na mão, para receber e instruir as gerações que nascem; para lhes ensinar com pureza e magestade a nossa lingua, inoculando-lhes nos espiritos o amor da patria que se não move de premio vil.

O impulso está dado; a geração actual solve a di-

vida da patria, perpetuando no bronze a gratidão devida. E pouco é, que se não quita monumento com monumento. Vale o livro mais que a estatua:

*Eregi monumentum acre perennius!* Mas accite a memoria do poeta a homenagem do reconhecimento publico da formosa patria amada: accite este pregão do ninho paterno, que, pequeno para a fama do poeta, ennobrecce todavia o paiz que o solta.

Nem o consideramos tardio; que nunca vem tarde o cumprimento de um dever, nem é raça de ingratos a que tem retardado esta obrigação!

A multiplicidade das edições, as traducções em numerosas linguas, o divino poema de Garrett, o drama de Castilho, obras e artigos multiplices em nossa litteratura e nas estranhas, são tambem valiosos monumentos, satellites brilhantes, que acompanham o sol esplendido que nos alumia a todos.

Depois de tudo, vae por fim este padrão que não exceptua ninguem. Cada familia, por si e por seus descendentes, está representada no auxilio que deu; e no assentimento com que approvou a obra.

Tentar e realisar este passo foi um nobre arrojo: cooperar para elle um stricto dever de quem se presa de portuguez. O mais illustre padrão, elevado a CAMÕES honra as mãos que o erigem, embora, para a sua fama, sempre demasiadamente pequeno. Elle não necessita de que lhe memorem o nome; mas os seus conterrancos precisavam lavar a nodoa de esquecidos.

As nações são como os individuos. Do berço ao tumulo as paixões as agitam; illustra-as a gloria; mancha-as muitas vezes o crime. E quando, como o homem, descem ao sepulchro depois de uma existencia de seculos, nem sempre se lhes inscreve um epitaphio na ultima lapida.

Com Portugal não succederá assim. Quando cahir amortalhado na bandeira das Quinas; o nome, a lingua e os feitos ficarão perpetuados n'um livro. Assim como a Grecia revive nos cantos de Homero, e Roma nos de Virgilio; assim Portugal ha de reviver constantemente no poema de Camões.

A. A. DA FONSECA PINTO.

## IMPOSSIVEL

Sempre tu!.. e sempre  
para mim impossivel!..

A. HERCULANO ⇔ (*Eurico*)

Tu és o pomo vedado  
Do eden da minha vida:  
Es a vizão do passado,  
Ao meu porvir transmitida.

Tu és esbelta palmeira,  
No meu deserto viver,  
Cuja sombra feiticeira  
Me convida a adormecer.

Tu és a roza do ermo,  
Que em meio d'urzes brotou:  
Es o principio e o termo,  
Do que minha alma sonhou.

Tu es a fonte escondida,  
Murmurando sem cessar,  
Que me illude e me convida,  
Sem nunca a poder tocar!

És o sol que me apparece,  
Cujó brilho me seduz,  
— Que me abrasa, e não m'aquece,  
— Que me cega — e me dá luz!

És um sonho de ventura  
De que desperto a soffrer:  
Abysmo d'inniensa altura,  
Que fascina e faz tremer

Tu és a estrella do norte,  
Que avisto sempre do mar  
Revolto da minha sorte,  
— Sem nunca o porto encontrar!



E eu... sou tudo o que não amas!  
 — Tu és o que adoro só!  
 Sou cinza de tuas chammaas,  
 Que ativo — lanças no pó!

Sou o verme imperceptível,  
 Que esmagas, sem vêr o que é!  
 Tu és p'ra mim o impossivel  
 Onde expira a minha fé!

Coimbra — 1867 — AMELIA JANNY.

## POVOAÇÕES AQUATICAS.

O doutor Baikie, que ha annos fez parte d'uma expedição ao centro d'África, descreve do seguinte modo uma singularissima raça d'homens, que habita nas margens do rio Tsadda:

« Entramos n'um recife que se estendia parallelamente á praia, e vimos surgir uma povoação. Com grande espanto nosso, o primeiro obstaculo que nos fez parar foi uma barraca, com que abalroou a prôa da embarcação que nos levava. Olhamos ao derredor; o lugar estava completamente inundado. Avançamos para o centro da povoação; não havia uma pollegada de terra a descoberto; as aguas cobriam todo o terreno da direita e da esquerda, da frente e da rectaguarda. Ao apparecermos, os habitantes sahiram do interior das barracas, e pararam de pé no limiar das portas. Sem exaggeração, tinham agua até aos joelhos; notei tambem uua criança cohera d'agua até á cintura. Não posso descrever o interior das cabanas d'estes amphibios; mas observamos que, se estão habitadas, obrigam os moradores a mergulhar para sahirem.

Atravessamos silenciosos a cidade aquatica, perguntando a nós mesmo como é que podiam seres humanos existir assim. Tinhamos ouvido fallar de tribus selvagens, que vivem em cavernas e cavidades de rochedos; es-

ulheciamos os singulares costumes de alguns Indios, que se empoleiram nas arvores, e de numerosas familias da China que passam a vida em jangadas e barcos; sabiamos tambem que os Touaricks e os Schanbah levam incessantemente vida errante nos desertos de areia, e que alguns povos do norte da America constroem um azylo no centro da neve; mas nunca tinhamos podido imaginar, que creaturas dotadas de razao formassem, por gosto, uma especie de colonia de castores, tendo os costumes dos hippopotamos e dos crocodilos, que infestam as lagoas vizinhas.»

Quem viaja sempre vê coisas!



## LINGUAS DO GLOBO

O numero das linguas do universo eleva-se a 2000, e o numero dos dialectos a 5000. Dividem-se em 5 grandes classes, em harmonia com as 5 partes do mundo: linguas da Asia, da Europa, da Africa, da America e da Oceania. Cada uma d'estas classes subdivide-se em familias.

Designa-se ainda com o nome de grupo *Indo-germanico* (Indo-Europeu) a reuniao de certas familias, que offerecem todas entre si, em differentes graus, signaes inequivocos de parentesco. São as familias *indiana, persa, romana, germanica, slavonnia e celtica*.

### Asia.

As linguas da Asia comprehendem-se em 7 classes: *semiticas, caucasicas, persas, indianas, transgangeticas, tartaricas, e sibericas*.

### Europa.

As linguas antigas e modernas da Europa, dividem-se em 6 familias distinctas: *ibericas, greco-latinas, germanicas, slavicas, e uralianas (finezas)*.

## Africa.

As linguas da Africa dividem-se em 4 classes : linguas da *região do Nilo*, da *Negricia marítima*, da *região do Atlas* e da *Africa austral*.

## America.

As linguas da America comprehendem-se em 6 familias: *andesparimes*, *guaranis*, *mexicanas*, *peruvianas*, linguas dos *Esquimós*, e da *região austral*.

## Oceania.

As linguas da Oceania formam 2 familias inteiramente distinctas :

Uma comprehende a multidão de linguas informes das tribus de negros da Nova-Guiné ; as linguas da Australia e parte montanhosa da peninsula de Malaca ; e das ilhas Philippinas.

A outra familia pôde dividir-se em 5 ramos, correspondentes a outras tantas variedades de raça : linguas *malaias* e *javanezas* ; linguas das ilhas *Célebes* ; lingua de *Madagascar* ; linguas das ilhas *Philippinas* e *Formosa* ; linguas da *Polynesia oriental* (sendo as principaes os dialectos das ilhas *Tonga*, *Nova Zelândia* e *Taiti*).

O estudo geral dos idiomas inda pouco conhecidos, em que abunda esta nova parte do mundo, não tem dado até hoje resultados linguisticos de transcendencia.

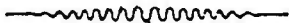


As maximas são como os numeros, que comprehendem grandes valores em bem poucos algarismos.

\*\*\*

O caminho da verdade é unico e simples ; o da falsidade vario e infinito.

\*\*\*



## OS PASSARINHOS DO AZINHAL

---

Porque é fugir, passarinhos ?  
 quem vos faz mal ? não sou eu.  
 O azinhal, o céu, os ninhos,  
 sombra, espessura, escaninhos,  
 tudo é vosso, e nada é meu.

Aqui sou eu vagabundo,  
 e estrangeiro, por meu mal !  
 vós sois donos do azinhal ;  
 este, é este o vosso mundo ;  
 neste bosque ermo e profundo  
 heis um eden terreal.

Comvosco se entendem bem,  
 aves do céu, minhas dôres ;  
 vós cantais vossos amores ;  
 de amor suspiro também.  
 Não fujais pois do estrangeiro,  
 que ás vossas soidões pedía  
 abrigo, paz, alegria,  
 um remanço onde dormir.

Vosso chilrar menineiro  
 de fresquissima harmonia  
 diz co'o suave pungir  
 da minha melancolia.

Pois porque é fugir ? sou eu  
 acaso algum malfeitor ?  
 entro na espessura, logo  
 me esvoaçais em derredor !  
 Que damno temeis de mim ?  
 olhae, não sou caçador.

Trago este livro, e não al ;  
 venho-o lér na sombra vossa,  
 sumido n'alguma choça  
 que ahi me engendre o azinhal.  
 Não vos quero fazer mal,  
 nem mal fazer-vos podia,  
 porque este livro se chama  
*Amor e Melancolia.*

Quem o vem lér, quem o traz  
 ao seio d'este arvoredó,  
 ouve-o logo, que em segredo  
 lhe diz ao ouvido : — « Paz !  
 « Paz ao bando voador :  
 « dos ingenuos passarinhos ;  
 « saiâmos, se és caçador ;  
 « não furtes os paes aos ninhos ;  
 « não roubes ao ninho o amor.  
 « Isto são uns bem-casados ;  
 « a mão de Deus é que os guarda.  
 « Caçador, n'estes silvados  
 « quantos ninhos orphanados  
 « não deixa a tua espingarda !  
 « Detem-te, homem sem accordo !  
 « não roubes o filho aos paes,  
 « não roubes a mãe ao filho !  
 « Quantas dôres, quantos ais,  
 « ahi por todo o arvoredó  
 « não pendem do teu gatilho !  
 « Que orphandades ! que viuvezes  
 « no canno d'esse trovão !  
 « Pensarás que os pequeninos  
 « não têm tambem coração ! »

Tudo isto pensa este livro,  
 se o não disse ; e muito mais !  
 Porque é pois fugir, se eu entro?  
 passarinhos, não fujais.

Bem vêdes que n'estas sombras  
 quem vos faz mal não sou eu ;  
 o livro tambem vos ama,

e innocente é o fallar seu.  
 Vinde pois **podeis** brincar  
 sem medo á roda de mim ;  
 chilrae vossas flautas d'oiro,  
 que eu tanjo o meu bandolim.

Alegrinhas creaturas !  
 alada infancia innocente,  
 que o terno Deus das alturas  
 esparziu com mão clemente,  
 para enlevo á solidão ;  
 quem vos ensina essa lingua  
 de palreira travessura,  
 que fallais ao coração ?

Mas . . . porque me esforço e clamo ?  
 fugis-me, e em balde vos quiz.  
 Para a espessura fugis,  
 a rir, a rir do reclamo.  
 Adeus pois ! . . .

Quando eu perdia  
 o suave abril dos annos,  
 quando a esp'rança se esvahiã,  
 quando fugia a innocencia,  
 quando via os desenganos  
 a cerrarem-se, quaes sombras,  
 posto o sol da adolescencia,  
 em balde também clamava,  
 também de balde pedia  
 á cançada consciencia  
 minhas mortas ambições.  
 Mas á voz com que eu carpia,  
 o silencio respondia  
 no meio das solidões.

Adeus ! adeus, passarinhos,  
 sois as minhas illusões ! . . . .

## O ANJO DA FÉ.

Il y a des douleurs qui consolent.

ARSÈNE HOUSSAYE.

E' noite : cercam-me espessas trevas. O meu candieiro, depois de faiscar na crepitação da agonia, apagou-se : morreu a luz, e o meu espirito sopitado na inercia do desalento não acordou.

De subito, diante de meus olhos fechados, opera-se um prodigio phantastico e miraculoso. Rasgam-se as sombras ; atravez d'um véo diaphano penetram os raios do sol, e uma camada de nuvens azues cobre o cimo de montanhas esplendidas, esmaltadas de verde, e da purpura das boninas.

E lá em cima, o ceu tão puro, tão limpo, como o de uma manhan de estio !.....

Mas que vejo ? ! quem és tu, anjo ou fada ? exclamo no meu assombro. Quem és tu, que, leve como a brisa, pizas com o pé nú as pedrinhas do atalho, e chegas até mim com o sorriso nos labios, e as vestes alvas da visão.

És phantasma, ou realidade ? Falla....

Ah ! Já sei ! És a Fé. És a filha do ceu, e vens apontar-me o meu caminho.

Bem hajas, pharol luminoso ! Bem hajas luz fatidica que espancas as minhas escuridões. Vem, aproxima-te : geme comigo. Vê estes vermes, estas rans inchadas de soberba e philláucia, como chafurdam no lamaçal da torpeza e da impiedade !

Vem. Serás para mim a gota d'agua a refrigerar muitas securas. Serás a nutrição da minha alma, o bejo acalentador da esperanza. De ti me virá a força : serei rica de teus thesoiros. Teu poder acalmará as tempestades do meu coração oppresso. Cansada desta longa jornada, cheia de amargas dores, de desillusões crueis ; tu conduzirás meus passos, salvando-me da tenebrosa ignorancia, d'essa philosophia maldita que empoçonha este seculo, onde os *Renan* se crêm apostolos d'um sophisma.

Que a sombra do meu ultimo crepusculo caia sobre ti, abrindo-me os áditos da eternidade. Governa a minha debil intelligencia pela tua sabedoria ; e, sobre tudo, faz que eu nunca esqueça as sublimes palavras do Christo :

« Bemaventurados os que choram. »

.....  
 Despertei : as trevas eram as mesmas, mas o calor da luz divina ficou. Sinto-o no coração.

28 de Novembro de 67.

ANNA AUGUSTA PLACIDO.

---

## HYEMS, MORS.

O inverno é a morte. Caem as folhas, que revolteam nos pendores, impellidas pelo norte gélido. As arvores erguem os braços descarnados. As serras cobrem-se do niveo sudario, e parece reclinarem as grimpas nos nevociros tumidos. A planicie alaga-se com os prantos da natureza afflicta. Nos céos, na terra, em toda a parte, como que se ouve um cantico funebre, cujas notas plangentes se traduzem pelo gemer do vento na deveza, pelo ranger de arvore, que se esgalha, pelo murmurar lamentoso das aguas, pelo balar das ovelhas nos bandos, por todos os soidos tristes, angustiosos, que dizem : desolação !

Durante este periodo de atonia, ou morte apparente, em que a natureza se apresta a novas lides e a novos combates, as galas, com que se aciava, sumiram-se e esvaeceram-se. As flôres desfolharam-se, e os insectos, as flôres do ar, morreram.

Quando os primeiros negrumes outomnaes involve-ram a terra, as flôres, que voejam, como disse um poeta, colheram as azas, e reclinaram-se nas corollas seccas, e aguardaram a morte no sepulchro

O varão tanto que fruiu as doçuras do hymeneu, chamou a morte, como se temesse não encontrar mais go-



sos na vida. A fêmea instada pela maternidade, põe os ovos em condições favoráveis de eclosão, e vai unir-se ao companheiro.

Mas, se os pobres insectos, por descuidosos, ainda não tinham pago o tributo á sabia lei da reproducção, trocam a morte pelo somno, e immersos em profunda lethargia, esperam os primeiros rebates da primavera para se entregarem outra vez ás delicias amorosas. E assim passam de Cocyto a Cythéra, para que a espécie não morra. Para que a cadeia de seres analogos não se quebre, obdeceu a propria natureza á funebre lei.

É que a morte seria um absurdo, se não gerasse a vida.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

---

## ACÇÃO DOS CLIMAS.

É de grande influencia na saude a acção dos climas; e a hygiene varia conforme as regiões do globo.

O Indo póde alimentar-se de arroz, leite, e agua: o habitante das regiões equatoriaes deve combater com banhos frequentes o effeito d'uma temperatura, ás vezes superior á do sangue. O homem do occidente e o do norte não póde dispensar a carne e o vinho; os banhos são-lhe necessarios, não para adoçar o effeito d'uma transpiração excessiva, mas para conservar a flexibilidade da pelle, combater a fadiga muscular, e prevenir ou fazer cessar os effeitos d'um regimen de vida pouco prudente.

O habitante dos paizes quentes, transportado para o norte, deve acautelar-se principalmente contra os effeitos do ar frio. Deve usar de vestuario de lã e flanela junto á pelle, ainda no verão: e evitar as mudanças rapidas de temperatura. Os alimentos animaes, e um pouco de vinho, é o que mais lhe convém, se os órgãos digestivos não estiverem alterados pelo regimen activo dos paizes meridionaes.

O homem do norte, que vai viver entre os tropi-

cos, deve submeter-se a um regimen pouco excitante. Os banhos frios, a dieta vegetal, e o uso moderado dos fructos acidos, ser-lhe-hão uteis; mas deverá principalmente, e sob pena de morte, evitar os excessos de qualquer qualidade.

As mudanças rapidas de temperatura são as causas mais frequentes das doenças de peito: e a peor das condições atmosphericas é o frio humido.

O homem rico pôde facilmente subtrahir-se a estas influencias. O homem, para quem o trabalho e por conseguinte a saude, são os unicos meios d'existencia, deve cuidadosamente evitar as imprudencias que, em regra, são quasi sempre fataes.

---

### Charada.

N'um excesso de dôr pungente, acerba,  
Fui de mim mesma barbara homicida!  
D'amor no seio a vida é sonho doce,  
No seio da saudade um peso a vida! — 2

Sem nós outros jámais se contam mezes;  
Do sol á luz devemos a existencia,  
Onde ha prazer voamos tão ligeiros,  
Quanto apressados na cruel ausencia— 2

Criminosa paixão levou-mé ao ponto  
De fazer derramar sangue innocente,  
Tanto poude a cegueira unida ao crime,  
Que meu nome aviltou prepetuamente.

S. AZEREDO.

---

Queixam-se muitos de pouco dinheiro, outros de pouca fortuna, alguns de pouca memoria, nenhum de pouco juizo.

\* \* \*

## FRIOS EXCESSIVOS.

Resulta d'observações chímicas que os frios mais excessivos, notados no nosso globo, são extremamente benignos, em relação aos que reinam fora do involútero atmospherico, que nos cerca, e em relação aos que podem ser produzidos artificialmente. Eis o relatório d'um chimico inglez :

« A cada kilometro, que nos desviamos da superficie da terra, a temperatura abaixa proxímanente 2 gráus. A uma distancia de 72 kilometros, a atmospherá abandona-nos, e eis-nos n'um espaço vasio, cuja temperatura póde ser avaliada em 142 gráus centigrados abaixo de zero. Nas regiões pólares, os maiores frios observados não excedem 40 gráus, ponto do thermometro, em que o mercurio gela ; póde então ser tratado como os outros metaes, e estendido em laminas que, mergulhadas em agua, se fundem como o gelo.

« Com os meios actuaes de que a chimica dispõe, o frio mais intenso que póde obter-se, é 150 gráus centigrados abaixo do zero. A esta temperatura, o gaz acido carbonico endurece como a neve ; tocando-se-lhe com as mãos formam-se empoas, como se se manejasse carvão a arder.

« É fóra de duvida, que todos os liquidos e todos os gazes conhecidos tornar-se-hiam solidos, na região que se estende d'além da nossa atmospherá. O gaz d'illuminação das nossas ruas tomaria a consistencia de cera ; os oleos seriam duros como pedras ; o espirito de vinho, que até hoje inda não foi possível congelar, transformar-se-hia em um cristal transparente ; o hydrogênio far-se-hia tão espesso que pareceria um metal ; poder-se-hia gravar na manteiga como se faz no marfim ; e aos oleos imperceptíveis, que dão o perfume ás flôres, seria necessario degelal-os, para que o nosso alfato podesse perceber-lhes a sensação.

---

O amor maternal é a providencia visível do genero humano.

## O BRADO DE PORTUGAL.

*No Theatro Bracarense de S. Geraldo; na noite de 9 de Junho de 1861, na representação das Recordações da Guerra da Península.*

E julgareis qual é mais excellente,  
Se ser do mundo rei, se de tal gente!  
CAMÕES.

Dilectos filhos da gloria,  
Lusos meus e meus guerreiros :  
Ouvi, gravai na memoria,  
Meu brado contra estrangeiros :  
Embora d'annos curvado,  
Não quero ser dominado  
Por outro extranho paiz ;  
Amo as terras que são minhas ;  
Nem as longes, nem visinhas,  
Curvarão minha cerviz l

Minha terra, a minha terra,  
No mundo não tem rival :  
Andei-o na paz, na guerra,  
Sem vêr outro Portugal !  
Andei por Africa adusta,  
Andei por Asia vetusta,  
Não vi solo igual ao meu :  
Na America, além dos mares,  
Na Oceania, entre insulares,  
Nunca vi tam lindo ceo l

Tive então dourados dias,  
Tive filhos valorosos :  
Assombrei as monarchias  
Com meus feitos alterosos !  
Que falle por mim Quiloa,  
Mombaça, Melinde, e Goa,  
Com Diu, Damão, Ormuz :

Que falle Macêu na China,  
Solôr, Timôr peregrina,  
Onde eu fui alçar a Cruz !

Cada filho do meu solo  
Nasce heroe, raio da guerra :  
Não curva a ninguem o collo,  
Do mundo nada o aterra !  
Na grande lucta romana  
Teve a terra lusitana  
Apimáno e Cesarão :  
Teve o grande Viriato,  
Nome á patria sempre grato,  
Morto de Roma á traição !

Nas guerras d'independencia  
Teve um Lourenço Espadeiro :  
Um Regras d'alta sciencia,  
Um Mendes Maia Fronteiro !  
Teve um Nun'alvres famoso,  
Cid excelso e glorioso,  
Das Hispanhas.o terror ;  
Teve um Peres, um Roupinho,  
Os Fafes Luzes do Minho,  
Heroes, padrões de valor !

Com filhos tam extremados  
Nunca morre a liberdade :  
Não podem ser dominados  
Heroes de tal magestade !  
Foi com elles nos imperios  
D'ambos os dois hemispherios  
Sempre livre Portugal :  
É mister que d'ora ávante  
Não se murche um só instante  
A lusa gloria immortal !

Contra as hordas d'extrangeiros,  
Se tentarem conquistar-nos ;  
Á guerra, filhos guerreiros,  
Vamos todos levantar-nos !  
Ao pisar dos aggressores

A nossa terra d'amores,  
 Lampeje o ferro na mão :  
 Não fique velho nem môço,  
 Não se salve do destrôço  
 Nem um só dos da invasão !

Cada tronco das montanhas,  
 Cada pedra das estradas,  
 Seja um padrão das façanhas  
 Pela patria practicadas !  
 Da lusa bandeira ao lado  
 Vista as galas do soldado  
 Cada peito portuguez :  
 N'essas horas de batalha  
 Sirva o peito de muralha  
 Com guerreira intrepidez !

Marchemos em mão cerrada  
 Contra o despota estrangeiro :  
 Pela patria idolatrada  
 Marcha o luso povo inteiro !  
 Marchará de monte em monte,  
 Qual o grande Xenophonte  
 Na frente dos seus dez mil :  
 Ceifará seus patri-cidas,  
 Qual n'outr'ora um Leonidas  
 No grego monte alcantil !

O Deus do filho d'Henrique  
 Vela por seu Portugal :  
 Sejam bravos d'Ourique,  
 Formando um corpo geral !  
 A guerra, á guerra cerrados ;  
 Até os mortos myrrhados  
 N'esse dia surgirão ;  
 Que nem as mesmas ossadas  
 Querem ser até pisadas  
 Pelos pés d'outra nação !

Nossa augusta independencia  
 Não foi dadiça d'alguem :  
 Foi do luso a persistencia

Quem ganhou tudo o que tem !  
 —Somos livres, e seremos ;  
 Que para livres nascemos  
 Com altiva intrepidez !  
 Viva a lusa heroicidade !  
 Viva a lusa liberdade !  
 Viva o povo portuguez !

Braga, 9 de Junho de 1861.

PEREIRA-CALDAS.

## O MAR.

A superfície do globo é composta de massas de terra chamadas *continentes*, e grandes reservatórios d'agua com o nome de *mares*. Verdadeiramente ha um só mar, que se estende de um a outro pólo, e cobre, aproximadamente, tres quartos da sua superfície. Para maior commodidade, foi este mar dividido em muitas secções, ás quaes se dão diferentes nomes. Em virtude d'esta divisão, temos os mares exteriores, que cercam os continentes e as ilhas, e os *mares inferiores* ou *mediterraneos*, que são comprehendidos entre os continentes, mas communicam com o mar exterior por uma porção d'agua, que passa entre dois terrenos, e que, conforme os logares, tem o nome de *estreito*, *passo*, *canal*, *cabo* ou *braço*.

O mar entra em alguns terrenos, onde faz escavações, que se denominam *golphos* ou *bahias*, se tem grande extensão, e *enseada*, *angra*, *porto*, se a sua extensão é pouco consideravel, e offerece abrigo ás embarcações.

Os mares occupam a maior parte da superfície do globo. No hemispherio boreal, a rellação da sua superfície com a da terra é de 1 para 0,119; no hemispherio austral esta rellação é de 1 para 0,129.

A agua do mar contém sal commum (chlorureto de sodio), sulfato de soda, chlorureto de calcium e chlorure-

to de magnesium; em proporções variaveis; conforme a latitude. O oceano meridional contém mais algum sal que o oceano septentrional; os pequenos mares interiores ainda menos que o oceano; d'esta regra é só exceptuado o Mediterraneo.

A profundidade dos mares é muito variavel. Ainda não foi achado o fundo no meio do oceano Pacifico, mas é provavel que esteja a 4000 metros abaixo da superficie. Tem-se feito sondagens de dois e tres mil metros. Uma profundidade de 1000 a 1500 metros é muito vulgar no mar alto. A côr dos mares é tambem muito variavel; é verde-garrafa no Atlantico, que banha as costas de França, da Hollanda e da Allemanha; azul no Mediterraneo, e nas grandes latitudes, especialmente quando ha calmaria. No golfo de Guiné o mar é branco, vermelho no da California, e negro nos ancoradouros das Maldivas. O mar Negro justifica bem o seu nome, n'uma parte das costas da Russia meridional.

Quando o mar é phosphorescente, toda a sua superficie parece de fogo. Quasi sempre as partes agitadas, como o cume das vagas, a esteira dos navios, a agua batida pelos remos, parecem um liquido inflammado. Este phenomeno é vulgar nos mares dos paizes quentes, onde se dá em toda a sua belleza; comtudo pôde tambem ser observado nas grandes latitudes.

O mar é por toda a parte sulcado por correntes: no Atlantico a mais consideravel é o *gulfstream* que, partindo do golpho do Mexico, avança até ao cabo Norte e ao Spitzberg, para onde leva as fructas e as madeiras da America tropical. Subdivide-se em diversas ramificações, a mais consideravel das quaes torna a descer ao longo da costa occidental da Africa. Esta corrente corresponde á corrente aerea superior, que vae do equador ao pólo. Além das correntes constantes ha as periodicas, que variam com a direcção dos ventos.

Ha occasiões em que o mar está completamente socegado e unido.

O comprimento e a altura das vagas varia conforme a força do vento, a proximidade e a forma dos continentes. As vagas mais altas observadas até hoje não teem mais de 10 metros.



## MYTHOLOGIA DA GRECIA.

Os symbolos e as figuras são o principal caracter da religião primitiva dos Gregos. Apresenta a personificação dos planetas, dos ventos, dos phenomenos celestes, das revoluções physicas do globo, dos primeiros estabelecimentos da sociedade, dos primeiros ensaios d'agricultura, d'industria, e especialmente de metallurgia.

É grande a obscuridade que envolve esta religião primitiva.

São muito curiosas as crenças religiosas dos Gregos, na época em que foi composta a Theogonia, attribuida a Hesiodo, isto é, no seculo oitavo antes da nossa éra. Eis um extracto do poema:

« No principio foi o Chaos, depois a Terra, com o seu vasto seio, base inabalavel de todas os seres; depois, no fundo de seus abysmos o Tartaro, e o Amor, o mais bello dos deuses immortaes. »

« Do Chaos nasceram as trevas inferiores e superiores, o Erebo e a Noite, que unindo-se produziram o Ether e o Dia, a luz superior e a luz inferior.

« A Terra gerou successivamente *Ouranos* (o ceu), as montanhas, e *Pontos* (o mar); depois unindo-se ao Ceu deu á luz o *Oceano*, o rio dos mios, e *Thetys*, a mãe das fontes e dos ribeiros.

« A este primeiro par seguiram-se outros cinco, e entre os doze filhos os mais notaveis foram os *Cyclopes*, os *Hecatonchiros*, seres de cem mãos, e finalmente *Cronos* (o tempo) o ultimo de todos.

« *Ouranos* amedrontado com o nascimento d'estes filhos, que presagiavam o fim do seu imperio, tornou a submergil-os no seio da Terra, a qual, auxiliada por *Cronos*, armou um laço ao esposo, que foi cruelmente mutilado por seu filho. Das gottas de sangue de *Ouranos* nasceram as *Erinnyas* ou Furias, os gigantes e as nymphas *Melias*. Dos pedacos da carne, cahidos no mar, formou-se uma espuma d'onde sahiu *Aphrodita*, a deusa da belleza, á qual logo se prenderam o Amor e o Desejo.

« Pela sua parte, a Noite tinha successivamente dado á luz o Destino, a Morte, o Somno, os Sonhos, o Riso, as Lagrimas, as *Hesperides*, as *Parcas*, as *Penas* di-

vinas, Nemésis, a Fraude, a Amisade, a Velhice, a Discordia etc. Esta ultima, a seu turno, produzirá o Trabalho, o Esquecimento, a Fome, etc, e outras divindades, symbolos das miserias humanas. »

## A MARIMBA.

O gosto da muzica é innato em todos os povos. Não ha tribus, por mais selvagens, que não façam uso d'um instrumento, capaz de produzir sons cadenciados.

O tambor, caixa coberta com a pelle d'um animal, é o instrumento mais vulgarisado. Encontra-se no antigo continente em quasi toda a parte.

Ao som da muzica mais discordante e atroadora, os selvagens executam danças, que são quasi sempre o simulacro d'um combate; muitas vezes, chegam a degolar um animal, ou a fazer correr o sangue humano, dançando com frenesi em volta das victimas. Transforma-se então a dança n'uma especie de pantomima terrivel.

N'alguns povos do centro d'Africa a muzica é objecto d'estudo especial. Os tocadores são obrigados a aprendizagem d'instrumentos, ás vezes bastante complicados. Não são simples tocadores de tambor, mas verdadeiros muzicos.

Os selvagens de Londa ou Balonda, paiz quasi inteiramente desconhecido antes das viagens recentes de Livingston, inventaram um instrumento semelhante ao piano, a que deram o nome de *marimba*. Consiste em duas regoas de madeira, dispostas com intervallos regulares d'uma a outra, com 20 cabaças por cima d'ellas, de diversas grandezas, abertas todas na parte superior. Pedacos de pau bem talhados, de 1 decimetro de largo e 5 de comprido, assentam sobre os orificios das cabaças, e estão symmetricamente dispostos como as teclas d'um piano.

As notas d'este instrumento tem um som graduado, cuja intonação depende da grossura das cabaças, e da dimensão das teclas.

Os tocadores d'este instrumento prendem uma correia ás extremidades do teclado, passam-na em volta

do pescoco, e andam d'este modo com a *marimba*, á maneira dos tocadores ambulantes de realejo. Quando tocam, percorrem com extrema velocidade as notas do instrumento, por meio de 2 baquetas.

A *marimba*, posto que muito elementar, produz sons doces e agradaveis.

Livingston assevéra ter sentido um verdadeiro prazer em ouvir tocar marimba.

Estes instrumentos são usados tambem nas colonias portuguezas da Africa occidental.

### Um caldo fará quebrar o jejum ?

Um clérigo, muito agarrado ás formulas syllogisticas de argumentação, mas que nem por isso era destituído de natural agudeza, tinha a mania de fazer *distincções* a esmo ; e a qualquer questão acudia logo—*distingo*. Frequenta a casa de certo prelado, onde o matraqueavam com a balda do—*distingo*. N'uma tarde, concordaram os da assemblea que, apenas chegasse o padre, lhe proporiam objecto, que não admittisse distincções. Logo que appareceu, disse-lhe o prelado : «Estamos a resolver uma duvida, quereinos porem ouvir o seu voto. Acaso fará um caldo quebrar o jejum ? . . . »

—«*Distingo*» respondeu logo o clérigo — risada geral dos circumstantes—e elle sem se perturbar continuou : —se o caldo fôr de qualquer portaria de convento, não fará perder o jejum ; mas se fôr da cosinha de V. Ex.<sup>a</sup> então afirmo que sim.»

### Charada.

Famoso capitão d'entre os romanos,

Em Gamáfa occultado imigos ouve :

— Á morte imigos vota, e volta aos seus,

Os planos vae narrar, que d'elles soube—2.

Funesto aos castelhanos n'outros tempos,  
 Meu todo em seu lembrar eterno mora;  
 Que herica Brites não deslembram nunca,  
 Raivosos por soffrer meu golpe outr'ora—1.

O *Mestre Redemptor* d'est'arte o manda,  
 As *tutbas* doutrinando em toda a parte;  
 = Que o *Mestre Redemptor* oraes thesouros  
 Ao povo; a quem doutrina, assim reparte—1.

Se em bailes e saraus brilhei sobeja,  
 Escasso o todo meu só brilha agora;  
 — Que a polka me roubou, roubou mazorca  
 O fervido brilhar que eu tinha outr'ora.

PEREIRA-CALDAS.

## A MEDECINA NAS ILHAS NICOBARS.

A intervenção dos medicos (*manluéna*) ao pé dos doentes, nas ilhas Nicobars, consiste em artes mechanicas. Persuadidos de que todas as doenças são devidas aos maleficios d'um espirito diabolico, que ou de moto proprio, ou por instigação d'outro individuo, se introduz no corpo dos doentes, os *manluénas* procuram, por meio de pressões, de toda a especie, fazer sahir a causa da doença pelas extremidades dos dedos, das mãos e dos pés.

Scherzer conta o seguinte: «Um dia, para me divertir, submetti-me a este tratamento.

«Fingi um violento ataque de gotta, e pedi com todo respeito a um *manluéna*, que pozesse em pratica a sua arte para me curar. O doutor começou logo a machucarme os braços, e ao mesmo tempo a dar berros, silvos e uivos, sem interrupção, como para fazer sahir o espirito malefico; tudo isto acompanhado da mais burlesca gesticulação.

«Não obstante parecer-me singularissimo este medicamento, estou convencido de que é ainda muito mais estrondoso, quando applicado aos doentes indigenas. O man-

luéna apresenta-se sempre diante do enfermo com uma lança na mão; se elle se vê livre da doença, é porque o *Joui*, o espirito mau foi trespassado; — se, pelo contrario, succumbe, é porque o mau luéna foi forçado a ceder a um adversario poderosissimo».

---

### O CASTIGO DO DESDENH.

D'uma dama no jardim  
 rosa bella s'ostentava;  
 de ter c'rolla de carmim  
 orgulhosa se ufanava.  
 Nem a cravo, nem jasmim,  
 que, atrevido, lhe fallava  
 em amores, doce *sim*  
 presumpçosa nunca dava.  
 «Recusei já mil amenas»  
 «e mimosas tenras flores.»  
 «Flores ha na Lusa Athenas»  
 «que por mim morrem d'amores.»  
 Ia a rosa desbotando,  
 sem que a flor viesse amada,  
 a quem por bem empregada  
 só se desse. Assim voando  
 ia o tempo, até que alfim  
 alcachofra espinhosa,  
 em vez do cravo ou jasmim,  
 foi acceite pela rosa

JUSTINA AUGUSTA RAMOS E MELLO.

---

A verdadeira missão das mães de familia é, o desenvolvimento religioso da infancia e da mocidade. É no amor maternal que reside o futuro do genero humano.

AINÉ MARTIN.

## MOEDAS DE SOLA.

O sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes, auctor da excellente e muito conhecida memoria das moedas que tem corrido em Portugal, sustenta que não existiram n'esta reino moedas de sola. Foi essa a opinião de Joaquim de Sancta Rosa Viterbo, que, n'uma extensa nota de supplemento ao Elucidario, expendeu infinidade de argumentos, para concluir que nunca em Portugal correu ou se lavrou dinheiro de sola.

O mesmo Viterbo parece até negar, no artigo *moeda* do livro citado, haver corrido n'outros paizes tal dinheiro, estribando-se na auctoridade de Deccange.

Deixando aos numismaticos a explanação d'este ponto, diremos comiúdo que é em Evora constante tradição que n'uma das casas mais antigas d'esta cidade, houve em tempo boa porção do moedas de sola. Na bibliotheca publica se conserva uma que pertenceu ao sr. Cenaculo. Tem a espesura de um pataco e a circumferencia de uma moeda de seis vintens. E' lisa no reverso, e no verso decifram-se as tres lettras R. B. C. com tres estrelinhas que as separam. As lettras são latinas, mas postas ás avessas, talvez por ignorancia de quem abriu o cunho.

Succedeu com esta moeda o seguinte caso que, por curioso, relataremos. Desenhou-a n'um papel o sr. Cenaculo, e mandou-a ao arabista fr. João de Sousa, escrevendo por cima do desenho

«Pede-se ao snr. João de Sousa a interpretação d'essa inscripção de uma moeda de sola.»

Fr. João de Sousa respondeu por baixo do desenho:

«A figura da inscripção acima (*eram as lettras B. e C.*) Se é figura de caracteres cuficos, não parece ser senão o affixó da 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do pronome pessoal de que os arabes usam em logar do verbo ser ou estar. E sendo assim significa — são. O numero 15 (*era a lettra R que João de Sousa tomou por algarismo*) pode ser relativo ao pronome e vem a ser — são 15.

«E se é conta ou algarismo pela ordem alphabetica, o... (*aqui poz o signal correspondente ao R*) vale 5, e... (*aqui poz o signal correspondente ao C*) vale 10 e faz ao todo 15.

O snr. Cenaculo tinha para tudo extraordinario ta lento, excepto para o desenho. Ninguem poderia achar similhaça entre os signaes e as letras R. B. C. O engano do nosso arabista é por tanto desculpavel, mas ainda assim não deixa de provar que não ha garatujas que não sejam susceptiveis de uma interpretação qualquer em arabe.

Para dizer em tudo a verdade e fazer completa justiça, accrescentaremos que tendo o snr. Cenaculo enviado a moeda de sola a fr. João de Sousa, este a descreveu com exactidão reconhecendo que os caracteres eram latinos e não arabicos,

O papel com o desenho do snr. Cenaculo tem no reverso — *Sola achada em Portugal.*

A. PHILIPPE SIMÕES.

## PONCHE MONSTRO.

Um periodico de Paris, fallando do ponche, com que foram obsequiados em Lilla os guardas nacionaes de Paris, recorda o que na cidade de Lisboa deu no dia 23 de Outubro de 1694 o almirante Russel, commandante em chefe das forças navaes da Inglaterra, a todos os officiaes e tripulação da sua esquadra:

Dispoz esta festa em um magnifico jardim, no meio do qual havia um grande tanque, que, bem limpo, serviu para a preparação do ponche. O almirante mandou deitar n'elle os ingredientes seguintes:

Aguardento de canna.....	600	garrafas
Vinho de Málaga.....	1,200	»
Rhum.....	600	»
Limões partidos.....	25,000	»
Agua quente clarificada.....	3	tonéis
Summo extrahido de.....	2,600	limões
Libras de assucar.....	600	»
Nozes moscadas.....	200	»

Um grande toldo cobria o tanque, para preservar da intemperie da atmosphera.

Em um barquinho de madeira havia um grumete, que vogava sobre o mesmo ponche, e servia a companhia.

## HARMONIAS NATURAES.

A influencia da côr na absorpção ou na reflexão do calor é uma verdade ha muito conhecida. Os seres vivos foram creados em harmonia com esta lei physica. Quanto mais se estuda a natureza, mais se reconhece a existencia d'uma intelligencia soberana.

As aves e os quadrupedes do Norte são brancos. A côr branca é a que menos facilmente se deixa atravessar pelo calor. Para conservarem o calorico do corpo, algumas especies septentrionaes de côr parda embranquecem, quando se aproxima o inverno; alli as lebres mudam de pello, e tornam-se tão brancas que não se distinguem da neve que cobre o solo. Ha nas alturas dos Pyrneos e dos Alpes uma especie de *Perdix (logopede)* que no inverno se torna toda branca; e, o que é mais notavel ainda, n'um clima mais temperado os mesmos animaes conservam os seus vestidos de verão. Já se demonstrou com experiencias que um rato de côr amarelada (*mus arcticus*) exposto a 40 graus centigrados, abaixo de zero, torna-se branco.

O cabelo, que embranquece com a idade, é tambem um preservativo contra a perda de calor natural nos velhos.

A côr negra d'um animal é um signal de força; indica uma constituição, que pôde supportar uma perda, ás vezes grande de calor vital.

As primeiras flores devem ser brancas, para resistir á irradição das noites claras, que as murcharia. Assim acontece; exemplos: as flores do pilriteiro, da cerejeira, da macieira, do damasqueiro etc. Á medida que a estação se adianta apparecem as flores amarellas e azues. Isto entende-se só com as flores expostas ao ar, que não teem nenhum abrigo.

A neve é branca porque deve preservar as plantas, na estação fria.

Os invernos rigorosos sem neve são desastrosos. O effeito da côr torna-se evidente com a seguinte experiencia: deitando-se pós de sapatos na superficie da neve que cobre as plantas, deixa ella de ser protectora, e as plantas gelam.



As aves buscam de preferencia penas brancas para construir os seus ninhos.

A questão dos vestidos, considerada nos seres que recebem immediatamente estes dons da natureza, mostra-nos uma habilidade, uma sciencia, uma bondade que não pôde desconhecer-se. N'uma palavra a Providencia é Deus visivel.

---

## FATALISMO.

Tinha Zeno na sua escola um criado, a quem ensinava os dogmas d'aquella seita, que attribuia tudo ao fado. Succedeu furtar-lhe o criado certo objecto, e o amo julgou necessario castigal-o : ao levar o castigo defendia-se elle com a doutrina estoica : «foi fado que eu furtasse» e o amo respondia-lhe «tambem foi fado que eu te castigasse.»

---

## SÉ DE BRAGA.

A egreja da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, cathedral da cidade de Braga, é edificio tam antigo, que o fazem do tempo de Jupiter Osyres, que se diz vierá á Hispanha pelos annos do mundo 2169 ; e julga-se que esta egreja serviu tambem aos Romanos, como se collige de uma inscripção, que está na parede posterior da capella de S. Geraldo, e do lado de fóra.

O templo em si não é rico em objectos d'arte ; porém o seu côro é de notavel belleza. O revestimento das paredes, e da cadeira do arcebispo, e os assentos dos 32 conegos, são de pau sancto primorosamente lavrado, coberto de riquissimas douraduras, com a maior pompa, e o melhor gosto.

Sobre os espaldares das cadeiras do côro acham-se collocados os nomes, e brasões das mais nobres familias de Portugal, que outr'ora tiveram a investidura de canonicos de Braga.

Neste templo vetusto jaz o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza, castelhana, e senhora de Portugal. Jaz tambem o infante D. Affonso, 1.º filho d'el-rei D. João 1.º, e que nasceu em Santarem a 30 de Julho de 1390, e morreu a 22 de Dezembro de 1400. Jaz em um tumulo de bronze dourado, que lhe mandou de Borgonha a infanta D. Isabel sua irmã, casada com D. Filippe 3.º o Bom, Duque de Borgonha. Jazem alli egualmente outras pessoas notaveis, como D. Lourenço, arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas.

Os quadros que decoram os altares lateraes, são pintados por João Giamma Stroberle, pintor lusitano da escola Romana, fallecido em Lisboa em 1792, com 84 annos de idade.

O baptisterio é de granito, e d'um lavor antiquissimo, sendo sustentada a pia por quatro leões, que devorão os fillos.

ABBADE DE CASTRO.



### PRECE INFANTIL.

Rompeu a aurora esplendida,  
 No bosque as avesinhas  
 Soltam a voz suavissima,  
 E as timidias florinhas  
 Quão vivo aroma tem !  
 Em tudo, ó Deos, adoro-te,  
 Mas cude mais te vejo  
 E quando em doces jubilos  
 De santo amor, eu beijo  
 Meu pae, e minha mãe.

BULHÃO PATO.



O sacramento da alma é o amor. Por elle se resgata a vida, e se espera o paraizo.

REBELLO DA SILVA.

## LUCTO PRETO.

O primeiro lucto preto, que se tomou n'este reino, foi por morte de D. Philippa, tia d'el-rei D. Manoel. Até este tempo o lucto era de burel branco.

### A SEMANA SANCTA EM MISSÕES.

Ha na provincia do Rio grande do Sul, (Brazil) um vasto territorio, denominado *Missões*, situado pela maior parte entre os rios *Pi atiny* e *Ijuy*, proximo á margem oriental do *Uruguay*, tendo quasi 500 kilometros de comprimento, e cerca de 200 de largura; sendo outr'ora habitado pelos indios *Tapes* e *Guaranis*, pertencente até 1801 á corôa d'Hispanha, e d'essa epocha em diante, pelo direito de conquista, á de Portugal.

Em 1610 os padres Jesuitas Marcello de Lourenzana, e Francisco de S. Martin começaram com tão bom resultado a cathequeze desses indios, que seus successores conseguiram formar ali 7 povos, ou missões denominadas, *S. Francisco de Borja*, *S. João Baptista*, *S. Nicolau*, *S. Luiz Gonzaga*, *S. Lourenço*, *S. Miguel*, e *Santo Anjo*, nas quaes ainda hoje se veem soberbos e magestosos templos, de 3 e 5 naves, edificados pelos indios, sob a direcção dos Jesuitas, que entre essa gente, quasi indomita, constituiram uma especie de governo theocratico.

Banidos de Portugal, e seus dominios, em 1759, os Jesuitas, e adoptando a Hespanha, em 1767, a mesma prescripção, só em 1768, é que se conseguiu, á força d'armas, que fossem expulsos de *Missões*, continuando depois os indios convertidos, e civilizados por elles, em numero superior a 30:000, a viver nos mesmos habitos, e costumes, em que haviam sido educados pelos Jesuitas, os quaes, para os civilisarem, de nenhum outro meio se tinham servido, senão da Religião, com os bons exemplos, e com a unção de suas palavras.

Costumavam os indios celebrar com toda a pompa a semana sancta, e representar ao vivo nos templos os passos

e mysterios da Paixão. Eram indias, que representavam nossa Senhora, a Veronica, a Magdalena, e as Sanctas mulheres; eram os indios que figuravam Judas, Herodes, Anaz, Caifaz, Pilatos, os Apostolos, o bom e mau ladrão, e finalmente o Redemptor, a quem amarravam e punham pendente da cruz.

Sendo a *caxaca* (aguardente de cana) uma ambrozia, um verdadeiro nectar para os indios, resolveram, para adogar os padecimentos do que representava a Jesus na cruz, quando dissesse *sítio*, (tenho sede) chegar lhe á boca uma esponja amarrada n'uma cana, e embebida, não em fel e vinagre, mas em *caxaca*: assim se fez, e quando o indio disse *sítio*, e provou o conteúdo na esponja, gostou tanto, que, repetidas muitas vezes a exigencia, e outras tantas a operação da esponja, ficou ebrio; vendo porém que lhe não chegavam a esponja tantas vezes, quantas elle pronunciava *sítio*, julgando ser esse o nome da bebida, que lhe davam na esponja, começou a gritar: venha *sítio*, senão ha mais, quero descer da cruz, não quero ser mais Christo.

Este facto, que talvez pareça uma invenção risivel, foi presenciado por varias pessoas fidedignas, entre ellas pelo *Padre Thomaz Luiz Osorio*, homem sizudo, e sacerdote de uma vida exemplar, que morreu não ha muitos annos, sendo vigario da freguzia de Sancto Amaro distante de *Porto Alegre*, 60 kilometros.

O virtuoso Bispo da Provincia do Rio Grande, *D. Feliciano José Rodrigues Prates* fallecido em 1858, e que me honrou com sua amisade, contou-me, que, tendo sido capellão da tropa, e tendo estado em Missões, vira os indios flagellarem o que servia de Jesus Christo por occasião da semana santa.

A. M. DO AMARAL RIBEIRO.



De condição humana é não ver traves  
Em nossos proprios olhos, nos alheios  
Arestas leves nos parecem grayes.

DIOGO BERNARDES.

## BIBLIOTHECAS PUBLICAS.

No *Dayly News*, famoso jornal inglez, publicou-se a relação dos volumes das principaes bibliothecas da Europa.

Eis o numero geral dos volumes de cada uma :

Paris, bibliotheca nacional. ....	824:000
Munich, bibliotheca imperial. ....	600:000
São Petersburgo, bibliotheca imperial..	446:000
Londres, bibliotheca do museu britanico.	405:000
Copenhague, bibliotheca real. ....	412:000
Berlim, bibliotheca real. ....	410:000
Vienna, bibliotheca imperial. ....	313:000
Dresde, bibliotheca real. ....	300:000
Madrid, bibliotheca nacional. ....	200:000
Wolfenbittel, bibliotheca ducal. ....	200:000
Stuttgardt, bibliotheca real. ....	187:000
Paris, bibliotheca do arsenal. ....	180:000
Milão, bibliotheca Brera. ....	170:000
Paris, bibliotheca de Sancta Genoveva.	150:000
Darmstadt, bibliotheca ducal. ....	150:000
Florença, bibliotheca Magliabeuchi, ...	150:000
Napoles, bibliotheca real. ....	150:000
Bruxellas, bibliotheca real. ....	133:000
Roma, bibliotheca Casanate. ....	120:000
Haya, bibliotheca real. ....	100:000
Paris, bibliotheca Mazarina. ....	100:000
Roma, bibliotheca do Vaticano. ....	100:000
Parma, bibliotheca ducal. ....	100:000

A bibliotheca de Vienna é a mais antiga de todas : a sua fundação data do anno de 1440, e foi aberta em 1574.

A de Ratisbona foi creada em 1443 ; a de São Marcos de Veneza, em 1468 ; a de Francfort, em 1464 ; a de Hamburgo, em 1529 ; a de Strasburgo, em 1531 ; a de Augsburgo, em 1357 ; as de Berne e Genova, em 1550 ; a de Bele, em 1564 ; a de Copenhague, em 1570 ; a nacional de Paris, em 1595 ; a de Madrid, em 1712 ; e a de Londres, *British-museum*, em 1755.

Das bibliothecas publicas de Portugal, nada nos disse o *Dayly News*.

A antiga bibliotheca regia de Lisboa, destruiu-a o terremoto do 1.º de Novembro de 1755. A bibliotheca real pu-

blica, creou-a n'aquella cidade el-rei D. José, por Alvará de 29 de Fevereiro de 1796; e foi constituida com a numerosa livraria da Meza Censoria, como fundo principal: — livraria a que se havia dado bibliothecario, com os competentes empregados, por Aviso de 13 de Maio de 1775.

No anno de 1805, creou D. Manuel do Cenaculo a bibliotheca publica d'Evora; e doou-a á egreja metropolitana d'aquella cidade, com estatutos e rendas para a sua conservação, por Provisão de 21 de Setembro de 1811.

Em 9 de Julho de 1833, primeiro anniversario da entrada do exercito libertador no Porto, estabeleceu n'essa cidade o duque de Bragança a bibliotheca publica, em que existem alguns manuscritos preciosos; supposto não possa comparar-se com a bibliotheca d'Evora n'esta parte, talvez a primeira do paiz n'esta especialidade.

Em 1841, em 13 de Julho, facultou-se uma bibliotheca publica em Braga, formada dos livros de 28 conventos de religiosos do districto, e vigorizou-se esta lei por outra de 2 de Dezembro de 1844: e abriu-se ao publico em 16 de Setembro de 1837, anniversario do nascimento de el-rei D. Pedro 5.º, de saudosa memoria.

Criaram-se tambem depois outras bibliothecas publicas no Funchal e em Ponta-Delgada, assim como em Beja, Barcellos, Espozende, e Guimarães, alem d'outras bibliothecas d'estabelecimentos especiaes.

Em 1822, deu-nos Adriano Balbi, no *Ensaio Estatístico de Portugal*, a relação dos volumes das principaes bibliothecas do nosso paiz n'essa epocha.

Eis o numero geral dos volumes de cada uma d'ellas:

Em Lisboa:

Bibliotheca real.....	83:000
A do convento de Jesus.....	32:000
A das Necessidades.....	28:000
A de S. Vicente de Fóra.....	22:000
A do convento de S. Francisco.....	20:000

Em Coimbra:

Bibliotheca da Universidade.....	38:000
A do convento de Sancta Cruz.....	36:000

No Porto:

Bibliotheca do bispo.....	32:000
---------------------------	--------

Em Tibães:

Bibliotheca do convento.....	23:000
------------------------------	--------

Em Evora :

Bibliotheca publica..... 20:000

Com a extincção das ordens religiosas em 1834, desfizeram-se as livrarias dos conventos; e augmentaram-se com ellas algumas das livrarias publicas, ou já criadas, ou instituidas depois de novo.

Do convento de Sancta Cruz de Coimbra, vieram muitos livros raros e preciosos para a bibliotheca do Porto, onde se recotheram tambem os preciosos livros da bibliotheca do bispo, com muitos outros dos conventos do districto. Orçam-se-lhe hoje os volumes impressos em 65:000.

A bibliotheca nacional de Lisboa, embora rica, curi-quecem-se de novo com milhares de livros das casas religiosas: e em 1853, orçavam-se-lhe em 132:000 as obras impressas, e em 10:000 as manuscriptas, alem de 22:000 moedas e medalhas.

Só na collecção biblica, possuia a bibliotheca da capital 2:000 volumes; possuindo 631 na collecção de Bodoni, com outros typógraphos insignes. Na collecção palæotypica, possuia 1:000 obras.

Calculam-se em 300:000 os volumes alli entrados dos extinctos conventos: no entanto, consta do inventario do bibliothecario-mór, organizado e assignado em 1844, acharam-se n'aquelle deposito só 183:533 d'esses volumes.

Na bibliotheca publica de Lisboa, existem hoje mais 9:200 volumes impressos, com uns 300 manuscriptos, havidos da famosa livraria de *D. Francisco de Mello da Camara*, conhecido usualmente com o nome de *Cabrinha*; alem dos volumes preciosos da Camoneana do desembargador Norton, comprados no espolio da sua livraria no Porto.

Do deposito dos livros da capital, mandaram-se 4:000 volumes para Angola, 3:000 para Ponta-Dealgada, e 2:500 para Santarem, alem de algumas remessas mais.

A bibliotheca da academia real das sciencias, composta de duas livrarias que se reuniram, continha ao todo 50:000 volumes, no mesmo anno de 1853. O fundo da antiga bibliotheca era de 33:456 volumes; sendo 9:669, d'obras historicas, litterarias, e de bellas artes; e 13:083, d'obras ecclesiasticas; com 3:797 volumes de sciencias naturaes, e artes e officios; alem de 1:317 volumes de sciencias civis e politicas.

A bibliotheca da Universidade de Coimbra, n'essa mesma occasião, continha 14:528 obras, em 43:998 volumes impressos e classificados, alem de 7:903 volumes por individuar. Os manuscriptos orçam-se em 901.

Nos depositos das livrarias dos extinctos conventos, a cargo da mesma bibliotheca da Universidade, e agora em andamento de catalogação, orçam-se os volumes em 102:290 ao todo.

Na bibliotheca nacional de Braga, acham-se já uns 15:000 volumes no salão de leitura: achando-se ainda milhares de volumes a monte, nos cubiculos do deposito, sem utilidade alguma no presente, e sem esperanças de proveito algum no futuro.

Quando o govêrno se lembrar dos duplicados e da bibliotheca de Braga, a fim de os vender ou trocar em proveito do publico; ir-se-ha deparar só com pó e cisco, em resultado do apodrecimento d'esses livros que ainda alli se conservam empilhados, nas estantes primitivas de pinho, todas cheias de caruncho, e a desfazer-se de todo!!!

N'este montão de livros em deposito, ainda por individuar e sem escolha, deparou casualmente o illustre bibliothecario, ainda não ha muito, com um livro raro e precioso embora mutilado em parte, e que eu alli vi.

Era nada menos que mais um 2.º exemplar do *Memorial da Tavola Redonda*, obra excessivamente rara, e muito apreciada dos amadores!!!

— Caldas de Visella —

A. PEREIRA DA SILVA.



Que outro interesse, que outros prazeres conhecem as mães que não sejam os de seus filhos? Que lhe importam os gosos da vida, a propria vida, quando se trata de sacrificar tudo a seus filhos? A saude, a doença, a tribulação, a alegria, tudo lhe é indifferente, quando está inquieta por sua causa. Procurai na terra uma paciencia mais admiravel nas contradicções e soffrimentos, uma generosidade, uma immolção de si propria, mais completa que nas mães!...

DE GENOUDE.



## JÁ NÃO...

Já não podem estas varzeas  
Sorrir-te inlêvos, já não!  
Com outros olhos as vias,  
Com outros labios sorrias,  
Tinhas outro coração ;

Que os magos prismas d'outr'cra  
Já não pôdem filtrar luz  
Em teus olhos marejados  
De prantos, e desvidrados  
De fitarem sempre a cruz.

Estas urnas das florinhas  
Que aspiravas com prazer,  
Entre festões de baunilha,  
Mudaram-se em mancenilha ;  
Não as toques, que é morrer.

Foge, foge ! E' outra a vida  
Que te reserva alegrias.  
Nas dilicias do passado,  
Não vai nenhum desgraçado  
Buscar senão agonias.

—1867.

C. CASTELLIC-BRANCO.

---

## O KOROUÉ.

O *Koroué* é uma ave do Tété, região tropical do interior da Africa. Tem um lindo canto, e é interessantissima pela precaução singular que tem o macho de ter em prisão a femêa, durante a incubação. Faz o ninho no tronco d'uma arvore chamada *mopané*. Tem o cuidado de guarnecer regularmente a entrada do ninho, que é apenas um buraco, com terra que amassa a seu modo, como a andorinha, e, logo que a femêa acaba a postura, o macho, aproveitando

o primeiro momento em que ella começa a chocar, apressa-se a tapar a entrada, deixando apenas um pequeno orificio, por onde introduz o alimento, que elle se encarrega de arranjar para a femca, e, mais tarde, para os filhos; quando estes estão capazes de voar, toda a familia trabalha com o pae na demolição da barricada, e a mãe vae com elles tomar posse dos campos.

---

### EFFEITOS DO TABACO.

O *tabaco* é usado de tres maneiras: cheirado, mascado e fumado. Cheirado actua sobre os orgãos do olfato; mascado, sobre os do gosto; fumado, sobre as vias respiratorias. Em todos estes casos exerce uma acção poderosa na economia.

Cheirado, o tabaco irrita a membrana pituitaria, determina os espirros, e augmenta a secreção do *mucus* nasal. E' aconselhado ás pessoas, que não podem assoar-se sufficientemente. A's vezes, o uso do tabaco diminue tambem a disposição para as dôres de cabeça, e dôres de dentes. Em qualquer outra circumstancia, o costume de cheirar tabaco enfraquece e deteriora o olfato.

O tabaco mascado, amollecido pela saliva, determina uma grande excitação na membrana mucosa da boca; o acre que lhe é proprio ataca o esmalte dos dentes. O tabaco não pôde ser engulido, sem perigo de causar um verdadeiro envenenamento. O costume de mascar tabaco gasta o sentido do gosto, ás vezes completamente.

O uso de fumar foi imitado dos selvagens. Os effeitos do fumo do tabaco são devidos ao augmento das secreções da boca e á absorção do vapor. As substancias que resultam da combustão do tabaco, e que penetram na pharynx, são: 1.º agua; 2.º carvão, que irrita a garganta; 3.º ammoniaco, que ataca a membrana mucosa; 4.º acido carbonico, gaz irrespiravel; 5.º um veneno chamado *nicotina* que, absorvido, produz palpitações, perturbação nas funcções do coração, e tremores nervosos; 6.º uma substancia empyreumatica que dá o sabor ao fumo; 7.º um extra-

to amargo—resinoso, que provoca vomitos, quando penetra no estomago.

Quando se fuma, ou se engole a saliva, ou se deita fóra; se se engole, introduz-se no estomago uma saliva impregnada de todos os principios amargos e irritantes do tabaco, o que perturba a digestão; se se deita fóra, perde-se um suco digestivo dos mais uteis.

---

### Charada.

Deitemos fóra uma can;  
O que fez? alguém dirá:  
E' charada em nova especie,  
Que talvez agradará — 1.

A primeira já lá vai:  
A segunda aqui vai ella:  
Vamos ao todo, que é parte  
D'outra charada mais bella — 2.

Nascida em longinqua terra,  
A' lusa terra dar vim:  
Boa terra! mas cá n'ella  
Onde ha coisa egual a mim?

Já lá vai uma charada:  
Com ella, outra se fará;  
Dirão charada não ser;  
Mas ella dá o que dá — 1.

Agora tudo está feito:  
A cousa bem clara está;  
Mas será melhor dizel-o,  
Se ninguem cá n'ella dá.

O meu todo é certa coisa,  
Que em dois versos se dirá:  
— Quem a dá, inda a não tem;  
Só a tem, depois que a dá.

## Pae dos velhaços.

Havia antigamente em Lisboa uma especie de magistrado de policia, a quem se dava o nome de *pae dos velhaços*. Era o mister d'este magistrado o indagar dos moços vadios que havia na cidade, ou a ella vinham ter d'outras partes do reino, aos quaes devia prover d'amos ou mestres, que lhes ensinassem officios.

A mesma especie de magistratura existia na cidade do Porto, como se vê d'uma provisào real existente no cartorio da camara, e passada no anno de 1535. Por este documento consta que aquelle cargo era dado a um cidadão honrado, que por este serviço vencia ordenado, ou *mantimento*, pago por el-rei.

---

## PÚRPURA.

A descoberta da púrpura deve-se ao acaso.

O cão d'um pastor quebrou n'uma praia de mar uma concha ; o sangue que sahio d'ella tingiu-lhe a bocca d'uma côr, que despertou a admiração de todos os que o viram; e pouco depois foi applicado aos estofos.

Suppõem alguns que esta descoberta teve logar no reinado de Phœnis, segundo rei de Tyro, e irmão de Cadmo, isto é, mais de mil e quinhentos annos antes de Jesus-Christo; suppoem outros que ella foi feita no tempo em que Minos, 1.º reinava em Creta, isto é mil quatro centos e trinta annos antes da era christan; mas o maior numero é concorde em attribuir a Hercules Tyrio a invenção de tingir de purpura os estofos: este ultimo apresentou os primeiros ensaios ao rei da Phenicia.

Diz-se que este principe tantos ciumes teve da belleza d'esta côr que prohibiu o uso d'ella a todos os seus vassallos, reservando-a para os reis e para o herdeiro presumptivo da corôa.

Moyisés fez grande uso de estofos côr de purpura, nos vestuarios sacerdotaes.

Em Roma só os triumphadores, e mais tarde os im-

peradores tinham o direito de trazer a purpura. É d'ahi que a expressão *tomar a purpura* ficou sendo synonima de *fazer-se proclamar imperador*.

Nos tempos modernos o vestido cõr de purpura foi reservado para os altos dignatarios da Egreja, e d'ahi a expressão *purpura romana* como equivalente da dignidade de *cardeal*.

Houve por muito tempo incerteza a respeito da especie do marisco, de que os antigos extrahiam a purpura; julgou-se até este segredo completamente perdido; foram porem, descobertos, tanto nas costas d'Inglaterra como nas de Poitou e Provença, mariscos com os caracteres pelos quaes os antigos designavam o animal, que fornecia a purpura; e se hoje não se faz uso d'elles, é porque se descobriu o meio de fazer com a cochonilha uma cõr mais bella e muito menos dispendiosa.

Havia duas especie de purpura, uma cõr de violeta, outra, e a mais estimada, era d'um vermelho carregado, cõr de sangue.

Plinio diz que todo o empenho dos Tyrios e dos Phenicios era que a cõr de purpura se assemelhasse á ametista oriental.

---

## A MINHA MAE.

És tu, alma divina, essa Madona  
Que nos cubala na manhã da vida,  
Que ao amor indolente se abandona  
E beija uma criança adormecida;

No leito solitario és tu quem vela,  
Tremulo o coração, que a dôr ançcia,  
Nos ais do soffrimento inda mais bella  
Pranteando sobre uma alma que pranteia;

E se pallida sonhas na ventura  
O affecto virginal, da gloria o brilho,  
Dos sonhos no luar, a mente pura  
Sò delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,  
 Quando a lua no mar se vae doirando :  
 Pensamento de mãe é como incenso  
 Que os anjos do Senhor beijão passando.

Creatura de Deus, ó mãe saudosa,  
 No silencio da noite e no retiro,  
 A ti vò a minh'alma esperançosa,  
 E do pallido peito o meu suspiro !

Oh ! ver meus sonhos se mirar ainda  
 De teus sonhos no magico espelho !  
 Viver por ti de uma esperança infinda  
 E sagrar meu porvir nos teus joelhos !

E sentir que essa brisa que murmura  
 As saudades da mãe bebeu passando !  
 E adormecer de novo na ventura  
 Aos sonhos d'oiro o coração voltando !

Ah ! se eu não posso respirar no vento,  
 Que adormece no valle das campinas,  
 A saudade de mãe no desalento,  
 E o perfume das lagrymas divinas.

Ide ao menos, de amor meus pobres cantos,  
 No dia festival em que ella chora,  
 Com ella suspirar nos doces prantos,  
 Dizer-lhe que tambem eu soffro agora !

Se a estrella d'alva, a perola do dia,  
 Que vê o pranto que meu rosto iaunda,  
 Meus ais na solidão lhe não confia,  
 E não lhe conta minha dôr profunda,

Que a flor do peito desbotou na vida  
 E o orvalho da febre requeimou-a ;  
 Que dos labios da mãe na despedida  
 O perfume do céo abandonou-a !....

Mas não irei turvar as alegrias  
 E o jubilo da noite susurrante,

Só porque a magoa desnouou meus dias,  
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus ! eu só quizerá  
Um momento sequer lhe encher de flôres,  
Contar-lhe que não finda a primavera,  
A doirada estação dos meus amores ;

Desfolhando da pallida corôa  
Do amor do filho a perfumada flôr.  
Na mão que o embalou, que o abençoá,  
Uma saudosa lagrima depôr !

Suffocando a saudade que delira  
E que as noites sombrias me consome,  
O nome d'ella perfumar na lyra,  
De amor e sonhos coroar seu nome ! . . .

MANUEL ANTONIO ALVARES D'AZEVEDO.  
(Poeta Brasileiro)

---

### CRIANÇA DE DUAS CORES.

Nos registos officiaes da Camara da Villa de Cuyabá, do anno de 1799, acha-se exarado o seguinte extraordinario facto : «O Reverendo Coadjuutor Manoel Machado de Sequeira baptizou n'esta freguezia, no dia 18 de Junho, uma innocente criança, á qual poz o nome de Isabel (filha legitima de José de Arruda e Sá e de Anna da Fonseca Corrêa, pessoas brancas d'estas Minas) ; cuja menina nasceu, e ainda assim se conserva, branca da cabeça até ao embigo, e dos joelhos até a extremidade dos pés, porém preta do embigo até os joelhos».

Aqui a maior singularidade é ter esta criança sómente uma parte do corpo preta, collocada entre as extremidades brancas, porque o facto de nascerem, de pais brancos, filhos negros não é novo, como se vê de uma noticia inserta no «Jornal do Commercio», do Brazil, de 6 de Abril de 1844, que é a seguinte :

«As memorias secretas do tempo de Luiz XIV fazem

menção de uma menina inteiramente negra, dada á luz pela Rainha Maria Thereza, sobre cuja modestia e virtude nunca ninguem se atreveu a levantar duvidas. Attribuiu-se esta desgraça á impressão produzida, sobre a imaginação da mãe, por um anãosinho negro, que então havia no paço, e que tinha sido enviado de presente á Rainha pelo Rei de Arda. Os historiadores da época nenhuma menção fazem d'este phenomeno, pelo terem por impossivel; entretanto eis-aqui um facto inteiramente analogo, ultimamente occorrido em França, que tira todas as duvidas sobre a possibilidade da cousa.

«Uma mulher branca, natural da cidade de Santo Estevão junto de Leão, deu á luz, em Janeiro passado, um menino do mais retinto negro que se têm visto. O marido d'esta mulher é tão alvo como ella, e não ha em toda a cidade creatura de outra côr; affirma-se porem que a mulher, andando pejada, vira pela primeira vez na sua vida um negro, em Leão, cuja presença fez n'ella grande impressão. A côr de seu filho a horrorison até tal ponto que recusou criá-lo. Procurou-se uma ama para este fim, porem não appareceu quem o quizesse ser de criança de semelhante côr: foi necessario engeital-o. O facto é referido pelo *Mercurio Segusiano*, que o allega como prova da influencia incontestavel da imaginação das mães sobre a organização das crianças, de que andam pejadas. Os physiologistas nos dirão o que a tal respeito deve pensar-se.»

---

### **Regra para viver em paz:**

Ouve, e calla,  
 E viverás vida folgada;  
 Tua porta cerrarás;  
 Teu visinho louvarás;  
 Quanto podes não farás;  
 Quanto sabes não dirás;  
 Quanto vês não julgarás;  
 Quanto ouves não crerás;  
 Se queres viver em paz.

D. JOÃO MANUEL—ALCAIDE-MÓR.



## INFLUENCIA DO FRIO NA MORTALIDADE.

No homem, diz o doutor Boudin, grande numero de phenomenos estam mais ou menos intimamente ligados ao movimento diurno da terra, e, pelo que diz respeito á maior parte d'estas manifestações, a sciencia está já de posse de documentos numericos de grande interesse. Entre outras coisas, as estações exercem notavel influencia na mortalidade; por outras palavras, a mortalidade varia com o movimento da terra em volta do sol.

É tal a desigualdade da distribuição dos fallecimentos que, em França por exemplo, o maximo mensal em Março excede em 30:000 o minimo em Novembro. Vendo-se que os mezes de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março são os que figuram com maior numero de mortes, e que os mezes de Maio, Junho, Julho e Agosto são os que representam numero menor, ha razão para affirmar-se que, não obstante estar a França situada na parte mais temperada do hemispherio boreal, a mortalidade tem comtudo alli. por causa principal o frio.



### Remedio contra as queimaduras.

São tão dolorosos os soffrimentos, e graves as consequencias das queimaduras que, temos para nós, como um dever imperioso, tornar por este modo conhecido dos estranhos á sciencia um remedio tão simples quanto efficaç: o *linimento calcario*, que de prompto se prepara em qualquer pharmacia, é o precioso medicamento a que acima alludimos.

Administra-se, applicando-o com uma penna sobre a parte queimada; se a primeira applicação não for bastante para acalmar a dôr, e o ardor, faça-se segunda e até terceira, se tanto for preciso. O bom resultado do *linimento calcario* depende da promptidão de sua applicação, como porém muitas vezes não será possível appli-

cal-o tão de prompto quanto é para desejar, recommendamos que se mergulhe immediatamente a parte queimada em agua quente (calor agradável, entende-se) limpa e pura, e n'ella se conserve até que se possa applicar o efficaz linimento, enxugando primeiro a parte.

Se a queimadura fôr geral, isto é, se comprometter mais ou menos todo o corpo, convém muito metter o paciente em um banho geral morno (calor agradável, repetimos) em quanto não tem logar aquella applicação.

É este o remedio de que temos colhido e visto colher os melhores resultados, prevenindo assim as dôres horribes e as inflammções e suppurações consecutivas.

O medicamento homœopathico correspondente a este é a *urtica urens*. Para acudir nos primeiros momentos aos insultos do fogo é tambem remedio heroico. O nosso estimavel collega o snr. Arnaldo Braga, já applicou em um caso mui grave, e foi felicissimo.

Dá-se interna e externamente: internamente, na falta d'uma solução feita com tres gottas de *urtica urens* (B.\*) em duas onças d'agua pura, pode usar-se de outra preparada com seis gottas da tinctura mãe em egual quantidade d'agua, da qual se darão ao doente, nos casos graves, tres a quatro colheres de sopa por dia; nos casos leves basta só a applicação externa.

Applica-se externamente sobre as partes queimadas em panos molhados, em uma solução feita em agua com dôze a dezoito gottas de tinctura mãe em duas onças de liquido. A solução deve ser tanto mais branda quanto maior fôr a sensibilidade da parte offendida, e devem os panos conservar-se sempre molhados até que os soffrimentos cessem.

A. F. MOUTINHO.



A virtude á nossa alma dá sande:  
Como a sande ao corpo dá a virtude.

FILINTO ELYSIO.

## Charada.

N'aveludada flor meu nome inscripto.  
Está funereos casos recordando,  
Ou seja o heroe guetruiro descrevendo,  
Ou d'Apollo os lamentos confirmando.—1

Debalde o Minotauro os labios move  
A arrebatada esposa de Theseu,  
Que da vida privado, e doce carga,  
A boca impura só a mim mordeu.—1

Sem Medêa debalde o Tosão d'ouro,  
Esse heroe da Thessalia buscaria,  
Mas a força de seus incantamentos  
Sem meu succo fatal se frustraria.



## MOVIMENTOS DAS PLANTAS:

Estes phenomenos mysteriosos e inexplicaveis são devidos, uns á excitabilidade vital das plantas, outros á tendencia, que ellas tem para a luz. Nas folhas e flôres, é onde se observam estes phenomenos.

As plantas de folhas articuladas apresentam estes órgãos em posições differentes durante o dia e a noite: assim, as leguminosas apresentam ao nascer do sol as folhas horisontaes, e quasi verticaes ao meio dia: e de noite, inclinadas para o sol, como se estivessem dormindo.

A este phenomeno, é que Lineu deu o nome de somno das plantas.

É tambem muito notavel a excitabilidade da sensitiva; porque se contrahe, ao mais leve toque d'um corpo estranho, unindo as folhas aos ramos, como impressionada por algum sentimento de pudor. Esta excitabilidade exquisita fez com que Lineu lhe dêsse o nome de *mimosa pudica*.

Na epocha da fecundação, deixam tambem ver as flôres phenomenos coriosissimos, que são o resultado

d'um augmento de excitabilidade. Assim os 5 estames da *parnassia* curvam-se sobre o centro da flôr, para se applicarem sobre o pistilo.

A luz é tambem causa de varios movimentos, que se manifestam nas flôres. Tal é o que se vê no girasol, cuja tendencia para a luz ainda não é das mais pronunciadas.

Existem flôres que se abrem e feixam em certas horas do dia : o que deu lugar á formação do relógio de Flora ideado por Lineu.

Outras flôres ha tambem, que pela influencia da luz se abrem de noite e fecham de dia, e vice-versa : taes são as *boas-noites* e os *bons-dias*.

Tal é a influencia deste agente physico sobre as plantas, que muitos dos seus ramos se afastam e desviam da direcção natural a fim de se dirigirem para os lugares mais illuminados.

Monte-mór-o-Velho. — J. M. R. A. G. MENDANHA.



## NA PRAIA.

Na espadua negra de crestada penha  
 Fremente a vaga se desfaz em espuma;  
 Em fuma algosa o vendaval braveja,  
 Abre-se o abysmo, que estuando fuma !

Phantasma livido a extensão dos mares  
 Se envolve em frio, pardacento véu,  
 Sudario immenso de gigante enorme,  
 Que tem por campa a amplidão do céu.

É sem limite a cerração medonha ;  
 Da noite o dedo impõe silencio ao ar,  
 Só dos trementes pavorosos labios  
 Sua voz desprende o truculento mar.

Na nudez funda dos desertos d'alma  
 O lucto obumbra os pensamentos meus,  
 Legiões sombrias, que esvoaçam timidas  
 Quaes maripozas, ao clarão de Deus.

E eu só, pendido sobre o eterno enigma,  
 As trevas densas com horror palpei!...  
 Par'ceu-me o mundo recuar ao cahos,  
 E alem do mundo a minha voz soltei.

«Sublime lynce, ó Fé que lês no incognito,  
 «Que vês na sombra, que a razão circumda,  
 «Abre-me o livro da sapiencia augusta,  
 «De Deus, escripto pela mão fecunda.

«Abre-me o livro, d'onde foge a duvida,  
 «Fonte de balsamo á pungente dôr;  
 «Abre-me o livro, que uma só palavra  
 «Enche e perfuma repetindo — amor».

E eu quasi immerso em desalento extremo  
 Aos pés do Eterno a minha dôr vazei...  
 Correu minh'alma a Deus, qual rio aos mares  
 E em Deus somente a paz, e luz achei.

Vianna — Novembro de 1867. — B. WERNÉCK.

---

## COLONIAS PORTUGUEZAS.

As colonias, ou antes os municipios, que ainda possuimos no ultra-mar, podem classificar-se assim:

Na Europa, o archipelago dos Açores.

Na Africa occidental, as ilhas de Porto Sancto, Madeira, e Desertas: as ilhas, ou archipelago de Cabo Verde, e a Senegambia portugueza, ou Guiné de Cabo Verde: as ilhas de S. Thomé e do Principe, e a fortaleza de S. João Baptista de Ajuda, na Costa de Mina: Ambriz, Angola, Benguela, Cabinda, Molembo, e Zaire, posto que se nos dispute o direito á posse d'estes tres ultimos pontos.

Na Africa oriental, toda a costa desde a Bahia de Lourenço Marques até Cabo Delgado, ilhas adjacentes, e 200 leguas, mais n'umas partes e menos em outras, pelo interior.

Na Asia, Góá e suas dependencias, com Damão e Dio, e Macáu na China.

Na Occania, as ilhas Solores.

Nesta grande extensão de territorio, que se calcula em mais de oitenta mil leguas, quadradas e com uma população de perto de 3.000\$ de habitantes, subditos, vassallos, ou tributarios da corôa de Portugal, contamos os Bispados de Angra, Funchal, Cabo Verde, S. Thomé e Príncipe, e Angola, que são suffragancos ao Patriarchado de Lisboa; o Arcebispado Metropolitano de Góá, o Bispado de Macáu, e de Malaca e ilhas Solores, assim como a Prelazia de Moçambique, não mencionando um Arcebispado, e quatro Bispados, que são unica mente *in partibus infidelium*.

Destas suas provincias ultramarinas, grandes são os recursos que Portugal poderia tirar enriquecendo-as a ellas e tambem a si, com tanto que abandonasse francamente esse chamado systema colonial, que no antigo regimen as conduzia e á metropole ao estado em que as temos visto.

Aqui darei em resumo uma parte dessas riquezas de que ainda nos não aproveitamos, ou de que ainda não temos tirado as reciprocas vantagens que nos offerecem:

*Madeiras para construcção naval, para carpinteria e marcenaria*, das extensas flôrestas da Senegambia portugueza de S. Thomé e Príncipe, Angola, India, e dos matos ainda virgens de Moçambique:

*Café*, na Senegambia, Angola, Moçambique e Solores, onde ainda é silvestre, em Cabo Verde, na Madeira, em S. Thomé e Príncipe, e na India onde se cultiva.

*Assucar, aguardente de canna e melão*, na Madeira, Cabo Verde, Senegambia, S. Thomé e Príncipe, Angola e Moçambique, e Açôres:

*Algodão*, em Cabo Verde, Senegambia, Angola, Moçambique, India, e Solores:

*Anil*, em Cabo Verde, Senegambia, Angola, Moçambique, e Timor:

*Couros e pelles*, em Cabo Verde, Senegambia, Angola, e Moçambique:

*Azeite e oleos*, em Cabo Verde, Senegambia, Angola, Moçambique, e India.

*Cacau*, em S. Thomé e Príncipe, e é muito provavel -que tambem em Cabo Verde, Angola e Moçambique:

*Marfim e cera*, na Senegambia, Angola e Moçambique:

*Abara*, em Angola e Moçambique:

*Peixe mulher ou phoca*, em Angola e Moçambique:

*Gomma-copal*, idem:

*Metaes preciosos*, em Angola, e Moçambique e Timor:

*Cobre*, idem:

*Ferro*, em Timor, na India, Moçambique, Angola, e Cabo Verde, Madeira e Açôres:

*Estanho ou chumbo*, em Cabo Verde e Angola:

*Especiaria e Sandalo*, em Moçambique e Solores:

*Azougue*, em Moçambique:

*Tabaco*, em Cabo Verde, Angola, Moçambique e Solores.

*Carvão de pedra*, em Angola, Moçambique e Solores:

As distancias aproximadas entre as provincias de ultra-mar e Portugal são as seguintes:

A Madeira dista 150 leguas, do Cabo da Rocca.

S. Thyago de Cabo Verde dista 450 leguas.

Bissau dista 486 leguas do referido Cabo.

S. Thomé dista 890 leguas, 648 em linha recta.

S. Paulo de Loanda dista 1050 leguas, 868 em linha recta.

Moçambique, ilha, dista, 1880 leguas, 880 em linha recta.

Gôa, ilha, na India, dista 2540 leguas, somente 1000 em linha recta.

Timor dista 3:000 leguas, ou 1800 em linha recta.

Macau dista 3200 leguas, apenas 1400 em linha recta.

(Estas leguas são das de 18 ao grau, com 6 kilometros).

«J. M. DE SOUZA MONTEIRO.»



O caminho da verdade é unico e simples: o da falsidade vario e infinito.

AMADOR ARRAES.

## O DINHEIRO DO SUDAN.

O valor monetario é puramente convencional ; os povos civilizados escolheram de preferencia os metaes mais preciosos, os quaes são fundidos, e depois cunhados em forma circular. O ouro, a prata, e o cobre são geralmente adoptados. Quanto mais elevado é o valor das moedas, tanto mais commodas ; certas nações d'Africa, taes como as Sudanianas, parece não terem comprehendido isto. A moeda de que fazem uso nem sequer é de metal ; umas vezes é um pedação de sal gemma, de alguns centimetros de comprimento, outras um quadrilatero de certo estofo. Comprehende-se que o valor d'estes objectos varia com as nações, mas é quasi sempre diminutissimo. Não obstante, n'alguns paizes do centro da Africa, o sal paga-se por grande preço ; por uma surpreendente particularidade, é considerado como uma substancia de sabor agradável, pois que as crianças gostam de o chupar como assucar.

Uma das moedas mais procuradas é a dos Cauris (*cyprea moneta*) pequena concha do genero das porcelanas, que se pesca nas costas de Guiné. O seu valor é tambem extremamente variavel, mas, em quasi toda a parte, são necessarios muitos milhares para equivalerem a alguns vintens : assim 690 cauris valem aproximadamente 160 réis no territorio de Sakatu. Em Guiné fazem-se rozarios de 10 e de 100 cauris ; por este meio tornam-se menos difficeis os pagamentos, mas em algumas localidades os habitantes não confiam nos devedores, e gastam-se ás vezes muitas horas para saldar uma conta de pequena importancia. Um sacco ou *takrusa* de 20,000 cauris, como ordinariamente recebem os governadores de provincia ou de cidade, não é recebido senão depois da verificação do numero das conchas : fazem-se castelinhos eguaes de cauris que depois se contam facilmente. N'algumas regiões taes como Wadaï emprega-se tambem como unidade de cambio um boi ou um escravo.

Ha ainda outra moeda, d'um uso muito frequente, em algumas tribus de Sudan. Quando lhe faltam os cauris não hesitam em privar-se da camisa, que é o seu



unico vestido, e, a despeito do pudor que não conhecem, dam-na ao credor, que a considera como uma verdadeira moeda.

Os Europeus de certo nunca tiveram a idea de pagar de semelhante modo aos credores.

---

## LOGOGRIPHO.

A primeira co'a segunda  
Acharás no mercador;  
E dá ao corpo agasalho,  
E tira á bolsa o calor.

Coisa certa, ou certa coisa  
A segunda é p'ra os amantes;  
É pesada p'ra os vouveis,  
E é doce p'ra os constantes.

Terceira e prima é do jogo,  
Mas jogo muito legal;  
E faz lembrar os mexidos,  
Tortas, filhós. . . . o Natal.

Quarta e segunda é irmão  
Ou coisa assim parecida.  
Nome doce, ou venerando  
A primeira repetida.

Assim fazendo á terceira,  
Dá coisa pouco vulgar;  
Não assim quarta e primeira  
Que a meude has de encontrar.

Qual rapazinho correndo  
Com intento pertinaz,  
Vendo o pão suspenso fica,  
Prima e terceira assim faz.

Tercia e quarta has de encontrar  
 No quintal e no terreiro;  
 — Procura-me no Agosto,  
 — Procura-me no Janeiro.

Eis um facil logogripho  
 Leitor, não tem que dizer.  
 — Matou-me logo á primeira?...  
 Não fez mais que o dever.

Braga — 1867. — M. J. A. P.

### A planta que ressuscita.

Alguns vegetaes são dotados de maravilhosas faculdades, e susceptiveis de fornecer aos charlatães armas poderosas. Á primeira ordem d'estas plantas, pertence a *Anastatica* (planta que ressuscita), conhecida vulgarmente pelo nome de *Roza de Jericó*. É em verdade um espectáculo digno de admiração, vêr esta planta morta e secca retomar, logo que seja posta em agua, as côres e a vida vegetal; os botões intumescem, as folhas do seu calice separam-se, as suas petalas distendem-se, a haste cresce e a corolla desabrocha.

A roza de Jerichó é uma planta crucifera das regiões arenosas da Arabia, do Egypto, e da Syria. A sua haste ramifica-se desde a base, e produz espigas de lindas flôres brancas, que se transformam em fructos arredondados; quando amadurecem, as folhas cahem, os ramos endurecem, seccam, e curvam-se para a parte interior, de modo a formar como um novello. Depois, os ventos do Outomno desarraigam a planta, e transportam-n'a até ao mar. É apanhada ahí, e conduzida para a Europa, onde é muito procurada em consequencia das suas propriedades hygrometricas. Basta metter em agua a extremidade da raiz, para vêr a planta renascer, desinvolver-se, e incantar a vista com o desabrochar de novas flôres. Tirando-se-lhe a agua, a flôr empallidece, fecha-se e morre. Em certos paizes ha ainda a crença de que esta maravilhosa flôr desabrocha, todos os annos, no dia e hora do nascimento de Christo.

## SCENA VI

D9

## Acto I do Tartufo

DE

MOLIÈRE.

ANSELMO E THEODORO.

*Theodoro.*

Vê, meu cunhado, vê, como na propria cara  
o esteve escarnecendo? e — com justiça clara —  
posso agora ajuntar. Sou, bem o sabe, amigo;  
não se me ha de agastar de ouvir o que lhe digo.  
Quem viu já coisa assim? que magicas emprega  
aquelle homem, senhor, que tanto e tanto o cega,  
que o faz esquecer tudo e o traz enfeitado?  
Veio humilde, faminto, e nú; vive abastado,  
servido, e como um grande; emfim, da lama raza  
galgou a solio d'oiro, entrando nesta caza!  
É quem lhe deu a mão? quem lhe isto fez?

*Anselmo.*

Suspenda,  
meu cunhado e senhor; antes que falle, aprenda.  
Não conhece a Tartufo.

*Theodoro.*

É possível; mas creio  
que para o sentenciar . . .

*Anselmo.*

Eu nunca sentencio  
sem provas, como sois; façã o mano outro tanto.  
Juro que se chegasse a conhecer o santo,  
morria-me por elle. Embora a riso o tomem,  
é um homem. . . que. . . no qual. . . em summa: um homem!  
Quem lhe toma as lições gosa ante-ccus no mundo,

e quanto á roda vê se lhe affigura immundo !  
 Eu, ouvindo-o fallar, fico outro ; logo sinto  
 um desapego a tudo ; um odio ao labyrintho  
 das paixões mundanaes ; odio até á amisade.  
 Filhos, mãe, filha, irmãos, e até minha amctade,  
 podem morrer ; que a mim dasse-me... como d'isto !

*(com gesto de quem saccode uma pitada de tabaco)*

*Theodoro.*

Bella religião ! (de Tartufo, está visto !)  
 Que suave moral ! que sentimento humano !

*Anselmo.*

Não queria eu, senão que o meu presado mano,  
 como eu o descobri, o houvesse descoberto !  
 Adorava-o como eu, póde ficar bem certo.  
 Ia diariamente á mesma egreja que eu,  
 e ajoelhava-me ao lado : aquelle modo seu,  
 de tanta suavidade e tanta fé, prendia  
 o olhar de todo o povo, e o da propria cler'zia ;  
 podéra não render-me ! orava tão absorto,  
 que parecia raptó ; e a sua côr de morto,  
 effeito dos jejuns ! e os seus ais doloridos !  
 e o prostrar-se na pedra aos beijos e aos gemidos...  
 aquillo não se pinta ; aquillo era um portento !  
 Quando eu vinha a sair, ao pé do guarda-vento  
 já o encontrava á espera: Ia direito á pia,  
 e com ambas as mãos a cara me aspergia.  
 Soube eu pelo rapaz que o serve, e que é sua copia,  
 quem era, e que soffria a mais completa inopia.  
 Entrei-o a soccorrer ; e elle, do que eu lhe dava,  
 metade, ás vezes mais, sempre me recusava,  
 dizendo humilde : « É muito ; eu não mereço tanto ! »—  
 Eu, já se vê, teimava ; elle então (rico santo !)  
 alli, á minha vista, ia logo aos mais pobres,  
 tratando-os por irmãos, repartir os meus cobres ;  
 c'o a recommendação de orarem ao Senhor,  
 pela saude e bens do pio bemfeitor.  
 Chamci-o pois a mim ; e hoje disfructo a gloria

de ter um tal mentor na vida transitoria !  
 Entrou benção com elle em nossa caza ; tudo  
 prospéra agora ; eu góso, inerte, cego, mudo ;  
 elle põe e dispõe ; vela de noite e dia ;  
 vê, reprehende, instrue, corrige e nos vigia.  
 Tè me guarda a mulher, com um zelo em meu decoro,  
 que ás vezes quando os vejo, entorneço-me e choro.  
 Olhe alguém para ella assim com ar de amante ? !..  
 percebe-o antes de mim ; diz-m'ó no mesmo instante.  
 Não, que lá nessa coisa o meu Argus attento,  
 parece mais que eu proprio, e muito mais : ciumento.  
 Mal pensa o que allí está ! qualquer bagatelinha  
 faz-lhe na consciencia um pézo que o delinha.  
 Ha dois dias ou tres, veio elle todo afflito  
 confessar-me haver feito o mais atroz delito ;  
 pois estando a rezar, veio uma pulga, e zaz,  
 mordeu-lhe ; impacientou-se ; agarra a pulga, e traz,  
 esborracha-a ; mas foi com tal ira que julga  
 que peccou mortalmente ! Uma pulga ! uma pulga ! !

*Theodoro.*

O cunhado está doido, ou faz de mim chacota ? !  
 Que pretende inferir da estúpida anedota ?

*Anselmo.*

Santo nome de Deus ! santo podèr divino !  
 Cunhado, está perdido. Isso é de libertino ;  
 é de impio. Muita vez lh'o tenho já pregado :  
 vá-me por esse andar, e lá verá, cunhado,  
 quando já não puder toniar o bom conselho,  
 como é o caldeirão do tal Pedro Botelho !

*Theodoro.*

Estilo dos beatões ! Como elles não tem olhos,  
 raivam de que outrem veja, e evite os seus escolhos.  
 Vê claro ? — é libertino ; a vans puerilidades  
 não presta assenso ? — ultraja as augustas verdades ;  
 é só christão e humano, útil, honrado, terno ? —  
 atira-se com elle aos caldeirões do inferno.

Outra vida, cunhado. A minha é d'homem crente,  
 porem sem fanatismo; honrado, mas prudente.  
 Não tremo de papões; sou religioso, e basta.  
 Eu conheço este mundo; ha nelle muita casta  
 de heroes e de christãos: ha o crenteiro e o crente,  
 como ha o valentão, parodia do valente!  
 O valente de lei, presta ao dever seu culto;  
 se é mister combater, combate sem tumulto;  
 nem foge, nem provoca; audaz e comedido,  
 nem pede acclamações, nem n'ó acovarda olvido.  
 Assim tambem o crente; alma sincera e pia,  
 cumpre a lei; não se inculca; ignora a hypocrizia.  
 Pois ha de equiparar-se a mascara ao semblante?  
 e um vil galanteador ao verdadeiro amante?  
 Que estranha raça humana! extremos, sempre extremos;  
 o meio termo, nunca. A quantos é que vemos  
 seguir a natureza adstrictos á razão?  
 Sempre ou menos, ou mais. Quanta á religião,  
 quem mais quer exaltá-la, ás vezes mais depressa,  
 por seu zelo excessivo, ao infimo a arremessa!  
 Perdoe-me o sermão; não peço Ave-Marias;  
 mas só que pense n'elle estes primeiros dias.

*Anselmo.*

Pois não, senhor doutor! E' gôsto ouvi-o e vê-lo!  
 a pena é não prégar de annel, borla, e capello!  
 sempre dava mais pézo ao que lhe sao dos labios.  
 Lá saber não lhe falta; excede aos sete sabios!  
 E Cicero, é Catão, é toda a Academia!!  
 e o resto dos mortacs... tudo camelaria.  
 Cunhado, bugiar!

*Theodoro.*

Não sou doutor, nem douto,  
 cunhado; mas não tenho o entendimento bôto.  
 C'o o facho, don de Deus, que inda conservo inteiro,  
 sequer sei distinguir do falso o verdadeiro!  
 Respeito ao valoroso, assim como ao piedoso;  
 mas ao falso piedoso, e ao falso valoroso,  
 não n'os posso tragar. Ha nada mais risivel  
 que um Sancho Pança heroe?! ha nada desprezivel

como um santão de alardo, uns bonecos de arames,  
fazendo, e sempre mal, os seus papeis infames! ?  
Tecer co'a devoção ! armar co' a santidade!  
esparrellas e visco à pobre humanidade!  
Ao idolo do int'resse ir prostituir o incenso !  
e insultando no altar ao Ente justo, immenso,  
fazer, se lhes convem, das coisas mais divinas,  
trafico, opprobrio, crime, algemas assassinas!  
Ha, houve, e ha de haver sempre entre o povo crendeiro,  
muitos lobos assim com pelle de cordeiro ;  
que ambiciosa, avara, e chafurdando em vicios,  
não contente dos bens que usurpa, inda por cima  
diz que protege a Deus, e obtem do mundo a estima !  
Fóra com esses, fóra l ou, já que não pudémos  
acabar com tal peste, ao menos reserveinos  
o affecto, o apreço, a gloria, o titulo de mestres,  
de exemplos, de farões nos temporaes terrestres,  
aos que por seu viver e suas crenças puras,  
mostram homens na terra, e um Deus lá nas alturas.  
Permitta-me dizer-lh'o : o seu astuto socio  
não entra n'este rel ; grangeia o seu negocio,  
mais nada. A boa fé do crédulo hospedeiro  
foi quem alçou a santo um sordido embusteiro.  
Affirmo-lh'o eu.

*Anselmo.*

Findou ?

*Theodoro.*

Findei.

Anselmo (*indo-se*).

Adeus cunhado.

*Theodoro.*

Duas palavras mais, é cscija socegado,  
que são sobre outro assumpto.

*Anselmo.*

Oiçamos, e dêpressa.

*Theodoro.*

Ben sabe que o Valerio obteve uma promessa...  
de lhe darem Marianna. (*pausa*)

*Anselmo.*

Adiante.

*Theodoro.*

determina de já para o consorcio o dia !... Até se havia

*Anselmo.*

Verdade.

*Theodoro.*

E que lhe espera ?

*Anselmo.*

Eu sci...

*Theodoro.*

mudado de tenção ? Dar-se-ha que tenha

*Anselmo.*

Talvez...

*Theodoro.*

a palavra que deu ? Não desempenha

*Anselmo.*

Inda o não disse.

*Theodoro.*

que obstaculo nenhum se mette de permcio... Creio

*Anselmo.*

Conforme...

*Theodoro.*

Não entendo ; ou sim ou não. Valerio, que é homem de palavra, e toma a coisa ao serio, foi quem me supplicou viesse eu...



*Anselmo.*

Inda bem!

*Theodoro.*

Mas que resposta levo?

*Anselmo.*

A que quizer.

*Theodoro.*

Conveni,  
nem se pôde escusar, saber em que se fica.

*Anselmo.*

No que aprouver a Deus!

*Theodoro.*

Bom! sempre nica ou trica.  
Fallemos seriamente: havia-se obrigado;  
quer, ou não quer, cumprir?

*Anselmo*

Meu senhor, seu criado.

(*sae*).

---

Os versos precedentes, obtidos por intervenção do sr. Pereira-Caldas, vieram de Lisboa acompanhados d'uma carta do ex.<sup>mo</sup> sr. Castilho, dirigida ao nosso amigo do lyceu, muito lisongeira para a empreza do **Almanach Familiar**.

Transcrevendo-a, com as devidas permissões, damos ao nosso primeiro prosador, e primeiro poeta do paiz, um testemunho publico d'agradecimento, e de gratidão muito cordial, pela valiosa offerta que se dignara enviar-nos, e pela affectuosa animação que nos honramos de merecer-lhe.

« Ex.<sup>mo</sup> snr. J. J. DA S. PEREIRA-CALDAS,

« Meu respeitabilissimo Confrade.

« Dois favores, ambos grandes, ambos inesperados, e ambos agradabilissimos, recebi eu de v. ex.<sup>a</sup> com bom poucos dias d'intervallo.

« Foi o primeiro, que eu devêra ter immediatamente agradecido, a offerta do instructivo, curioso, e tam inteiramente portuguez, *opusculo sobre a nossa prioridade na fabricação do papel de madira*.

« O segundo, é o convite com que v. ex.<sup>a</sup> me honra, para eu contribuir para o **Almanach Familiar**.

« Acecito gostoso este convite ; e para o não demorar á espera de que me nasça alguma florinha, ou me acabe d'amadurecer algum fructo que eu envie para esse convivio litterario, remetto já um excerpto da minha recém-finda traducção do *Tartufo*. É a scena penultima do 1.<sup>o</sup> acto.

« Parece-me que n'estes introviscados tempos que vão correndo, e com a cerração que se quer levantar do poente contra o nascente moral, estas doutrinas, equidistantes dos dois oppostos fanatismos, já poderá ser que se não hajam por inuteis totalmente.

« Bom será que ellas penetrem nas familias, com um livro que se me figura auspiciado para gosar de grandes creditos.

« Bom é que de Braga saia tambem luz.

« Tenho a honra de me assignar

De v. ex.<sup>a</sup> — Confrade muito respeitoso,  
affectivo, e obrigado

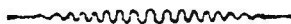
Lisboa, 18 d'Outubro de 1868.

A. F. DE CASTILHO.



## ARMAS ANTIGAS DE PORTUGAL.

Antigamente as armas do nosso reino eram uma cidade branca em campo azul, sobre um mar de ondas verdes e douradas, em memoria do porto de Cale, (junto da foz do rio Douro,) que deu principio ao reino. Mudaram, logo que entrou no senhorio de Portugal o conde D. Henrique, o qual usou algum tempo um escudo branco sem figuras, nem divisa alguma, e depois assentou sobre elle uma cruz azul do feitio a que davam o nome de potentéa, por ter a haste mais comprida que os braços.



### Charada.

Quando sancta me intitulam  
Sou synonymo de Roma — 1.  
E sancta me chamam todos,  
Os de Christo, e os de Mafoma. — 2.

Orno melhor o campo do que as flôres,  
Embora ellas ostentem mais belleza ;  
Eu sou a verdadeira California ;  
E de maior valor minha riqueza.

\* \* \*

### PEIXES CAMINHANTES.

Ha na China tres especies de peixes, dotados da singular faculdade de poderem caminhar pelas ervas humidas, e fazer d'este modo grandes trajectos d'um para outro ribeiro, ou d'umas para outras lagoas, que, muitas vezes, varias de peixes, apparecem de repente povoadas como por incanto. Os chinezes dão a estas tres especies os seguintes nomes: *Pla-xon*, *Pla-dutk* e *Pla-mo*. São peixes muito vorazes, do tamanho das carpas. Secos ao sol, e salgados, podem conservar-se um anno, e fornecem um alimento abundante e sadio.

## A FOLHA SECCA.

(*Leopardi.*)

D'alva faia desprendida  
vi no bosque una folhinha,  
vagando á mercê do vento,  
sem destino a pobresinha!

Perguntei-lhe para onde iá :  
tive pena de tal sorte!  
e a folhinha responden-me—  
que não sabia o seu norte ;

mas que acabar talvez fosse  
sua carreira penosa,  
junto das folhas de louro  
unida ás folhas de rosa.....

M. DE S.



## OS ECLIPSES.

De todos os phenomenos astronomicos, o que mais impressiona a imaginação é sem duvida o apparecimento dos eclipses. Sem causa apparente, vêem-se desaparecer do ceu os astros mais brilhantes. De dia, a claridade do sol é substituida por uma obscuridade lugubre, que impressiona todos os animaes. A sensação de *bem estar*, que se experimenta, quando reaparece a claridade, só é comparavel ao estado d'uma pessoa, que acaba d'escapar a um grande perigo.

A primeira explicação que os antigos deram ao phenomeno foi toda theologica. Pretendiam que os deuses, indignados com os crimes da terra, lhe enviavam phenomenos terriveis para punir os delictos. Esta ideia produziu a que fazia dos eclipses um presagio de desgraças.

No correr dos seculos, apenas, aqui e alem, apparecia algum homem mais instruido que os outros, que comprehendia a causa natural dos eclipsaes, e restituia ao povo a confiança perdida.

Pericles, no momento d'embarcar com o seu exercito, vendo os soldados atterrados por um eclipse, e o piloto recusar-se a guiar o navio, com receio da punição dos deuses, se se puzessem em marcha com tão maus presagios, soube reanimar-lhes o ardor, e restituir-lhes toda a confiança. Cobrindo com o seu manto a cabeça do piloto, disse-lhe: — crês que isto seja um presagio de desgraça?—Não, decerto. — Pois bem! continuou o general, que pôde presagiar-te o corpo que te oculta o sol, e que não tem outra propriedade senão a de ser maior que este manto?

Pericles conhecia a verdadeira causa dos eclipses, e, explicando o phenomeno, mostrava o ridiculo do terror inspirado por elles; mas nem todos os homens illustrados da antiguidade conheciam a este respeito a verdade. Muitos contentavam-se em saber que o phenomeno é natural, e importavam-se pouco com a sua explicação.

Não obstante, alguns sabios conheceram a verdade, e muitos eclipses foram predictos na antiguidade. Serviam-se do cyclo de Méton, periodo de dezenove annos, dado pela observação, e que indica ao fim de quanto tempo os mesmos phenomenos lumi-solâres se reproduzem, proximiamente nas mesmas épochas. Julga-se que nos seus calculos não obtiveram maior aproximação que a de um quarto de hora.

Cristovão Colombo, tendo naufragado nas costas das ilhas, quiz o seu genio tinha acrescentado ao novo mundo, e achando-se carecido de tudo, e entregue á ingratidão dos hispanhoes, valeu-se dos seus conhecimentos astronomicos, para satisfazer as primeiras necessidades da vida, e dispor a seu favor os animos dos Indios. Chamou os principaes d'elles e disse-lhes « que Deos, irritado por elles o não socorrerem, hia privar-os da luz da lua. » Os indios riram-se da prophecia; mas, vendo o acontecimento realisar-se, vieram lançar-se aos pés do illustre navegante, que, depois de ter fingido que dirigia sup

plias á divindade, lhes disse que o seu arrependimento tinha obtido o perdão de Deos, e que a lua hia apparecer outra vez. O que effectivamente aconteceu. Desde esse momento, Colombo teve de tudo em abundancia.

Ainda na actualidade, os povos em que a civilisação não tem penetrado, explicam d'um modo mais ou menos stulto o phenomeno dos eclipses. No Industão, por exemplo, julgam que o astro é engulido por um dragão ou uma serpente, e só é restituído ao estado primitivo, quando o monstro, vencido pelas supplicas, ou amedrontado, pelo ruido que se faz em quanto dura o phenomeno, abandonou completamente o astro, e se retirou do cen. Explica-se d'este modo o costume que tem certos povos selvagens de dirigirem supplicas, em quanto que outros fazem o estrondo que podem na occasião dos eclipses.

A verdadeira causa dos eclipses consiste na interposição d'um corpo opaco entre o corpo luminoso e os olhos do observador.

A differença radical que existe entre o sol e a lua, considerados como corpos luminosos, muda a causa do eclipse.

O sol é um corpo com brilho proprio, por conseguinte só pode eclipsar-se pela interposição d'um corpo opaco entre elle e a nossa vista.

A lua pelo contrario, sendo um corpo não luminoso, mas illuminado pelo sol, e não possuindo outra claridade senão a que este astro lhe dá, não tem necessidade de ficar por detraz d'um para-luz, em relação a nós, para ser eclipsada. Basta que um corpo opaco passe entre ella e o sol para produzir o eclipse.

Os corpos que servem de para-luz, são a terra e a lua. No eclipse do sol, é a lua que, collocada diante do astro, impede que os seus raios cheguem até nós. No eclipse da lua, é a terra que, collocada entre o sol e a lua, impede esta ultima de receber os raios do sol, e por conseguinte a torna invisivel.

Os eclipses são totaes ou parciaes; totaes, quando o astro desaparece inteiramente, e parciaes quando uma parte somente é obscurecida. Nos eclipses do sol, ha eclipses chamados annulares então somente o centro do

astro é eclipsado, ficando ao redor uma faixa luminosa, formada pelos bordos não obscurecidos. O eclipse é central, quando os centros do sol, da terra e da lua estão sobre uma mesma linha recta.

O calculo dos eclipses não é outra coisa mais que o calculo dos movimentos celestes; trata-se unicamente de determinar o instante em que o astro se acha n'uma posição dada. A exactidão dos resultados é uma prova evidente da exactidão das hypotheses astronomicas.

Actualmente, em um calculo d'eclipses, ha uma exactidão de segundo. Antigamente, nos mesmos calculos, apenas se obtinha uma aproximação d'um quarto de hora.

---

## VERDADES.

Deixar a terra que lhe fôra berço  
 Olimpio um dia sem pensar tentou :  
 Assim o fez ; e preparado em pouco,  
 Foi barra fôra, nem a tráz olhou.

Era um talento que esta patria ingrata  
 Partir deixára para o novo mundo,  
 Não se lembrando que perdia um genio,  
 Um genio immenso, collossal, profundo !

Fôra a miseria que obrigára Olimpio,  
 Talento excelso, a abandonar o solo,  
 Onde á penuria tem morrido sabios,  
 Onde um poeta é reputado um tolo !

Porem lá fôra não foi mais ditoso,  
 Adversa a sorte continuou-lhe a ser :  
 Enfermo em pouco resolveu na patria  
 Pedir esmola, mas alli morrer.

Como se fôra d'uma terra extranha,  
 Voltando á patria foi bem mal tratado,  
 Voltava pobre, e n'esta terra um pobre,  
 Embora um genio, é com desprezo olhado.

Talentos grandes, vocações sublimes  
São ninharias de valor pequeno :  
Saber, estudo, probidade e honra  
São bagatellas n'este solo ameno !

Aqui ser despota, e ladrão convicto,  
Devasso, infame, testemunha falsa,  
São coisas sanctas, são até virtudes,  
Que a imprensa torpe sem rebuço exalça !

Aqui, . . mas basta. Decorridos mezes  
Legava Olimpio, succumbindo á dor,  
À patria ingrata maldição eterna,  
E a sociedade figadal rancor.

Braga, 20 de Dezembro de 1867.

A. M. DA FONSECA,

---

### Um como ha muitos.

Certo enfermeiro, tendo-lhe dito o medico que um doente de que elle tratava estava morto, mandou logo ao criado que fosse cuidar do enterro, mas como nesse momento o doente desse signaes de vida, o moço fez notar isso ao enfermeiro, ao que elle replicou muito enfadado : — Faça o que lhe d'isse ; então você quer entender mais que o doutor ? !

---

### Pulsações no homem e em diferentes animaes.

Os peixes são os animaes que teem o coração mais pequeno, em rellação ao seu volume, e os que o teem maior são as aves.

O numero de pulsações, por minuto, nos peixes, é



geralmente de 20 a 24 ; nas rãs é de 69 ; nas aves de 100 a 200, tendo as pombas 130, as galinhas 140; e as garças-reas 200. No boi ha 38 pulsações por minuto ; no cavallo 56 ; no carneiro 75 ; no macaco 90 ; no cão 90 a 95 ; no gato 100 a 110 ; na lebre 120 ; no leitão 140. No homem as pulsações são ordinariamente 115 a 130, por minuto, no primeiro anno ; 100 a 115, no segundo ; 90 a 100, no terceiro ; 85 a 90, no septimo ; 80 a 85, aos quatorze annos ; 70 a 75, no meio da vida, e 50 a 65, na velhice. São por tanto as pulsações dos mamíferos, em geral, comprehendidas entre 38 e 140 por minuto.



## OS SINOS.

Tem-se discutido os sinos, como se discute quanto ha no universo. Desde a existencia objectiva ou material deste mundo até á legitimidade do chocalho pendurado ao pescoço da cabra, retouçando pelas ruas de qualquer capital, que resta ainda ahi para se lhe trazerem á praça os prós e os contras ? Das definições possiveis do homem uma só é verdadeira : o homem é o animal que disputa. Os sinos têm tido amigos e inimigos : e porque ? Pela mesma razão porque sobre tudo ha duas opiniões contradictorias. E' que tudo tem duas faces diversas. O vento sul é meigo para a arvore que veveja no recosto septentrional da montanha, e açoute da que vegeta no pendor opposto : o norte é o supplicio da primeira, e grato para a segunda. N'isto está cifrada a historia das contradicções humanas.

Os sinos, collocados em campanario de parochia aldeian, ou de mosteiro solitario, são uma cousa poetica e sancta : os sinos, pendurados nas torres garridas de garridissimas egrejas das cidades de hoje, são uma coisa estúpida e mesquinha. O sino é um instrumento accorde com as vastas harmonias das serras e dos descampados. Assim como o órgão foi feito para reboar pelas arcarias profundas de uma cathedral gothica, para vibrar na ath-

mesphera mal alumiada pelas frestas estreitas e ogivae, do mesmo modo o sino foi perfilhado pelo christianismo para convocar os seus humildes sectarios occupados nos trabalhos campestres. Quando se associou o sino ao culto? Ignoramo-lo, porque foi a religião serva e perseguida que o sanctificou: e quando os poderosos da terra a acceitaram para si, então entrou elle nas cidades soberbas. Lá, converteu-se n'uma cousa insignificante e impertinente. É mais um ruido intoleravel para ajunctar aos outros ruidos discordes que troam por essas ruas e praças: O sino, tornado cortesão e fidalgo, é semelhante ao orgão trasido para o aposento do baile, ou, o que vale quasi o mesmo, para essas salas ao divino, bonitas, vaidosas, douradinhas, que insensatos edificam para as admirações de parvos.

«A. HERCULANO.»



## COLUMBINA

« Pois eram verdes ! »

GARRETT—*Viagens na minha terra.*

Columbina ! Columbina !  
 Que verdes olhos que tens !  
 São doce esp'rança divina,  
 e d'amor ternos refens ?  
 Ou frios, qual esmeralda,  
 brilho teem que não escalda ?  
 São males que vem por bens ?  
 —Columbina ! Columbina !  
 Que verdes olhos que tens !

A tua cinta gentil,  
 qual maga serpe me enleia !  
 E's bella, como d'Abril  
 manhan que o sol incendeia !

As tuas ancas redondas  
 semelham férvidas ondas  
 d'um mar que freniente ánceia !  
 —A tua cinta gentil,  
 qual maga serpe me enleia !

Que brancas pernas, que bellas,  
 sob a curta saia eu vejo !  
 Perdido fico de vêl-as,  
 tu ficas morta de pejo !  
 E's gazella em teu andar,  
 terna pomba em teu olhar !  
 A sorte do chão invejo !  
 —Que brancas pernas, que bellas,  
 sob a curta saia eu vejo !

A tua bocca rosada  
 Columbina, é um sacrario:  
 dos teus dentes a fiada  
 semelha eburneo rosario !  
 Quem não resará por elle?  
 De certo somente aquelle  
 que não sente o meu fadario !...  
 —A tua bocca rosada  
 Columbina, é um sacrario !

Do teu cabello tam loiro,  
 Columbina, o que direi ?  
 No brilho não cede ao oiro :  
 mais bello nunca o verei !  
 Oh! dá-me... dá-me uma trança,  
 que, como penhor d'esperança,  
 em segredo eu guardarei !  
 —Do teu cabello tam loiro,  
 Columbina, o que direi ?

Que linda mão, e que braço  
 o ceu te deu, Columbina !  
 Dar-te-hia por um abraço  
 dias que Deus me destina ;  
 E após o abraço um beijo

fôra meu vivo desejo :  
 meu coração desatina !  
 —Que linda mão, e que braço  
 o ceu te den, Columbina !

São as tuas sobrancelhas  
 fulgentes azas d'amor !  
 Tu és a raiva das velhas  
 brilhando com tal fulgor !  
 Deixa-as fallar, Columbina :  
 não sejas má, nem ferina,  
 põe um termo á minha dôr !  
 —São as tuas sobrancelhas  
 fulgentes azas d'amor

Os teus pés, ó Columbina,  
 são pequeninos, bemfeitos !  
 Teu caminhar amofina  
 com mil graciosos treçcitos !  
 Ao vêr-te perco os ênsejos ;  
 se foges, sinto desejos,  
 nunca talvez satisfeitos !  
 —Os teus pés, ó Columbina,  
 são pequeninos, bemfeitos !

Como é triste a minha sorte,  
 quando te vejo fugir !  
 Eu n'ella só leio a morte,  
 nunca risonho porvir !  
 Meu anjo, erê, não t'illudas ;  
 peço-te só que me accudas,  
 que me não deixes carpir !  
 —Como é triste a minha sorte,  
 quando te vejo fugir ! . . .

Se te ris, causas-me dôr,  
 sinto meu corpo morrer ;  
 se choras, matas d'amor,  
 Esp'ranças fazes nascer.  
 O pranto diz-nos paixão,  
 o riso, escarneo, traição . . .

Tem pena do meu soffrer!  
 —Se te ris, causas-me dôr,  
 sinto meu corpo morrer

Povoa de Varzim — 20 de Setembro de 1867—

ALVARO NAVARRO.

---

**Thomaz Antonio Gonzaga.**

É este o nome d'um poeta, a quem não faltou para o ser agudissima coroa d'espinhos.

Nascido em a cidade do Porto, no mez d'Agosto de 1744, dedicou-se á vida das letras, frequentou a Universidade de Coimbra, e, já formado em direito, sahiu d'ella aos desenove annos, e occupou o logar do juiz de fóra em varias terras do reino.

Ou requeresse ou não, nomearam-n'o depois ouvidor da comarca de Villa Rica, em Minas Geraes. Disse adeus ao seu Portugal, deixou-o, e demandou o Brazil.

O paiz, que tem ouro e diamantes, magnolias e cafezeiros, tatús e pica-flores, enfeitçou-o com a sua pompa, e preparou-lhe o coração para receber as sementes do amor e da amizade. Enamorou-se de D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão, peregrina formosura, a crermos o poeta, e tomou para amigos a Claudio Manuel da Costa e Ignacio José d'Alvarenga, tambem favorecidos das musas.

Esta sociedade de poetas, cujas lyras afinadas pelo tom da eschola Italiana, celebraram as Mineiras mais formosas, viveu por algum tempo vida de paz e felicidade nos braços da amizade e do amor.

D'improviso porém se lhes trocou a scena da fortuna; descobriu-se a conspiração de Minas Geraes, accusaram-n'os como implicados n'ella, e a Gonzaga como um dos chefes; prenderam-n'o a 22 de Maio de 1789, instauraram-lhe processo, e apesar da sua constante negativa foi condemnado a dez annos de degredo para Moçambique, com pena de morte se voltasse á America.

A sua Marilia deixou-o partir só para a terra do dester-

ro ; chegado a Moçambique assaltou-o violentissima febre, a que succumbiria, se D. Juliana de Souza Mascarenhas, cujo pae hospedara o poeta, não velasse as noites ao pé d'elle, e desveladamente o tractasse. Erguido do leito da doença deu a mão d'esposo á sua carinhosa enfermeira ; genio perdulario e levandades d'esta, saudades da sua Marilia e talvez de Portugal, deserção d'amigos medrosos da desgraça o esmoreceram pouco á pouco e o acabaram de todo em o anno de 1807.

N'um livrinho, como em cofre, deixou as suas riquezas ; o livrinho era dos seus amores, e por seu o adoptára o poeta mais namorado, o mais discreto galanteador ; não o desdenhara Bernardim, não o engeitára Petrarcha.

Nunca cysne do Eurotas perto de morrer, ou rouxinol de Paphos á prima noite levantou gorgeios mais d'oces que os de Gonzaga. Nunca o amor foi tão elegante de feições, tão suave de voz como nas suas lyras !

A Marilia de Dirceu é um livro de sentimento, que a intelligencia respeita ; acatando os preceitos mais subteis da arte, ressumbra naturalidade ; tem voz e movimento as pinturas, que ha n'elle, são bem traçados os seus planos, vivas as suas imagens, verdadeiras as comparações, harmoniosos os versos e correcta a linguagem.

Depois dos Lusíadas não sei de livro portuguez que mais vezes tenha sido editado ; pena é porém que muitas das edições sejam incorrectas, que as inxovalhem, como á edição brazileira de Norberto de Souza, prefacios ridiculos e notas mal cabidas, e que se attribuem a Gonzaga versos, que a olhos vistos não são d'elle.

A maior parte das linguas cultas traduziram a Marilia de Dirceu. A coroa d'espinhos do poeta abotoou-se-lhe de flores sobre a campa, e a desgraça dando-lhe o ultimo bote á beira do tumulo deixou-lhe juncto d'elle a immortalidade.

Triste recompensa ! Gonzaga disse n'uma das suas lyras :

«As glorias, que vem tarde, já vem frias».

Castello de Vide= 9 d'Outubro de 1867,

JOSÉ FREDERICO LARANJO.

## Remedio contra as colicæ.

Para calmar esta terrivel dor, cuja séde é quasi sempre no embigo, possui a medicina domestica um remedio mui innocente e efficaz : é o chá das cascas de pepinos. Feita a infusão em agua quente, dá-se ao doente, de meia em meia hora, e, em casos muito graves, de quarto em quarto d'hora, obra de meio quarteirão de cada vez, até que a dôr desapareça. Applicado este remedio a tempo, sabemos, por informação, ter sido muitas vezes efficaz, livrando sem delongas as pessoas acommettidas já de um padecimento dolorosissimo, já das gravissimas consequencias que algumas vezes o acompanham.

A medicina homœopathica possui tambem, para oppor aos primeiros acommettimentos d'esta molestia, um remedio de cujo bom resultado podêmos dar testmunho : é a *Nux vomica* 5.<sup>a</sup>. Applicada logo na invasão da dor, é muitas vezes o seu desaparecimento obra de um quarto d'hora. Em periodo mais adiantado da molestia, tem-a visto triumphar algumas vezes quasi que com egual rapidez. Faz-se uma solução com tres gotas deitadas em duas onças de agua pura, ou nove globulos da mesma substancia em egual quantidade de agua, e dá-se ao doente do seguinte modo: 1.<sup>o</sup> dá-se uma colher de sopa, e depois, de 5 em 5 minutos uma colher de chá, até que a dor diminua sensivelmente ; depois, de 10 em 10 minutos, e assim por diante, espaçando cada vez mais as doses, até que a dor desapareça inteiramente.

Nas hernias estranguladas, dada do mesmo modo, é tambem poderoso e heroico remedio para que ellas se reduzam de por si ; e quando já todas as esperanças de redução estavam perdidas, e todos os meios tinham falhado, havendo até já mêdo de fazer a operação, ainda, e já por tres vezes em Portugal, a *Nux vomica* foi a salvação dos doentes.

A. F. MOUTINHO.



## SAUDADES.

A — U . . .

Briza, leva á minha amada  
Os perfumes d'essas flores,  
Os canticos, os louvores  
Das avezinhas dos prados,  
E com elles os aromas  
Das saudades de minh'alma,  
Pallidas flores sem calma,  
Entregues aos meus cuidados!

Vão dizer-lhe, quando á tarde  
Reclinada na janella,  
Que este amor é só por ella,  
Que é por ella o meu scismar!  
Que é por ella que sou triste,  
Que são por ella os meus prantos,  
Estas vozes, estes cantos,  
Este louco delirar!

Diz-lhe que est'alma sentida  
Por ella arqueja e palpita,  
Nesta saudade infinita,  
— Triste flôr da solidão! —  
Que é por ella, filha minha,  
Esta queixa, este lamento,  
Este ardente pensamento,  
Que lhe envia o coração!

Diz-lhe que não a esqueço,  
Que a vejo na phantasia,  
Cada noite e cada dia,  
Como estrella do meu ceu!  
Como pomba ingennua e casta,  
— Nuncia d'amor e ternura —  
Angelica, linda, pura,  
Que as azas p'ra mim bateu!



Que sinto minh'alma triste  
 Com saudades do passado,  
 D'esse jardim perfumado,  
 D'esse Eden de gosos mil!  
 Em que, vendo-a a mim unida,  
 Era alegre, era ditoso,  
 N'um mundo rico, formoso  
 Sob um ceu azul d'anil!

Briza, leva á minha amada  
 Os perfumes d'essas flores,  
 Os canticos, os louvores  
 Das avezinhas dos prados,  
 E com elles os aromas  
 D'estas flores de minh'alma,  
 — Pallidos lyrios sem calma —  
 Por meus prantos orvalhados!

Santa Comba Dão—Setembro de 1867.

ALFREDO CAMPOS.

---

## LE MONDE MARCHE !

Essa epigraphic, tam popularisada, hoje em dia, e, não sei se diga, prostituida, deu origem ao pensamento de paradoxas apparencias, que figura n'este desataviado escripto. Qual o seu alcance não o direi eu. Conto uma historia. Ouvi-a, que é verdadeira.

Apresento-vos um homem, typo, em cuja phisionomia se accumulam as escandecentes vaporações, que circumvagam n'estes tempos de falsa civilisação. Não ha de entre nós um só, que o não conheça. E senão attentae n'aquelle vulto cadaveroso ; n'aquella vista morna e indecisa, e ao mesmo tempo soffrega, com que percorre os objectos ; n'aquellas precoces rugas, filhas da insomnia, do excesso, da insaciidade, da crapula e da febre de incessantes desejos. É um filho do seculo. Novo ainda, porque apenas ha

40 annos, que lhe regurgita a existencia nas arterias, cillo-ahi todavia, como que declinando para a decrepitude.

Embalado infante no aurifero berço dos venturosos da terra, cresceu sob a influencia poderosa da aura do progresso.

Animaram-se as industrias á voz intrepida dos economistas; gemiam as machinas de trabalho, impellidas pela acção do vapor; atiraram-se as locomotivas atravez do espaço, em guerra declarada com as distancias; conversavam familiarmente os homens d'um hemispherio com os do outro, como se entre elles não medeiasse a impo-nente magestade dos mares. As manufacturas abasteciam os mercados com productos aperfeicoados e formosos; importavam-se da India e da Turquia thesouros sem conta, de luxo e d'arte; não sazouava nos tropicos fructo de exquisito sabor, que das regiões mais affastadas não podesse facilmente ser colhido; n'um abrir e fechar de olhos, impetuoso como a vontade exigente, apparecia o homem de um ponto n'outro, d'um n'outro pólo, como que disputando ao creador o attributo da immensidade: N'essa torrente viva e opulenta matavam-se todas as sêdes.

Foi n'este meio, que elle cresceu. Habitudo a não concebêr um desejo; por mais extravagante, que para logo o não realizasse; votou-se; como é natural, aos caprichos da effeminação; e com todas as nobres qualidades de virilidade, temperança e sobriedade desapareceu no sybarita, no *nabab* impudico. Assim creou mil fataes necessidades, facticias todas, mas que bem podiam competir com as necessidades essenciaes: tanto se lhe arraigaram na fragil natureza!

Um dia, depois d'um sordido esbanjamento de seus bens; amanheceu pobre. E cada uma das necessidades adquiridas no convivio brilhante do progresso, como não tivesse meios de aplacal-a, era um cancro, que lhe corroia as entranhas.

Fatidico como uma ave agoureira, embrenha-se ao acaso pelas tortuosas ruas da cidade, com o quebrantamento no corpo e a blasphemica no pensamento. Fugira de casa desorientado para não vêr as lagrimas da esposa, nem ouvir os queixumes lamentosos dos filhos, que pranteam a falta dos brocados; os attavios, as ostentações, em que foram embalados:

Dinheiro ! Um pedaço insensível e frio de vil metal ! Como obter dinheiro ?

Mediu o alcance de suas faculdades. Sentiu na cabeça o vazio de ideas e de crenças. Concluiu, por tanto, com logica não vulgar, que tinha direito a um taller bem farto á meza do orçamento.

Bateu á porta dos poderosos. Eram seus amigos. Por força lh'as abriam. As portas ficaram trancadas. O desgraçado tinha cahido na penuria, e nem d'isso se lembrava. Até lhe recusavam o que n'esta terra nem se recusa a nenhum foragido: até lhe recusaram palacios, carros, criados, á custa do estado, em recompensa de ficticios serviços revelantes; nem um emprego lhe deram. Cumulo de miseria!

Cahiu a final sem folego, nem força sobré um banco de pedra junto d'um illuminado edificio. Illuminado, porque então era noite. Alli se aprestava o baile. E elle com ser dos convidados, por um resto de benigna consideração, não podia figurar na festa.

Não podia ! ? Oh ! quem hade resistir a um baile ? Morra-se ámanhan de fome, mas collia-se hoje ao menos ainda um gôso, o ultimo d'esses gôsos, em que nos desabrochou a esperançosa mocidade.

Fez-se perfumar enquanto não vinha o *tilbury* estofado de seda. Como andar n'um carro, a não ser incrustado em coxins elasticos, cobertos de damasco ou seda ? Uma libra, duas libras mais que sejam, de aluguer: . . . Que importa ?

Errava outra noite em frente da fachada esplendida de um theatro. Aos ouvidos chegava-lhe de quando em quando o estrepito longinquo dos applausos, e a harmonia d'uma suavissima orchestra. Vencido de attracção irresistivel, aproximou-se do peristylo, levou a mão ás algiheiras, vacillou, quiz retroceder, mas acabou por entrar, pronunciando baixinho, e n'um estremeção de dôr, o nome de suas filhas. É que talvez lhes faltasse pão para o jantar do seguinte dia. Acabado o espectáculo viram-no sair alegre, como embriagado, no meio de uma cohorte de elegantes, e perder-se com elles na multidão, que invadia os templos de Baccho.

Sigamol-o, sem mais rodeios, á sua modesta camara. Ahí está elle entre essas quatro paredes, que recor-

dam ainda na fria nudez uma prosperidade de Crespo; ali está abysmado em negra prostração. Um turbilhão de onímnosas idéas fere-o despidado no exausto cerebro. Não descobre em tão escuro horisonte um raio de luz, que o illumine; um raio de sol que o aqueça. Como unico docto, resta-lhe a indigencia no seu mais sordido aspecto. Como fugir á sorte? Cac-lhe a vista incerta sobre umas pistollas, que, postas sobre a meza parecem desafial-o. Petrifica os olhos n'ellas, e toma-as vertiginoso n'uma anciedade suprema. E apoz tão breve, como terrivel indecisão, fecha-as n'um armario, tira a chave e arremessa-a pela janella á rua. Tinha medo á tentação.

A ultima libra, a ultima esperanza, fôra-se na ultima garrafa de champagne. Mas faltava a este a viril resolução de Rolla, esse sublime ludibrio do luxo, do vicio, da civilisação. A ultima esperanza! Não, não era a ultima esperanza aquella libra. Se elle tinha despojado sua casa das heraldicas alfaias, da baixella rica, ainda lhe restavam mais ricas joias, joias de um quilate mais subido. Restava a virgindade de suas filhas. Vendeu-as.

O preço do infame trafico gastou-se em orgias ainda mais infames.

—«Á saude, diz uma voz, fazendo-se ouvir n'um festim de perdidas e libertinos, á saude d'aquelle d'entre nós, que primeiro alcançar a honra de acender o seu charuto nos brazidos de Satanaz!

Um copo a trespordar ergneu-se acima de todas as cabeças. Seguiu-se o alarido, o tinir dos copos, e o lerdorir das mulheres sem pudor. Um tiro sóa. Cac o infeliz sobre a meza, com o craneo esmigalhado por uma bala, horrifando de sangue o rosto das pobres filhas, que elle fizera desgrenhadas bacchantes.

Enquanto estas scenas de horror se passam no seio das civilisações, o selvagem, no recondito de suas matas virgens, vive tranquillo, e virgem tambem no seu idear ao lado da companheira e da prole, que desconhecem esta funestissima lepra das necessidades facticias, do luxo, e da ambição.

Coimbra, 30 de outubro de 1867.

A. DO CARVALHAL.

## DÁS-ME UM BEIJO ?

Emilia ! tu dás-me um beijo,  
 Que não o digo a ninguém ?...  
 Queres matar-me o desejo,  
 Que do peito aos lábios vem ?  
 Emilia ! tu dás-me um beijo ?...  
 E' um só... isso que tem !...

Calci-me ; e sorriu-se a bella,  
 Como se ella  
 Me pulsára o coração,  
 E diz, brincando na arêa,  
 Como quem lettras semca :  
 «Isso não».

Se uma coroa tivera,  
 Toda feita d'um rubim ;  
 Se a teus pés a depozera  
 Alem... n'aquelle jardim ;  
 Se uma coroa tivera,  
 Dizias então que — sim ?...

«Como é louco !... e mais julgava,  
 «Que lhe dava  
 «Um beijo por um rubim !  
 «Guarda a c'roa e mais o ouro,  
 «Que é pequeno esse thesouro  
 «Para mim !

Se te dera a minha crença,  
 Filha da nossa paixão,  
 Nem assim deras licença  
 De te unir ao coração ?!...  
 Se te dera a minha crença,  
 Dizias tambem que — não ?...

«Tuas crenças !... esqueceste,  
 «Que m'as deste,  
 «Ha que tempos... nem eu sei !...

«Queres vender-mas? que gracejo?...  
 «É pedes em troca um beijo?...  
 «Não darei.

Se te dera a minha lyra;  
 Afinada só p'ra ti,  
 Que pobre, geme e suspira  
 Por tempos que já vivi?...  
 Se te dera a minha lyra,  
 Dizias então que—si?...

«Não podes dar-ma, que é minha,  
 «Sou rainha  
 «Dos teus sonhos d'illusão,  
 «E pedes por ella um beijo,  
 «Como se fôra um gracejo?...  
 «Não dou... não.

Dou-te a vida, a liberdade,  
 Dou-te tudo... o coração!  
 Dá-me um beijo... ninguém hade  
 Saber da nossa feição!  
 Dou-te a vida, a liberdade:  
 Inda tu dirás que — não?

«Perderás a liberdade  
 «N'essa cidade  
 «Em que se vive do ceo?...  
 «Vende-a por cousa pouca!  
 «Por um beijo!... Oh! tam louca  
 «Não sou eu!

Emilia! dou-te mil beijos...  
 Dou-te mais... dou-te um milhão!  
 Nada tenho mais que dar-te:  
 Já é teu meu coração.  
 Emilia! dou-te mil beijos  
 Por um só!... dirás que—não?

Calou-se Emilia: e contente  
 De repente

Sorriu-se... quem tal dirá?  
 Inda mais... disse baixinho:  
 «Tantos beijos... por um só!...  
 «Toma-o lá!

FERNANDO CASTIÇO.  
 (No Brasil).

---

### Enigma.

Às direitas, é no campo  
 que o meu todo se pratica;  
 As avessas, que é do campo  
 o meu todo significa.

D. JUSTINA AUGUSTA RAMOS E MELLO.

---

### Susurro dos postes telegraphicos.

E' raro ao passar por ao pé d'um poste telegraphico não se ouvir um susurro ou zunido mais ou menos intenso, semelhante ao zumbir d'uma abelha ou ao ruído d'um tambor distante. O vulgo julga que estes sons são produzidos pela passagem da electricidade.

Este fluido que, conforme as observações de M. War-  
 tmann, póde effectivamente produzir sons, é inteiramen-  
 te estranho ao phenomeno de que tratamos, e a que M.  
 Th. du Moncel deu a mais satisfactoria explicação. A mel-  
 hor prova de que não são produzidos pela electricidade,  
 é o fazerem-se ouvir em occasião, em que a corrente ele-  
 ctica não existe na linha. Os factos, diz M. du Moncel,  
 provam que o phenomeno depende de pequenissimas vi-  
 brações, produzidas pelas correntes d'ar sobre os fios te-  
 legraphicos, mas que em consequencia do comprimento e  
 da pouca tensão d'estes, não são bastante distinctos e bas-  
 tante rapidos para serem sonoros.

A intensidade maior ou menor do susurro depende de muitas causas: 1.<sup>a</sup> a direcção do vento: quando é perpendicular á linha o zunido attinge o seu maximo; 2.<sup>a</sup> a força d'esta mesma corrente, a altura dos postes, a altitude em que estam collocados, a distancia que os separa, e por consequente o comprimento dos fios: o susurro augmenta na rasão directa d'estes elementos: 3.<sup>a</sup> o numero dos fios; a intensidade da bulha é na rasão inversa; 4.<sup>a</sup> a exposição e a natureza do solo: o susurro attinge o seu maximo n'um terreno pedregoso e onde o ar circula livremente. E' ainda para notar que as vibrações dos fios se completam nos pontos de suspensão, e fazem a seu turno vibrar o poste. Este ultimo phenomeno verifica-se facilmente, porque é sensivel ao tacto. Aproximando o ouvido percebem-se tambem vibrações reforçadas, succedendo-se a intervallos menores que as pulsações, e que ás vezes deixam notar sons metallicos. Em certos paizes montanhosos, o susurro dos postes telegraphicos ouve-se muitas vezes a mais de quinze passos de distancia.



## COSTUMES DO PICANÇO.

Encontra-se na California a ave chamada *Picanço* (*picus*), á qual se attribue o costume de recolher durante o outono glandas de carvalho, com as quaes conta alimentar-se no inverno e primavera; e para melhor as conservar, occulta-as debaixo da casca de arvores onde faz buracos, introducindo uma em cada cavidade. Duidou-se por muito tempo do instincto d'esta ave, que se assemelha, por este procedimento, á formiga; mas, ha alguns annos, foi o facto confirmado por M. Murrey membro da Sociedade physica d'Edimburgo: «Vi os picanços perforarem as arvores para esconderem n'ellas as glandas; tapar cuidadosamente a abertura, e virem na primavera procurar as suas provisões. Em certa occasião presenciei uma scena bastante divertida. Alguns volateis andavam tratando de pôr a cuberto o alimento; a arvore era ôca, e um esquilo, que se tinha refugiado alli observava todos os movimentos.



De quando em quando sahia do esconderijo, e ápenas as aves partiam, levantava rapidamente a casca e roubava a glanda. Os picaños descobriram-n'o, e cahiram todos a um tempo sobre o pequeno quadrupede, que teve de esconder-se a toda a pressa dentro do seu buraco. Este manejo durou por muitas horas, até que um dos espectadores matou o esquilo com um tiro, permittindo ás aves fazerem a sua provisão d'inverno.»

---

*Soneto na aclamação de D. João IV, em 1540 o qual  
se pôde lêr ao mesmo tempo em tres linguas :  
latina, portugueza, e castelhana.*

---

## SONETO.

Suspende, Iberia indigna, injurias tantas,  
Quantas procuras, fera, scandalosas  
Contra innocentes gentes tam famosas,  
Contra Quinas tam celebres, tam sanctas.

Lamenta exequias, tu quæ glorias cantas.  
Confusa æstima historias gloriosas :  
Tu quæ palmas acclamas victoriosas,  
Clamando adora Lusitanas plantas.

Vive, Phenix clara Brigantina,  
Quæ pacificamente resuscitas  
Tantas casas defunctas, tantas famas :

Quando de sepultura peregrina  
Patrias reliquias amorosa excitas,  
Amando animas, animando inflammas.

---

## HOMERO.

La nature, aux rayons de son vaste genie,  
 S'étonna tout à coup de se voir agrandie,  
 Les trois Graces en chœur, de lis le front orné  
 Se disaient en dansant : Chantons, Homère est né.  
 DUGIS.

A verdadeira poesia é a interpretação do texto eterno das meditações do espirito, á cerca de Deus, do homem e da natureza : é a glossa popular dos principios, de que a philosophia é a abstracta e sabia expressão.

Abra-se ao acaso as paginas douradas da Iliada e da Ulyssea, e n'ellas encontra-se-hão semeadas as verdades, que bebe no thesouro do seu genio o cantor do valor heroico d'Achilles, e das aventuras d'Ulysses.

Homero é esse vulto gigante, cujas cinzas a humanidade venera ha tres mil annos, legando ás gerações futuras o sarcophago, que archiva a fronte sagrada do principe dos epicos.

O rico e vivo quadro da sociedade hellenica em sua nascente civilisação; a pintura da natureza inteira, traçada com as mais brilhantes e bellas côres, que lêmos n'esses sublimes poemas, trazem o ferrote do homem, que collocado pela natureza no seio do Universo: material e moral, reproduz em si pela imaginação e pensamento, e fura de si pela arte e pela palavra o sublime!! É que o homem é o espelho pensante da natureza; que conscio de si e possuindo-se pela reflexão se projecta e manifesta aos olhos d'esse Universo, de que elle como poeta é rei: para a sua vontade não ha obstaculos: a linguagem poetica, que sem esforço se presta aos vôos do pensamento, adhe-re de boa vontade a todos os caprichos da sua imaginação: as palavras ondearn debaixo do rithymo, e a phrase tem a limpidez da lympha, como da onda a fluidez.

Na Iliada e na Ulyssea a obra é egual á concepção, o real ao ideal; e conhece-se que o poeta na sua esphera finita e limitada, se compraz com a obra saída de suas mãos, á semelhança do Ente supremo depois da maravilhosa obra da Creação.

O poeta é creador, e a palavra *poiesis*, poesia, quer

dizer criação : e o Ente Supremo dotára dos elementos indispensaveis a essa criação o grande poeta ! o cego de *Chios* ; porque se o admiramos pela vastidão da sua memoria, riqueza d'imaginação, viveza de sensibilidade, segurança de juizo, força d'expressão, e sentimento musical e harmonioso ; não nos maravilha menos pela solidéz da sua philosophia, pois que a sabedoria é a alma e a base dos seus cantos.

Conhecedor profundo de que as leis são para as sociedades humanas e para as nações, o que o cimento é para os edificios, falla-nos d'ellas como norma das acções reciprocas dos homens.

Descreve-nos a terra e seus productos, as montanhas, o mar, e os costumes dos differentes povos.

A astronomia, a navegação, a agricultura, as artes e os misteres mais vulgares do seu tempo são lhe conhecidos : em seus cantos elle precorre o Ceo, a Terra, o Oceano. Cada um dos seus poemas é um *micrós kosmos* (pequeno mundo), um conjuncto harmonioso, onde se vê fundida n'uma mysteriosa unidade—pensamentos, sentimentos, imagens, expressões, e até o accento das syllabas, e o som das palavras—; e estas por vezes (á parte a sua significação) são como essas bellas arias, que não carecem do encanto das palavras para nos attrahir.

A apothéose do poeta pelo escultor Archelao de Priene, filho d'Apollonio, é um monumento valioso da vasta ideia, que os gregos faziam do genio d'Homero. Millino, reproduzindo o baixo relevo, apresenta Homero coroado pelo *Tempo* e pelo *Universo*, acceitando os votos e sacrificios de *Mytho* (personificação da palavra), honrando-o com a sua presença mais nove figuras symbolicas : em sua honra apoz as libações *Mytho* faz degolar a victima, que está junto ao altar proximo do throno, em que Homero cercado de gloria, tem ao seu lado as suas filhas immortaes, a *Illiada* e a *Udyssea* ! !.

Homero nasceu poeta, viveu pobre, e morreu cego.

Eis o que algumas tradições populares, e algumas hypotheses, fundadas pelos grammaticos e biographos sobre algumas passagens de suas obras, attestam.

É uma historia simples como a natureza, e triste

como a vida, como diz Lamartine. «Elle consiste à souffrir et à chanter. C'est général la destinée des poètes.

JOSÉ ALVES DE MOURA.

---

## PERDIDA!

*Los ojos escaldados de tu llanto,  
tu rostro cadaverico y hundido,  
unico desahajo en tu quebranto  
el historico ay! de tu gemido:  
quien, quien pudiera en infortunio tanto  
envolver tu desdicha en el olvido,  
disipar tu dolor e recojer-te  
en su sueño de paz?*

(Espronceda—El diablo mundo—).

### I

Alva açucena recendendo aromas,  
porque murchaste mal aberta ainda?  
Porque pendeste para a terra o calix,  
palida rosa?

Anjo nascido para o bem supremo,  
anjo cahido em tenebroso abysmo,  
que mão do inferno te quebrou as lindas  
candidas asas?

Alma innocente, porque deste ouvidos  
á voz mentada de paixão insana?  
Pois tu não vias no porvir sinistro  
maguas intensas?

Pobre mulher! o coração perdeu-te!  
Hoje, perdida, abandonada ao crime,

nas faces cospem-te o baldão do escarneo !  
Pobre Maria !

Teu rosto bello ja perdeu encantos ;  
o vicio torpe desbotou-lhe as rosas ;  
cobre-te as faces um palor terreno  
cor do peccado :

Os negros olhos com que tu fallavas,  
hoje, incovados, retrahidos n'orbita,  
sem luz, nem brilho, que perderam tudo !  
fecham-se timidos :

A vos sympathica, argentina, meiga,  
chea d'encantos, de doçura e mimo,  
faz magua ouvil-a como agora soa  
aspera e rouca !

Um rosto bello, respirando agrados,  
a formosura d'um gentil semblante,  
e mais que tudo ! a formosura d'alma  
tudo perdeste!

Anjo nascido para o bem supremo,  
anjo cahido em tenebroso abysmo,  
que mão do inferno te quebrou as lindas  
candidas asas?

## II

Curvada pela desgraça  
não tens força para o bem ;  
dilacera-te o remorso,  
doe-te a saudade tambem;  
tens remorsos do peccado,  
saudades do teu passado,  
saudades pungir-te vem !

Os olhos d'alma fechaste  
porque tens medo de ver !  
apavoram-te phantasmas,

faz-te o futuro tremer.  
das lembranças da outra vida  
refojes espavorida,  
e tão perto és de morrer!

Desventurada ! presumes  
sem perdão os crimes teus ;  
perdeste o fanal da esperança  
temes a ira de Deus !  
mulher, os olhos descerra,  
levanta os olhos da terra,  
levanta, fita-os nos ceos.

De lá desce a luz da graça  
que illumina o coração;  
aos que choram por seus erros  
vem de lá consolação;  
não temas só porque erraste,  
nos erros te desvairaste,  
mas teus erros tem perdão.

Olha aquella peccadora  
que aos pés de Christo chorou ;  
que amor aquelle tão vivo,  
tão intenso, que a salvou ! . .  
Maria, sê Magdalena,  
que se o Mundo te condemna  
ainda Deus não condemnou.

DELFIM D'ALMEIDA.

---

## HENRIQUE IV

E

o numero 14.

A vida d'este rei de França, notavel no seu seculo,  
offerece muitas coincidencias singulares com o numero 14.

Nascido a 14 de Dezembro de 1553, tinha 14 lettras no seu nome: *Henri de Bourbon*.

A 14 de Março de 1590, ganhou a batalha de Sori: e foi repellido dos suburbios de Paris a 14 de Maio do mesmo anno.

A 14 de Novembro de 1591, formaram contra elle uma coallisão o papa, o rei da Hispanha, e o duque de Guise.

A 14 de Novembro de 1592, confirmou o parlamento de Paris a sentença do papa, que o excluia do throno de França.

A 14 de Dezembro do mesmo anno, perdeu este monarcha a praça de Dun.

A 14 de Julio de 1593, offerece o rei da Hispanha sua filha em casamento ao duque de Guise, para o fazer acclamar rei da França, em prejuizo de Henrique IV.

A 14 de Dezembro de 1599, foi propor-lhe condições de paz, a Fontainebleau, o duque de Saboia, um dos seus maiores inimigos.

Em 14 d'Agosto, foi baptisado seu filho Luiz XIII.

A 14 de Septembro de 1602, fazem alliança com elle os deputados da Suissa.

A 14 de Maio de 1610, morre Henrique IV, assassinado ás mãos de Ravaillac.

Aos 14 dias, depois da morte d'este rei, é o mesmo Ravaillac executado.

O filho d'este soberano fallêce em 14 de Maio, no mesmo dia e mez em que seu pae morrêra.

Em fim, aos 14 d'Outubro de 1793, foi o seu cadaver exhumado em S. Diniz na capital da França.

«Vejam agora os sabios na escriptura,  
«Que segredos são estes da natura.

—CAMÕES—

Caldas de Vizella.

ILLIDIO F. P. DE FREITAS.

---

O trabalho é a lei humana : avoluptuosidade não é senão o egoismo dos sentidos.

LAMARTINE.

## ALCAMÕES.

Não morreste Camões !.. Vives na historia ;  
 Vives nos versos teus, de immortal fama !  
 Vives nos corações, e na memoria  
 de quem a patria tua não desama ;  
 e vives, para tua maior gloria,  
 na mente que de ethereo ardor s'inflama  
 d'alto sentir no glorioso empenho,  
 seguindo em vôos teu celeste engenho !

Não morreste Camões !.. tu'aurca lyra  
 doáste aos lusos teus, irmãos queridos !..  
 honrando os vates, que o universo admira,  
 vivem teus sons divinos repetidos.  
 É tua esta saudade que suspira,  
 que exhalaste nos ultimos gemidos :  
 a que por esta patria então sentiste,  
 na patria, com teu nome, eterno existe !

No grandioso quadro do universo,  
 as edades vindoiras meditando,  
 um sublime padrão, escripto em verso,  
 hão-de ver, qual pharol que as vac salvando  
 d'um abysmo fatal, onde submerso  
 jaz o mundo sem luz—abrolhos dando ;  
 e os nomes hão-de ler, que a historia aclama,  
 —Portugal e Camões, o Oriente e o Gama—

D. ANTONIA PUSICH.

---

Os peores ladrões são os tolos, porque vos roubam o  
 vosso tempo e juntamente a vossa paciencia.

STERNE.



## **BRASIL.**

Situado na America, no continente meridional, occupa o Brasil uma vasta região oriental do novo mundo.

Tem por limites septentrionaes o oceano atlantico, as Guyanas, (franceza, hollandeza, e ingleza), e a Venezuela, pelo rio Oyapock e serra Paracaina; por limites orientaes, e pelo lado de sueste, o mar atlantico somen-te; por limites meridionaes, as republicas do Uruguay e La Plata; e por limites occidentaes, a mesma republica Argentina, com os estados do Paraguay, Bolivia, Perú, e Equador.

Avalia-se-lhe a superficie em mais de dois quintos da extensão da America-meridional; tendo um littoral de costas e enseadas não inferior a 6:666 kilometros.

Atravessam o imperio, desde o sul ao norte, 3 grandes cordilheiras de serras com immensos ramaes, e com o poncto culminante de 1980 metros na provincia de Minas, a mais montuosa do Brasil.

Da *cordilheira central*, conhecida igualmente com o nome de Serra do Espinhaço, e considerada como a principal, nascem os grandes ramaes de Serra-negra, Canastras, Marcella, Crystaes, Itacolomi, Piedade, e Sérro-frio.

Da *cordilheira oriental*, conhecida ainda com o nome de Serra do Mar, nascem os grandes ramaes de serra de Sancta Catharina, Cubatão, Arassoiaba, Orgãos, Esmeralda, Sonora, e Aymorés.

Da *cordilheira occidental*, conhecida tambem com o nome de Serra das Vertentes, nascem os grandes ramaes de Serra-alegre, Ibiapaba, Borborema, Piáuhy, Tabatinga, Mangabeira, Ararás, Pyreneus, Sancta Mariha, Borórós, Campos, e Uruçumanaça.

Os rios do imperio, muitos e consideraveis, formam 3 bacias hydrographicas principaes, e algumas bacias secundarias.

A' bacia do Amazonas ao norte, a mais ampla e mais bella do globo, pertence o rio Amazonas, o maior do mundo, nascido nas elevadas serras dos Andes no Perú, e conhecido no Brasil com o nome de rio dos Solimões, ao entrar no imperio em Tabatinga. Tem 11

leguas na maior largura, acima da ilha de Marajó, com 1:200 leguas de curso.

Como grandes afluentes, pertencem egualmente a esta bacia o Yapura, o Negro, e o Trombetas, todos na margem esquerda; e o Jatahy, Juruá, Teffi, Coary, Purús, Madeira, Tapajoz, e Xingú, com o Javary, que separa o Perú do Brasil, todos do lado do sul.

O rio Tocantins, nascido em Goyaz, e formado do Araguaya e Maranhão, embora não afluente, pertence ainda á bacia do Amazonas.

A' bacia do rio da Prata ao sul, pertence o rio Paraguay, nascido nas septe lagoas na serra Parecis em Mato-grosso; o rio Paraná, formado do Rio-grande e do Parahyba; e o rio Uruguay, que se mette no mesmo Paraná.

A' bacia central do rio de S. Francisco, um dos maiores do Brasil, e destinado a ligar pelo commercio as provincias centraes do imperio, pertence o rio das Velhas, o Verde, o Carinhenha, o Grande, e o Pajclú.

A's bacias hydrographicas secundarias, pertence o Oyapock, o Gurupy, o Mearim, o Itapicurú, o Parnahyba, o Jaguaribe, o Itupueurú, o Paragassú, o Jussiape, conhecido tambem com o nome de Rio das Contas, o Pardo, o Jequitinhonha, conhecido ainda com o nome de Belmonte, o Dóce, e o Parahyba do sul, com o Rio-grande do sul, que não é senão um verdadeiro canal, que dá communicação á lagoa dos Patos com o mar.

As ilhas do imperio estão em geral a pouca distancia da costa: só as duas de Fernando de Noronha estão a 60 leguas a leste do cabo de S. Roque, e a da Trindade, ainda deserta, a 180 leguas do cabo de S. Thomé.

Divide-se o Brasil em 20 provincias, afóra o municipio da côrte, com uma população superior a 10 milhões d'habitantes, de que damos o *quadro estatistico* de 1864.

Nas obras usuaes de geographia, dá-se em regra a população do *Almanach Geral do Brasil* de 1836, população em extremo diminuta.

PROVINCIAS :	CAPITAES :	POPULAÇÃO:	
		LIVRE :	ESCRAVA:
Amazonas	Manaus	63:000	1:000
Pará	Belem	290:000	30:000
Maranhão	S. Luiz	330:000	70:000
Piauhy	Therezina	230:000	20:000
Ceará	Fortaleza	504:000	36:000
Rio-gran. do norte	Natal	202:000	23:000
Parahyba	Parahyba	250:000	30:000
Pernambuco	Recife	1 040:000	260:000
Alagoas	Maccio	250:000	50:000
Sergipe	Aracaju	220:000	55:000
Bahia	Bahia	1 100:000	300:000
Espirito-Sancto	Victoria	50:000	15:000
Rio de Janciro	Nietheroy	700:000	300:000
Município da Côte	Rio de Janeiro	300:000	100:000
S. Paulo	S. Paulo	700:000	80:000
Paraná	Coritiba	80:000	20:000
Sancta Catharina	Destêrro	135:000	15:000
Rio-grande do sul	Porto-Alegre	380:000	40:000
Minas-Geraes	Ouro-Preto	1 200:000	250:000
Goyaz	Goyaz	205:000	15:000
Mato-Grosso.	Cnyabá	95:000	5:000
TOTAL :		Parcial.....	8330:000   1715:000
		Geral.....	10:045:000

Entre os principaes indígenas do Brasil, numeram-se os *aymorés*, conhecidos usualmente com o nome de *boto-cudos*, nas provincias de Minas-Geraes e Espirito-Sancto; os *tupinambas*, na Minas-Geraes, Pará, e Bahia; os *puris*, na Espirito-Sancto, e S. Paulo; os *bugres*, na S. Paulo, e S. Pedro; os *borórós*, *guiacurús*, *parecis*, e *payaguás*, na Mato-Grosso; os *chavantes*, na Goyaz; os *potigares*, na Parahyba; os *charruas*, *guaranis*, *minuanos*, e *tupis*, na Rio-grande do sul; os *manohás*, na parte da provincia do Pará ao norte do rio Amazonas; e os *goitaca-zes*, na provincia do Rio de Janeiro.

Os *tamoios*, indígenas extinctos de todo, tornaram-

se temiveis aos primeiros colonos. Dominavam os territorios maritimos, desde o Cabo-Frio até a provincia de S. Paulo.

A administração civil, em cada provincia do imperio, está confiada a um presidente, da nomeação do imperador : e compete-lhe convocar e presidir as assembleas provincias, com o direito de sancionar ou addiar as leis, que as mesmas assembleas confeccionarem.

Nas provincias da Bahia, Minas, Pernambuco, Rio de Janeiro, e S. Paulo, compoem-se de 36 membros as assembleas provincias : nas provincias de Alagoas, Ceará, Maranhão, Pará, Parahyba, e S. Pedro do Rio-grande do sul, de 28 membros ; e nas outras provincias do imperio, de 20 membros somente.

A administração dos municipios está confiada ás autoridades municipaes respectivas, debaixo da inspecção da assemblea provincial, no que é relativo aos interesses locais ; e debaixo da inspecção da mesma assemblea, e do presidente da provincia, no que diz respeito aos interesses geraes do imperio.

O municipio da côrte, composto da capital com o seu municipio, (*encravado no territorio da provincia*), e das ilhas que cercam o porto, ficou separado da provincia pelo Acto Adicional do imperio ; e está sujeito á administração immediata do govêrno geral do estado, assim como a cidade de Washington nos Estados-Unidos.

Estende-se desde o mar e a bahia, até a serra dos Orgãos.

A administração ecclesiastica está confiada ao arcebispo da Bahia, metropolitano do imperio, e aos bispos do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio-grande do-sul, Minas-Geraes, Goyaz, Mato Grosso, e Diamantina.

O bispo de Minas-Geraes é conhecido usualmente com o nome de bispo de Marianna ; e o bispo de Mato-Grosso, com o nome de bispo de Cuyabá. O bispado de Diamantina está erecto em Minas-Geraes, como o bispado de Marianna.

O bispo do Rio de Janeiro é capellão-mór do imperador : e a sé está unida á capella imperial.

O corpo capitular compoem-se de 6 monsenhores e 16 conegos.

O clima do Brasil é em geral temperado, especialmente nas regiões marítimas, onde não ha senão duas estações: a das séccas e a das chuvas. No sertão, onde as chuvas são demasiado raras, e o clima apenas temperado pelos orvalhos, é o calor muito intenso em regra.

Sendo saudavel até 1830, d'então para cá tem sido minorado na salubridade com a febre amarella, especialmente nas povoações do littoral.

Os terrenos são extremamente férteis e productivos.

Abundam em minas metallicas, contando-se entre ellas ricas minas de ouro e prata. Nos leitos dos rios, apparecem com frequencia pedras preciosas, e ás vezes diamantes de muito valor.

Entre as pedras de construcção, são frequentes os granitos, os marmores, e os porphyros, assim como os schistos, conhecidos usualmente com o nome de lousas e ardosias.

As matas são povoadas d'árvores variadissimas, algumas colossaes; e muitas d'ellas, de grande prestimo nas artes e officios. São d'este numero o andiroba, o angico, o anil, o balsamo, o cedro, o mirindiba, o succupira, o vinhatico, o pau-d'arco, o pau-ferro, o pau-d'oleo, o jacarandá, conhecido igualmente com o nome de pau-preto, e o ibirapitanga, conhecido usualmente com o nome de pau-brasil.

Entre os generos alimenticios, e de commercio, figuram o ahacate, o ananaz, o cacau, o caiú, o mate, o côco, a jaboticaba, o jatibo, o chá, o caffè, a canna d'assucar, a mandioca, o maracujá, o mamão, a mangaba, o muricim, a goiaba, a pitanga, a melancia, o melão, a tangerina, a banana, e as pinhas, com especialidade as do Ceará, como as melhores em tamanho e doçura.

Animaes indigenas, ha-os de muitas especies no Brasil.

Entre os quadrupedes, além de bois, cavallos, jumentos, porcos, ovelhas, cabras, veados, cães, gatos, coelhos, furões, e lontras, ha macacos, onças, pécas, guaxinins, mocós, priguiças, tátus, e tamanduás.

Entre os reptis, são memoraveis o surucucú, a jara-raca, e a cascavel, pela energia e rapidez da acção lethal das peçonhas; e a gihoiá e a sucuruju, pelo comprimento e força que teem. São as cobras mais temiveis.

De jacarés, conhecidos igualmente com o nome de crocodilos, ha 4 especies peculiares.

D'aves, ha especies bellissimas em plumagem, e desce um tamanho memoravel até uma pequenez maravilhosa.

Alem de gallinhas, patos, gaucos, pombos, e peris, ha jacús, picoapos, seriemas, macucas, nambús, e sarosinas, da familia das gallinaceas. Da familia das trepadoras, ha papagaios, araras, picapaus, e tucanos. Da familia das passeraceas, ha bicudos, canarios, pinta-silgos, cardcacs, azulões, chechcos, arapongas, e encontros. Da familia das aquaticas, ha garças, jaburús, maranhões, japiassocas, manecas, sericorias, e taquiris.

As emas assimilham-se aos avestruzes da Africa, no gigantesco do tamanho ; e não voam igualmente. Os colibris, conhecidos usualmente com o nome de beija-flores, são d'uma pequenez extrema.

Os sabiás, decantados a cada passo nas lyras, são os rouxinocs saudosos dos bardos do Brasil.

A cidade do Rio de Janeiro, capital do imperio desde 1763, está situada no antigo local de *Guanabara*, habitado outr'ora dos tupinambás.

E' uma povoação extensa, dividida em cidade-velha e cidade-nova, separadas pela grande praça do Campo de Sanct'Anna, tendo uma ampla bahia, formando um dos portos mais bellos da America. A cidade-nova, ao oeste da cidade-velha, data de 1808. A praça de Sanct'Anna, dá-se na actualidade o nome de Campo da Acclamação.

O aqueducto da Carioca, imitação do aqueducto das Aguas-livres de Lisboa, com perto de 3 kilometros d'extensão, é uma das maravilhas d'arte da capital do imperio.

Até 1763, tinha sido a cidade da Bahia a capital do Brasil.

O governo brasileiro é monarchico-representativo, e hereditario. A nação representa-se em côrtes por uma assemblea especial de 58 senadores, e uma assemblea geral de 122 deputados.

A religião do imperio é a catholica, apostolica, romana ; dando-se tolerancia a todos os cultos, salva a offensa da religião do estado.

**OLHOS VERDES.**

Elles verdes são ;  
 E tem por usança  
 Na côr esperança,  
 E nas obras não.

CAMÕES.

São uns olhos verdes, verdes,  
 Uns olhos de verde mar,  
 Quando o tempo vae bouança;  
 Uns olhos côr de esperança,  
 Uns olhos por que morri :  
     Que ! ai de mi !  
 Nem já sei qual fiquei sendo,  
     Depois que os vi !

Como duas esmeraldas,  
 Eguaes na fôrma e na côr,  
 Tem luz mais branda e mais forte :  
 Diz uma—vida, outra—morte,  
 Uma—loucura, outra—amor.  
     Mas ai de mi !  
 Nem já sei qual fiquei sendo,  
     Depois que os vi !

São verdes da côr do prado,  
 Exprimem qualquer paixão :  
 Tam facilmente se inflammam,  
 Tam meigamente derramam  
 Fogo e luz do coração !  
     Mas ai de mi !  
 Nem já sei qual fiquei sendo,  
     Depois que os vi !

São uns olhos verdes, verdes,  
 Que podem tam bem brilhar !  
 Não são d'um verde embaçado,  
 Mas verdes da côr do prado,

Mas verdes da côr do mar.  
 Mas ai de mi!  
 Nem já sei qual fiquei sendo,  
 Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho,  
 Pude ler nos olhos seus!  
 Os olhos mostram a alma;  
 Que as ondas postas em calma  
 Também reflectem os ceos.  
 Mas ai de mi!  
 Nem já sei qual fiquei sendo,  
 Depois que os vi!

Dizei vós, ó meus amigos,  
 Se vos perguntam por mi,  
 Que eu vivo só da lembrança,  
 D'uns olhos côr de esperança,  
 D'uns olhos verdes que vi!  
 Mas ai de mi!  
 Nem já sei qual fiquei sendo,  
 Depois que os vi!

Dizei vós : Triste do bardo!  
 Deixou-se d'amor finar!  
 Viu uns olhos verdes, verdes,  
 Uns olhos da côr do mar:  
 Eram verdes sem esp'rança,  
 Davam amor sem amar!  
 Dizei-o vós, meus amigos!  
 Que! ai de mi!  
 Não pertenço mais á vida,  
 Depois que os vi!

«GONÇALVES DIAS».

(Poeta brasileiro).







*A. Gonçalves Dias*

Em fins de 1861, e de volta da commissão scientifica do Ceará, começou a sentir-se, no Rio de Janeiro, affectado do figado e dos pulmões ; e, quasi desenganado dos facultativos, decidiu-se a ir exalar a vida no patrio Maranhão.

Aportando em Pernambuco, em 19 d'Abril de 1862, preferiu emprehender ainda uma viagem á Europa, aconselhado pela medicina, com esperanças de lenitivo ao menos.

Apesar da solicitude dos melhores facultativos de França, Allemanha, Belgica, e Portugal, peiorou-lhe sempre a saude de dia em dia. Desenganado a final, e perdidas de todo as esperanças, partiu do Havre para o Maranhão, em 16 de Outubro de 1864, embarcado na barca franceza *Ville de Boulogne*.

Chegado quasi á vista de terra, em 3 de Dezembro, depois de 49 dias de viagem, naufragou Gonçalves Dias nas proximidades do pharol d'Itacolumim, nos baixios dos Astins, nas costas da villa de Guimarães no Maranhão, a 13 leguas ao noroeste da capital S. Luiz, no lado septemtrional de bahia de Cumá.

De balde foram percorridas as costas do mar, em busca do cadaver do finado bardo, fallecido já no camarim da embarcação, onde o abandonára o piloto, no momento do naufragio. De balde prometteram os amigos intimos 1:000:000 rs., pelo cadaver do naufragado maranhense !

Tudo foi inutil ! Tudo foi perdido !

Saudoso com esta grande fatalidade, resolveu o Dr. Antonio Henriques Leal levantar-lhe uma estatua condigna, por meio de subscrição, para attestar aos vindouros o alto apreço dos maranhenses pelo bardo de Caxias. Associou-se-lhe n'esta empreza patriotica o distincto litterato ancião Francisco Sotero dos Reis, com o Dr. Antonio Rego, o Dr. Pedro Nunes Leal, e o Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, todos tres companheiros de Gonçalves Dias nas lides academicas da universidade de Coimbra : o 1.º, na faculdade de medicina ; o 2.º, na faculdade de direito ; e o 3.º, na faculdade de mathematica.

Como escriptor distincto, em prosa e verso, é mil vezes credor do monumento o genio do Maranhão.

Em fins de 1861, e de volta da commissão scientifica do Ceará, começou a sentir-se, no Rio de Janeiro, affectado do figado e dos pulmões; e, quasi desenganado dos facultativos, decidiu-se a ir exalar a vida no patrio Maranhão.

Aportando em Pernambuco, em 19 d'Abril de 1862, preferiuprehender ainda uma viagem á Europa, aconselhado pela medicina, com esperanças de lenitivo ao menos.

Apesar da solicitude dos melhores facultativos de França, Allemanha, Belgica, e Portugal, pèiorou-lhe sempre a saude de dia em dia. Desenganado a final, e perdidas de todo as esperanças, partiu do Havre para o Maranhão, em 16 de Outubro de 1864, embarcado na barca franceza *Ville de Boulogne*.

Chegado quasi á vista de terra, em 3 de Dezembro, depois de 49 dias de viagem, naufragou Gonçalves Dias nas proximidades do pharol d'Itacolumim, nos baixios dos Astins, nas costas da villa de Guimarães no Maranhão, a 13 leguas ao noroeste da capital S. Luiz, no lado septemtrional de bahia de Cumá.

De balde foram percorridas as costas do mar, em busca do cadaver do finado bardo, fallecido já no camarim da embarcação, onde o abandonára o piloto, no momento do naufragio. De balde prometteram os amigos intimos 1:000:000 rs., pelo cadaver do naufragado maranhense!

Tudo foi inutil! Tudo foi perdido!

Saudoso com esta grande fatalidade, resolveu o Dr. Antonio Henriques Leal levantar-lhe uma estatua condigna, por meio de subscrição, para attestar aos vindouros o alto apreço dos maranhenses pelo bardo de Caxias. Associou-se-lhe n'esta empreza patriotica o distincto litterato ancião Francisco Sotero dos Reis, com o Dr. Antonio Rego, o Dr. Pedro Nunes Leal, e o Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, todos tres companheiros de Gonçalves Dias nas lides academicas da universidade de Coimbra: o 1.º, na faculdade de medicina; o 2.º, na faculdade de direito; e o 3.º, na faculdade de mathematica.

Como escriptor distincto, em prosa e verso, é mil vezes credor do monumento o genio do Maranhão.

Saudaram-no então com enthusiasmo, no Rio de Janeiro, a *Sentinella da Monarchia* de 14 d'Abril, e o *Jornal do Commercio* de 10 de Maio, ambos de 1847; e no Maranhão, o *Progresso* de 16 d'Agosto de 1847, e o *Publicador Maranhense* de 18 de Janeiro de 1848.

O primeiro vulto litterario do nosso paiz, o profundo escriptor Alexandre Herculano, saudou tambem de Lisboa, com enthusiasmo cordial, a apparição dos *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias; escrevendo um artigo memoravel sobre o *futuro litterario do Brasil*, inserto na *Revista Universal Lisbonense*, no Tom. VII. Pag. 5.

Cresceram então d'anno em anno as produções de Gonçalves Dias: e robusteceu-se a par d'ellas a reputação do novo bardo.

Durante os 4 primeiros annos, em nada lhe melhorára esta gloria os bens da fortuna. Ao filho dilecto da poesia, escaceavam-lhe os meios da vida: não tinha senão os tenuous ordenados de professor de latinidade no lyceu de Nictheroy.

Era-lhe então a sorte quasi tam adversa, como aos poetas Butler e Lovelace, victimas da fome. Mal podia, como Quita, tirar então do fructo dos trabalhos o necessario para viver. De pouco lhe servia nos comêços da vida, como a Dryden nos ultimos annos, o vender o talento aos pedaços, para não morrer á mingua!

Pouco lhe faltára então, para haver d'escrever as inspirações aos cantos das ruas, como accotecêra a Savage, versejando em boccados de papel que apanhava da lama. Talvez não estivera longe, n'um excesso de penuria, d'imitar o desespero de Chatterton, victima do veneno que tomára, depois de muitos dias sem comer!

N'esses 4 annos, podia o amesquinhado viver de Gonçalves Dias, apesar da aureola de gloria lhe cingia a fronte, augmentar mais uma pagina a *Valeriano Bolzani*, na monographia *De Litteratorum Infelicitate*.

Desde 1850, começou a aragem da fortuna a bafejar o filho querido de Caxias.

O govêrno do imperio encarregou-lhe em 1851 o exame do estado da instrucção nas provincias do norte, e a escolha dos documentos importantes dos archivos das camaras municipaes, e dos cartorios dos conventos.

Em 1852, no regresso ao Rio de Janeiro, foi nomeado official da secretaria dos negocios estrangeiros.

Em 1854, foi enviado á Europa, a fim d'examinar os estabelecimentos scientificos da França e Allemanha. E em 1857, deu este bardo á luz, na cidade de Leipzig, o poema americano dos *Tymbiras*, na officina de Brockhaus, em 8.º gr. com 91 pp.

Era um poema planeado em mais de 20 cantos, e de que o auctor em 1848 havia concluido o 5.º e o 6.º, embora só chegasse a publicar os 4 primeiros. Aconteceu, porém, a este poema de Gonçalves Dias, o que aconteceu ao *Magriço* de Garrett, planeado igualmente em mais de 20 cantos. Ficaram-nos d'ambos apenas fragmentos, e a saudade da perda do resto!

Em 1858, regressou Gonçalves Dias ao Brasil, a fim de tomar parte, como historiador e ethnographo, na viagem ordenada pelo govérno á provincia do Ceará, para onde partira com os collegas em 1859.

As *Memorias* que havia escripto, á cêrca de muitos pontos litigiosos da historia do Brasil, e o *Diccionario da Lingua Tupi*, eram titulos sobejos para a nomeação de Gonçalves Dias, como chefe e relator da secção ethnographica.

Acham-se estas *Memorias* na *Revista Trimensal do Instituto Historico Brasileiro*, repositorio importante d'escriptos valiosos.

O *Diccionario Tupi* sahio á luz em Leipzig em 1858, em 16.º com II-VIII-191 pp., na officina de Brockhaus. Forma o 1.º volume d'uma *Bibliotheca Linguistica* dos indigenas do imperio, e de que o auctor não chegára a publicar os demais volumes; deixando apenas, como subsidio, o *Vocabulario da Lingua Geral do Alto-Amazonas*, inserto na *Revista Trimensal* de 1854.

Na confecção do *Diccionario Tupi*, tomou por base a *Poranduba Maranhense*, escripto importante de Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, natural de Favaioz em Trás-os-montes, conhecido no seculo com o nome de Francisco Fernandes Pereira, e litterariamente com o nome usual de *Flaviense*: nome que elle adoptára da villa patria, a antiga *Flavias* dos romanos, e não da villa de Chaves, *Aguas-Flavias*, como erradamente tem sido acreditado.

Nos escriptos de **Gonçalves Dias**, revela-se o cunho do estudo, e o scello do talento.

Nas poesias em geral, sobresahe o brilho do lyrismo desartificioso, candido como a rosa do amor virginal, suave como o murmurio do arroio do prado, bonançoso como o ciciar da brisa na folhagem do bosque.

Reverbera-se nas estrophes o enthusiasmo das canções de **Béranger**, das elegias de **Lamartine**, dos cantos de **Delavigne**, das phantasias de **Musset**, das satyras de **Barthélemy**, dos dithyrambos de **Barbier**, dos canticos de **Millevoye**, e das harmonias de **Victor Hugo**.

Mas não fulgem só, nas poesias de **Gonçalves Dias**, as inspirações mais lucidas do Parnaso francez. Brilham ainda as inspirações mais fulgentes do Parnaso alleman.

Luz o ardor patriotico de **Körner**, cognominado o **Béranger d'Alem-Rheno**. Irradia o fulgor de **Bonstetten**, **Novalis**, **Chamisso**, **Voss**, **Arndt**, **Baggesen**, **Platen**, **Hauf**, **Gustavo Schwab**, **Frederico Rückert**, **Henrique Heine**, e **Luiz Uhland**.

Fulge o enthusiasmo de **Leopardi**, **Mamiani**, **Carrer**, **Ricciardi**, **Pellico**, e **Rossetti**, ornamentos do Parnaso italiano. Brilha o arrôbo electrico de **Lista**, **Mesonero**, **Zorrilla**, **Tapia**, **Pelegrin**, e **Espronceda**, bardos colossaes do Parnaso hispanhol.

Decantando os ciumes, não exalta como **Shakespeare** o desespêro d'**Othello**, embebendo o punhal no seio de **Desdemona**. Poctando os vaiveis da vida, os soffrimentos da existencia, não aviventa como **Goethe** o suicidio de **Werther**. Não desenha como **Foscolo**, em tela de maldições, a scena torturosa d'**Ortis**, renegando o proprio ser, e descrendo do **Creador**!

Casa a inspiração com a reflexão, o sentimento com o pensamento, o coração com a religião, colorindo á luz da imaginação os quadros que exorna, copiados da natureza e do amor.

Nem uma só vez o halito crestador do scepticismo, embora com o coração envolvido no crepe da angustia, murcha em **Gonçalves Dias** a flôr viçosa da esperança no **Eterno**.

Com estes dotes, com estas qualidades, será sempre gloriosa a memoria de *Antonio Gonçalves Dias*, bacharel

formado em direito pela universidade de Coimbra, cavaleiro da ordem imperial da Rosa, professor de latinidade e historia patria no collegio de Pedro II, primeiro official da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, socio effectivo do instituto historico e geographico brasileiro, membro do conservatorio dramatico, da sociedade amante da instrucção, e da associação auxiliadora da industria nacional, socio honorario do gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, socio correspondente do instituto de Coimbra, da academia real das sciencias de Lisboa, e da sociedade geographica de Berlim.

Braga, 1868.

PEREIRA CALDAS.

---

## O DIAMANTE.

Desde a mais remota antiguidade representa o diamante o apanagio da riqueza e o ideal do luxo. Os Gregos e os Romanos davam-lhe o mesmo apreço, em que são tidos hoje. Plinio tira-nos a este respeito toda a duvida.

Os povos da idade media attribuiam ao diamante propriedades maravilhosas. Bartholomeu o Inglez, chimico pouco conhecido, diz no seu livro «Propriedades das coisas» o seguinte. «Es'a pedra vale de muito a quem a traz com sigo: livra dos inimigos, livra da demencia, dos maus sonhos e dos fantasmas, livra dos venenos, e livra dos demonios etc.» Ora como os demonios, tomam a figura de homem, Bartholomeu podia explicar muito bem a razão porque as mulheres teem tanta predilecção pelos diamantes, considerando-os como o mais brilhante complemento dos seus enfeites.

O diamante é o mais duro de todos os corpos: o seu nome vem de «adamas», (*indomavel*).

Risca todos os corpos, e não é riscado por nenhum,

a não ser talvez pelo *diamante de boro* (boro crystalisavel), descoberto, ha poucos annos, pelos chimicos Wöhler e Deville. Karos são os corpos que o atacam; e, ao abrigo do contacto do ar, pôde supportar impunemente a mais elevada temperatura. É um dos corpos que mais refractam a luz; e a este poder de refração deve, em grande parte, o seu brilho. É tão grande a sua phosphorescencia que, apresentado alguns instantes á luz do sol, e levado em seguida para a obscuridade, espalha raios de luz por algum tempo.

Ignorou-se por muitos annos a maneira de tallar estas pedras. Os antigos usavam-n'as taes como a natureza as apresenta. Foi em 1476, que um fidalgo, hollandez, Luiz Berghem, descobriu que o diamante podia ser desgastado com o seu proprio pó; e por conseguinte tomar com o polido, todas as formas imaginaveis.

O primeiro diamante tallado foi trazido por Carlos o Temerario, que o perdeu na batalha de Morat. Foi achado, e vendido a Henrique 8.º, rei d'Inglaterra, que o deu á sua filha, quando ella casou com o rei de Hespanha Filipe 2.º. Suppõe-se que este diamante é o *Sancy*, da corôa de França.

As minas da India eram as que na antiguidade forneciam maior numero de diamantes. Em 1622, as da *Goconda* occupavam na sua exploração 30.000 individuos.

As minas do Brasil, que actualmente fornecem diamantes para o commercio de todo o mundo, foram descobertas no principio do seculo 17.º Os primeiros, que ali appareceram foram considerados como crystaes sem valor. O embaixador de Hollanda em Lisboa mandou examinal-os aos lapidarios, que os reconheceram como diamantes de muito preço. Foi informado da descoberta o governo portuguez, e fez-se logo um tratado para o commercio d'estas pedras. A enorme quantidade exportada nos primeiros 20 annos, e que se diz ter excedido 30 kilogrammas, diminuiu consideravelmente o preço d'estas pedras na Europa; e começaram a ser enviadas para a India, d'onde até então, quasi exclusivamente, se abastecia o commercio.

Desde 1772 até 1794, extrahiram-se no *Serre do Frio*,



no Brasil, 180 kilogrammas de diamantes, em proveito da corôa de Portugal l

Os diamantes são geralmente incolôres; comtudo encontram-se de diversas côres: amarellados, defumados, pardos, negros, e algumas vezes opacos. São rarissimos os que teem cores vivas, como amarellos, amarellos-esverdeados, côr-de-rosa, e vermelhos. A não ser alguma d'estas côres d'uma belleza excepcional, é sempre preferivel a variedade incolor e perfeitamente limpida, ou como se costuma dizer d'*uma bella agua*, e a que os lapidarios dão tambem o nome de *diamantes de rocha*.

No commercio dos diamantes, a unidade de peso de que se tem usado ha muitos annos, é o *quilate*, e corresponde a 4 grãos ou 205 milligrammas.

Os diamantes, susceptiveis de ser talhados, valem actualmente de 11000 rs., a 14000 reis o quilate.

Um diamante talhado, que peze um quilate, vale pouco mais ou menos 40:000 rs. Este grande augmento de preço provem da diminuição de peso, que soffre com o polido, do custo do trabalho, e do prejuizo, que resulta d'aquelles que são inutilizados, por se lhes descobrirem defeitos.

Nos diamantes d'um pêso notavel o preço cresce como os quadrados dos pêsos.

Existem poucos diamantes, cujo pêso seja superior a 100 quilates (20 grammas proxivamente).

Eis a lista de quasi todos os que se conhecem:

O *Koh-i-Noor* (montanha de luz), d'uma bellissima agua, pesa 102 quilates. Pertence á côrte d'Inglaterra.

O do Rajah de Mattam, em Borneu, peza 367 quilates (78 grammas).

O diamante do imperador da Russia pesa 193 quilates (41 grammas): é do tamanho d'um ovo do pomba.

O do imperador d'Austria, outr'ora do grão-duque de Toscana, pesa 139 quilates (30 grammas): é amarello.

O *Regente*, pertence á coroa de França: pesa 127 quilates, (29 grammas): vale mil contos. Excede todos os precedentes na perfeição, limpidez e belleza de fórma.

A *Estrella do Sul*, exposta por Halfen, 1855, pesa 125 quilates (26 grammas).

O grande diamante da coroa de Portugal, pesa 26 grammas. Foi achado em 1809, junto ao arroyo do Abaylé por Antonio Gomes : pelo que lhe deram em remuneração o emprego de thesoureiro da Casa da Fundição de Sabará, segundo se lê na «Memoria sobre as Minas da Capitania de Minas Geraes» pelo Dr. José Vieira Couto.

---

## VOZES D'ANIMAES.

*Pulram* pega e papagaio,  
*E cacareja* a gallinha ;  
 Os ternos pombos *arrulham*,  
*Geme* a rola *innocentinha*.

*Muge* a vacca ; *berra* o touro ;  
*Grasna* a rã ; *ruge* o leão ;  
 O gato *mia*, *uiva* o lobo ;  
 Tambem *uiva* e *ladra* o cão.

*Relincha* o nobre cavallo ;  
 Os elephantes dão *urros* ;  
 A timida ovelha *bala* ;  
*Zurrar* é proprio dos burros.

*Regouga* a sagaz raposa ;  
 (Brutinho muito matreiro) ;  
 Nos ramos *cantam* as aves ;  
 Mas *pia* o mocho agoureiro.

Sabem as aves ligeiras  
 O canto seu variar ;  
 Fazem *gorgeios* ás vezes,  
 As vezes põem-se a *chilrar*.

O pardal, damninho aos campos,  
 Não aprendeu a cantar ;  
 Como os ratos e as doninhas,  
 Apenas sabe *chiar*.

O negro e corvo *avocá* e *gambá*  
 Não o mosquito *enfadado*;  
 A serpente no deserto  
 Solta *assobio medonho*.

Chia à letre; *grasna* o pato;  
 Ouvem-se os porcos *grunhir*;  
 Libando o *succo das fiôres*,  
 Costuma a abelha *zumbir*.

*Bramam* os tigres, as oñças;  
*Pia, pia* o pintainho;  
*Cucurica e canta* o gallo;  
*Late e gane* o bachorrinho.

A vitellinha dá *berros*;  
 O cordeirinho *balidos*;  
 O macaquinho dá *quinchos*,  
 A criancinha *vagidos*.

A *falla* soada ao homem  
 Rei dos outros animaes;  
 Nos *versos lidos* acima  
 Se encontram, *em pobre rima*  
 As vozes dos principaes.

PEDRO DINIZ.

## O TRABALHO

A primeira condição imposta ao homem é o *trabalho*.  
 O homem traçou caminhos sobre um solo arido; des-  
 ceu a profundidades assustadoras; para trazer d'ahi mas-  
 sas informes, que transformou em metaes brilhantes, e a  
 que deu innumeraveis formas; marcou no ceo signaes  
 certos para determinar a volta periodica das estações, das  
 sementeiras e das colheitas; surprehendeu as leis mys-  
 teriosas, que presidem á reproducção das plantas; sub-

meteu ao jugo os animais, que o sustentam, vestem e ajudam na sua laboriosa tarefa; pode, conforme a sua vontade, atravessar por caminhos as montanhas, adornal-as com florestas, e formar sobre as suas collinas campos dourados de espigas, e prados verdejantes; semeou as planicies; erigiu aldeias, villas e ricas cidades.

Quem podera dizer tudo o que o homem tem feito, e prophetisar-lhe obstaculos inenciveis, vendo que elle dá direcção ao raio, calcula a idade das montanhas, e submettendo a leis os impulsos caprichosos do vapor transforma-o em doces e infatigaveis corceis?

Teria elle realisado tantas maravilhas sem o trabalho, lei apparentemente, tão dura da sua existencia?.. Não o devemos crer, examinando o estado d'ignorancia e inferioridade relativas, em que estão ainda, pela maior parte, mergulhados, os povos que habitam os Tropicos, onde as primeiras necessidades da vida são, apenas apparecem, satisfeitas.

Os fructos veem alli espontaneamente offerecer-se contra a fome, porque o sol alimenta uma primavera perpetua; a terra produz sem cultura; as arvores fornecem perfumada sombra, os animais o leite, os regatos a agua fresca.

Eis a *edade d'ouro* dos poetas; e a edade d'ouro deixou-nos nus, simples, e ignorantes, e para sempre privados das riquezas da terra, e dos thesoiros da nossa intelligencia; tirou-nos o poder de sentir este universo magnifico, cujos limites recuam, á medida que os nossos sentimentos se desenvolvem.

---

## A ROSA QUE ELLA ME DEU.

Pobre flor! Tão poetica e tão linda.  
 Quando em volta de ti as demais flores  
 Sob'rana te acclamavam, ou, ainda,  
 Quando no seio d'ella — eden de amores —  
 Nas pomas  
 Lhe hebias mais aromas!

Como eras linda então, rosa querida!  
 E como alegre te corria a vida  
 De festim em festim!...  
 E hoje.. que é d'esse viço? d'esse aroma?  
 Onde a ridente vecejante coma,  
 De tão vivo carmim?!...

Oh dor! Vêr-te morrer quasi em segredo,  
 Sem ninguem te chorar amortecida...  
 Que vento, oh rosa, te abraçou tão cedo  
 Aroma, formosura, e côr, e vida?!

Foi bem cruel, oh flor, essa mudança  
 Que Deus te fez soffrer!  
 Ai de mim! Tambem eu, pobre criança,  
 Sinto murchar, contigo, uma esperança,  
 Que um instante floriu... e vae morrer!

Mas vós, oh minhas flores sem confôrto,  
 Sequer tereis meus prantos de saudade!  
 Eu só, quando cahir na sepultura,  
 Não terei uma flor, consôlo ao morto,  
 Nem as lagrymas tristes da ternura,  
 E, Deus! nem um memento da amizade!!!

Braga—1868.

M. JOAQUIM SARDENHA.

---

## A ATHMOSPHERA.

O dr. Buist descreve a athmosphera pelo seguinte modo.

E' a athmosphera um involucro, que por toda a parte cobre o nosso planeta, e cuja espessura é desconhecida.

O seu limite superior deve estar comprehendido entre 50 e 500 milhas.

Envolve-nos por todos os lados, apesar de não

ser vista, e pesa sobre nós na rasão de 50 libras por cada pollegada quadrada ; supportando assim o nosso corpo uma pressão equivalente a 16:000 kilogrammas, sem d'isso termos o menor indicio. Mais leve que as cousas mais leves ; mais subtil que os mais delicados filamentos, deixa incolumes as mais leves teias de aranha, e roça apenas por cima das flores, que o orvalho cobre. Transporta em suas azas, em volta do mundo, as armadas de todas as nações e esmaga com o seu pêso as mais duras substancias. Quando se move, deita por terra as mais compactas florestas, e destroe os mais solidos monumentos.—Forma do oceano montanhas enormes ; e despedaça os maiores navios, como se fossem leves palhas ; distribue o calor e o frio ao nosso globo, e a todos os seres que o habitam ; absorve, da superficie dos continentes e mares, vapores que conserva dissolvidos em seu seio, suspende-os nas nuvens, seus reservatorios, para os restituir debaixo de forma de chuva ou de orvalho. Dá nova direcção aos raios do sol, para nos dar a aurora e o crepusculo, cujas diversas côres reflecte e refracta, para encher de encanto o nascimento e occaso do astro, senhor do mundo. Sem athmosphera, a luz do sol apparecer-nos-hia e deixar-nos-hia repentinamente ; e da obscuridade da meia noite passaríamos n'um momento á claridade do meio dia. Não veríamos, nas payzagens, suaves gradações de côr ; e as nuvens não viriam refrescar a terra, que apresentava diariamente, aos raios directos do astro que gera o dia, a sua superficie resequida. D'ella recebe a nossa organização ar e calor ; para ella vai tudo quanto pelo uso foi alterado, e de nós afugenta o que nos é nocivo. Conserva a vida e alimenta a combustão. Combina-se com o carbonio, que sem ella não arde, e abandona-o logo que o seu fini foi preenchido.

Um outro naturalista descreve-a assim :

O ar que nos cerca, une intimamente, por sua circulação, tudo o que existe á superficie da terra. Espalha por todo o mundo, desde o anoitecer até que volte o dia, o acido carbonico, que exhalamos. Aspira-o a palmeira que cresce nas margens do Nilo, e d'elle se nutrem os cedros do Libano, para elevarem suas extrenidades até ás nuvens. Sem elle não cresceriam tão rapidamente os coqueiros de Va.

ti e não produziram flores as palmeiras e bananeiras do Japão. O oxigénio que respiramos, é destillado pelas magnolias de Susquihama, pelas árvores gigantes, que têm sua sombra cobrem o Orenoco e o Amazonas, pelos grandes rhododendros do Himalaia, pelas rozas e myrtos de Cachemira, pelas caneliras de Ceyão. E as vastas florestas que povoam o centro da Africa, perto das montanhas da Lua, contribuem egualmente para a produção d'este agente da vida humana.

As chuvas, que banham as nossas regiões, são devidas aos gelos polares, e o gollão, que fluctua nas agoas do Nilo, exhala vapores que vão cobrir de neve o cumê dos Alpes.

(MAURY, GEOGRAPHIA PHYSICA DO MAR).

## O CÃO PRÉZO E O CÃO SOLTO.

*Versão do allemão, de Willamow.*

**O cão prézo.**

« O atrevido, tu ousas  
 Nos meus ossos vir mexer ?  
 Tu não conheces de certo  
 Com quem tu te tens metter.  
 Muita perna o bravo Philax  
 Tem aliivo espedaçado :  
 Tem vencido o touro, o lobo,  
 Os bandidos atacado.  
 Anda, vai-te, e deixa já  
 Os meus ossos onde estão :  
 Ouve o meu consellro, e segue  
 O teu caminho, poltrão ! »

**O cão solto.**

« Or'anda, vem-te vingar ;  
 Eu estou de ti bem perto ! »

Dos teus berros talvez julgues  
Que tenho medo, de certo?»

**O cão preso.**

«Se não fosse esta cadeia,  
Se não fosse... meu vilão...»

**O cão solto.**

«Se não fosse essa cadeia...  
Se não fosse, amigo, então...»

Porto, 25 de Dezembro de 1865.

AYALOR VARNAARD.

---

## AS ACADEMIAS.

São as Academias, na sciencia e nas Lettras, a traducção do grande e fecundo principio da associação, que em todas as provincias da actividade humana multiplica prodigiosamente as forças individuaes, e opera os grandes milagres da civilisação moderna, pelo concurso racional de todas as intelligencias; são ellas o forum pacifico, aonde as opiniões se cruzam, para que do seu embate faisque mais esplendida a luz da civilisação.

Ha um descobrimento que tentar, uma empreza litteraria que seguir, uma obra monumental que emprender? Fallecem animo e recursos a um só individuo para ousar o commettimento, com que pôde acrescentar-se o peculio intellectual da humanidade? O que não pôde o individuo, poderá fazel-o a associação, e a sciencia, assim como a industria, como o commercio, como o governo das sociedades, como a força dos estados, como o poderio das nações, achará n'este principio universal uma alavanca poderosissima, com que realisar quasi o audacissimo desejo do antigo geometra da Sicilia.



Não são as Academias uma vã ostentação, e um recinto destinado a reunir na obituidade a aristocracia intellectual, vaidosa d'esta honorifica distincção. Em toda a parte, aonde tem penetrado a luz da sciencia moderna, o Estado levanta, como cupula de todo o edificio da instrucção publica, as Academias Nacionaes, destinadas a centralisar e a manter a tradição litteraria e scientifica de cada povo. O mais notavel movimento e progresso das sciencias realisa-se hoje no seio d'estas corporações, e basta folhear as colleções litterarias, que as Academias publicam todos os annos em grande copia, para se reconhecer como estes utilissimos institutos são, por assim dizer, as capitães da sciencia e da erudição, disseminadas pelos pontos mais remotos do nosso globo, mas ligadas entre si por esta fraternidade cosmopolita, que faz da sciencia o thesouro indiviso de todos os povos cultos, da idea o laço commum da humanidade.

«J. M. LATINO COELHO.»

### CONSELHO INTERESSADO.

Vi um dia certa moça:  
 Uma velha escurnecer;  
 Eu de cãs tambem nevado,  
 Perguntei incio zangado:  
 «A menina quer morrer?»

«— Que pergunta! . . vem a tempo!  
 Mal começo de viver!»  
 «— Sim, diz bem que mal começa . . .  
 Mas então nunca escarneça  
 Do que póde vir a ser.

Distincções não faz o tempo,  
 Tudo curva ao seu poder;  
 A menina é hoje rosa,  
 E talvez que mais formosa  
 Tenha sido essa mulher.

De leve não passe os dias,  
 Uma vez que quer viver;  
 Repare bem que a vaidade,  
 Quando foge a mocidade,  
 É que mais nos faz soffrer.

Nem dos annos escarneça—  
 Vem cercados de reveses,  
 Que ensinam, na exp'riencia,  
 Quanto vale esta existencia,  
 Que um momento finda ás vezes!

Vizeu, 10 de novembro de 1867.

M. DE M. MOTTA VELHO

---

## AS MODAS.

As modas constituem a politica das mulheres.

O seu systema de governo parece a primeira vista a republica; por isso que todas as cidadãs teem o direito de aspirar ao supremo poder da elegancia.

Por outro lado, parece que a sua forma de governo mais natural é a monarchica; porque sempre ha uma dama mais ou menos formosa, que possui o sceptro da moda.

Se ao mesmo tempo attendermos á ~~obta~~ <sup>obta</sup> ~~in~~ <sup>in</sup> ~~ecessante~~ <sup>ecessante</sup> ~~de~~ <sup>de</sup> ~~enfeites~~ <sup>enfeites</sup>, de laços, de figurinos, ~~de~~ <sup>de</sup> ~~oóres~~ <sup>oóres</sup>, á facilidade com que uma extravagancia substitue outra; ao despotismo com que se impõe a moda que vigora; á gargalhada com a qual se repelle a moda decaida; se attendermos, em summa, ás casas que arruina, ás familias que deshonra, ás mulheres que perde, e aos homens que envidoa; ao Ananda que vale e ao muito que custa; parece que a moda é a monarchia produzida pela licenciosidade.

Escolham d'isto o que quizerem; mas concordem que a moda é o *cezarismo* da formozura; quero dizer, o *baixo imperio* das mulheres.

A moda é um poder sem direito.

E o poder mais baixo da terra.

A sua força é a sua fraqueza.

Exige uma fiel submissão, mas em troca consente as mais perigosas liberdades.

Por isso uma mulher, que se torna escrava dos caprichos da moda, está a ponto de ser uma mulher livre.

O seu programma, digamol-o assim, é sempre o mesmo.

Cae a moda, sobe outra; e a recém-vinda diz sempre :

—Agora, sim, agora é que as mulheres vão ser formosas. Ou, o que vem a ser o mesmo :

—Agora, sim, agora é que as mulheres vão ficar seductoras.

E todas a acreditam : tanto as formosas como as feias, as tontas como as discretas, as raparigas como as velhas.

LUIZ QUIRINO CHAVES.

## LISBOA E CONSTANTINOPLA.

É inquestionavel que os dois melhores portos do mundo são : Lisboa e Constantinopla ; por consequencia estas duas cidades são as mais bem dispostas para formar os dois maiores emporios do mundo.

Estes portos são grandes e seguros.

Constantinopla está entre dois mares, situada na Europa, visinha da Asia, e não distante da Africa ; mas a situação de Lisboa é incomparavelmente melhor. Está no Oceano ; 60 leguas distante do Mediterraneo.

Antes de havermos dobrado o cabo de Boa-Esperança, e antes do descobrimento da America, podia considerar-se Constantinopla em melhor situação ; mas depois que pelos mares se communicou o occidente com o oriente, depois que se descobriu o novo mundo, Constantinopla é o melhor porto do Mediterraneo, e Lisboa o melhor porto do mundo.

«DUARTE MEDEIRO DE MACEDO.»

## TRISTEZA E CONSOLAÇÃO.

Alma triste, pobre alma,  
 porque olhas o passado,  
 com saudade e com remorso,  
 e o presente sem agrado ? !

Vês sem gosto quanto abarcas,  
 ouves tudo sem prazer ;  
 o que já te deu contentos,  
 hoje só te faz soffrer.

Saudades do que perdeste . . .  
 (amarguras tão sentidas ! . . .)  
 de mistura com pezares  
 de tantas horas perdidas ! . . .

Illusões da mocidade,  
 gostos do mundo falaz,  
 são bolinhas de sabão,  
 que leve sôpro desfaz.

Alma triste, pobre alma,  
 lança a vista ao teu porvir ;  
 a vida consoladora  
 podes cedo possuir.

Porto, 23 de Setembro de 1867.

MARIA PEREGRINA DE SOUZA.

---

### PERMANENCIA DO NIVEL DO OCEANO.

A superficie do oceano Atlantico, diz Maury na *Geographia Physica do Mar* é de perto de 12 milhões de leguas quadradas.

Suppondo que uma pollegada de chuva cae sobre uma quinta parte d'esta vastissima extensão, e que

este enorme lençal d'agua, tem apenas uma polle-gada d'espessura, pesará 360:000:000:000 toneladas (364:769:000:000:000 kilogrammas). Se o sal, que está em dissolução no mar, não se evaporar como a agua, e destruir o equilibrio, quando a evaporação se tiver ope-rado; augmentará então o peso 16:000:000 toneladas (14:256:000:000), isto é quasi duas vezes tanto, como todos os navios do mundo poderiam carregar d'uma vez.

Esta grande quantidade de chuva pode cair n'um dia; mas, qualquer que seja o tempo gasto, não altera o equilibrio do Oceano, mais do quo elle seria alterado, se, podendo encerrar-se n'um reservatorio immenso toda a agua do Mississipi, durante um anno, se conseguisse, por um esforço extraordinario, lançar esta agua no mar; e comtudo a natureza opera isto d'um modo tão sereno e tão uniforme, que estes desmarcados movimentos passam despercebidos.

### Charada.

Se a primeira, entra no papo,  
Bem te, pôde incommodar;  
Ainda mais te direi:  
Com elle podés matar. — 1.

E depois? Depois, de mortã  
Com certeza tens o fim: — 1  
—Oh! se o monarcha, me mata,  
Tem, pois, poder sobre mim.

Que labios, nariz e olhos!  
Que lindo rosto ella tem  
Que cabellos, e que enfeites!  
E que mãos, reparem bem.

Marco de Canavezes.

FRANCISCO PEREIRA SOARES DA MOTA

## Perigo dos animaes mortos.

É perigosissimo deixar d'enterrar animaes mortos, por pequenos que sejam. Uma mosca que tenha pousado sobre um animal em corrupção torna-se venenosa, e a sua picada produz gravissimas perturbações.

Nos campos, e até nas cidades, á cada passo se vdem ratos, gatos, e outros animaes em decomposição, e por muito tempo, sem serem enterrados.

Muito bom seria que prohibissem d'um modo rigoroso os factos que acabamos de indicar, por isso que são perigosos á saúde publica.

---

## ESPERTEZA.

Um sujeito tomando para seu criado um gallego, que acabava de chegar da terra, disse-lhe: «Doti tanto d'ordenado, visto-te e calço-te.» No dia seguinte o gallego não sahia da cama, e quando ao meio dia o amo zangado foi ralhar com elle, respondeu-lhe: «estava á espera que viesse vestir-me e calçar-me».

---

## ARNICA MONTANA.

A escola moderna fez reviver o uso de uma planta outr'ora conhecida e empregada, e depois, sem bem se saber porque, cahida em total esquecimento.

Hahnemann estudou a *arnica* e descobriu n'ella preciosas virtudes. Como vulneraria é a primeira das plantas conhecidas. Os golpes, as contusões, os ferimentos, sejam de que natureza for, são por ella curados prompta e admiravelmente. As consequencias, sempre graves, de grandes quedas, acompanhadas de commoção, são por ella igualmente prevenidas.

O seu emprego n'estes casos vai-se tornando já popular.

Nas operações graves e delicadas assegura ella positivamente o seu bom exito, muitas vezes duvidoso, apesar da pericia do operador.

Não conhecemos nos casos indicados antiphlogistico que lhe seja superior.

Para os usos externos, póde fazer-se uma solução com quatro partes de agua pura e uma de tinctura de *arnica*, e applicar-se assim em compressas ou fios sobre as partes feridas ou contusas. O grau de concentração da solução deve variar conforme a susceptibilidade das partes sobre que se applicar; nos olhos, por exemplo, depois da operação da cataracta, a solução deve ser mais branda.

Internamente, deve usar-se tambem em todos os casos de quedas graves, para evitar as congestões consecutivas. Não a havendo preparada homœopathicamente, póde supprir-se a falta, fazendo com a tinctura uma solução mui branda e dando-se ás colheres de sôpa, tres a quatro vezes por dia, e por mais ou menos tempo conforme a necessidade e gravidade do caso.

A tinctura preparada com a planta fresca é de uma linda côr verde, e superior na virtude á preparada com a planta secca.

O nosso Minho abunda, em algumas partes, n'esta preciosa especie.

E' excellente tambem, como antidoto, contra a dôr produzida pelo veneno da vespa e da abelha; basta para a acalmar, em breves instantes, applicar uma gotta de tinctura sobre a parte mordida, conservando-a alli até que a dôr desappareça.

A tinctura do *ledum palustre* dá os mesmos resultados.

A. F. MOUTINHO.

---

A superstição é uma serpente que circunda a religião com as suas roscas, e a macula com o seu halite.

VOLTAIRE.

## PENSAMENTOS INTIMOS.

## I.

O que é a vida? pergunto eu muitas vezes a mim mesma.

— A vida é uma transição para a morte — responde a minha alma — é um praso de tempo, mais longo, ou mais breve, que Deus nos dá para expiar a culpa *original*!

— A vida — responde-me tambem o coração — é uma cadeia de flores e espinhos. . . .

A vida — responde-me ainda o pensamento — é uma série de illusões, no fim das quaes está uma realidade — a morte.

Se a vida é semeada de flores e espinhos, por que razão eu só tenho encontrado dos ultimos? Ou antes, para que se convertem em abrolhos as flores que ás vezes colho?

Se é tudo assim! Tudo nas minhas mãos se transforma: as folhas verdes murcham, e ficam só os espinhos que vão cravar-se no meu coração! . . .

A minha estrella tem uma malfica influencia, espalha a desdita e o soffrimento sobre quanto me rodeia.

O meu coração afflige-se quando sente brotar em si alguma affeição! Desde logo presente a fatalidade que ha-de vir cobrir de lucto este terno sentimento.

Parece mesmo que a morte escolhe para suas victimas entes que me são caros!

A maior parte das minhas affeições têm sido bem breves n'este mundo! os objectos d'ellas passaram, n'este deserto da vida, como sombras melancolicas, que ao perpassar por mim sorriram com o sorriso dos anjos, e depois se foram acolher nos sepulchros, sobre os quaes eu vejo pairar a saudade.

## II.

O inverno, com o seu sceptro de ferro, acaba de assentar-se sobre um throno de ruinas!

E' noite, mas noite de tempestade. A negrura da atmosphaera reflecte-se no negro escuro das serras: o ven-



to sibila, o trovão ribomba, o raio scintila, e eu ouço uma voz que me diz: — Vem para uma janella, não temas a tempestade; vem admirar nos elementos revoltos a grandeza do Omnipotente. — E esta voz sahia-me do intimo do peito, era a voz do meu coração.

Obedeci-lhe: aproximei-me da janella.

Uma fita de fogo fendeu as negras nuvens, e passou rapida não longe de mim! Estremeci.

— Tremes? — perguntou-me ainda essa voz mysteriosa — pois a vida é assim composta de tempestades e bonanças.

### III.

A tempestade cessou, apenas o Oriente abriu as portas ao dia, mas o firmamento continuava foldado por negras nuvens. Por entre ellas espreitava o sol pallido, e embaciado!

A apparição d'estê astro, no meio do luctuoso veu que envolvia a natureza, assimilhou-se-me a uma rizada de escarneo, que viesse bater no topo do leito d'um moribundo!!

Algumas gotas d'agua, suspensas das arvores já despidas da folhagem, fizeram lembrar-me um mendigo coberto d'andrajos semcados de perolas!...

Se são assim as coisas d'este mundo!

Ao pé do rico palacio, que resplandece ao clarão de centenares de luzes, em cujo interior se agita em lonca vertigem o baile esplendido, e pelas janellas abertas sahem em turbilhões embriagantes harmonias e perfumes, e o appetitoso aroma de exquisitas iguarias, está collocada a cabana do pobre, submersa nas trevas, porque o seu dono não tinha n'este dia com que comprar ao menos um bocado de pão, para sua mulher e filhos, que, deitados agora em pobres e velhas enxergas, tentam em vão adormecer, porque o ruido da festa que se agita ao pé, lá no rico palacio, e as necessidades do estomago, e a falta de agasalhos lhe fazem chegar aos labios a taça do desespero; e os infelizes chegam quasi a duvidar de Deus!!

E que importa aos ricos senhores, e ás formosas da-

mas, cobertas de sedas e diamantes, que se inebriam nos folguedos da festa, os miseráveis habitantes da pobre choupana?

Nada.

A choupana é aos olhos d'elles um contraste collocado alli pela mão... da arte, para fazer sobresahir mais a magnificencia do formoso edificio aonde agora, loucos de prazer, nem ao menos pensam que, bem perto d'elles, um dos seus similhantes daria muitos annos de vida, por um bocado de pão, para matar a fome aos filhinhos, que para elle estendem os innocentes braços, descarnados pela fome!!

Ao ruido do baile vão-se misturar os tristes gemidos dos que soffrem. Sobre a meza do banquete revoam os lamentos, que a fome faz soltar a milhares de infelizes.

E' tudo assim! Por toda a parte encontro estes tristes contrastes!

As lagrimas do soffrimento cahem e orvalham as flores da ventura!

Os soluços de quem se extorce no leito do desespero são abafados pelas rizadas dos convivas, assentados em roda da meza do banquete da felicidade.

Os gemidos consternados do orphão, que via levar-lhe para longe de si os restos queridos d'uma mãe carinhosa, d'um pae extremo, deixam de se ouvir, porque ao pé d'essa casa mortuario, n'outra casa igual na apparencia, os vagidos do recém-nascido e as exclamações de alegria dos venturosos paes confundem-se com o soluçar do infeliz.

E o tempo corre descuidoso! Leva indifferente sobre suas azas gemidos e exclamações de prazer. Apoz elle vão marchando sem descanso venturosos e infelizes, e elle impassivel se arroja com todos no abysmo do nada!!

Mas nem alli ha igualdade! Ao pé da cruz negra, que se levanta da cabeceira d'uma humilde campa, eleva-se o magestoso mausoleu!

Nem n'esse campo chamado o da *igualdade* deixo de vêr differenças e contrastes....

Veiga do Lilla—Novembro de 1867.

## LE TEMPS.

Le temps m'a demandé de mes longs jours le compte :  
 A quoi j'ai répondu : Ce compte veut du temps,  
 Car, qui sans rendre compte a perdu tant de temps,  
 Comment, sans prendre temps, peut-il rendre un tel compte ?

Le temps m'a refusé de différer le compte,  
 En disant que mon compte a dédaigné le temps,  
 Et que n'ayant pas fait mon compte dans le temps,  
 Je veux en vain du temps pour rendre enfin ce compte.

O Dieu ! quel compte peut nombrer un si long temps ?  
 Et quel temps peut suffire à faire un si grand compte ?  
 En vivant sans compter j'ai négligé le temps.

Helàs ! pressé du temps, oppressé de ce compte,  
 Je meurs et ne saurais rendre compte du temps ;  
 Puisque le temps perdu ne peut entrer en compte.

OXENSTIERN.

## O TEMPO.

Pedi-me o tempo de meus dias conta :  
 Essa conta, (lhe disse), requer tempo ;  
 Pois quem perdeu sem conta um longo tempo,  
 Como sem tempo dar uma tal conta ?

O tempo recusou delonga á conta ;  
 Pois que, (dizia), desprezando o tempo,  
 E que não dando a conta ao prazo e a tempo,  
 De balde peço tempo para a conta.

Qual conta póde numerar tal tempo ?  
 Qual tempo basta para dar tal conta,  
 Vivendo sem contar tão longo tempo ?

Urgindo o tempo, oppresso da tal conta,  
 Expiro sem dar conta do meu tempo,  
 Pois que o tempo perdido não tem conta.

(TRAD: DE \* \* \*)

## O POETA ROSENDO.

Não ha de certo no paiz um só homem de gôsto, a quem por mais d'uma vez não tenham provocado o riso os versos de *Rosendo*.

A vida picaresea d'estê famoso versejador, dotado de corpo tacaño e cabeça mean, com testa eseseada e cabellos loiros, nunca passou d'uma vida de poeta parasita.

A juventude academica de Coimbra olhava a *Rosendo*, como elemento forçado das patuscadas. Não havia uma só funcanata, para que não o convidasse com enthusiasmo. Não concebia sequer a idea d'um convivio escholastico, sem a comparencia galhofeira do *causa nostræ lætitiæ*.

Assim o appellidavam os alumnos de Minerva, com gloriosa antonomasia para *Rosendo*!

Nas poesias d'este versejador famoso, accumulam-se disparates sobre disparates, em toda a eschala do dislate, mas d'um modo faceto e chistoso, provocador infallivel da gargalhada.

Enganar-se-ha de certo, quem aeaso suppozer idiota a *Rosendo*, ao lêr metrificados os vaniloquios sem conto, com que este bardo jograleiro fazia rir os ouvintes.

Este improvisador da rapaziada, patuseo de boa feição, nem era destituido de talento natural, nem tinha deixado d'adquirir os conhecimentos geraes da educação. Tinha até algum desenvolvimento litterario, graças á instrucção adquirida no traeto do mundo.

Fôra do delirio poetico, era rasoavel na conversação. Durante a escandecencia do estro, era um lauco rematado. Baralhavam-se-lhe as ideas, e sahiam-lhe a flux os dislates em verso.

Foi cirurgião militar na guerra de Portugal com a França, no famoso reinado de Napoleão. Prestou então serviços á patria; e grangeou com elles a medalha da guerra peninsular, com que D. João VI o agraciára.

Os tempos joviaes de *Rosendo Antonio de Carvalho*, natural da Bairrada, atravessaram em Coimbra mais d'uma geração academica, deixando sempre recordações saudosas a todos.

Alguns tempos antes da morte, herdou este poeta algum dinheiro, havido do *Padre Joaquim Manuel*, thesoureiro da egreja de S. Tiago de Coimbra.

Ainda assim, pouco o levantára da mesquinhez esta herança do irmão.

O poeta *Rosendo* tinha soffrido privações até então; e vivia entibiado de fôrças, viuvo já d'uma franceza, que o acompanhára de França para Portugal.

Eram profundos demais os estragos senis do bardo galhofeiro!

Não era já chamado para os saraus; não era convidado para os banquetes; não era procurado para as patuscadas!

Apenas os amigos se lembravam ainda do *Rosendo*, a fim de lhe adoçarem o travor dos ultimos momentos da existencia!

Não era senão o bruxulear ephémero da luz a extinguir-se!

Estava como abafado o estro delirioso do improvisador, sem coutudo se extinguir de todo. De quando em quando, ainda algumas lavaredas soltava, mas com intercadencias senis!

Aos 13 de Janeiro de 1855, apagou-se de todo o estro de *Rosendo*. Finou-se então este poeta famoso, victima d'um ataque apopletico, contando uns 90 annos d'idade.

Como especimen das poesias de *Rosendo*, transcreveremos duas amostras: uma, em verso de redondilha; e outra, em verso hendecasyllabo.

#### MOTE.

«Nos braços da minha amada»

#### GLOSA.

De poetas trescentos mil  
 Não me fazem a mim papo:  
 Metto-os todos n'um sappato,  
 E no bico d'um funil.  
 Mando-os logo a Arganil,

A fazer uma cavada,  
 N'uma horta de salada,  
 Mais em outra de repolho,  
 Em quanto que me recolho,  
 «Nos braços da minha amada».

## MOTE.

«Por horas, por minutos, por instantes»

## GLOSA.

Vi na folha verde da lorangeira  
 Repousar uma pequena gaivota,  
 Levando no bico uma galante roca,  
 E sobre o dorso uma grande bandeira ;

Na cabeça um sacco e uma caldeira,  
 E dentro d'esta uma furiosa porca :  
 Não cuidem, não, senhores, que isto é moca ;  
 Que isto acconteceu em face d'uma freira.

Estava ella a escrever ao seu coentro,  
 Descrevendo expressões mui namorantes,  
 Alegre e com assás contentamento.

Mas eis lhe apparecem mil elephantes :  
 Ficou sobresaftada, sem alento,  
 «Por horas, por minutos, por instantes».

Eram estas, e outras *Rosendices* analogas, os versos que os ouvintes de *Rosendo* applaudiam, no meio de bravos e gargalhadas.

Depois da morte de *Rosendo*, ainda não tivemos senão um só rival d'este bardo famoso ; e fechou-se até hoje a galeria do dislate em verso.

Deu-nol-o o genio da chocarrice, no famoso bardo *Francisco Pereira d'Andrade*, cognominado com o epitheto de *Barriense*, em memoria do local da *Barria*, entre Guimarães e Penafiel, onde practicava a pharmacia.

Como especimen dos versos d'este poeta, transcre-

veremos uma decima, que elle offertára nas Caldas de Visella, em Julho de 1850, ao ex.<sup>mo</sup> *Ricardo Brown* do Porto.

## DECIMA.

Tu és, Ricardo sem par,  
D'Apollo, Venus, grandeza :  
Magnetisas por empresa,  
Surpr'hendes com teu olhar.  
Pelo diamante a raiar,  
Mni occulto no teu peito,  
O estellífero leito.  
Suspira, almeja, e espera :  
Para iman que em ti espera,  
Lysia, Lysia é campo estreito !

Hoje, pranteam tambem os amadores do dislate a morte do famoso *Barriense*, outro elemento forçado dos convívios pátuscos das visinhanças.

No dizer sentencioso do poeta latino :

«ambo florentes atatibus, arcades ambo» :

era *Andrade* um digno pharmaceutico, a par do digno cirurgião *Rosendo* !

Braga, 1867.

PEREIRA-CALDAS.

---

### Biblia de 1450.

A Biblia Latina, chamada de 1450, foi a primeira obra notavel que sahiu das prensas em letras de metal, e cujos rarissimos exemplares são hoje d'um grande preço, Güttemberg e Fust. foram os que substituiram as letras de madeira por outras gravadas em metal.

ABBADE DE CASTRO.



## DESEJO.

A' EX.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. M. DE. . . . .

Quando diviso teu virgineo rosto,  
o peito de prazer se m'enehria;  
figuras, meiga estrella, flor mimosa,  
aureo sol em puro e claro dia!

Quizera que em teus braços reclinado,  
podesse beijos mil fruir então;  
quizera vêr arfar teu brando seio,  
sentir-te o palpitar do coração!

Quizera ouvir as doces fallas tuas,  
suaves harmonias lá dos ceus;  
o nectar eu beber a longos tragos,  
da doçura que dão carinhos teus!

Quizera junto a mim ter-te constante,  
fallar por muita vez do nosso amor;  
beijar-te a mão gentil, e vêr teu rosto,  
corar... tremer... tingir-se de rubor!

Mirar-me no fulgor dos teus olhares,  
archanjo da mais casta poesia;  
viver com o sorrir d'esses teus labios...  
enlevo d'alma... grata melodia.

Tal era o meu desejo, — os meus anhelos,  
o sonho que me dava só prazer;  
quizera o teu amor, a vida tua,  
amar e ser amado tê morrer!..

Coimbra — 1867.

FRANCISCO AUGUSTO MARTINS DE CARVALHO,



## As molestias de Luiz XIV.

Poucas pessoas deixarão hoje de conhecer o grande vulto de Luiz XIV, rei de França, sobretudo depois da vulgarisação, que deu entre nós aos romances de A. Dumas a empreza da Bibliotheca Economica.

Ninguém ignora as felicidades do grande reinado d'um dos reis, que por mais tempo gosaram das honras e das regalias da realleza absoluta.

A celebre formula «L'Etat c'est moi» do mais exagerado absolutismo era a divisa do monarcha, que durante meio seculo viveu no meio das adulações dos seus e dos estrangeiros, e das adorações das mulheres mais formosas, que á porfia corriam a conquistar um sorriso do Semi-Deus da França.

Luiz XIV realisa para todos os que teem lido superficialmente a sua biographia o typo do homem completamente feliz, e não haverá muitos, d'entre os que teem lido, já a historia, já os romances, que lhe dizem respeito; que não tenham invejado a sorte do successor de Luiz XIII.

Pois bem! Leiam agora o seguinte extracto d'um curioso livro de Daremberg, firmado em documentos authenticos, e digam-nos depois francamente, se é para tantos gabos e invejas a vida do grande rei.

O livro de Daremberg, destinado sobretudo a estudar a medicina e os medicos, dá pequeno desenvolvimento a esta parte, que ainda assim nos pareceu curiosissima, dos incommodos e molestias de Luiz XIV.

Decididamente podemos dizer, paraphraseando o celebre dicto francez, que não ha grande homem... deante do seu medico.

PINHEIRO TORRES.

Corriam os primeiros mezes do anno 1565 «a saude do rei dava mui bellos principios e mui bellas esperanças; S. M. estava gosando o mais bello dos seus dias e uma mocidade tenra e florescente», quando uma «molestia, a mais notavel possivel e das maiores consequencias», veio de repente lançar Vallot, primeiro medico do rei Luiz

XIV, «na maior confusão; n'uma tal desanimação e espanto tão extraordinario», que se vê obrigado a confessar «que os maiores reis não estão isentos dos ataques de molestias e enfermidades, que acontecem aos homens».

É certo que considerando Luiz XIV tal como nos apresenta a historia, isto é, curvado ao pezo dos louros, resplandecente de gloria, e dignando-se receber, do alto do seu throno, as adorações da côrte e da cidade, a submissão das provincias e as homenagens dos soberanos seus alliados ou seus tributarios, mais facilmente o tomaríamos por um Deus do que por um homem; mas é necessario que a fé fosse bem robusta ou a lisonja bem impertinente para que um medico quizesse fingir, nem por um momento, que se illudia a esse respeito. Em 1655, ainda não tinha o rei dezeseite annos, e já S. M. tinha sido atacado por umas hexigas «bem malignas e bem perigosas» com gangrena nos dedos dos pés: por dous tumores scirrosos nos seios, por dartros vivos «com excoriação da epiderme», por accessos de febre, fluxos do ventre; rebeldes e frequentes dores de cabeça: S. M. tinha sido sangrado seis vezes, tinha soffrido muitas incisões, tinha recebido um grande numero de clysteres, sem contar os emplastos, as pomadas, os stomachicos, as aguas ferreas e outras coisas mais. Não-de convir que haverá poucos d'entre nós miseraveis mortaes, que aos dezeseite annos estimassem ter tido tanta «satisfação» como a que o grande rei gosou da parte dos seus medicos e das suas mesinhas. Effectivamente, quando se tem tudo, sem omitir uma linha, o *Jornal de saude do Rei*, não se fica com desejos de trocar a sua pobre humanidade pela divindade de Luiz XIV: não vejo um mez, talvez uma semana em que este monarcha, já pagando o tributo á natureza, já soffrendo as consequencias das suas paixões amorosas ou gastronomicas, e do despotismo do seu caracter, não seja atacado d'alguma grave molestia ou d'alguma séria indisposição.

Acho desde o anno de 1655 uma scarlatina mui maligna (1663), um sarampo de bem mau character (1663), vapores e vertigens que começam em 1662 e atormentam o rei até o fim da sua vida, rheumatismos pertinazes, febres intermittentes rebeldes, uma caria dos ossos da ma-

xilla superior (1685), uma fistula (1686), ophthalmias, diversas molestias de pelle: em 1696 e 1704, furuncullos de muito má natureza, uma luxação do cotovelo, seguida de tumores indolentes que suppuram (1683), vermes de que se faz menção em varias partes, uma gota quasi permanente, areias, duas molestias que se não separam, indigestões repellentes que se renovam todos os dias, e que são acompanhadas de taes *tempestades* das vias digestivas, que S. M. se vê obrigado a deixar de repente já o seu Conselho, já o salão de Madame de Maitennan, já a familia de Inglaterra, e muitissimas vezes a meza: por vezes mesmo S. M. não tem tempo para se calçar: ou então S. M. levanta-se meio a dormir, tão imperioso se tornou o habito, que constituia quasi uma segunda natureza.

Durante este longo martyrio, infligido ao rei pela molestia, pela intemperança, e forçosamente tambem pela medicina, S. M. foi sangrado largamente e «com uma firme resolução de alliviar a natureza» trinta e oito vezes no pé e no braço (e talvez me escapasse alguma lancetada dada ás escondidas); tomou de 1647 a 1705, contando termo medio, dois por mez, e é pouco, 1,500 a 2,000 remedios purgantes: recebeu algumas centenas de clysteres: gastou muitas libras de quina: foi retalhado com o ferro e fogo: experimentou todos os cordiaes, toda a diversidade de emplastos, todos os specificos, officiaes e não officiaes, de modo que seria difficil achar no reino um homem mais desherdado da natureza, e mais seniccerimoniosamente tratado por Deus, que não hesitou em lhe mandar as mais bellas molestias conhecidas.

---

## O CRAVO E A ROSA.

(N'UMA CANPA).

— «Branca rosinha o que fazes  
n'esta canpa — solitaria? —»  
— «Eu sou um triste epitaphio  
d'uma pedra mortuaria.»

«Por saudosa mão d'amante  
 «Eu fui aqui, pois' plantada,  
 «sou uma imagem d'aquella,  
 «que jaz aqui sepultada.»

— «E tu cravinho que fazes  
 «ahi n'esse mausoleo? —  
 — «Eu sou um triste epitaphio  
 «de um mancebo que morreu.

«Saudosa amante tambem  
 «me poz aqui n'este chão,  
 «como prova da saudade  
 «que vive em seu coração.»

Tanto o'cravo como a rosa,  
 occultam triste mysterio,  
 recordam, que dois viventes  
 vem chorar no cemiterio.

COSTA GOODOLPHIM.

---

## A CRITICA.

Um dos maiores e mais consequentes erros, em que se pôde cahir no mundo, é quorer desfigurar, ou contorcer as edades. Dai ao adolescente os modos e as apparencias do ancião, e fareis d'uma das quadras mais poeticas da vida um ridiculo incessante; e, o que é peor ainda, sem sabôr! Forçai um velho venerando a simular os ricos meneios do mancebo, e tereis a mais estupidã e repugnante entromesada que nunca foi vista. A liberdade bem entendida, bêm applicãda; e bêm interpretada, é o primeiro elemento de toda a illustração e civilisação. Sejam pois livres os instinctos e as tendencias naturaes, deixem florir no terreno em que nasceu a flor propria d'elle. Não peçam loucamente ao arbusto fructos sasonados: não queiram na arvore antiga a primitiva elegancia de formas. — Deixai a cada estação os seus productos, a ca-

da homem a sua obra, a cada epocha da vida a sua expressão característica.

Deve ser este o principio fundamental de toda a critica ampla e forte.

Matar á nascença o enthusiasmo, que, no seu impeto generoso, e, por isso mesmo, irreflectido, foi talvez além de certos estabelecidos limites; mata-o, por que se desvairou um pouco; mata-o com inexoravel supposto antidoto d'algumas leis rigidas e friamente severas, equivale a talhar um idolo formoso para os olhos, n'uma arvore derrubada, cuja seiva abundante podia ser ainda longamente util para a vida. De que serve fechar de impiedosas barreiras o caminho por onde se arremeça? embora ás cegas, um coração fervoroso? Virá, por ventura, alguma utilidade de o quebrar no encontro? Se o caminho é mau, se não tem sahida, os embaraços naturaes castigarão o imprudente ou temerario: não val a pena de curar o que já de si está impedido. Se é, ou pôde tornar-se bom, se lhe vislumbra, hem que distante, alguma aberta; será auxiliar a obra da destruição esmorcer o que a ella se arrojou?

A critica deve pois formular os seus juisos, tendo sempre diante dos olhos esse rigoroso fiel da balança. Que elle se não incline á introduccão de nocivos abusos: que tam pouco propenda a repellir aproveitaveis esforços.

Não se illuda pois a critica — não vá queimar julgando allumar — não vá transtornar e inverter a ordem natural da producção e das edades, pela ancia mal definida d'um progresso demasiadamente apressado — não vá dar força ás começadas tendencias de caduca desillusão, com repetidos e extemporaneos desenganos — não vá finalmente estragar de todo esse terreno que lhe cumpre fertilizar.

E' preciso ensinar, guiar, applicar a irreflexão do enthusiasmo, condescendendo com elle, fingindo acompanhá-lo, seguindo-o ás vezes nos seus giros caprichosos, para depois o conduzir pela mão ao verdadeiro caminho.

Assim pôde conseguir-se muito: d'outro modo, nada. Não nos convem ainda uma critica inflexivel, despidosa e cruel, carecemos d'ella sensata mas indulgente, imparcial mas benevola. A primeira talvez ainda nos

venha a ser necessaria, como lá fóra: por ora cremos que não. E' a educação mais perigosa para as naturezas não feitas.

O cinzel, que lavra a pedra, esmaga a cera. Appli-car ás crianças a correção dos homens, é matal-as. Não podem resistir áquelles golpes robustos; e ainda que alguma podessó, não os intendia.

«MENDES LEAL.»

## Grandeza da cõrte de Portugal no tempo de D. João III.

Para que se possa fazer idéa de qual era o tratamento e appárate da familia real portugueza, no tempo de D. João III, daremos em resumo a lista dos officiaes e creados da casa do infante D. Luiz, irmão d'este rei, e filho de D. Manoel.

Capellães e moços da capella.	47
Fidalgos cavalleiros que serviam os principaes car- gos da casa.	27
Fidalgos escudeiros.	12
Moços fidalgos.	22
Cavalleiros fidalgos.	22
Cavalleiros.	80
Escudeiros fidalgos.	32
Escudeiros.	46
Medicos e cirurgiões.	7
Moços da camara.	213
Porteiros da camara.	8
Reposteiros.	26
Trombetas.	8
Moços de manto.	9
Moços d'estribeira	36
Cosinheiros.	5
Homens de capa.	2
Moço da fazenda.	1
Homem do thesouro.	1

Homens da mantieria.	6
Homens do armador-mór.	2
Homens do guarda-reposte.	2
Varredores.	6
Moços de caça.	5
Armeiros.	2
Regueifeira.	1
Lavadeira.	1
Cristaleira.	1
Varredeira.	1
Somma.....	632

~~~~~

**Homenagem ao talento da distincta poetisa  
M. A. Vaz de Carvalho.**

«O Senhor, na alma d'ella,  
Quiz a prova lançar da omnipotencia!»  
JOÃO DE LEMOS.

Rescendem nos teus versos, como em rosa que viceja,  
Perfumes subtis :  
Banha-ós a essencia sublimada e divina  
Do canto das Houris !

E d'entre lyrios surgiu a maga resplendente,  
Fadou-te poetisa !  
Da philomela deu-te o gorgeio, da flor o aroma,  
E o ciciar da brisa.

Da opulenta palheta do grão pintor  
Deu-te as côres.  
Uma lyra dourada, em cada uma das cordas,  
Um poema d'amores !

Ascendendo ao ether, d'onde por ti baixára  
Em auro veu,  
Entre hymnos, poetisa, a fada segredou-te :  
O orbe é teu !



E' teu, és nossa... são tuas nossas almas.  
 O' santa poesia!  
 Derrubem-lhe os altares, que por um surgem mil  
 Em fêrvida harmonia!

Q' importa-se do egregio apostolado.  
 Te ferirem os escolhos?  
 Caminha! a gloria é calvario: deifica?  
 Mas tem urzes e abrolhos!

Caminha!... e ha-de a fronte engrinaldar-te  
 Uma corôa de luz!  
 Rainha, erige-te o porvir um nobre solio,  
 A' gloria te conduz.

Lisboa 13 de Novembro de 1867.

D. GUIOMAR DELPHINA DE NORONHA TORRESÃO.

---

● **conde de Castello-Melhor,**  
**valido de D. Affonso VI.**

Este homem fatal no reinado de D. Affonso VI, por tal arte dominára o espirito do rei, e desenvólvera a sua pernicioso ambição, que nem as advertencias da rainha sua mãe, nem os conselhos dos mais notaveis da côrte poderam acabar por muito tempo no animo do rei a sua dedicação pelo valido.

O conde de Castello-Melhor desconfiando de que poderiam influir no monarcha as vozes de sua mãe — vozes, que elle bem sabia, eram inteiramente contrarias aos seus perversos fins, concebêra o monstruoso plano de fomentar a intriga entre a virtuosa rainha e seu filho, e entre este e seu irmão o infante D. Pedro; não se dando por seguro enquanto igualmente não affastou do paço todos aquelles fidalgos, em que descobria prendas, ou alguma tendencia para se tornarem validos. E levou por diante

o seu escandalo o ponto de fazer persuadir a el-rei, que a rainha lhe queria tirar a corôa, para a dar ao infante D. Pedro. Aqui temos a desconfiança e o ciúme do poder a lavar entre elle, sua mãe e seu irmão. E tão grande impressão causou no animo do rei, a ardilosa artimanha d'aquelle infame valido, que d'aqui resultou faltar el-rei á sua mãe, não só com o que devia aos preceitos da natureza, senão também ás leis da cortezia e civilidade; e a seu irmão, supposto guardou na apparencia a cortezia, atalhou, por desviar-se d'elle, a que lhe lançasse em rosto o mal, que obrava, em não buscar e acatar respeitosamente sua mãe, que D. Afonso apartara de si e do paço com tal odio, que nunca mais a quiz vêr.

Recolheu-se a rainha em um mosteiro, que edificára em Xahregas, da ordem de Santo Agostinho, a 17 de Março de 1663, ficando d'este modo ella e o infante em tudo dependentes do valido.

Ao cabo de tres annos, a 28 de Fevereiro de 1666, falleceu a rainha, mais pelos desgostos que a ralavam, do que ainda por molestia, que soffresse, quando os filhos estavam em Salvaterra, tendo escripto, dias antes da sua morte, por seu proprio punho, as duas seguintes cartas para os filhos:

Para o rei — *Filho*. Fico em tal estado que duvidam os medicos da minha vida, e eu com elles sinto, que não posso durar muito. Resolvi-me fazer a V. M. este aviso, porque não sei se o tempo dará logar a outra prevenção. No aperto d'esta hora só me lembra o remedio da alma, e achando-me eu impossibilitada para o descargo d'ella, só de vós, meu filho, posso fazer esta confiança. Tudo vos digo, lembrando-vos, que sou vossa mãe, e tudo espero de vós quando reconhecaes as obrigações, com que nasceste. Aqui espero a morte entre as lagrimas d'aquelles a que faltó, sendo o meu maior sentimento o seu desamparo. Pego-vos que depois de fazer o que deveis pela minha alma, pagueis por mim o muito que eu devo aos que me acompanharam, e juntamente, que nas minhas fundações, acabeis de fazer o que eu não pude, pois Deos assim o quer; e se elle permitir, que eu acabe, sem que vos veja, só a minha benção vos deixo, porque só

essa tenho que deixar-vos; advertindo, que me não ha-de Deos pedir contas, de não tratar sempre a V. M. como filho.» Xabregas 16 de Fevereiro de 1666.»

Para o infante :— «*Filho*. O tempo, que me pódo durar a vida é tão pouco, que por instantes me vejo acabar. Sou vossa mãe, e estando de caminho para a sepultura, não vos quero deixar sem a minha benção. N'essa vos encommendo sempre o temor de Deos, e a obediencia a vosso irmão, em que vos fica tudo. E ultimamente que depois de minha morte vos lembreis de minha alma, que tudo deveis a meu amor. Xabregas 16 de Fevereiro de 1666.»

Malditos validos... que foram, são, e hão-de ser quasi sempre a causa dos reis faltarem ao que devem a si, e aos povos; que o destino confiára ao seu governo e protecção!

«JOSÉ BORGES PACHECO PEREIRA.»

---

## A VIRGEM DA LOIRA TRANÇA.

A virgem da loira trança  
 Não vai aos prados d'além;  
 Disse adeus ás margaridas,  
 Ao róxo lyrio também.

Disse adeus ás madrugadas  
 Do mez fagueiro de abril;  
 Disse adeus ás meigas rosas,  
 Ás florestas de esmeril.

Disse adeus ás crenças de alma  
 E aos sonhos que a vida tem;  
 A virgem da loira trança  
 Não vai aos prados d'além.

Fugiu; deixou-me sósinho  
 D'aldeia a mais nivea flor!

Fugiu; deixou-me curtindo'  
No meu peito acerba dôr.

E erá formosa, innocente,  
Mais formosa, que ninguem!...  
A virgem da loira trança  
Não vai aos prados d'além.

Eu quizera agora vê-la,  
Qual n'outros tempos a vi;  
Quizera vê-la, as florinhas  
Colher nos prados aqui.

Quizera vê-la, adorando  
A madre-silva, a cecem...  
A virgem da loira trança  
Não vai aos prados d'além.

Muito tempo ha que a não vejo  
Ir dansar n'aquelle val,  
Mimosas flores levando  
No seu tão branco avental.

A' porta do seu casebre  
Já não a vejo tambem;  
A virgem da loira trança  
Não vai aos prados d'além,

Já não a vejo ir á fonte,  
A noite á luz do luar,  
Qual linda moira encantada  
Nas solidões a vagar!

Eu procuro-a nas collinas,  
Mas não vejo lá ninguem!..  
A virgem da loira trança  
Não vai aos prados d'além.

As outras não sabem d'ella  
E a mãe chora sem cessar;

Queria vê-la risonha  
Ao lado seu a lavar.

Não sei onde ella demora  
Nem sabe d'ella ninguem  
— A virgem da loira trança  
Não vai aos prados d'além.

Porto, 1 de setembro de 1867.

ALFREDO CARVALHAES.

## O CORAL.

Este animal, que aparentemente tomamos por um arbusto marinho (porque na extremidade de cada um dos ramos, que lhe guarnecem a haste, estão grupadas em ramalhetes pequenas excrescências, semelhantes a flôres) está hoje decidido pelos naturalistas, que é o ultimo na escala dos entes animaes: affirmam que esses ramalhetes não são senão uma multidão de pequenas cellulas, cheias d'uma substancia como gelêa; e dão-lhe o nome de pólypos.

A forma das habitações d'estes animaes parece, umas vezes um tecido leve, fino, e trabalhado como renda, e, outras vezes, largas folhas recortadas, e salidas da mesma haste.

Um pedaço de polypeiro destacado da massa produz outro novo, que cresce de tal sorte, que as vegetações acabam por formar, no fundo do mar bancos, em que as ancoras dos navios se embarçam, e quebram, sendo por isso perigosos para a navegação.

A esponja, de que todos os dias nos servimos, é uma especie de polypeiro.

DE SUSTENTACÃO DE CARVALHO E MELLO.

## VICTORIA D'ALJUBARROTA.

14 de Agosto de 1385.

De tantas batalhas pelejadas para a manutenção da independência nacional, foi certo a dos campos d'Aljubarrota, a que mais ennobrecou e affamou o valor dos portuguezes.

Quatro mil e oitocentos infantes, e mil e setecentos cavallos venceram a vinte e tres mil infantes e oito mil cavallos, commandados por seu proprio rei.

A ambição de Castella foi n'este dia prostrada de todo o ponto; e a independência de Portugal heroicamente firmada pelas valentes espadas de dois mancebos — el-rei D. João I, de vinte e seis annos d'idade, e o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de vinte e quatro — contra os mais antigos e experimentados capitães de Castella.

Dos monumentos e recordações que d'esta assombrosa victoria nos ficaram, já o tempo, e os homens... nos levaram (pelo menos) tres, a saber a procissão da cidade que n'este dia se fazia: a ermida de Nossa Senhora da Escada; e o formidavel caldeirão que existia no convento da Batalha.

Dentro em pouco não haverá sequer uma folhinha de porta que nol-a recorde...

No mesmo reinado, este dia de 14 de Agosto foi notavel, por outros dois successos. Trinta annos depois, em 1415, era por el-rei, acompanhado do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, conquistada aos mouros a bellicosa Ceuta, para lhe servir de joia principal na sua corôa de triumphos.

Dezoito annos mais tarde, em 1433, isto é, 48 annos depois da batalha d'Aljubarrota, entregava o monarcha, nos seus paços de Lisboa, a sua grande alma ao Creador.

O 14 de Agosto ficou para a patria — coroado de loiros da Europa, de palmas da Africa, e de ciprestes!

**As serpentes podem mamar nas Vacas?**

— Não obstante os numerosos factos que se cõntam por toda a parte em apoio d'esta possibilidade, está demonstrado o contrario.

Além d'outras razões, mostra-se que é impossivel com a seguinte: as serpentes teem dentes agudos, ácerados, curvos para a parte interior, e não podem desprender-se d'um corpo molle que tenha penetrado nas maxillas: em consequencia d'esta disposição dos dentes, a presa é ingulida inteira, desde o momento em que foi introduzida na bocca das serpentes; d'onde não pôde tornar a sahir.

---

**1867.**

**DOIS DE NOVEMBRO.**

Fieis! — ouvis do sino o triste som dobrando?  
Ao templo nos convida... aos mortos a oração!  
E' lei do Omnipotente aos vivos intimando!..  
Da Eternidade um brado echôa na amplidão!

Noss'alma em sonho vão, de trevas ou esplendores  
Disperta á immensa luz do eterno alvorecer:  
Vegeta em selva agreste, ou n'um vergel de flores;  
E só voando ao ceu, tem gloria — amor — viver.

D. ANTONIA PUSICH.

**CALEMBOURG.**

Uma senhora sahia para a missa, levando um calçado novo apertadissimo, que muito a mortificava. O seu cosinheiro aproximou-se d'ella, perguntando-lhe o que destinava para jantar. A senhora sem attendel-o, porque n'esse momento soffria uma dôr intensa, soltou esta expres-

são — ah ! sapatos ! — ah ! sapatos ! — batendo com o pé no chão. O cosinheiro não quiz ouvir mais nada, e foi occupar-se do seu mister. A senhora, encontrando para jantar sómente patos assados, perguntou a razão da extravagancia : ao que o sen cosinheiro respondeu muito socegadamente : — Quando v. ex.<sup>a</sup> sahia perguntei-lhe o que desejava para jantar, e v. ex.<sup>a</sup> respondeu-me : — *Assa patos = assa patos* —.

A senhora não teve outro remedio senão jantar n'esse dia sómente pato assado.

C. JUNIOR.

---

## AFFOGADOS :

### Prudencia com que deve fazer-se a verificação da morte.

O snr. *Denan* publicou no *Medical Press and Circular* um artigo, que mostra mais uma vez, com que prudencia deve fazer-se a verificação da morte nos affogados.

Foi elle chamado para visitar um affogado, que, havia pouco, tinha sido tirado do lago do *Regent's Park* ; e como, durante o caminho que decorria desde a sua casa até ao ponto em que se achava o infeliz, soubesse alguns pormenores a respeito d'este incidente, tratou d'examinar o alligado com o cuidado que o caso pedia.

Este individuo parecia perfeitamente morto. Deixou a sua habitação no gôso de perfeita saude, e havia caminhado sobre o gêlo, para tomar parte no divertimento geral. Era um dos que se encontravam proximos da beira do tanque, quando sobreveio a catastrophe. Tinha-se então debatido na agua por espaço de meia hora, submergindo-se depois, e conservando-se n'este estado por muitos minutos.

O corpo estava inchado e extremamente frio. Não havia respiração nem o mais fraco movimento do coração : as pupillas estavam dilatadas, as maxillas cerradas, os membros liertos, a ponto tal que, para se lhe tirar a roupa, foi necessario cortal-a : finalmente, a bôcca e as narinas estavam obstruidas por mucosidades espumosas.



O snr. *Denan*, depois de ter observado o que fica referido, mandou que collocassem este individuo em um plano inclinado de 35.º, e começou com o auxilio de dois homens que o tinham trazido a casa, a empregar os meios para fazer reaparecer pouco a pouco o calor. Friccionou a totalidade do tronco e dos membros, energica e rapidamente, com gèlo e neve, limpou a bocca e as aberturas do nariz ; e produziu a respiração artificial, segundo o methodo do snr. *Silvester*, prolongando este tratamento pelo espaço de mais de duas horas.

Depois de haver sido eliminada grande quantidade de mucosidades espumosas, manifestaram-se alguns ligeiros signaes de vida, mas tão fracos, que não deixaram conceber esperanças de o salvar.

Entretanto o assistente não desesperou, e mandou que o doente fosse envolvido em cobertores, e se lhe possessem botijas com agua quente junto aos pés, em quanto se lhe applicavam sinapismos no peito, e se lhe faziam fricções por baixo dos cobertores com flanella aquecida. Tudo isto lhe foi feito por espaço de tres quartos de hora, persistindo-se ao mesmo tempo em lhe fazer a respiração artificial.

Passado este lapso de tempo, tornaram-se manifestos os indicios decisivos do regresso dos signaes da vida : as maxillas começaram a abrir-se, e a respiração restabeleceu-se com mais facilidade. Esta tornou-se em seguida mais livre ainda, depois d'um vomito provocado por algumas collieres d'agua morna. O doente foi depois collocado em uma cama bem quente, onde se lhe forneceu immediatamente um pouco de chá bastante quente.

O snr. *Denan* termina a narração d'este facto, dizendo que a partir d'aquelle momento continuou o doente em progressivas melhoras, achando-se de todo restabelecido.

A. VIEIRA LOPES.



Os homens, como os polygonos, teem geralmente muitos angulos, faces ou lados.

MARQUEZ DE MARICÁ.

**Charada.**

Como poderei remar,  
 Se me falta o cabo ao remo?—1  
 Ai! sem d'ella ter abrigo  
 Quanto a fria quadra temo!—1

Olhe, póde me fiar  
 O que lhe venho pedir:  
 Que eu por mim tenho por brio  
 D'esta maneira cumprir.— 2

Tal a vida do homem! Brilha e foge  
 Com rapido clarão!  
 São momentos de luz, que offusca a vista,  
 E após a escuridão.

Braga 12 d'Outubro de 1867.

C. JUNIOR.

---

**INSTRUÇÃO PUBLICA.**

A base do governo representativo é a instrucção e sobre tudo a popular.

Sem ella as instituições nem se comprehendem nem se estimam. Cada fórmula politica vive de uma serie de idéas, que se devem tornar praticas e communs, para não haver lucta entre os que obedecem e executam. Em quanto o systema se não naturalisar no paiz a que é applicado, e os povos lhe não derem a sancção nacional, a sua existencia será enfezada e triste, o seu desenvolvimento penoso e incompleto. Os costumes legaes não se decretam da noute para a manhã; a affeição publica pelo novo regimen não se inventa n'uma portaria, e a cooperação dos subditos, indispensavel para a administração progredir, não póde existir ou ser efficaz, se elles não amarem o principio que devem auxiliar.

É o ensino quem vulgarisa as idéas, funda os costumes publicos, e interessa os povos no cumprimento da lei. Se a instrucção fôr atraz das instituições, hade chegar o momento em que ellas parem ou pouco adiantem. Ninguém construe sem materiaes. As reformas verdadeiras são aquellas que estão na experiencia e no convencimento geral antes que a lei as sancione. Quando as conveniencias moraes não são estudadas nem comprehendidas, quando os interesses phisicos sabem só que padecem, e nao o modo porque podem melhorar-se; quando enfim intelligencia collectiva depois de longo e doloroso noviciado por falta de direcção scientifica ignora a sua força, a sua acção, e os seus recursos, a idéa nova está em perigo, porque apenas tem por base um alicerce fragil. Duravel e grande é só aquillo na esphera moral que vive do amor, do interesse, e da razão geral.

A instrucção não se inventa tambem, não basta mesmo decretal-a, e assignar-lhe uma larga dotação. Duvidamos até da efficacia tão gibada do methodo coercitivo. A violencia eria sempre resistencias ou pelo menos repugnancias; e o ensino como todas as cousas humanas para se diffundir, depende de duas condições essenciaes: facilidade de tempo e de estudo, utilidade positiva ou premio do que aprende. A devoção litteraria não é regra é excepção rarissima.

De balde nas povoações ruraes, na parochia serrana, ou na aldeia de provincia pregarieis os prodigios do ensino; a resposta seria pelo menos tão logica como a homilia se lá chegasse. A terra não é nada sem o trabalho. No tempo consiste a nossa riqueza; dos braços dos filhos e dos parentes depende a vida da familia—como quereis que o dispensem horas e annos? O que nos daes em recompensa? Uma habilitação esteril, uma capacidade inactiva, uma promessa vaga e sem realidade? As honras dos cargos electivos gratuitos; o salario miseravel da escola rural? Não valem o sacrificio. Todas as vezes que o ensino não abrir uma carreira ao que estuda ou na vida publica ou nas profissões e artes industriaes—o ensino passará pelos povos ou ignorado ou aborrecido; ao livro hão-de antepor a enchada—porque o primeiro roubá-lhe tempo e capital sem proveito; e a segunda, se os não faz

ditos, ao menos não os deixa morrer mendigos. Não ha ensino possível sem direito correlativo, sem vantagem pratica.

Já se vê pois, que o estímulo e a esperança da instrucção reside em uma lei de habilitaçõs para uns, e em cursos praticos de applicaçõs para outros. O estudo é um adiantamento de capital e de tempo ; e estes nunca se sacrificam sem a certeza de indemnisação. Em qualquer gráu de ensino não se espere colher fructo antes de ter posto a utilidade diante do trabalho. A razão collectiva não aceita idilios como realidades ; o operario e o lavrador não se sustentam de louros. Reconhecem uma ou outra vez o proveito do estudo, porém a sua consciencia diz-lhes que primeiro que tudo *devem viver* ! E é a essa lei, a esse dever do homem e da familia que elles sobre tudo obdecem.

«L. A. REBELLO DA SILVA.»

---

## D. SEBASTIÃO.

«E D. Sebastião virá montado no seu  
cavallo branco de batalha n'um dia de  
nevoa cerrada.»

(TRADICÇÃO POPULAR.)

Nos campos d'Alcacer batalha famosa  
De crentes e mouros tremenda se deu ;  
De setta raivada na lucta afanosa,  
O rei lusitano na plaga morreu.

Quem póde no peito dizer a saudade,  
Esquece dos bravos façanhas leaes,  
Talvez que não tenha sequer piedade,  
De vêr abatidas as quinas reaes.

Monarcha mancebo, ousado e valente,  
Lembrou-se d'Arzilla, de Ceuta, e de Fez :  
Soldado de Christo lembrou-lhe na mente,  
Vencer resolute, morrer portuguez.

Que rija contenda nos campos se atea!  
 Tornou-se a batalha matança geral.  
 Vencido na lucta, fundido na areia,  
 Perderam-se as joias do sceptro real.

Do Deus das batalhas decretos divinos,  
 Quem inda até hoje mostrou sabedor!  
 Palavras dos homens não são mais que os hymnos,  
 Que a terra levanta p'ro seu creador.

Partiram-se todos; a crença os iuspira.  
 Na lucta travada por si — pela fé,  
 Glorias d'Ourique, luctando as aspira,  
 Quem menos que Affonso por certo não é.

As quinas frustradas lá rojam por terra,  
 Lá fica abatido do reino o pendão:  
 De tantas antigas glorias que encerra  
 Lá ficam sepultas n'um avido chão.

O povo singello nas crenças herdadas  
 Do rei a memoria nos peitos sagrou;  
 E crê que d'Alcacer, nas trevas cerradas,  
 O rei lusitano da morte escapou.

Espera ainda vê-lo com rija armadura  
 Escapou por graça d'amor divinal,  
 Trazer ao seu reino, da paz a ventura,  
 Entrar triumphante no seu Portugal.

Em dia de nevoa escura e cerrada,  
 Montado com garbo virá o bom rei,  
 Que tem n'uma ilha, com vida encantada  
 Isempto, affrontado dos mortos a lei.

Mas quando elle venhá salvar-nos sem medo.  
 Ninguém, sem mentira, talvez o dirá;  
 Não só por ser grande, niui grande segredo,  
 Mas por não saberem d'onde elle virá.

## DESCRIÇÃO DO CÉU.

A terra que habitamos é um globo quasi espherico, que tem de circumferencia 40:000 kilometros, e de diametro medio 12:732 kilometros. Gira em volta do seu *eixo* em 23 horas, 56 minutos e 4 segundos, e em volta do sol no espaço de 365 dias e  $1/4$ , ou um anno.

Chama-se *eixo* o diametro em volta do qual se opera a revolução diurna; as extremidades do eixo são os *polos*. A revolução annual effeita-se n'uma curva plana, que é uma ellipse chamada *ecliptica*. O sol occupa um foco d'esta ellipse. A inclinação do eixo da terra com o da ecliptica é proxivamente de  $23^{\circ} 27' 37''$ . O pólo mais visinho da Europa é o pólo *norte*; o outro é o pólo *sul*. Um observador, collocado na linha do eixo, e tendo o *norte* por cima da cabeça e o *sul* aos pés, teria o *orient*e á esquerda e o *occidente* á direita. A terra faz parte d'um systema de corpos entre os quaes o sol occupa approximadamente o centro; e gyram todos em volta d'este astro e sobre si mesmos. Esses corpos apresentam numerosas analogias com a terra; e são, a partir do sol, *Mercurio, Venus, Terra, Marte, Juno, Ceres, Pallas, Vesta, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno*.

Além d'estes *planetas*, ha os *satellites*, que gyram em volta d'um planeta principal. A terra é acompanhada no seu movimento de translação pela *lua* que gyra sobre si mesma e em volta da terra. Jupiter tem quatro luas ou satellites; Saturno, sete e além d'isso um anel: Urano tem seis satellites, e Neptuno, um anel como Saturno.

Em volta do sol movem-se innumeraveis cometas. Differem essencialmente dos planetas, por atravessarem o espaço em todos os sentidos, seguindo curvas ou *orbitas* excessivamente allongadas; ao passo que as orbitas planetarias são ellipticas, quasi circulares, muito pouco inclinadas sobre a ecliptica; e os movimentos operam-se constantemente no mesmo sentido, d'occidente para oriente, da mesma maneira que as rotações sobre o eixo.

Numerosos *asteroides* (planetas extremamente pequenos) cuja natureza e movimentos são pouco conhecidos,

occupam lugar no espaço entre Marte e Jupiter : e d'anno em anno se vão descobrindo novos asteroides.

As *estrellas* estão separadas de nós por espantosas distancias. Posto que a luz que nos enviam percorra mais de 300:000 kilometros por segundo, essa luz não gasta menos de 9 a 10 annos em chegar a nós, partindo das *estrellas* mais proximas; e não pôde duvidar-se de que haja outras cuja luz para chegar até nós gaste 100 annos, 1:000, e talvez mais.

Uma comparação familiar, devida a Herschel, dará uma ideia muito approximada das diversas proporções da parte do mundo que nos cerca. Imaginemos um plano bem liso, no centro do qual colloquemos um globo de 60 centimetros de diametro, uma melancia por exemplo, para representar o sol; Mercurio será figurado por um grão de mostarda, girando n'uma circumferencia a 24 metros de distancia do centro do colosso central; Venus sera representado por uma pequena ervilha n'uma circumferencia de 44 metros; a terra por outra ervilha um pouco maior, n'uma circumferencia a 61 metros; Marte por uma cabeça grande de alfinete, a 93 metros; Jupiter, Cêres, Pallas e Vesta por grãos de areia, a distancias de 143 a 169 metros; Jupiter por uma laranja mediana, n'uma orbita de 117 metros de raio; Saturno por uma laranja pequenina, a 582 metros; Urano por uma cereja grande, a 1:170 metros proximaente. (Neptuno era-lhe ainda desconhecido.) Pelo que diz respeito aos cometas, no momento em que elles estão visinhos do sol e dos planetas, produziriam n'este quadro, umas vezes, o effeito d'uma leve penna transportada pelo vento, outras um floco de fumo perdendo-se no espaço. Reduzindo-se na mesma proporção todo o universo; seria preciso andar-se pelo menos 40:000 kilometros (8:000 leguas) em todos os sentidos, antes d'encontrarmos a estrella mais proxima do mesmo ponto central.



O pejo é a côr e a gala de que a virtude se veste.

DIóGENES.

## O LÍRIO.

A Alfredo Campos.

Meu Deus, perdão ! — Em hora malfadada  
 cortei o casto lírio ;  
 e a pobre victima do meu delirio,  
 eil-a no chão prostrada.

Ai ! como os seios d'alma me lacera  
 lembrar-me dos fulgores,  
 que uniam a mais linda d'entre as flores  
 ao sol da primavera !

E eu — impio — fui quebrar o doce incanto  
 que o lírio ao sol prendia ;  
 Sem dó fui enductar essa alegria,  
 e convertel-a em pranto.

Lembra-me o prado, aonde tão felizes  
 as aves pipilavam  
 em torno ao branco lírio, que cercavam  
 gentis, verdes tapizes.

Mas calaram-se as aves, quando o lírio  
 viram na haste ferido ;  
 e o deserto canteiro está vestido  
 das côres do martirio . . .

Se da alvorada o fulgido rocío  
 o lírio prateava,  
 o lírio em seu hastil se baloiçava  
 das auras ao cício.

Attrairam-me as per'las! . . . Do canteiro  
 roubei o santo cofre ;  
 e ao tocal-o, rolou por terra o aljofre  
 do lírio feiticheiro.



Quando quebrei a urna preciosa  
 de aroma inebriante,  
 não caiu fulminada nesse instante  
 a mão do impio Oza!..

Perdão, meu Deus! — manchei n'um desvario  
 pétalas tão mimosas;  
 mas d'estes olhos jorram copiosas  
 as lagrimas em fio.

Se já não posso dar alento e incanto  
 a flor que se definha,  
 Dai-me, Senhor, que eu lave a culpa minha  
 nas aguas do meu pranto.

Lobão, 1866.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

---

### UM DUELLO DE CETACEOS.

Ha alguns annos, fallou-se d'uma enorme baleia de 23 metros de comprimento, achada no mar e levada para Nybster, a 20 kilometros de Wick, onde foi comprada por Peter Davidson. Demonstrou-se que devia ter morrido na vespéra, em consequencia d'um combate com outro monstro marinho.

A peleja travada a 2:500 metros da praia, teve numerosos pescadores por testemunhas.

Tão sanguinolento como prolongado, este duello foi tanto mais interessante, quanto é raro haver occasião de presenciar combates semelhantes. Offrece uma curiosa particularidade da vida dos grandes animaes do mar, que, á semelhança dos da terra nem sempre vivem em boa harmonia.

E' para sentir o não saber-se se os combatentes eram cetaceos da mesma especie.

Os dois monstros, em varios recontros, descarregaram golpes tremendos com as cabeças e com as caudas. A agua, violentamente agitada espadanava a grande altu-

ra. Apòs incarniçada luta, ambas as baleias batteram em retirada por grande espaço, e, depois de retomarem folego, voltaram de novo á carga, com a velocidade de uma locomotiva de 80 a 100 kilometros por hora.

Então, foi terribilissimo o choque, e a principio ficaram aturdidos os dois monstros. Decorridos instantes, recommçou a luta corpo a corpo : erguiam-se no dorso das ondas, dando saltos de 6 a 9 metros, embatendo outra vez com immensa furia.

A grande distancia, o mar estava todo tincto de sangue. Os outros animaes conservavam-se longe do combate ; as proprias aves não ousavam aproximar-se.

Durou tres horas a luta : um dos cetaceos ficou sem movimento, e o outro afastou-se, ganhando o largo. Na manhã do dia seguinte, ás quatro horas, foi achada uma balea morta, a pouca distancia d'aquelle sitio. As numerosas feridas e as maxillas despedaçadas não deixavam duvida de que fosse um dos combatentes da vespera. Era facil reconhecer que a vida o abandonára pouco tempo antes.



## MYSTERIOS.

Olha, Lelia ; aquella estrella  
É a mais viva, a mais bella  
De quantas o espaço tem ;  
Mas quem sabe com certeza  
Se a luz, que lá brilha accesa  
É sua, se do sol vem ?

Tambem eu saber quizera,  
Se mentira ou verdade era  
De teus olhos a expressão ;  
Mas nem do astro o brilho incerto,  
Nem os teus olhos por certo  
Taes arcanos me dirão.

Sonda os mysterios da estrella,  
 Que é a mais viva, a mais bella  
 De quantas o espaço tem ;  
 Que eu, entre a esperança e o medo,  
 Dos teus olhos o segredo  
 Fico sondando tambem.

F. MARTINS.

---

## AS CARICIAS DA FAMILIA.

As nossas afeições, ainda as mais fortes, parecem ter necessidade de ser reanimadas por manifestações exteriores ; e por isso as caricias excitam mais vivamente a ternura, que nos leva a prodigá-las.

A criança meiga é mais amada de seus paes e tem-lhes mais amor, porque desperta mais a afeição no coração d'elles e no seu. A idade apaga insensivelmente este costume : depois de crescidos temos vergonha da ingenuidade das nossas expansões ; não conhecemos que a frieza exterior, de que então nos envolvemos, bem de pressa nos passa ao coração.

D'ahi, algumas vezes, a indiferença, que se estabelece entre os membros d'uma familia ; d'ahi esta desafeição reciproca, que os separa, no meio da vida e os torna uns aos outros, senão hostis, estranhos.

Indague-se bem e ver-se-ha que no primeiro dia, em que nos esquece abraçar pela manhã os paes ou os irmãos começamos a amal-os menos.

A' força de supprimir a expressão d'uma emoção, o homem deixa de a sentir ; pelo contrario a manifestação apparente d'um sentimento entretem-o, excita-o, exalta-o, do mesmo modo que o exercicio do corpo o torna mais forte e mais agil, do mesmo modo que o uso da palavra augmenta a energia do espirito. A perda do habito que a infancia tem de acariciar é uma grande desgraça nos nossos costumes, porque é uma das causas que mais contribue para destruir a afeição da familia, que é de todas a mais doce, a mais segura, e a mais constantemente benéfica.

## ARREPENDIMENTO.

Dous beijos furtados  
 Que gosto não tem !  
 Mas por eu furta-los  
 Comigo arrufou-se  
 Lucinda, o meu bem.

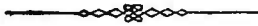
Cobriram-lhe as faces,  
 Do pejo o rubor ;  
 Oh ! era tão linda,  
 Tornou-se tão bella  
 Com a tyria côr !..

Mas, ai ! quanto sinto  
 Haver-lhos furtado !  
 Não quizera vel-a  
 Comigo indisposta,  
 Soffrer seu enfado.

Se acazo eu podéra  
 A culpa remira ;  
 Se me perdoára,  
 Os beijos furtados  
 Lhe restituira.

Braga 12 de Outubro 1867.

G. JUNIOR.



## QUANTIDADE DE SAL CONTIDA NO MAR.

Schaffhault avalia a quantidade de sal commum, contida em todos os mares, em 5:651:100 kilometros cubicos, isto é, 5 vezes mais que a massa dos Alpes.

O sulfato de soda equivale a 1:173:500 kilometros cubicos—proximamente a massa dos Alpes.—O chlorureto de magnesio é 818:200 kilometros cubicos; e os saes de cal, de 202:500 kilometros.

Suppõe que a profundidade média do mar é proxima-mente de 3:000 metros, conforme a avaliação de Humboldt.

Se admittirmos, como Laplace, que esta profundidade é de 7 a 8:000 metros, a massa de sal do mar será maior que o duplo da massa do Himalaia.



### SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS BASILICA, EGREJA E CATHEDRAL.

Gregorio de Tours, que viveu nos fins do seculo XVI, e os escriptores do seu tempo dão sempre qualificação de *basilicas* aos edificios de fundação real, consagrados ao culto christão. *Basilica* vem da palavra grega *basilicos*, real.

A palavra egreja (formada da palavra *ecclesia*, as semblea) era só empregada para significar a reunião dos fieis, a reunião do clero e do povo.

Actualmente dá-se o nome da *basilica* a algumas egrejas principaes, S. Pedro de Roma por exemplo.

Chama-se *cathedral* (formada da palavra *cathedros*, cadeira) a principal egreja d'uma diocese, onde está destinada uma cadeira para o Bispo ou Arcebispo.



### UMA ARVORE PRECIOSA.

Uma das mais preciosas arvores conhecidas é uma especie de palmeira, chamada *Carnaúba*, a qual dá 11 productos differentes : cera com que se fabricam vellas ; café proveniente do fructo torrado d'esta arvore ; estofos, chapeos, tranças, esteiras, e cordas, provenientes dos filamentos ; e objectos de madeira, cofres, etc.



O louvor acha incredulos, a maledicencia muitos cren-tes.

\* \* \*

## PARA RECITAR AO PIANO.

## RECORDAÇÃO.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Foi n'uma tarde<br/>De serena<br/>Amena<br/>Primavera:<br/>Era<br/>Ao sol posto então.<br/>Entre outras bellas<br/>Tu brincavas,<br/>Davas<br/>A' tu'alma<br/>Calma<br/>Alegre expansão.</p> <p>Airosa, esbelta<br/>Ostentando<br/>Brando,<br/>Sobre a alvura<br/>Pura<br/>Da téz, o rubôr,<br/>Vi-te radiante,<br/>Como a estrella<br/>Bella,<br/>Que annuncia<br/>O dia,<br/>De celeste albôr.</p> <p>Era de fada<br/>Teu perfeito<br/>Aspeito !...<br/>Tal magia<br/>Havia<br/>Em teu meigo olhar !...<br/>Que fiquei preso<br/>D'esse encanto !...</p> | <p>Tanto,<br/>Que te via,<br/>E cria<br/>Illusão... sonhar !...</p> <p>E amei-te Julia,<br/>Com transporte !...<br/>Forte<br/>Das immensas<br/>Crenças,<br/>Que por ti senti...<br/>Tanto, que a vida<br/>Te daria,<br/>Um dia,<br/>Se pedidá,<br/>Q'rida,<br/>Me fôra por ti.</p> <p>E tu, corando,<br/>De meu peito<br/>o preto<br/>Aceitaste ;...<br/>E olhaste<br/>Com amor p'ramim.<br/>Pousada a dextra<br/>Sobre o seio,<br/>O anceoio<br/>Pertendias,<br/>Q'rias<br/>Dominar por fim....</p> <p>Mas foi de balde !<br/>Que uma nota</p> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Ignota  
Desferira  
A lyra  
Mystica d'amor !  
Gerando n'alma,  
De surpresa  
Presa,  
Esse enleio  
Cheio  
De graça e pudor!...  
.....

Ó Julia bella,  
Que risonhos  
Sonhos  
De ventura  
Pura  
Sonhamos depois !...  
Lembra-te ainda ?  
Seductoras  
Horas,  
Entre affagos  
Magos,  
Gosamos os dois !... .

1865.

Hoje esse enlevo  
Tão jocundo,  
E fundo,  
Jaz desfeito !  
Efeito  
D'um capricho teu !...  
Mas inda sintó  
Que te adoro...  
E choro  
Os ditosos  
Gosos  
Q'esta alma perdeu.

Embora murcha  
Tenha n'alma  
A palma,  
Que me deste  
D'este  
Fugitivo amor ;  
Lembrar-me sempre  
Com saudade,  
Oh ! hade l'  
D'essa vida  
Q'rida  
O magico ardor.

G. H. D'ANDRADE.

---

**BETRATO E TOILETTE D'UMA BELLEZA DE  
JAVA, POR UM POETA DO PAIZ.**

Os dentes são negros, brilhantes e bem dispostos; os labios da côr da casca do *mangoustan* (vermilhão escuro); os sobrolhos parecem duas folhas da arvore *imbo*; os olhos são scintillantes, e o nariz aquilino. A pelle é d'um amarello seductor; os braços semelham um arco; os dedos, longos e flexiveis parecem espinhos; as unhas pare-

cem perolas.—O pé é chato ; o andar magestoso como o do elephante.

Esta deidade tinha um *chindipatola* verde com um cinto d'oiro ; um anel, producção do mar ; os brincos eram rubis e diamantes, engastados em esmeraldas ; o alfinete que lhe prendia os cabellos era d'oiro ; o collar eram sete pedras preciosas.

Estava coberta de esmeraldas e rubis.

Estava perfumada de modo que não era possível distinguir nenhum dos perfumes.

---

## VOZES DA MUZICA.

No hymno feito a S. João Baptista por Paulo Diacono, achou com felicidade, o monge Guido Aretino, pelos annos de 1030, as seis vozes da Musica.

Até então estavam incognitas por modo acrostico, como aqui se vê :

*Ut queant laxis  
Resonare fibris  
Mira gestorum  
Famuli tuorum  
Solve polluti  
Labyrinthum.*

ABBADE DE CASTRO.

---

## UM PHANTASMA.

Que paz tranquilla ! mas eis longe, ao longe,  
Funeria campa com fragor rangeu.....  
Branco phantasma, semelhando um monge,  
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

SOARES DE PASSOS.

### I

Éra alta noite, mas noite sombria,  
D'aquellas tão negras que fazem tremer ;



O vento soprava tão rijo, tão forte,  
Que os robles gigantes fazia gemer !

O már impolado bramia em seu leito,  
E as ondas com furia nas fragas quebravam;  
Nos altos cyprestes, tão negros, tão tristes,  
Sinistros gemidos os mochos piavam.

Na estancia dos mortos silencio profundo,  
E a lua entre nvens nas campas sorri ;  
Rugia raivoza lá fora a tormenta,  
Bonança e socego moravam alli.

Alli, onde a louza cobrindo o cadaver,  
Lhe esconde este mundo, seus mil vendavais ;  
Alli, onde os échos de horrivel perjurio  
E a voz da lisonja não chegam jámais . . . .

Alli, onde findam sorrisos e prantos,  
Vicosas esp'ranças e amargo soffrer . . . .  
Alli ha repouso, que a torpe cobiça  
As portas da morte não ousa bater !

Repouso ! . . . Quem sabe mysterios da campa ?  
Segredos que encerra, quem vae decifrar ?  
Quem sabe se o affecto que em chammas crepita  
No gelo da campa se póde apagar ? . . .

## II

Soou meia noite, e o vento acalmou-se !  
No már aquietou-se o embate fremente,  
Qual livido enfermo que luta c'ó a morte,  
E frio cadaver ficou de repente.

Soou meia noite, e ao pé d'um cypreste  
Dos seios da terra um vulto se erguen ! . . . .  
Então n'esse instante rasgaram-se as nvens,  
E a lua formosa brilhante appar'ceu ! . . .

Mulher ou phantasma vestido de branco  
Saiu do sepulchro, tentou caminhar ;

Na fronte inda bella, mas pallida e triste,  
Batia-lhe em cheio o fulgôr do luar.

## III

Por sobre as campas estendeu a vista  
Fundo suspiro lhe escapou então ;  
A fronte exhausta que orvalhava o pranto  
Pendeu-lhe triste na mirrada mão !

Ergueu-a a custo, e fitando a lua  
Em voz sumida murmurou assim :  
—Oh ! como todos nas geladas campas  
—Dormem tranquilos em redôr de mim !

—Só eu não posso encontrar repouso  
—Nem aqui mesmo n'este frio pó !  
—A meus gemidos de pungente angustia,  
—Um écho friste me responde só . . .

—Já vezes doze a gelada noite  
—Seu negro manto estendeu aqui,  
—Desde que a morte terminou meus dias  
—E a este leito sepulchral desci.

—Paes extremosos que deixei na terra,  
—Soffrendo tristes e pungentes dôres,  
—Sobre esta campá que me esconde ao mundo  
—Desfolham murchas, desbotadas flores.

—Singela coroa que perpetuas formam  
—Pende (bem dita !) d'esta cruz sagrada.  
—Tambem, Amelia, minha terna amiga,  
—Da pobre Elisa ainda estás lembrada ?

—E elle, meu Deus, o perjuro, o ingrato  
—Esqueceu logo nosso ardente amor !  
—A casta chamma d'este affecto puro,  
—Sopro de morte lhe esfriou o ardôr.

—No peito d'elle, que no meu scintilla,  
—Da campá o gelo lhe avivou o ardôr ;

—Elle olvidou-me, mal perdi a vida, ¶  
 —Eu, inda morta, lhe consagro amôr.

—Formosa lua, que nos céus desdobras  
 De luz teu manto, como um vén mupcial,  
 —Só tu guardavas em teu brando seio  
 —Castos suspiros d'este amôr fatal.

—Só tu. . . .—E a voz se lhe extinguiu soltando  
 Rouco soluço de cruel paixão!  
 Qual branco lirio que pendesse murcho,  
 Assim a fronte lhe pendia ao chão.

E quando a aurora desdobrava apenas  
 Seu farto manto de rosada côr,  
 Na campa aberta se escondeu de novo  
 Esse phantasma de sinistro alvôr.

Veiga do Lilla, Agosto de 1864.

D. EPIGENIA DO CARVALHAL SOUZA TELLES.



## Estrellas de differentes grandezas.

As estrellas são de ordinario classificadas conforme o seu brilho apparente, ao qual se dá o nome de *grandeza*. As estrellas menos brilhantes são designadas pelos numeros menos elevados. Em circumstancias ainda as mais favoraveis só podem ser vistas a olho nú as estrellas das 6 ou 7 primeiras grandezas. Com o auxilio porém dos telescopios, consegue-se muito mais, e um observador exercitado conta as estrellas até á decima-sexta grandeza.

As estrellas de primeira grandeza, segundo Littrow, são 14; as de segunda 70; as de terceira 300; as estrellas visiveis a olho nú, quer dizer, comprehendidas nas primeiras 6 classes, são pouco mais ou menos 3:000; as estrellas das primeiras 9 ou 10 classes attingem o numero de 70:000.

Estas grandezas manifestam-se unicamente pela intensidade, e não por um diametro apparente qualquer. Deves também notar-se que, quanto mais perfeito for o telescópio empregado, tanto mais a estrella tende a reduzir-se a um simples ponto brilhante, que uma teia d'aranha eclipsa totalmente. Os astrónomos não estão d'accòrdo ácerca da lei das intensidades luminosas, mas reconhecem que esta lei se aproxima d'uma progressão geometrica, em que cada termo é metade do precedente.

---

### LEGISLAÇÃO DOS EGYPCIOS.

Na origem dos povos e das legislações, são os egypcios o ponto de partida. Envolve este estudo dupla obscuridade, proveniente da distancia dos tempos, e do mysterioso das fórmulas usadas n'esta nação.

Havia uma divisão de tres classes principaes de pessoas. Uma representava a intelligencia, era a classe sacerdotal; legislava, interpretava as leis, conservava-as em deposito, e occultava a todas as vistas os livros da sciencia. A segunda representava a força, era a classe militar. A terceira representava a materia, era o povo ou vulgo. A terra estava dividida também em harmonia com a separação das pessoas.

Bossuet, a respeito das leis do Egypto, formulou o seguinte juízo: «As leis eram simples e cheias d'equidade...; marcavam a cada um a sua profissão, a qual se perpetuava de paes a filhos, invariavelmente. Os padres e os militares eram considerados com honras particulares. A profissão da guerra passava de paes a filhos como as outras, e depois das familias sacerdotaes, as que se tinham em maior consideração eram as que se destinavam ás armas.»

---

*Sei* — é a divisa de um ignorante pretencioso: — *Não sei* — a de um tolo: — *Sei que nada sei* — a de um sábio.

## POESIA.

Oração ! Vez do céu, que nos vens segredar  
 que está longe de nós a patria a que aspiramos !  
 Empyreca viração, que nos vens orvalhar  
 co' o pranto da esperança a dôr que suportamos !

O coração das mães é o sanctuario teu ;  
 o infante, o passarinho, a brisa, os teus antistites !  
 Cantico universal, que só entende o ceu,  
 remonta em vozes mil, jubilosas, ou tristes !

Oh murmurio celeste ! Ao cenobita dá  
 que, esquecido de si, vibrando harpa sonora,  
 em teu mysterio absorto, ao throno de Jehovah  
 o espirito exalçando, em benções rômpa agora !

[LAMARTINE, JOCELIN.]

Traducção de D. Maria J. S. Canuto.

---

 AMPHITHEATROS.

Caio Scribonio Curio foi o primeiro que mandou construir, em Roma, um *amphitheatro*, para os espectaculos que deu ao povo por occasião das exequias de seu pae. Fez construir dois theatros de madeira, encostados um ao outro, os quaes depois da representação, podiam mover-se com todos os espectadores ; de modo que tirando o scenario, os dois theatros formavam um amphitheatro onde se faziam os jogos. O primeiro *theatro* permanente e de pedra foi mandado edificar por Pompeu : antes d'elle estas especies d'edificios, posto que immensos e muito bem adornados, não eram construidos senão para um tempo muito limitado ; mas apesar d'isso o de Scauro podia conter 80:000 espectadores.

Em Fidénes, no reinado de Tiberio, desmoronou-se um grande amphitheatro de madeira que enguliu nada menos de 50:000 pessoas. O maior amphitheatro de Roma e do mundo é o Coliseu, imaginado por Augusto, começado

por Vespasiano, acabado por Tito, e cujas ruínas, ainda hoje excitam a admiração. Cento e nove mil espectadores podiam allí vêr, á vontade, os combates da arêna, e em seguida, no mesmo recinto, que se inundava quando se queria, as naumachias. Entre os monumentos d'esta ordem os mais magníficos que ainda hoje existem de pé, são: o de *Pola*, na Istria, o de *Hipella*, na Hispanha, e os de *Nîmes*, de *Fréjus*, de *Saintes*, d'*Autun*, d'*Arles* etc., em França.

---

## MARÉS.

O nível dos mares está sujeito a mudanças ou oscillações regulares, devidas á attracção do sol e da lua; a influencia d'este ultimo astro é, na opinião de Laplace, tres vezes maior que a do primeiro.

O mar abaixa-se e eleva-se 2 vezes por dia.

Nas primeiras 6 horas o mar sóbe, é o *fluxo*; e quando tem attingido o seu nível mais elevado, chama-se-lhe *prea-mar*. Depois desce, é o *refluxo*, e attinge o seu ponto mais baixo conhecido com o nome de *baixa-mar*.

As marés correspondem ás passagens da lua pelos meridianos superiores e inferiores; assim, durante o curso d'um dia lunar de 24 h. 50 m. ha sempre duas. O *prea-mar* vem cada dia 50 minutos mais tarde que a precedente. Assim, se no primeiro dia teve logar ás 11 horas, no segundo será ás 11 e 50 minutos.

As marés mais fortes dão-se na epocha da lua cheia e da lua nova; as mais pequenas na das quadraturas. A altura das marés é proporcional á distancia do sol e da lua, em relação á terra e á declinação d'estes dois astros.

Circunstancias locais dependentes da configuração dos mares, mudam completamente a hora das marés, que muitas vezes é differente em dois portos visinhos.

O intervallo de tempo que separa o momento da *prea-mar* do da passagem da *nova* lua pelo meridiano chama-se o *establecimento do porto*. E' segundo este elemento que se calculam todas as marés do anno. (v. primeira parte, p. 57 e 58).

## O OURO.

Aureo metal! que mysterios  
 Encerra esse brilho teu?  
 Tem-se visto altos imperios  
 Curvarem-te o collo seu!—  
 Rival de todos os santos,  
 Os teus milagres são tantos  
 Que os homens fazem pasmar!  
 Tornas loucos os prudentes,  
 Dás sensatez aos dementes,  
 Pódes o mundo virar!

Mil parvos fazes doutores,  
 Honrosos premios lhes dás;  
 E na lide dos amores  
 Tornas um velho rapaz!  
 A moça feia, estouvada,  
 Por ti, bella e concertada,  
 Inspira aos homens paixão;  
 Nem já lhe feita um marido  
 Que, só por ti seduzido,  
 Queira dar-lhe o coração!

Protector do negro crime,  
 Dando ao perverso o trophéo,  
 Torces a lei como um vime,  
 D'um juiz fazes um réo!  
 Concedes ao criminoso  
 Que alegre viva, e ditoso  
 D'este mundo goze o hem;  
 Dás-lhe homenagens e preitos,  
 E a seus pés dobras, sujeitos,  
 Os que virtude só teem!

Da aldeia mais desgraçada  
 Vaes tirar o mais peão,  
 Dás-lhe camisa lavada  
 E fazes d'elle um barão!  
 As sandices que vomita,

Dando uma graça infinita,  
 Dás-lhe elegancia e poder ;  
 Suppres-lhe 'o engenho e juizo,  
 Em tudo o tornas preciso,  
 Dás-lhe a virtude e o saber !

Transformas um mau soldado,  
 Dentro em pouco, em marechal ;  
 De valente e denodado  
 Lhe dás fama sem egual !  
 De *fitas* lhe enches o peito,  
 E a tributar-lhe preito  
 Obrigas quem tem valor ;  
 Dás-lhe grandezas e gloria,  
 Seu nome levas á historia,  
 Seus filhos ao esplendor !

Das más linguas e dos prelos  
 Abafar sabes a voz ;  
 Somes autos e libellos,  
 Escondes o crime atroz ;  
 Ao illicito negocio  
 Conduzes os que, no ocio,  
 Pretendem gosar-te em paz ;  
 E do receio os soccgas,  
 Porque por teu brilho cegas  
 A vista mais perspicaz . .

Mettes em coches doirados,  
 Com grandeza, a deslumbrar,  
 Muitos que só enfeitados,  
 Podiam na taboa andar !  
 Léval-os ao baile e á festa,  
 Onde cada falla attesta  
 Sua ignobil condição ;  
 Onde ás vezes são servidos  
 Por homens bem mais polidos,  
 De mais fina educação !

Ao que é mau dás sempre geito,  
 Ao que o tem vaes-lh'o tirar ;



Fazes do torto direito,  
 Sem ninguem te guerrear !  
 Do direito fazes torto,  
 E ás vezes dás falla ao morto,  
 P'ra te ser inda fiel ! —  
 De ti, só eu tenho queixas !  
 Foges-me — hem que me deixas  
 A penna — a tinta e o papel !

«FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.»

---

## A ROSA.

Em todos os tempos, e por todos os povos a rosa tem sido considerada como a rainha das flores. Os gregos consagravam-na a Venus.

A rosa, diz a fabula, a principio era branca ; foi colorida pelo sangue de Adonis, ou de Cupido ou de Venus, a quem um espinho feriu.

E' tambem attribuida a Baccho a origem d'esta flor.

Gessner diz :

Baccho despejou o copo, depois sorriu, e tornou a contar de que modo elle fez nascer a rosa :

«Uma vez hia eu atraz de certa nymphá a vêr se lhe dava um beijo ; a bella fugitiva corria com pés de sylpho, por sobre as flores, mas olhava para traz a vêr se a seguia. Ria com malicia vendo-me cambalear, e perseguil-a com passos mal seguros.

«Por Stige! nunca a teria pilhado, se uma silva se lhe não prendesse no vestido. Encantado, approximei-me : bella, eu lhe disse, não te assustes tanto ; sou Baccho, deus do vinho, deus da alegria, que nunca envelhece. Ella então cheia de respeito deixou que a beijasse.

«Para mostrar o meu reconhecimento á silva, toquei-lhe com a minha varinha, e ordenei que se cobrisse de flores, cuja côr imitasse o lindo rubor da bella. Ordenei, e a rosa nasceu.»

A rosa é o symbolo da belleza e da graça. A rosa

branca é o emblema da virgindade e da innocencia ; a rosa vermelha o emblema do amor ; a rosa de todo o anno o symbolo da belleza ; a rosa de musgo o da esperanza do prazer ; a rosa de cem folhas o emblema das Graças. É tambem considerada o symbolo dos prazeres ephemeros da vida.

No estado silvestre, a corolla da rosa tem apenas cinco petalas : é só pela cultura que se obtem esse numero consideravel. que faz a belleza d'esta flor.

Os antigos cultivavam com desvello as rosas ; com ellas compunham os seus perfumes, e formavam coroas ; com ellas ornavam os carros triumphaes, juncavam o leito nupcial, cobriam as urnas funerarias e os tumulos.



### RESIGNA-TE.

Se viço e graças dos teus bellos annos  
Passaram para as faces de teus filhos,  
Vencer não tentes invenciveis danos  
Do tempo que desluz fingidos brilhos.

Renasce aos dons do espirito, — á belleza,  
A' formusura eterna — Canta e chora  
Na lyra da saudade á infancia presa  
A flor em fructo convertida agora.

Pranteia na harpa triste os dias idos  
Em sonhos que prazer se figuravam,  
Mas que monta o chorar? ai! são perdidos  
Como as folhas do outomno que murcharam.

1867.

C. CASTELLO-BRANCO.



## ESTATISTICA DE LONDRES.

O ultimo recenseamento feito em Londres appresenta uma população de 2;803:034 almas. A media dos fallecimentos por semana é 1:300 ; a dos nascimentos 1:800. O numero das casas habitadas é de 378:000, o das egrejas e capellas 852 ; hospitaes e asylos 100 ; prisões 14 ; museus 31, theatros 22, clubs 51, quartéis 12, mercados 24. As ruas de Londres são 12:000.

Para occorrer ás necessidades dos seus habitantes, esta cidade occupa 30:000 padeiros, 40:000 merceiros, 24:000 alfaiates, 42:000 costureiras, 29:000 sapateiros, e 170:000 cusinheiros, creadas e criados.

O leite e a manteiga são fornecidos por 13:000 vaccas.

Consumem-se alli, por anno, 36:000 porcos, 20:000 vitellas, 250:000 bois e 2:000:000 de carneiros ; consomem-se tambem 4:651:000 hectolitros de trigo, 235:000:000 ovos, 5:000:000 aves, e mais 6:000:000 peças de caça.

Londres compra 3:000:000 salmões, e um numero incalculavel de linguados, solhas e arenques.

Consomme 2:000:000 de hectolitros de cerveja, 2:660:000 hectolitros de vinho, e 950:000 hectolitros de diversas bebidas espirituosas.

As ruas são illuminadas por 400:000 bicos de gaz.



## AO RIO VIZELLA.

Esta é a ditosa patria minha amada.  
CAMÕES — CANTO III.

Da rola ao triste gemido,  
Do rouxinol ao trinar,  
Ao murmurar do meu rio  
Meus cantos vou misturar :  
— Cazar ao som da corrente,  
Da lyra os sons que tirar.

Tenho a missão de poeta  
 No mundo para cumprir :  
 Triste vida sem ventura,  
 Sofrer, chorar, e carpir !  
 — Que ao poeta coube em sorte  
 Somente saber sentir !

E quero colher a palma,  
 Que do genio se mostrou  
 Aqui juncto do Vizella,  
 No herço que me embalou :  
 — Murmurar quer a saudade,  
 Que no peito se arraigou.

E a brisa que me escuta,  
 Meus cantos aprenderá ;  
 E o rio deslizando  
 Estas vozes levará ;  
 E no murmurar saudoso  
 Meus cantos murmurará.

ANNA AMALIA MOREIRA DE SÁ.

---

### PRIMEIRA IMPRESSÃO DE MADEIRA.

Lourenço Janszoon Coster, allemão, imprimiu no anno de 1437 um pequeno livro de 8 paginas, com o titulo de *Horarium*, o qual continha o *Pater noster*, o *Credo* e outras orações.

Este livro é sem contradicção a mais antiga producção da arte typographica em letras de madeira.

---

### CINCO DOMINGOS N'UM MEZ.

O mez de Fevereiro de 1852 teve 5 domingos ; este facto repetir-se-ha em igual mez no anno de 1880, e no anno de 1920.

## PRIMEIRO RELOGIO D'AGUA.

Era d'agua o primeiro relogio, em que os romanos dividiram as horas da noite e do dia ; e foi invenção, que em 595 praticou o censor Scipião Navica.

ABBADE DE CASTRO.

---

## DIVISA DOS VELLASQUES EM HISPANIA.

A familia dos Vellasques é uma das familias hispanholas que tem maior ufania d'antiguidade d'origem. Prova-o bem a divisa de que se orgulha :

*Antes que Dios fuese Dios,  
Ó que el sol alumiasse los penascos,  
Yá era noble la casa de Vellascos.*

---

## MELANÇOLIA.

O sol desaparece e tu despontas  
Deusa do meu viver, desces do céu,  
Alvejas entre as sombras qual um anjo  
Que vem trazer esp'rança ao que a perdeu.

Rainha do crepusculo — abre o teu manto,  
Esconde-me em teu seio onde o soffrer  
Tem suave magia que embriaga,  
Que abrasa, em te adorar todo meu ser.

Senta-te alli comigo n'essa gruta,  
Onde o lyrio e a-cccem fallam d'amor ;  
Em que a fonte deslisa entre o velludo  
Do prado que pisamos — todo em flôr.

Assim, fada gentil, celeste amiga  
D'aquelles, que, a gemer, vivem de ti,

Afaga-me esta mente em que se agita  
A ambição d'um viver que já perdi!

Vi-te a nevada mão sobre o meu berço,  
Onde o pranto materno ia cahir,  
Encontrei-te depois velando a estrella,  
Que eu fitava ao pensar no meu porvir!

Teu olhar meigo e triste, a negra trança  
Que a brisa, com beijos mil, te desprendeu;  
A fronte lisa e pura, descahindo  
Como quem, a scismar, se adormeceu;

Fasciou a minha alma: — idolatrei-te,  
Tua sempre fiquei: — mal finda o dia,  
Ninguem procure a filha do infortunio  
Senão nos braços teus — melancolia!

Coimbra — 1865.

AMELIA JANNY.

---

## A INSTRUÇÃO E A EDUCAÇÃO.

A instrução compõe-se da reunião dos meios empregados para formar um coração e um character: é ella que faz o homem moral.

A instrução é uma parte da educação; diz só respeito ao espirito, ao passo que a educação comprehende a direcção de todas as nossas faculdades. Com a instrução sabemos muito, com a educação conduzimos-nos bem; é n'isto que consiste a enorme differença. Nada mais perigoso que um homem instruido, se é vicioso; porque elle põe todos os seus talentos ás ordens de todos os seus vicios. Exercitar pela instrução o espirito d'um homem, que pôde empregar mal os seus conhecimentos é ensinar a um assassino a servir-se habilmente do punhal: não lhe resultará d'ali senão maior facilidade em praticar o mal. Este pensamento deveria preoccupar constantemente os que se encarregam da educação da infancia; não basta instruir as

creanças para as tornar capazes de occupar o seu logar na sociedade, é preciso tambem, desenvolvendo n'ellas por meio d'uma boa educação sentimentos generosos, tornal-as dignas de occupar este logar. Instruidas, desempenhal-o-hão; bem educadas serão felizes.

---

### A FLOR.

Não sabe a flôr quem manda a luz do dia,  
 Nem quem lhe espargê o nectar que a deleita  
 Ao despontar da aurora;  
 E ella agradece as lagrymas que accita,  
 E ella as converte em balsamo que envia  
 Ao mysterio... que adora.

JOÃO DE DEUS.

---

### CEUTA.

Copiosa em feitos illustres, e em gloriosas memorias é a historia portugueza.

Na quadra heroica de D. João I avulta a conquista de Ceuta, como uma das preeminentes façanhas, que a engrandeceram e illustraram. Corriam então para Portugal os dias da sua mais robusta virilidade. O gigante, que salvara a independencia da sua terra, contristara-se ao vêr immovel a sua invencivel espada, e anceiava por dilatar além mar as fronteiras, que não podia estender Europa a dentro. Para a larga respiração de peito tam acceso por febre intensissima de glorias não bastaram os ares de tam minguido ambiente. Symbolo vivo e nobilissimo dos briosos encendimentos do povo portuguez era por aquelles tempos o esforçado rei, que fundira e sagrara ao fogo das batalhas a corôa, que das mãos do povo houvera.

Rei e povo quiz Deus galardoar com benemerita e clarissima pleiada de principes, que foram por ventura as

maiores e os melhores, que se criaram em terra portugueza.

Entre apparatusas e luzidas festas queria D. João I armar cavalleiros os seus tres filhos mais velhos. Desejavam os briosos e destemidos infantes receber á conta de galhardão merecido, e não de gratuita mercê as insignias de cavalleiros. Foi-lhes lembrada a expugnação de Ceuta como empreza arrojada sim, mas de molde a signalar-se n'ella a valentia dos seus espiritos, e o esforço dos seus braços.

Era Ceuta o ninho de barbaros, que sobranceiro á Hespanha, ameaçava sempre a christandade e a civilização escorçada n'ella; de Ceuta rompêra como arrebatada corrente a feroz Mourisma, que assolára a peninsula. Feito promettedor de bastos louros, e de fructos abundosos se allgurava a conquista de cidade tam illustre, tam antiga, populosa e forte. Applaudo o rei o commettimento, e manda apparelhar frota. Duram tres annos os apercebimentos. Pelo reino e por fóra d'elle corriam encontrados juizos á cerca de taes e tantos preparativos de guerra. Admiravel é, que ao cabo de tres annos não fosse descoberto o segredo da empreza. De mais de um artificio se valeo o discreto e avisado rei, para esconder o assentado designio. Não se sabe ao certo o numero de navios, que se construíram. Calcula Faria e Sousa, que seriam mais de duzentos os baixes de varias formas e grandezas; entre navios de alto bordo e remo; caravelas e fustas. Pelo principe D. Henrique foram dirigidas as construcções navaes feitas então na cidade do Porto. Em linguagem aquecida por sincero e vivaz enthusiasmo referem os historiadores, que nunca tam crescida e formosa armada surdida das costas d'Hespanha. Em 25 de Julho de 1415 levantaram ferro da praia de Restello os navios embandeirados de flammulas e galhardetes. Estrondeavam os ares com a festiva grita do exercito embarcado já. Choravam muitos, porque ficavam em terra. Nobres competencias, e honradas invejas eram aquellas!

Os presagios eram tristes. A supersticiosa ignorancia popular lembrava um eclipse do sol, pouco antes succedido, apontava para o athaúde da rainha D. Fillipa, de fresco cerrado, fallava da peste, que ardia temerosa e devoradora, e tirava por inferencia inevitavel um grande e memoravel desastre para a armada e para o exercito.



acovardou o grande espirito dos principes com taes pronuncios.

A bordo da esquadra foram D. João I, os infantes D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique.

Acompanhava-os a melhoria e a flôr da nobreza.

Seguiu a esquadra a esteira de Lages, aonde surgiu, e aonde foi declarado o fim do commettimento. Fez-se á vela a sete de Agosto, e a dez do mesmo mez ancorou em frente das Algiceras.

Ondeia por sobre as aguas do Estreito de Gibraltar denso e moediço bosque de velas. Entrevê-se já acostada á fragosa montanha d'Almina a demandada Ceuta. La se ergue beijada pela alva espuma das vagas, e apertada noseu granitico cingulo de muralhas a luzente e estimada perola da Mourisma, a fortissima chave da Berberia, a valerosa sentinella d'Africa, a cubiçada cidadella do Crescente. Á nova do accommettimento acorrem em soccorro milhares de Alarves. Salabenzala, senhor de Ceuta, acolhe-os agradecido, e despede-os logo impacientado. Avaro, não quer dispende com a manença dos auxiliares; imprevidente, não attenta no perigo.

Por duas vezes tentára de balde a esquadra aproar á cidade, e desembarcar o exercito. As nans haviam-se esgarrado á toa com a calmaria superveniente.

Salabenzala mandou encher a cidade de luminarias em signal de desprezo, como, diz elegantemente Fr. Luiz de Sousa, accendendo faroes á esquadra, para que não errasse o porto.

Deo o rei ordem, para que o desembarque se operasse no dia 21 d'Agosto pelo lado do poente

Desnuablado e limpido amanheceu o dia. O ceu era puro, o sol rutilante, e o mar quieto. A natureza sorria, promettendo-nos victoria.

Saltaram os primeiros em terra os infantes D. Henrique e D. Duarte. Sustentaram cento e cincoenta portuguezes o primeiro e aspero recontro dos mouros. Cresce o numero dos nossos; é já acceza e brava a briga. Semcia cadaveres sem conta o ferro dos nossos. Recua o inimigo em desordenada fuga.

Tumultua já a bataiha junto ás portas da cidade. Foi aqui o pelejar mais crú. Remuge a mó da Mourisma en-

talada entre as portas, que não quer descerrar, e o gume das espadas portuguezas, que a cada golpe cortam vidas, e despedem mortes. Depois de porfiado e sanguento lidar são entradas ao portas. De volta com os mouros se precipitam cidade a dentro os nossos.

Salabenzala foge livido de medo, e convulso de desespero. Os infantes D. Pedro e D. Duarte combatem com singular denodo, senboream palmo a palmo as ruas da cidade, propulsam animosos a onda da soldadesca inimiga, e fatigados de tam larga peleja, e esbrazeados pelo sol e pela sede alcançam a eminencia da cidade, que se denomina Cesto.

Entretanto lucta ainda e corre arriscados lances o esforçado infante D. Henrique. Por duas vezes dá de rosto com portas interiores, que o inimigo guarnece e defende com pertinacia. Quasi desacompanhado, golpeado já de feridas, o infante bem longe de desfallecer, reanima-se mais com a resistencia, e obra proezas eguaes ao seu nome. O terceiro genito de D. João I sustentou n'este dia o maior peso da batalha. Alceou-se ás gloriosas e inexcediveis primazias do valor e da impavidez. Estremou-se em feitos dignos da sua memoria.

A cidade rende-se. Troam brados de victoria. Nas ameias do castello levanta-se desfraldada a bandeira de Lisboa adornada pela imagem de S. Vicente.

Não chegaram a dez os nossos, que pereceram na refrega.

A ponco preço se fez tam grande conquista. Assim cahiu em nosso poder a forte e celebrada Ceuta. A espada, que em Aljubarrota firmára a independencia da patria, estendeu-se ate além mar para alargar os nossos dominios. Fora do reino, foi Ceuta a primeira cidade, aonde cahiu sangue portuguez, e aonde tremulou o nosso pendão. Exordiou a posse de Ceuta essa gloriosa e immortal epopeia de triumphos, cujas paginas escreveram os nossos soldados e os nossos navegadores em todos os cantos do mundo.

Foi Ceuta a insigne primogenita das nossas conquistas, o primeiro padrao das nossas glorias maritimas, o elo d'essa larga cadeia de triumphos, cujo elogio não cabe na historia.

Requeria a honra de Portugal, que Ceuta estivesse

ainda hoje e sempre á sombra da sua bandeira. Mas para nós até o esquecimento tem sido origem e occasião de injurias. Algures li, que Portugal, alvoroçado com a restauração de 1640, se não lembrára em meio da sua vertiginosa alegria de communicar á cidade de Ceuta a fausta arclamação de D. João IV, e que não dera um passo para afazer despejar dos hespanhoes! Lá ficou nas mãos da Hespanha aquelle archivo de glorias a-pergido pelo sangue, e sagrado pelo patriotismo de nossos paes. Mais larga e miuda noticia de Ceuta e da conquista d'ella pelos portuguezes póde o leitor grangear, lendo Fr. Luiz de Souza na historia de S. Domingos, e Manoel de Faria e Souza na Africa Portugueza.

D'elles respigui esse pouco, que ahi fica.

J. ALVES MATHEUS.

---

## A MORTE DE PETRARCHA. (1)

*Ao meu prezado amigo Augusto Valladarés.*

### Invocação.

Mnsa enluctada e terna das saudades,  
 Que choras dos poetas a memoria  
 Em tristes melodias: se os suspiros  
 Do mais humilde de teus 'ilhos podem  
 No coração echoar-te, —oh casta musa!  
 Ao seculo transporta-me do amante  
 Da mysteriosa Laura (2): —vamos ambos

[1] O padre Francisco Petrarca, esse grande poeta italiano, tão celebre por seus versos, como pelos seus amores, veio á luz do mundo em Arezzo, aldéa da Toscana, a 74 kil. S. E. de Florença, e morreu em Arquá na manhã de 19 de julho de 1374.

(2) Chamo-lhe mysteriosa, porque, effectivamente, Laura apparece como involvida n'um mysterio. D'ella sabe-se apenas, que em Avignon (França), cidade onde residiam os papas, o poeta, alli refugiado com sua pae em consequencia das perseguições

Sobre as sagradas cinzas de Petrarcha  
 Tecer um carme, digno do poeta!  
 Acolhe, oh musa, meus desejos pios!

—  
 Elle ahí 'stá sem lenitivos,  
 Lethal languor (3) o consomme,  
 Que já do livro dos vivos  
 Foi de Laura extincto o nome!  
 Nem a estancia encantadora (4)  
 As saudades lhe minora  
 D'a que tão d'alma elle amou!  
 E acurvado sobre a lyra,  
 O terno amante suspira,  
 Como ninguem suspirou!

As verdejantes collinas,  
 Que vê de todos os lados,  
 E essas fontes crystallinas,  
 E esses jardins encantados...  
 Oh que nada lhe consola  
 Saudades da meiga rôla,  
 Que tão cedo lhe fugiu!  
 Tudo lhe infunde tristeza,  
 Tudo lhe augmenta a crueza  
 Do golpe que o affligiu!

dos «gibelinos», rancorosos inimigos dos «guelfos», a vira pela primeira vez, e desde esse momento amou-a; sabe-se tambem que se corresponderam durante vinte annos; e, finalmente, que a peste de 1348 lh'a levava.

O abbade de Sade, que se inculca parente de Laura, pretende que esta dama era cazada, e uma esposa «terna e prudente»; mas Byron sustenta com plausiveis argumentos que era solteira; etc., etc.

[3] Em 1370, o dolorido poeta retirou-se para Arquá, onde passou em soledade os ultimos quatro annos de sua vida—Os quatro rizes que precederam sua morte, passou-os Petrarcha n'um estado continuo de languor.

[4] Arquá, lindamente situada em meio d'uma cadeia de collinas, é uma aldéa da Lombardia, a 17 kil. S. O. de Padua. Lá existe ainda hoje a casa e o sarcophago onde repousam as cinzas do poeta.

Oh Vaucluse (5) ! oh fonte pura,  
 Que de suspiros lhe ouvistes !  
 Repassados de ternura,  
 Como eram seus carmes tristes !  
 Mas então o êrmo levita  
 Sequer tinha ainda a dita  
 De pensar : *vive por mim !*  
 E hoje ? ! . . . Oh lembranças da amante  
 Oh dor cruel, lancinante !  
 Dor profunda ! dor sem fim !

«Laura ! Petrarcha diria  
 Já nos últimos momentos :  
 «Minha fonte de poesia !  
 «Lyrio dos meus pensamentos !  
 «Laura, oh Laura ! se meus prantos  
 «Sobem á patria dos Santos,  
 «Se meus ais chegam ao Ceo,  
 «Oh lembra-te, anjo, do triste,  
 «Que sôbre a terra inda existe,  
 «Onde contigo viveu !

«Como foi rapida e breve  
 «A tua vida commigo !  
 «Oh ! pede a Deus que me leve . . .  
 «Quero já vêr-me contigo !  
 «N'esta existencia que arrasto  
 «Sinto o coração já gasto  
 «De tantas penas, amor ! !  
 «Oh ! não te esqueças, querida,  
 «Dest'alma tão dolorida . . .  
 «Pedè por mim ao Senhor ! . . . »

Ouviu Laura os tristes prantos  
 Do seu desgraçado amante,

[5] Vaucluse é uma aldéa da França, distante 26 kil. a Leste d'Avignon. Depois de ter viajado pela França e Paizes Baixos, para ver se lograva adormecer um amor sem esperança, [Petrarcha era já então padre], o magoado poeta se veio encerrar n'esta solidão encantadora. Fonte de Vaucluse, fonte de Vaucluse, maguas que tu lhe escutaste ! . . .

E aos pés do Santo dos Santos  
 Se prosternou supplicante :  
 «Invocou-me, Deus ! Piedade  
 «Para o triste, em soledade,  
 «Que no mundo me ficou !  
 «Deus ! ponde-lhe hoje no Emyreo  
 «Outra c'roa—a do martyrio—  
 «Sobre a que o glorificou (6) ! . . . »

E Deus ouviu da bem-aventurada  
 A enternecida supplica : exultaram  
 Os Santos e os Anjos. Grandes festas  
 Se preparam no Ceo, onde se espera  
 A alma pura do martyr, do poeta,  
 Que tantas penas teve, que amou tanto !

E quando na Jerúsalem celeste  
 Rompe um canticó novo d'alegria,  
 Sentado a ler em sua bibliotheca,  
 Prêso d'um somno languido, profundo  
 A cabeça reclina sôbre o livro,  
 E alli dormiu, dormiu. Em que scismava  
 A mente embevecida do poeta ?  
 Que sonhos lindos o embalavam candidos,  
 Que fada lhe sorria ? ! . . .

E o santo velho  
 Despertou, mas no Ceo, onde, abraçado  
 Aquella, a quem na vida amara tanto,  
 Com ella foi joelhar aos pés do solio  
 Do Pae celeste !

Mas que somno aquelle,  
 Sereno, beatifico, poetico !  
 Somno tão doce nunca o mundo vira,  
 Nunca mortal dormiu :—Até na morte  
 Petrarcha foi poeta !—Gloria a elle !

Braga 2 de abril de 1868.

MANUEL JOAQUIM SARDENHA.

[6] Em 1341 foi chamado a Roma para ali receber a corôa laurei, decretada para o primeiro poeta da epocha. Que dia de triumpho ! Então é que o poeta se viu verdadeiramente glorificado !

## A ARCHITECTURA.

A architectura é a unidade primordial da arte, de que se gerou depois a variedade das suas fórmas. Por isso é na architectura que primeiro devemos estudar a arte ; é n'ella que primeiro se manifestou a inspiração humana.

A alma, querendo unir-se com o ceu donde tirou origem, buscou conseguil-o pela religião, e pela arte : esta recebeu os caracteres que lhe imprimiu aquella, como mais forte ; e ambas se uniram no templo, ambas se abraçaram na architectura.

A primeira fórmula das construcções humanas devia ser a imitação proxima da natureza ; por isso a arte *troglobítica* se encontra em todos os povos primitivos. Os primeiros abrigos dos homens foram as cavernas abertas nos montes pela propria natureza ; n'essas cavernas aprenderam elles a construir os templos e os sepulchros. Na grecia adorou-se o deus Pan na gruta do Parnaso ; o Egypto é minado pelas construcções subterraneas ; a Ethiopia abunda n'essas sombrias e mysteriosas escavações ; a America, a Asia inteira apresentam exemplos prodigiosos d'este primeiro periodo da architectura.

A esta primitiva fórmula seguiu-se naturalmente uma outra, a que se dá o nome de *cyclopica*. Esta é tambem uma imitação simples da natureza. Rochas colossaes, sustidas pelo proprio pezo ; ora formando torres, ora pyramides immensas ; circos edificados de pedras grosseiras, ligadas entre si por outras pedras horisontaes que formavam, para assim dizer, a *architrave* d'aquellas columnas brutas ; muralhas de uma cantaria informe e solta ; eis os elementos d'esta outra architectura, tão selvagem como a primeira, mas conservando o mesmo character grandioso e sobre natural. D'estes monumentos tambem se encontram exemplos por toda a superficie da terra. Os enermes altares dos druidas, alevantados na Allemanha e na Inglaterra ; as muralhas das margens do Ohio na Nova-York ; as construcções que Humboldt encontrou no Perù ; são notaveis provas de que os primeiros passos nas artes são semelhantes em todos os povos. O homem busca antes de tudo rivalisar com a natureza, em força e grandeza ; e como a

natureza tem em toda a parte, em todas as suas maravilhas, os mesmos caracteres fundamentaes, por isso as primeiras obras dos homiens teem tambem uma grande conformidade entre si.

Depois d'este segundo periodo, cada povo começa a modificar as formas geraes dos seus movimentos, o caracter dos ornamentos, da distribuição, da phisionomia, segundo as suas crenças ou a sua organização politica.

O sublime da architectura é nos monumentos gigantes da India e do Egypto que deve estudar-se; a pedra alli tem uma voz para dizer as maravilhas de Deus. Cada templo é um livro de granito, onde os iniciados nos mysterios religiosos podem lêr os segredos da sciencia e da natureza.

«J. DE ANDRADE CORVO.»

---

## ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO V.

O dia primeiro de *janeiro*, nos fastos da casa de nossos reis, já fôra de jubilo; e nos annaes d'este povo leal, dia auspicioso.

Começava o anno de 1701, era em um sabbado, reuniam-se as côrtes, isto é, os *tres braços do estado*, clero, nobreza e povo, para o serenissimo principe *D. João*, filho legitimo, herdeiro e successor d'elrei *D. Pedro 2.º*, e da rainha *D. Maria Sofia Isabel*, ser jurado rei de Portugal, quinto do nome.

Prevenira-se um magestoso e deslumbrante throno, junto a segunda galeria dos reaes passos, (\*) de maneira que todo o povo podesse ver aquelle acto solemne.

O pavimento d'este amphitheatro estava cuberto de ricas alcatifas da India, e as paredes, tecto, janellas, columnas, e todas as outras partes d'aquella grandiosa fabrica,

† Eram n'aquella época denominados «Paços da Ribeira», dos quaes a'inda actualmente se vê uma porta á entrada do portão do «arsenal da marinha», denominado «ribeira das naus.»



decoradas de preciosos brocados, veludos, damascos, tellas de sedas de varias côres, franjadas d'ouro, e riquissimas armações de prata com as quinas reaes.

No tópo d'este palacio improvisado estava um estrado de quatro degraos que occupava toda a largura do pavimento ; sobre este, outro de dois, cubertos ambos de peregrinas alcatifas ; no alto do segundo estrado se exhibia, sob um custoso docel de tella carmezim recamada de bordados d'ouro, uma cadeira sobredourada em altos relevos ; na parte central do docel em rica bordadura as armas reaes, e aos lados da magestática cadeira as figuras da *justiça e da prudencia*.

Pela uma hora depois do meio dia baixou do seu aposento o principe *D. João* : trajava opa roçagante de tella de prata semcada de flores d'ouro, forrada d'outra tella carmezim matisada de flores bordadas, vestido de velludo com abotoadura de brilhantes, e pendente do peito uma cruz da ordem de Christo guarnecida de preciosos diamantes.

Cingia espada, cujos cópos em cruz eram engastados em pedras preciosas ; e no chapeo uma presilha de brilhantes ; tudo obrado por portuguezes.

Trazia-lhe a cauda da ópa *D. Pedro de Menezes*, marquez de Marialva, conde de Cantanhede, do conselho d'estado, gentil-homem d'el-rei.

Pouco mais adiante vinha o serenissimo infante, *D. Francisco* com o estoque desembainhado e erguido, fazendo de condestavel do reino ; á esquerda d'el-rei os infantes *D. Antonio* e *D. Manoel* ; e pouco adiante *Vasco Fernandes Cesar*, desempenhando as funcções d'alferes-mór, e trazendo a bandeira real enrolada, por se achar ausente seu pae, *Luiz Cesar de Menezes*, governador e capitão general dos estados do Brazil.

Achavam-se presentes todos os diversos officiaes da real casa com as respectivas insignias, todos os titulares, e os bispos que se tinham reunido em Lisboa, em grande numero ; todos os do conselho de sua magestade, donatarios o alcaides môres de diferentes terras do reino, fidalgos das provincias, ministros dos tribunaes, e prelados das ordens religiosas, conservando-se em pé e descubertos durante este solemne acto.

Precediam a este luzidissimo e magestoso cortejo os reis d'armas, arautos e passavantes, vestidos com as suas ricas cotas, e os porteiros empunhando uns as massas de prata, os outros as canas.

Logo que el-rei assumou, transpondo o vestibulo da sala do juramento, começaram a tanger as charamellas, trombetas e tímballes, e de improviso se abriram as janellas do paço, que cahiam sobre a varanda ; e na ultima, junto ao forte, que havia no terreiro do paço, em frente do throno, se collocou a serenissima infanta *D. Francisca*, e esteve S. A. em pé, tendo ao lado a marquezia sua aia, seguindo nas outras janellas as outras damas e donhas de honor, e as senhoras mais qualificadas de Lisboa.

Assim que el-rei chegou ao estrado superior, para logo subia a elle *Affonso de Vasconcellos e Souza*, conde da Calheta, reposteiro-mór, e descobriu a cadeira regia : n'ella se assentou *D. João*, e o marquez de Marialva lhe entregou um sceptro d'ouro primorosamente lavrado.

Em um dos angulos do niesmo estrado, e descoberto, o infante *D. Francisco*, com o estoque alçado ; e da mesma parte e estrado, igualmente descobertos, os infantes *D. Antonio e D. Manoel* ; ficando o marquez de Marialva por detraz da cadeira magestática.

Do lado direito, no ultimo degrao inferior, o alferes-mór com o real estandarte, e d'um e outro lado os titulares, bispos, alcaides-mores, fidalgos, presidentes dos tribunaes, ministros de capa e espada, e prelados dos diversos conventos.

O douto e venerando *Manoel Lopes d'Oliveira*, o decano dos desembargadores do paço, fez a *pratica* do estilo, dirigindo a el-rei um discurso adequado ao objecto d'aquelle acto, e repassado de sentimentos não menos nacionaes que respeitosos, em nome d'um povo que mostrára a seu augusto pae como sabiam sustentar a sua liberdade e independencia, e castigar os desregramentos e despotismos do mão rei, partindo-lhe o sceptro, e respeitando-lhe a corôa.

Terminada a allocução, subiu o reposteiro-mór o estrado superior, e poz diante d'el-rei uma cadeira raza, coberta de tella carmezim franjada d'ouro, e sobre ella uma rica almofada de equal estôfo, em que repousava um misal e uma cruz.

Ajoelhou el-rei sobre outra almofada agaloada d'ouro, e passando o sceptro á mão esquerda, segurando-lhe o chapeo o marquez de Marialva. poz *D. João* a mão direita sobre o missal e a cruz, e tomando por testemunhas o bispo capellão-mór, o bispo de Coimbra, o bispo de Leiria, e o bispo da Guarda, que de joelhos o cercavam, proferiu el-rei o seguinte juramento em voz alta:

«Juro e prometto de com graça de Deus vos reger e governar bem e directamente, e de vos administrar justiça, quanto a humana fraqueza o permite, e de vos guardar vossos bens, costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades e franquezas, que pelos reis meus predecessores foram dados, outorgados e confirmados.»

Feito isto, el-rei se ergueu e tornou a assentar-se na regia cadeira; levantaram-se os bispos, reoccupando o logar em que precedentemente tinham estado; e começou o juramento das pessoas presentes, e o beijamão.

A primeira pessoa que jurou preito e homenagem, foi o serenissimo infante *D. Francisco*, fazendo a el-rei as devidas e costumadas venias; e proferiu de joelhos com voz intelligivel o seguinte juramento:

— «Juro aos santos evangelhos corporalmente com minha mão tocados, que recebo por nosso rei e senhor verdadeiro e natural ao muito alto e muito poderoso rei *D. João 5.<sup>o</sup>*, nosso senhor, e lhe faço preito e menagem, segundo o fôro e costumes d'estes reinos».

Findo o juramento, foi beijar a mão a el-rei, que lh'a estendeu pondo-se em pé, e tirando-lhe o chapeo lhe deu um apertado amplexo. Foi em seguida deferido o juramento, ao alferes-mór, desenrolando n'essa occasião o rico estandarte real; e após elle os senhores infantes *D. Antonio* e *D. Manoel*, que por el-rei foram igualmente abraçados.

E passando todos os mais a jurar com a seguinte fórmula — *Eu assim o juro, e faço o mesmo preito e menagem*; logo foi deferido o juramento ao duque *D. Jaime*,

e a toda a côrte e pessoas presentes, passando depois todos a ir heijar a mão a el-rei.

Concluido o juramento pelo elero, nobreza e povo, o alferes-mór com a bandeira real desenrolada, bradou— *real, real, real pelo muito alto e muito poderoso senhor el-rei D. João o quinto nosso senhor* : E repetindo os reis d'armas, arautos e passavantes, e muitas das pessoas que assistiram a este acto, começaram a tocar a musica do paço, a repicarem os sinos da Sé cathedral, e de todas as outras egrejas, a salvarem as fortalezas e a esquadra ; e copia de povo, que enchia o amplissimo terreiro do paço, freneticamente dava vivas a el-rei *D. João 5.º*

Foi n'estes momentos solennnes de enthusiasmo popular, que el-rei appareceu ao immenso povo na varanda da grande tribuna, de manto real e sceptro, com o qual saudou ao povo tres vezes : e entre estrondosos vivas el-rei passou à capella real, que estava ricamente ornamentada, a fim de render as devidas graças ao rei dos reis.

O povo é instinctivo : os jubilos d'aquelle fausto dia não ficaram desmentidos ; el-rei *D. João 5.º* foi protector das letras e artes ; no seu governo Portugal prosperou : o povo o sobrenomeava *o magnanimo*.

S. F.



### **Escreptores Classicos da Bibliotheca Publica de Braga.**

Segundo o illustre humanista de Coimbra, (o sr. *Cardoso no seu Bosquejo de Litteratura*), ha no «Deposito Bibliographico de Braga», nas 3 linguas *grega, latina, e portuguez*, escreptores mais que de sobra, para se endereçar, como elle endereça a qualquer leitor, os seguintes formosos versos, quando falla do seu *Bosquejo Historico* :

#### **Studioſo Lectori :**

«Sive tibi, lector, lubeat res prodere gestas ;

«Sive animos hominum fleetere vocis ope ;

«Sive modis Musarum delectare canoris ;  
 «Exempla unde petas, indicat iste liber.  
 «Auctores Lusus cum Graiis atque Latinis  
 «Assiduus versa, percole, subsequere.  
 «Hoc demum studio fies, praesente Minerva,  
 «Orator, Vates, Historicus ve bonus.

(Versão)

**Leitor Estudioso :**

Se te apraz escrever d'humanos feitos ;  
 Se co'a voz dominar animos livres ;  
 Se, enfim, rival das musas ser no encanto ;  
 Olha aos modêlos que este livro aponta.  
 De Lysia auctores, e os da Grecia e Lacio,  
 Cumpre-te assiduo lêr, honrar, seguit-os :  
 Que estudos taes, se ha veia, hão de tornar-te  
 Vate, Orador, e em Historia penna illustre.

M. RODRIGUES DA S. ABREU.

---

**ESTRELLAS CADENTES.**

Aos fogos brilhantes que de repente se accendem no meio das trevas e parecem estrellas que, desprendendo-se da abobada celeste, vão em differentes direcções cahir na superficie da terra, dá-se o nome de *estrellas cadentes*. E as que teem um diametro bastante consideravel, e apresentam a apparencia d'um globo de fogo, chamam-se *bólidos*. O caminho seguido por estes meteoros é quasi sempre marcado por um traço luminoso, que rapidamente se desvanece.

As estrellas cadentes são attribuidas á mesma causa que produz os *aerolithos* ou pedras cahidas do ceu : supõe-se que proveem de myriades de asteroides, que se movem em volta do sol, e cujas orbitas cortam a da terra,

nas proximidades dos pontos em que este planeta se acha nas tres epochas de 10 a 15 de Novembro, aproximação de 10 de Agosto, e de 7 de Dezembro.

São estas as epochas mais notaveis do apparecimento de estrellas cadentes. Tem acontecido algumas vezes, principalmente nas duas primeiras epochas, apparecerem verdadeiras *chuvas d'estrellas cadentes*. Uma d'ellas foi observada por Humboldt na America, em a noite de 11 para 12 de Novembro de 1799.

Na opinião de Quetelet o numero das estrellas cadentes é de 8 por hora, termo medio, para um observador isolado ou muitos observadores, cuja attenção seja dirigida para a mesma região do ceu. Torna-se duplo este numero, se os observadores dividem o exame da abobada celeste. Para uma appareição extraordinaria Herschel calcula que o numero das estrellas deve ser pelo menos duplo, isto é 32 para todo o ceu.

Resulta do catalogo mais completo da queda dos aerolithos que o maior numero d'estas pedras meteoricas cahe em Novembro, principalmente no dia 10 ou nas suas proximidades.

---

## JUIZES DE PAZ.

A instituição dos juizes de paz, criada entre nós depois da regeneração politica de 1834, não é coisa, de que já não houvesse uso em Portugal em tempos antigos.

Em 25 de Janeiro de 1519, mandou el-rei D. Manuel, cognominado o venturoso, criar em todos os concelhos, *avindores*, ou *concertadores* de demandas, a fim de procurarem conciliar as partes litigantes : disposição utilissima, que ficára omitida na Ordenação.

Estes *avindores* de D. Manuel, não são senão os *juizes de paz* de D. Pedro IV.

---

## A POESIA.

Desde os tempos mais remotos da antiguidade, sempre a poesia tem podido grangear as considerações, o amor, e finalmente os respeito de todos os povos conhecidos. Pintando o quadro da bella natureza com estylo harmonico e delectoso, foi esta arte sublime quem principiou a tornar doccis os costumes dos primeiros homiens endurcidos e selvagens.

*Sylvestres homines sacer, interpresque Deorum  
Cædibus, et victu fædo deterruit Orpheus.*

HORACIO, ARTE POETICA, V. 392.

Gravando-lhe mais facilmente na memoria as leis primeiras de seus legisladores, conseguiu civilisal-os. Creou os semi-deuses e os semi-deuses crearam os heroes ; porque a emulação dos altos feitos excita naturalmente o desejo de imital-os.

Civilisados os costumes, empenhou-se em corrigil-os : creou a satyra, creou a comedia ; e foi com ellas, sem que apontasse o vicioso, ferir comtudo o scio do vicio. Para enfeitigar o amor deu origem aos idyllios, ás éclogas, ás canções pastoris : e quando mais nõbre, e mais sublime, se destinou a si propria altos assumptõs, produziu então a epocia e a tragedia, por meio das quaes celebrizou grandes virtudes, ou enegreceu grandes crimes.

Emfim, a poesia é a mais bella, assim como a mais antiga de todas as artes. O poeta é o homem da natureza ; e aquelle que procura desprezal-o, ou envilecêl-o, prova que deseja imprimir na propria face o ferrete da ignorancia e da mesquinhez.

«D. JOÃO D'AZEVEDO.»



## 1.º ENTERRAR OS MORTOS..

Morreu ha poucos annos, n'uma aldeia circumvisinha de Braga, a mulher do coveiro da freguezia. Um amigo do viuvo, impossibilitado por doença de ir dar-lhe os pezames, mandou um filho seu levar-lhe os seus cumprimentos e offerendas do estylo. O rapaz foi, e como não conhecesse o desgraçado que acabava de perder a cara metade, dirigiu-se a um homem que encontrou a poucos passos da porta com as mãos nos bolsos, as pernas indolentemente cruzadas, os hombros encostados a um carvalho, e disse-lhe muito cortezmente:

—Faz favor de me vir ensinar qual é o dorido ?

—O dorido sou eu, respondeu o outro muito socega-  
damente. Quer-me alguma coisa?...

O rapaz disfarçou como pôde o seu espanto, e lá foi dando conta do recado do pae. Pouco depois sahia o cada-  
ver da finada para a sua ultima morada, e os visinhos, depois de terem recommendado resignação ao viuvo, fo-  
rara em seguimento da morta. Ficaram só o rapaz e o do-  
tido, que entrou em casa instantes depois, e saiu com o cha-  
peu na cabeça, perguntando ao companheiro :

—Quer vir ?

—É vocemecê aonde vae ?

—Vou fazer o meu officio.

—Mas... eu não percebo bem... que vae fazer?.....

—Vou enterrar a defuncta.

O mancebo, julgando que o homem estava doido, se-  
guiu-o até á egreja, onde, com grande pasmo seu e dos  
circumstantes, o vio entrar com a enxada e a pá ás costas,  
e começar a volver a terra com que havia de cobrir a  
propria esposa.

Não se julgue que é fabula. A menos d'um kilometro  
da cidade Augusta, na egreja de... lá está enterrada, e  
muito hem enterrada por seu marido, a esposa d'um tão  
digno homem.

CANDIDA...



## A POLVORA.

A invenção da polvora, e o seu uso ou emprego na artilheria, tem sido assumpto de longa e interminavel controversia ; mostrando-se os chronistas e historiadores pouco accordes entre si, sempre que se tracta de determinar qualquer d'estes pontos. Das encontradas versões que a similhante proposito nos offercem os escriptores, Mr. Bast, (*Maravilhas do Genio do Homem*), perfilhou a mais vulgar, supposto seja a nosso vêr a menos auctorisada ; e adjudicou o invento e sua applicação ao franciscano Schwartz, (que outros dizem benedictino), oriundo, segundo uns, de Triburgo, e, conforme outros, natural de Colonia ou de Dinamarca.

Confessamos ingenuamente não attingir as causas da preferencia dada a tal opinião, depois que existe impresso, e ao alcance de todos, o *Liber ignium ad comburendos hostes*, de Marcus Graecus, publicado por Laporte du Theil em 1804, e de cuja authenticidade ninguem duvida ; pois, ainda que modernamente, o Dr. Hoeffler, um dos diligentes membros da associação scientifica e archeologica, que na Allemanha tomára a cargo a exploração das primeiras livrarias europeas, encontrou na bibliotheca real, (hoje imperial), de Paris não menos de duas antiquissimas cópias do dicto livro, (códices 4156 e 7158), tiradas uma no comêço do seculo XIV, e outra no immediato.

Ora, Marcus Graecus viveu, não no seculo XIII, como inadvertidamente se imprimiu no recentissimo *Diccionario* de Mill. Dezobry & Bachelet, tom. II. pag. 1717, mas de certeza no VIII ; pois encontramos já citado o seu nome nas obras do medico arabe Mesué, fallecido por as-sentimento commum dos biographos no anno de 855.

N'aquelle livro, pois, só conhecido em latim, « mas que os numerosos hellenismos em que abunda induzem a suspeitar, que viria para esta lingua transladado da grega em que provavelmente fôra escripto », comprehendem-se varias *receitas*, ridiculas algumas por nimia charlataneria, outras interessantes pelas circumstancias, e particularidades curiosas de que se acompanham.

Entre ellas, que apparece, nem mais nem menos,

a da *composição da pólvora* tal como a usamos, e a sua applicação aos fogos chamados d'artificio, formulada em termos tam claros e precisos, que não póde restar sombra de duvida, em que era já familiar a Marcus Graecus essa composição, cujo *invento* se ha pertendido attribuir a Rogerio Bacon, a Schwart, e a outros, que só vieram ao mundo 5 ou 6 seculos mais tarde !

«Innocencio F. da Silva.»

---

### Charada.

A primeira na segunda  
Se deve sempre evitar, — 2  
Porque á segunda a primeira  
Muitas vezes va e roubar. — 2

O todo livra a segunda  
De mal a outra fazer-lhe,  
Pois pilhando-a de geito  
Té a vida faz perder-lhe.

---

### ACÇÃO MEDICATRIZ DAS AGUAS MINERAES.

Les merveilles qu'elles produisent ne perdront pas leurs droits à la reconnaissance, en sortant du domaine du miracle pour rentrer dans le domaine de la nature.

—Chenu—

Ha bastante tempo, que se conhece a *lactescencia* que adquirem algumas aguas mineraes, umas vezes em consequencia d'um estado electrico especial da athmosphera, outras vezes sem causa alguma apreciavel.

Este phenomeno, supposto por Leão Marchand como peculiar ás aguas de Bagnères de Luchon, no banho forma-

do d'um lado pelas nascentes da Gruta-Superior e da Rainha, e do outro pelas nascentes Fria e Branca, depressa foi reconhecido nas aguas de Cadeac, Molitch, Aix, e muitas outras, variando comtudo a coloração desde o esbranquiçado até ao azulado.

No nosso paiz, tambem este phenomeno é bastante commum. Por mais d'unia vez o temos observado nas Caldas de Vizella, com especialidade nos banhos Contraforte, Sol, e Humanidade. O que é sobre tudo notavel, é a influencia benefica d'esta lactescencia, como ó havia experimentado Alibert nos seus doentes.

De uma e d'outra cousa dá noticia nosso tio dr. Pereira Caldas, na sua obra hoje pouco vulgar *Do uso e abuso das aguas sulphureas*, a primeira que n'estas vistas medicas geraes se publicára entre nós em 1862.

Leão Marchand, em 1832, com outros hydrologistas, imaginam a intervenção da electricidade n'este phenomeno; ao passo que outros repellem vivamente esta ideia.

É, entretanto, ao hydrologista Scoutetten, que se deve ultimamente a ideia de attribuir ás aguas mineraes um estado electrico particular, demonstrando-o por meio de numerosas e repetidas experiencias.

Este sabio hydrologista deu principio aos seus trabalhos na estação de Plombières, aonde chegou a 19 de Agosto de 1862. Comparou, e verificou os resultados, nas principaes estações thermaes da França, Allemanha, Suisa, Italia, Corsega, e sempre diante dos medicos mais illustrados de cada localidade. Todos estes se assignam como testemunhas do amor pela sciencia de tão illustre personagem.

O ponto de partida de Scoutetten, para as suas experiencias, foi o principio estabelecido por Becquerel, no «*Traité d'électricité et de magnétisme*», Append. vol. III pag. 394 :

«Au contact de la terre et d'une nappe ou d'un cours d'eau, il y a production d'électricité; la terre prend un excès notable de l'électricité positive, ou negative, et l'eau un excès correspondant de l'électricité contraire».

Eis os resultados, a que chegára ultimamente Scoutetten:

1.º No corpo do homem, e no de todos os seres vivos, ha produção permanente de electricidade;

2.º No homem, e nos animaes vertebrados, a circulação sanguinea é a principal origem de electricidade ;

3.º A electricidade propaga-se no corpo dos animaes pelos filetes liquidos, e pelos nervos ;

4.º A electricidade animal existe sempre no estado dynamico, e só accidentalmente no estado statico ;

5.º A electricidade dynamica apresenta-se em duas condições : pôde não percorrer senão um pequeno trajecto, actuar só sobre as moleculas dos tecidos ou sobre a superficie livre das membranas, e determinar as secreções acidas ou alcalinas : é o que constitue as *pequenas correntes*. Pôde ser recolhida pelos nervos que presidem ás funcções da vida organica ou de relação; e então a electricidade percorrendo longos trajectos fórma as *grandes correntes* ;

6.º A producção da electricidade varia segundo a idade, o temperamento, *a saude e a doença* ;

7.º A electricidade não deve ser confundida com o *principio vital*, causa primitiva da passagem do estado inerte da materia para o de movimento, ao passo que a electricidade, agente secundario, não é senão uma consequencia do movimento da materia».

Com estas ideias, confirmadas por meio de repetidas e minuciosas experiencias, teremos estabelecido uma relação natural entre a actividade electrica commum a todas as aguas mineraes, e os seus effeitos no homem doente.

E, em vista d'esta relação, não será difficil d'inferir, que o *fluido electrico* é o *quid divinum*, é a causa da acção dynamica das aguas mineraes.

Caldas de Visella.

A. J. PEREIRA DE FREITAS.

---

### UM DIGNO FILHO D'ESCULAPIO.

Certo medico, diz a tradição, curava todas as enfermidades com a simples applicação de clysteres.

Para não desmintir a logica com que procedia, aconselhou este remedio a um seu freguez, que se lhe apresentára gravemente incommodado com uma espinha na garganta.

O doente ao ouvir o maravilhoso tratamento riu-se com tal esforço, que a causa de todo o seu mal, e que em breve podia causar-lhe a morte, lhe saltou aos pés.

Ninguem á vista d'isto deve desprezar o feliz medicamento ; mesmo porque, alem da facilidade e promptidão com que póde ser applicado, tem uma decidida vantagem sobre o *Phosphato de ferro soluvel*, o *Unguento de Holloway*, e quejandos, diariamente apregoados como panacéa universal.

J. FIRMINO DA S. BOAVISTA.

---

## VOZES INTIMAS.

Que diz o sol, quando em braza  
De raios alastra o chão ?  
Que diz o sol, quando arraza  
De estrellas, que o brilho caza,  
Das ondas a vastidão ?  
Que diz o sol nas areas  
Das solidões idumeas,  
Que escalda o sangue nas véas  
Da panthera e do leão ?

Que diz a pallida lua  
Sulcando os campos do céu ?  
Que diz se a face tem nua,  
Ou se envolve a fronte sua  
Ne nuvens em denso véu ?  
Que diz ás vagas a medo ?  
Que diz ella ao arvoredó ?  
Que diz, contando em segredo,  
Ás cruces do mausoleu ?

Que diz na ingente cratera,  
Bramindo irado, o vulcão ?  
Que disse lá n'outra éra,  
Quando a Pompeia fizera

De cinza e lava um montão!  
 Out'ora, então, que dizia?  
 E que diz ainda hoje em dia,  
 Que diz ao golfo de Ischia?  
 Que escravo lhe beija o chão?

Que diz a trémula briza,  
 Soprando n'hastea da flor?  
 Que diz soprando indecisa  
 Na vaga, que se deslisa  
 Com murmurante fragor?  
 Que diz á flor mais á vaga?  
 Que lhe diz a flor em paga?  
 É a onda que a brisa affaga,  
 Que diz á brisa e á flor?

Que diz o tronco lascado?  
 Que diz a flor do jardim?  
 Que diz a relva do prado?  
 É o rouxinol namorado,  
 Cantando cantos sem fim?  
 Que diz, mortal, quanto viste?  
 Que diz tudo quanto existe?  
 Quanto brilha? quanto é triste?  
 Quanto Deos ha feito assim?

Diz que o céu adora a terra,  
 Diz que a brisa adora a flor:  
 Diz que a paz nasce da guerra:  
 Diz que a florinha da serra  
 Tambem adora o Sênhor.  
 Diz que o mundo em lucta immensa  
 Cumpre a voz d'uma sentença,  
 Diz que o mundo canta e pensa  
 Um doce canto de amor.

«ANTONIO DE SERPA.»

---

## A MUSICA.

Os elementos da musica existem em tudo o. que nos

cerca : no canto das aves, nos gritos dos diversos animaes, no murmúrio dos rios, no rugido dos mares, nos ventos, quando a sua cadencia a expirar chega a travez da folhagem ao ouvido encantado, ou quando o furacão, destruindo quanto encontra na passagem, revêla em sua voz terrível «AQUELLE que brinca com a tempestade e que dá a direcção aos raios.»

«Plastica do ouvido» a musica dá tambem corpo á idea immaterial, mas corpo aerio, que a vista não percebe, e que só o sentido mais delicado e mais subtil surprehende.

Os antigos davam á palavra *musica* uma significação muito mais extensiva do que a que actualmente tem ; abrangia a dança, a mimica, a poesia, e a arte oratoria ; e era ainda a unidade de todas as analogias, o conjuncto de todas as sciencias, a harmonia de todos os phenomenos, a *ordem* finalmente.

A musica diz J. J. Rousseau é a arte de combinar os sons d'um modo agradável ao ouvido ; o que equivale a limitar-lhe a acção a uma sensação physica, quando n'ella existe tambem uma sensação moral.

Platao na sua republica não permittia musica que tivesse os tons affeminados dos Lydios. Os Lacedemonios excluam todos os instrumentos muito compostos, que podessem seduzir o coração.

«A harmonia que só encanta o ouvido, não passa d'um divertimento do ociosos ; é pouco digna d'uma republica bem policiada. . . » Fenelon exige que a pintura, a esculptura e todas as bellas-artes se submettam á mesma lei.

A musica é a arte de despertar em nossa alma, por meio de sons combinados, sensações e sentimentos diversos.

O som é tudo o que ha de mais profundo e mais vago ; e d'ahi o caracter essencialmente universal da musica. A musica coaduna-se com todas as formas e com todos os gráus de civilisação.

O seu poder, ás vezes incomparavel é devido á propria essencia do som, e ao privilegio que tem de manifestar o que nos seres ha de mais intimo.

O som é a vibração d'um corpo sonoro transmittida e modificada pelo ar ; mas quantas variedades nas modificações d'um principio tão simples !







*Pavilhão Português, ma, p. 24*



*Exposição universal de Paris, em 1867*



# APPENDICE.



## PRINCIPAES FAMILIAS REINANTES

E

### DESTRONADAS.

#### PORTUGAL.

El-Rei D. Luiz I, Rei de Portugal e dos Algarves : nasceu a 31 de Outubro de 1838 : subiu ao throno por morte de seu augusto irmão D. Pedro V, em 11 de Novembro de 1861 : foi proclamado Rei em 22 de Dezembro do dito anno : casou por procuração em Turim, a 27 de Septembro de 1862, e pessoalmente a 6 de Outubro do mesmo anno, com a Princeza D. Maria Pia de Saboya.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia de Saboya : nasceu a 16 de Outubro de 1847.

#### FILHOS.

- 1.º D. Carlos Fernando, Principe Real : nasceu a 28 de Setembro de 1863.
- 2.º O Infante D. Affonso Henriques, Duque do Porto : nasceu a 31 de Julho de 1865.

#### PAE DE EL-REI.

El-Rei D. Fernando Augusto, de Saxe-Coburgo-Gotha : nasceu a 29 de Outubro de 1816 : casou por procuração em 1 de Janeiro, e pessoalmente em 9 de Abril de 1836, com a rainha D. Maria II, nascida a 4 de Abril de 1819 ; ficou viuvo em 15 de Novembro de 1853 : e desde então regente do Reino até 16 de Septembro de 1855.

#### IRMÃOS DE EL-REI.

- 1.º O Infante D. Augusto, Duque de Colmbra, Condestavel de Portugal : nasceu a 4 de Novembro de 1847.
- 2.º A Infanta D. Maria Anna : nasceu a 21 de Julho de 1843 ; casou com Frederico Augusto Jorge, da Saxonia.

3.º A Infanta D. Antonia: nasceu a 17 de Fevereiro de 1845: casou com Leopoldo Estevão de Hohenzollern-Sigmaringen.

#### TIOS DE EL-REI.

(Filhos d'El-Rei D. João VI, Imperador e Rei, fallerido em 10 de Março de 1826; e de D. Carlota Joaquina, Imperatriz, fallecida em 7 de Janeiro de 1830.)

(I. D. Miguel de Bragança, nasceu a 26 de Outubro de 1802; rason a 24 de Setembro de 1854, com a Princeza D. Adalaida de Sophia de Lewenstein-Rosenberg, nascida a 3 de Abril de 1831; falleceu a 14 de Novembro de 1866.)

|                            |   |                                                                    |
|----------------------------|---|--------------------------------------------------------------------|
| FILHOS<br>DE<br>D. MIGUEL. | } | 1.º D. Maria das Neves: nasceu a 5 de Agosto de 1852.              |
|                            |   | 2.º D. Miguel de Bragança: nasceu a 19 de Setembro de 1853.        |
|                            |   | 3.º D. Maria Thereza: nasceu a 24 de Agosto de 1855.               |
|                            |   | 4.º D. Maria José Beatriz: nasceu a 19 de Março de 1857.           |
|                            |   | 5.º D. Aldegundes de Jesus Maria: nasceu a 10 de Novembro de 1858. |
|                            |   | 6.º D. Maria Anna: nasceu a 13 de Julho de 1861.                   |
|                            |   | 7.º D. Maria Antonia: nasceu a 38 de Novembro de 1862.             |

II. D. Maria Thereza: viuva do Infante D. Pedro Carlos, e em 2.ªs nupcias, de D. Carlos Maria: conde de Molina: nasceu a 29 de Abril de 1793.

III. Infanta D. Isabel Maria: regente do reino desde 10 de Março de 1826 até 26 de Fevereiro de 1828: nasceu a 4 de Julho de 1801.

#### AVÓ DE EL-REI.

D. Amélia Augusta, de Baviera, Imperatriz do Brazil, Duqueza de Bragança, viuva de D. Pedro IV, desde 24 de Setembro de 1854: nasceu em 31 de Julho de 1812.

### BRAZIL.

I. O Imperador D. Pedro II: nasceu a 2 de Dezembro de 1825: subiu ao Throno sob tutela, em virtude do acto de abdicção de seu augusto pae, o Imperador D. Pedro I, em 7 de Abril de 1831: tomou as reas do governo em 23 de Julho de 1840: foi coroado em 18 de Julho de 1841: casou por procuração em 30 de Maio, e pessoalmente em 4 de Setembro de 1843 com a Imperatriz D. Thereza Christina, de Napoles, nascida em 14 de Março de 1822.

## FILHAS DO IMPERADOR.

1.<sup>a</sup> D. Isabel Christina, nasceu a 29 de Julho de 1846; casou com Luiz Filipppe de Orleans, Conde d'Eu, filho do Duque de Nemours, nascido a 28 de Abril de 1842.

2.<sup>a</sup> D. Leopoldina Thereza: nasceu a 13 de Julho de 1817; casou em 15 de Dezembro de 1864 com Augusto Luiz, filho do Principe Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha, nascido a 9 de Agosto de 1845. — D. Pedro, seu filho, nasceu a 19 de Março de 1866.

## IRMANS

1.<sup>a</sup> D. Januaria Maria. *Veja-se* Napoles.

2.<sup>a</sup> D. Francisca Carolína. *Veja-se* França, Ramo Orleans.

## AVÓ DO IMPERADOR.

A Imperatriz D. Amelia Augusta, Duquesa de Bragança, viuva do Imperador D. Pedro I, Duque de Bragança, em 2.<sup>a</sup> nupcias. *Veja-se* Portugal.

## AUSTRIA.

Francisco José, Imperador da Austria, e Rei de Hungria: nasceu a 18 de Agosto de 1830; succedeu a seu tio o Imperador Fernando I, em virtude da abdicção de 2 de Dezembro de 1848, e renúncia de seu pai o Archiduque Francisco Carlos: casou em 24 de Abril de 1854 com a Imperatriz Rainha Isabel Amelia, filha de Maximiliano, Duque da Baviera nascida a 24 de Dezembro de 1837.

## FILHOS.

Gisella Luiza Maria, nasceu a 12 de Julho de 1856.

Rodolfo Francisco Carlos José, Principe Imperial nasceu a 21 de Agosto de 1858.

## IRMÃOS DO IMPERADOR.

1.<sup>o</sup> Carlos Luiz: nasceu a 30 de Julho de 1833; casou, em 2.<sup>a</sup> nupcias, em 21 de Outubro de 1862, com D. Maria Annunciação, Princeza de Napoles, nascida a 24 de Março de 1843.

FILHOS. [Francisco Fernando: nasceu a 18 de Dezembro de 1863.  
[Othon Francisco: nasceu a 21 de Abril de 1865.

2.<sup>o</sup> Luiz José: nasceu a 15 de Maio de 1842.

O Archiduque Francisco Carlos, filho do fallecido Imperador Francisco I: nasceu a 7 de Dezembro de 1802; renunciou a successão ao throno, pelo acto de 2 de Dezembro de 1848, a favor de seu filho, o actual Imperador, casado com Sofia Dorothea, (filha do fallecido Rei da Baviera, Maximiliano José), nascida a 27 de Janeiro de 1805.

## TIOS DO IMPERADOR.

1.<sup>o</sup> O Imperador Fernando I: nasceu a 19 de Abril de 1793

abdicou em favor de seu sobrinho em 2 de Dezembro de 1848; casou a 27 de Fevereiro de 1834 com a Imperatriz Maria Anna Carolina, [filha do fallecido Rei da Sardenha Victor Manoel,] nascida a 19 de Setembro de 1803.

2.º Maria Clementina, viuva de Leopoldo de Nápoles, Príncipe de Salerno: nasceu no 1.º de Março de 1798.

A Imperatriz Carolina Augusta de Baviera, viuva do Imperador Francisco I: nasceu a 8 de Fevereiro de 1792.

## BADEN.

O Gram-Duque Frederico Guilherme: nasceu a 9 de Setembro de 1826: succedeu, como regente, a seu pae o Gram-Duque Leopoldo, em 24 de Abril de 1852, em lugar de seu irmão Luiz; e tomou o titulo de Gram-Duque, por patente de 5 de Setembro de 1856; casou em 20 do mesmo mez e anno com a Gram-Duqueza Luiza Maria, (filha do Rei Frederico Guilherme da Prussia,) nascida a 3 de Dezembro de 1838.

### FILHOS.

1.º Frederico Guilherme, Príncipe herdeiro: nasceu a 9 de Julho de 1857.

2.º Sofia Maria Victoria: nasceu a 7 de Agosto de 1862.

3.º Luiz Guilherme: nasceu a 12 de Junho de 1865.

### IRMÃOS DO GRAM-DUQUE.

1.ª Alexandrina Luiza. *Vêja-se* Saxe-Coburgo-Gotha.

2.º Luiz Guilherme Augusto: nasceu a 18 de Dezembro de 1829; casou com Maria Maximiliana, (filha do fallecido Maximiliano, Duque de Leuchtenberg), nascida a 16 de Outubro de 1841.

Sofia Maria, sua filha: nasceu a 26 de Julho de 1865.

3.º Carlos Frederico: nasceu a 9 de Março de 1832.

4.º Maria Amelia: nasceu a 20 de Novembro de 1834; casou com Ernesto, Príncipe de Linange, nascido a 9 de Novembro de 1830.

5.º Olga Feodorowna, antes Cecilia Augusta. *Vêja-se* Russia.

### TIOS DO GRAM-DUQUE.

1.º Amelia Christina, viuva de Carlos Egon, Príncipe de Furstemberg; nasceu a 26 de Janeiro de 1795.

2.º Maximiliano Frederico: nasceu a 8 de Dezembro de 1796.

### PRIMAS DO GRAM-DUQUE.

(Filhas de Guilherme Luiz, tio do Gram-Duque, fallecido, em 11 de Outubro de 1859, e de Izabel Alexandrina de Wurtemberg, fallecida a 5 de Dezembro de 1864)

1.ª Sofia Paulina: nasceu a 7 de Agosto de 1834, casou

com o Príncipe Woldemar de Lippe, nascido a 18 de Abril de 1834.

2.<sup>a</sup> Paulina Sofia Izabel: nasceu a 18 de Dezembro de 1835.

3.<sup>a</sup> Leopoldina Guilhermina: nasceu a 22 de Fevereiro de 1837: casou com Hermann, Príncipe de Hohenloo: Langenbourg, nascido a 31 de Agosto de 1832.

Josefina Frederica (filha dos fallecidos Gram-Duque Carlos Luiz e Estephania Luiza; filha adoptiva de Napoleão I.): nasceu a 21 de Outubro de 1813. *Veja-se Prussia.*

Maria Amelia, sua irmã, viuva de Guilherme, Duque de Hamilton: nasceu a 11 de Outubro de 1847.

## BAVIERA.

O Rei Luiz II: nasceu a 25 de Agosto de 1845: succedeu a seu pae, o Rei Maximiliano José II, em 10 de Março de 1864.

### IRMÃO.

Othon Guilherme: nasceu em 27 de Abril de 1848.

### MÃE.

A Rainha Frederica Francisca, viuva desde 10 de Março de 1864: nasceu a 15 de Outubro de 1825.

### TIOS.

1.<sup>o</sup> Leopoldo Carlos: nasceu a 12 de Março de 1821: ficou viuvo de Augusta Ferdinanda, filha de Leopoldo II, de Toscana, em 26 de Abril de 1864.

FILHOS { Luiz Leopoldo: nasceu a 7 de Janeiro de 1845.  
 Leopoldo Maximiliano: nasceu a 9 de Fevereiro de 1846.  
 Thereza Carlota: nasceu a 12 de Novembro de 1850.  
 Francisco José Arnulfo: nasceu a 6 de Julho de 1852.

2.<sup>o</sup> Aldegundes Augusta. *Veja-se Modena.*

3.<sup>o</sup> Alexandrina Amelia: nasceu a 26 de Agosto de 1826.

4.<sup>o</sup> Adalberto Guilherme: nasceu a 19 de Julho de 1828; casou com D. Amelia Filippina Pilar, [filha do fallecido Infante de Hespanha D. Francisco de Paula,] nascida a 12 de Outubro de 1834.

FILHOS { Luiz Fernando: nasceu a 22 de Outubro de 1859.  
 Affonso Maria: nasceu a 24 de Janeiro de 1862.  
 Maria Izabel Elvira: nasceu a 31 de Agosto de 1863.

### AVÔ.

O Rei Luiz Carlos: nasceu a 25 de Agosto de 1786: abdicou em 20 de Março de 1848: ficou viuvo da Rainha Thereza Carlota, em 26 de Outubro de 1854.



Maria Frederica, ex-Rainha da Grécia, filha do Gran-Duque Augusto de Oldenburgo, viuva do ex-Rei da Grécia Othon Frederico, tio do Rei: nasceu a 21 de Dezembro de 1818.

SEGUNDOS TIOS.

- 1.<sup>o</sup> Carolina Augusta. *Veja-se* Austria.
- 2.<sup>o</sup> Carlos Theodoro: nasceu a 7 de Julho de 1795.
- 3.<sup>o</sup> Izabel Luiza. *Veja-se* Prussia.
- 4.<sup>o</sup> Amelia Augusta. *Veja-se* Saxonia.
- 5.<sup>o</sup> Sophia Dorothea. *Veja-se* Austria.
- 6.<sup>o</sup> Maria Anna. *Veja-se* Saxonia.
- 7.<sup>o</sup> Luiza Guilhermina: nasceu em 30 de Agosto de 1808: casou com Maximiliano José, do Ramo Ducal de Duas-Pontes-Birkenfeld.

BELGICA.

O Rei Leopoldo II.: nasceu a 9 de Abril de 1835: succedeu a seu pae Leopoldo I. em 9 de Dezembro de 1865.

A Rainha Maria Henriqueta, Archid. de Austria, filha do fallecido José, Palatino da Hungria: nasceu a 23 de Agosto de 1836.

FILHOS.

- 1.<sup>o</sup> Luiza Maria: nasceu a 18 de Fevereiro de 1858.
- 2.<sup>o</sup> Leopoldo Fernando, Principe Real: nasceu a 12 de Junho de 1859.
- 3.<sup>o</sup> Stephania Clotilde: nasceu a 21 de Maio de 1864.

IRMÃOS.

1.<sup>o</sup> Philippe Eugenio, Conde de Flandres: nasceu em 24 de Março de 1837: casou com Maria Luiza de Hohenzollern-Sigmaringen, nascida a 17 de Novembro de 1845.

2.<sup>o</sup> Maria Carlota, ex-Imperatriz do México, Viuva do Imperador Maximiliano desde 19 de Junho de 1867: nasceu a 7 de Junho de 1840.

DINAMARCA.

O Rei Christiano 9.<sup>o</sup>, filho do fallecido duque Guilherme de Schleswig-Holstein-Sonderbourg-Glucksbourg: nasceu a 8 de Abril de 1818: succedeu ao fallecido Rei Frederico 7.<sup>o</sup>, em 15 de Novembro de 1863, em virtude da lei de hereditariedade de 31 de Julho de 1853.

A Rainha Luiza Guilhermina, de Hesse-Cassel: nasceu a 7 de Setembro de 1847.

## FILHOS.

1.º Christiano Frederico, Príncipe Real: nasceu a 3 de Junho de 1843.

2.º Alexandra Carolina. *Veja-se* Inglaterra.

3.º Christiano Guilherme Jorge. *Veja-se* Grecin.

4.º Maria Dagmar. *Veja-se* Russia.

5.º Thyrn Amelia: nasceu a 29 de Setembro de 1753.

6.º Waldeimar: nasceu a 27 de Outubro de 1858.

## IRMÃOS.

1.º Luiza Maria: nasceu a 23 de Outubro de 1810: viuva em 2.ª nupcias de Pedro Alfredo, Conde de Hobental.

2.º Frederica Carolina, duquesa de Anhalt-Berubourg, viuva do Duque Alexandre Carlos: nasceu a 9 de Outubro de 1811.

3.º Carlos, Duque de Schleswig-Holstein-Sonderbourg-Glucksbourg: nasceu a 30 de Setembro de 1813: casou com Guilhermina Maria, (filha do fallecido Rei de Dinamarca Frederico 6.º), nascida em 18 de Janeiro de 1808.

4.º Frederico: nasceu em 23 de Outubro de 1814: casou com Adelaide Christina, [filha do fallecido Príncipe Jorge de Schaumbourg Lippe], nascida a 9 de Março de 1821.

|        |   |                                                           |
|--------|---|-----------------------------------------------------------|
| FILHOS | } | Maria Carolina Augusta: nasceu a 27 de Fevereiro de 1844. |
|        |   | Frederico Fernando: nasceu a 12 de Outubro de 1855.       |
|        |   | Luiza Carolina: nasceu a 6 de Janeiro de 1858.            |
|        |   | Maria Guilherminn: nasceu a 31 de Agosto de 1859.         |
|        |   | Alberlo Christiano: nasceu a 15 de Março de 1863.         |

5.º Guilherme: nasceu a 10 de Abril de 1816.

6.º Luiz (abbadeça no convento d'Itzehou), nasceu a 18 de Novembro de 1820.

7.º Julio: nasceu a 14 de Outubro de 1824.

8.º João: nasceu a 5 de Dezembro de 1825.

## BISAVÔ MATERNO.

(O Rei de Dinamarca Frederico 5.º, fallecido em 14 de Janeiro de 1766).

|       |   |                                                               |
|-------|---|---------------------------------------------------------------|
| FILHO | { | 1.º (O Rei Fernando 7.º, fallecido em 3 de Dezembro de 1839.) |
|-------|---|---------------------------------------------------------------|

|        |   |                                                                                               |
|--------|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------|
| FILHAS | { | Carolina, viuva do Príncipe herdeiro de Dinamarca, Fernando: nasceu em 28 de Outubro de 1793. |
|        |   | Guilhermina Maria. <i>Veja-se</i> acima.                                                      |

2.º (O Rei Christiano 8.º, fallecido em 20 de Janeiro de 1848).

A Rainha Carolina Amelia, (filha do fallecido Frederico Christiano, Duque de Schleswig-Holstein-Sonderbourg Augustenbourg) nasceu a 28 de Junho de 1796.

## FRANÇA.

O Imperador Napoleão 3.<sup>o</sup> (Carlos Luiz): filho de Luiz Napoleão, (X-Rei de Hollanda, e da Rainha Hortense Eugenia: nasceu a 20 de Abril de 1808; casou a 29 de Janeiro de 1853, com a Imperatriz Eugenia Maria de Gusmão e Portocarrero, Condessa de Teba, [filha do Conde Manoel de Montijo, Duque de Penaranda] nascida a 5 de Maio de 1826.

Napoleão Eugenio Luiz João José, Príncipe Imperial: nasceu a 16 de Março de 1856.

## FILHOS DO IMPERADOR.

(Filhos de Jeronymo Napoleão, fallecido em 24 de Junho de 1860, e de Frederica Catharina de Wurtemberg, fallecida a 28 de Novembro de 1835).

1.<sup>o</sup> Mathilde Leticia: nasceu em 27 de Maio de 1820: casou com o Príncipe Anatolio Demidoff de S. Donato.

2.<sup>o</sup> Napoleão José: nasceu em 9 de Setembro de 1822: casou em 30 de Janeiro de 1859 com Clotilde Maria, (filha do Rei de Sardenha, Victor Manuel), nascida em 2 de Março de 1843.

FILHOS { 1.<sup>o</sup> Napoleão Victor Jeronymo Frederico: nasceu a 17 de Julho de 1862.  
2.<sup>o</sup> Napoleão Luiz José Jeronymo: nasceu em 16 de Julho de 1864.  
3.<sup>o</sup> Maria Leticia: nasceu a 20 de Dezembro de 1866.

## RAMO BOURBONICO.

Henrique Carlos, Duque de Bordeaux, filho de Carlos Fernando de Artois, Duque de Berry: nasceu em 29 de Setembro de 1820. O Rei Carlos X, abdicou em seu filho o Delfim Luiz Antonio, e este renunciou os seus direitos á corôa a favor do Duque de Bordeaux em 2 de Agosto de 1830: por causa da revolução, saiu de França com toda a Familia Real, em 16 de Agosto do mesmo anno, e tomou o título de Conde de Chambord: casou em 7 de Novembro de 1846 com Maria Thereza, [filha do fallecido Duque de Modena Francisco 4.<sup>o</sup>] nascida em 14 de Julho de 1817.

Carolina Fernanda, de Napoles, mãe do Conde, viuva do Duque de Berry, assassinado em 14 de Fevereiro de 1820: nasceu a 5 de Novembro de 1798.

## RAMO ORLEANS.

Luiz Philippe de Orleans, Conde de Paris, filho do fallecido Fernando Philippe, Duque de Orleans: nasceu em 24 de Agosto de 1838: seu avô, o Rei Luiz Philippe abdicou n'elle a corôa, em 24 de Fevereiro de 1848; casou em 30 de Maio de 1864 com

Maria Izabel, sua prima, filha do Duque de Montpensier nasceu a 21 Setembro de 1848.

Maria Amelia, sua filha, nasceu a 28 de Setembro de 1865.

Roberto Philippe, irmão do Conde, Duque do Chartres, nasceu a 9 de Novembro de 1840 : casou com Francisca Maria, filha de Francisco Fernando, Principe de Joinville, nascida a 14 de Agosto de 1844.

FILHOS { 1.º Maria Amelia, nasceu a 13 de Janeiro de 1865.  
2.º Roberto Francisco, nasceu a 11 de Janeiro de 1866.

#### TIOS DO CONDE.

1.º Luiz Carlos, Duque de Nemours, nasceu em 25 de Outubro de 1814: ficou viuvo em 10 de Novembro de 1857 de D. Victoria Augusta, de Saxe Coburgo-Gotha.

FILHOS { Luiz Philippe, Conde d'Eu. *Veja-se* Brazil.  
Fernando Philippe, Duque de Alençon, nasceu a 12 de Julho de 1844.  
Margarida Adelaide, nasceu a 16 de Fevereiro de 1846.  
Branca Maria, nasceu a 28 de Outubro de 1857.

2.º Maria Clementina, Princeza de Orleans. *Veja-se* Saxe-Coburgo-Gotha.

3.º Francisco Fernando, Principe de Joinville, nasceu a 14 de Agosto de 1818 : casou com D. Francisca Carolina, irmã do Imperador do Brazil, nascida a 2 de Agosto de 1824.

FILHOS { Francisca Maria. *Veja-se* acima.  
Pedro Philippe, Duque de Penthièvre, nasceu a 4 de Novembro de 1845.

4.º Henrique Eugenio, Duque de Aumale, nasceu a 16 de Janeiro de 1822 : casou com D. Maria Carolina, filha do fallecido Leopoldo de Napoles, Principe de Salerno, nascida a 26 de Abril de 1822.

Francisco Luiz, seu filho, Duque de Guisa, nasceu a 5 de Janeiro de 1854.

5.º Antonio Maria, Duque de Montpensier, nasceu a 31 de Julho de 1824, casou com D. Maria Luiza, irmã da Rainha de Espanha, nascida a 30 de Janeiro de 1832.

FILHOS { 1.º D. Maria Izabel, casou com o Conde de Paris. *Veja se* acima.  
2.º D. Maria Amelia, nasceu a 28 de Agosto de 1857.  
3.º D. Maria Christina, nasceu a 29 de Outubro de 1852.  
4.º Fernando Maria, nasceu a 29 de Maio de 1859.  
5.º D. Maria das Mercês, nasceu a 24 de Junho de 1860.  
6.º Antonio Luiz, nasceu a 23 de Fevereiro de 1866.

#### GRECIA.

Jorge I, filho de Christiano 9.º, Rei de Dinamarca, nasceu a

24 de Dezembro de 1845: accitou a corôa da Grécia, que lhe foi offerecida pela Assembléa Nacional Grega, em virtude do protocolo assignado em Londres, em 5 de Junho de 1833, pelas tres potencias protectoras, Inglaterra, França, e Russia.

## HISPANIA.

A Rainha D. Maria Izabel II, nasceu a 10 de Outubro de 1830: succedeu a seu pae, o Rei Fernando 7.<sup>o</sup>, em 29 de Setembro de 1833, em virtude da Ordem de successão decretada em 29 de Março de 1830: foi proclamada em 2 de Outubro de 1833: declarada maior em 8 de Novembro de 1843: casou em 10 de Outubro de 1846 com o Rei D. Francisco de Assis, seu primo; nascido em 13 de Maio de 1822.

### FILHOS.

- 1.<sup>o</sup> D. Maria Izabel, nasceu a 20 de Dezembro de 1851.
  - 2.<sup>o</sup> D. Afonso Francisco, Principe das Asturias, nasceu a 28 de Novembro de 1857.
  - 3.<sup>o</sup> D. Maria do Pilar, nasceu a 4 de Junho de 1861.
  - 4.<sup>o</sup> D. Maria da Paz, nasceu a 23 de Junho de 1862.
  - 5.<sup>o</sup> D. Maria Eulalia, nasceu a 12 de Fevereiro de 1864.
- D. Maria Luiza, irmã da Rainha. *Veja-se França. Ramo Orleans.*

D. Maria Christina, mãe da Rainha, filha do fallecido Rei de Napoles Francisco I, viuva do Rei Fernando 7.<sup>o</sup>, nasceu em 27 de Abril de 1806: regente na menoridade de sua augusta filha, casou em 2.<sup>as</sup> nupcias com D. Fernando Muñoz, Duque de Rianzarcs, em 13 de Outubro de 1844.

### PRIMOS DA RAINHA.

(Filhos do 1.<sup>o</sup> matrimonio de D. Francisco de Paula fallecido em 13 de Agosto de 1865, e de D. Luiza Carlota, filha do Rei de Napoles Francisco I, fallecido em 29 de Janeiro de 1844.)

- 1.<sup>o</sup> D. Izabel Fernanda, nasceu a 18 de Maio de 1821: casou com Ignacio, Conde Gorowsky.
- 2.<sup>o</sup> D. Francisco de Assis, marido da Rainha.
- 3.<sup>o</sup> D. Henrique Maria, Duque de Sevilla, nasceu em 17 de Abril de 1823: ficou viuvo de D. Helena de Castelv y Sbelli Fernandez de Cordova, desde 29 de Dezembro de 1863.

- FILHOS
- D. Henrique Pio, nasceu a 3 de Outubro de 1848.
  - D. Francisco Maria, nasceu a 29 de Março de 1853.
  - D. Alberto Henrique, nasceu a 22 de Fevereiro de 1854.
  - D. Maria del Olvilo, nasceu a 28 de Setembro de 1858.
- 4.<sup>o</sup> D. Luiza Thersza, nasceu em 11 de Junho de 1824: ca-

cou com D. José Osorio de Moscoso e Carvajal, Conde de Trastamare, Duque de Sessa, grande de Espanha de 1.<sup>a</sup> classe.

5.<sup>o</sup> D. Josefina Fernanda, nasceu em 25 de Maio de 1827, casou com D. José Guelly Renté.

6.<sup>o</sup> D. Maria Christina. *Vêja-se* abdixo.

7.<sup>o</sup> D. Arcelia Philippina. *Vêja-se* Baviera.

D. João Carlos, primo da Rainha, filho do fallecido D. Carlos, Conde de Molina, nasceu em 15 de Maio de 1822: casou com D. Maria Beatriz, filha do fallecido Francisco IV, Duque de Modena, nascida em 13 de Fevereiro de 1824.

FILHOS. { 1.<sup>o</sup> D. Carlos Maria: nasceu a 30 de Março de 1848, casou com Margarida Princeza de Parma, nascida em 1 de Janeiro de 1847.  
2.<sup>o</sup> D. Afonso Maria: nasceu a 12 de Setembro de 1849,

D. Maria Thérèza, Princeza de Portugal, viuva do Infante D. Pedro Carlos, e em 2.<sup>as</sup> nupcias de D. Carlos Maria, Conde de Molina, nasceu a 29 de Abril de 1793.

D. Sebastião Gabriel, filho da Princeza de Portugal, D. Maria Thérèza e do Infante D. Pedro Carlos, nasceu em 4 de Novembro de 1814, ficou viuvo de D. Maria Amelia, filha do fallecido Rei de Naples Francisco I, casado em 2.<sup>as</sup> nupcias com D. Maria Christina, prima da Rainha, nascida a 5 de Junho de 1839.

FILHOS. { D. Francisco Maria: nasceu a 20 de Agosto de 1861.  
D. Dêdô de Alcantara: nasceu a 12 de Dezembro de 1862.  
D. Luiz de Jesus: nasceu a 17 de Janeiro de 1864.  
N.... nasceu a 15 de Novembro de 1866.

## INGLATERRA.

A Rainha Alexandrina, Victoria I, filha do fallecido Eduardo Duque de Kent, irmão dos fallecidos Reis Jorge IV, e Guilherme IV, nasceu a 24 de Maio de 1819; succedeu a seu tio Guilherme IV, em 20 de Junho de 1837: foi coroada em 28 de Junho de 1838: ficou viuva em 14 de Dezembro de 1861, de Francisco Alberto de Saxe-Coburgo-Gotha.

### FILHOS.

1.<sup>o</sup> Victoria Adelaide. *Vêja-se* Prussia.

2.<sup>o</sup> Alberto Eduardo, Principe de Gales, nasceu a 9 de Novembro de 1841; casou com Alexandra Carolina, filha do Rei Christiano IX, de Dinamarca, nascida no 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1844.

- FILHOS. [Alberto Victor : nasceu a 8 de Junho de 1864.  
 Jorge Frederico: nasceu a 3 de Junho de 1865.
- 3.º Alice Mathildes Maria: nasceu a 25 de Abril de 1843: casou com Frederico Guilherme Luiz, Principe de Hesse Darmstadt, nascido a 12 de Setembro de 1837.
- 4.º Alfredo Ernesto: nasceu a 6 de Agosto de 1844.
- 5.º Helena Augusta: nasceu a 25 de Maio de 1846: casou com o Principe Christiano de Slesvig-Holstin-Sunderbourg-Augustenburg, nascido em 22 de Janeiro de 1831.
- 6.º Luiza Carolina : nasceu a 18 de Março de 1848.
- 7.º Arthur William : nasceu no 1.º de Maio de 1850.
- 8.º Leopoldo Jorge: nasceu a 7 de Abril de 1853.
- 9.º Beatriz Maria, nasceu a 14 de Abril de 1857.
- Augusta Guilhermina, filha do fallecido Frederico, Landgravé de Hesse-Cassel, viuva de Adolfo, Duque de Cambridge, tio da Rainha, nasceu a 25 de Julho de 1797.

## FILHOS.

- 1.º Jorge Frederico, Duque de Cambridge; nasceu a 26 de Março de 1819.
- 2.º Augusta Carolina: nasceu a 19 de Julho de 1822; casou com o Gram-Duque de Mecklemburgo-Strelitz, nascido a 17 de Outubro de 1819.
- 3.º Maria Adelaide: nasceu a 27 de Novembro de 1833; casou com o Principe de Teck, nascido a 27 de Agosto de 1837.
- Jorge Frederico, Duque de Cumberland, Rei de Hanover, nasceu a 27 de Maio de 1819: casou com a Rainha Alexandra Maria, filha do Duque José de Saxe-Altenbourg, nascida a 14 de Abril de 1818.

## MEXICO.

Este novo imperio, nascido da revolução, não durou muito tempo, não obstante o apoio do Imperador Napoleão, que para ali mandou uma divisão militar, e uma esquadra:

A Assembléa dos Notaveis da Republica do Mexico sacudindo o pesado jugo de Juarez, seu Presidente, offereceu em 10 de Abril de 1864 a Coroa Imperial do Mexico a Fernando Maximiliano, filho do Archiduque de Austria Francisco Carlos, neto do Imperador Francisco I, e irmão do actual Imperador Francisco José.

Os 4 annos da duração do Imperio foram consumidos em guerra civil, e o principio da não intervenção fez retirar as tropas e esquadra franceza, a favor do ex-presidente Juarez, que obtendo socorros, invadiu o Imperio, e reduziu o Imperador ao

extremo de depôr as armas, que com tanta bravura e coragem brandira até ao fim da lucta.

O Imperador, rendendo-se em princípios de Junho de 1867 foi lançado em ferros, e fuzilado em 19 de Junho com 2 dos seus generaes!

## MODENA.

[Casa desthronada.] O Gram-Duque Francisco V, nasceu em 1 de Junho de 1819; succedeu a seu pae, o Gram-Duque Francisco IV, a 21 de Janeiro de 1846; casou em 30 de Março de 1842 com a Gram-Duqueza Aldegundes Augusta, tia do actual Rei de Baviera, nascida a 19 de Março de 1823.

### IRMANS DO GRAM-DUQUE

- 1.º Maria Thereza Beatriz. *Veja-se* França, Ramo Bourbonico.
- 2.º Maria Beatriz Anna. *Veja-se* Hispanha.

Izabel Francisca, filha do fallecido Archiduque José, Palatino da Hungria, viuva do Duque Fernando Carlos, irmão do Gram-Duque, nasceu em 17 de Janeiro de 1831; passou a 2.ª nupcias com o Archiduque de Austria, Carlos Fernando, filho do fallecido Archiduque Carlos Luiz, irmão do fallecido Imperador Francisco I.

Maria Thereza Dorothea, sua filha, nasceu a 2 de Julho de 1849.

## NAPOLLES.

[Casa desthronada.] O Rei Francisco II, nasceu a 16 de Janeiro de 1836; succedeu a seu pae, o Rei Fernando II, em 22 de Abril de 1859; casou a 3 de Fevereiro de 1859 com a Rainha Maria Sofia Amelia, filha de Maximiliano José, Duque em Baviera [Ramo Ducal, antes Palatino de Duas-Pontes-Birkenfeld] nascida a 4 de Outubro de 1841.

### IRMÃOS DO REI.

[Filhos de Fernando II, fallecido a 22 de Abril de 1859, † e de D. Maria Thereza, sua 2.ª mulher fallecida em 1 de Agosto de 1867]

- 1.º Luiz Maria, Conde de Trani, nasceu em 1 de Agosto de 1838; casou com Mathilde Ludovina, irmã da Rainha, nascida a 30 de Setembro de 1843.

N.ª sua filha, nasceu a 15 de Janeiro de 1867.

- 2.º Affonso Maria, Conde de Caserta, nasceu a 28 de Março de 1841.

- 3.º Maria da Annunciada. *Veja-se* Austria.



- 4.º Maria da Immaculada. *Veja-se Toscana.*  
 5.º Caetano Maria, Conde de Girgento, nasceu a 12 de Janeiro de 1846.  
 6.º Maria das Graças, nasceu a 2 de Agosto de 1849.  
 7.º Pascoal Maria, Conde de Bari, nasceu a 15 de Setembro de 1852.  
 8.º Maria Luiza, nasceu a 21 de Janeiro de 1855.

## TIOS DO REI.

1.ª Carolina Fernanda (do 1.º matrimonio do avô com Maria Clementina, filha do fallecido Leopoldo II, Imperador Romano.) *Veja-se França, Ramo Bourbonico.*

2.ª Maria Christina (do 2.º matrimonio com Maria Izabel Infanta de Hespanha.) *Veja-se Hespanha.*

3.ª Maria Antonietta. *Veja-se Toscana.*

4.ª Thereza Christina. *Veja-se Brazil.*

5.º Luiz Carlos, Conde de Aquila, nasceu a 19 de Julho de 1824; casou com D. Januaria Maria, irmã do Imperador do Brazil, nascida em 11 de Março de 1822.

FILHOS. { Luiz Maria, nasceu a 18 de Julho de 1845.

{ Philippe Luiz, nasceu a 12 de Agosto de 1847.

6.º Francisco de Paula, Conde de Trapani nasceu a 19 de Agosto de 1827; casou com Maria Izabel da Annunciada, filha de Leopoldo II, Gran-Duque de Toscana, nascida a 21 de Maio de 1834.

FILHOS. { Maria Antonietta, nasceu a 16 de Março de 1851.  
 { Leopoldo Maria, nasceu a 24 de Setembro de 1853.  
 { Maria Carolina, nasceu a 20 de Março de 1856.  
 { Maria Annunciada, nasceu a 21 de Setembro de 1858.

Maria Victoria, de Saboya-Carignán, viuva de Leopoldo Benjamin, Conde de Syracuse, nasceu a 29 de Setembro de 1814.

Maria Clementina, filha do fallecido Imperador de Austria, Francisco I, viuva do Principe de Salerno, Leopoldo João, tio do Rei, nasceu em 1 de Março de 1798.

Maria Carolina, sua filha. *Veja-se França, Ramo Orleans*

## PAIZES BAIXOS.

O Rei Guilherme III, nasceu a 19 de Fevereiro de 1817; succedeu a seu pae Guilherme II, em 17 de Março de 1849; prestou o juramento constitucional em Amsterdam a 12 de Maio do mesmo anno; casou em 18 de Junho de 1839 com a Rainha Sofia Frederica, filha do fallecido Guilherme I, de Wurtemberg, nascida a 17 de Junho de 1818.

## FILHOS.

1.º Guilherme Nirolau. Príncipe de Orange, nasceu a 4 de Setembro de 1840.

2.º Guilherme Alexandre, nasceu a 25 de Agosto de 1851.

## IRMÃOS DO REI.

1.º Guilherme Frederico Henrique, nasceu a 13 de Junho de 1820; casou com Amélia Maria, filha de Bernardo, Duque de Saxe-Weimar-Eisenach, nascida a 20 de Maio de 1830.

2.º Guilhermina Maria Sofia, nasceu a 8 de Abril de 1824; casou com Carlos, Gran-Duque de Saxe-Weimar-Eisenach.

## TIOS DO REI.

1.º Guilherme Frederico, nasceu a 28 de Fevereiro de 1797; casou com Luiza Augusta, filha do fallecido Frederico, Guilherme III da Prussia, nascida a 1 de Fevereiro de 1808.

FILHAS. {  
 Guilhermina Frederica Alexandra Anna Luiza. *Veja-se*  
 Suecia.  
 Guilhermina Frederica Anna Izabel Maria, nasceu a 5  
 de Julho de 1841.

2.º Guilhermina Frederica Luiza Carlota Marianna. *Veja-se* Prussia.

## PARMA, PLACENCIA, &amp;c.

[Casa desthronada.] O Duque Roberto I, nasceu a 9 de Julho de 1848; succedeu a seu pae o Duque Fernando Carlos III, em 27 de Março de 1854, sob tutella maternal.

## IRMÃOS DO DUQUE.

1.º Margarida Maria. *Veja-se* Hispanha.

2.º Alice Maria, nasceu a 27 de Dezembro de 1849.

3.º Henrique Carlos, Conde de Bardi, nasceu a 12 de Fevereiro de 1851.

Carlos II, avô do Duque, nasceu a 22 de Dezembro de 1799; succedeu no Ducado de Lucca em 13 de Março de 1824 a sua mãe D. Maria Luiza, filha do Rei de Hespanha Carlos IV, e viuva de Luiz, Rei de Etruria; cedeu a Toscana o Ducado de Lucca em 5 de Outubro de 1817; succedeu a sua mãe no Ducado de Parma, Placencia, etc. em 17 de Dezembro de 1817; em rasão das perturbações de 1818 deixou o paiz, e renunciou o governo em favor de seu filho, o fallecido Duque Carlos III, pelo manifesto de 14 de Março de 1849; casou com D. Maria Thereza, filha do fallecido Rei de Sardenha Victor Manuel, nascida a 19 de Setembro de 1803.

## PRUSSIA.

O Rei Frederico Guilherme V, nasceu a 22 de Março de 1797, regente desde 9 de Outubro de 1858; succedeu a seu irmão Frederico Guilherme IV, em 2 de Janeiro de 1861; foi coroado em 18 de Outubro de 1861; casou com a Rainha Maria Luiza Augusta, filha do fallecido Carlos, Gran-Duque de Saxe-Weimar, nascida a 30 de Setembro de 1811.

## FILHOS.

1.º Frederico Guilherme, Principe Real, nasceu a 18 de Outubro de 1834; casou com Victoria Adelaide, Princeza Real de Inglaterra, nascida a 21 de Novembro de 1840.

FILHOS. { 1.º Frederico Guilherme Victor Alberto, nasceu a 27 de Janeiro de 1859.  
2.º Victoria Izabel Augusta Carlota, nasceu a 24 de Julho de 1860.  
3.º Alberto Guilherme Henrique, nasceu a 14 de Agosto de 1862.  
4.º Frederica Amelia Victoria, nasceu a 12 de Abril de 1866.

2.º Luiza Maria. *Veja-se* Baden.

## IRMÃOS DO REI.

1.º Frederico Carlos, nasceu a 29 de Junho de 1801; casou com Maria Luiza, filha do fallecido Carlos, Gran-Duque de Saxe-Weimar, nascida a 3 de Fevereiro de 1806.

## FILHOS.

[1.º] Frederico Carlos, nasceu a 20 de Março de 1828; casou com Maria Anna, filha do Duque reinante de Anbalt-Dessau, nascida a 14 de Setembro de 1837.

FILHOS. { Maria Isabel, nasceu a 14 de Setembro de 1855.  
Isabel Anna, nasceu a 8 de Fevereiro de 1857.  
Luiza Margarida, nasceu a 25 de Julho de 1860.  
Joaquim Carlos, nasceu a 14 de Novembro de 1865.

[2.º] Maria Luiza, nasceu a 1 de Março de 1829; casou com Aleixo Guilherme Landgrave de Hesse-Philippsthal-Barchfeld, divorciada desde 6 de Março de 1861.

[3.º] Maria Anna, nasceu a 17 de Maio de 1836; casou com Frederico Guilherme de Hesse.

2.º Frederica Guilhermina Alexandrina, viuva do Gran-Duque Paulo Frederico de Mecklemburgo-Schwerin, nasceu a 23 de Fevereiro de 1803.

3.º Luiza Augusta. *Veja-se* Paizes Baixos.

4.º Frederico Henrique Alberto, nasceu a 4 de Outubro de 1809; casou com Guilhermina Luiza Carlota Marianna, tia de

Rei dos Paizes Baixos, nasceu a 9 de Maio de 1810; divorciou-se em 28 de Março de 1849.

FILHOS. { Frederico Guilherme Nicolau Alberto nasceu a 8 de Maio de 1837.  
 Frederica Luiza Guilhermina Izabel Alexandrina nasceu a 1 de Fevereiro de 1842; casou com Frederico Guilherme de Mecklemburgo-Schweriu, nascido a 5 de Março de 1827.

PRIMOS DO REI.

1.º [Viuva de Frederico Guilherme primo do Rei fallecido a 27 de Julho de 1863.)

Guilhermina Luiza, filha do fallecido Aleixo, Duque de Anhalt Bernburgo, nasceu a 30 de Outubro de 1799.

FILHOS. { Frederico Guilherme Luiz Alexandre nasceu a 1 de Junho de 1820.  
 Frederico Guilherme Jorge nasceu a 12 de Fevereiro de 1826.

2.º Henrique Guilherme Adalberto, filho do fallecido Frederico Guilherme, nasceu a 29 de Outubro de 1811.

3.º Maria Izabel nasceu a 18 de Junho de 1815; casou com Carlos Guilherme de Hesse.

4.º Frederica Francisca Maria Hedwiges, irmã da precedente. *Vê-se* Baviera.

Augusta, Princesa de Lienitz, viuva de Frederico Guilherme III, nasceu a 30 de Agosto de 1800.

A Rainha Isabel Luiza, viuva de Frederico Guilherme IV, filha de Maximiliano I, de Baviera; nasceu a 13 de Novembro de 1801.

HOHENZOLLERN-HECHINGEN.

O Principe Frederico Guilherme nasceu a 16 de Fevereiro de 1801, succedeu a seu pae o Principe Frederico Hermann-Othon, em 13 de Setembro de 1838: tem as prerogativas de Principe 2.º da Casa Real Prussiana; casou em 22 de Maio de 1826 com a Princesa Eugenia de Leuchtenberg, [fallecida em 1847]; passou a 2.ª nupcias com a Condessa Amelia de Rothenburgo; divorciada desde 13 de Fevereiro de 1863; tem d'este matrimonio:

1.º Frederica Guilhermina Izabel, nascida a 13 de Fevereiro de 1853.

2.º Frederico Guilherme Carlos, nascido a 19 de Fevereiro de 1856.

## HOHENZOLLERN-SIGMARINGEN.

O Príncipe Carlos Antonio nasceu a 7 de Setembro de 1811: succedeu a seu pae o Príncipe Carlos Antonio Frederico, em virtude da renuncia paterna de 27 de Agosto de 1848; tem as prerogativas de Príncipe 2.º da Casa Real Prussiana; casou a 21 de Outubro de 1834 com a Princeza Josefina Frederica, filha do fallecido Carlos Luiz, Gram-Duque de Baden, nascida a 21 de Outubro de 1813.

## FILHOS.

1.º Leopoldo Estevão, Príncipe herdeiro, nasceu a 22 de Setembro de 1835, casou, em 12 de Setembro de 1861 com D. Antonia, Infanta de Portugal, nascida a 17 de Fevereiro de 1845.

FILHOS. {  
 Gnilherme Augusto nasceu a 7 de Março de 1864.  
 Fernando Victor nasceu a 24 de Agosto de 1863.  
 2.º Carlos Eitel nasceu a 20 de Abril de 1839.  
 3.º Frederico Eugenio nasceu a 25 de Junho de 1843.  
 4.º Maria Luiza. *Vejá-se* Belgica.

## IRMÃS DO PRÍNCIPE.

1.ª Annunciada Carolina nasceu a 6 de Junho de 1810, ficou viuva do Príncipe Frederico de Hohenzollern-Hechingen, em 1847: tornou a casar com João Staeger de Waldburgo, ao serviço da Austria.

2.ª Frederica Guilhermina nasceu a 24 de Março de 1820: casou com Joaquim Napoleão, Marquez Pepoli, neto do Príncipe Murat [Bolonha].

Catharina Guilhermina Princeza de Hohenloe-Waldenburg, madrastra do Príncipe, nasceu a 19 de Janeiro de 1817: enviuvou em 11 de Março de 1853, e entrou no convento de St.º Ambrosio em Roma.

## ROMA.

Esta capital do Orbe Catholico offereceu no anno findo ao mundo inteiro um espectáculo pomposo, brilhante e edificativo, talvez sem equal nos seculos anteriores! Affluiram alli mais de 140:000 estrangeiros, 20:000 Sacerdotes e 500 Bispos e Prelados de todas as partes do mundo, e de todos os ritos.

Duas grandes festividades concorreram no mesmo dia 29 de Junho: o 18.ª centenario do martyrio dos Santos Apostolos Pedro e Paulo, e a canonisação solemníssima de varios servos de Deus. Tudo alli era surprehendente e arrebatador, tanto dentro, como fóra do Templo!

No Templo, a sua vastidão e primor architectonico, a riqueza e bom gosto dos ornatos; o brilhantismo de milhares de luzes de cera, na melhor ordem dispostas, o numerosissimo prestito de tantas corporações seculares e religiosas que precediam os 500 Bispos: a quasi totalidade do Collegio Cardinalicio, que precedia o Successor do primeiro dos Apostolos; a magnificencia e riqueza dos paramentos sagrados; a magestade encantadora das cerimoniaes; e a angelica harmonia de 500 vozes, distribuidas em 3 côres, que executavam as melodias compostas pelo insigne Listz; tudo isto observado conjunctamente, causava uma impressão no espectador, impossivel de descrever!

Fôra do Templo, extasiava ver a multidão compacta de milhares e milhares de fieis, que no mais profundo respeito e devoção esperavam a benção de Vigario de Jesus Christo na terra, e a ternura e enthusiasmo, com que victoriavam e enchiam de benções o Paes commum dos fieis!

Sua Santidade Pio IX, antes João Maria, da Casa Condal de Mastai-Ferreti, nasceu em Senigaglia, a 13 de Maio de 1792. Foi feito Bispo de Imola em 17 de Dezembro de 1832; Cardeal reservado *in pectore*, em 23 de Dezembro de 1839; proclamado em 14 de Dezembro de 1840; eleito Papa, depois da morte de Gregorio XVI, em 16 de Junho de 1846; e coroado em 21 de Junho do mesmo anno. Sain de Roma por causa da revolução em 24 de Novembro de 1848: e regressou em 12 de Abril de 1850.

## RUSSIA.

O Imperador Alexandre II., nasceu a 29 de Abril de 1818; succedeu a seu pae o Imperador Nicolau, em 2 de Março de 1855 casou em 28 de Abril de 1841 com a Imperatriz Maria Alexandrowna, antes Maximiliana Guilhermina Augusta Sofia Maria, filha do fallecido Luiz II, Grã-Duque de Hesse; nascida a 8 de Agosto de 1824.

### FILHOS.

1.º Alexandre Alexandrino nasceu a 10 de Março de 1845; casou com Maria Feodorowna, antes Maria Dagmar, filha do Rei de Dinamarca, nascida a 26 de Novembro de 1847.

2.º Vladimir Alexandrino nasceu a 22 de Abril de 1847.

3.º Aleixo Alexandrino nasceu a 14 de Janeiro de 1850.

4.º Maria Alexandrowna, Grã-Duqueza, nasceu a 17 de Outubro de 1853.

5.º Sergio Alexandrino nasceu a 11 de Maio de 1857.

6.º Paulo Alexandrino nasceu a 3 de Outubro de 1860.

### IRMÃOS DO IMPERADOR.

1.º Maria Nicolaewna, viuva de Maximiliana, Duque Leuchtenberg, nasceu a 18 de Agosto de 1819.

2.º Olga Nicolaewna. *Veja-se* Wurtemberg.

3.º Constantino Nicolaewitch nasceu a 21 de Setembro de 1827; casou com a Gram-Duqueza Alexandra Josefowna, antes Alexandra Frederica, filha do Duque José de Saxe-Altenburgo, nascida a 26 de Junho de 1830.

FILHOS. { Nicolau Constantinowitch nasceu a 14 de Fevereiro de 1850.  
Olga Constantinowna nasceu a 3 de Setembro de 1851.  
Vera Constantinowna nasceu a 16 de Fevereiro de 1854.  
Constantino Constantinowitch nasceu a 22 de Agosto de 1858.  
Dimitri Constantinowitch nasceu a 13 de Junho de 1860.  
Wiatcheslav Constantinowitch nasceu a 13 de Julho de 1862.

4.º Nicolau Nicolaewitch nasceu a 8 de Agosto de 1831; casou com Alexandra Petrowna, antes Alexandra Frederica Guilhaermina, filha do Príncipe Pedro de Oldenburgo, nascida a 2 de Junho de 1838.

FILHOS. { Nicolau Nicolaewitch nasceu a 18 de Novembro de 1856.  
Pedro Nicolaewitch nasceu a 12 de Janeiro de 1864.

5.º Miguel Nicolaewitch nasceu a 25 de Outubro de 1832; casou em 28 de Agosto de 1857 com Olga Feodorowna, antes Cecilia Augusta, filha do fallecido Leopoldo, Gram-Duque de Baden, nascida a 20 de Setembro de 1839.

FILHOS. { Nicolau Michaelowitch nasceu a 26 de Abril de 1859.  
Anastacia Michaelowna nasceu a 28 de Julho de 1860.  
Miguel Michaelowitch nasceu a 16 de Outubro de 1861.  
Jorge Michaelowitch nasceu a 23 de Agosto de 1863.  
Alexandre Michaelowitch nasceu a 13 de Abril de 1866.

Helena Paulowna, antes Frederica Carlota, filha do fallecido Paulo de Wurtemberg, viuva de Miguel Paulowitch, tio do Imperador, nasceu a 9 de Janeiro de 1807.

Catharina Michaelowna, sua filha, casada com Jorge, Duque de Mecklemburgo-Strelitz, nasceu a 28 de Agosto de 1827.

## SARDENHA.

O Rei Victor Manuel II nasceu a 14 de Março de 1820; succedeu a seu pae o Rei Carlos Alberto (que falleceu no Porto em 28 de Julho de 1849) em virtude da abdicção dada de viva voz em Novara, a 23 de Março de 1849, e confirmada por escripto em Tolosa, na Hespanha, em 3 de Abril do mesmo anno; tomou pela lei de 17 de Março de 1861 o titulo de Rei da Italia: ficou viuvo em 20 de Janeiro de 1855.

## FILHOS

- 1.º Clotilde Maria. *Veja-se* França.
  - 2.º Humberto Reínero, Príncipe Real, nasceu a 14 de Março de 1844.
  - 3.º Amadeu Fernando, Duque de Aoste, nasceu a 30 de Maio de 1845: casou com a Princesa Maria Della Cisterna.
  - 4.º A Rainha a Senhora D. Maria Pia. *Veja-se* Portugal.
- Maria Izabel, filha do Rei João de Saxonia, viúva de Fernando Maria, Duque de Genova, irmão do Rei, nasceu a 4 de Fevereiro de 1830.
- FILHOS. { Margarida Maria nasceu a 20 de Novembro de 1851.  
 Thomaz Alberto, Duque de Genova, nasceu a 6 de Fevereiro de 1854.
- Maria Thereza, filha do fallecido Rei Victor Manuel. *Veja-se* Parma.
- Maria Anna, sua irmã. *Veja-se* Austria,  
 Maria Victor'a, de Saboya-Carignan. *Veja-se* Nápoles.  
 Eugenio Manuel, seu irmão, nasceu a 14 de Abril de 1816: foi declarado Príncipe de Saboya-Carignan, por Decreto real de 28 de Abril de 1834.

## SAXE COBURGO-GOTHA.

O Gram-Duque Ernesto II, nasceu a 21 de Junho de 1818: succedeu a seu pae o Gram-Duque Ernesto I, em 29 de Janeiro de 1844.

A Gram-Duqueza Alexandrina Luiza, filha do fallecido Leopoldo, Gram-Duque de Baden, nasceu a 6 de Dezembro de 1820.

## PRIMOS DO GRAM-DUQUE.

- 1.º El-Rei o Sr. D. Fernando. *Veja-se* Portugal.
- 2.º Augusto Luiz, nasceu a 13 de Junho de 1818: casou com Maria Clementina, filha do fallecido Rei Luiz Filippe de França, nasceu a 3 de Junho de 1817.

FILHOS. { Filippe Fernando nasceu a 28 de Março de 1844.  
 Augusto Luiz. *Veja-se* Brazil.  
 Maria Clotilde nasceu a 8 de Julho de 1846: casou com José Carlos, Archiduque de Austria, filho do fallecido José Antonio, Palatino da Hungria, nascido a 2 de Março de 1833.  
 Maria Amelia nasceu a 23 de Outubro de 1848.  
 Fernando Maximiliano nasceu a 26 de Fevereiro de 1861.

- 3.º Leopoldo Francisco nasceu a 31 de Janeiro de 1824.



## SAXONIA REAL.

O Rei João Nepomuceno nasceu a 12 de Dezembro de 1801: succedeu a seu irmão, o fallecido Rei Frederico, em 9 de Agosto de 1854.

A Rainha Amelia Augusta, filha do fallecido Maximiliano José, Rei de Baviera, nasceu a 13 de Novembro de 1801.

## FILHOS.

1.º Frederico Augusto Alberto, Principe Real, nasceu a 23 de Abril de 1828: casou com Carolina Frederica, filha de Gustavo, Principe de Wasa, neta do antigo Rei de Suecia, Gustavo IV., nascida a 5 de Agosto de 1833 (Catholica).

2.º Maria Izabel. *Veja-se* Sardenha.

3.º Frederico Augusto Jorge, nasceu a 8 de Agosto de 1832: casou em 11 de Maio de 1859, na Real Capella do Paço das Necessidades em Lisboa, com a Serenissima Princeza de Portugal D. Maria Anna, nascida a 21 de Julho de 1843. (Mathilde Maria nasceu a 19 de Março de 1863.

FILHOS. (Frederico Augusto nasceu a 24 de Maio de 1865.

Amelia Maria, neta do Rei, filha da fallecida Princeza Sofia Maria, nasceu a 24 de Dezembro de 1865.

Maria Amelia, irmã do Rei, nasceu a 10 d'Agosto de 1794.

A Rainha Maria Anna Leopoldina, filha do fallecido Maximiliano José, Rei de Baviera, viuva do Rei Frederico Augusto, nasceu a 27 de Janeiro de 1805.

## SUECIA.

O Rei Carlos XV nasceu a 3 de Maio de 1826: succedeu a seu pae, o Rei José Francisco Oscar I, em 2 de Julho de 1859.

A Rainha Frederica Alexandrina Anna Luiza, filha de Guilherme Frederico, dos Paizes Baixos, nasceu a 5 de Agosto de 1828.

Luiza Josefina, Princeza Real, nasceu a 31 de Outubro de 1851.

## IRMÃOS DO REI.

1.º Oscar Frederico, duque de Ostrogothia, nasceu a 21 de Janeiro de 1829: casou com Sofia Guilhermina, filha do fallecido Duque Guilherme de Nassau, nascida a 9 de Julho de 1836.

FILHOS. { Oscar Gustavo nasceu a 16 de Junho de 1858.  
 { Oscar Carlos nasceu a 15 de Novembro de 1859.  
 { Oscar Carlos nasceu a 25 de Fevereiro de 1861.  
 { Eugenio Napoleão nasceu a 1 de Agosto de 1865.

2.º Carlota Eugenia nasceu a 24 de Abril de 1830.

3.º Nicolau Augusto, Duque de Delacarla, nasceu a 24 de Agosto de 1831: casou em 16 de Abril de 1864 com Thereza Ainelia, filha do fallecido Eduardo Carlos, de Saxe-Altenburgo, nascida a 21 de Dezembro de 18 6.

A Rainha, viuva, Josefina Maximiliana, mãe do actual Rei, filha de Eugenio, Duque de Leuchtenberg, nasceu a 14 de Março de 1807.

## TOSCANA.

(Casa desthronada.) O Gram-Duque Fernando IV nasceu a 10 de Junho de 1835: succedeu a seu pae, o Gram-Duque Leopoldo II, por abdicção de 21 de Julho de 1859: ficou viuvo da Princeza Anna Maria, filha do Rei João de Saxonia Real.

Maria Antonieta, sua filha, nasceu a 10 de Janeiro de 1858.

### IRMÃOS DO GRAM-DUQUE.

1.ª Maria Izabel da Annunciada. *Vejá se Napoles.*

2.º Carlos Salvador nasceu a 30 de Abril de 1839: casou com Maria da Immaculada, filha do fallecido Fernando II. Rei de Napoles, nascida a 14 de Abril de 1844.

FILHOS. { Maria Thereza nasceu a 18 de Setembro de 1862.  
 { Leopoldo Salvador nasceu a 15 de Outubro de 1863.  
 { N. . . nasceu a 22 de Agosto de 1866.

3.º Maria Luiza nasceu a 31 de Outubro de 1845: casou com Carlos, Principe de Isembourg-Birstein, nascido a 29 de Julho de 1838.

FILHOS. (Leopoldo Wolfgang nasceu a 12 de Março de 1866.

(Maria Antonieta nasceu a 10 de Fevereiro de 1867.

4.º Luiz Salvador nasceu a 4 de Agosto de 1847.

5.º João Nepomuceno nasceu a 25 de Novembro de 1852.

O Gram-Duque Leopoldo II, pae do Gram-Duque actual, nasceu a 3 de Outubro de 1797: succedeu a seu pae o Gram-Duque Fernando III, a 18 de Junho de 1824: abdicou em seu filho o governo, em 21 de Julho de 1859: casou em 2.ª nupcias com a Gram-Duqueza Maria Antonieta, filha do fallecido Francisco I. de Napoles, nascida a 19 de Dezembro de 1814.

## TURQUIA.

O Sultão Abdul-Aziz-Khan, nasceu a 9 de Fevereiro de 1830: succedeu a seu irmão o Sultão Abdul-Medjid-Khan, em 25 de Junho de 1861.

## WURTEMBERG.

O Rei Carlos Frederico nasceu a 6 de Março de 1823: succedeu a seu pae o fallecido Rei Guilherme I, em 1864.

A Rainha Olga Nicolaewna, filha do fallecido Imperador Nicolau da Russia, nasceu a 11 de Setembro de 1822.

A Rainha Paulina Thereza, mãe do Rei Carlos, viuva de Guilherme I, nasceu a 4 de Setembro de 1800

## IRMÃS DO REI.

1.<sup>a</sup> Maria Frederica (do 1.<sup>o</sup> matrimonio do pae), nasceu a 30 de Outubro de 1816: ficou viuva de Alfredo, conde de Neipperg.

2.<sup>a</sup> Sofia Frederica. *Veja-se* Paizes Baixos.

3.<sup>a</sup> Catharina Frederica. (do 2.<sup>o</sup> matrimonio). *Veja-se* abaixo.

4.<sup>a</sup> Augusta Guilhermina nasceu a 4 de Outubro de 1826: casou com Hermann Bernardo, Principe de Saxe-Weimar.

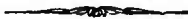
## PRIMOS DO REI.

1.<sup>o</sup> Frederica Carlota, hoje Helena Paulowna, filha do fallecido Paulo Carlos, irmão do fallecido Rei Guilherme. *Veja-se* Russia.

2.<sup>o</sup> Frederico Carlos nasceu a 21 de Fevereiro de 1808: casou com sua prima Catharina Frederica, irmã do Rei Carlos, nascida a 24 de Agosto de 1821.

Guilherme Carlos, seu filho, nasceu a 25 de Fevereiro de 1848.

3.<sup>o</sup> Frederico Augusto Everardo nasceu a 24 de Janeiro de 1813.



# RELAÇÃO NOMINAL

DOS FUNCIONARIOS

DAS

PRINCIPAES REPARTIÇÕES DO ESTADO

COM

A DESIGNAÇÃO DAS RESPECTIVAS MORADAS.

## MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO.

(Na praça do Lorelo, palacio de Ferréiras Pintos).  
*Ministro (interino), e secretario de estado, e presidente de ministros* — Conde d'Avila, R. do Duque de Bragança, 20.  
**Secretaria.**

### DIRECÇÃO GERAL DE ADMINISTRAÇÃO POLITICA.

*Director e secretario geral.* — Antonio do Roboredo, Trav. de S. Mamede, 46.

*Primeiros Officiaes.* — Antonio M. C. de Azevedo Gentil, R. do Jardim do Regedor; Joaquim X. Pinto da Silva, R. da Escola Polytechnica; Francisco J. P. Palha de Faria Lacerda, R. de Caldeira, 17; Augusto J. Gonçalves Lima, R. Nova do Amparo, 17.

### DIRECÇÃO GERAL DE ADMINISTRAÇÃO CIVIL.

*Director geral.* — Olympio J. de Oliveira, Calç. do Salitre, 308.

*Primeiros officiaes.* — Paulo de A. Coelho de Campos, Trav. nova do Carmo, 12; Joaquim M. da Costa Cordeiro, Calç. da Tapada (Ajuda); Francisco de B. Menna, Calç. de S. Francisco, 5; Domingos J. de Serpa Azevedo, R. do Crucifixo; José C. Rodrigues Sette, Trav. de S. Mamede, 77.

### DIRECÇÃO GERAL DE INSTRUCCÃO PUBLICA.

*Director geral.* — Adriano de A. Cardoso Machado, Praça de D. Pedro, 36.

*Primeiros officiaes.* — Antonio M. de Amorim, R. do The-souro Velho, 24; Augusto E. de Castilho e Mello, R. da Escola Polytechnica; D. Antonio da Costa Macedo, Largo do Calhariz;

João C. Ferraz de Miranda, R. de S. José (no espaço do Lyceu).

REPARTIÇÃO DE CONTABILIDADE.

*Chefe de repartição (director geral graduado).* — Antonio J. Torres Pereira, R. nova dos Martyres, 30.

*Primeiro official.* — Victor J. de Miranda Guerreiro, Trav. Larga, 27.

*Ajudante do procurador geral da coroa, junto ao ministerio.* — Antonio M. do Couto Monteiro, R. do Amparo, 17.

**MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS  
E DE JUSTIÇA.**

*Ministro e secretario de estado.* — Visconde de Seabra, R. da Barroca, 9.

*Director geral da direcção central e secretario geral do ministerio.* — Antonio Maria Gentil, R. Direita dos Anjos, 243.

*Sub-director.* — Vago.

*Director geral da direcção dos negocios ecclesiasticos.* — Luiz de Freitas Branco, R. Formosa, 31.

*Sub-director.* — I. F. Silveira da Motta, R. do Loreto, 46.

*Director geral da direcção dos negocios da justiça.* — Henrique Ó Neill, Trav. de S. Vicente, 3.

*Sub-director.* — A. Pequito Seixas de Andrade, R. Nova de S. Mamede, 31.

*Chefe da repartição de contabilidade.* — Agostinho da Silva, R. de S. Pedró de Alcântara, 9.

*Primeiros officiaes.* — Henrique M. Dulac, Becco dos Apostolos, 3; Joaquim A. Maia, L. de S. João, 12; Joaquim M. Correa, Trav. do Boqueirão da Ribeira Nova, 26; José Maria da Silva, R. do Monte Olivête, 65; L. da Cunha Menezes, Trav. da Gloria, 5; L. Philippe Dulac, Becco dos Apostolos, 1; Pedro M. da Silveira Alimento, R. da Padaria, 38.

**MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS,  
COMMERCIO E INDUSTRIA.**

*Ministro e secretario d'estado.* — Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas, R. Nova da Estrella, 57.

*Secretario.* — *Chefe do gabinete do ministro.* — L. A. Palmeirim, Trav. da Cruz de Souza, 11.

*Secretario do gabinete.* — Tito A. de Carvalho Junior, R. do Arco do Limoeiro, 36.

*Direcção geral de obras publicas e obras de obras.* — *Director geral.* — J. Chrysostomo de Abreu e Sousa, R. de S. Luiz, 135.

*Chefe da repartição das obras públicas.* — J. S. Margiochi, R. do Guarda-Mór, 15.

*Chefe da repartição de minas, geologia e machinas a vapor.* — Carlos Ribeiro, R. da Santa Isabel, 103.

*Chefes de secção da repartição de obras públicas.* — Henrique de S. da Foaeca, R. do Jardim do Regedor, 18; D. Francisco de Almeida, R. do Valle de Pereiro, 13; F. de Meina Appario, Calçada de S. Francisco, 4.

*Direcção geral do commercio e industria.* — Director geral. — R. de Moraes Soares, R. Nova de S. Domingos, 43.

*Primeiro official, chefe da repartição do commercio e industria.* — João J. P. Palha de Faria Lacerda, Santa Apollonia.

*Primeiro official, chefe da repartição de agricultura.* — J. de Mello Gouvêa, R. da Vinha, 43.

*Repartição central.* — *Primeiro official, secretario do ministro.* — A. Augusto de Mello Archet, R. do Loreto, 34.

*Primeiros officiaes, chefes de secção.* — Diogo Nicolau Possolo, R. do Moinho de Vento (a Buenos-Ayres); Augusto de Faria, R. de S. Domingos á Lapa, 11; Incincho J. Martins, Trav. do Coetano Palha, 10.

*Repartição de contabilidade.* — *Primeiro official, chefe de repartição.* — Guilherme C. Xavier de Brito.

*Primeiros officiaes, chefes de secção.* — Pedro Roberto D. da Silva, R. dos Ferreiros, á Estrella, 3; José Maximo Dias, R. da Saudade, 9; A. R. Leilão Pégavta, Calçada da Ajuda.

*Ajudante do procurador geral da coroa junto ao ministerio.* — Antonio C. Avellino, R. do Duque de Bragança, 30.

## MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA.

*Ministro e secretario de estado.* — José Dias Ferreira, R. da Emenda, 66.

*Official maior, secretario geral do ministerio.* — Luiz A. Martins, Trav. de Santo Antonio (á Trav. do Pombal), 37.

*Officiaes-chefes de repartição.* — M. P. Galvão de Mello, L. de D. Rosa (Alfama); Carlos J. Pinheiro, Trav. do Maldonado, 3; José A. Dantas, R. dos Cardeaes de Jesus.

## MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA GUERRA.

### Repartição do gabinete.

*Ministro e secretario d'estado.* — General José Maria de Magalhães, L. do Intendente, 20.

*Chefe da repartição.* — D. Luiz da Camará Leme (major de estado maior), R. oriental do Passeio.

*Sub-chefe.* — Guilherme Q. Lopes de Macedo (capitão de artilheria), R. de S. Marçal, 31.

*Ajudantes de campo.* — D. José da Camara Leme (tenente de infantaria), R. do Sacramento da Lapa; B. da França; P. de Oliveira (tenente de cavallaria), Trav. da Estrella.

*Adjunto.* — João J. da M. e Vasconcellos (tenente de infantaria), R. de S. João da Matta.

### **Repartição central.**

*Official maior.* — José Maria de Barcellos, R. Nova do Carvalho, 71.

*Primeiros officiaes, chefes de secção.* — José Silvestre de Andrade, Trav. das Portas de Santa Catharina, 15; Carlos Possolo de Sousa, R. Nova de S. Caetano, 33.

*Archivista da repartição.* — Francisco de Moraes, R. da Triidade, 5.

*Archivista do ministerio.* — Jorge Oom, R. de S. Cyro, 2.

### **Primeira direcção.**

*Chefe da direcção.* — D. Antonio J. de Mello e Saldaña (general de brigada), R. Nova de S. Mamede.

*Chefes de repartição.* — A. de Mello Breyner, L. do Calvario; Silverio H. Bessa, R. da Bitesga, 41; Antonio Joaquim Aleixo Paes, R. de Santo Antão, 76; Francisco X. Lopes, R. de S. José, 211; Barão de Castro Daire, R. do Theouro Velho, 27.

### **Segunda direcção.**

*Chefe da direcção.* — José de Pina Freire da Fonseca, R. de S. Domingos á Lapa.

*Sub-chefe.* — José Silverio Gomes, R. de S. Filippe Nery, 80.

*Chefes de repartição.* — Antonio M. de Sousa Migueis, Trav. Nova do Carmo; A. Maria dos S. Lima, R. do Ferregial de Baixo, 3; F. X. da Maia Junior, R. das Flores, 3; José Maria Alves Branco, R. de S. Paulo.

### **Repartição de saude.**

*Chefe.* — Francisco d'Assumpção, Calc. do Combro, 97.

*Sub-chefes.* — José A. Marques, R. do Ferregial de Baixo, 5; M. Pereira de Mira Franco, Trav. Nova de S. Domingos, 9.

*Ajudante do procurador geral da coroa junto ao ministerio.* — Diogo A. Corrêa de Sequeira Pinto Junior, Costa do Castello, 12.

## **MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA MARINHA.**

*Ministro e secretario de estado.* — José Rodrigues Coelho do Amaral, C. do Sacramento, 7.

### **SECRETARIA.**

### **Primeira direcção.**

*Director.* — Conselheiro A. R. Rodrigues Sette, R. Nova de S. Mamede, 32.

*Sub-director.* — A. Filippe Marx Sori, R. da Prata, 227.

**Segunda direcção.**

*Director.* — Conselheiro M. Jorge de Oliveira e Lima, R. de S. Julião, 32.

*Sub-director.* — Conselheiro José Tavares de Macedo, R. de Sant'Anna, á Lapa, 130.

**Terceira direcção.**

*Director.* — Conselheiro Joaquim Dias Torres, R. da Boa Vista, 140.

*Sub-director.* — Gervasio Gonçalves Lúbató, R. da Escola Polytechnica, 19.

*Ajudante da procurador geral da coroa junto do ministerio.* — Dr. Levy Maria D. Jordão, Trav. da Parreitinha.

**MINISTERIO DOS NEGOCIOS EXTRANGEIROS.**

*Ministro, e secretario d'estado;* — Conde d'Avila, R. do Duque de Bragança, 20.

*Official maior.* — E. Achiles Monteverde, R. do Ferregal de Cima, 5.

*Officiaes chefes de repartição.* — F. de Paula e Mello, R. do Norte, 95; João da Malta e Silva, Paço do Lumiar, 68; Jorge C. de Figanière, R. de S. Bento (esquina da travessa da Arrochella); Augusto C. da C. Camarate, R. do Jardim do Regedor, 31.

**REPARTIÇÕES PERTENCENTES AO  
MINISTERIO DO REINO.**

**CONSELHO DE ESTADO.**

(No edificio do ministerio do reino.)

*Presidente.* — Não ha presidente; serve o conselheiro mais antigo.

*Vogaes conselheiros de estado.* — Duque de Saldanha, embaixador em Roma; conde d'Avila, José B. da Silva Cabral, largo do Paço Novo, 49; conde de Castro, R. Oriental do Passeio; duque de Loulé, largo dos Jeronymos em Belem; conde da Carreira, R. do Pau da Bandeira, 9; marquez de Sá da Bandeira, Trav. da Nataria, 6.

*Conselheiros extraordinarios em serviço.* — José A. Braamcamp, (serve no impedimento do sr. duque de Saldanha), R. do Salitre, 314; António Cabral Sá Nogueira (serve no impedimento do sr. marquez de Sá), Trav. da Nataria, 6; Roque J. Fernandes Thomaz, (serve no impedimento do sr. conde d'Avila), largo do Cathariz, 11.



## SEÇÃO DO CONTENCIOSO ADMINISTRATIVO

*Presidente.* — Conde de Thomar, Calçada Estrella.

*Vogaes conselheiros de estudo.* — Conde de Lavradio, ministro em Londres; Joaquim A. de Aguiar; Antonio M. de Fontes Pereira de Mello, R. de S. Bento, 357; Anselmo J. Braamcamp; R. da Horta Secca, 13.

*Conselheiros de estado extraordinarios.* — José Silvestre Ribeiro, R. de Belver, 11; Felix Pereira de Magalhães, R. da Escola Polytechnica; José J. dos Reis e Vasconcellos (serve no impedimento do sr. conde de Lavradio), Trav. da Condessa do Rio; Joaquim J. B. Pinto da Fonseca Telles (serve no impedimento do sr. Aguiar), Costa do Castello, 12; Diogo A. Palmeiro Pinto, R. da Magdalena, 113.

## MINISTERIO PUBLICO

José A. Gomes de Castro, R. nova dos Martyres, 14; Francisco Vaz Zeller, R. das Janellas Verdes, 43.

*Ouidores.* — Jayme Palmeirim, Trav. das Almas, 21; Adolpho A. da Silveira Pinto, R. do Duque de Bragança, 20; Luiz Osorio Cabral, praça do Principe Real; Ernesto Correia Martins, R. do Chiado.

*Conselheiros que não estão em serviço.* — Francisco Tavares de Almeida Prouça, Calçada S. João Nepomuceno, 26; Joaquim J. da Costa Simões, Largo das Chagas; Miguel do Couto e Castro, R. Formosa; Visconde de Soveral.

*Advogados.* — Antonio Gomes de Castro, R. Nova do Almada, 40; Manuel M. F. da Silva Beirão, R. da Praia, 196; Antonio J. da Silva Abranches, Praça da Figueira, 40; Joaquim J. Pereira de Mello, R. dos Algibebes, 177; Antonio Dias de Azevedo, R. da Atalaya; João M. Teixeira Guedes, R. dos Capellistas, 119; Ricardo Teixeira Duarte, R. nova do Amparo, 17; Ricardo Costa, Trav. de S. Nicolau, 50; Antonio A. Assis Sá de Silva, R. do Oiro, 224; João C. Massa, R. de S. Francisco, 52; João Gerardo Sampaio Efrem, R. do Crucifixo; Paulo Midosi, R. Nova do Almada, 24.

## Secretaria

*Secretario geral.* — José Gabriel Hotbedre, em Almada.

*Officiaes.* — João A. Ferreira de Passos, em Almada; João A. Vianna, R. do Patrocínio, 94; Antonio Maximiano Dulac, R. do Monte de Santa Catharina, 48; D. Luiz da C. de Sousa de Macedo, rua direita dos Anjos, 198.

## CONSELHO GERAL DE INSTRUCCÃO PUBLICA.

[No edificio do ministerio do reino]

*Presidente.* — O ministro do reino.

*Vice-presidente.* — Cardeal patriarcha.

*Vogues effectivos.* — João Ferreira Campos; dr. Antonio F. de Castilho, Trav. de S. Francisco de Paula; Luiz A. Rebello da Silva, R. da Escola Polytechnica; dr. José M. d'Abreu, Trav. do Alhaide, 32; J. M. Latino Coelho, Trav. do Pombal, 51; dr. Roque J. Fernandes Thomaz; José E. de Magalhães Coutinho, P. da Alegria, 31.

*Secretario.* — José A. de Amorim, R. do Thesouro Velho, 24.

## INSTRUÇÃO SUPERIOR. ESCOLA POLYTECHNICA.

(Rua da Escola Polytechnica).

*Director.* — Sebastião L. Calheiros de Menezes, no edificio.

*Secretario.* — Fernando de M. Villas Boas, R. de S. Bento, 686.

*Lentes.* — 1.<sup>a</sup> *Cadeira.* — Marianno Ghira Pimentel, Praça da Alegria, 12.

2.<sup>a</sup> *Cadeira.* — Augusto J. da Cunha, R. das Salgadeiras, 5.  
3.<sup>a</sup> " — Francisco da Ponte e Horta, R. do Monte Olivete, 32.

4.<sup>a</sup> " — José M. da Ponte e Horta, (está por governador em Macau).

5.<sup>a</sup> " — Joaquim H. Fradesso da Silveira, Olivacs.

6.<sup>a</sup> " — Antonio Augusto de Aguiar, R. de S. Marçal, 118.

7.<sup>a</sup> *Cadeira.* — Francisco A. Pereira da Costa, R. de S. Roque, 22.

8.<sup>a</sup> " — José V. Barbosa du Bocage, R. dos Cardaes de Jesus, 48.

9.<sup>a</sup> " — João de Andrade Córvo, R. Formosa, 121.

10.<sup>a</sup> " — Luiz de Almeida e Albuquerque, R. de Belver. *Geometria descriptiva.* — Luiz P. da Motta Pegado, R. da Glória, 63.

*Chimica organica.* — Agostinho Vicente Lourenço, L. de Andaluç, 6.

*Substitutos.* — *Cadeiras de Mathematica.* — Marianno Cyrillo de Carvalho, R. dos Cordoeiros, 50; Henrique de Macedo Pereira Continho, R. da Penha de França.

5.<sup>a</sup> *Cadeira.* — Adriano A. de Pina Vidal, R. de S. Julião, 151.

6.<sup>a</sup> " — José Julio Rodrigues, R. da Procição, 150.

7.<sup>a</sup> " — José M. Latino Coelho, Trav. do Pombal, 51.

8.<sup>a</sup> " — Francisco Pereira de Figueiredo, R. da Alegria, 100.

9.<sup>a</sup> " — Conde de Ficalho, R. dos Caetaos.

- 10.<sup>o</sup> *Cadeira*. — Joaquim Vastoncellos de Gusmão, R. das Flores, 46.  
(Vagas nas restantes cadeiras.)
- Bibliotecario*. — Conde de Ficalho.
- Official da Bibliotheca*. — Luis J. do Olivat e Gourvea, R. da Arrabida, 37.
- ESCOLA MEDICO CIRURGICA DE LISBOA.**  
(No edificio do Real hospital de S. José.)
- Director*. — José Lourenço da Luz, R. do Thesouro Velho, 9.  
*Lentes*. — *Anatomia*. — Dr. Thomaz de Carvalho, Pat. do Regedor, 4.  
*Physiologia e hygiene*. — Joaquim E. Rodrigues de Oliveira, Carreira dos Cavallos, 101.  
*Historia natural dos medicamentos*. — Caetano M. Ferreira da Silva Beirão, R. Formosa, 48.  
*Pathologia externa etc.* — José Antonio de Arantes Pedrosa, R. Nova do Carmo, 60.  
*Apparelho e operações cirurgicas*. — Antonio B. Ribeiro Vianna, R. da Prata, 234.  
*Partos*. — José Eduardo de Magalhães Coutinho, P. da Alegria, 31.  
*Pathologia interna*. — Francisco J. da Cunha Vianna, R. Larga de S. Roque, 66.  
*Clinica medica*. — Carlos M. A. May Figueira, Trav. da Assumpção, 53.  
*Clinica cirurgica*. — João M. Arnaut, R. do Salitre, 51.  
*Medicina legal e hygiene publica*. — Manuel Nicolau Biltencourt Pitta, R. Larga de S. Roque, 39.  
*Anatomia pathologica*. — Antonio Maria Barbosa, R. do Monte de Santa Catharina, 9.  
*Substitutos*. — *Medicina*. — Dr. Abel Maria Dias Jordão, R. Nova do Carmo, 60; Pedro Francisco da Costa Alvarenga, R. da Escola Polytechnica, 19.  
*Cirurgia*. — Joaquim Theotônio da Silva, R. do Ferregial de Cima, 12; José Gregorio Teixeira Marques, R. Oriental do Passeio, 168.  
*Demonstradores*. — *Medicina*. — Eduardo Augusto Motta, R. do Ferregial de Baixo, 3.  
*Cirurgia*. — Manuel Bento de Sousa, R. das Flores, 106.  
*Preparador e conservador do museu de anatomia*. — José Joaquim da Silva Amado, R. do Amparo.  
*Professor do dispensatorio pharmaceutico*. — José Tedeschi, R. Larga de S. Roque, 66.  
*Lentes jubilados*. — Manuel Carlos Teixeira, R. de S. José, 201; dr. Bernardino Antonio Gomes, R. do Farregial de Cima, 37; dr. Francisco Antonio Batra, L. do Carmo, 9.

## INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

## LYCEU DE LISBOA.

(Ruá de S. José).

*Commissário dos estudos e reitor*—Mariano Ghira.  
*Secretario*.—Antonio Maria Lemos.

**Secção central.**

*Professores*.—1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> cadeiras.—Vagas.

3.<sup>a</sup> Cadeira.—José Antonio Gomes Lage.

4.<sup>a</sup> Antonio Maria de Lemos.

5.<sup>a</sup> " Henrique Carlos Midosi.

6.<sup>a</sup> " Dr. Joaquim Freire de Macedo.

*Lingua grega*.—Francisco Maria Pereira.

" *hebraica*.—Francisco Manoel Lourenço Saragga.

" *franceza e ingleza*.—Joaquim Simões da Silva Ferraz.

*Lingua allemã*.—Antonio Hermano Roeder.

" *arabê*.—Augusto Soromenho.

*Principios de physica, chimica e introdução á historia natural*  
 —José Julio Rodrigues.

**Secção oriental.**

1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> cadeiras.—Vagas.

4.<sup>a</sup> cadeira.—João Hygino Teixeira Guedes.

6.<sup>a</sup> " João Felix Pereira.

*Lingua franceza*. Pedro Augusto A. Mauperrin (addido).

**Secção occidental.**

1.<sup>a</sup> Cadeira.—Gaspar Telles da Silva e Menezes.

2.<sup>a</sup> " Manoel de Azevedo Franco.

4.<sup>a</sup> Agostinho Alves Marinho da Cruz.

6.<sup>a</sup> José de Sousa Amado.

**Secção commercial.**

*Professores*.—1.<sup>a</sup> cadeira.—Mariano Ghira.

3.<sup>a</sup> cadeira.—Antonio de Sá Pereira Sampio Osorio e Brito.

*Substitutos*—1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> cadeiras.—Francisco Simões da Almeida.

3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> cadeiras.—Luiz Proffrio da Motta Pegado.

5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> Joaquim Goulart da Silveira Macedo.

**ARCHIVO DA TORRE DO TOMBO.**

(No edificio das côrtes).

*Guarda-mór*.—Antonio de Oliveira Marreca, R. da Prócissão.

*Official maior*.—Thomas Caetano Rodrigues Portugal, R. dos Navegantes.

*Ajudante.* — João Pedro da Costa Basto, R. da Conceição, 10 (á praça dos Flôres).

*Officiaes diplomaticas.* — José Ricardo Pinto Lopes, R. de S. Bento; José Manuel da Costa Basto, R. da Conceição, 10 (á Praça das flôres); José de Sousa Almeida Couto, R. de S. Marçal; Roberto Augusto da Costa Campos, R. da Conceição, 10 (á praça das flôres).

### CONSELHO DE SAUDE PÚBLICA DO REINO.

(Travessa de Santa Justa, 70/72-11°).

*Presidente.* — Conselheiro Guilherme da Silva Abranches, pateo de Rilhafolles, obs. Id.

*Vice-presidente.* — Dr. Mathias Cesario Rodrigues Mochoa, R. de Santo Antão, 76.

*Vogel fiscal.* — Dr. Marcolino Craveiro da Silva, Calç. do Combro.

*Vogal cirurgica e thesoureiro.* — João José de Sousa e Silva, R. da Condeça, 58.

*Vogal pharmaceutica.* — José Dionysio Correia, rua de S. José, 51.

*Secretario e chefe da secretaria.* — José Pedro Antonio Nogueira, largo da Abegoaria, 28.

#### Secretaria.

*Officiaes* — João Augusto de Amaral Frazão, (chefe da divisão de policia sanitaria interna), R. da S. Thomé, 59; Aristides Abranches, (chefe da divisão de policia sanitaria externa), Calç. do Salfitre, 58.

### DELEGADOS INSPECTORES E SUB DELEGADOS DE SAUDE.

#### Districto oriental.

*Delegado inspector.* — Dr. José Candido Loureiro, R. dos Sapateiros, 160, 2.º andar.

(Seeve no seu impedimento, o dr. Casimiro Simão da Cunha.)

*Sub-delegados 1.* — Das freguezias de S. Christovão, S. Lourenço, Santa Cruz do Castello, S. Thiago, Magdalena e Sé — Antonio Maria de Oliveira Soares, R. dos Fanqueiros, 234, 3.º andar.

Das freguezias de Santo André e Santa Engracia — Dr. Casimiro Simão da Cunha, Calç. de S. João Nepomuceno, 27.

Das freguezias de Santo Estevão, S. João da Praça, S. Miguel

1 Não fue mencionado o sub-delegado Antonio Maria da Luz Rogo por se achar servindo, no Lazareto, de facultativo dos impedimentos.

e S. Vicente — José Firmo Ferreira dos Santos, R. nova de S. Mamede, 31, 4.º

Das freguezias dos Anjos, S. Jorge e Socorro — João Candido Ribeiro de Moraes, Paço da Rainha.

Das freguezias de S. José e Santa Justa — Augusto João de Mesquita, R. do Principe, 11, 2.º

Das freguezias da Conceição nova, S. Julião, Martyres e S. Nicolau — Philippe Augusto Barbosa, Trav. de Santa Justa, 79, 2.º

#### **Districto occidental.**

*Delegado inspector.* — Dr. Manoel Thomaz Lisboa, R. de S. Pedro de Alcantara, 99, 1.º

*Sub-delegados.* — Das freguezias da Ajuda, Alcantara e Belem — Bernardino Augusto da Silva Heitor, R. dos Poyaes de S. Bento, 75, 1.º

Das freguezias de S. Paulo e Santos — José Baptista Cardoso Klerck — L. de S. Paulo, 19, 2.º

Das freguezias de S. Sebastião da Pedreira, Sacramento e Coração de Jesus — José Izidoro Jorge, R. do Duque, ao Carmo, 36.

Das freguezias da Encarnação, S. Mamede e Mercês — José Izidoro Vianna, R. do Carvalho, 37, 1.º

Das freguezias de Santa Catharina e Pena — José Maria Alves Branco Junior, R. do Ferregial de Baixo, 34, 1.º

Das freguezias de Santa Isabel e Lapa — Dr. João Quintino de Avellar, Trav. da Assumpção, 52, 1.º

### **GOVERNO CIVIL DO DISTRICTO DE LISBOA.**

(Travessa da Parreirinha).

*Governador Civil.* — O conselheiro Manuel da Cunha Paredes, R. da Ataya, 67.

*Secretario geral.* — José Pedro Antonio Nogueira, L. da Abeguria, 28, 3.º

*Chefes de repartição* — Augusto Carlos de Campos, R. do Chiado, 80; José Antonio Cobeiro de Azevedo Gentil, Carreira dos Cavallos, 81; José de Copertino Efrem, rua de S. João da Praça, 97; José Bernardino Frazão, R. nova de S. Mamede, 21; Pedro José de Oliveira, Cruzes da Sé, 19.

*Sub-chefes.* — João Guilherme Caldeira, R. dos Ferrairos á Estrella, 69, 2.º andar; Eugenio Caetano da Costa, R. dos Ferrairos á Estrella, 69, 1.º andar; José Crispim da Cunha, Trav. da Boa Hora, 52 (a S. Roque); Innocencio Francisco da Silva, R. da Procissão, 91; João Maria de Oliveira Servigny, R. do Corrião, 53.

*Cartorario.* — Isidoro da Silva Estêite, R. Larga de S. Roque, 20.

*Thesoureiro.* — David José Rodrigues, L. do Quintella, 81.

## CONSELHO DE DISTRICITO.

*Vogaes effectivos.* — Dr. Antonio Gil, R. de S. João da Praça, 69; Manuel Alves do Rio, Trav. das Mercês, 46; Francisco de Paula Castro e Lemos, R. nova de S. Mamede, 71; José Maria de Vasconcellos, Trav. de S. Mamede, 46.

*Vogaes substitutos.* — Augusto Maria de Quintella Emanz, R. da Emenda, 40; Agostinho Álvés Mariño da Cruz, R. nova de S. Domingos, 7; Joaquim José Rodrigues da Camara, R. da Emenda, 46; Polycarpo José Lopes Ferreira dos Anjos, R. dos Fanqueiros, 38.

## JUNTA GERAL DO DISTRICITO.

José Maria de Sousa Couceiro, R. do Paraiso; José Maria Frazão, R. do Valle de Santo Antonio; José do Nascimento Gonçalves Correia, R. do Jardim do Tabaco; Francisco de Assis de Gamboa e Liz, R. dos Lagafes; Francisco Duarte Pedroso; Joaquim José Pereira de Mello, R. dos Algivebes, 177; José Gabriel Holbeche, Almada; João Luiz de Moraes Mantas, Carreira dos Cavallos; Augusto Maria de Quintella Emanz, R. da Emenda, 40; José Maria de Vasconcellos, Trav. de S. Mamede, 46; Manuel Thomaz Lisboa, R. de S. Pedro de Alcantara, 99; João Gerardo Sampaio, R. do Crucifixo, 68.

## BAIRRO DE ALCANTARA.

(Largo da Esperança)

*Administrador.* — João José Alves Freimeda, R. da Figueira, 13.

*Dito substituto.* — João José Alves Freimeda, R. da Figueira, 13.

*Escrivão.* — Francisco José Leano, R. das Madrés, 402.

**Repartição de fazenda.**

*Escrivão.* — Marcos Cosmelli, R. de S. Bento, 422.

**Recebedores de decima.**

1.<sup>a</sup> Secção. — José Francisco Travassos Neves, L. do Conde Barão, 18.

2.<sup>a</sup> Antonio Vieira do Carmo, R. do Levramento, 31.

3.<sup>a</sup> Manuel Joaquim da Silva, R. dos Prazeres, 62.

4.<sup>a</sup> Manoel Carvalho Silva Junior, Trav. da Laraujeira, 8.

## BAIRRO DE ALFAMA.

(Largo do Intendente, 26).

*Administrador.* — João Carlos Pessoa de Amorim, Campo de Sant'Anna, 49.*Escrivão.* — José Maria Valente, R. do Amparo, 20.**Repertição de fazenda.***Escrivão.* — Antonio José de Almeida Araujo, R. Direita dos Anjos, 20.**Recebedores de decima.**1.<sup>a</sup> *Secção.* — Leocadio Joaquim Ignacio da Silva, L. da Graça, 67.

Esperidião José Lisboa, R. do Bemfornoso, 15B.

## BAIRRO ALTO.

(Travessa das Mercês).

*Administrador.* — Henrique da Gama Barros, R. do Caldeirão, 3.*Escrivão.* — Antonio Severo de Figueiredo, R. da Rosa, 233.**Repertição de fazenda.***Escrivão.* — Antonio Bandeira de Mello, R. dos Cardaes de Jesus, 138.*Escrivão supplente.* — João Maria Severo de Figueiredo, R. da Rosa, 233.**Recebedores de decima.**1.<sup>a</sup> *Secção.* — José Antonio Nunes Lage, Trav. da Botigueira, 7.2.<sup>a</sup> — Joaquim Antonio Gonçalves, R. do Carvalho 148.3.<sup>a</sup> — Manoel Joaquim dos Santos, R. das Gaveas, 10.

## BAIRRO DO ROCIO.

(Rua Nova do Amparo, 17).

*Administrador.* — Pedro Joyce, Poço do Borratem, 4.*Escrivão.* — Francisco Maria de Sequeira Pinto, R. dos Rezaeiros, 17.**Repertição de Fazenda.***Escrivão.* — Manuel Joaquim de Mascarenhas, R. Nova do Amparo, 13.*Escrivão supplente.* — Pedro Maria Rebello, R. dos Sapaiteiros, 229.**Recebedores de decima.**1.<sup>a</sup> *Secção.* — Sebastião Antonio Torres, R. de Santo Antonio, 162.2.<sup>a</sup> — José Ferreira Chaves, R. do Amparo, 82.



- 3.<sup>a</sup> .. — João Avelino de Malá, Trav. da Palha, 110.  
 4.<sup>a</sup> .. — Thomaz José Machado, Praça de D. Pedro, 59.

### CAMARA MUNICIPAL.

(No edificio de Ver-o-Peso, á Ribeira Velha).

*Presidente.* — Vago.

*Vice-presidente* — João de Mattos Pinto, L. de S. Roque, 25.

*Vereadores.* — Joaquim José Rodrigues da Camara, R. de Emenda, 46; Nuno José Sévero Ribeiro de Carvão, Carreira dos Cavallos; Luiz Caetano da Guerra Santos, R. Direita dos Anjos, 234; José Joaquim Alves Chaves, R. do Amparo, 82; José Carlos Nunes, Trav. do Boqueirão da Ribeira Nova, 26; Gregório Vaz Rans de Campos Barreto Froes, Rua do Principe, 111; Dr. Francisco Manoel de Mendonça, Trav. da Victória, 38; Joaquim Antonio de Oliveira Namorado, R. de S. Bento, 298.

*Escrivão.* — Nuno de Sá Pamplona, Trav. de S. Domingos, 36.

*Thesoureiro.* — José Isidoro da Silva, L. da Annunciada, 21.

*Secretaria, chefe.* — Diocleciano Antonio Pedro Freire, Trav. da Guarda-Mór, a Santos, 20.

*Contador, chefe.* — Jeronymo José da Silva, Carreira dos Cavallos, 74.

*Guarda-mór.* — José Joaquim da Costa, R. do Bemfornado, 163.

### REPARTIÇÕES PERTENCENTES AO MINISTERIO DOS NEGÓCIOS ECCLESIASTICOS E JUSTIÇA.

#### SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA.

(No Terreiro do Paço entre as ruas da Prata e Augusta).

*Presidente.* — Manuel Antonio Vellez Caldeira Castello-Branco, R. do Patrocinio (á Estrella), 69.

*PRIMEIRA SECÇÃO, (funciona ás terças).*

*Conselheiros.* — Visconde de Lagoa, R. Larga de S. Roque, 84; Diogo Antonio Correia de Sequeira Pinto, Costa do Castello, 42; Manuel Ferreira de Seabra da Motta, Trav. do Sacramento, 16; João Maria Alves de Sá, R. da Escola Polytechnica, 92; Bernardo de Lemos Teixeira d'Aguilar, L. do Mastro, 48.

*segunda secção, (funciona ás sextas).*

*Conselheiros.* — Basilio Cabral Teixeira de Queiroz, R. Nova da Trindade, 54; Conde de Fernos, Trav. da Condessa do Rio, 5; Alípio Anthero da Silveira Pinto, R. Larga de S. Roque, 137; Manuel Maria de Aguiar, L. da Abegóvia; Visconde de Seabra, R. da Barroca, 9.

*Secretaria.* → José Maria Cardoso Castello Branco, R. Larga de S. Roque, 100.

*Officiais* → Antonio Joaquim da Costa Lami, Trav. dos Romulares, 46.

### TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA.

*Juiz presidente.* → Joaquim de Campos Henriques, L. do Conde Barão.

JUIZES DA PRIMEIRA SECÇÃO, (funcionam aos sabbados).

Antonio Fernandes Coelho, R. do Ferregial de Cima, 66; Frederico Guilherme da Silva Pereira, R. de Santa Isabel, 50; José Antonio Ferreira Lima, R. Nova de S. Domingos, 6; Manuel da Cunha Paredes, R. da Atalaya, 67; Joaquim Pedro JUDGE, S. hora, R. da Esperança; Antonio Maria Branco, R. da Atalaya, 42; Francisco Botto Pimentel de Mendonça, R. do Oiro, 75; Antonio Pereira Ferraz, Escolas Geraes, 80; José Caldeira Pinto de Albuquerque, R. de S. Francisco, 28; Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo, R. de S. Francisco, 23; Antonio de Magalhães Mexia Baião da Lança Salama, R. de S. José, 144.

JUIZES DA SEGUNDA SECÇÃO, (funcionam ás terças).

João Rebello da Costa Cabral, R. da Santa Catharina 52; José Marcelino de Sá Vargas, R. do Duque de Bragança, 39; Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, Trav. Nova de S. Domingos, 2; Vicente Ferreira Novaes, Trav. de S. Bartholomeu, ao Castello, 1; José Joaquim Alves da Sousa Amado, R. da Era, 19; Joaquim Pedro da Silva Lobo, R. da Batesga, 16; José Januario Teixeira Leite de Castro, R. da Magdalena, 287; Manuel Joaquim de Almeida, R. do Thesouro Velho, 2; Emydio José da Silva, R. da Saudade, 11; José Maria Pereira Forjaz, R. do Duque de Bragança, 15.

*Guarda-mór.* — Bacharel José de Menezes Tomaz, R. de S. Mamede, 7.

*Revedor.* — Carlos José Serrão da Costa Pinto, R. Augusta.

*Contador.* — Henrique Gregorio da Rocha Ferreira.

*Escriveões.* — José Maria Rodrigues, R. da Magdalena, 237; Rodrigo José Dias Lopes de Vasconcellos, L. do Chão do Loureiro, 7; José Joaquim Pereira dos Reis, R. da Magdalena, 214; Adriano Fortunato Jordão, R. da Saudade, 11.

*Secretario da presidencia* (official de secretaria). — Antonio Xavier Pinto de Campos, Escolas Geraes, 19.

### RELAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA.

SEGUNDA INSTANCIA  
(No torreão original do Terreiro do Paço).

Funciona ás quartas e sabbados.

**Présidente.** — Fernando de Magalhães e Avellar, Cate. de Santa Anna, 146.

**Juízes.** — Carlos Cardoso Cabral; Brázeo Bacelar, R. de S. Bento, 289; Gaspar Pereira da Silva, L. da Abegoaria, 12; Joaquim José Alves de Faria, R. das Olarias, 26; Abílio Maria Mendes Pinheiro, R. de S. Vicente á Guia, 22; João M. Corrêa de Sequeira Pinto.

**Procurador royal.** — Dr. José Felix da Gama, R. direita da Esperança, 133.

**Secretário Interino.** — Luiz de Freitas da Silva.

**Escrivão.** — João Carlos Vieira da Cruz, R. do Jardim do Regedor, 118.

**Official de diligências.** — Francisco de Assis Andrade, R. do Arco a S. Mamede, 75.

### JUIZES DE DIREITO DE LISBOA.

(No extincto convento da Boa Hora).

#### 1.<sup>a</sup> Vara Civil.

**Juíz.** — José Morla de Almeida Queiroz, R. da Penha de França, 51.

**Delegado.** — Francisco Luiz de Castro Soares da Cunha Rego, P. da Alegria, 90.

**Escrivões.** — Carlos Manuel de Freitas Jacome, R. do Sattre, 140; Albino Garcia de Mascarenhas, R. do Oiro, 280; António Feliciano Coimbra, R. da Magdalena, 113; António José Alves Barroso, Cate. do Marquez de Abrantes, 8.

#### 2.<sup>a</sup> Vara.

**Juíz.** — José Maria Borges, Costa do Castello, 31.

**Delegado.** — Francisco Luiz Azevedo Continho, R. de Santo Estevão, debaixo do arco.

**Escrivões.** — João Bernardino da Silva Borges, R. do Arco do Marquez de Alegrete, 13; Angelo Augusto Martins, R. Larga de S. Roque, 145; Sebastião Paula da Fonseca Cabral, R. Nova de S. Domingos, 81; Francisco Leandro Severino, L. de Santa Justa, 6.

#### 3.<sup>a</sup> Vara.

**Juíz.** — José de Sante Magalhães Mexia Salêma, R. de S. Boaventura, 114.

**Delegado.** — Manuel Celestino Rmygdio, Trav. da Assumpção, 61.

**Escrivões.** — Francisco de Sousa Monteiro, R. de S. Francisco, 40; João Maria de Seita e Sá, R. de S. Vicente, á Guia, 25; Raymundo Xavier Continho, R. da Magdalena, 133; Amancio Francisco Cobeiro de Azevedo Gentil, R. do Jardim do Regedor, 31.

#### 4.<sup>a</sup> Vara.

**Juíz.** — António José da Rocha, R. de S. João da Praça, 27.

*Delegado.* — Antonio Francisco Tavares, R. dos Caetanos, 36.

*Escrivães.* — Joaquim da Silva Cordeiro, R. do Salitre, 293 ; Hemiterio Joaquim Castello Branco, R. do Arsenal, 148 ; Servulo Maria de Carvalho, R. de S. Francisco, 47 ; José Carlos de Freitas Jacome, Calç. do Sacramento, 14.

#### 5.<sup>a</sup> Vara.

*Juiz.* — Luiz Martins Villaça, Chellas.

*Delegado.* — D. Frederico Vaz Guedes de Atayde Malafaia, Costa do Castello, 12.

*Escrivães.* — Manuel Patricio Alvares, R. da Bitesga, 19 ; José Maria de Seita e Sá, R. Direita da Graça ; Carlos Augusto Marques, R. de S. Paulo, 12.

(Ha um lugar vago.)

#### 6.<sup>a</sup> Vara.

*Juiz.* — Miguel Osorio Cabral, R. da Horta Secca, 56.

*Delegado.* — João Antonio Fragoso de Rhodqa, R. Nova do Almada, 26.

*Escrivães.* — Antonio Augusto de Freitas Jacome, R. de S. José, 117 ; Feliciano José Paes, Trav. de Santa Justa, 79 ; Roque José Vieira da Silva, R. dos Douradores, 126 ; José da Matta Sobrinho, R. do Salitre, 12.

#### 1.<sup>o</sup> Districto Criminal.

*Juiz.* — Guilherme Germano Pinto da Fonseca Telles, Costa do Castello, 12.

*Delegados.* — Os mesmos da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Vara Civel.

*Escrivães.* — Manuel Theodoro Monteiro, R. de S. José, 224 ; Henrique Maria Moreira de Carvalho, R. do Telhal, 41 ; Joaquim Isidoro Machado Pereira, Carreira dos Cavallos, 8.

#### 2.<sup>o</sup> Districto Criminal.

*Juiz.* — José Miguel Quaresma, Calç. do Moinho de Vento, 4.

*Delegados.* — Os mesmos da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> Vara Civel.

*Escrivães.* — Augusto Cesar Maneschy, R. Direita da Junqueira 61 ; Henrique José Monteiro de Mendonça, R. da Horta Secca, 6 ; Bernardo José Fragoso, R. da Junqueira, 60.

#### 3.<sup>o</sup> Districto Criminal.

*Juiz.* — José Maria da Costa e Silva, R. do Carvalho, 24.

*Delegados.* — Os mesmos da 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> Vara Civel.

*Escrivães.* — Hermenigildo Ernesto Baptista Ferreira, R. Nova da Estrella, 83 ; Cesar Augusto Pope, R. dos Algibebes, 46 ; José Justino Dias Torres R. Nova do Almada, 24.

*Curadores da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Vara.* — Abilio Xavier Pereira dos Santos, R. do Arsenal, 50.

*3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> Vara.* — Francisco da Cunha Teixeira Sampaio, R. de S. Francisco, 47.

*5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> Vara.* — Antonio Augusto Coelho de Magalhães, Trav. da Victoria, 74.

## TRIBUNAL DO COMMERCIO DE LISBOA.

### PRIMEIRA INSTANCIA.

(No torreão oriental do Terreiro do Paço).

Funciona ás segundas e quintas.

*Juiz.* — José Pereira Sanches e Castro, R. de Santo António, 9.

*Secretario.* — Abel Maria Jordão de Paiva Mauzo, R. Nova do Carmo, 60.

*Escrivães* — Julião Bartholomeu Rodrigues, Trav. da Parreirinha, 5; José Duarte Botto, R. de S. Francisco, 20.

*Official de diligencius.* — Feliciano Antonio Lobo Côrte Real, R. Direita dos Anjos, 49.

### PROCURADORIA GERAL DA COROA.

*Procurador Geral.* — Sebastião de Almeida e Brito, Trav. da Glória, 24.

*Ajudantes.* — 1.º, Visconde d'Algés, L. do Carmo, 21; 2.º, Caetano de Seixas Vasconcellos, Calç. da Glória, 21.

### PROCURADORIA RÉGIA.

(Junto á Relação de Lisboa.)

*Procurador régio.* — Manuel Pedro Sergio de Faria Azevedo, R. da Moiraria.

*Ajudante.* — Annibal Achilles Martins, R. do Ferregial de Baixo.

*Secretario.* — Francisco Augusto de Freitas, Calç. do Duque.

### JUNTA GERAL DA BULLA DA CRUZADA.

(Travessa da Queimada 16).

*Commissario Geral.* — Bispo Resignatario de Angola, R. Direita de Buenos Aytes, 87.

*Deputados.* — Conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, L. de S. Roque, 7; José Pedro de Menezes, Conego da Sé Patriarchal, R. Direita da Graça, 13; Francisco do Patrocinio Madeira, Arcypriste da Sé Patriarchal, R. do Arco do Limbeiro, 17; Conselheiro Manoel da Cunha Paredes, R. da Atalaya, 67.

*Secretario geral.* — José Pedro Antonio Nogueira, L. da Abegoaria, 28.

*Curador.* — Antonio Dias de Azevedo, R. da Atalaya, 150.

*Thesoureiro.* — Augusto Gomes de Araujo, R. Nova da Trindade, 36.

## CONSERVATORIAS.

1.<sup>a</sup> — Rua Nova de S. Mamede, 6.*Conservador.* — Francisco Antonio da Veiga Belrão, R. Formosa, 48.*Ajudante* — Antonio Lucio Tavares Crespo, Campo Pequeno.2.<sup>a</sup> — Rua dos Sapateiros (vulgo do Arco do Bandeira), 159.*Conservador.* — Simão de Calça e Pina, R. do Crucifixo, 31.*Ajudante.* — Luiz Emilio Vieira Lisbon, R. dos Sapateiros, 159.3.<sup>a</sup> — Rua de S. Bento, 520.*Conservador.* — Bernardino Pereira Pinheiro, R. de S. Bento, 520.*Ajudante.* — Gaspar Leite Ferreira Leão.

Mapa das freguezias de que se compõe a comarca de Lisboa e suas tres conservatorias.

1.<sup>a</sup> Conservatoria.

## RUA NOVA DE S. MAMMEDE, 6.

1.<sup>o</sup> districto criminal.

PRIMEIRO BAIRRO ORPHANOLOGICO.

1.<sup>a</sup> vara do civil.

Santo André, Batholomen de Xabregas, Sancta Cruz do Castello, Sancta Engracia, Sancto Estevão, S. Thiago e S. Marthinho, S. Miguel de Alfama, S. Salvador e S. Thomé, S. Vicente, S. João da Praça, Sé, Magdalena, Olivaes, Sacaveni.

SEGUNDO BAIRRO ORPHANOLOGICO.

2.<sup>a</sup> vara do civil.

Anjos, Coração de Jesus, S. Jorge, S. José, Pena, Socorro, Loures.

2.<sup>a</sup> Conservatoria.RUA DOS SAPATEIROS (vulgo ARCO DO BANDEIRA)  
159.2.<sup>o</sup> districto criminal.

TERCEIRO BAIRRO ORPHANOLOGICO.

3.<sup>a</sup> vara do civil.

Conceição, S. Christovão, S. Julião, Sancta Justa, S. Lourenço,

Martyres, S. Nicolau, Sacramento, Bucellas, S. João da Talha, Chamusca, Vialonga, Bemfica.

QUARTO BAIRRO ORPHANOLOGICO.

4.<sup>a</sup> vara do cível.

Encarnação, S. Mamede, Mercês, S. Sebastião da Pedreira, Ameixoeira, Appellação, Campo Grande, Camarate, Fanhões, Frielas, Lousa, Lumiar, Odivellas, Povoia de Sancto Adrião, Tojal, Tojalinho, Unhos.

3.<sup>a</sup> Conservatoria.

RUA DE S. BENTO, 520.

3.<sup>o</sup> districto criminal.

QUINTO BAIRRO ORPHANOLOGICO.

5.<sup>a</sup> vara do cível.

Sancta Catharina, Sancta Isabel, Sanctos o Velho, Carnide.

SEXTO BAIRRO ORPHANOLOGICO.

6.<sup>a</sup> vara do cível.

|                                                      |                      |
|------------------------------------------------------|----------------------|
| Lapa, S. Paulo, Ajuda, Belem, S. Pedro em Alcantara. | } Julgado de Oeiras, |
| S. Julião da Barra.....                              |                      |
| Nossa Senhora da Purificação...                      |                      |
| Nossa Senhora dos Remedios...                        |                      |
| S. Romão de Carnaxide.....                           |                      |
| Barcarena .....                                      |                      |

ADVOGADOS ESTABELECIDOS EM LISBOA.

Abel Eduardo da Motta Veiga, R. do Ouro, 232; Abel Maria Jordão de Paiva Manso, R. Nova do Carmo, 60; Adelino Arthur da Silveira Pinto, Praça de Luiz de Camões, 6; Adriano Antão Barata Salgueiro, R. do Ouro, 220; Afonso de Sande Salema de Magalhães Mexia, no escriptorio do dr. Beirão; Agostinho Alves Maranhão da Cruz, R. Nova da Almada, 109; Alexandre Magno de Cárquos Paredes, no escriptorio do dr. Negrão; Alfredo Augusto das Neves Holtreman, no escriptorio do dr. A. M. R. da C. Holtreman; Alipio Freire de Figueiredo Abreu Castello Branco, R. dos Fanqueiros, 221; Annibal Alvares da Silva, R. dos Capellistas, 53; Antonio Alberto d'Assis, R. do Ouro, 259; Antonio Alfredo de Carvalho Teixeira, R. do Crucifixo, 50; Antonio Alves Pereira da Fonseca, R. Nova da Almada, 24; Antonio Emílio Guerreiro d'Assum-

ção, R. do Duque, 11 (ao Carmo); Antonio Gil, R. de S. João da Praça, 69; Antonio Gomes de Castro, R. Nova do Almada, 46; Antonio Gonçalves de Freitas, R. dos Algibebes, 118; Antonio Ignacio d'Almeida, Becco do Albuquerque, 1; Antonio Joaquim da Silva Abrantes, Praça da Figueira, 40; Antonio José Rodrigues Loureiro, R. dos Sapiteiros, 92; Antonio Justiniano Pegado Brotero, R. dos Correeiros, 91; Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman, R. dos Funqueiros, 235; Antonio Maria da Silva, R. dos Sapiteiros, 6; Augusto Cesar Elmano da Cunha e Costa, no escriptorio do dr. V. Pires; Augusto Maria de Quintella Emauz, R. dos Sapiteiros, 16; Bernardino Pereira Pinheiro, no escriptorio do dr. Beirão; Caetano de Campos e Andrade, Trav. da Victoria, 74; Carlos José d'Oliveira, Trav. da Victoria, 74; Carlos Valeriano Pires, R. do Crucifixo, 28; Carlos Zeferino Pinto Coelho, L. do Carmo, 18; Casimiro Lucio Salema de Lima, R. do Chiado; Constantino Luiz Simões Ferreira Gonçalves, R. do Principe, 23; Diogo José Vieira de Noronha, R. dos Douradores, 178; Eduardo José Segurado, no escriptorio do dr. T. Duarte; Emilio do Rego Botelho, no escriptorio do dr. Dias Ferreira; Feliciano Gabriel de Freitas, no escriptorio do dr. Pereira de Mello; Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, Praça de Luiz de Camões, 6; Francisco Antonio da Veiga Beirão, no escriptorio do dr. Beirão; Francisco da Cunha Teixeira de Sampaio, R. de S. Francisco, 47; Francisco Diogo de Magalhães Araujo Costa, R. dos Douradores, 121; Francisco Guilherme de Brito, R. Nova do Almada, 36; Francisco Jeronymo da Silva, Largo de S. Roque, 24; Francisco de Paula Freitas e Vasconcellos, R. Augusta, 270; Francisco da Silveira Vianna, no escriptorio do dr. Dias Ferreira; Frederico Augusto Franco de Castro, no escriptorio do dr. Pires; Frederico Philemon da Silva Avelino, no escriptorio do dr. Silva Mattos; Henrique Carlos Midost, R. Nova do Almada, 24; Hilario José Fernandes, no escriptorio do dr. F. J. da Silva; João Antonio Pereira Coutinho, R. dos Algibebes, 185; João Carlos Botelho Moniz, no escriptorio do dr. Abel; João Carlos Massa, R. de S. Francisco, 52; João Geraldo de Sampaio Efrem, R. do Crucifixo, 68; João Hygino Teixeira Guedes, R. dos Capellistas, 109; João Maria da Costa Freire e Sobral, R. dos Douradores, 85; João da Silva Mattos, R. Nova do Almada, 46; Joaquim José Lopes, no escriptorio do dr. Efrem; Joaquim José Rosado de Vasconcellos Gusmão, no escriptorio do dr. Beirão; Joaquim Maria da Silva, no escriptorio do dr. Pereira de Mello; José Augusto de Sousa Obst, R. dos Funqueiros, 288; José Dias Ferreira, R. da Emenda, 66; José Gabriel Holbeche; Almada; José Maria da Cunha Seixas, R. Nova do Carmo, 60; José Maria Dias Torres, Calç. de S. Francisco, 2; José Maria d'Eça de Queiroz, no escriptorio do dr. Emauz; José Maria Galgalves, R. de S. Francisco, 5; José Maria de Vasconcellos, no escriptorio do dr. Silva Abran-



ches; José Perez Ramirez, R. Nova do Carmo, 90; Julio Cesar Pereira de Mello, R. dos Algibebes, 177; Levy Maria Jordão, no escriptorio do dr. Abel Jordão; Luiz Antonio d'Araujo, Praça de D. Pedro, 116; Luiz Carlos Pereira, R. do Crucifixo, 49; Luis Philippe d'Abreu, Trav. da Victoria, 53; Luiz Maria Coffelo Xavier de Nobrega Aguiar, R. dos Sapateiros, 79; Luiz Maria Pires, R. Augusta 28; Manuel Arriaga, no escriptorio do dr. Bruschy; Manuel João de Oliveira Pinlo Ferreira de Castro, R. do Ouro, 220; Manuel Maria da Silva Beirão, R. da Prata, 166; Manuel Maria da Silva Bruschy, R. Nova do Carmo 60; Miguel de Almeida do Amaral Pedroso, no escriptorio do dr. Motta Veiga; Nuno Caetano da Costa Negrão, R. Nova do Almada, 80; Paulo Molosi, R. Nova de Almada, 24; Pedro Augusto de Carvalho, no escriptorio do dr. Pinto Coelho; Ricardo Estauslau da Costa, Trav. de S. Nicolau, 90; Ricardo Teixeira Duarte, R. Nova do Amparo, 17,

#### TABELLIÃES DE NOTAS EM LISBOA.

- Antonio Joaquim Freire Cardoso, R. Aurea, 26.  
 Antonio Pedro Barreto de Saldanha, P. de D. Pedro, 36.  
 Avelino Eduardo da Silva Mattos e Carvalho, P. de D. Pedro, 3. — Bacharel, paleographo.  
 Antonio de Abranches Coelho, R. dos Capellistas, 111. — Paleographo.  
 Camillo José dos Santos, R. do Arsenal, 124.  
 Francisco Guilherme de Brito, R. Aurea, 165. — Bacharel paleographo.  
 Francisco Vieira da Silva Barçadas, R. Augusta, 28. — Bacharel, paleographo.  
 Felisardo Antonio Silveiro, P. de D. Pedro, 93.  
 João Baptista Scola, R. da Magdalena, 175.  
 João Baptista Ferreira, R. do Chiado, 17.  
 José Carlos Rodrigues Grillo, R. de S. Bento, 61. — Paleographo.  
 José Justino de Andrade e Silva, R. da Magdalena, 18. — Bacharel, paleographo.  
 Jorge Philippe Cosmelli, R. do Crucifixo, 65. — Paleographo.  
 Jorge Camellier, R. Aurea, 50. — Paleographo.  
 Manuel Bernardino Soares de Brito, R. de Santo António, 9. — Bacharel, paleographo.  
 Manuel Maria Mascarenhas Xavier de Brito, R. dos Retrozeiros, 75. — Bacharel, paleographo.  
 Manuel Augusto Moraes da Silva, R. Augusta 141. — Bacharel, paleographo.  
 Pedro Ricardo Cosmelli, R. de S. Paulo, 238. — Paleographo.

**REPARTIÇÕES PERTENCENTES AO MINISTÉRIO DE OBRAS PUBLICAS.**

**CONSELHO D'OBRAS PUBLICAS.**

*Presidente.* — (O ministro).

*Vice-Presidente.* — O director geral, João Chrysostomo de Abreu e Sousa, R. de S. Luiz, 135

*Membros do conselho.* — Belchior José Garcez, Alameda de Sancto Antonio dos Capuchos; Cuctano Alberto Maia, R. das Flores, 13; Paulino Antonio da Cunha e Abreu, R. de Santo Ambrônio; José Victorino Damasio, Trav. de Lazaro Leitão, 20.

*Secretario.* — Faustino José de Mena Apparicio, Calç. de S. Francisco, 4.

**CONSELHO DE MINAS.**

*Presidente.* — (O ministro).

*Vice presidente.* — (O director geral).

*Membros do conselho* — Carlos Ribeiro (secretario), R. de Sancta Isabel, 108; Francisco Antonio Pereira da Costa, R. Larga de S. Roque, 20; João Maria Leitão, R. da Conceição; José Victorino Damasio, Trav. de Lazaro Leitão, 20.

**INTENDENCIA DAS OBRAS PUBLICAS.**

*Intendente.* — Luiz Victor Le Cocq, R. da Cruz de Pau, 8.

*Ajudante.* — D. Antonio de Almeida.

*Official contador.* — Vago.

*Pagador.* — Antonio de Padua Freire Fava, R. de Sancta Marinha.

**DIRECÇÃO GERAL DOS CORREIOS E POSTAS DO REINO.**

*Director geral.* — Eduardo Lessa, L. da Abegoaria, 30.

*Chefe da repartição central.* — João Baptista da Silva Lopes, R. do Caldeira, 9.

*Officiaes de primeira classe.* — Pedro de Castello Branco, R. da Horta Secca, 13; Antonio Cypriano da Silva Trigueiros, R. direita da Esperança, 186.

*Chefe da repartição de contabilidade.* — Augusto Espiridião Bacellar, R. Nova da Piedade, 77.

*Fiscalisação de serviço das administrações centras, direcções do correio e estações ambulantes nos caminhos de ferro* — *Officiaes visitadores* — Antonio Cesar de Gouvea Leite Farinha e Menna, R. Larga de S. Roque, 100; Carlos José da Matta Veiga, R. do Soccorro de Cima, 54.

*Officiaes de primeira classe, chefes de serçdo.* — Antonio Ferreira de Maquita, R. direita de S. João dos Bem-Casados, 28 ; Raphael Maria Latabeque Barbosa, R. Nova da Piedade, 37.

*Officines de primeira classe* — João de Sousa Amado, R. Formosa, 37 ; Guilherme Antonio Fernandes, R. da Madre de Deus, 52.

*Thesoureiro pagador.* — Carlos Eduardo Martinez, Trav. do Athaide, 7.

*Administração central do correio de Lisboa.* — *Administrador,* Luiz José Botelho Seabra, R. da Rosa, 233.

*Chefes de repartição.* — Manuel Sabino de Azevedo, R. dos Cardaes de Jesus, 47 ; Pedro Antonio Barbosa e Silva, Campolide de Baixo (Trav. de Estevão Pinto).

*Officiaes de primeira classe, chefes de secção.* — Manuel Emygdio Marques, Trav. da Victoria, 74 ; João Clemente do Valle, Calç. de S. Francisco, 23.

*Official de primeira classe, servindo de director da pequena posta.* — Candido Ferreira Simas, R. da Gloria, 33.

*Ajudantes do director.* — Joaquim Maximiano Madeira Pinto, R. de S. João dos Bem-Casados, 134 ; Antonio Carlos de Almeida, R. da Bica de Duarte Bello, 63.

*Fiel das cartas.* — Jeronymo Francisco Alves, R. dos Poyaes de S. Bento, 69.

*Ajudantes do fiel.* — José Antunes Pinto, R. do Arco do Limoeiro ; José de Araujo Pereira Guimarães, R. das Gaviás, 55.

*Fiel da correspondencia registada e dos saques.* — José Nicolau de Sousa, R. da Rosa, 304.

*Officiaes de primeira classe.* — Firmo Augusto Botelho Gouvea ; Joaquim Manoel Ferreira Barbas, R. de S. Bento, 73 ; Venancio Lucio Cordeiro de Araujo Feio, R. da Palmeira, 71 ; Francisco Maria da Gama Lobo, Trav. da Palmeira, 18.

## DIRECÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS DO REINO.

*Director-geral.* — Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas, R. nova da Estrella, 57.

*Engenheiro.* — Valentim Evaristo do Rego, R. nova da Trindade, 48.

*Chefe da repartição central.* — Cypriano José Alves, Praça da Alegria, 12.

*Chefe da repartição de contabilidade.* — Sebastião José Leal Pinto, R. de Jesus, 16.

*Chefes das secções da administração central.* — Maximo Balbino Martins, L. das Olarias, 25 ; Pedro Bruno de Almeida, R. da Esperança ; José Zeferino Sérgio de Sousa, Trav. do Guardamór, 10 ; Fernando de Mira Gião, Beco de Santo Antonio da Sé, 13 ;

Antonio Vaz Subtil, R. do Norte, 117; Angelo Garcia Ramos, Calç. Nova do Convento de Jesus, 3.

*Chefe da 1.ª divisão telegraphica.* — Augusto Cesar Bon de Sousa, Carreira dos Cavalhos, Quinta Velha.

*Chefe da 2.ª divisão.* — Antonio Luiz da Cunha, R. da Boa-Vista, 56.

*Chefe da 3.ª divisão.* — Luiz Maria Teixeira de Figueiredo, R. de S. Bento, 32.

*Pagador.* — José Lopes de Oliveira Velho, Trav. de Sancta Justa, 82.

*Interprete.* — Agostinho Wellemkamp; R. direita da Boa-Vista.

#### INSTITUTO INDUSTRIAL.

*Director.* — Joaquim Julio Pereira de Carvalho, R. do Caldeira, 9.

*Secretario, bibliothecario.* — Julio Cesar Machado, Trav. do Moreira (Salitre), 2.

*Conservador.* — José Mauricio Vieira, R. da Boa Vista, 77.

*Lentes.* — Jacinto Heliodoro da Veiga, R. Direita de S. João dos Bem-Casados 168; Antonio Thomaz da Fonseca, R. da Magdalena, 97; Joaquim Julio Pereira de Carvalho; Francisco da Fonseca Benevides, R. do Ferregial de Baixo, 11; José Victorino Damasio, Trav. de Lazaro Leitão; Antonio Augusto de Aguiar, R. de S. Marçal, 48; Luiz Almeida e Albuquerque, R. Belver.

#### INSTITUTO AGRICOLA.

*Director geral.* — Conde de Ficalho, R. dos Caetanos.

*Secretario.* — Henrique Stephen Weile, R. da Boa Morte, 8.

*Lentes de primeira classe.* — João Ignacio Ferreira Lapa, R. das Pretas; José Maria Teixeira, P. d'Alegria, 94; Silvestre Bernardo Lima, P. d'Alegria, 94; Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão; Francisco Antonio Alves Pereira, Trav. da Palmeira, 6; Francisco Marques Cardoso, Trav. Larga do Desterro, 15; João de Andrade Corvo; Joaquim Eleuterio Caspar Gomes, L. do Stephens, 1; Joaquim Estevão Rodrigues de Oliveira, Carreira dos Cavallos, 101; Joaquim Sabino Eleuterio de Sousa, L. de Andaluç, 3; Manuel José Ribeiro, L. do Tabellião. (Calç. de Santa Anna), 6.

*Lentes de segunda classe.* — Francisco Joaquim de Almeida Figueiredo, Calç. da Estrella, 135; José Verissimo de Almeida Junior, R. de Sancto Antonio dos Capuchos.

*Professor de desenho.* — Antonio da Costa Viegas, Belem.

*Repetidor.* — Augusto José da Cunha, R. das Salgadeiras, 5.

*Vice-Presidente da comissão especial de veterinaria.* — Silvestre Bernardo Lima.

*Intendente.* — José Maria Teixeira.

*Director da clinica medica.* — Joaquim Sabino Eleuterio de Sousa.

*Director da clinica cirurgica.* — Francisco Marques Cardoso.

*Director do laboratorio chimico.* — João Ignacio Ferreira Lapa.

## REPARTIÇÕES PERTENCENTES AO MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA.

### THESOURO PUBLICO.

*Director geral das contribuições directas.* — M. I. Moreira Freire, R. da Magdalena, 225.

*Director geral das alfândegas e contribuições indirectas.* — A. dos Santos Monteiro, R. da Magdalena, 287.

*Director geral da thesouraria* — Joaquim J. do Nascimento Lupi, T. de Santo Antonio, (á T. do Pombal).

*Director geral da contabilidade.* — Luiz de S. da Fonseca Junior, R. de Sancta Martha (em frente da T. Larga).

*Director geral dos proprios nacionaes.* — J. Luciano de Castro, R. da Horta Secca.

*Officiaes-chefes de repartição.* — A. Augusto Pereira da Silva, R. Larga de S. Roque, 30 ; Francisco A. Pereira Magalhães, L. de Camões ; F. Martiniano Arnaud, R. do Crucifixo ; Guilherme Augusto de Sousa e Cunha, R. do Principe ; João Felix Alves de Minhava, L. de Santa Barbara ; Joaquim F. de Azevedo, L. do Corpo Santo (junto á igreja) ; Joaquim M. Pereira Viana, R. Direita dos Anjos, 69 ; Joaquim P. Seabra, R. de S. Marçal, 1 ; José Dias de Oliveira, R. da Parreirinha ; Sebastião J. Pedroso, Poço do Bispo.

*Thesoureiro pagador.* — Joaquim A. Moreira de Sá, R. do Jardim do Regedor, 31.

### TRIBUNAL DE CONTAS.

*Conselheiro Presidente.* — Visconde de S. Bartholomeu, R. de S. Bartholomeu, (Costa do Castello).

*Conselheiros vogaes* — Barão de Porto de Moz, R. de S. Bento (defronte da T. do Pombal) ; Antonio de Paiva Pereira da Silva, R. do Duque de Bragança ; Francisco Simões Margiocchi. Chafariz das terras, a Buenos Ayres ; Antonio Correia Caldeira, R. de S. Bento, 31 ; Thomaz Cabral Soares de Albergaria, Campo de Sant'Anna ; Antonio Rodrigues Sampaio, R. de S. Bento (es-

quina da T. de Sancto Amaro); Joaquim José Ferreira Pinto da Fonseca Telles, Costa do Castello, 12; Alberto Antonio de Moraes Carvalho, R. da Barroca; Mauricio Leonardo Fernandes Rodrigues, R. Novn de S. Mamede 77.

*Secretario.* — Caelano Francisco Pereira Garcez, R. Nova da Palma, 33.

*Directores geraes.* — Sebastião José da Costa; Antonio Gonçalves de Freitas.

*Primeiros contadores.* — Antonio Firmo Alves da Silva; Antonio Martinho Gonçalves; Joaquim José Paganino Teixeira Neves; Joaquim José de Sousa Miranda; José Anastacio de Velasco Galliano, T. de Sancto Amaro, 65; José da Costa Camarate; Lucas de Seabra Valverde; Mannel José Cabral da Costa.

*Segundos contadores* — Alexandre Antonio Bon, Calç. da Estrella, 73; Antonio Miguel Gomes de Leiros; Antonio Morato Roua, R. Nova dos Martyres; Carlos Joaquim Maldonado Froment, L. do Chafariz de Dentro, 19; Filippe Benicio Rebello Baccellar; João Gualberto de Oliveira, João Pedro Heitor Calç. do Combro, 95; José Gabriel da Costa Freire, R. da Gloria, ao Passeio, 93; José Thomaz de Oliveira, Calç. do Marquez de Abrantes; Luiz José dos Sanctos, R. da Gloria, 46; Matheus Antonio da Costa, Trav. das Necessidades, 8; Nicolau Tolentino Pedroso de Almeida

*Primeiros officinaes.* — Gregorio Tito Gonçalves Martins, Calç. do Combro, 95; Jeronymo Innocencio Muschat Sayba, R. de S. José, 15.

## PROCURADORIA GERAL DA FAZENDA.

(Largo das Chagas).

*Procurador geral.* — Joaquim José da Costa Simas, L. das Chagas.

*Ajudantes.* — Hermenegildo Augusto de Faria Blanc, R. de S. Pedro de Alcantara; Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida, Calçada da Estrella n.º 90.

*Secretario.* — Ricardo Augusto Pereira Guimarães.

## CONSELHO GERAL DAS ALFANDEGAS.

*Presidente.* — (O ministro da Fazenda).

*Vogaes.* — Antonio dos Sanctos Monteiro; Joaquim José da Costa Simas; Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, Olivares; José Alexandre Rodrigues, R. do Sacramento, a S. Sebastião; Sebastião José de Abreu, R. das Pedras Negras; Antonio José Duarte Nazareth, R. do Aleccrim, 75; Antonio José Pereira Serzedello Junior, L. do Corpo Santo.

*Secretario.* — Antonio Maria Couceiro, R. do Paraizo.

### ALFANDEGA DE LISBOA.

*Inspector.* — Antonio José Duarte Nazareth, R. do Alecrim, 75.

*Chefes de serviço.* — João Antonio dos Sanctos e Silva, R. Nova de S. Domingos, 38; Libanio Antonio Gomes, R. de S. João da Praça, 83; Manuel Teixeira Basto, R. das Trinas do Mocambo, 6; Caetano José de Campos Andrada Pinto, Sancto Antonio da Convalescença, Bemfica.

*Thesoureiro geral.* — Jacintho de Freitas e Oliveira, R. da Quintinha, 120.

*Primeiros officiaes.* — Nuno Antonio Porlo, R. de S. Francisco, 39; Antonio da Motta Andrade e Silva, R. Nova da Alegria, 94; Francisco de Oliveira Concellos, R. de S. Felix, 9; Alfredo do Couto Garrido, R. do Loureiro, 99; Francisco Antonio Marques Caldeira, Trav. da Victoria, 42; Francisco Marques Vieira, R. dos Douradores, 159; Francisco de Almeida Brandão e Sousa, Trav. do S. Nicolau, 12; João Ignacio da Cruz Forte, Antonio Joaquim dos Sanctos Pinto, L. da Graça, 68; João Augusto Gomes Leal, Praça de D. Pedro, 59; Francisco José de Almeida, Calc. de S. Sebastião da Pedreira, 152.

*Primeiros verificadores.* — Augusto Ardisson, R. dos Corrieiros, 236; Julio Antonio Ribeiro, R. da Figueira, 21; José Marques Moreira, R. de S. Francisco, 23; João Damaso da Silva, Trav. do Chafariz das Terras, 21; Carlos José Ennes, Trav. da Victoria, 7; José Alexandre Rodrigues, R. do Sacramento, 38, a S. Sebastião da Pedreira.

*Segundos officiaes.* — Anastacio Luiz Gallinia, R. Nova do Almada, 95; Luiz Augusto de Araujo e Castro, R. do Outeiro, 7; Alfredo Emilio Monteverde, R. do Ferregial de Cima, 5; João Fernandes Thomaz, Pat. do Geraldés (Entre-Muros), 86 A; Augusto Jacques de Magalhães Machado, Pat. do Tronco, 14; Gregorio José Pereira, L. do Corpo Santo, 13; Manuel de Jesus Coelho, Poço dos Negros, 40; Emilio Achilles Monteverde Junior, R. do Ferregial de Cima, 5; Francisco Guilherme Xavier Moreira, R. Nova da Estrella, 19; Jannario Henrique da Fonseca Collaço, R. da Paz, 7; Raphael Augusto Rodrigues Sette, R. Nova de S. Mamede, 77; Augusto Maria de Brito, R. de S. Thomé, 68.

*Segundos verificadores.* — Arthur Antonio dos Sanctos Monteiro, R. de S. Lazaro, 26; Antonio de Sousa Pinto de Magalhães, Telheiras; D. Bernardo José da Costa, R. de Sancta Martha, 222; Manuel de Carvalho Ribeiro Vianna, R. do Quelhas, 14; Julio Eduardo da Silva Pedrosa, R. Formosa, 50; João Paulino de Proença Vieira, Calc. da Gloria, 21; Sabino Vieira de Almeida

Borges, R. dos Fanqueiros; Francisco Pereira de Oliveira, R. de S. Bento, 255.

*Porteiro das arrematações.* — Jeronymo José de Carvalho, R. dos Douradores.

### ALFANDEGA MUNICIPAL DE LISBOA.

(No edificio do Terreiro Publico).

*Director.* — Carlos José Caldeira, Chellas.

*Chefes de scrvão* — Candido José Maria de Oliveira, R. do Terreiro do Trigo, 24; Sebastião Gustavo Pinto, R. do Paraizo, 80; Custodio Manuel Gomes, R. Occidental do Passeio Publico, 51; João Evangelista de Macedo, R. da Prata, 234.

*Thesoureiro.* — José Carlos de Azevedo, Calç. da Ajuda, 167.

*Primeiros officiaes.* — Elizen Nuno de Sousa Dromundo, R. dos Cordoeiros, 50; Antonio José Pereira, L. do Mastro, 54; Antonio José Gonçalves Serva, R. do Arco do Limoeiro, 44; Augusto Galeum, Calç. do Forno do Tijolo, 32; José Maria Galvão Xavier de Magalhães, Calç. do Forno de Tijolo, 8; Agostinho Antonio da Costa e Silva, S. João dos Bem-casados; José Maria de Figueiredo, R. do Oiro, 242; João José da Trindade; Trav. de S. Vicente, 2; Frederico Augusto Cesar Machado; R. da Carreira dos Cavallos, 79; Tito Livio de Mendonça, R. da Rosa, 142; José Zeferino de Almeida Coutinho, R. do Limoeiro, 7; Silvestre José de Miranda, R. direita de S. João dos Bem-casados, 5; Philippe Joaquim da Cunha, R. dos Fauqueiros, 262.

*Segundos officiaes.* — Antonio Gentil Hirsh, Estrada de Bemfica, 32; José Rodrigues da Silva Carvalho, R. do Arco do Cego, 2; Manuel José de Aguiar, Trav. da Galha, 79; Augusto José Monteiro de Almeida, Estrada da Penha de França; Ricardo de Oliveira Guimarães, R. de S. Christovão, 15; José Ladislau de Almeida; André Avelino dos Reis, R. dos Anjos, 28; Antonio Maria Reynaud Sampaio, R. das Necessidades, 16; José Florencio Michaly, R. de S. Bernardo, 33; João Antonio da Silva, Trav. do Caes do Tojo, 7; João Maria Froment de Abreu; João Torquato Galvão de Magalhães, R. direita de Arroios, 71; José de Sousa Almeida Brandão; José Maria Pereira Bastos, R. do Campo de Ourique, 140; Antonio Ladislau Dique da Fonseca; José Manuel da Paz Figueiróa, R. Nova da Alegria, 2; Antonio Pedro dos Sanctos, R. de Sancto Antão, 169; Antonio Luiz Ferreira, R. do Salitre, 213; Antonio Maria Krusse; João Xavier de Almeida, R. de S. Francisco de Paula, 79; Antonio Avelino dos Reis; Eduardo José Estrella, Carreira dos Cavallos, 109; Vicente Alves Chaves, R. de S. Christovão, 24; João Xavier Bastos, R. do Terreiro do Trigo, 50; Adriano Ferreira Marques, R. de S. Sebastião da Pedreira, 222.



## DESPACHANTES DA ALFANDEGA DE LISBOA.

Alfredo Theodulo Correia Pinto, R. da Piedade, 54 ; Antonio Jacintho Martins Soromenho, R. do Valle de Sancto Antonio, 249 ; Antonio Martins Fonseca Cardoso, R. da Esperança, 133 ; Antonio Pedro de Figueiredo, R. Nova de El Rei, 154 ; Antonio Pinto dos Sanctos, R. Direita da Esperança, 27 ; Antonio da Silva, R. Nova do Carmo, 89 ; Augusto José Coimbra, R. do Teixeira, 35 ; Augusto Vito Veiga da Cunha, Cnlç. do Salitre, 108 ; Antonio Jonquim Leite Ribeiro, R. dos Douradores, 150 ; Antonio Rodrigues Tocha, Calç. da Graça, 39 ; Candido Antonio de Faria, R. do Ferregial de Cima ; Carlos Augusto Freire, R. Direita de S. Paulo ; Casimiro Covacich, L. do Corpo Sancto, 13 ; Chabica & Gonçalves, Caes do Sodré, 1 ; Duarte Braga, R. da Correnteza, 7 ; Domingos José Marques, R. da Bitesga, 7 ; Philippe Pereira, R. dos Retrozeiros, 45 ; Francisco Galdino Pereira Freitas, Calç. de Sant'Anna, 164 ; Francisco Roberto Peuna Monteiro, R. de S. Bento, 87 ; Guilherme José Martins e Filhos, Praça de D. Pedro ; Guilherme Passos Peixoto, R. da Magdalena, 109 ; Jorge Potier Alvares, Calç. de S. João Nepomuceno, 33 ; Jacintho João Pedro Vasques, R. de Sancto Ambrosio, 33 ; Jannario José Severino Antunes Seabra, R. dos Ferreiros da Estrella, 24 ; João Afonso de Moura, R. da Piedede a Campo de Ourique, 30 ; João Augusto de Farin, R. do Salitre, 115 ; João Joaquim da Silva Negrão, R. de S. Luiz, 13 ; João José de Mello, R. do Crucifixo, 40 ; João Liborio da Cunha, Calç. de Carriche, 133 ; Joaquim Antonio Teixeira Marques, R. do Jardim do Regedor ; Joaquim Lourenço Freire, Campo de Sancta Clara 121 ; José Baptista Sanctos Cadet, R. de S. Lazaro, 128 ; José Bernnrdino Cunha Gomes, R. da Boa Vista, 55 ; José Dias Pereira, R. de João da Praça, 90 ; José Mannel do Valle, Calç. das Lages, 3 ; José Maria Raposo, R. de Sancto Antão, 25 ; Justiniano José Marques, R. Direita dos Anjos 192 ; Manuel José Baptista R. da Prata, 80 ; Raphael Archanjo de Carvalho, Calç. do Correio Velho, 3 ; João Carlos Raposo, R. Direita de Belem, 33 ; João Sampaio de Roure, R. direita da Junqueira, 1 (Belem) ; Francisco Januario da Silva Granate, Campo Pequeno, 37.

**REPARTIÇÕES PERTENCENTES AO  
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA  
GUERRA.**

(Rua do Arsenal).

**Secção do exercito.**

*Presidente.* — (Marchal do exercito) Duque de Saldanha.

*Vogaes.* — (General de divisão) Visconde de Leceia, R. de S. João da Matta, 19 ; (general de divisão) Barão de Monte Bra-

zil, R. do Moinho de Vento, 170 ; (general de brigada) Visconde do Pinheiro, R. de Entre Muros, 101 ; (general de brigada) Barão da Batalha, P. de D. Pedro, 108 ; (general de brigada) Frederico Leão Cabreira, R. do Paraizo.

*Promotor.* — (tenente coronel) Carlos Augusto Franco, Trav. da Agua de Flor, 20.

*Juiz relator.* — Antonio José de Barros e Sá, L. de Camões, 21.

*Ajudante do juiz relator.* — José Xavier Pereira de Macedo, R. dos Correeiros, 16t.

*Secretario.* — (coronel) José Herculano Ferreira de Horta, R. da Annunciada, 177.

*Officinas da secretaria.* — Joaquim Justino Rebello, Calç. do Marquez de Abrantes, 98 ; Joaquim Freire de Andrade Salazar de Eça, R. direita dos Anjos, 137.

### PRIMEIRA DIVISÃO MILITAR.

(Rua de S. José, 22, 24).

*Commandante.* — Conde da Ponte de Sancta Maria (marchal do exercito). No edificio da repartição.

*Chefe de estado maior.* — Luiz Travassos Valdez, R. do Telhal, 82.

*Sub-chefe de estado maior.* — Francisco José da Silva Junior, Trav. da Palmeira, 82.

*Ajudantes de campo.* — José de Queiroz Abranches, (no edificio); Antonio Abranches de Queiroz, (no edificio).

*Cirurgião.* — José Pires da Matta Pacheco, R. de S. José, 57.

*Secretario.* — João Luiz Muzantti, R. direita dos Anjos, 133.

### ARSENAL DO EXERCITO.

(Largo da Fundição).

*Sub-inspector.* — (Coronel) Francisco José de Sousa, R. do Mirante.

(Tenente coronel) João Manuel Cordeiro, R. do Mirante.

*Cirurgião de brigada graduado.* — Miguel Heliodoro de Novas Sá Mendes, R. dos Douradores, 83.

*Contador.* — Manuel Antonio Camello, R. da Gloria.

*Archivista.* — Francisco Manuel de Eça Figueiró Gama Lobo, Trav. do Oleiro, 12.

*Almozarife.* — Antonio Satyro da Silva, L. da Estação do caminho de Ferro.

## ESCOLA DO EXERCITO.

*Commandante.* — Marquez de Sá da Bandeira, Trav. da Natária, 2.

*Segundo commandante.* — Joaquim Antonio Rodrigues Guilhardo, L. de S. Martinho, 12.

*Directores de Estudos.* — João Maria Feijó, L. de Camões, 4; José Martinho Thomaz Dias, Trav. Larga do Desterro, 35.

*Lentes proprietarios.* — José Rodrigues Coelho do Amaral, R. Nova da Palma, 109; Antonio da Rosa Gama Lobo, R. da Condessa, 25; José Joaquim de Castro, Calç. do Salitre, 8; Torquato Elias Gomes da Costa, R. do Carvalho, 35; Aniceto Marcolino Barreto da Rocha, Trav. do Moreira, 2; José Elias Garcia, Trav. de S. Bernardo, 30.

*Lentes substitutos.* — José Maria Cabral Calheiros, Paç. da Rainha, 12; João Evangelista de Abreu, R. da Magdalena, 166; Jacintho José Maria do Couto, R. dos Cardaes de Jesus, 130.

*Repetidores.* — Manuel José Ribeiro, L. do Tabellião, 6, (Calç. de Sant'Anna); Francisco Antonio Alvares Pereira, Trav. da Palmeira, 6; Thomaz Frederico Pereira Bastos, Trav. de S. Mamede, 60; Antonio Eugenio Ribeiro de Almeida, R. das Ollarias, 1.

*Secretario.* — Guilherme Antonio da Silva Couvreur, L. do Mastro, 70.

## REAL COLLEGIO MILITAR.

(Largo da Luz, Carnide).

*Director.* — Augusto Xavier Palmeirim.

*Professores — Sciencias naturaes.* — Joaquim Rodrigues Guedes, Trav. do Pombal, 84.

*Mathematica.* — José Maria Couceiro da Costa, R. de S. João dos Bem Casados, 84.

*Desenho.* — Angelino da Cruz e Castro, R. do Val de Pereiro, 80; Joaquim da Costa Cascaes, R. do Correão, 60.

*Philosophia e Rhetorica.* — Aristides Pinto Ferreira de Bastos, Estrada de Campolide, proximo a Sete Rios.

*Inglez.* — Marcus Dalhanty, Estrada de Campolide, 31.

*Francez.* — Francisco Celestino Soares, Trav. de Estevão Pinto, a Campolide, 10.

*Latim.* — Antonio Francisco Coelho Junior, Estrada da Luz, 24.

*Geographia.* — Augusto José da Cunha, R. das Salgadeiras, 5.

*Calligraphia.* — Augusto Cesar Munhoz, Est. de Bemfica, 504.

*Dança.* — Henrique Zenoglio, Estrada da Luz.

*Gymnastica.* — Delaunay, R. da Magdalena, 48.

*Egrima.* — Augusto Celestino Soares, R. de S. Francisco de Borja, 4.

## REPARTIÇÕES PERTENCENTES AO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA MARINHA.

### CONSELHO ULTRAMARINO.

(No edificio do Arsenal da Marinha).

*Presidente.* — O ministro e secretario de estado, (no Arsenal da Marinha):

*Vice-presidente.* — José Ferreira Pestana, governador da India.

*Vogues.* — Marquez de Sá da Bandeira, Trav. da Natária, 6; José Joaquim da Silva Guardado, R. de S. Francisco, 5; Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, R. de S. Bento, 357; José Rodrigues Coelho do Amaral, R. Nova da Palma, 59; Antonio Maria Barreiros Arrobas, R. do Thesouro Velho, 5; Joaquim Pinto de Magalhães, R. da Magdalena, 149.

*Secretario.* — Antonio Julio de Castro Pinto de Magalhães, R. da Magdalena, 149.

*Officiaes, chefes de repartição.* — Francisco Joaquim da Costa e Silva, P. da Alegria, 28; Luiz Antonio da Cunha, Trav. do Convento de Jesus, 22; Manuel Gomes Pessoa Loforte, R. da Magdalena, 225.

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DE MARINHA.

(No edificio do Arsenal da Marinha).

*Presidente.* — Manuel José da Nobrega, Calç. do Marquez de Abrantes, 10.

*Procurador.* — Joaquim Thimoteo de Moura, R. de S. Bento, 56.

*Secretario.* — Antonio Augusto de Andrade, L. de Sancta Justa, 278.

### ARSENAL DA MARINHA.

(Largo do Pelourinho).

*Inspector geral.* — Visconde da Praia Grande de Macau, Arsenal da Marinha.

*Sub inspector.* — Joaquim José Cecilia Kol, Cordoaria Nacional.

*Ajudantes.* — Raphael da Silva Campos, R. de Sancto Antão,

177; Francisco de Paula e Sousa, Corderaria Nacional; Joaquim José de Barros, R. de S. Bento, 233.

*Secretario.* — Carlos Gallis, R. do Principe, 37.

#### MAJORIA GENERAL DA ARMADA.

(No edificio do Arsenal da Marinha).

*Major general.* — Visconde de Soarcs Franco, R. direita da Lapa, 69.

*Ajudante.* — Luiz Caetano de Novaes, R. Nova do Amparo, 6.

*Ajudante.* — João Carvalho Ribeiro Vianna, R. da Trindade, 5.

#### SUPREMO CONSELHO DE JUSTIÇA MILITAR.

##### Secção de marinha.

(Rua do Arsenal).

*Vogaes.* — Antonio Ricardo da Graça, R. do Poço dos Negros, 134; José Bernardo da Silva, R. de S. Mamede, á S.º, 47; Raphael Florencio da Silva Vidigal, R. de S. Bento, 676; José Alemão de Mendouça Cisneiros e Faria, R. dos Arcos das Aguas Livres, 25; Joaquim Pedro Celestino Soares, R. de Castello Pição, 18.

*Promotor.* — Ignacio Lazaro de Sá Vianna, Pateo dos Buracos, a Pallavã.

##### Auditoria.

*Auditor.* — José Correia da Costa Godinho, Campo de Sancta Clara.

*Escrivão.* — Francisco Rodrigues Ferreira, R. das Sulgueiras, 5.

#### CONSELHO DE SAUDE NAVAL E DO ULTRAMAR.

(No edificio do hospital de marinha, ao Campo de Sancta Clara).

*Presidente.* — Conselheiro Manuel Maria Rodrigues de Bastos, R. Nova da Palma, 232.

*Vogaes.* — Francisco Frederico Hopffer, Calç. de Sancto André, 56; João Francisco Barreiros, R. Oriental do Passeio, 160; Carlos Guilherme de Faria e Silva, R. do Arco do Bandeira, 30; Joaquim Antonio dos Prazeres Batalhoz, R. de Sancta Martha.

#### ESCOLA NAVAL.

(No edificio do Arsenal da Marinha).

*Director.* — Sebastião de Castro Guedes, R. do Limoeiro, 85.

- Lentes.* — 1.<sup>a</sup> cadeira — João Braz de Oliveira, Trav. das Mercês, 56.  
 — 2.<sup>a</sup> " — Antonio Diniz do Couto Valente, R. do Monte Olivête, 32.  
 — 3.<sup>a</sup> " — Francisco da Fonseca Benevides, R. do Ferregial de Baixo.  
 — 4.<sup>a</sup> — Joaquim José Gonçalves de Mattos Correia, R. Larga de S. Roque, 2.  
 — 5.<sup>a</sup> — Carlos Testa, R. do Alecrim, 53.

*Substituto.* — Francisco da Ponte Horta, R. do Monte Olivête, 32.

*Professores de inglez.* — João de Brito Parminter Milner collegio do Pontes, 4 Sé.

*De desenho.* — Antonio José da Silveira, R. do Salitre, de frente do theatro.

*Desenhadores de architectura naval.* — Joaquim José Salgueiro, R. da Esperança.

*Demonstrador.* — Diogo José Batalha, Belem.

*Mestre de armas.* — Carlos Capon, R. de S. José, 68.

## MINISTERIO DOS EXTRANGEIROS.

### CORPO DIPLOMATICO.

**Londres.** — *Ministro.* — Conde de Lavradio. — *Secretario.* — Visconde de Rilvas.

**Madrid.** — *Ministro.* — Conde d'Avila. — *Secretario.* — Geraldo Ferreira dos Sanctos Silva.

**Paris.** — *Ministro.* — Visconde de Paiva. — *Secretario.* — Visconde de Lencastre.

**Roma.** — *Embaixador.* — Duque de Saldanha. — *Secretario.* — D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo.

**Rio de Janeiro.** — *Ministro.* — José de Vasconcellos e Sousa. — *Secretaria.* — Frederico Francisco de Figanière.

**S. Petersburgo.** — *Ministro.* — Visconde de Moura. — *Secretario.* — João Coelho de Almeida.

**Florença.** — *Ministro.* — José Ferreira Borges de Castro. — *Secretario.* — João de Sousa Lobo.

**Washington.** — *Ministro.* — Miguel Martins Dantas. — *Segundo addido.* — Manuel Garcia da Rosa.

**Bruxellas e Haya.** — *Ministro.* — Visconde de Seisal. — *Segundo addido.* — Visconde de Paiva (Adolpho).

**Vienna.** — *Ministro.* — Visconde de Sancta Quitéria. — *Segundo addido.* — Henrique Teixeira Sampaio.

**Berlim e Coburgo.** — *Ministro.* — D. Luiz Victorio de Noronha. — *Segundo addido.* — Guilherme Street d'Arringa e Chuha.

**Stockolmo e Copenhague.**—*Ministro.*—Visconde de Souto Maior.—*Secretario.*—Luiz de Quillinan.

**CONSULES e CONSULES GERAES de Portugal nos paizes estrangeiros.**

**Argentina** (republica).

*C. G.*—Barão de Sousa (é tambem encarregado de negocios) *Buenos-Ayres.*—Antonio José Alves Pinto.—*C.*

**Austria.**

*Vienna.*—Eduardo Wiener.—*C. G.*

*Trieste.*—Pedro Sartorios.—*C. G.*

**Baden** (ducado de).

*C. G.*—Barão d'Erlanger.

*Baden-Baden.*—Eduardo Strohmeyer, *C.*

**Baviera.**

*Aschaffenburg.* — Francisco Dessaner.—*C. G.*

**Belgica.**

*Antuerpia.* — Barão Prospero João Francisco de Terwagne.—*C. G.*

*Bruzella.s.*—Julio Mathieu.—*C.*

*Litge.* — L. — d'Audrimont de Moffarts.—*C.*

**Brazil.**

*Rio de Janeiro.*—Daniel da Silva Ribeiro (encarregado do consulado geral).

*Bahia.* — Augusto Peixoto.—*C.*

*Maranhão.* — José Correia Loureiro.—*C.*

*Pará.* — Joaquim Baptista Moreira.—*C.*

*Pernambuco.* — Claudio d'Araujo Guimarães.—*C.*

*Ceará.* — Manuel Caetano de Gouveia.—*C.*

**Chili** (republica do).

*Valparaizo.* — Jorge Lyon. — *C. G.*

**China.**

*Amoy.* — Alexandre R. Johnston.—*C.*

*Tuchan.* — Thomaz H. Chpman.—*C.*

*Kankow.* — José V. Evans.—*C.*

*Kien-Kiang.*—Christian Grimsly Lenny—*C.*

*Shanghai e Etingpó.*—Guilherme Henrique Dent.—*C.*

*Tien-Sing.*—João Hanna.—*C.*

**Cidades anseaticas.**

*Hamburgo.* — Guilherme Amsinck.—*C. G.*

**Dinamarca.**

*Copenhague.* — Henrique Luiz Belman. — *C. G.*

*Allona.* — Paulino Pereira Galvão.—*C.*

**Estados pontificios.**

*Roma.* — João Husson da Camara.—*C. G.*

*Clotta Vecchia.* — João André Bustelli.—C.

**Estados-Únidos.**

*Nova York.*—Antonio Maria da Cunha Pereira de Sotto Maior.—C. G.

*California.*—Augusto Napoleão Byfield.—C.

**França.**

*Paris.* — Heitor Gitton.—C.

*Havre de Grace.* — José Ferreira Alves.—C. G.

*Havre de Grace.* — Eduardo Ferreira Alves.—C.

*Bordeas.* — Carlos Doney.—C.

*Bayona.* — Joaquim Dubrocq.—C.

*Bastia (Corsega).*—José Valery.—C.

*Marselha.* — Estevão Barroil.—C.

*Ruan.* — D ogo Henrique Augusto Noury.—C.

*Nantes.* — José Manuel do Nascimento, — C.

*Niza.* — Paulo Boussim. — C.

*Lille.* — José Urbano Rouviera. — C.

**Possessões francezas.**

*Argel.* — Francisco Ravan. — C.

*Iha da Reunião.* Eduardo Morin. — C.

**Grã-Bretanha e Irlanda.**

*Londres.* — Francisco Ignacio Vanzeller. — C. G.

*Bristol.* — Thomaz Ribeiro dos Sanctos. —C. G.

*Cork.* — Jorge Mauders. — C.

*Liverpool.* — Antonio de Almeida Campos. — C.

**Possessões Britanicas.**

*Gibraltar.* — José Benso. — C. G.

*Antigua.* — Francisco João Pedro de Abreu. — C. G.

*Australia e Terras de Van-Diemen.* — Jonathan Beens We-  
re. — C. G.

*Colonia de Victoria. Australia.* — Ricardo Cooper — C. G.

*Cabo da Boa Esperança.* — Alfredo Duprat, — C. G.

*Calcuttá e Bengalla.* — Lourenço Augusto de Sousa. — C. G.

*Canada.* — Guilherme Henrique Filston. — C.

*Ceylão.* — (Vago).

*Demerara.* — Francisco João Pedro de Abreu. — C. G.

*Hong-Kong.* — (Vago).

*Malta.* — Gerolamo Tessi. — C. G.

*Madrasta.* — Francisco de Sousa. — C.

*Mauricia.* (ilha) Adolpho Eduardo Serendat. — C. G.

*New Brunswick.* — Eduardo Alisson. — C.

*Serra Leoa.* — Miguel Soares Gúanes. — C.

*Singapura Malaca.* — Joaquim de Almeida. — C. G.

*Sancta Helena.* — James Magnus Gideon. — C.

*Trindade (ilha da).* — Francisco João Pedro de Abreu. — C. G.

*Terra Nova.* — Carlos Fox Beunet. — C. G.



*Bathurst* (no rio Gambia). - Manuel Machado da Silva. --- C.

### **Grecia.**

*Athenas*. --- João de Gallian. --- C. G.

*Morea*. --- George E. Economo. --- C.

*Calamata*. --- (Vagó).

*Ilhas Jonias*--- Carlos Morett

### **Hanover.**

Luiz Frederico Mathias C. G.

### **Hispanha.**

*Madrid*. --- Barão de Hortelega. --- C. G.

*Cadix*. --- José Eslevão Gomes. --- C. G.

*Tenerife*. --- D. José Ravina. --- C.

*Barcelona*. --- Caetano Zuzarte Wren. --- C.

*Sevilha*. --- João Paglyery. --- C.

### **Possessões hespanholas.**

*Havana* --- Fernando de Gaver. --- C. G.

*Manilha* (ilhas Philipinas). --- Antonio Hydalgo y Nunes. --- C.

### **Haiti** (republica do).

*Porto Principe*. --- Luiz Morelli.

### **Hesse** (Gram Ducal)

*Hesse Eleitoral*. --- Barão D'Erlanger.

### **Italia.**

*Turim*. --- Luiz Ardison. --- C.

*Milão*. Frederico Philippe de Sousa Holstein. --- C.

*Loreto*. --- Pedro Rocchi. --- C.

*Genova*. --- João Sivori. --- C.

*Naples*. --- Pnscoal Bolognesi. --- C. G.

*Palermo*. --- J. R. Hareas. --- C.

*Ancona*. --- Conde Alexandre Gallo. --- C.

*Veneza*. --- Luiz Ivnnicich. --- C.

### **Japão.**

*Kanagawa*. --- Eduardo Clarke. --- C.

*Nagasaki*. --- José da Silva Loureiro. --- C.

*Hokodadi*. --- Alfredo Homell. --- C.

*Osaca*. --- Guilherme Ferreira Vinna. --- C.

### **Marrocos.**

*Tanger*. --- José Daniel Collaço. --- C.

### **Mexico.**

G. G. --- R. H. Luiz Heidsieck.

### **Nassau** (ducado de).

C. G. --- Barão d'Erlanger.

### **Oldemburgo** (gram ducado de).

C. G. --- Luiz Francisco Mathias.

### **Paizes Baixos.**

*Amsterdã*. --- W. Riben. --- C. G.

*Rotterdam*. --- Adolpho Frederico William Ellerman. --- C.

**Possessões neerlandezas.**

*Butavia.* --- L. Johannes Henricus Bouman. --- C.  
*Surabaia.* --- Gurit Schimmel.  
*Paramaribo.* --- Sally Leon.

**Paraguay.**

*Barão de Sousa.* --- C. G. (é tambem encarregado de negocios).  
*Assumpção.* --- Francisco Correa Madruga. --- C.

**Peru.**

C. G. --- Dr. Antonio Evaristo d'Ornellas.

**Prussia.**

*Stettin.* --- Theodoro Gottlieb Gribel. --- G. G.  
*Berlim.* --- Raphael Eisenmann. --- C.  
*Colonia.* --- Hugo Roeder. --- C.  
*Francfort.* --- Barão d'Erianger --- C. G.

**Russia.**

*S. Petersburgo.* --- Frederico Rigler. --- C. G.  
*Odessa.* --- Jacques Porró -- C. G.  
*Revel.* --- Carlos Fernando Gahlaback. --- C.  
*Riga.* --- Carlos Schmidt. --- C.  
*Finlandia.* --- Nicolau Hisseleff. --- C.

**Saxonia.**

*Leipsick.* --- Alfredo Gohring. --- C. G.

**Siam (reino de).**

*Bangkok.* --- Antonio Frederico Moor.

**Suecia e Noruega.**

*Stocholmo.* --- Guilherme Graf. --- C. G.

**Suissa [Confederação].**

C. G. --- Joaquim José de Proença Vieira.  
*Genebra.* --- Augusto Getsser Hubert.

**Trans-Vaal-Boers [Republica].**

C. G. --- João Albazini.

**Tunis (republica de).**

C. --- Guilherme Schmidt.

**Turquia.**

*Constantinopla.* --- Fortunato Jourdan. --- C. G.

*Dardanellos.* --- Francisco Caravel. --- C.

*Smyrna.* --- João Dorsharmet --- C.

*Alexandria.* --- (Egypto).--- André Popolani. --- C. G.

*Ilha de Creta.* --- Manuel Pétychaky.

**Uruguay.**

*Montevideo.* --- Barão de Sousa. --- C. G. (é tambem encarregado de negocios).

*Montevideo.* --- Lucio da Costa Guimarães. --- C.

**Venezuela (republica de).**

*Porto Cabello.* --- Raphael Concepcion Cabzannilla. --- C. G.

*Botivar.* ... Luiz Filippe Therivio de Montaubam.

**Tabella dos preços dos caminhos de ferro portuguezes**  
**COMPANHIA REAL DO NORTE E LESTE.**

*Entre Lisboa e o Entrocamento?*

| COMBOIOS ASCENDENTES.  |           |           | COMBOIOS DESCENDENTES. |                        |           |           |           |
|------------------------|-----------|-----------|------------------------|------------------------|-----------|-----------|-----------|
| Estações.              | 1.ª clas. | 2.ª clas. | 3.ª clas.              | Estações.              | 1.ª clas. | 2.ª clas. | 3.ª clas. |
| De Lisboa ao           |           |           |                        | Do Entrocamento a      |           |           |           |
| Poço do Bispo.....     | 1110      | 1090      | 1070                   | Torres Novas.....      | 1120      | 1090      | 1070      |
| Olivaes.....           | 1140      | 1110      | 1080                   | Matto de Miranda.....  | 1250      | 1200      | 1150      |
| Sacavem.....           | 1190      | 1150      | 1110                   | Valle da Figueira..... | 1440      | 1340      | 1250,     |
| Povoa.....             | 1350      | 1270      | 1190                   | Santarem.....          | 1610      | 1480      | 1340      |
| Alverca.....           | 1420      | 1330      | 1240                   | Valle de Santarem..... | 1890      | 1700      | 1500      |
| Alhandra.....          | 1500      | 1390      | 1280                   | Sant'Anna.....         | 1890      | 1700      | 1500      |
| Villa Franca.....      | 1590      | 1460      | 1330                   | Ponte de Reguengo..... | 1990      | 1770      | 1550      |
| Carregado.....         | 1700      | 1550      | 1390                   | Azambuja.....          | 1510      | 1380      | 1260      |
| Azambuja.....          | 1890      | 1700      | 1500                   | Carregado.....         | 1330      | 1200      | 1070      |
| Ponte de Reguengo..... | 1940      | 1810      | 1680                   | Villa Franca.....      | 1450      | 1310      | 1180      |
| Sant'Anna.....         | 1160      | 1090      | 1020                   | Alhandra.....          | 1540      | 1320      | 1200      |
| Valle de Santarem..... | 1420      | 1310      | 1210                   | Alverca.....           | 1610      | 1420      | 1290      |
| Santarem.....          | 1420      | 1310      | 1210                   | Povoa.....             | 1690      | 1530      | 1390      |
| Valle da Figueira..... | 1590      | 1420      | 1290                   | Sacavem.....           | 1840      | 1640      | 1500      |
| Matto de Miranda.....  | 1780      | 1630      | 1490                   | Olivaes.....           | 1890      | 1690      | 1550      |
| Torres Novas.....      | 1950      | 1820      | 1690                   | Poço do Bispo.....     | 1950      | 1820      | 1690      |
| ENTROCAMENTO.....      | 2030      | 1880      | 1730                   | LISBOA.....            | 2030      | 1880      | 1730      |

## \* Entre Lisboa e Porto.

| De Lisboa ao               |       |       | V. N. DE GAIA (Porto) a    |       |       |
|----------------------------|-------|-------|----------------------------|-------|-------|
| ENTRONCAMENTO .. .. .      | 23050 | 13130 | Valladares .. .. .         | 3120  | 5090  |
| Thomar (Payalvo) .. .. .   | 23290 | 13280 | Granja .. .. .             | 2230  | 3180  |
| Chão de Maçãs .. .. .      | 23460 | 13370 | Espinho .. .. .            | 3400  | 3310  |
| Caxarias .. .. .           | 23650 | 13470 | Esmoriz .. .. .            | 3400  | 3310  |
| Albergaria .. .. .         | 23840 | 13580 | Ovar .. .. .               | 3610  | 3480  |
| Vermol .. .. .             | 33070 | 13710 | Estarreja .. .. .          | 3860  | 3670  |
| Pombal .. .. .             | 33220 | 13790 | Aveiro .. .. .             | 13140 | 3830  |
| Soure .. .. .              | 33520 | 13960 | Oliveira do Bairro .. .. . | 13520 | 3840  |
| Fornoselha .. .. .         | 33820 | 23130 | Mogofores .. .. .          | 13670 | 3930  |
| Taveiro .. .. .            | 43010 | 23230 | Mealhada .. .. .           | 13840 | 13430 |
| Coimbra .. .. .            | 43130 | 23290 | Souzella .. .. .           | 23050 | 13590 |
| Mealhada .. .. .           | 43260 | 23370 | Coimbra .. .. .            | 23180 | 13700 |
| Souzella .. .. .           | 43480 | 23490 | Taveiro .. .. .            | 23310 | 13800 |
| Mogofores .. .. .          | 43640 | 23580 | Fornoselha .. .. .         | 23500 | 13950 |
| Oliveira do Bairro .. .. . | 43790 | 23660 | Soure .. .. .              | 23780 | 13550 |
| Aveiro .. .. .             | 53160 | 23870 | Pombal .. .. .             | 33090 | 13720 |
| Estarreja .. .. .          | 53450 | 33030 | Vermol .. .. .             | 33260 | 13810 |
| Ovar .. .. .               | 53690 | 33170 | Albergaria .. .. .         | 33460 | 13930 |
| Esmoriz .. .. .            | 59000 | 33280 | Caxarias .. .. .           | 33670 | 23040 |
| Espinho .. .. .            | 63070 | 33380 | Chão de Maçãs .. .. .      | 33840 | 23140 |
| Granja .. .. .             | 63070 | 33380 | Thomar (Payalvo) .. .. .   | 43010 | 23230 |
| Valladares .. .. .         | 63200 | 33450 | ENTRONCAMENTO .. .. .      | 43280 | 23380 |
| V. N. DE GAIA (Porto)      | 63300 | 33500 | Lisboa .. .. .             | 63300 | 33500 |

## Entre Lisboa e Badajoz.

| De LISBOA ao  |       | De BADAJOZ a |       |
|---------------|-------|--------------|-------|
| ENTRONCAMENTO | 2,030 | 1,130        | 330   |
| Barquinha     | 2,100 | 1,170        | 350   |
| Tancos        | 2,250 | 1,250        | 1,050 |
| Praia         | 2,250 | 1,250        | 1,260 |
| Tramagal .    | 2,460 | 1,370        | 1,580 |
| Abrantes      | 2,560 | 1,420        | 1,860 |
| Bemposta      | 2,780 | 1,510        | 2,260 |
| Ponte de Sor  | 3,100 | 1,730        | 2,580 |
| Chança        | 3,480 | 1,940        | 2,790 |
| Crato         | 3,780 | 2,100        | 2,900 |
| Portalegre    | 4,110 | 2,280        | 3,110 |
| Assumar .     | 4,300 | 2,390        | 3,260 |
| Sança Eulalia | 4,650 | 2,590        | 3,260 |
| Elvas         | 5,010 | 2,790        | 3,340 |
| BADAJOZ       | 5,340 | 2,960        | 5,340 |

## Serviços das diligencias em correspondencia com as estações.

De ALBERCA para Bucellas—De ALHANDRA para Sobral e Torres Vedras — Do CARREGADO para Alemquer e Caidas da Hainha—De PAYALVO para Thomar—Do POMBAL para Marinha Grande, Leiria, Alcobaca e Bata-lha—MEALHADA para Bussaco e Vizeu—Porto para Braga, Vianna, Guimarães, Amarante, Regoa, Penafiel, Bragança e Vigo.

## Omnibus.

À partida e chegada de todos os comboios : em Lisboa, Coimbra, V. N. de Gaia, Portalegre, Elvas e Badajoz.

### Bilhetes especiaes a preços reduzidos.

- 1.º Bilhetes de 3.ª classe de *ida* e *volta* validos desde os sabbados até ás segundas feiras e desde as vesperas de dias sanctificados até ao immediato a estes, de *Villa Nova de Gaia* a todas as estações até *Ovar*.
- 2.º Bilhetes de todas as classes, de *ida* e *volta*, validos para todos os domingos e dias sanctificados, entre as estações desde *Lisboa* ao *Entroncamento*, e vice-versa.
- 3.º Bilhetes da 3.ª classe, diarios a 2\$000 réis, entre *Lisboa* e *Villa Nova de Goia* (Porto), e vice-versa. Estes bilhetes são validos unicamente para os comboios que partem De *Lisboa* ás 11 horas e 30 minutos da manhã. De *Villa Nova de Gaia* ás 6 horas da tarde.
- 4.º Bilhetes de 1.ª e 2.ª classes de recreio, validos desde os sabbados até ás terças feiras, entre as estações de *Lisboa*, *Coimbra*, *Aveiro*, *Villa Nova de Gaia*, *Abrantes* e *Badajoz*.
- 5.º Bilhetes de todas as classes, diarios de *ida* e *volta*, com abatimento de 20 por cento :  
De *Lisboa* a todas as estações até *Santarém*, e vice-versa ;  
De *Villa Nova de Gaia* a todas as estações até *Aveiro*, e vice-versa ;  
De *Coimbra* a todas as estações até *Pombal*, e vice-versa ;  
De *Coimbra* a todas as estações até *Villa Nova de Gaia*, e vice-versa ;  
De *Elvas* a *Badajoz*, e vice-versa.
- 6.º Bilhetes de todas as classes, de *ida* e *volta*, de todas as estações para *Tancos*, validos desde os sabbados e vesperas dos dias sanctos, até ao segundo dia immediato.

### Observações geraes.

*Aluguer de assentos no coupé-leito* — Preço ordinario de 1.ª classe, com augmento de 10 por cento, pelos tres logares do compartimento.

*Aluguer de carruagens-salões* — Alugam se salões para *ida* e *volta*, mediante o pagamento de 10 logares de 1.ª classe, com o augmento de 10 por cento. O regresso só poderá ter logar dentro do prazo de 48 horas.

Para a *ida* só: — Augmentar-se-hão 20 por cento sobre este preço.

O aluguer d'estas carruagens só dá direito a 10 logares, devendo pagar os que excedam a este numero, pelo preço da 1.ª classe e nas proporções acima indicadas.

Estas carruagens deverão ser requisitadas na estação de *Lisboa*, com 6 horas de anticipação, e nas demais estações 24 horas antes da partida do comboio.

## Companhia de Sueste.

| COMBOIOS ASCIDENTES                        |           |           |           | COMBOIOS DESCIDENTES                       |           |           |           |
|--------------------------------------------|-----------|-----------|-----------|--------------------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| ESTAÇÕES                                   | 1.ª clas. | 2.ª clas. | 3.ª clas. | ESTAÇÕES                                   | 1.ª clas. | 2.ª clas. | 3.ª clas. |
| Lisboa (vapor até)                         | —         | —         | —         | BEJA (ponto de partida)                    | —         | —         | —         |
| BARRIRO (ponto de part.)                   | —         | —         | —         | Cuba                                       | —         | —         | —         |
| Lavrado                                    | 170       | 140       | 100       | Alvito                                     | 430       | 320       | 210       |
| Alhos Vedros                               | 170       | 140       | 100       | Villa Nova                                 | 730       | 550       | 370       |
| Moita                                      | 240       | 190       | 140       | Vianna                                     | 960       | 720       | 480       |
| Pinhal Novo.                               | 420       | 320       | 230       | Alcaçovas                                  | 1130      | 850       | 570       |
| Ramal de Se-<br>tubal . . . . . } SETUBAL. | 620       | 480       | 330       | ÉVORA.                                     | 1310      | 980       | 660       |
| Pocirão                                    | 750       | 570       | 390       |                                            | 2270      | 1700      | 1130      |
| Pegões.                                    | 800       | 610       | 420       | Casa Branca.                               | 13610     | 10210     | 6810      |
| Vendas Novas                               | 1100      | 830       | 570       | Monte-Mór                                  | 1990      | 15190     | 10000     |
| Monte-Mór                                  | 1480      | 1120      | 760       | Vendas Novas                               | 2440      | 1830      | 1220      |
| Casa Branca.                               | 1930      | 1460      | 990       | Pegões                                     | 2880      | 22120     | 15410     |
| ÉVORA.                                     | 2310      | 1740      | 1170      | Pocirão                                    | 35120     | 27340     | 18560     |
|                                            | 2960      | 2230      | 1500      | Ramal de Se-<br>tubal . . . . . } SETUBAL. | 3830      | 2870      | 1920      |
| Alcaçovas                                  | 2610      | 1970      | 1330      | Palmeira.                                  | 3680      | 2760      | 1840      |
| Vianna                                     | 2810      | 2120      | 1430      | Pinhal Novo.                               | 3500      | 2630      | 1750      |
| Villa Nova                                 | 3990      | 2950      | 1910      | Moita . . . . .                            | 3680      | 2760      | 1840      |
| Alvito . . . . .                           | 3190      | 2400      | 1620      | Alhos Vedros                               | 3750      | 2820      | 1880      |
| Cuba                                       | 3490      | 2630      | 1770      | Lavrado                                    | 3830      | 2870      | 1920      |
| BEJA                                       | 3920      | 2950      | 1980      | BARRIRO (vapor até).                       | 3920      | 2950      | 1980      |
|                                            |           |           |           | Lisboa                                     |           |           |           |

Tabella dos portes da correspondencia franqueada por meio de sellos e expedida de um ponto para outro do paiz.

**REINO E ILHAS ADJACENTES.**  
**Cartas.**

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Até 15 grammas, inclusivé..... | 25 réis. |
| " 22, 5 " " .....              | 50 "     |
| 30 " " .....                   | 75 "     |

E assim por diante, augmentando 25 réis por cada 7, 5 gr.

**Impressos, lythographias e gravuras**  
**(cintados).**

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Até 30 grammas, inclusivé..... | 10 réis. |
| 60 " " .....                   | 20 "     |
| 90 " " .....                   | 30 "     |

E assim por diante, augmentando 10 réis por cada 30 gr.

**Manuscriptos e amostras de fazendas**  
**(cintados).**

|                                 |          |
|---------------------------------|----------|
| Até 30 grammas, inclusivé ..... | 25 réis. |
| " 60 " " .....                  | 50 "     |
| " 80 " " .....                  | 75 "     |

E assim por diante, augmentando 25 réis por cada 30 gr.

*Jornaes cintados*, cada folha de impressão..... 5 réis

**Provincias Ultramarinas.**  
*Não tem franquia por meio de sellos.*

**Cartas.**

|                                |         |
|--------------------------------|---------|
| Até 15 grammas, inclusivé..... | 50 réis |
| 22, 5 " " .....                | 100 "   |
| 30 " " .....                   | 150 "   |

E assim por diante, augmentando 50 réis por cada 7,5 gr.

**Impressos, lythographias e gravuras.**  
**(cintados).**

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Até 30 grammas, inclusivé..... | 20 réis. |
| " 60 " " .....                 | 40 "     |
| 90 " " .....                   | 60 "     |

E assim por diante, augmentando 20 réis por cada 30 gr.

**Manuscriptos e amostras de fazendas**

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Até 30 grammas, inclus.vé..... | 50 réis. |
| " 60 " " .....                 | 100 "    |
| " 90 " " .....                 | 150 "    |

E assim por diante, augmentando 50 réis por cada 30 gr.

*Jornaes cintados*, cada folha de impressão..... 10 réis.



**CORRESPONDENCIAS DA PEQUENA POSTA.***É franqueada por meio de sellos.*

Cada carta, cujo peso não exceda a 240 grammas 25 réis.  
 Cada masso cintado, contendo jornaes, impressos, lytho-  
 graphias ou gravuras, cujo peso não exceda a 240 grammas. 10 "

**CARTAS REGISTRADAS PARA O REINO, ILHAS ADJACENTES E ULTRAMAR.***(São franqueadas por meio de sellos).*

Premio fixo do registo de cada carta por meio de sello. . 100 réis.  
 Porte, o sello correspondente ao peso.

**CORRESPONDENCIAS APARTADAS.**

Por cada carta ou masso de impressos. 10 réis.

**PAQUETES.**

Para os Açores, Madeira e portos de Africa occidental existem as carreiras de vapores pertencentes á companhia *Lusitania*, cujo movimento é o seguinte :

**CARREIRA DOS AÇORES.**

**(S. Miguel, Terceira, S. Jorge, Graciosa e Fayal).**

Partida. a 15 de cada mez.  
 Chegada. de 1 a 3 " "

**CARREIRA DA MADEIRA.**

**Madeira e Porto-Sancto.**

Partida. a 15 de cada mez  
 Chegada de 24 a 26

**CARREIRA DA AFRICA OCCIDENTAL.**

**(S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé Ambriz, Loanda, Benguella e Mossamedes com escala pela Madeira).**

Partida. a 5 de cada mez.  
 Chegada incerta

Os portes d'estas correspondencias constam da tabella retró, e a hora a que as respectivas malas se fecham é previamente annunciada no correio geral, como acontece com todas as malas expedidas por via de mar.

Para o Brazil, Montevideo e Buenos-Ayres existem duas carreiras de paquetes transatlanticos que tocam em Lisboa, uma ingleza, procedente de Southampton, e outra franceza procedente de Bordeos, cujo movimento é o seguinte :

#### CARREIRA INGLEZA.

**(Brazil, Montevideo e Buenos-Ayres com escala por Cabo Verde),**

|          |                   |
|----------|-------------------|
| Partida. | a 13 de cada mez. |
| Chegada  | de 27 a 30 " "    |

#### CARREIRA FRANCEZA.

**(Brazil, Montevideo e Buenos-Ayres com escala por Goréa.**

|          |                   |
|----------|-------------------|
| Partida. | a 29 de cada mez. |
| Chegada. | de 13 a 16 " "    |

As correspondencias expedidas por estes paquetes estão sujeitas ao previo pagamento de franquia, a saber :

##### Cartas.

|                                                           |           |
|-----------------------------------------------------------|-----------|
| Até 7,5 grammas.                                          | 150 réis. |
| E assiu por diante subindo 150 réis por cada 7,5 grammas. |           |

##### Jornaes.

|                  |          |
|------------------|----------|
| Por cada numero. | 20 reis. |
|------------------|----------|

##### Impressos.

|                                                         |      |
|---------------------------------------------------------|------|
| Até 30 grammas.                                         | 20 " |
| E assim por diante subindo 20 réis por cada 30 grammas. |      |

Esta franquia em Lisboa pôde ser satisfeita em sellos ou em dinheiro, em todas as outras terras do reino porém é sempre a dinheiro.

Os referidos paquetes na sua ida para o Brazil trazem malas de Southampton e Bordeos dirigidas a Lisboa, e na sua volta do Brazil tambem recebem malas de Lisboa com destino áquellas duas cidades.

Além d'estas duas carreiras regulares existe outra ingleza, procedente de Liverpool, que não tem dias fixos de partida e de chegada, e que não toca em todos os portos transatlanticos a que as outras duas se dirigem.

A franquia pelos vapores d'esta carreira é tambem previamente paga, e da seguinte maneira :

**Cartas.**

Até 7,5 grammas . . . . . 80 réis.  
E assim por diante subindo 80 réis por cada 7,5 grammas.

**Jornaes.**

Por cada numero . . . . . 80 réis.

**Impressos.**

Até 30 grammas . . . . . 10 réis.  
E assim por diante subindo 10 réis por cada 30 grammas.

A disposição relativa á franquia, a sellos ou a dinheiro, é a mesma que fica indicada para as outras duas carreiras.

Para a China e india expedem-se as correspondencias por via de terra a Gibraltar, afim de seguirem d'alli nos paquetes de Alexandria, a saber :

**CHINA.**

**(Penang, Singapura, Timor, Java, Philippi-  
nas, Shangal, Cantão, Macau e Australia,  
com escala por todos os portos do Mediter-  
raneo, Ceilão, Madrasta e Calcuttá).**

Partida . . . . . a 13 e 19 de cada mez.  
Chegada . . . . . incerta.

**INDIA.**

**(Bombaim, Goa e mais possessões do nosso  
Estado da India, com escala por todos os  
portos do Mediterraneo).**

Partida . . . . . a 11 e 25 nos mezes de 30 dias.  
" . . . . . a 11 e 26 nos mezes de 31 dias.  
Chegada . . . . . incerta.

Estas correspondencias são previamente franqueadas a dinheiro, como as do Brazil pelos paquetes de Southampton eBordeos, e recebem se no correio geral até ás 5 horas da tarde dos dias da sua expedição.

Para Moçambique e mais possessões portuguezas na costa oriental de Africa, expedem-se as correspondencias por via de terra a Marselha, nos dias 3 e 4 de cada mez, afim de seguirem d'alli nos paquetes de Mayotte, (ilhas Comoras) sendo a franquia previamente satisfeita em sellos, da seguinte fórma :

**Cartas.**

Até 10 grammas . . . . . 250 réis.  
E assim por diante subindo 250 réis por cada 10 grammas.

**Jornaes e impressos.**

Até 40 grammas . . . . . 10 réis.

E assim por diante subindo 40 réis por cada 40 grammas.

Recebem-se no correio geral estas correspondencias até ás 6 horas da tarde ; mas devem sempre declarar nos sobrescriptos : *por via de Mayotte.*

**PORTE A QUE ESTÃO SUJEITAS AS CORRESPONDENCIAS  
ORIGINARIAS DE PORTUGAL, MADEIRA, AÇORES, E  
PROVINCIAS ULTRAMARINAS COM DESTINO PARA**

**Hespanha, Ilha de Cuba, Porto Rico e S. Domingos.** — Vidè tabella de 16 de julho de 1867 (*nova convenção postal de de março de 1867*) para a

**Belgica.** — Vidè tabella de 15 de abril de 1863 (*convenção postal de 2 de junho de 1861*) para a

**Italia** [em transito pela **Italia**, por via de **Hespanha e Franca**] e para a **Suissa, Austria, Tunes, Alexandria, e Estados Pontificios.** — Vidè tabella de 10 de junho de 1863 (*convenção de 10 de dezembro de 1862 e respectivo regulamento*), para a

**Prussia e estados da união postal alemã:** e [em transito pela **Prussia**] para a **Dinamarca, Egipto, Grecia, Hollanda, ducado de Lauemburgo, Ilhas Jonias, Noruega, Russia, Schleswig-Holstein, Suecia, Turquia e Principados Danubianos.** — Vidè tabella de 15 de junho de 1867 (*artigos addicionaes á convenção de 24 de Maio de 1867*), para o

**Reino Únida da Grã-Bretanha e Irlanda, e,** (em transito por elle) para os **Estados Unidos da America, Mexico, Ilhas Sandwich e outros paizes.** — Vidè tabella de 11 de julho de 1866 (*convenção addicional de 28 de junho de 1866*), para a

**França e Argel,** é, (em transito por **França**) para os **Estados Unidos da America, Mexico, Ilhas Sandwich e outros paizes.** — Vidè tabella de 10 de agosto de 1866 (*convenção postal de 24 de dezembro de 1865*.)

**SERVIÇO TELEGRAPHICO NACIONAL.**

Taza dos telegrammas trocados entre duas estações portuguezas.

Por 25 palavras..... 300 réis.

Por cada 5 palavras ou fracção de 5 a mais das 25 50 "

**LISTA DAS ESTAÇÕES PORTUGUEZAS.**

(por districtos administrativos).

| Districtos      | Estações           | Serviço | Districtos          | Estações           | Serviço |
|-----------------|--------------------|---------|---------------------|--------------------|---------|
| Aveiro          | Agheda             | L       | Evora               | Borba              | L       |
|                 | Albergaria Velha   | L       |                     | Estremoz           | C       |
|                 | Aveiro             | C       |                     | Evora              | C       |
|                 | Mealhada           | L       |                     | Monte-M-o-novo(a)  | C       |
|                 | Óliveira d'Azemeis | L       |                     | Vendas Novas       | L       |
|                 |                    |         |                     | Villa Viçosa       | L       |
| Beja            | Beja               | C       | Faro                | Albufeira          | L       |
|                 | Mertola            | L       |                     | Faro               | C       |
|                 | Pomarão            | L       |                     | Lagoa              | L       |
| Braga           | Barcellos          | L       |                     | Lagos              | L       |
|                 | Braga              | C       |                     | Loulé              | L       |
|                 | Espozende          | L       |                     | Olhão              | L       |
|                 | Guimarães          | C       |                     | Sagres             | S. L    |
|                 | V. N. de Famali.   | L       |                     | Silves             | L       |
| Bragança        | Bragança           | C       |                     | Tavira             | L       |
|                 | Mirandella         | L       |                     | V. N.ª de Portimão | L       |
|                 | Moncorvo           | L       |                     | V. Real de Santo   | L       |
|                 | Villa-Flor         | L       | Antonio             | C                  |         |
|                 | Vinhaes            | L       |                     |                    |         |
| Castello Branco | Castello Branco    | L       | Guarda              | Barca de Alva      | L       |
|                 | Govilhã            | L       |                     | Cetorico da Beira  | L       |
|                 | Fundão             | L       |                     | Gouvêa             | L       |
|                 |                    | Guarda  |                     | L                  |         |
|                 |                    |         | V. N. de Foz-Côa(b) | C                  |         |

(a) Prolonga o serviço até á meia noite para a expedição dos despachos de passagem.

(b) Estação proxima da fronteira ligando com a de Fregeneda. Prolonga o serviço até ás 9 horas da noite para a expedição dos despachos de passagem internacionaes.

|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                         |                                                                          |                                                                                                                                            |                                                                                      |                                 |
|---------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|
| Coimbra | Coimbra<br>Figueira da Foz<br>Laios (Coimbra)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | N<br>N<br>C<br>L                                                                                                                        | Leiria                                                                   | Alcobaça<br>Caldas da Rainha<br>Leiria<br>Marinha Grande                                                                                   | L<br>C<br>L<br>L                                                                     |                                 |
| Leiria  | Peniche (Cabo<br>Caradouro)<br>Pombal<br>Porto de S. Mart.º                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | S. L<br>C<br>L                                                                                                                          | Porto                                                                    | Amarante<br>Batalha (Porto)<br>Cantareira<br>Luz (na Foz do D.)<br>Penafiel<br>Poço<br>Vila do Conde<br>V. Nova de Gaya<br>Devezas (Porto) | L<br>C<br>L<br>S. L<br>L<br>N<br>L<br>C                                              |                                 |
| Lisboa  | Ajuda<br>Aldeia Gallega<br>Alfandega (Lisboa)<br>Ars. da Mr.ª (Lx.ª)<br>Barreiro<br>Belém<br>Bemposta (Lisboa)<br>C. dos Soldad. (Ex.ª)<br>Cascaes<br>Cintra (c)<br>Corr.ª Geral (Lx.ª)<br>Córtes (Lisboa)<br>Ericeira<br>Graça (Lisboa)<br>Lisboa<br>Mafra (c)<br>Necessid. (Lisboa)<br>Oitavos<br>Paço d'Arcos<br>Parede<br>Pragal<br>Setúbal<br>S. Julião<br>Torres Vedras<br>V. Franca de Xira | N<br>L<br>C<br>S. L<br>C<br>S. C<br>C<br>C<br>S. L<br>C<br>L<br>C<br>N<br>C<br>N<br>S. L<br>S. L<br>S. L<br>S. L<br>C<br>S. L<br>L<br>C |                                                                          | Santarem                                                                                                                                   | Abrantes<br>Barquinha<br>Cartaxo<br>Santarem<br>Tancos (e)<br>Thomar<br>Torres Novas | C<br>N<br>L<br>L<br>L<br>L<br>L |
|         | Vianna do<br>Castello                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Arcos de Val de Vez<br>Caminha<br>Ponte do Lima<br>Valeça do Min. (f)<br>Vianna do Castello                                             | L<br>L<br>L<br>C                                                         |                                                                                                                                            |                                                                                      |                                 |
|         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Villa Real                                                                                                                              | Alijó<br>Chaves<br>Peso da Regoa<br>Pinhão<br>Valle Passos<br>Villa Real | *<br>L<br>C<br>L<br>L<br>C                                                                                                                 |                                                                                      |                                 |
|         | Portalegre                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Campo Maior<br>Elyas (d)<br>Portalegre<br>Praça d'Elvas                                                                                 | L<br>N<br>L<br>C                                                         | Vizeu                                                                                                                                      | Lamego<br>Mangualde<br>Pesqueira (S. J. da)<br>Vizeu                                 | L<br>L<br>L<br>C                |

(c) Estação de serviço permanente durante a estada da côrte.

(d) Estação próxima da fronteira, estabelecida a 4 kilometros da cidade, junto da estação do caminho de ferro e do posto fiscal da Alfandega, ligando com Badajoz.

(e) Estação de serviço completo, durante a permanencia dos corpos do exercito no campo de instrucção.

(f) Estação próxima da fronteira ligando com Tui. Prolonga o serviço até á meia noite para a expedição dos despachos de passagem.

### **Explicação das abreviaturas indicativas da natureza do serviço.**

**N** — Estação de serviço permanente (noite e dia).

**C** — Estação com serviço de dia completo; isto é, aberta desde o 1.º de Abril a 30 de Setembro, das 7 horas da manhã até ás 9 da noite; e do 1.º de Outubro a 31 de Março, das 8 horas da manhã até ás 9 da noite.

**L** — Estação de serviço limitado; começando no verão ás 8 horas da manhã e de inverno ás 9, acabando sempre ao ap. posto. Está determinado aos chefes d'estas estações para receberem sempre qualquer despacho urgente, quer official, quer particular, ainda mesmo fóra das horas do serviço, quando fór para estações que se achem abertas.

**S. L** — Estação electro-semaphorica, aberta á correspondencia particular, com serviço de dia completo, começando ao romper do dia.

**N**

— Estação de serviço do dia, prolongando até á meia noite.

**2**

\* — Estação ainda não aberta.

## SERVIÇO TELEGRAPHICO INTERNACIONAL.

**Taxa dos telegrammas para as estações dos Estados que adheriram á convenção internacional de 17 de Maio de 1865.**

| Estados                 | Por cada 20 palavras (a) |
|-------------------------|--------------------------|
| Austria                 | 18920                    |
| Bade                    | 18536                    |
| Baviera                 | 18536                    |
| Belgica                 | 18440                    |
| Corfu (Ilha de)         | 23400                    |
| Dinamarca               | 23112                    |
| Estados Pontificios     | 18824                    |
| { Continental           | 8960                     |
| { Fronteira Franco-Ita- |                          |
| { liana                 | 23112                    |
| { Fronteira Franco-     |                          |
| { Hispanhola            | 18536                    |
| { Corsega               | 18536                    |
| Francia                 | 23592                    |
| Grecia                  | 18920                    |
| Hamburgo                | 18576                    |
| Hispanha                | 18920                    |
| Hohenzollern            | 18728                    |
| Italia                  | 18440                    |
| Luxemburgo              | 23400                    |
| Malta (Ilha de)         | 18920                    |
| Mecklemburgo            | 23016                    |
| Moldo-Valachia          | 23496                    |
| Noruega                 | 18728                    |
| Paizes Baixos           | 18728                    |
| Prussia                 | 23688                    |
| Russia                  | 23688                    |
| { Da Europa             | 30264                    |
| { Da Asia               | 53184                    |
| { Septentrional         | 63720                    |
| { Occidental            | 23016                    |
| { Caucaso               | 23400                    |
| { Siberia               | 18440                    |
| { 1.ª Região            | 23592                    |
| { 2.ª Região            | 18920                    |
| Servia                  |                          |
| Suecia                  |                          |
| Suissa                  |                          |
| Turquia da Europa       |                          |
| Wurtemberg              |                          |

(a) Por cada serie de 10 palavras mais das 20, metade das quantias marcadãs q



## OBSERVAÇÕES.

N'estas taxas está já comprehendido o preço da transmissão das estações portuguezas até á Fronteira de Hespanha. Os transportes dos telegrammas para as localidades dos diversos Estados da Convenção, onde não ha estações telegraphicas, tem logar pelo correio, expresso ou estafeta.

Deve-se advertir que não são admittidos despachos em cifra ou letras secretas para **Austria, Estados Pontificios, Hespanha, Mecklenburgo, Moldo-Valachia e Prussia.**

Os telegrammas para os diversos Estados da Convenção devem ser redigidos: para a **Austria**, em qualquer lingua considerada pela convenção propria para a correspondencia telegraphica; para a **Baviera, Estados Pontificios, e Noruega**, em qualquer das linguas que se possám traduzir pelo alfabeto de Moise; para a **Dinamarca**, em qualquer lingua usada; para **Moldo-Valachia, e Turquia da Europa**, em Alemão, francez, inglez e italiano; para **Hamburgo**, em alemão, dinamarquez, francez, inglez e sueco; para a **Belgica**, em allemão, flamengo e francez; para a **Grecia**, em franceza e grego; para a **Russia**, em allemão e francez; para **Bade, Mecklenburgo e Prussia**, em alleinão; para **França**, em francez; para **Hespanha**, em hispanhól; para a **Suecia**, em sueco.

## AMERICA.

Os telegrammas para os Estados Unidos da America podem ser expedidos

*peló cabo transatlantico.*

Pagando — de Lisboa a Londres . . . 25768 réis.  
de Londres ao porto de destino . . . 483000 "

Estes telegrammas não podem conter mais do 20 palavras com 100 letras, calculando-se 5 letras para cada palavra. Por cada palavra a mais das 20 paga-se 25400 réis.

*Pela via mixta (correio e telegrapho).*

São taxados segundo as regras estabelecidas e transmitidos até Liverpool ou Guenestova, e d'aqui enviados pelos paquetes até Halifax, New-York ou Quebec, d'onde seguem pelo telegrapho até ao ponto do destino na America. É tão variado o preço da transmissõ

d'estes telegrammas (via mixta) que convirá antes de os expedir, consultar os empregados da estação expedidora.

Os despachos em cifra ou lettra secretá pagam o dobro.

### INGLATERRA.

|                                                                                |             |
|--------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| Cada telegramma de 20 palavras paga                                            |             |
| Para <b>Londres</b> : pela via Calais, Boulogne ou Dieppe                      | 3\$298 réis |
| "    "    Haya                                                                 | 4\$516      |
| Para as outras estações de Inglaterra, Irlanda e Escocia;                      |             |
| pela via Calais, Boulogne ou Dieppe                                            | 3\$408 "    |
| Para as estações do canal da Mancha (Alderney ou Aurigny) Jersey ou Guernesey: |             |
| pela via Calais, Boulogne ou Dieppe                                            | 4\$128      |
| "    Haya                                                                      | 5\$376      |
| "    "    Coutances                                                            | 2\$880 "    |

A estes preços junta-se-lia a importancia da transmissão das estações portuguezas até á fronteira hispanhola na razão de 2 8 réis por zona.

Cada fracção até 10 palavras paga metade da tarifa.

A via *Coutances* só pôde ser empregada na correspondencia com Jersey.

Admittem-se telegrammas em cifra ou lettras secretas.

O transporte dos telegrammas nêem das linhas telegraphicas para um serviço, mais rapido que o do correio, tem lugar por expresso a razão de 60 centimos por milha ingleza n'uma raia de 3 milhas ou por estafeta a razão de 1 franco e 20 centimos por milha.

### TABELLAS DOS PREÇOS DOS TRENS DE ALUGUER.

#### PREÇOS DOS TRENS DA PRAÇA.

##### Dentro da cidade.

| Designações     | 1 ou 2<br>pessoas | 3<br>pessoas | 4<br>pessoas | 5<br>pessoas | 6<br>pessoas |
|-----------------|-------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Por uma corrida | 300               | 450          | 600          | 750          | 900          |
| Por 1 hora ..   | 400               | 600          | 800          | 1\$000       | 1\$200       |

## Fóra da cidade.

|                                                        |      |      |      |      |      |
|--------------------------------------------------------|------|------|------|------|------|
| Por $\frac{1}{2}$ h. de ida e $\frac{1}{2}$ de volta   | 500  | 750  | 1000 | 1250 | 1500 |
| Por $\frac{3}{4}$ h. de ida e $\frac{3}{4}$ de volta   | 750  | 1125 | 1500 | 1875 | 2250 |
| Por 1 h. de ida e 1 de volta...                        | 1000 | 1500 | 2000 | 2500 | 3000 |
| Por $1\frac{1}{4}$ h. de ida e $1\frac{1}{4}$ de volta | 1250 | 1875 | 2500 | 3125 | 3750 |
| Por $1\frac{1}{2}$ h. de ida e $1\frac{1}{2}$ de volta | 1500 | 2250 | 3000 | 3750 | 4500 |
| Por $1\frac{3}{4}$ h. de ida e $1\frac{3}{4}$ de volta | 1750 | 2625 | 3500 | 4375 | 5250 |
| Por 2 h. de ida e 2 de volta...                        | 2000 | 3000 | 4000 | 5000 | 6000 |

A qualquer dos preços acima indicados para fóra da cidade accresce por cada quarto de hora de espera 100 réis. De noite tambem accresce mais 20 réis sobre o preço de cada corrida, ou de cada hora. Os cocheiros têm obrigação de dar uma senha aos passageiros, contendo o numero do trem e a tabella dos preços.

## PREÇOS DOS TRENS DA COMPANHIA DE CARRUAGENS OMNIBUS.

*Carreiras fixas.*

**BELEM.**

De Lisboa a Alcantara, 40 réis — De Alcantara a Belem, 40 réis. — Belem, de dia, 80 réis — de noite, até ás 9 horas, 120 réis; das 10 horas por diante, 200 réis,

**OEIRAS.**

Cruz Quebrada, 160 réis. — Oeiras, 240 réis.

**BEMFICA.**

**Sancta Martha**, 40 réis — **S. Sebastião da Pedreira**, 80 réis = **Convalescença**, 120 réis — **Bemfica**, nos dias de semana, 160 réis, nos domingos e dias sanctos, de noite, 200 réis.

**LUMIAR.**

**Aos Anjos**, 40 réis. — **Arco do Cego**, 80 réis. — **Campo Grande**, 120 réis. = **Campo Grande ao Lumiar**, 40 réis. — **Lumiar**, nos dias de semana, 160 réis, nos domingos e dias sanctos, de noite, 200 réis.

**DIVERSAS LOCALIDADES.**

**Carnide**, de dia, 160 réis. — **Poço do Bispo**, 90 réis. — **Caminho de ferro**, 40 réis. = **Largo do Rato**, 80 réis. — **Grillo**, 60 réis.

**CARREIRAS TEMPORARIAS.**

**Feira do Campo Grande**, 160 reis. — **D'Agualva**, 500 réis. = **Da Luz**, 160. — **Festa do Senhor Jesus da Serra em Bellas**, 500 reis. — **Cortejo Real**, 200 réis.

**CARREIRA DE CINTRA.**

**Porcalhota**, 200 réis. — **Ponte Pedrinha**, 300 réis. — **Papel**, 400 réis. = **Rio de Mouro**, 600 réis. **Cintra**, 800 réis.

**PREÇOS DOS TRENS DA COMPANHIA DE  
CARRUAGENS LISBONENSES.**

**Estação central, largo de S. Roque — Estação tele-  
graphica, travessa de Sancta Justa n.º 85. — Estação  
Filial, rua direita d'Alcantara n.º 50 a 53.**

**ALUGUER AOS DIAS. — PREÇOS.**

| <b>DENTRO DA DEMARCAÇÃO</b>                                   | <b>4 pessoas</b> | <b>2 pessoas</b> | <b>9 pessoas</b> |
|---------------------------------------------------------------|------------------|------------------|------------------|
| <b>POR DIA</b>                                                |                  |                  |                  |
| Todo o dia, desde o romper do<br>do sol até á meia noite..... | 4\$000           | 3\$500           | 6\$000           |
| Manhã, desde o romper do sol<br>até ao meio dia.....          | 2\$000           | 1\$800           | 3\$500           |
| Tarde, desde o meio dia até á<br>meia noite.....              | 3\$000           | 2\$500           | 4\$500           |
| Cada hora de serviço, antes ou<br>depois das horas supra..... | \$400            | \$300            | \$800            |
| <b>ÁS HORAS.</b>                                              |                  |                  |                  |
| <i>Desde o romper do sol até á<br/>meia noite.</i>            |                  |                  |                  |
| Duas horas.....                                               | 1\$100           | \$900            | —\$—             |
| Terceira e seguintes, não haven-<br>do interrupção.....       | \$400            | \$300            | —\$—             |
| Meias horas depois das 2.....                                 | \$200            | \$200            | —\$—             |
| <b>FÓRA DA DEMARCAÇÃO</b>                                     |                  |                  |                  |
| Além dos preços acima estipula-<br>dos paga-se mais           |                  |                  |                  |
| por cada legua fóra da demarca-<br>ção... ..                  | \$400            | \$300            | \$600            |
| por cada meia legua mais.....                                 | \$300            | \$200            | \$300            |

| SERVIÇO ESPECIAL.                                                                                                   | 4 pessoas | 2 pessoas | 9 pessoas |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|-----------|-----------|
| Cintra. — Dia todo, levar e trazer, desde o romper do sol até á meia noite.....                                     | 6\$600    | 5\$200    | 10\$200   |
| Ir levar ou buscar.....                                                                                             | 4\$800    | 4\$000    | 7\$200    |
| Collares.—Dia todo, levar e trazer.....                                                                             | 8\$600    | 6\$600    | 13\$000   |
| Levar ou buscar.....                                                                                                | 6\$200    | 5\$000    | 9\$600    |
| Mafra.—Dois dias, ir n'um dia e voltar no seguinte.....                                                             | 12\$000   | 9\$000    | 18\$000   |
| Um dia, ir levar ou buscar....                                                                                      | 8\$000    | 6\$400    | 12\$000   |
| Ericeira.—Dois dias, ir n'um dia e voltar no seguinte.....                                                          | 14\$200   | 11\$000   | 22\$000   |
| Ir levar ou buscar.....                                                                                             | 10\$200   | 8\$400    | 16\$000   |
| Mafra, Cintra, Lisboa. — Tres dias, indo de Lisboa a Mafra, no dia seguinte a Cintra e no terceiro para Lisboa..... | 16\$800   | 13\$000   | 27\$000   |
| Estoril e Cascaes. — Dia todo, levar e trazer, desde o romper do sol até á meia noite.....                          | 6\$600    | 5\$200    | 10\$200   |
| Ir levar ou buscar.....                                                                                             | 4\$800    | 4\$000    | 7\$200    |
| Canecas.—Dia todo, levar e trazer, desde o romper do sol até á meia noite.....                                      | 5\$200    | 4\$200    | 8\$400    |
| Ir levar ou buscar.....                                                                                             | 3\$800    | 3\$200    | 5\$800    |
| Theatro. — Levar e buscar....                                                                                       | 1\$500    | 1\$200    | —\$—      |
| Baile. — Levar e buscar.....                                                                                        | 3\$000    | 2\$400    | —\$—      |
| Banho. — Levar e trazer.....                                                                                        | 2\$000    | 1\$800    | —\$—      |

## ALUGUER AOS MEZES.

|                           |         |
|---------------------------|---------|
| Trem para 4 pessoas ..... | 78\$000 |
| " 2 " .....               | 70\$000 |

## COMPANHIA DOS VAPORES LISBONENSES.

CARREIRAS DIARIAS DE TRES EM TRES QUARTOS DE HORA ENTRE LISBOA E BELEM.

De Lisboa a Alcantara { Ré 30 réis — Proa 20 réis.  
De Alcantara a Belem }

*Aos domingos e dias sanctos, 30 réis, sem distincção de logar.*  
 De Lisboa a Belem — Ré 50 réis — Proa 30 réis.  
*Aos domingos e dias sanctos, 30 réis sem distincção de logar.*

**COMPANHIA DOS BARCOS A VAPOR DO TEJO.**

**Carreira do caminho de ferro do Sul.**

| DE LISBOA PARA O CAMINHO DE FERRO. | DO CAMINHO DE FERRO PARA LISBOA. |
|------------------------------------|----------------------------------|
| Às 6 horas da manhã.               | A's 8 $\frac{3}{4}$ da manhã.    |
| Às 4 horas da tarde.               | A' 1 hora da tarde.              |
|                                    | A's 6 $\frac{3}{4}$ da tarde.    |

**Carreira do Barreiro e Seixal.**

| DE LISBOA PARA O BARREIRO E SEIXAL. | DO SEIXAL E BARREIRO PARA LISBOA.                                      |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| A's 10 horas da manhã.              | A's 6 horas da manhã.                                                  |
| A's 7 horas da tarde 1.             | A's 12 $\frac{1}{4}$ da manhã, com es-<br>calla pelo caminho de ferro. |

**Carreira de Cacilhas.**

Aos dias de semana.

| DE LISBOA PARA CACILHAS.                                                                    | DE CACILHAS PARA LISBOA.                                          |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| A's 7 $\frac{1}{4}$ , 8 e 9 da manhã.                                                       | A's 7 $\frac{1}{2}$ , 8 $\frac{1}{2}$ , 9 $\frac{1}{2}$ da manhã. |
| A's 1 $\frac{1}{2}$ , 2 $\frac{1}{2}$ , 3 $\frac{1}{2}$ , 4 $\frac{1}{2}$ , 5 e 6 da tarde. | A's 2, 3, 4, 4 $\frac{3}{4}$ , 5 e 6 $\frac{1}{2}$ da tarde.      |

Aos dias sanctificados.

|                                                          |                                                       |
|----------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| A's 7 $\frac{1}{2}$ , 8, 9, 10, 11, e 12 horas da manhã. | A's 7, 8, 9, 10, 11, 12 $\frac{1}{2}$ horas da manhã. |
| A's 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 da tarde.                       | A's 1, 2, 3, 4, 5 e 7 $\frac{1}{2}$ da tarde.         |

Aos dias sanctificados, a ultima carreira para o Barreiro e Seixal será ás 4 horas da tarde em logar das 7, e haverá huma carreira extraordinaria do Seixal para Lisboa, com escalla pelo caminho de ferro, ás 5 e tres quartos da tarde.

TABELLAS DOS PREÇOS DOS BARCOS DE NAVEGAÇÃO A VAPOR.

**Companhia  
geral portugueza de navegação para Africa,  
Açores, e Algarve.**

Escriptorio, rua do Ferregial de Cima, n.º 4, esquina da rua de S. Francisco.

**AFRICA.**

(*Sae de Lisboa no dia 5 de cada mez e volta entre 90 e 100 dias*).

|                             |         |                             |          |
|-----------------------------|---------|-----------------------------|----------|
| <b>Madeira.</b>             |         | <b>S. Thomé.</b>            |          |
| 1. <sup>a</sup> classe..... | 27\$000 | 1. <sup>a</sup> classe..... | 120\$000 |
| 2. <sup>a</sup> " .....     | 18\$000 | 2. <sup>a</sup> " .....     | 90\$000  |
| 3. <sup>a</sup> " .....     | 9\$000  | 3. <sup>a</sup> " .....     | 40\$000  |
| <b>S. Vicente.</b>          |         | <b>Ambriz.</b>              |          |
| 1. <sup>a</sup> classe..... | 72\$000 | 1. <sup>a</sup> classe..... | 150\$000 |
| 2. <sup>a</sup> " .....     | 54\$000 | 2. <sup>a</sup> " .....     | 110\$000 |
| 3. <sup>a</sup> " .....     | 30\$000 | 3. <sup>a</sup> " .....     | 45\$000  |
| <b>S. Thiago.</b>           |         | <b>Loanda.</b>              |          |
| 1. <sup>a</sup> classe..... | 72\$000 | 1. <sup>a</sup> classe..... | 150\$000 |
| 2. <sup>a</sup> " .....     | 54\$000 | 2. <sup>a</sup> " .....     | 110\$000 |
| 3. <sup>a</sup> " .....     | 30\$000 | 3. <sup>a</sup> " .....     | 45\$000  |
| <b>Principe.</b>            |         | <b>Benguella.</b>           |          |
| 1. <sup>a</sup> classe..... | 72\$000 | 1. <sup>a</sup> classe..... | 160\$000 |
| 2. <sup>a</sup> " .....     | 54\$000 | 2. <sup>a</sup> " .....     | 120\$000 |
| 3. <sup>a</sup> " .....     | 30\$000 | 3. <sup>a</sup> " .....     | 50\$000  |

**Mossamedes.**

1.<sup>a</sup> classe, 170\$000; 2.<sup>a</sup> classe, 130\$000; 3.<sup>a</sup> classe, 55\$000.

**AÇORES.**

(*Sae de Lisboa no dia 15 de cada mez, e chega a 1 e 5 do immediato.*)

|                             |         |                             |         |
|-----------------------------|---------|-----------------------------|---------|
| <b>S. Miguel.</b>           |         | <b>Graciosa.</b>            |         |
| 1. <sup>a</sup> classe..... | 30\$000 | 1. <sup>a</sup> classe..... | 34\$000 |
| 2. <sup>a</sup> " .....     | 26\$000 | 2. <sup>a</sup> " .....     | 29\$000 |
| 3. <sup>a</sup> " .....     | 10\$000 | 3. <sup>a</sup> " .....     | 13\$500 |
| Convez.....                 | 6\$750  | Convez.....                 | 10\$000 |
| <b>Terceira,</b>            |         | <b>S. Jorge.</b>            |         |
| 1. <sup>a</sup> classe..... | 32\$000 | 1. <sup>a</sup> classe..... | 34\$000 |
| 2. <sup>a</sup> " .....     | 28\$000 | 2. <sup>a</sup> " .....     | 29\$000 |
| 3. <sup>a</sup> " .....     | 11\$250 | 3. <sup>a</sup> " .....     | 13\$500 |
| Convez.....                 | 8\$000  | Convez.....                 | 10\$000 |

**Fayal.**

1.<sup>a</sup> classe, 34\$000; 2.<sup>a</sup> classe 29\$000; 3.<sup>a</sup> classe, 13\$000; Convez, 10\$000.



## ALGARVE.

(Sae de Lisboa nos dias 1, 14, e 21 de cada mez, e chega 8 dias depois da saida).

|                        |                  |                        |                |  |
|------------------------|------------------|------------------------|----------------|--|
|                        | <b>Sines.</b>    |                        | <b>Olhão.</b>  |  |
| 1. <sup>a</sup> classe | 4\$400           | 1. <sup>a</sup> classe | 8\$000         |  |
| 2. <sup>a</sup> "      | 3\$800           | 2. <sup>a</sup> "      | 6\$400         |  |
| Convez                 | 1\$600           | Convez                 | 2\$400         |  |
|                        | <b>Lagos.</b>    |                        | <b>Faro.</b>   |  |
| 1. <sup>a</sup> classe | 7\$500           | 1. <sup>a</sup> classe | 8\$000         |  |
| 2. <sup>a</sup> "      | 5\$700           | 2. <sup>a</sup> "      | 6\$400         |  |
| Convez                 | 2\$000           | Convez                 | 2\$400         |  |
|                        | <b>Portimão.</b> |                        | <b>Tavira.</b> |  |
| 1. <sup>a</sup> classe | 7\$500           | 1. <sup>a</sup> classe | 8\$300         |  |
| 2. <sup>a</sup> "      | 5\$700           | 2. <sup>a</sup> "      | 6\$800         |  |
| Convez                 | 2\$000           | Convez                 | 2\$800         |  |

## Villa Real de Sancto Antonio.

1.<sup>a</sup> classe, 8\$700 ; 2.<sup>a</sup> classe, 7\$300 ; Convez, 3\$200.

**Companhia Lusitania de navegação para Londres, Havre (com escalla por Vigo), Madeira e Porto.**

Escriptorio, largo de S. Paulo 90, 1.<sup>o</sup> andar.

## LONDRES.

(Sae de Lisboa o vapor «Maria Pia» no dia 26 de cada mez).  
1.<sup>a</sup> classe, 36\$000 ; 2.<sup>a</sup> classe, 27\$000 ; 3.<sup>a</sup> classe, 18\$000.

## HAVRE COM ESCALLA POR VIGO.

(Sae o vapor «Lisboa» no 1.<sup>o</sup> de cada mez).

|                        |               |        |              |  |
|------------------------|---------------|--------|--------------|--|
|                        | <b>Havre.</b> |        | <b>Vigo.</b> |  |
| 1. <sup>a</sup> Camara | 25\$000       | Camara | 11\$250      |  |
| Convez                 | 13\$500       | Convez | 2\$250       |  |

## MADEIRA.

[Sae um vapor no dia 15 de cada mez).

1.<sup>a</sup> classe, 27\$000 ; 2.<sup>a</sup> classe, 22\$500 ; convez, 5\$000.

## PORTO

Ha diversas carreiras, pelos seguintes preços :

1.<sup>a</sup> camara, 4\$000 ; 2.<sup>a</sup> camara, 3\$000 ; convez 1\$000.

**COMPANHIA ROYAL MAIL STEAM PACKET.****Carreira do Brazil e Rio da Prata***Escritorio rua dos Capellistas n.º 3 — 1.º andar.*

**Tabella** de passagens incluindo mesa, cama, roupa, propinas a criados e outras despezas, excepto vinhos, aguas ardentes, cervejas ou aguas mineraes, o que haverá a bordo á venda.

*Os barcos desta companhia sahem de **Southampton** em 9 de cada mez, e chegam a **Lisboa** em 13, partindo com pouca demora, para os seguintes portos, d'onde voltam e chegam a Lisboa nos fins de cada mez.*

INTERCOLONIAES — S. Vicente 84\$400 réis — Em logares acompanhados de 1.ª ou 2.ª camara.

## TRANSATLANTICAS

| Destino             | 1.ª camara |                   | 2.ª camara        |
|---------------------|------------|-------------------|-------------------|
|                     | Logar só   | Logar acompanhado | Logar acompanhado |
| <b>IDA</b>          |            |                   |                   |
| Pernambuco .....    | 189\$000   | 121\$500          | 99\$000           |
| Bahia .....         | 198\$000   | 130\$500          | 108\$000          |
| Rio de Janeiro..... | 234\$000   | 166\$500          | 121\$500          |
| Montevideo.....     | 279\$000   | 211\$500          | 166\$500          |
| Buenos Ayres.....   | 270\$000   | 211\$500          | 166\$500          |
| <b>IDA E VOLTA</b>  |            |                   |                   |
| Pernambuco .....    | 300\$375   | 199\$125          | 165\$375          |
| Bahia .....         | 313\$875   | 212\$625          | 178\$875          |
| Rio de Janeiro..... | 367\$875   | 266\$625          | 199\$125          |
| Montevideo.....     | 435\$375   | 334\$125          | 266\$625          |
| Buenos-Ayres.....   | 435\$375   | 334\$125          | 266\$125          |

*Observações.* — Nos camarotes dos lados de fóra, com janella, na 1.ª coberta á ré, paga mais rs. 22\$500 cada pessoa, isto é, até ao Rio de Janeiro sómente.

2.ª CLASSE. — Para operarios, emigrados etc. .... 90\$000

3.ª CLASSE. — Para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. 50\$000

— Para Montevideo e Buenos Ayres ..... 54\$000

Estes Paquetes na volta do Brazil chegam a Lisboa de 27 a 30 de cada mez, e saem directamente para **Southampton**, para onde recebem passageiros pelos seguintes preços :

1.ª classe ..... 54\$000 | Criadas dos passageiros 30\$000

2.ª " ..... 45\$000

3.ª " ..... 22\$500 | Criados " 22\$500

**COMPAGNIE DES SERVICES MARITIMES DES  
MESSAGERIES IMPÉRIALES.**

**Carreira do Brazil e Rio da Prata.**

*Escriptorio — Travessa do Sequeiro das Chagas n.º 1.*

PREÇOS DAS PASSAGENS DE LISBOA.

**IDA.**

| De Lisboa a    | PASSAGENS DE CAMARA |                              |                           | Passagens de prôa |
|----------------|---------------------|------------------------------|---------------------------|-------------------|
|                | 1.ª classe          |                              | 2.ª classe                |                   |
|                | Camarote de 1 logar | Camarote de 2, 4 e 6 logares | Camarote de 4 e 6 logares |                   |
| Dakar (Gorée)  | 153\$000            | 111\$600                     | 97\$200                   | 45\$000           |
| Pernambuco .   | 189\$000            | 121\$500                     | 99\$000                   | 59\$000           |
| Bahia . . . .  | 198\$000            | 130\$500                     | 108\$000                  | 59\$000           |
| Rio de Janeiro | 234\$000            | 166\$500                     | 121\$500                  | 59\$000           |
| Montevideo     | 279\$000            | 211\$500                     | 166\$500                  | 72\$000           |
| Buenos-Ayres.  | 279\$000            | 211\$500                     | 166\$500                  | 72\$000           |

**IDA E VOLTA.**

|                 |          |          |          |
|-----------------|----------|----------|----------|
| Pernambuco . .  | 300\$375 | 199\$125 | 165\$375 |
| Bahia . . . . . | 313\$875 | 212\$625 | 178\$875 |
| Rio de Janeiro  | 367\$875 | 266\$625 | 199\$125 |
| Montevideo . .  | 435\$375 | 334\$125 | 266\$625 |
| Buenos-Ayres .  | 435\$375 | 334\$125 | 266\$625 |

**VOLTA**

|                 |         |         |         |         |
|-----------------|---------|---------|---------|---------|
| Bordeaux. . . . | 63\$000 | 45\$000 | 32\$400 | 16\$200 |
|-----------------|---------|---------|---------|---------|

N. B. N'estes preços comprehende-se cama, meza, vinho de pasto, gratificações a criados e outras despesas; excepto os vinhos finos, licores, aguas ardentés e bebidas refrigerantes, que se venderão a bordo por preços moderados.

Creanças até 3 annos são transportadas gratuitamente.

” de 3 até 8 pagam 1/4 do preço da passagem.

” de 8 até 12 ” 1/2 do ” ”

” de 12 para cima pagam passagem inteira.

Os passageiros com destino a Bordeaux pagarão a mais do preço da tabella a quantia de 900 réis, para serem transportados com suas bagagens até ás hospedarias da cidade ou estações de caminhos de ferro.

Estes vapores chegam ordinariamente a Lisboa de 28 a 30 de cada mez e partem muitas vezes no mesmo dia.

**Liverpool Brazil and River Plate Steam  
navigation company Limited**

*Escriptorio—Rua do Alecrim n.º 10.*

Os vapores d'esta companhia serão despachados para o **Brazil** e **Rio da Prata**, com logar para carga e passageiros de 1.ª e 3.ª camaras, como segue :

|                                |                    |
|--------------------------------|--------------------|
| Para Pernambuco.....           | De 3 em 3 semanas. |
| ” Bahia.....                   | ” 20 “ 20 dias.    |
| ” Rio de Janeiro.....          | 1 vez por mez.     |
| ” Santos.....                  | 1 vez por mez.     |
| Montevideo e Buenos-Ayres..... | 2 vezes por mez.   |

**Tabella das passagens**

NA CAMARA

Incluindo cama, roupa, propina a criados e outras despesas; exceptuando as bebidas espirituosas, cerveja e aguas mineaes que se encontrarão a bordo por preços razoaveis.

| Destino                       | Logar<br>acompanhado<br>ida | Logar<br>acompanhado<br>ida e volta<br>válida<br>por um anno |
|-------------------------------|-----------------------------|--------------------------------------------------------------|
| Para Pernambuco               | 99\$000                     | 153\$000                                                     |
| ” Bahia                       | 112\$500                    | 180\$000                                                     |
| ” Rio de Janeiro ou Santos    | 135\$000                    | 225\$000                                                     |
| ” Montevideo ou Buenos-Ayres. | 157\$500                    | 270\$000                                                     |

O passageiro que quizer ir só em um camarote, pagará mais meia passagem.

**CREANÇAS** — com suas familias até á idade de um anno vão gratis, de um até doze annos pagarão meia passagem, e de 12 annos para cima, passagem por inteiro. Creanças até doze annos poderão ser accommodadas em soffás.

**CRIADOS** — pagarão meia passagem, e terão alojamento á prôa.

**CRIADAS** — dois terços da passagem, e terão cama na camara.

CÁES — (para qualquer dos portos) 22\$500 réis cada um.  
 CARNEIROS — (incluindo comida) 27\$000 cada um.

NA PRÔA.

Para qualquer dos portos do Brazil 45\$000 réis.  
 Para Montevideo ou Buenos-Ayres 54\$000

Os passageiros de prôa precisam levar para bordo cama, roupa e utensílios de meza.—O vapor só fornece comida.

**Carreira regular e mensal de vapores entre  
 Liverpool, Ceará, Maranhão e Pará com  
 escala por Lisboa.**

*Escriptorio—Rua do Alecrim n.º 10.*

TABELLA DAS PASSAGENS, (NA CAMARA)

Incluindo cama, roupa, propina a criados e outras despesas; exceptuam-se quaesquer bebidas espirituosas, cerveja e aguas mīneraes que se encontrarão a bordo por preços razoaveis.

|                                                |                                                                                                            |          |
|------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Para qualquer dos portos, logar<br>acompanhado | $\left\{ \begin{array}{l} \text{Ida .} \\ \text{Ida e volta acompanhada} \\ \text{do} \end{array} \right.$ | 100\$000 |
|                                                |                                                                                                            | 175\$000 |
| Para qualquer dos portos, na prôa.             |                                                                                                            | 40\$000  |

O passageiro que quizer ir só em um camarote, pagará mais meia passagem.

Os passageiros de prôa precisam levar para bordo cama, roupa e utensílios de meza.—O vapor só fornece comida.



## ERRATAS PRINCIPAES

## PARTE SEGUNDA

| PAG. | LIN.      | ERROS                                                  | EMENDAS          |
|------|-----------|--------------------------------------------------------|------------------|
| 2    | 42        | onde se lê : as carthaginezes—leia-se—os carthaginezes |                  |
| 9    | 1         | ” : Ai, de nos ,— ”                                    | —Ai de nós       |
| 44   | 22        | ” : bibliothecas ,— ”                                  | —bibliothecas    |
| ”    | 45        | ” : acharam-se ,— ”                                    | —acharem-se      |
| 46   | 15        | ” : bliothea ,— ”                                      | —bibliothea      |
| 64   | 8         | ” : que o dever ,— ”                                   | —que o seu dever |
| ”    | 68        | ” : E gôsto ,— ”                                       | —É gôsto         |
| ”    | 78        | ” : lhe d’isse ,— ”                                    | —lhe disse       |
| 89   | 13        | ” : revelantes ,— ”                                    | —relevantes      |
| 95   | 13        | ” : descobriram-n’o,--- ”                              | —descoberta      |
| 108  | 3 a 4     | : e des e ,— ”                                         | —e desde         |
| ”    | ” 21      | ” : tupinambás ,— ”                                    | —tupinambas      |
| 123  | ” 26 a 27 | ” : apresentaia ,— ”                                   | —apresentaria    |
| 136  | 11        | ” : suffire ,— ”                                       | —suffire         |
| 161  | 27        | ” : a saudade ,— ”                                     | —Á saudade       |
| 173  | 22        | ” : Labymreatum ,— ”                                   | —Labiî reatum    |
| 180  | 35        | ” : As sandices ,— ”                                   | —As sandices     |
| ”    | ” 21      | ” : adorar e todo ,— ”                                 | —adorar todo     |
| ”    | 188       | ” : por ventura as ,— ”                                | —por ventura os  |
| 199  | 34        | ” : como sabiam ,— ”                                   | —como sabia      |
| 206  | 25        | : vveu ,— ”                                            | —viveu           |

## NOTA

No decurso da impressão d’este livro tiveram logar algumas alterações, no quadro dos funcionarios publicos, estas e as que se forem dando no tempo que medear até á publicação do seguinte Almanach, serão apresentadas em o novo appendice.

# INDICE.

## PRIMEIRA PARTE.

### CHRONOLOGIA E CALENDARIO.

PARA

**1868.**

|                                                                                           |    |                                                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|----|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Abril [dias do mez, dias da semana, dias do anno, ephemerides religiosas, phazes da lua]  | 20 | Calendario russo . . . . .                                                                  | 80 |
| Abril [nascimentos e occasos do sol e da lua, temperatura media . . . . .]                | 21 | Calendario turco . . . . .                                                                  | 85 |
| Abril [jardinagem e agricultura]                                                          | 22 | Cómputo ecclesiastico. . . . .                                                              | 3  |
| Abril (origem do nome)                                                                    | 19 | Cyelo da indicção. . . . .                                                                  | 66 |
| Advertencia. . . . .                                                                      | 90 | Cyelo lunar . . . . .                                                                       | 65 |
| Agosto (dias do mez, dias da semana, dias do anno, ephemerides religiosas, phazes da lua) | 36 | Cyelo solar . . . . .                                                                       | 65 |
| Agosto [nascimentos e occasos do sol e da lua, temperatura media]                         | 37 | Dezembro [dias do mez, dias da semana, dias do anno, ephemerides religiosas, phazes da lua] | 52 |
| Agosto [jardinagem e agricultura]                                                         | 38 | Dezembro [nascimentos e occasos do sol e da lua, temperatura media]                         | 53 |
| Agosto (origem do nome).                                                                  | 35 | Dezembro (jardinagem e agricultura)                                                         | 54 |
| Anno [o]. . . . .                                                                         | 64 | Dezembro [origem do nome] . . . . .                                                         | 51 |
| Benções . . . . .                                                                         | 4  | Dia [o]. . . . .                                                                            | 60 |
| Calendario [correspondencia entre o calendario judaico e o calendario christão] . . . . . | 86 | Dias de grande gala, no Brasil . . . . .                                                    | 5  |
| Calendario (correspondencia entre o calendario mohametano e o calendario christão)        | 88 | Dias de grande gala, em Portugal . . . . .                                                  | 5  |
| Calendario judaico. . . . .                                                               | 80 | Dias de pequena gala, no Brasil . . . . .                                                   | 6  |
| Calendario mohametano . . . . .                                                           | 83 | Dias de pequena gala, em Portugal . . . . .                                                 | 5  |
| Calendario [noti. geral do]                                                               | 59 | Eclipses . . . . .                                                                          | 4  |
|                                                                                           |    | Epacta. . . . .                                                                             | 67 |
|                                                                                           |    | Epochas brasileiras . . . . .                                                               | 3  |
|                                                                                           |    | Epochas geraes. . . . .                                                                     | 1  |
|                                                                                           |    | Epochas portuguezas. . . . .                                                                | 2  |
|                                                                                           |    | Equação do tempo. . . . .                                                                   | 55 |
|                                                                                           |    | Equação do tempo [tabela]                                                                   | 56 |

|                            |    |                             |    |
|----------------------------|----|-----------------------------|----|
| Era dos anthiochenos.      | 74 | cultura]                    | 34 |
| Era christan.              | 76 | Julho [origem do nome].     | 31 |
| Era de Constantinopla.     | 74 | Junho [dias do mez, dias    |    |
| Era hispanhola.            | 75 | da semana, dias do an-      |    |
| Era judaica.               | 76 | no, ephemerides reli-       |    |
| Era juliana.               | 72 | giosas, phazes da lua]      | 28 |
| Era dos martyres.          | 75 | Junho [nascimentos e oc-    |    |
| Era mohametana.            | 76 | casos do sol e da lua,      |    |
| Era de Nabonassar.         | 73 | temperatura media]          | 29 |
| Era das Olympiadas . .     | 70 | Junho [jardinagem e agri-   |    |
| Era de Roma.               | 71 | cultura]                    | 30 |
| Era dos Seloucidas.        | 74 | Junho [origem do nome].     | 27 |
| Estações do anno no he-    |    | Letra dominical . . .       | 68 |
| mispherio do norte.        | 4  | Letra do martyrologio       | 69 |
| Estações do anno no he-    |    | Lustro.                     | 78 |
| mispherio do sul           | 4  | Maio [dias do mez, dias da  |    |
| Festas moveis . . .        | 3  | semana, dias do anno,       |    |
| Fevereiro [dias do mez,    |    | ephemerides religiosas,     |    |
| dias da semana, dias do    |    | phazes da lua]              | 24 |
| anno, ephemerides reli-    |    | Maio (nascimentos e oc-     |    |
| giosas, phazes da lua]     | 12 | casos do sol e da lua).     | 25 |
| Fevereiro [nascimentos e   |    | Maio [jardinagem e agri-    |    |
| occosos do sol e da lua,   |    | cultura]                    | 26 |
| temperatura media]. .      | 13 | Maio [origem do nome] .     | 23 |
| Fevereiro [jardinagem e    |    | Março [dias do mez, dias da |    |
| agricultura]               | 14 | semana, dias do anno,       |    |
| Fevereiro [origem do no-   |    | ephemerides religiosas,     |    |
| me]. . .                   | 11 | phazes da lua]              | 16 |
| Indicção (cyclo da).       | 66 | Março [nascimentos e oc-    |    |
| Janeiro [dias do mez, dias |    | casos do sol e da lua,      |    |
| da semana, dias do an-     |    | temperatura media]          | 17 |
| no, ephemerides reli-      |    | Março [jardinagem e agri-   |    |
| giosas, phazes da lua]     | 8  | cultura]                    | 18 |
| Janeiro (nascimentos e     |    | Março [origem do nome].     | 15 |
| occosos do sol e da lua)   | 9  | Marés (tabella das).        | 57 |
| Janeiro [jardinagem e      |    | Marés (explicação da ta-    |    |
| agricultura]               | 10 | bella das).                 | 58 |
| Janeiro [origem do nome]   | 7  | Mez (O).                    | 62 |
| Julho [dias do mez, dias   |    | Novembro [dias do mez,      |    |
| da semana, dias do an-     |    | dias da semana, dias do     |    |
| no, ephemerides reli-      |    | anno, ephemerides reli-     |    |
| giosas, phazes da lua]     | 32 | giosas, phazes da lua] .    | 48 |
| Julho [nascimentos e oc-   |    | Novembro [nascimentos e     |    |
| casos do sol e da lua,     |    | occosos do sol e da lua,    |    |
| temperatura media].        | 33 | temperatura media]          | 49 |
| Julho [jardinagem e agri-  |    | Novembro [jardinagem e      |    |



|                                                                                            |    |                                                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| agricultura]                                                                               | 50 | Século .                                                                                     | 78 |
| Novembro [origem do nome].                                                                 | 47 | Semana (a).                                                                                  | 61 |
| Outubro (dias do mez, dias da semana, dias do anno, ephemerides religiosas, phazes da lua) | 44 | Septembro [dias do mez, dias da semana, dias do anno, ephemerides religiosas, phazes da lua] | 40 |
| Outubro (nascimentos e occasos do sol e da lua, temperatura media)                         | 45 | Septembro (nascimentos e occasos do sol e da lua, temperatura media)                         | 44 |
| Outubro [jardinagem e agricultura]                                                         | 46 | Septembro [jardinagem e agricultura]                                                         | 42 |
| Outubro [origem do nome]                                                                   | 43 | Septembro [origem do nome].                                                                  | 39 |
| Periodo juliano.                                                                           | 79 | Temporas                                                                                     | 3  |

## CHRONOLOGIA E CALENDARIO

PARA

**1869.**

Chronologia e Calendario

91

### SEGUNDA PARTE.

## ARTIGOS E VARIEDADES.

|                                    |     |                                       |     |
|------------------------------------|-----|---------------------------------------|-----|
| Academias [As]                     | 125 | Arnica montana.                       | 131 |
| Ação dos climas                    | 23  | Arrependimento                        | 169 |
| Ação medicatriz das aguas mineraes | 207 | Arvore preciosa (Uma)                 | 170 |
| Acclamação de D. João V.           | 197 | Atmosfera [A]                         | 122 |
| Affogados                          | 157 | Biblia de 1450.                       | 141 |
| Aljubarrota [Victoria de].         | 155 | Bibliothecas publicas.                | 43  |
| Amphitheatros                      | 178 | Brado de Portugal [O]                 | 26  |
| Animaes mortos [perigo dos]        | 131 | Brasil.                               | 103 |
| Animaes (Vozes d').                | 119 | Calembourg.                           | 156 |
| Anjo da fé (O)                     | 21  | Camões [A].                           | 102 |
| Ao rio Vizella.                    | 184 | Camões [Monumento de].                | 41  |
| Architectura                       | 196 | Cão prezo e o cão solto [O]           | 124 |
| Armas antigas de Portugal          | 73  | Caricias da familia [As]              | 168 |
|                                    |     | Carta do exm.º snr. A. F. de Castilho | 72  |

|                                                                       |                |                                                  |     |
|-----------------------------------------------------------------------|----------------|--------------------------------------------------|-----|
| Castigo do desdem [O] . . .                                           | 35             | Folla secca [A] . . .                            | 74  |
| Cetaceos [Um duello de] . . .                                         | 166            | Gonçalves Dias . . .                             | 111 |
| Ceu [Descrição do] . . .                                              | 163            | Grandeza da corte de Por-<br>tugal etc. . . . .  | 148 |
| Ceuta . . . . .                                                       | 188            | Grecia (Mythologia da) . . .                     | 31  |
| Charadas: . . . . .                                                   | 24-33-49-57    | Harmonias naturaes . . .                         | 38  |
|                                                                       | 73-130-159-270 | Henrique IV e o numero 16 . . .                  | 100 |
| Cinco domingos n'um mez . . .                                         | 185            | Homenagem ao talento . . .                       | 149 |
| Climas [Acção dos] . . . . .                                          | 23             | Homero . . . . .                                 | 96  |
| Colicas (Remedio contra<br>as) . . . . .                              | 85             | Hyems, Mors . . . . .                            | 22  |
| Colonias portuguezas . . . . .                                        | 59             | Impossivel . . . . .                             | 14  |
| Columbina . . . . .                                                   | 80             | Influencia do frio na mor-<br>talidade . . . . . | 55  |
| Conde de Castello-Mellior<br>[O] . . . . .                            | 150            | Instrucção e a educação (A) . . .                | 187 |
| Concelho interessado . . . . .                                        | 126            | Instrucção publica . . . . .                     | 159 |
| Coral [O] . . . . .                                                   | 154            | Já não . . . . .                                 | 47  |
| Costumes do picanço . . . . .                                         | 94             | Juizes de paz . . . . .                          | 203 |
| Cravo e a rosa [O] . . . . .                                          | 145            | Koroué [O] . . . . .                             | 47  |
| Criança de duas cores . . . . .                                       | 53             | Legislação dos egypciios . . .                   | 177 |
| Crítica [A] . . . . .                                                 | 146            | Le monde marche . . . . .                        | 87  |
| Dás-me um beijo? . . . . .                                            | 91             | Linguas do Globo . . . . .                       | 16  |
| Descrição do ceu . . . . .                                            | 163            | Lirio [O] . . . . .                              | 165 |
| Desejo . . . . .                                                      | 142            | Lisboa e Constantinopla . . .                    | 128 |
| Diamante [O] . . . . .                                                | 116            | Logographo . . . . .                             | 63  |
| Dinheiro do Sudan [O] . . . . .                                       | 62             | Londres [Estatistica de] . . .                   | 184 |
| Divisa dos Velasques em<br>Hispanha . . . . .                         | 186            | Lucto preto . . . . .                            | 41  |
| Dois de Novembro . . . . .                                            | 156            | Lusiadas [Os] . . . . .                          | 8   |
| D. Sebastião . . . . .                                                | 161            | Mar [O] . . . . .                                | 29  |
| Duello de cetaceos [Um] . . . . .                                     | 166            | Mar [Quantidade de sal<br>contida no] . . . . .  | 169 |
| Eclipses [Os] . . . . .                                               | 74             | Marés . . . . .                                  | 179 |
| Effeitos do tabaco . . . . .                                          | 48             | Marimba [A] . . . . .                            | 32  |
| Egypciios [Legislação dos] . . .                                      | 177            | Maximas e pensamentos . . .                      |     |
| Enigma . . . . .                                                      | 93             | -17-24-25-35-40-42-46-56-                        |     |
| Enterrar os mortos . . . . .                                          | 205            | -101-102-132-158-164-170-                        |     |
| Esperteza . . . . .                                                   | 131            | 177.                                             |     |
| Estatistica de Londres . . . . .                                      | 184            | Medecina nas ilhas Nico-<br>bars [A] . . . . .   | 34  |
| Escreptores classicos da<br>bibliotheca publica de<br>Bragá . . . . . | 201            | Melancolia . . . . .                             | 186 |
| Estrellas cadentes . . . . .                                          | 202            | Minha mãe [A] . . . . .                          | 51  |
| Estrellas de differentes<br>grandezas . . . . .                       | 176            | Modas (As) . . . . .                             | 127 |
| Fatalismo . . . . .                                                   | 39             | Moedas de sola . . . . .                         | 36  |
| Flor [A] . . . . .                                                    | 188            | Molestias de Luiz XIV. . . . .                   | 143 |
| Frios excessivos . . . . .                                            | 25             | Mouumento de Camões . . .                        | 11  |
|                                                                       |                | Morte de Petrarcha (A) . . .                     | 192 |
|                                                                       |                | Mortalidade [Influencia                          |     |

|                                                                                                                                                                                     |     |                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| do frio na]. . . . .                                                                                                                                                                | 55  | Prece infantil . . . . .                                                | 40  |
| Movimentos das plantas.                                                                                                                                                             | 57  | Primeira impressão de<br>madeira . . . . .                              | 185 |
| Musica (A)                                                                                                                                                                          | 211 | Primeiro relógio d'agua.                                                | 186 |
| Mysterios. . . . .                                                                                                                                                                  | 167 | Pulsações no homem etc.                                                 | 78  |
| Mythologia da Grecia.                                                                                                                                                               | 31  | Púrpura . . . . .                                                       | 50  |
| Na praia. . . . .                                                                                                                                                                   | 58  | Quantidade de sal contida<br>no mar. . . . .                            | 169 |
| Oceano (Permanencia do<br>nivel do). . . . .                                                                                                                                        | 129 | Queimaduras [Remedio<br>contra as]. . . . .                             | 55  |
| Olhos verdes . . . . .                                                                                                                                                              | 109 | Recordação. . . . .                                                     | 171 |
| O ouro. . . . .                                                                                                                                                                     | 180 | Regra para viver em paz.                                                | 54  |
| Pae dos velhacos. . . . .                                                                                                                                                           | 50  | Remedio contra as cólicas                                               | 85  |
| Para recitar ao piano [Re-<br>cordação]. . . . .                                                                                                                                    | 171 | Remedio contra as quei-<br>maduras . . . . .                            | 55  |
| Passarinhos do azinhal[Os]                                                                                                                                                          | 18  | Resigna-te . . . . .                                                    | 183 |
| Peixes caminhanes                                                                                                                                                                   | 73  | Retrato e «toilette» d'uma<br>belleza de Java. . . . .                  | 172 |
| Pensamentos intimos.                                                                                                                                                                | 133 | Rosa. (A) . . . . .                                                     | 182 |
| Pensamentos e maximas.<br>17-24-25-35-40-42-46-56-<br>-101-102-132-158-164-170-<br>177                                                                                              |     | Rosa que ella me deu (A).                                               | 121 |
| Perdida . . . . .                                                                                                                                                                   | 98  | Saudades. . . . .                                                       | 86  |
| Perigo dos animaes mor-<br>tos. . . . .                                                                                                                                             | 131 | Sé de Braga. . . . .                                                    | 39  |
| Permanencia do nivel do<br>oceano. . . . .                                                                                                                                          | 129 | Sebastião [D.] . . . . .                                                | 161 |
| Petrarcha[A morte de] . . . . .                                                                                                                                                     | 192 | Semana sancta em Mis-<br>sões [A] . . . . .                             | 44  |
| Plantas [Movimentos das]                                                                                                                                                            | 54  | Serpentes podem mamar<br>nas vacas? [As] . . . . .                      | 156 |
| Phantasma [Um] . . . . .                                                                                                                                                            | 173 | Significação das palavras<br>egreja, basilica e cathe-<br>dral. . . . . | 170 |
| Planta que ressuscita (A)                                                                                                                                                           | 64  | Sinos (Os) . . . . .                                                    | 79  |
| Picanço [Costumes do] . . . . .                                                                                                                                                     | 94  | Soneto que pôde lêr-se<br>em tres linguas. . . . .                      | 95  |
| Poesia (A). . . . .                                                                                                                                                                 | 204 | Sudan [O dinheiro do]. . . . .                                          | 62  |
| Poesia. . . . .                                                                                                                                                                     | 178 | Sussurro dos postes tele-<br>graphicos. . . . .                         | 93  |
| Poesias : 8-14-18-26-35-40-47<br>51-58-74-77-80-86-94-95-98<br>102-109-119-121-124-126<br>129-136-137-142-145-149<br>152-156-161-165-167-169<br>171-173-178-180-183-184<br>186-192. |     | Tabaco[Effeitos do]                                                     | 48  |
| Poeta Rosendo [O]. . . . .                                                                                                                                                          | 138 | Tartufo de Molière [Scena<br>VI do acto I do]. . . . .                  | 65  |
| Polvora (A) . . . . .                                                                                                                                                               | 206 | Tempo(O) . . . . .                                                      | 137 |
| Ponche monstro. . . . .                                                                                                                                                             | 37  | Tempo[Le] . . . . .                                                     | 136 |
| Portugal. . . . .                                                                                                                                                                   | 4   | Thomaz Antonio Gonzaga                                                  | 83  |
| Postes telegraphicos [Sus-<br>surro dos]. . . . .                                                                                                                                   | 93  | Trabalho [O] . . . . .                                                  | 120 |
| Povoações aquaticas                                                                                                                                                                 | 15  | Tristeza e consolação.                                                  | 129 |
|                                                                                                                                                                                     |     | Um caldo fará quebrar o<br>jejum ? . . . . .                            | 33  |

|                            |     |                        |     |
|----------------------------|-----|------------------------|-----|
| Um como ha muitos          | 78  | Victoria d'Aljubarrota | 185 |
| Um digno filho d'Esculapio | 209 | Vozes d'animaes        | 149 |
| Uma arvore preciosa.       | 170 | Vozes de muzica        | 173 |
| Verdades                   | 77  | Vozes intimas          | 210 |

## APPENDICE.

### Principaes Familias Reinantes e Des- thronadas.

|            |    |                       |    |
|------------|----|-----------------------|----|
| Austria    | 3  | Paizes-Baixos         | 14 |
| Baden      | 4  | Parina Placencia etc. | 15 |
| Baviera    | 5  | Portugal              | 1  |
| Belgica    | 6  | Prussia               | 16 |
| Bazil      | 2  | Roma                  | 18 |
| Dinamarca  | 6  | Russia                | 19 |
| França     | 8  | Sardenha              | 29 |
| Grecia     | 9  | Saxe-Coburgo-Gotha    | 21 |
| Hespanha.  | 10 | Saxonia-Real          | 22 |
| Inglaterra | 11 | Suecia                | 22 |
| Mexico     | 12 | Toscana               | 23 |
| Modena     | 13 | Turquia               | 24 |
| Napoles    | 13 | Wurtemberg            | 24 |

## RELAÇÃO NOMINAL

### DOS FUNCIONARIOS

DAS

### PRINCIPAES REPARTIÇÕES DO ESTADO

COM

a designação das respectivas moradas.

|                                                |    |                           |    |
|------------------------------------------------|----|---------------------------|----|
| <b>Ministerio dos nego-<br/>cios do reino.</b> | }  | Cos. ger. d'instruc. pub. | 30 |
|                                                |    | Eschola polytechnica      | 31 |
|                                                |    | "    medico-cirurgica     | 32 |
| Secretaria                                     | 25 | Lyceu de Lisboa           | 33 |
| Conselho d'Estado                              | 29 | Archivo da torre do T.    | 33 |

|                            |    |
|----------------------------|----|
| Cons. de saúde e delegados | 34 |
| Gov. civil de Lisboa       | 35 |
| Cons. de Districto         | 36 |
| Junta geral                | 36 |
| Administração dos bairros  | 36 |
| Camara municipal           | 38 |

### **Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.**

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| Secretaria                      | 26 |
| Supremo Trib. de Just.          | 38 |
| Trib. de Rel. de Lisboa         | 39 |
| Rel. comm: de Lisboa            | 39 |
| Juizes de Direito de Lisb.      | 40 |
| Juizes criminaes de Lisb.       | 41 |
| Trib: do comm. de Lisb.         | 42 |
| Procurad. ger: da Coroa.        | 42 |
| Procuradoria regia              | 42 |
| Junta geral da bulla da cruzada | 42 |
| Conservatorias                  | 43 |
| Advogados em Lisboa             | 44 |
| Tabellães de Notas              | 46 |

### **Ministerio das obras Publicas Commercio e Industria.**

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Secretaria                                   | 26 |
| Cons. d'obras publicas                       | 47 |
| Conselho de minas                            | 47 |
| Intend. das obras pub.                       | 47 |
| Direcção ger. dos correios e postas do reino | 47 |
| Direcção ger. dos telegraphos do reino       | 48 |
| Instituto industrial agricola                | 49 |

### **Ministerio dos Negocios da Fazenda.**

|            |    |
|------------|----|
| Secretaria | 27 |
|------------|----|

|                           |    |
|---------------------------|----|
| Thesouro publico          | 50 |
| Tribunal de contas        | 50 |
| Procurad. g. da Fazenda.  | 51 |
| Cons. ger. das alfandegas | 51 |
| Alfandega de Lisboa       | 52 |
| Alfand. munic. de Lisboa  | 53 |
| Despach. da alf. de Lisb. | 54 |

### **Ministerio dos Negocios da Guerra.**

|                             |    |
|-----------------------------|----|
| Secretaria                  | 27 |
| Supr. cons. de Just. milit. | 54 |
| Prim. divisão militar       | 55 |
| Arsenal do exercito         | 55 |
| Eschola do exercito         | 56 |
| Real collegio militar       | 56 |

### **Ministerio dos Negocios da Marinha.**

|                              |    |
|------------------------------|----|
| Secretaria                   | 28 |
| Conselho ultramarino         | 57 |
| Cons. de adm. de marinha     | 57 |
| Arsenal de marinha           | 57 |
| Majoria gen. da armada       | 58 |
| Supre. cons. de just. milit. | 58 |
| Cons. de saúde naval         | 58 |
| Eschola naval                | 58 |

### **Ministerio dos Negocios Extrangeiros.**

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Secretaria                                   | 29 |
| Corpo diplomatico.                           | 59 |
| Consules de portugal nos paizes extrangeiros | 60 |

### **Tabella dos preços de passagem nos caminhos de ferro portu-guezes.**

|                            |    |
|----------------------------|----|
| Companhia do norte e leste | 64 |
| Companhia de sueste.       | 68 |

|                                                                                                    |    |                                                                                                               |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabellas dos portos correspondencia etc.</b>                                                    |    | Precos das carruagens omnibus                                                                                 | 80. |
| Para o reino, illas adjacentes                                                                     | 59 | Precos dos trens da companhia de carruagens lisbonense                                                        | 82  |
| Para as provincias ultramarinas                                                                    | 60 | <b>Tabellas dos precos de passagem, e dias de sahida dos diferentes barcos a vapor, que partem de Lisboa.</b> |     |
| Para os Açores, Madeira e portos d'África; e dias de partida por paquetes                          | 70 | Companhia de vapores Lisbonenses                                                                              | 83  |
| Para o Brazil, Montevideu e Buenos-Ayres                                                           | 71 | Companhia de barcos a vapor do Tejo                                                                           | 84  |
| Para o estrangeiro                                                                                 | 73 | Comp. geral portugueza de navegação para Africa, Açores e Algarve                                             | 85  |
| <b>Serviço telegraphico nacional.</b>                                                              |    | Comp. lusitana de navegação para Londres, Havre, com escala por Vigo, Madeira e porto.                        | 86  |
| Taxa dos telegramas trocados entre duas estações portuguezas.                                      | 74 | Comp. Royal Mail Steam Packet para o Brazil e Rio de Prata                                                    | 87  |
| Entre duas estações portuguezas, por districtos                                                    | 74 | Liverpool Brazil and River Plate Steam Navigation Company limited                                             | 89  |
| <b>Serviço telegraphico internacional.</b>                                                         |    | Carreira regular e mensal de vapores entre Liverpool, Ceará, Maranhão e Pará, com escala por Lisboa           | 90  |
| Taxa dos telegrammas para as estações dos Estados, que adheriram á convenção de 17 de Maio de 1865 | 77 |                                                                                                               |     |
| <b>Tabellas dos precos dos trens de aluguer.</b>                                                   |    |                                                                                                               |     |
| Precos dos trens de praça                                                                          | 79 |                                                                                                               |     |







## REGISTO DE ENTRADAS

L N.º 0 6524  
V 3054

C. Leilão Manoel dos Santos.....

Data 18-6-934 Observações

N.º de Cat.º 9.....

N.º de Vol.º 1 Leilão N.º. 31.....

Estado B. ....



**ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS LIVRARIAS  
SEGUINTEs:**

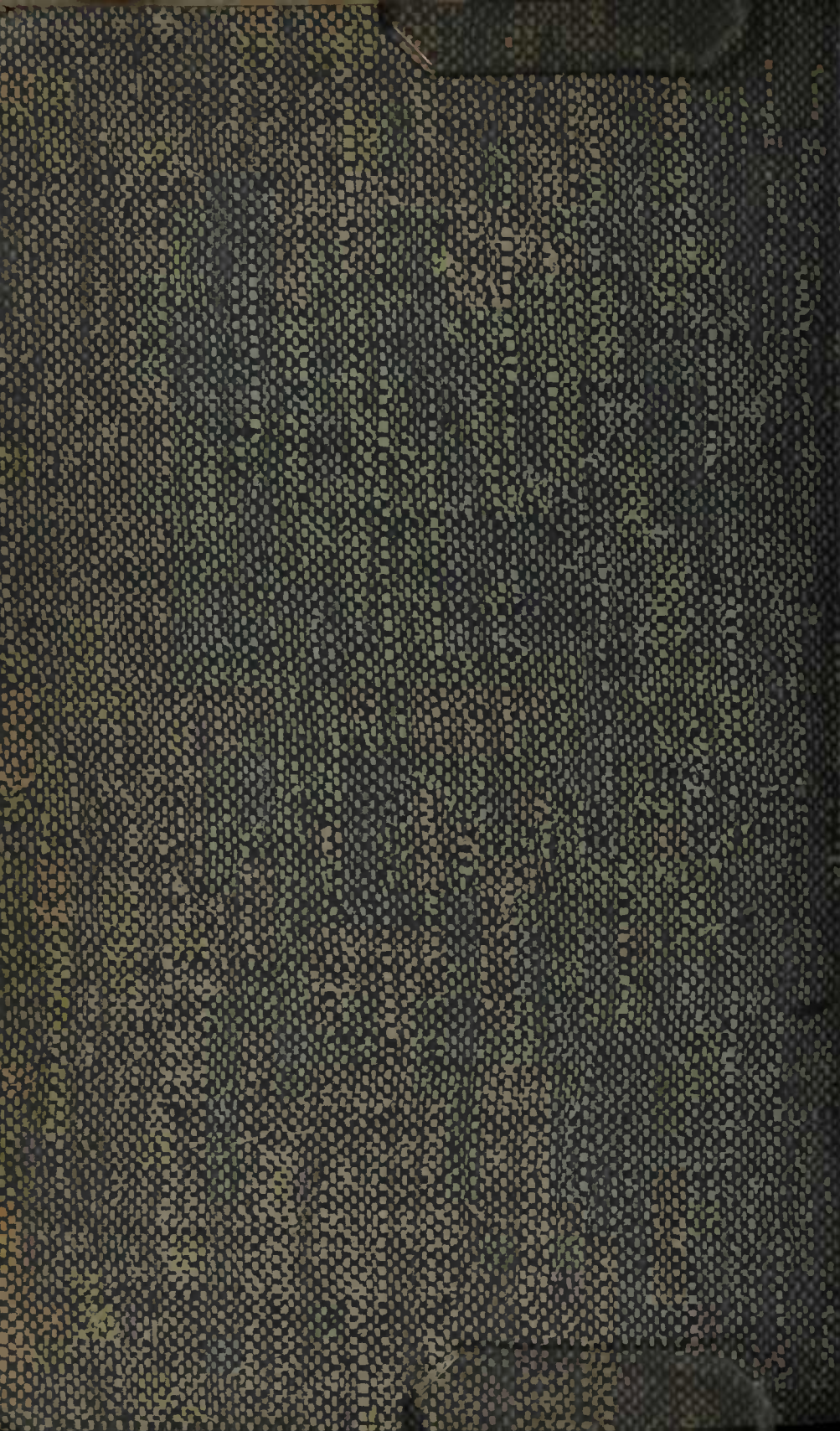
- Lisboa** — Livraria Central, de *J. A. G. Franco de Castro*,  
rua do Ouro n.º 142 a 144.  
" — Livraria Nacional e Extrangeira, de *José Rodrigues*,  
rua do Ouro n.º 186 a 188.  
" — Livraria Universal, de *Silva Junior e C.ª*, Praça  
de D. Pedro n.º 22 a 25.  
— Livraria de *J. P. M. Lavado*, rua Augusta n.º 31  
a 33.  
— Livraria de *Bordalo*, rua Augusta n.º 24.
- Porto** — Livraria *Moré*.  
— Livraria *Franceza e Nacional*, Rua do Laranjal 22.  
— Livraria de *Cruz Coutinho*, Caldeireiros.
- Braga** — *Eduardo Coelho* (editor).  
" — *Germano Joaquim Barreto*.
- Coimbra** — Livraria *Moré*.  
— Livraria de *José de Mesquita*, rua das Covas.  
— Livraria *Melchiades*.
- Vianna** — Livraria de *Antonio da Silva Vianna*.
- Villa-Real** — Livraria de *Antonio Custodio da Silva*.
- Vizeu** — Livraria de *Joaquim da Costa*.  
— Livraria de *Francisco F. dos Santos Junior*.
- Lamego** — Livraria de *Francisco Marques da Rocha*.  
— Livraria de *José Cardoso*.
- Aveiro** — Livraria de *João da Silva Mello Guimarães*.
- Valença** — Livraria de *Antonio de Souza Maia*.
- Barcellos** — Livraria de *Antonio Malheiro de Magalhães*  
*Villas Boas*.
- Arcos** — Livraria de *Díogo José Cerqueira Dantas*.
- Ilha de S. Miguel** — Livraria de *Benjamin Féris*.
- Brazil** — Nas principaes Livrarias.

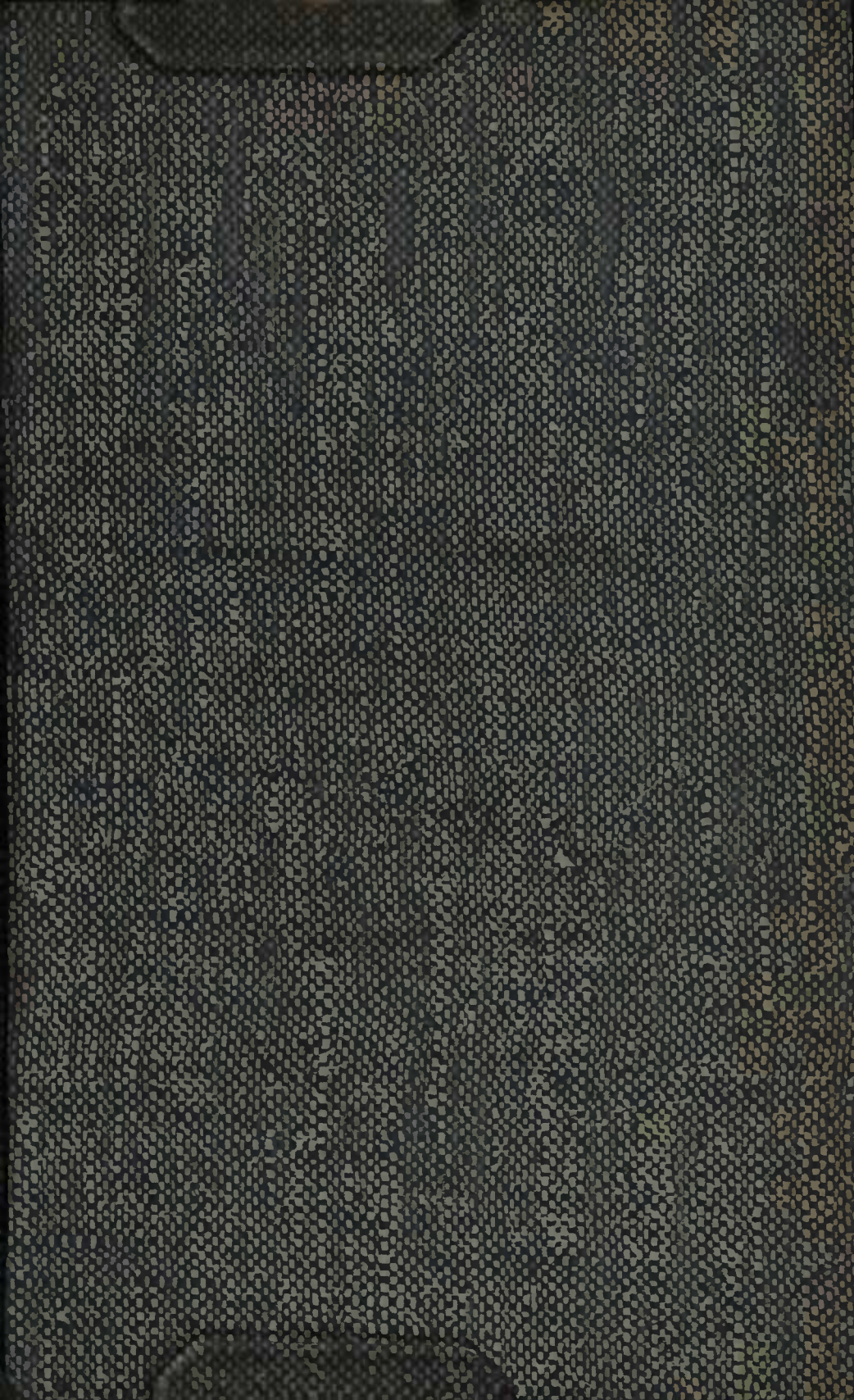
**PREÇO**

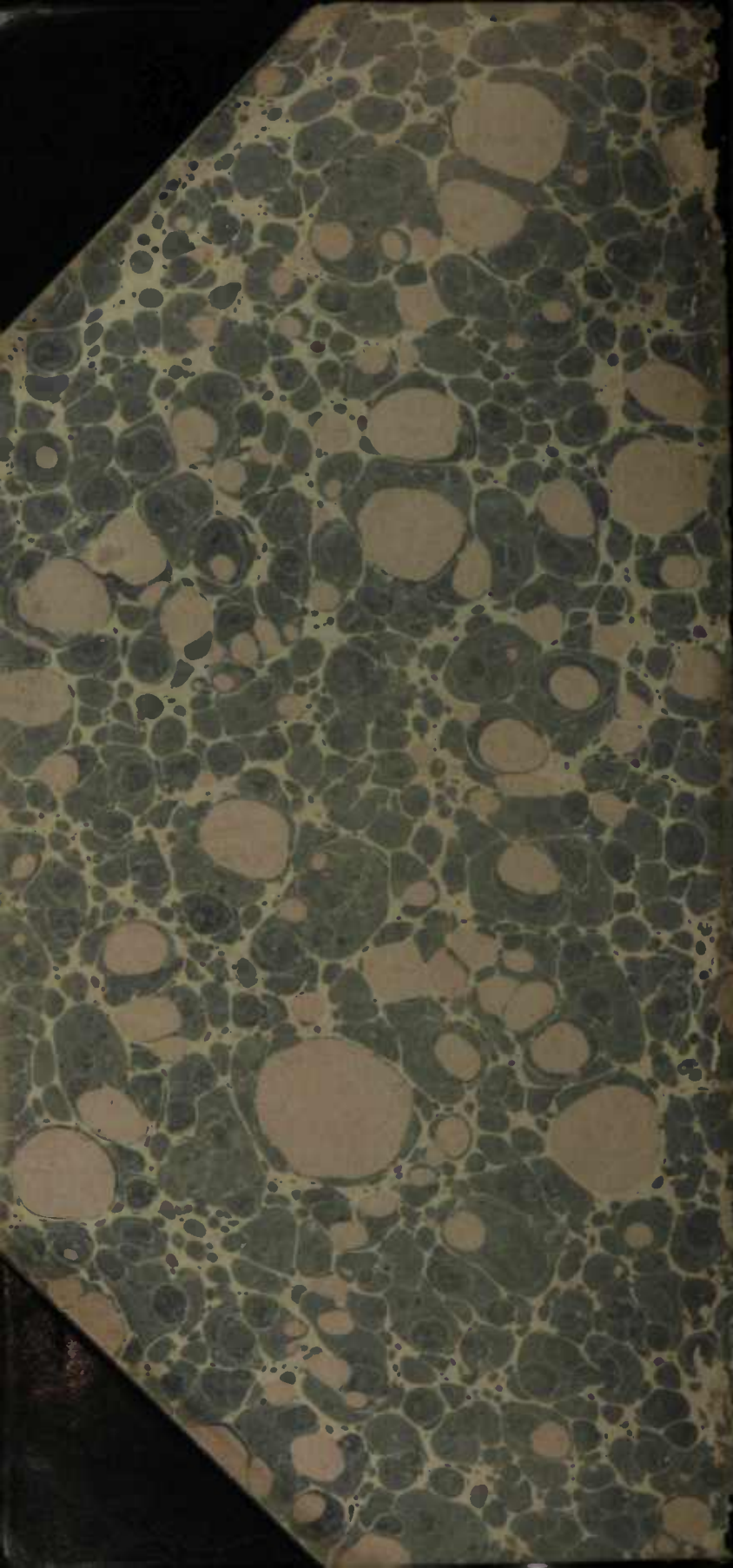
|                                    |          |
|------------------------------------|----------|
| Em Portugal, por assignatura ..... | 600 rs.  |
| " avulso .....                     | 1\$000 * |
| No Brazil, por assignatura .....   | 600      |
| avulso .....                       | 1\$000   |

(Para o Brazil accresce a despeza do transporte).









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).